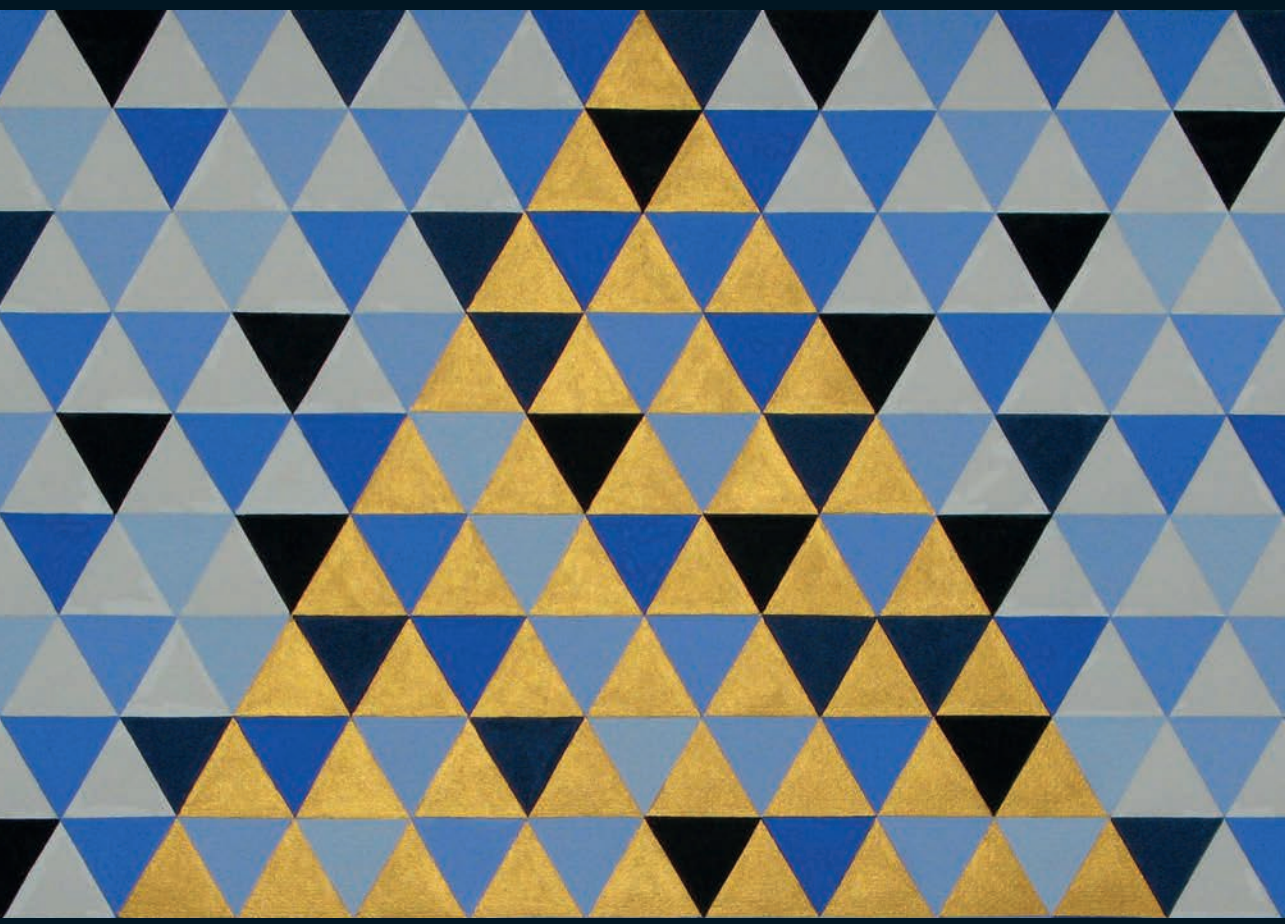
EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

(Memórias e Notas)

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

© *2014 Carlos Reis, Irene Fialho, Maria João Simões e Imprensa Nacional-Casa da Moeda*

Título: A Correspondência de Fradique Mendes
(Memórias e Notas)

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: sem título, da série «Ordem e Acaso», 2011,
da autoria de Eduardo Nery,
guache com dourado sobre papel;
64,5 cm × 75 cm;
coleção do autor.

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: janeiro de 2014

ISBN: 978-972-27-2085-4

Depósito legal: 345 402/12

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

O Mistério da Estrada de Sintra
O Crime do Padre Amaro (1.ª versão)
* O Crime do Padre Amaro (2.ª e 3.ª versões)
O Primo Basílio
* O Mandarim
A Relíquia
Os Maias
* Contos I

Semipóstumos e póstumos

* A Correspondência de Fradique Mendes
* A Ilustre Casa de Ramires
A Cidade e as Serras
* Contos II
Lendas de Santos
* A Capital!
O Conde de Abranhos
* Alves & C.ª
A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
* Textos de Imprensa I
Textos de Imprensa II
Textos de Imprensa III
* Textos de Imprensa IV
* Textos de Imprensa V
* Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

* Cartas Públicas
Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

O Egito e Outros Relatos

VÁRIA

* Almanaques e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

Philidor
* As Minas de Salomão

* Volumes publicados

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

(Memórias e Notas)

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Manuscrito Salema Garção (BN, Esp. E1/310)

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.B.

Este resto é para ser collocado na primeira [illegible] da Carta de Fradique

---

Cartas de Fradique Mendes*

---

* Este estudo de que só um estado incompleto, foram já publicados alguns fragmentos, é hoje dado na forma definitiva e integralmente, como indispensavel introducção ás Cartas de Fradique Mendes, sem o qual ellas, mal se poderão comprehender.

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Semipóstumos e Póstumos

A Correspondência de Fradique Mendes

(Memórias e Notas)

Edição de
Carlos Reis,
Irene Fialho
e Maria João Simões

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2014

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nota prefacial

A edição crítica d'*A Correspondência de Fradique Mendes* que agora se publica pretende facultar aos especialistas em estudos queirosianos um texto em muitos aspetos consolidado, relativamente ao que eram as edições de que até agora dispúnhamos. Para justificar esta asserção — e também para sublinhar as dificuldades deste trabalho — torna-se necessário recordar brevemente as circunstâncias que rodearam as primeiras publicações destas cartas e da biografia que as antecede.

A presente edição crítica incidiu sobre um daqueles títulos que Eça de Queirós não chegou a publicar em vida, facto que arrasta consideráveis problemas e inseguranças. Tendo aparecido pouco depois da morte do grande escritor, *A Correspondência de Fradique Mendes* é verdadeiramente e como já foi dito um semipóstumo: projetada e em boa parte preparada ainda por Eça, a edição do epistolário fradiquista contou seguramente com outras intervenções, logo depois do desaparecimento do seu autor, em agosto de 1900. Não se sabe, porém, com exatidão que nome ou nomes estão por detrás dessas intervenções e sobretudo que dimensão tiveram. Deste ponto de vista e até que apareçam documentos que lancem luz sobre o que não se sabe, qualquer edição crítica d'*A Correspondência de Fradique Mendes* será sempre marcada por uma certa margem de indecisão.

Ainda assim, há que dizer que nos últimos anos surgiram vários manuscritos e conjuntos de manuscritos que, sem serem um componente central e estruturante desta edição crítica, constituem elementos de grande relevância, para a história deste macrotexto e dos avanços e recuos que ele conheceu. Refiro-me sobretudo ao chamado «manuscrito Salema Garção» (que compreende provas tipográficas emendadas por Eça), há alguns anos adquirido pela Biblioteca Nacional e presentemente integrado no espólio de Eça de Queirós. Tais materiais estão agora disponíveis para

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um estudo genético que se antecipa muito fecundo, sob vários pontos de vista.

Conforme está explanado na extensa introdução que aqui se encontra, a escrita e a publicação original destes textos foi algo acidentada e sobretudo dispersa, no espaço e no tempo. Em várias publicações, em Portugal e no Brasil, surgiram, ao longo dos anos, as cartas fradiquistas e a biografia que apresenta o seu autor, esse Carlos Fradique Mendes concebido, por iniciativa coletiva e algo provocatória, no fim dos anos 60 do século XIX, mais tarde recuperado e amadurecido por Eça de Queirós. Uma tal dispersão explica as reescritas, as emendas e até as oscilações de critério editorial que a história dos textos evidencia. Para além disso, Eça deixou inéditas várias cartas fradiquistas, só publicadas bem depois da sua morte; e entre elas estão seguramente algumas das mais ilustrativas do pensamento de quem foi poeta e viajante, suposto autor de obra desconhecida e observador arguto dos homens e das coisas do seu tempo.

É tudo isso e o mais que adiante pode ler-se que se encontra neste livro. Para o preparar, tive a preciosa colaboração de Irene Fialho e de Maria João Simões; conforme pode ler-se nas respetivas notas biobibliográficas, no final deste volume, trata-se de duas estudiosas com importantes trabalhos já publicados (e outros em curso de preparação) sobre Eça de Queirós, o que só por si é garantia daquilo que testemunho com gratidão: competência e empenhamento para levar a bom termo uma tarefa que nem sempre tem o reconhecimento devido à sua complexidade e significado patrimonial.

Por fim, quero registar e agradecer o facto de este projeto (integrado também nas atividades do Centro de Literatura Portuguesa/FCT da Universidade de Coimbra) continuar a contar com o acolhimento da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e com o exemplar profissionalismo dos seus serviços editoriais.

CARLOS REIS

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Sumário

Nota prefacial 11

INTRODUÇÃO 15

1. História do texto 15
2. *A Correspondência de Fradique Mendes* e o cânone queirosiano 24
3. Os testemunhos manuscritos: presenças e ausências 37
4. Critérios editoriais 71

TEXTO CRÍTICO 73

A Correspondência de Fradique Mendes. Fradique Mendes. (Memórias e Notas) 75

Capítulo I 77
Capítulo II 93
Capítulo III 109
Capítulo IV 133
Capítulo V 141
Capítulo VI 165
Capítulo VII 179
Capítulo VIII 189

As Cartas 199

I. Ao Visconde de A.-T. 201
II. A Madame de Jouarre 203
III. A Oliveira Martins 207
IV. A Madame S. 213
V. A Guerra Junqueiro 217
VI. A Ramalho Ortigão 227
VII. A Madame de Jouarre 235

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VIII. Ao Sr. E. Mollinet 243
IX. A Clara… 253
X. A Madame de Jouarre 259
XI. A Mr. Bertrand B. 269
XII. A Madame de Jouarre 281
XIII. A Clara… 289
XIV. A Madame de Jouarre 297
XV. A Bento de S. 307
XVI. A Clara 317
XVII. [A Clara] 325

APÊNDICES 329

Cartas Inéditas de Fradique Mendes 333

I. [A E.] 335
II. [A…] 353
III. A E. Sturmm, alfaiate 361
IV. [A Madame de Jouarre] 367
V. [A Vargette] 373
VI. [A Manuel] 379
VII. [A Eduardo Prado] 391

Crónicas 403
Versos de Carlos Fradique Mendes 407
Cotejo *Gazeta de Notícias-O Repórter* 421

Notas biobibliográficas 427

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INTRODUÇÃO [1]

1. História do texto

1.1. No dia 26 de agosto de 1888, o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro iniciava a publicação do que aparentava ser um despretensioso relato memorial. Apontava nesse sentido o subtítulo «Notas e recordações» que, entre parênteses, se seguia ao nome da figura que motivava as ditas notas, Fradique Mendes. Ao cimo, um título mais circunstanciado: «A Correspondência de Fradique Mendes». No final, a assinatura: Eça de Queirós. Com uma regularidade diária quase absoluta, a publicação prosseguiu até ao dia 9 de setembro seguinte, interrompendo-se aí, sem explicação. O último trecho publicado é o parágrafo que, começando com a expressão «A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880», termina assim: «Por fim, com um decidido esforço, como Novalis nas escadas de Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que estaria às duas, sem falta, mas sem missa, à entrada da Casa Havanesa.» [2]

Eça de Queirós não era propriamente um desconhecido nas páginas da *Gazeta*. A edição crítica das crónicas queirosianas publicadas naquele influente jornal brasileiro atesta bem a quantidade e a qualidade das intervenções periodísticas do grande romancista no

[1] São aqui reutilizados textos e reflexões anteriores, da autoria dos responsáveis por esta edição, sendo esses contributos reajustados aos propósitos desta introdução.

[2] Na regularidade de que falámos regista-se apenas uma interrupção: não se publica texto das «Notas e recordações» nos números 248 e 249, relativos aos dias 5 e 6 de setembro desse ano.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

referido jornal [3]. E contudo, ao depararem com a prosa queirosiana, os leitores cariocas não podiam saber duas coisas: que se encetava ali uma das principais obras do escritor (e uma das mais originais de toda a literatura portuguesa) e que o texto que lhes era oferecido passaria ainda por muitas e profundas transformações, antes de ser editado em livro, em 1900, pouco tempo depois da morte de Eça.

Do mesmo modo, os leitores brasileiros certamente ignoravam que, poucos dias antes, o jornal lisboeta *O Repórter* iniciara a publicação do que, pelo título e pela epígrafe, parecia ser o mesmo texto. Neste caso, a inserção era semanal, às quintas-feiras, tendo-se desenrolado entre os dias 22 de agosto e 4 de outubro desse ano de 1888, com uma pausa a 27 de setembro. Naquela primeira quinta-feira de outubro interrompeu-se a serialização, sendo este o último parágrafo do texto:

> O pobre duque recuou, aterrado; e Fradique sepultou o *Livro de ouro da Sandice Parlamentar* nas profundidades duma arca D. João III, entre antigas colchas de seda. Pensou mesmo depois em o queimar. Mas o seu interesse de crítico prevaleceu sobre a sua piedade de cidadão.

Se as «Notas e recordações» d'*O Repórter* (à época dirigido por Oliveira Martins e tendo como secretário da redação Fialho de Almeida) terminam aqui, não acontece assim na *Gazeta de Notícias*. Indo mais longe do que o jornal português, a *Gazeta* voltou a inserir material fradiquista quatro anos depois: entre 13 e 27 de novembro de 1892 apareceram quatro cartas de amor (a Clara) [4]. Nesse mesmo ano e antes deste novo ciclo, haviam surgido na *Gazeta* crónicas queirosianas inquestionavelmente ligadas, como adiante se verá, à longa e acidentada composição d'*A Correspondência de Fradique Mendes* [5].

[3] Cf. *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»),* edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

[4] Apenas a primeira tem a epígrafe «A Clara» e o título «Quatro Cartas de Amor»; as restantes têm o título «Cartas de Amor».

[5] Mais precisamente: «Padre Salgueiro», n.º 164, de 13 de junho; «Quinta de Frades», n.º 208, de 27 de julho; «O caminho de ferro de Jerusalém», n.º 290, de 17 de outubro (com assinatura João Gomes).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Não termina aqui a história de Fradique Mendes na imprensa. Quando meteu ombros à empresa que foi a *Revista de Portugal,* Eça de Queirós levou textos fradiquistas para aquele seu importante projeto: desde o volume I (no número 3), em 1889, até ao volume III (número 19), em 1891, aparecem os oito capítulos daquilo que no livro se designaria como «Memórias e notas», mais oito cartas de Fradique Mendes; em ambos, livro e *Revista de Portugal,* deparamos com o mesmo erro de numeração em dois capítulos sequenciais (a repetição do número III), o que deve ser tido em conta, no sentido de irmos percebendo a relação estemática entre ambos estes textos — ou melhor, macrotextos [6]. Noutros termos: é este um primeiro e claro indício de que a composição do livro tomou como referência a série inserta na *Revista de Portugal.*

Seja como for, antes da edição em livro *A Correspondência de Fradique Mendes* teve a sua versão mais extensa na *Revista de Portugal,* com o título *Cartas de Fradique Mendes.* Um título que faz um certo sentido: num regime de publicação «aberto» (ignorava-se quando a revista terminaria), não estava em causa aqui (ainda) a divulgação de um epistolário no seu conjunto (uma correspondência, se bem que selecionada), mas cartas «esparsamente» dadas à estampa, conforme se diz quase no final do derradeiro capítulo das *Cartas de Fradique Mendes* da *Revista de Portugal* [7]. Por fim: a revista *A Ilustração* (Paris, 1890, 7.º ano, vol. VII, n.º 16, 20 de agosto, pp. 243 e 245-246) acolheu uma carta de Fradique

[6] O conceito de *macrotexto* envolve implicações de organização editorial que assumem especial significado no caso de uma obra com as caraterísticas d'*A Correspondência de Fradique Mendes.* Refere-se aquele conceito ao «resultado da agregação de vários textos, normalmente de feição idêntica em termos de género, numa unidade mais ampla, a que se pretende atribuir uma certa *coerência.* […] A unidade mais ampla que é o macrotexto pode configurar-se então como *obra literária*, eventualmente reforçada, nessa sua condição, por elementos de enquadramento *paratextual* (título, prefácio, posfácio, etc.).» (C. Reis, *O Conhecimento da Literatura,* 2.ª ed., Coimbra, Almedina, 2008, p. 202).

[7] Cf. *Revista de Portugal,* vol. II, n.º 2, fevereiro, 18, 1890, p. 229. Reforça-se a «abertura» referida pela ausência de artigo: não são *As Cartas…,* mas simplesmente *Cartas*… (*algumas* cartas), diferentemente do que será indiciado pelo título do livro (*A Correspondência…).* Isto não quer dizer que a publicação em livro não levante as dúvidas que são conhecidas (e a que voltaremos), quanto à identificação do responsável pela edição conjunta de introdução e cartas.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mendes: a carta a Ramalho Ortigão, originariamente aparecida na *Revista de Portugal* (1890, vol. II, n.º 3, março, pp. [382]-397) e que no epistolário de 1900 tem o número VI; e na *Revista Moderna* (25 de julho de 1897, pp. [69]-71) foi publicada a «Crónica — Carta a Bento», provinda da *Gazeta de Notícias* (26 a 28 de abril de 1894), com importantes desenvolvimentos.

1.2. Os quadros que se seguem darão uma ideia mais clara do que foi a distribuição dos textos fradiquistas, *stricto sensu* e *ante mortem* de Eça, por vários locais e ao longo dos anos [8]:

***O Repórter* (1888)**	***Incipit***	**Capítulo**
233, 22 de agosto de 1888.	A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880 […].	I
241, 30 de agosto de 1888.	Toda essa noite preparei frases cheias de profundidade […].	II
248, 6 de setembro de 1888.	Decorreram anos. Trabalhei, viajei.	III
255, 13 de setembro de 1888.	As iluminações no Oriente, onde o gás é uma magnificência […].	IV
262, 20 de setembro de 1888.	Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes […].	V
276, 4 de outubro de 1888.	Fradique reunia uma vasta ciência a uma vasta experiência.	VI

Gazeta de Notícias	***Incipit***	**Capítulo/ Cartas**
238, 26 de agosto de 1888.	A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880 […].	I
239, 27 de agosto de 1888.	Toda essa noite[,] fumando cigarros, preparei frases […].	II
240, 28 de agosto de 1888.	Pela escada, o poeta das *Lapidárias* aludiu àquele tórrido calor […].	II

[8] Sem excluir a consulta *de visu* dos vários jornais e revistas mencionados, importa sublinhar a preciosa ajuda que a este historial foi dada pela obra de Ernesto Guerra da Cal, *Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, tomo I, pp. 97-101.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Gazeta de Notícias	*Incipit*	Capítulo/ Cartas
241, 29 de agosto de 1888.	Alguns anos passaram. Trabalhei, viajei.	III
242, 30 de agosto de 1888.	Entusiasmado já construía a primeira frase do Conto […].	III
243, 31 de agosto de 1888.	As iluminações no Oriente, onde o gás é uma magnificência […].	IV
241 [*sic,* 244], 1 de setembro de 1888.	Assim conversando, tínhamos penetrado no largo […].	IV
245, 2 de setembro de 1888.	Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes […].	V
246, 3 de setembro de 1888.	Fradique Mendes tinha essa soberba isenção.	V
247, 4 de setembro de 1888.	Fradique juntava a uma larga ciência uma vasta experiência.	VI
250, 7 de setembro de 1888.	A derradeira vez que Fradique visitou Lisboa […].	VII
251, 8 de setembro de 1888.	O fino e erudito escritor, que assina *Alceste* […].	VIII
252, 9 de setembro de 1888.	Duas razões me determinaram a publicar essas cartas […].	VIII
316, 13 de novembro de 1892.	Quatro cartas de amor. A Clara. [inserida na *Revista de Portugal,* IV, 19, dez. de 1892 [*sic*; 1891].]	[I]
324, 20 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	II
328, 24 de novembro de 1892[9].	Cartas de amor.	III
331, 27 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	IV

Revista de Portugal	*Incipit*	Capítulo/Cartas
1889: vol. I, n.º 3, 1 de setembro, pp. [261]-298.	A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880 […].	I, II e III
1889: vol. I, n.º 5, 1 de novembro, pp. [517]-543.	Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes […].	IV [10] e V

[9] Data atribuída por E. Guerra da Cal. Todavia, no número indicado não se encontrou a carta.

[10] Repete-se o número III na *Revista de Portugal*. Mantém-se o erro de numeração dos capítulos, a partir daqui.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Revista de Portugal	***Incipit***	**Capítulo/Cartas**
1889: vol. I, n.º 6, dezembro, pp. [759]-769.	A última vez que Fradique visitou Lisboa […].	VI
1890: vol. II, n.º 1, janeiro, pp. [21]-29.	O fino e erudito moralista que assina *Alceste* […].	VII
1890: vol. II, n.º 2, fevereiro, pp. [225]-239.	Se a vida de Fradique foi assim governada […] As Cartas (1.ª Série).	VIII I: Ao Visconde de A.-T. II: A Madame de Jouarre. III: A Oliveira Martins.
1890: vol. II, n.º 3, março, pp. [382]-397.	As Cartas (1.ª Série).	IV: A Madame S. V: A Guerra Junqueiro. VI: A Ramalho Ortigão.
1890: vol. II, n.º 4, abril, pp. [680]-691.	As Cartas (1.ª Série).	VII: A Madame de Jouarre. VIII: Ao Snr. E. Mollinet.
1890 [*sic,* 1891]: vol. III, n.º 18, novembro, pp. [731]-738.	As Cartas (2.ª Série).	I: A Madame de Jouarre.
1892 [*sic,* 1891]: vol. IV, n.º 19, dezembro, pp. [45]-48.	As Cartas (2.ª Série).	II: A Clara… [inserida na *GN,* 13 de novembro de 1892].

A Ilustração	***Incipit***
Vol. VII, 16, 7.º ano, 20 de agosto de 1890.	Cartas de Fradique Mendes (A Ramalho Ortigão).

1.3. Do cenário descrito podemos destacar desde já três grandes problemas. Primeiro: embora publicados praticamente na mesma altura[11], os textos d'*O Repórter* e da *Gazeta de Notícias* evidenciam diferenças importantes, o que de imediato obriga a

[11] Assim se fazia para evitar o aparecimento de edições piratas no Brasil e também para obter proventos dos dois lados do Atlântico. Eça chamou a este estratagema um «cambalacho de prosa», seguindo o exemplo do que faziam os escritores ingleses, com publicações em simultâneo na Inglaterra e nos Estados Unidos da América (cf. carta a Oliveira Martins, in *Correspondência,* organização e anotações de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, 2008, I, p. 543).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

perguntar qual deles precedeu o outro, ou seja, qual foi a matriz e qual foi a cópia. Dúvida que remete para a inevitável verificação de Eça como escritor que compulsivamente reescrevia os seus textos, *mesmo quando fazia uma mera cópia* (não chegara ainda o tempo das reproduções mecânicas…). Segundo problema: quando, logo no ano seguinte (1889), Eça inseriu Fradique Mendes na *Revista de Portugal,* fê-lo *da capo,* quer dizer, reiniciando a biografia e apoiando-se, pelo menos em parte, naquilo que antes publicara. Duas explicações possíveis (e que se não excluem mutuamente) para este procedimento: em primeiro lugar, a figura de Fradique Mendes não seria ainda bem conhecida do público e havia que reapresentá-lo, opção reforçada pelo facto de, pelo menos na expectativa de Eça, o leitor da *Revista de Portugal* ser, em muitos aspetos, diferente do leitor d'*O Repórter;* em segundo lugar, Eça, como sempre, não estaria inteiramente satisfeito com o que escrevera anteriormente para *O Repórter* e para a *Gazeta de Notícias* e cedia a uma tentação antiga, a de escrever tudo (ou grandíssima parte) de novo [12]. Terceiro problema: quando, por fim, trabalha para o livro *A Correspondência de Fradique Mendes,* Eça volta a apoiar-se no que já estava publicado; pelo que ficou sugerido, mas carece da confirmação a que aqui se procederá, o escritor aparentemente terá feito fé sobretudo no que fora dado à estampa na *Revista de Portugal,* até porque essa era a versão mais completa e amadurecida de um projeto mais antigo do que as circunstâncias dão a entender. Tudo somado, pode afirmar-se que Eça terá escrito e reescrito partes importantes d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (designadamente, o relato biográfico introdutório) pelo menos quatro vezes.

Como já se disse e é sabido, o volume *A Correspondência de Fradique Mendes* foi publicado em 1900, algumas semanas depois da morte do escritor, no que foi a primeira edição em livro, a

[12] O cotejo de textos da *Revista de Portugal* com os dois jornais mostra diferenças substanciais, que permitirão falar numa nova versão, fenómeno bem conhecido na história literária queirosiana, pelo menos desde *O Crime do Padre Amaro*; veja-se a introdução à edição crítica deste romance por C. Reis e Maria do Rosário Cunha (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, pp. 68 e segs.).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que muitas outras se seguiram[13]. Deste modo, o referido volume faz parte de um conjunto de três títulos com que se inicia a atribulada fortuna (ou má fortuna…) editorial póstuma do grande romancista; juntam-se-lhe *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras,* ambos com trajetos compositivos próprios, mas tendo em comum com *A Correspondência de Fradique Mendes* o facto de provirem de tentativas anteriores, no primeiro caso decorrendo o romance que hoje conhecemos de uma versão incompleta, serializada na *Revista Moderna.* Como quem diz: *déjà vu*[14].

O chamado «cânone queirosiano» merece, então, uma reflexão própria, que se não fará aqui sem que antes se note o seguinte: o epistolário fradiquista não se resumia, como depois de 1900 se viu, ao conjunto de cartas que no livro foram recolhidas. Quando, em 1912, Luís de Magalhães edita *Últimas Páginas* (e que, afinal, não eram últimas…), lá vem mais uma carta de Fradique Mendes, neste caso a Eduardo Prado; e em 1929, a recolha *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* exibe outras seis cartas do poeta das *Lapidárias,* entre as quais se conta a importantíssima carta a E…, documento fundamental para a compreensão do estatuto ontológico de Fradique Mendes. Por fim, uma última carta a Clara foi publicada pela primeira vez por Jaime Cortesão[15], incluída nas edições Lello a partir da chamada Edição do Centenário (vol. VI; 1947) e inserta na edição Helena Cidade Moura (Livros do Brasil, s. d.).

[13] Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografía Queirociana,* ed. cit., tomo 1.º, pp. 104 e segs.

[14] A edição crítica d'*A Ilustre Casa de Ramires* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999), por Elena Losada Soler, analisa minuciosamente a relação do romance com a versão que o antecedeu. Por sua vez, a escrita d'*A Cidade e as Serras* é, como se sabe, indissociável do conto «Civilização».

[15] Nos jornais *A Manhã* (do Rio de Janeiro) e *O Estado de São Paulo*, bem como na revista *Seara Nova* (cf. *Eça de Queiroz e a Questão Social*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, pp. 37 e segs.). Foi Manuel Bandeira quem lembrou a existência desta carta (Cf. «Correspondência de Eça de Queirós para a imprensa brasileira», *in* Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, Lisboa-Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 167-182). Voltaremos a esta questão.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1.4. Distribuem-se do seguinte modo, por volume e com identificação referida ao espólio de Eça de Queirós, quando é o caso, o conjunto dos textos a ter em conta para o estabelecimento do texto base d'*A Correspondência de Fradique Mendes,* conjunto que é deduzido daquilo que foi sendo determinado pela tradição impressa *post mortem:*

Volume/Macrotexto	Textos	Observações
A Correspondência de Fradique Mendes [1900].	«Memórias e Notas». Cartas: I. Ao Visconde de A.-T. II. A Madame de Jouarre. III. A Oliveira Martins. IV. A Madame S. V. A Guerra Junqueiro. VI. A Ramalho Ortigão. VII. A Madame de Jouarre. VIII. Ao Sr. E. Mollinet. IX. A Clara… X. A Madame de Jouarre. XI. A Mr. Bertrand B. XII. A Madame de Jouarre. XIII. A Clara… XIV. A Madame de Jouarre. XV. A Bento de S. XVI. A Clara.	Capítulos I a VII (numeração errada pela repetição do número III).
Últimas Páginas [1912].	A Eduardo Prado.	Ms. Menéres Campos.
Cartas Inéditas de F. M. e mais Páginas Esquecidas [1929].	A E. Sturmm, alfaiate. A Paulo Vargette. A «Madame» de Jouarre. A Manuel… A… A E…	BN Esp. E1/299. BN Esp. E1/301. BN Esp. E1/300. BN Esp. E1/302. BN Esp. E1/298. BN Esp. E1/297.
A Correspondência de Fradique Mendes (Ed. Helena Cidade Moura; Livros do Brasil) [s. d.].	«Memórias e Notas». Cartas [As mesmas da 1.ª edição mais a seguinte]. XVII. Última carta a Clara.	

É, pois, deste conjunto que decorrerá o *corpus* (isto é: introdução e cartas) desta edição crítica, por agora sem destrinça sobre o local de inserção (epistolário principal ou apêndice) das várias peças. A par destes componentes, outros materiais hão de ser,

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

também de forma justificada, remetidos para o apêndice. Antes, porém, de procedermos a uma tal escolha e arrumação, torna-se necessário refletir sobre duas questões interligadas e de capital relevância neste contexto: a questão dos póstumos, envolvendo a relação do editor com materiais deixados inéditos, e a questão do cânone queirosiano, especialmente significativa quando deparamos com títulos (ou seja: com volumes) editados e organizados por outrem, que não o escritor.

2. *A Correspondência de Fradique Mendes* e o cânone queirosiano

2.1. Convém lembrar que estamos aqui a lidar com uma das mais fascinantes, complexas e polissémicas obras de Eça de Queirós. Justamente por isso, nos últimos anos *A Correspondência de Fradique Mendes* tem sido revalorizada, pelos estudos e pelos estudiosos que neste chamado *último Eça* leem sentidos de sinuosa modernidade e de densa problematização da escrita literária, das tendências estéticas finisseculares e da relação do escritor com a sua posteridade [16].

Lembremos aquilo que é fundamental, no que respeita à construção deste epistolário e do seu autor, uma vez que essa construção insinua sentidos e procedimentos que, sem serem um guião de trabalho para a edição crítica, hão de estar nela presentes, com o distanciamento que a crítica textual recomenda. Como se sabe, Carlos Fradique Mendes revela-se em 1869, então como poeta satânico, inventado, num gesto de provocação

[16] A expressão *último Eça* dá título a um capítulo do livro de Lopes d'Oliveira, *Eça de Queirós. A Sua Vida e a Sua Obra,* 2.ª ed., Lisboa, Edições Excelsior, s. d. [1.ª ed.: 1944]. Um aspeto complementar da mencionada revalorização é a produção ficcional que deu dimensão de personagem a Carlos Fradique Mendes. Citem-se os seguintes títulos: de Frederico Perry Vidal, *O Único Filho de Fradique Mendes* (1950); de José António Marcos, *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós* (1996); de José Eduardo Agualusa, *Nação Crioula* (1997); de Fernando Venâncio, *Os Esquemas de Fradique* (1999); de José Pedro Fernandes, *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (2002).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

antiburguesa, por Eça, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis; logo de seguida, em 1870, assoma fugazmente n'*O Mistério da Estrada de Sintra*. O Fradique que aqui interessa é o que, depois de anos de silêncio, reaparece em meados dos anos 80, retomado e reelaborado por Eça apenas, conforme proposta que o escritor endereça a Oliveira Martins e a que adiante voltaremos, de forma necessariamente breve. É um amigo deste derradeiro e amadurecido Fradique Mendes — amigo que só em jeito de simplificação acrítica poderíamos confundir com Eça de Queirós — que se institui como biógrafo e editor de cartas dessa figura singular. Recorde-se que, em vida, Fradique conheceu Baudelaire, foi companheiro de Garibaldi, amigo de Victor Hugo e íntimo de figuras relevantes da vida pública e cultural portuguesa da segunda metade do século XIX: Antero de Quental, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, etc.

O Carlos Fradique Mendes que, a partir de 1888, conhecemos como epistológrafo é também um poeta de escassa produção e pensador atípico, corporizando uma invenção que vai além do estatuto da mera personagem ficcional (como o são, em Eça, o conselheiro Acácio, o padre Amaro ou Teodorico Raposo) e fica aquém do estatuto do heterónimo acabado, como virão a sê-lo os heterónimos pessoanos [17].

Mas não é isso que importa agora. O que neste momento interessa é a condição do poeta quase inédito e autor de cartas que se trata de dar a conhecer postumamente, como importa também a questão da escrita, protagonizada por quem dela tinha uma conceção claramente material e plástica, no plano escritural e no plano estético; e cabe ainda, em função de tudo isso, analisar

[17] Esta é uma questão já dilucidada por diversos estudiosos, nos últimos anos. Veja-se, a este propósito: Carlos Reis, «Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico», in *Estudos Queirosianos* (Lisboa, Presença, 1999, pp. 137-155; edição original do ensaio: 1984) e, para a «fundação» de Fradique (incluindo as afinidades desta figura com a condição heteronímica), o estudo de Joel Serrão *O Primeiro Fradique Mendes,* Lisboa, Livros Horizonte, 1985. Alguns documentos importantes para a ilustração da atividade do *primeiro Fradique,* enquanto personalidade de fatura coletiva, estão insertos na secção de apêndices desta edição crítica.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

outras questões que apontam quase todas para atitudes operatórias que este trabalho solicita: a questão da posteridade, a da publicação de póstumos, a do trabalho editorial e seu âmbito de ação, a dos legatários de espólios e sua responsabilidade. O que, tudo por junto, remete para uma espécie de *Fradique perdido* e agora, graças aos manuscritos de que dispomos, parcialmente reencontrado.

Há um passo crucial d'*A Correspondência de Fradique Mendes* que deve ser lembrado. Reporta-se esse passo a um momento decisivo da edição das cartas, exigindo a colaboração de Madame Lobrinska, carinhosamente chamada Libuska, «de quem ele [Fradique] largamente fala nas suas cartas a Madame de Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real 'com os seus veludos brancos de veneziana e os seus largos olhos de Juno'»[18]. Já viúva, esta Madame Lobrinska torna-se amante e confidente de Fradique, antes de ser legatária dos seus manuscritos; foram esses manuscritos que o narrador e biógrafo algumas vezes pôde entrever «dentro de um cofre espanhol do século XIV, de ferro lavrado, que Fradique denominava a *vala comum*»[19].

Assim, parece justificar-se a diligência que nos é contada e que vale a pena comentar:

> Logo que comecei a colecionar as cartas dispersas de Fradique Mendes, escrevi a Madame Lobrinska contando o meu empenho em fixar num estudo carinhoso as feições desse transcendente espírito — e implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*. A resposta de Madame Lobrinska foi uma recusa, bem determinada, bem deduzida, — mostrando que decerto sob «os claros olhos de Juno» estava uma clara razão de Minerva. «Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com

[18] E. de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes,* Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão Editores, 1900, p. 106.

[19] *Idem, ibidem,* p. 106.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

> o intuito de que para sempre conservassem o caráter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera: e nestas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que ditara esse legado…» Isto vinha escrito, com uma letra grossa e redonda, numa larga folha de papel áspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma coroa de ouro, esta divisa — PER TERRAM AD CŒLUM.[20]

Primeira clarificação, porventura desnecessária: «colecionar as cartas dispersas», como no texto se lê, significa não apenas recolher seletivamente mas sobretudo editar, com tudo o que essa tarefa implica, nos planos técnico, ético, estético e mesmo afetivo. Para além disso, o biógrafo agora volvido em editor sabe que aceder à *vala comum* — o tal cofre de ferro lavrado que guarda o acervo de Fradique — é entrar numa intimidade que há de ser tratada com reserva espiritual e até com cautela material; daí o cuidadoso pedido, «implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*». Noutros termos: o editor parece aceitar, à partida, que os manuscritos não só não têm que ser revelados na sua totalidade, mas que bastará conhecer *«a sua natureza»*.

2.2. Seja qual for o significado daquela «natureza» dos manuscritos, colhe-se daqui quase uma lição: a de que a edição de textos, mesmo sendo cartas, deve apoiar-se num mais amplo conhecimento dos documentos oficinais e dos procedimentos de escrita que suportam o trabalho de um autor; e desse trabalho — que naturalmente compreende a génese da escrita — restam materiais larvares que não são conhecidos e que também não é obrigatório revelar, pelo menos numa atitude editorial (numa *estratégia editorial*, diríamos) orientada para um público não especializado. No caso do epistolário de Fradique esse público são os concidadãos do editor, conforme pode ler-se no final da longa introdução.

[20] *A Correspondência de Fradique Mendes,* ed. cit., pp. 108-109.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E contudo, mesmo o conhecimento reservado de materiais puramente oficinais é recusado pela legatária, sob o signo de uma alegada «razão de Minerva». Apetece perguntar: que estatuto é o desta legatária — ou o de qualquer legatário de papéis deixados inéditos — e que direitos lhe assistem? A questão não é, obviamente, da ordem da crítica textual, da crítica genética ou mais latamente da história literária. Mas ela é, ainda assim, uma questão decisiva, embaraçosa e às vezes irritante, como bem sabem todos os que alguma vez tiveram que enfrentar o zelo de um ou de uma qualquer legatária, zelo nem sempre iluminado pelos motivos da Libuska fradiquista.

A «razão de Minerva» adivinhada pelo editor-biógrafo como definitivo impedimento para dar a conhecer a natureza dos manuscritos de Fradique traz à cena uma divindade cujo nome não é invocado em vão, uma vez que a deusa da sabedoria impõe ao editor uma reserva que parece justificada. Provém uma tal reserva de uma mulher que, para assumir essa restrição, põe em segundo lugar os soberbos dotes de Juno que os olhos anunciam, ou seja, a fecundidade, a energia vital e o potencial reprodutivo; a «razão de Minerva» é agora a de alguém que, reclamando a intimidade que teve com Fradique, deve ter presente o sentido da ponderada e responsável sabedoria que aquela segunda divindade evoca. Tendo compartilhado com Fradique a leitura e a vivência de um antiquíssimo poema eslavo, julga-se Libuska no direito de decidir o destino a dar aos papéis legados, conformando a vontade do amante desaparecido e condenando esses papéis a um silêncio sem remissão.

Foi, por fim, essa razão de Minerva que impediu que o biógrafo-editor pudesse assumir-se plenamente como pioneiro daquilo a que hoje chamamos crítica genética, coisa que ele não podia saber o que era (ou viria a ser), mas que de alguma forma intuía. Com efeito, o editor do epistolário deixa perceber a sua vocação para o estudo dos manuscritos, logo que nota, na carta de Libuska, os vestígios de uma escrita cuja materialidade — da caligrafia ao suporte — é significativa. De novo aquele texto já citado: «Isto vinha escrito, com uma letra grossa e redonda, numa larga folha de papel áspero, onde a um canto brilhava a ouro sob uma coroa de ouro esta divisa — 'PER TERRAM AD CŒLUM'».

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Como se o formato da letra, a aspereza do papel e até a austera divisa que o encima fossem marcas psicológicas de quem toma uma decisão drástica e indiscutível.

Que é efetiva a vocação do biógrafo-editor de Fradique Mendes para indagações genéticas — ou então, nos termos que aqui nos interessam: que a edição crítica não pode ignorar componentes genéticos — mostra-o de forma ainda mais expressiva a consciência que ele manifesta de que os textos a editar são, antes de mais, manuscritos. No contexto das referências que o biógrafo-editor lhes faz, eles convidam a observações que, entre a grafologia e a crítica genética, de certa forma precedem o labor da crítica textual propriamente dita. Como quem sugere: o ideal será que se estude a oficina do escritor e os seus papéis, antes de se avançar para uma edição crítica [21]; mas se a obstinação de uma qualquer Libuska impedir o conhecimento do espólio, então não se prescinda da minuciosa análise dos manuscritos disponíveis e dos gestos psicoescriturais que eles revelam. Prestemos atenção ao que diz o editor-biógrafo acerca do que se encontra nas «esplêndidas folhas de 'Whatman'» em que Fradique escrevia:

> A letra que as enche, singularmente desigual, oferece a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada e fina, parecendo morder o papel como um buril para contornar bem rigorosamente a ideia; ora hesitante e demorada, com riscos, separações, como naquele esforço tão seu de tentear, espiar, cercar a real realidade das coisas: ora mais fluida e rápida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundância e de veia que Fontan de Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sóbrio se lhe desmanchava num esvoaçar de flâmula ao vento. [22]

[21] Foi isso que se fez em C. Reis e Maria do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós,* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

[22] Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes,* ed. cit., p. 120.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Em termos sintéticos e levando em linha de conta o que fica escrito, podemos então dizer que n'*A Correspondência de Fradique Mendes* encena Eça de Queirós uma sinuosa problematização da escrita literária, das suas recônditas motivações, dos procedimentos materiais que lhe dão forma, dos condicionamentos da posteridade autoral e ainda — o que não é questão menor — das razões (ou sem razões…) que determinam o fechamento de um espólio e o silêncio de um escritor[23].

2.3. Tal como Fradique Mendes e de certa forma tendo esboçado com ele uma reflexão experimental, Eça de Queirós deixou inúmeros textos inéditos. Para simplificar, lembraremos que esses inéditos são, *grosso modo,* de três ordens: cartas pessoais, narrativas inacabadas e materiais oficinais, estes últimos preparatórios de relatos vários, uns concretizados, outros não. Diferentemente de Fradique Mendes, Eça não deixou (ou dele não conhecemos, o que para o caso vale o mesmo) decisão expressa quanto ao destino desses inéditos; já Fradique não se coibiu de expressar a sua posição quanto aos seus manuscritos não publicados. E assim disse: por um lado, «afoutamente aprovo»[24] a publicação de correspondência, conforme declarou ao seu biógrafo; por outro lado, conservem os papéis de trabalho aquele «caráter íntimo e secreto» que Madame Lobrinska transmitiu ao biógrafo e editor.

Isto significa desde já três coisas: uma, que Fradique Mendes deu a Eça o exemplo do silenciamento de materiais incipientes ou assim entendidos; outra, que a vontade autoral pode ser decisiva e irreversível, sempre que o legatário dos papéis e guardião dessa vontade a respeite escrupulosamente; outra ainda, que o fechamento de um cofre priva o estudioso do acesso a materiais que podem iluminar o conhecimento de um autor e dos seus procedimentos de escrita, eventualmente sustentando decisões editoriais do âmbito

[23] Sobre esta questão cf. C. Reis, «Os silêncios de Eça», *in* R. Zilberman *et alii, Eça e os outros: diálogos com a ficção de Eça de Queirós,* Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001, pp. 21-35.

[24] *A Correspondência de Fradique Mendes,* ed. cit., p. 117.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

da crítica textual[25]. Para que se resolvam alguns bloqueamentos que aqui se insinuam, importa fazer entrar em cena um conceito que o editor de Fradique por certo desconhecia: o conceito de *estratégia editorial*[26], conceito que se reporta ao público visado e às funções a cumprir por uma determinada edição e também, como é óbvio, por uma edição crítica que há de ter em conta materiais recentemente aparecidos; é esse o caso do manuscrito Salema Garção, agora integrado no espólio de Eça que se encontra na Biblioteca Nacional (BN Esp. E1/310).

Difusa e intuitivamente, Eça não ignorou a relevância das questões editoriais. Nas edições que em vida acompanhou ou ajuizou, o nosso autor foi drástico: desautorizou a primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro,* revogou a segunda e em geral emendou quase todas as reedições dos seus livros, não se coibindo de fazer recomendações e mesmo exigências aos seus editores (recomendações e exigências de aspeto gráfico, de publicidade, de tiragem, de ritmo de publicação, etc.). Também por isso, dão que pensar alguns silêncios que Eça se impôs, mesmo quando estava perante textos já consideravelmente amadurecidos. E assim, os relatos silenciados (*A Capital!, Alves & C.ª, O Conde de Abranhos* ou *A Tragédia da Rua das Flores*) tiveram um destino idêntico aos de Fradique: se os deste foram parar a um cofre espanhol, aqueles textos queirosianos permaneceram adormecidos numa arca por longo tempo esquecida, até que a família a recuperou.

[25] Eça de Queirós teve consciência da função crítica (e não meramente anedótica) que cabia a certos documentos deixados pelo escritor. Referiu-se a isso num texto normalmente citado de forma parcial em que, a propósito da publicação de póstumos de Victor Hugo, afirma que tais póstumos «decerto não aumentam a sua glória […]. Mas aumentam o nosso conhecimento do poeta, revelando novos pensamentos, novas emoções ou formas diferentes no exprimir as emoções e os pensamentos que lhe eram habituais»; só depois disso e em jeito nitidamente mordaz, acrescentou a famosa *boutade:* «Para alargar e completar o conhecimento dos grandes homens, publicam-se-lhe as cartas, todos os papéis íntimos — até as contas do alfaiate» (Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»),* ed. cit., pp. 344-345).

[26] Cf. Ivo Castro e Maria Ana Ramos, «Estratégia e táctica da transcrição», in *Critique textuelle portugaise. Actes du Colloque,* Paris, F. Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1986, pp. 99-122.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Reiterando os termos que tenho utilizado, sublinho que ao editor de Eça cabe ponderar as razões de Minerva que motivaram a recusa de Libuska, sem contudo ter que seguir à risca a rígida doutrina da amante de Fradique. Fazê-lo seria ler Fradique Mendes, o seu mundo, os seus valores, as suas vontades e sobretudo a da sua legatária (que é o que aqui está em causa) como emanação linear de Eça. O que manifestamente não é o caso, uma vez que o quase-heterónimo chamado Carlos Fradique Mendes parece representar sobretudo o fulcro e lugar de encenação de ideais inatingíveis, de atitudes desmesuradas e mesmo de gestos que não raro podem ser entendidos em clave parodística.

2.4. O destino que os inéditos deixados por Eça conheceram encaminha-nos diretamente para a questão do cânone queirosiano: trata-se de recordar o estatuto que, deste ponto de vista, atribuímos ao volume *A Correspondência de Fradique Mendes*.

No âmbito de uma reflexão sobre a edição crítica das obras de Eça de Queirós, falamos em *cânone* para nos reportarmos genericamente ao problema da autenticidade autoral, numa aceção translata e metonímica, que consabidamente decorre de um paradigma religioso: do entendimento do cânone como conjunto de textos em que lemos a palavra divina. Nessa aceção translata, buscamos determinar que textos são da autoria material de Eça e quais aqueles que, embora presuntivamente escritos por ele, o não são ou só o são de forma precária e, por assim dizer, acidentalmente condicionada [27].

[27] Deixamos aqui de lado um outro conceito de *cânone:* aquele que permite dizer de Eça (como de Camões, de Garrett ou de Pessoa) que ele é um escritor do cânone, na aceção que designa «o elenco de autores e obras incluídos em cursos básicos de literatura por se acreditar que representam o nosso legado cultural» (C. Kaplan e Ellen C. Rose, *The Canon and the Common Reader*, Knoxville, The Univ. of Tennessee Press, 1990, p. XVII).Trata-se, a partir desta definição elementar, de reconhecer que Eça (ou pelo menos *um certo* Eça) constitui um fator de legitimação dos valores, dos temas e das ideias estruturantes de uma comunidade que a literatura, sobretudo através do sistema de ensino, ajuda a conformar. Eça integra-se, em suma, no *cânone ocidental*, conforme o entende Harold Bloom, no seu famoso, discutido e discutível *The Western Canon. The Books and School of the Ages* (New York, Harcourt Brace & Company, 1994).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Os termos em que colocamos a questão parecerão talvez estranhos, especialmente a quantos ignorem os incidentes (e não foram poucos) que hoje sabemos terem influído no estabelecimento deste cânone autoral: para esses, os títulos *O Crime do Padre Amaro, A Cidade e as Serras, Prosas Bárbaras* ou *O Conde de Abranhos* reportam-se, idêntica e pacificamente, a obras de Eça de Queirós. Veremos que não é bem assim; e veremos sobretudo que uma edição crítica que não atente previamente nestas questões trabalhará sobre bases extremamente instáveis e mesmo enganadoras.

Antes disso, aludir-se-á a três questões adjacentes, mas significativas no presente contexto. Primeira questão: a determinação da autoria (autoria *canónica*) dos textos queirosianos não se coloca, obviamente, nos mesmos termos nem com o mesmo grau de dificuldade com que discutimos a autoria de, por exemplo, um soneto de Camões ou um auto de Gil Vicente. No caso de Eça, falamos de um escritor que escreveu e publicou em tempo de produção industrial do livro, vivendo relações comerciais com editores e com livreiros e até certo ponto protegido por princípios e por normas jurídicas que consagravam a propriedade intelectual — o que, por outro lado, torna difíceis de aceitar certas disfunções de cânone autoral como as que *post mortem* atingiram a obra queirosiana, por força do trabalho de editores descuidados ou inescrupulosos.

Em segundo lugar, falamos de *obra queirosiana* num sentido que tem muito de institucional, próximo (se é que não idêntico) do sentido em que falamos de *literatura queirosiana* (ou de *literatura garrettiana,* ou *pessoana* e assim por diante). A obra (ou a literatura) queirosiana é, então, o resultado institucionalizado da publicação de um conjunto muito alargado de textos (ficções, crónicas de imprensa, cartas, relatos de viagens, etc.) em livros, em jornais e em diversas outras publicações, antes e depois da morte de Eça, por sua vontade expressa e mesmo à revelia dela, com intervenção editorial direta do escritor ou de outros que o substituíram. O que significa que estamos perante decisões e condicionamentos muito variados, às vezes agindo de forma espúria, capazes de incutirem à obra queirosiana rumos editoriais que escapam ao controlo de quem foi seu autor.

Ainda uma terceira questão. Decorre daqui uma certa fortuna cultural (noção que neste contexto obviamente não tem que ver com questões de ordem financeira), resultante dos fatores mencionados.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Eça é o escritor que é, tendo-se fixado numa imagem difícil de alterar, porque os seus textos tiveram o trajeto editorial que lhes conhecemos; e curiosamente (ironicamente, até) esse trajeto foi acidentado e pejado de erros, em parte por estarmos perante um escritor com enorme popularidade e considerável procura, muitas vezes editado e reeditado, nem sempre com zelo e às vezes sem critério, frequentemente ao sabor de vontades que descuidaram princípios de rigor e de escrúpulo editorial. O facto de o legado autoral e a reivindicação do direito de publicar Eça terem dado lugar a processos judiciais diz bem do significado e da dimensão, que é também económica, da fortuna editorial queirosiana [28].

2.5. Se quiséssemos destacar uma nota interessante, de feição histórico-literária, no conjunto da produção literária queirosiana considerada por grosso, observaríamos algo em que nem sempre se atenta: em vida, Eça publicou um número relativamente escasso de livros, se tivermos em conta o que *ante mortem* já era a sua notoriedade como escritor. Por junto e de sua exclusiva autoria, saíram dos prelos cinco títulos, a saber: *O Crime do Padre Amaro* (1876 e 1880)*, O Primo Basílio* (1878)*, O Mandarim* (1880)*, A Relíquia* (1887) e *Os Maias* (1888). O romance epistolar *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) surgiu em regime de coautoria, com Ramalho Ortigão (não curamos agora de saber o que naquele texto pertence a cada um dos autores); por sua vez, os dois volumes de *Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»* (1890-1891) decorrem da coautoria com o mesmo Ramalho, embora neste caso Eça tenha autonomizado e profundamente refundido o que fora a sua participação nos caderninhos d'*As Farpas.* Para além disso e olhando agora o ritmo de publicação da ficção não-póstuma, verificamos que, em contraste com os intensos anos 70, os anos 90 parecem (enganadoramente, diga-se desde já) estéreis: depois d'*Os Maias* e em vida*,* Eça não publicou qualquer novo volume de ficção. Foi este, contudo, o tempo em que trabalhou e retrabalhou os textos destinados ao volume *A Correspondência de Fradique Mendes.*

[28] Ficou famoso e fez doutrina o processo que opôs os herdeiros de Eça à editora Lello & Irmão. Veja-se *Direitos de Autor à Obra Literária de Eça de Queiroz. Peças do Processo Judicial,* Lisboa, s. e., 1969.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ao que fica dito devemos juntar que todas as vezes que teve que republicar um dos seus livros e apenas com uma exceção (a d'*A Relíquia,* cuja segunda edição é de 1891), Eça introduziu no texto substanciais alterações[29]. Os textos que compõem *A Correspondência de Fradique Mendes,* antes ainda de tomaram a forma de livro, vão exatamente por esse caminho, como que confirmando, à distância de alguns anos e em termos editorais ainda assim diferentes, a situação singular d'*O Crime do Padre Amaro,* objeto de três versões, num lapso de tempo relativamente curto, ou seja, entre 1875 e 1880[30].

Quando entramos na zona editorial dos livros póstumos (que é aquela em que encontramos o presente título), a situação torna-se mais complexa e o cânone queirosiano mais discutível ou, no mínimo, «comparticipado». Se nos reportarmos, por agora, apenas a textos ficcionais, verificamos que o elenco de póstumos inclui, publicados como tais, oito títulos, a começar por aquele de que aqui nos ocupamos: *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901), *Lendas de Santos* (incluído em *Últimas Páginas,* 1912), *A Capital* (1925, sem exclamação a seguir ao título e sem o subtítulo *Começos duma Carreira*), *O Conde de Abranhos* (1925, incluindo *A Catástrofe*), *Alves & C.ª* (1925) e *A Tragédia da Rua das Flores* (1980). Acresce a estes um conjunto de contos (*Um Dia de Chuva, Enghelberto* e *Sir Galahad*), conjunto que, a seguirmos a lógica editorial que regeu a publicação dos dispersos, pode subordinar-se ao título genérico e «neutro» de *Contos II*[31].

Eça de Queirós foi, então, um escritor que deixou por publicar mais textos (ficcionais) do que aqueles que editou em vida.

[29] O romance *Os Maias* não foi reeditado em vida de Eça (a segunda edição é póstuma, provavelmente de 1903), o que sugere uma espécie de injusto falhanço comercial que atingiu a obra-prima da ficção queirosiana.

[30] A revisão crítica deste episódio está feita na introdução da mencionada edição d'*O Crime do Padre Amaro* (segunda e terceira versões); a primeira versão será objeto de publicação autónoma.

[31] Foi esse o título adotado nesta série de volumes da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós: *Contos II,* edição de Marie-Hélène Piwnik, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003 (além dos três contos mencionados, acolheu também *A Catástrofe*).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Assim se configura uma situação editorial desde logo carregada de potencialidades interessantes, do ponto de vista da crítica genética e da crítica textual, mas devastadora no que toca à desejável autenticidade do cânone queirosiano [32]. E contudo, a situação descrita requer ainda clarificações adicionais, quando consideramos *A Correspondência de Fradique Mendes,* clarificações que vão confirmando a complexidade do cânone queirosiano, as assimetrias que o caraterizam e os reajustamentos que nele há que introduzir. Com efeito, três dos sete títulos acima mencionados encontram-se numa situação relativamente rara, quando olhamos para casos similares, isto é, escritores cujo cânone se reparte entre póstumos e não-póstumos. Referimo-nos ao facto de *A Correspondência de Fradique Mendes,* tal como *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras,* não serem, em rigor, obras póstumas. O que acerca destes três títulos sabemos é o seguinte: que nos últimos anos da sua vida Eça trabalhou na reescrita de textos já em parte publicados (*A Correspondência de Fradique* e *A Ilustre Casa de Ramires*) e na composição de um romance *(A Cidade e as Serras)* que ampliava um conto (*Civilização,* 1892); que esse trabalho estava por concluir, à data da morte do escritor; que nalguns casos ele estaria relativamente adiantado, já em fase de revisão de provas tipográficas; que, por fim, outras pessoas completaram o que o escritor deixou inacabado, intervindo essas pessoas nos textos em termos que é difícil precisar, mas certamente indo muito além do que seria determinado por um princípio de zeloso cuidado em relação à (suposta) vontade do escritor. Tudo isto justifica a designação de semipóstumos que pode ser atribuída aos três títulos em apreço [33]. Voltaremos a algumas destas questões, nos aspetos em que elas remetem para a presente edição crítica.

[32] As edições crítico-genéticas de dois dos títulos póstumos de Eça confirmam isso mesmo: cf. *A Capital! (Começos duma Carreira),* ed. de L. Fagundes Duarte, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992; *Alves & C.ª*, ed. de L. Fagundes Duarte e Irene Fialho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

[33] No tomo 1.º da *Bibliografía Queirociana,* E. Guerra da Cal cauciona esta designação, chamando a atenção para as vicissitudes de publicação dos títulos em questão (cf. ed. cit., pp. 101-104, 116-118 e 126-129).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

3. Os testemunhos manuscritos: presenças e ausências

3.1. Até ao momento em que o chamado «manuscrito Salema Garção» (BN Esp. E1/310), proveniente da coleção de José Caetano Mazziotti Salema Garção, foi adquirido pela Biblioteca Nacional, em 2004, eram conhecidos poucos autógrafos d'*A Correspondência de Fradique Mendes*: os das *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, publicadas em 1929 pelo filho do escritor; o manuscrito Alberto de Serpa (da Biblioteca Pública Municipal do Porto); mais recentemente, o manuscrito Menéres Campos (carta a Eduardo Prado), de que abaixo falaremos. O manuscrito BN Esp. E1/310 veio dar a conhecer uma nova realidade, no tocante à construção literária de Fradique Mendes, contribuindo de forma muito expressiva para a sua história genética.

Trata-se de um manuscrito misto, com numeração autógrafa salteada, mais uma folha sem numeração (14,5 cm × 23 cm) em papel vulgar, correspondendo a uma nota do autor («N. B. Esta nota é para ser colocada na primeira página das Cartas de Fradique / Cartas de Fradique Mendes* / *Este estudo de que no seu estado incompleto, foram já publicados alguns fragmentos, é hoje dado na forma definitiva, e integralmente, como a indispensável introdução às Cartas de Fradique Mendes sem o qual elas não seriam compreendidas.»), nota que surge no n.º 3 do volume I (1 de setembro de 1889) da *Revista de Portugal*. É este um manuscrito muito corrigido, com muito texto riscado (por vezes páginas inteiras) e com trechos eliminados definitivamente por cruzamento e enquadramento; evidencia ele, além disso, emendas (correções, desenvolvimentos e acrescentos) nas entrelinhas e em todas as margens, muitas delas em chamadas enquadradas, para além de pedaços de papel escrito, colados sobre emendas prévias, eliminando-as e substituindo-as, mais emendas e acrescentos na margem esquerda, e inferior por chamadas enquadradas.

3.2. A numeração salteada do autor permite dividir o manuscrito em onze grupos — e um subgrupo —, como a seguir se discrimina, identificando-os de A a K:

- A — Manuscrito misto de 18 folhas — dezasseis impressos e quatro manuscritos com emendas e numeração autógrafa sequencial numérica e numérico-alfabética a tinta

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

negra. A primeira folha (19 cm × 27 cm) é uma prova de página, à qual foi colado um pedaço de papel com emendas sobre texto anterior. A sua numeração é a das provas. No encabeçamento manuscrito: «Cartas de Fradique Mendes / Fradique Mendes / [Recordações e no] / Memórias e Notas / I». No *incipit* desta prova: «A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Páscoa, — quando ele justamente regressara da África Austral.» As quatro folhas manuscritas, numeradas de 2 a 2c, são autógrafos a tinta negra, de 21 cm × 27 cm, que continuam o relato da primeira folha; provavelmente as emendas eram tantas que Eça substituiu a prova cancelada (e que seria a p. 2) por estas quatro folhas manuscritas. A estas seguem-se, também continuando o relato, 15 folhas de provas semelhantes à primeira, emendadas a tinta negra. À página seis segue-se uma página com numeração tripla: o autor, por lapso, escreveu o número «8», que riscou para substituir por «7-8». *Explicit* na folha 18: «Por fim com um esforço, com [*sic*] Novalis no patamar d'Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que ao outro dia, à uma, religiosamente, mas sem missa, estaria á porta da Casa Havaneza!»

Este conjunto corresponde, com variantes, ao primeiro capítulo das «Memórias e Notas» publicadas na *Revista de Portugal* em 1889-1891 e n'*A Correspondência de Fradique Mendes* de 1900 e aos impressos dos periódicos de 1888, com a diferença do título da parte biográfica, título que com as emendas deste manuscrito se torna definitivo («Notas e Recordações» em 1888). Tanto quanto a análise que fizemos permite concluir, este grupo constitui o material para a composição do passo correspondente (capítulo I das «Memórias e Notas») da *Revista de Portugal*[34]. O ms. Alberto de Serpa mostra,

[34] E contudo, o aspeto gráfico destas provas é diferente do que a *Revista de Portugal* mostra, tanto quanto à mancha da página, como no respeitante ao tipo utilizado. Hipótese plausível: uma alteração do projeto gráfico da *Revista de Portugal* teria levado a uma nova composição, formalmente mais elegante; no rodapé dessa que veio a ser a p. 261 da revista encontra-se a nota pedida

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

entretanto, que essa nova composição sofreu ainda emendas, antes da publicação na *Revista de Portugal*.

- B — Vinte e uma folhas impressas (15 cm × 31,5 cm), que parecem corresponder a provas de granel da *Revista de Portugal*, numeradas de «1» a «21» de acordo com o impresso e com emendas autógrafas a tinta negra. O *incipit* da primeira folha abre novo capítulo («II / [Toda]<Durante> essa noite preparei frases») e a sequência leva até à página 8, onde termina, de acordo com as edições da tradição, o capítulo II das «Memórias e Notas». *Explicit:* «O snr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na véspera, num vapor que ia buscar bois a Marrocos!»

  A folha [9] — o impresso não está numerado — inicia novo capítulo no encabeçamento «III / Alguns anos passaram. Trabalhei, viajei.» As restantes folhas têm a numeração do impresso, salvo a 13, com tripla numeração (números 44 e 360 por mão do autor). A folha 14 não tem número, por lhe ter sido colada uma nova folha, com emendas; foi-lhe cortada também uma numeração de capítulo «IV»: terminava aqui o texto do capítulo III, «me tratava por você», previamente publicado em 1888 n'*O Repórter* e na *Gazeta de Notícias*. A folha 15 é o início do capítulo IV, que corresponde à numeração dos periódicos de 1888, com o *incipit* «As iluminações no Oriente consistem…», fragmento do capítulo III dos impressos posteriores.

- C — Manuscrito misto de 33 folhas, com numeração autógrafa (1-33) e muitas emendas também autógrafas a tinta negra. O primeiro fólio é constituído por um

pelo autor, acima citada, que nos revela Eça no seu melhor: «este estudo» encontrava-se, afinal, muito longe da anunciada «forma definitiva». Mesmo esta nota conheceu alterações importantes, introduzidas na prova que antecedeu a sua inserção na *Revista de Portugal*.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

impresso, recorte de jornal (5,5 cm × 24 cm), com toda a aparência de ser a *Gazeta de Notícias,* colado sobre papel que tem outros pedaços de papel colados nas margens (na esquerda, três camadas de papel sobre a folha original), cobrindo emendas prévias. Este fólio 1 tem o encabeçamento «Cartas de Fradique Mendes / Fradique Mendes / [Not] Impressões e Notas / III» e o *incipit* do recorte «Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes…». Os seguintes são manuscritos autógrafos sobre papel «J. Whatman» com data de 1885. O número 3 tem um pedaço de papel colado, com emendas cobrindo outras emendas anteriores. O fólio 18 tem o *explicit* «…Inteligência, que mais que nenhuma outra, exerceu sobre mim império e sedução.» Corresponde *grosso modo* a parte do capítulo V dos periódicos e ao capítulo III (numeração dupla por lapso? ou de acordo com a deste manuscrito?) dos impressos posteriores.

O fólio 19 introduz novo capítulo IV *(sic)*: trata-se de um recorte de jornal (provavelmente da *Gazeta de Notícias*) colado sobre papel e novo pedaço de papel, recortado, colado sobre o recorte, com emendas. O *incipit* é uma correção ao texto do periódico: «O que impressionava logo n'esta Inteligência, ou antes na sua maneira de se exercer era a extrema liberdade junta á extrema audacia.»

Os fólios 20 a 30 são manuscritos autógrafos sobre papel «J. Whatman», datado de 1885. Do fólio 31 ao fólio 33 voltamos a observar recortes do mesmo jornal colados sobre folhas de papel, com pedaços de papel colados sobre emendas prévias. O fólio 33 tem o *explicit* «Se o bom Deus, um dia, compadecido das nossas hesitações, nos atirasse, lá de cima, do seu ermo, a final explicação da Arte, nós ouviriamos ressoar entre as nuvens, [larga e lenta]<funda e forte como o rolar de mil carros de [guerra]<combate>> a definição de Fradique.» Corresponde este grupo a parte do capítulo V dos jornais de 1888 e ao capítulo III *(sic)* dos

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

impressos de 1889 e 1900. A utilização intermitente de recortes de jornal como ponto de partida para a redação de uma nova versão (provavelmente destinada à *Revista de Portugal*) deixa perceber que, sendo muito significativas as emendas e acrescentos a introduzir, tornava-se muito difícil recorrer àquele processo; por isso, Eça abandona em vários momentos os recortes e volta à escrita «corrida» sobre folhas Whatman [35].

- D — Manuscrito misto com onze folhas, emendado a tinta negra e com numeração autógrafa 1-11. O primeiro fólio é um recorte de jornal (de novo certamente a *Gazeta de Notícias*) sobre uma folha de papel, que tem mais um recorte de papel colado, substituindo emendas prévias. As dimensões são semelhantes às do anterior. O encabeçamento indica «Cartas de Fradique Mendes / Fradique Mendes / Memorias e Notas». O *incipit* do recorte («IV / Fradique juntava a uma larga ciência uma vasta experiência».) foi eliminado. O *incipit* das emendas («A superior inteligência de Fradique tinha o apoio de uma funda e forte cultura.») indica continuidade da sequência narrativa anterior, vinda do conjunto antecedente, e está de acordo com os impressos da *Revista de Portugal* e d'*A Correspondência de Fradique Mendes* nos respetivos capítulos IV *(sic)*. Os fólios 2 a 6 são manuscritos autógrafos, escritos sobre papel «J. Whatman» e marca de água «1885», com emendas. Pela primeira vez neste manuscrito, as folhas estão escritas dos dois lados, mas só numeradas no rosto, como era hábito de Eça de Queirós. Os fólios 7 a 10 são folhas de papel com recortes de jornal colados, no rosto e verso. No fólio 7r foi colado um pedaço de papel sobrepondo-se ao recorte. No fólio 10 há dois recortes de pa-

[35] Pode causar estranheza o facto de as folhas Whatman terem a marca de água de 1885, formando conjunto com impressos de 1888 (os recortes colados). Hipótese a considerar: em 1888, Eça teria ainda papel de 1885.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pel colados sequencialmente sobre a folha de papel. O fólio 11 é um manuscrito autógrafo semelhante aos anteriores com o *explicit* no verso: «influência de Lamartine e da sebenta de Direito Publico.» Equivale ao dos capítulos IV *(sic)* dos impressos posteriores. O que ficou dito acerca das circunstâncias de escrita do conjunto anterior aplica-se ao presente conjunto, provavelmente destinado também à *Revista de Portugal*.

- E — Manuscrito autógrafo, escrito de um só lado, com 34 fólios de numeração quádrupla de substituição e sequencial relativamente ao anterior: «177», «178», «179» e «180»(?) por mão do autor substituídos por «1», «2», «3» e «4», também autógrafos, na margem superior esquerda. Capitulação «V» por mão alheia no fólio 1, que é um manuscrito autógrafo, em papel marca «J. Whatman» de «1886». Encabeçamento: «Cartas de Fradique Mendes / Fradique Mendes / Memórias e Notas». «A ultima vez que Fradique visitou Lisboa foi essa…», correspondendo ao início do capítulo V da *Revista de Portugal* e *A Correspondência de Fradique Mendes* e ao capítulo VII da *Gazeta de Notícias*.

  A partir do fólio 15, e até ao fólio 30, o tipo de papel difere; de 31 a 34 o papel volta a ser da marca «J. Whatman — 1886», com o *explicit*: «Mãos fieis, por seu turno conservam sempre perfumado de rosas frescas o marmore simples que o cobre na terra.», de acordo com os impressos posteriores mas com mais desenvolvimento do que na *Gazeta de Notícias*.

- F — Manuscrito autógrafo de 32 folhas escritas de um só lado a tinta negra e numeração dupla — 35 na continuação da sequência anterior, por mão alheia — e 1-32 por mão do autor. De 1 a 4 as folhas são de papel «J. Whatman — 1886». O encabeçamento do fólio 1 «Cartas de Fradique Mendes / Fradique Mendes / Memórias e Notas / VI» indica nova divisão capitular que, de acordo com o *incipit* «O fino e

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

erudito moralista que assina Alceste na Gazette de Paris dedicou a Fradique Mendes uma Chronica…», equivale ao início dos capítulos VI de 1890 e 1900 e ao início do capítulo VIII da *Gazeta de Notícias*. Nos fólios 5 a 9 muda o tipo de papel, que volta a ser de qualidade «J. Whatman — 1886» nos fólios 10 e 11 e nos fólios 18 e 19. Os restantes têm calibragem de papel diferente. No fólio 32, o *explicit* «[…] o valor intrínseco e a preciosidade do bloco rico a que pertenceram.» corresponde aos dos impressos anterior e ulteriores.

- G — Manuscrito autógrafo de 51 folhas, numeradas pela mão do autor de 1 a 51 e numeração dupla «33» na sequência do anterior, por mão alheia. Escrito a tinta negra de um só lado. No fólio 1, encabeçamento indicando novo capítulo: «Cartas de Fradique Mendes / Fradique Mendes / Memórias e Notas / VII», e de acordo com os impressos de 1890 e 1900 (capítulo VII), o *incipit*: «Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro propósito de silencio — eu, publicando as suas Cartas, pareço lançar…», que desenvolve a segunda parte do capítulo VIII da *Gazeta de Notícias*. O *explicit*, na folha 29, está em concordância com as restantes sequências: «Por isso eu o revelo aos meus concidadãos — como uma consolação e uma esperança.»

- G1 — No seguimento do conjunto anterior, e imediatamente a seguir, inicia-se um novo tipo de discurso — às memórias segue-se a correspondência de Fradique Mendes.

  O fólio 30, com o *incipit* «As Cartas / 1.ª série / I / Ao Visconde de A.-T. / Londres, maio», leva ao fólio 33; o fólio 34, com o *incipit* «II / Madame de Jouarre / (trad.) / Paris, dezembro», ao fólio 39; o fólio 40, *incipit* «III / A Oliveira Martins / Paris, maio)» corresponde aos manuscritos, com variantes,

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dos impressos surgidos em 1888 na *Gazeta de Notícias*, na *Revista de Portugal* (1890) e n'*A Correspondência de Fradique Mendes* (1900).

- H — Manuscrito autógrafo de 49 folhas, escrito a tinta negra de um só lado, com emendas e numeração autógrafas 1-49. No fólio 1, o *incipit* «Cartas de Fradique Mendes / IV / A Madame S. / Paris, fevereiro». Em 8, «V / A Guerra Junqueiro / Paris novembro»; no fólio 31, «VI / A Ramalho Ortigão / Paris, abril» até ao fólio 49, que tem a assinatura «Eça de Queiroz». Nenhuma destas cartas foi publicada na *Gazeta de Notícias*. Todas elas passaram para a *Revista de Portugal* e para *A Correspondência de Fradique Mendes*. A carta VI, a Ramalho Ortigão, foi também publicada n'*A Ilustração*, em agosto de 1890.

- I — Manuscrito autógrafo de 41 folhas, escrito a tinta negra de um só lado, com emendas e numeração autógrafa 1-41. Do fólio 1 ao fólio 21: «Cartas de Fradique Mendes / (1.ª série) / VII / A Madame de Jouarre / Lisboa, abril»; do fólio 22 ao fólio 41: «VIII / Ao Snr. E. Mollinet, Diretor / da Revista de Biografia e d'História / Paris, setembro». O fólio 41 tem a assinatura «Eça de Queiroz.»

  Foram ambas publicadas, com variantes, nos impressos de 1890 e 1900.

- J — Manuscrito autógrafo com 13 folhas emendadas e numeradas pelo autor de 1 a 13. No fólio 1, encabeçamento «II / A Clara… / (trad.) / Paris, maio». Publicado no número de novembro de 1890 [*sic;* 1891]. Na primeira impressão, menção «1.ª série»; na reimpressão, «2.ª série». Publicado com o número IX na edição de 1900.

- K — Manuscrito autógrafo com 21 folhas escritas a tinta negra, emendadas e numeradas pelo autor de 1

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a 21. No fólio 1, encabeçamento «[Novas] Cartas de Fradique Mendes / IX / A Madame de Jouarre / (trad.) / Lisboa, junho)» e anotação na diagonal da margem superior esquerda: «As cartas / (1.ª série)». Publicado no número de dezembro de 1892 [*sic;* 1891] da *Revista de Portugal* e n'*A Correspondência de Fradique Mendes* de 1900; neste caso, com o número X.

3.3. A divisão do manuscrito Salema Garção em agrupamentos de fólios permite uma visualização mais ampla das suas particularidades. Em primeiro lugar, salta à vista a variedade de suportes de escrita, das provas de página aos recortes de jornal colados sobre folhas de papel, mas sobretudo os autógrafos em papel «J. Whatman», datado de 1885 e 1886. A partir destes últimos podemos conjeturar que este manuscrito começou a ser composto antes da previsão de uma publicação próxima n'*O Repórter* e na *Gazeta de Notícias* em 1888, numa etapa por assim dizer tentativa, que terá abortado.

Com efeito, em 1885 já Eça de Queirós projetava «uma série de cartas sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escrita por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Troia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes*!»[36] Esse plano estaria delineado pelo romancista com alguma objetividade, uma vez que a enumeração dos temas e destinatários das Cartas representa, em traços largos, o que haviam de ser, primeiro, «Cartas de Fradique Mendes» e depois *A Correspondência de Fradique Mendes*. O que Eça propunha a Oliveira Martins, então diretor d'*A Província*, era a publicação desses escritos no jornal, o que não se chegou a concretizar.

Depois da saída de Martins d'*A Província*, e da fundação d'*O Repórter,* Eça volta, em 1888, a insistir com o amigo, em termos que confirmam o jogo ficcional que se desejava encenar: «Trata-se, como desde logo deduzes, de fazer para Fradique (não

[36] Carta a Oliveira Martins, de 10 de junho de 1885, *in* E. de Queiroz, *Correspondência,* ed. cit., I, p. 368.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sei se te lembras deste velho amigo) o que está na moda fazer a todos os grandes homens que morreram — publicar-lhe as cartas particulares.»[37] Combinada a publicação, esta compreenderia, de 23 de agosto a 4 de outubro de 1888, seis capítulos das «Notas e recordações», conforme acima se viu. Em 27 de novembro seguinte, já Eça sugeria ao seu editor Genelioux a publicação da *fradiquice* em volume e não tardaria — em 24 de dezembro — a pedir a Oliveira Martins um número d'*O Repórter* para a composição do livro[38]. Em setembro de 1889, as «Memórias e Notas» começam a sair na *Revista de Portugal*.

O agrupamento de fólios por sequências auxilia o cruzamento de equivalências entre divisões do manuscrito e as suas correspondentes sequências narrativas. Pela análise do autógrafo, verifica-se que o capítulo I de E1/310 corresponde aos capítulos I de todos os impressos, mas a partir do capítulo IV (dissemelhante nos impressos de 1889 e 1900) começam a surgir divergências que se repetem até ao final da narrativa. Estas divergências de dimensão dizem respeito, no caso dos periódicos, ao espaço ocupado pelo texto nos jornais, bem como a um erro de numeração no manuscrito, por lapso de Eça, observável numa das folhas do manuscrito BN Esp. E1/310; isto levou a que tanto a *Revista de Portugal* como a primeira edição em livro propagassem esse erro, com dois capítulos numerados III e os restantes em sequência. Ou seja, as «Memórias e Notas» deveriam atingir o cardinal VIII, de acordo com a *Gazeta de Notícias,* e não apenas o VII de 1889-1890 e de 1900.

O texto emendado do manuscrito BN Esp. E1/310 impõe inúmeras correções ao texto prévio, tanto àquele que é de autógrafo original como aos dois tipos de impresso utilizados para a revisão (provas tipográficas e recortes de jornal). A comparação entre o

[37] Carta de 23 de maio de 1888 (E. de Queiroz, *Correspondência,* ed. cit., I, p. 542). Na carta seguinte a Oliveira Martins (datada de 12 de junho de 1888), Eça explica a ambivalente construção ficcional que se propunha levar a cabo; e voltou ainda ao assunto a 6 de julho do mesmo ano. Acerca das origens e desenvolvimentos do projeto fradiquista, veja-se o ensaio já referido de C. Reis, in *Estudos Queirosianos,* ed. cit., pp. 137-155.

[38] Veja-se *Correspondência,* I, ed. cit., respetivamente pp. 610 e 617.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

manuscrito e os dois primeiros impressos — jornais *O Repórter* e a *Gazeta de Notícias* — e entre o manuscrito e os dois impressos posteriores — a *Revista de Portugal* e *A Correspondência de Fradique Mendes* — possibilita uma sua localização temporal, entre os dois pares de impressos. Quer isto dizer que este manuscrito serviu de base para a publicação de «Cartas de Fradique Mendes» na *Revista de Portugal*, entre os finais de 1888 e setembro de 1889.

O cotejo textual corrobora a conjetura, mostrando que as variantes entre os textos de 1888 e da *Revista de Portugal* foram concretizadas nas emendas do manuscrito E1/310. Dá-se a seguir um exemplo comparativo do início do capítulo II[39].

[39] A ortografia foi atualizada em todos os testemunhos.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

II — *R*	II — *GN*	II — E1/310	II — *RP*	II — *CFM*
Toda essa noite preparei frases cheias de profundidade e beleza para dizer a Fradique Mendes. Belas e profundas as devia ele ter gozado nas sua convivências com os Génios da Política e da Arte; mas às minhas certamente acharia um sabor melhor, porque todas tendiam à glorificação das *Lapidárias*. Lembro-me de ter, com especial cuidado, burilado e repolido esta — «A forma de V. Ex.ª é um mármore divino, com estremecimentos humanos».	Toda essa noite[,] fumando cigarros, preparei frases cheias de profundidade e beleza — para dizer a Fradique. Belas e profundas as devería ele ter ouvido nas suas convivências com os Génios da Política e da Arte; mas nas minhas certamente acharia atrativos superiores, porque todas tendiam à glorificação das *Lapidárias*. Lembro-me de ter, com especial cuidado, burilado e repolido esta: — «A forma de V. Ex. é um mármore divino com estremecimentos humanos!»	[Toda] <Durante> essa noite preparei frases, cheias de profundidade e beleza, para dizer a Fradique Mendes. [Belas e profundas as devia ele ter gozado nas suas convivências com os Génios da Política e da Arte: mas às minhas certamente acharia um sabor melhor, porque] Todas tendiam à glorificação das *Lapidárias*. E lembro-me de ter, com especial cuidado, burilado e repolido esta: — «A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos»!	Durante essa noite preparei frases, cheias de profundidade e beleza, para dizer a Fradique Mendes. Tendiam todas à glorificação das *Lapidárias*. E lembro-me de ter, com especial cuidado, burilado e repolido esta: — «A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos»!	Gastei a noite preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique Mendes! Tendiam todas à glorificação das *Lapidárias*. E lembro-me de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido esta: — «A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos!»

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Conclui-se deste cotejo que o manuscrito agora em análise estava, antes de ser corrigido, formalmente mais próximo do texto d'*O Repórter* e que as correções tendem a aproximá-lo do texto da *Gazeta de Notícias* a nível estilístico, sobretudo através do acrescento de sinais de pontuação. No entanto, após as eliminações por riscado, a narrativa do manuscrito quase não diverge da *Revista de Portugal,* constituindo esta, em 1889, a última vontade impressa do autor quanto ao material «Fradique». O excelente estado físico deste manuscrito e a sua arrumação permitem a sua fácil leitura: trata-se, a todos os níveis, de um precioso instrumento para o estudo da oficina de escrita de Eça de Queirós e para a compreensão dos seus processos de trabalho.

Lidos assim, em «progressão», e sabendo-se agora que as inserções n'*O Repórter* foram a base de trabalho para a reescrita destinada à *Revista de Portugal,* os primeiros testemunhos impressos convidam a uma outra conjetura, que tem de o ser uma vez que estarão agora em causa manuscritos *ausentes*, ou seja, inexistentes. Trata-se de tentar responder à seguinte questão: qual a primeira redação, por assim dizer, *em absoluto,* da matéria fradiquista, a d'*O Repórter* ou a da *Gazeta de Notícias*? Como quem diz: qual foi o original e qual foi a cópia?

Para se reforçar a pertinência da pergunta, vale a pena recordar aqui os termos em que Eça explica a Oliveira Martins, na já citada carta de 23 de maio de 1888, o arranjo editorial que os já citados «cambalachos de prosa» exigiam, para se tirar partido da língua comum falada nos dois países e, ao mesmo tempo, para, tanto quanto possível, evitar edições piratas, à época relativamente frequentes. Diz Eça:

> Eu combino as remessas de sorte que cada artigo saia no *mesmo dia,* ou pouco mais ou menos, em Lisboa e no Rio de Janeiro. E como quinze dias de mar separam providencialmente essas duas colmeias de Lusitanos segue-se isto: — que quando a *Gazeta* chegue a Lisboa com artigo meu já esse artigo tem aparecido no *Repórter* há *quinze dias,* que é como se disséssemos há *quinze anos;* e quando o *Repórter* chegue ao Rio de Janeiro com artigo meu, já esse artigo tem aparecido na *Gazeta há quinze dias*

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

> que é como se disséssemos há *quinze séculos* — porque lá é tudo em ponto maior.[40]

Seguindo estes propósitos, ambas as publicações iniciam-se, de facto, praticamente em simultâneo (recorde-se: 23 de agosto de 1888 no *Repórter;* 26 de agosto na *Gazeta*[41]). É claro que, na carta a Oliveira Martins, Eça não entrava (nem tinha que entrar) em pormenores práticos, relativamente ao que seria o original e ao que seria a cópia. Mas é evidente que, também de acordo com o raciocínio que o escritor explanou, não teria havido possibilidade de se usar a primeira publicação *(O Repórter)* como base de trabalho para a segunda *(Gazeta de Notícias),* considerando os «quinze dias de mar» necessários para fazer chegar o texto ao Rio de Janeiro; para mais, em agosto de 1888 o escritor vivia em Inglaterra (mudou-se para Paris em setembro) e *O Repórter* publicava-se em Lisboa. Sendo assim, Eça terá seguramente feito cópia de um primeiro manuscrito (uma primeira campanha de escrita) e, à medida que ia fazendo a cópia (uma segunda campanha de escrita), iria introduzindo nela emendas significativas[42]. A hipótese que colocamos é a de que o manuscrito destinado a

[40] *Correspondência,* ed. cit. I, p. 543.

[41] Entretanto, como se viu já, a publicação na *Gazeta* (inserção diária, apenas com um salto de dois dias em setembro) vai um pouco além d'*O Repórter* (inserção semanal, com exceção de uma semana, no final de setembro), tanto em material publicado como em extensão temporal da publicação. Ainda assim, a penúltima aparição n'*O Repórter* (20 de setembro) ocorre apenas pouco mais de duas semanas depois do passo homólogo da *Gazeta* (início do capítulo V). E o maior desfasamento (um mês) que separa a última inserção d'*O Repórter* (início do capítulo VI) da correspondente publicação na *Gazeta* (4 de setembro) resulta daquele salto de uma semana, nada indicando que ele se tenha devido a omissão de Eça e não a opção editorial do jornal.

[42] A isto acrescente-se o seguinte: à medida que o relato avança vão-se acentuando as divergências entre os textos. Coisa já vista, igualmente: a edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro* evidencia algo parecido e que se traduz na progressiva ampliação e (de novo) divergência do texto da terceira versão em relação ao da segunda, o que acaba por tornar muito difícil (às vezes impossível) o paralelo entre ambas as versões. O episódio final do romance, com o acrescento de um subepisódio, culmina de forma eloquente este processo de ampliação.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O Repórter terá servido de base para a cópia dirigida à *Gazeta de Notícias,* parecendo evidente que, dadas as distâncias geográficas, ambos os textos teriam que ser enviados para os seus respetivos destinos praticamente ao mesmo tempo.

Aprofundando esta hipótese e lendo, em confronto, os dois testemunhos impressos citados (publicados em datas muito próximas: 30 de agosto, n'*O Repórter;* 27 de agosto, na *Gazeta*), notamos as seguintes diferenças: um acrescento («fumando cigarros», na *Gazeta*), mais um travessão (bem típico da pontuação elaborada de Eça), «ouvido» (na *Gazeta*) por «gozado», «nas minhas» por «às minhas» *(O Repórter)* e «acharia atrativos superiores» *(Gazeta)* em vez de «acharia um sabor melhor». Mesmo que apenas em função de uma leitura impressionista, fundada na imagem holística que possuímos do estilo queirosiano, o texto da *Gazeta* parece mais cuidado, exibindo um refinamento (p. ex., a expressão «acharia atrativos superiores») que se confirma pela adição «fumando cigarros»; o que assim completivamente fica reforçado é o nervosismo daquela noite de preparação, antes do desejado encontro com o poeta das *Lapidárias*. Tudo isto e ainda o seguinte: na *Gazeta,* Fradique Mendes é simplesmente Fradique, como se o nome tivesse sido repensado, para insinuar um grau de intimidade que se desejava e que estava a começar; uma intimidade que, para mais, já existia no tempo da narração, prevalecente sobre o tempo da história. Mais do que isto não é possível aduzir, sem a segurança que só uma sistemática análise estilística consentiria.

3.4. Como terá ficado evidenciado, o manuscrito Salema Garção é o mais complexo, diversificado e significativo de todos os testemunhos manuscritos de que hoje dispomos, quer para esclarecer aspetos importantes da composição do macrotexto *A Correspondência de Fradique Mendes,* quer para proceder a indagações genéticas que aqui tratamos tão-só de sugerir. Veio este manuscrito agregar-se, então, aos restantes materiais do espólio queirosiano (designadamente as cartas de Fradique deixadas inéditas por Eça), bem como ao manuscrito Alberto de Serpa. É deste que agora trataremos.

O conjunto de materiais a que chamamos manuscrito Alberto de Serpa pertence atualmente aos fundos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que os acolheu depois de terem aqueles

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

materiais estado durante anos na posse do referido poeta [43]. Trata-se, na verdade, de dois conjuntos de papéis, com proveniência e configuração distintas:

- Um manuscrito propriamente dito, identificado como M-SER-358 e composto por dez folhas numeradas, escritas na frente e verso (exceto a última) em caligrafia legível, mas com abundantes emendas, assinado «Eça de Queirós» e datado de «Bristol, abril». Trata-se de um ensaio sobre a poesia francesa contemporânea («a única que conhecemos em Portugal», diz Eça) que serviu de prefácio ao volume *Aquarelas,* de João Dinis [44], e que não interessa para esta introdução.
- Um conjunto (identificado M-SER-357) constituído por 124 folhas de provas tipográficas e páginas da *Revista de Portugal,* publicação a que se reportam também as mencionadas provas. Todas elas integram texto d'*A Correspondência de Fradique Mendes,* com óbvia importância neste contexto.

Neste segundo conjunto é possível identificar, conforme ficou sugerido, dois subconjuntos:

- Um subconjunto de provas de página emendadas, correspondentes às pp. 261 a 283 do vol. I e às pp. 731-738 do vol. III da *Revista de Portugal* (nú-

[43] Alberto de Serpa (1906-1992) pertenceu ao grupo da *Presença* e afirmou-se sobretudo como poeta e ensaísta. Secretariou a *Revista de Portugal* (1937-1940), elegante publicação literária dirigida por Vitorino Nemésio a que não foi indiferente o exemplo da homónima revista fundada por Eça; daí certamente terá resultado o interesse de Serpa por este conjunto de materiais. A aquisição por parte da Biblioteca Pública Municipal do Porto ocorreu por ocasião de um leilão organizado pelo alfarrabista Manuel Ferreira. No catálogo elaborado para este leilão, os materiais em causa são descritos no número 357.

[44] Veja-se *Almanaques e Outros Dispersos,* ed. de Irene Fialho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, pp. 213-220.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

meros 1-23 e 105-112, de acordo com a numeração atribuída pela BPMP).

- Um subconjunto de folhas da *Revista de Portugal,* correspondentes às pp. 521 a 543 e 759 a 769 do vol. I e 21 a 29, 225 a 239, 382 a 397 e 680 a 691 do vol. II daquela publicação (BPMP: números 24-79, 81-103 e 113-123[45]).

Vejamos com o pormenor possível o que se encontra nestes impressos emendados pelo punho de Eça e como essas emendas se projetam na presente edição crítica.

O primeiro subconjunto é constituído por provas já paginadas (provavelmente últimas provas, mas não ainda a chamada prova de página), destinadas à edição da *Revista de Portugal,* conforme é atestado pelo tipo de emendas que nelas encontramos. Por exemplo: retoca-se a nota da página de abertura («Este estudo, de que no seu estado incompleto…»), nota que não se encontra em 1900, ao mesmo tempo que acrescentos importantes (p. ex., nas pp. 263, 266, 267 e *passim*) são transcritos também em nota manuscrita e bem legível, para maior clareza da emenda. Com o avanço do texto verificam-se ligeiros desajustamentos da paginação, no confronto prova-página: na p. 264 o texto final da *Revista de Portugal* «ganha» uma linha puxada da página seguinte da prova, retomando-se a correspondência na p. 273, de novo perdida na p. 274. Registe-se que, como era usual, a prova não tinha ainda o encabeçamento (Revista de Portugal) que se encontra depois na página definitiva e já emendada; nesta a numeração sobe para os cantos superiores esquerdo (página par) e direito (ímpar). A mesma tendência verifica-se no grupo seguinte deste conjunto, ou seja, as provas destinadas às pp. 731-738 do vol. III (carta a Madame de Jouarre, primeira da segunda série). O que, tudo por junto e para aquilo que aqui interessa, significa que este subconjunto não tem que ser considerado diretamente na edição crítica propriamente

[45] Como se vê, a ordenação atribuída pela BPMP não é a mais lógica, tendo em conta não apenas o texto d'*A Correspondência de Fradique Mendes,* mas também a alternância de grupos de provas com grupos de páginas.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dita; ele não configura ainda a última vontade do escritor, mas é certamente muito importante para um estudo genético que venha a ser feito [46].

O segundo subconjunto é composto por folhas da *Revista de Portugal,* visivelmente arrancadas para servirem de ponto de partida para a publicação do livro. Fixando-nos nas folhas destacadas do vol. I (pp. 521-543), verificamos que sobre essas folhas Eça foi acumulando emendas e procedendo a supressões, como que trabalhando sobre uma versão a superar. Representa o texto emendado um estádio final, ou seja, um texto *ne varietur*? Uma observação manuscrita do punho de Eça, no alto da p. 521 (n.º 81 na ordenação da BPMP) parece sugerir isso mesmo. «Segue logo imediatamente à prova de página — 58», diz essa observação, o que bate certo com a paginação de 1900; mas logo a seguir encontramos uma outra e inequívoca anotação: «Precisam-se outras provas». E o pedido faz sentido, dada a quantidade e a complexidade de emendas que Eça introduziu. Confirme-se o que fica dito com o breve cotejo de um final de capítulo (o quarto [47]), transcrevendo-se à esquerda a página arrancada com abundantes correções e à direita o passo correspondente de 1900 (negritos nossos), passo que não corresponde exatamente ao que fora emendado:

Ms. Alberto de Serpa	***CFM,* 1900**
Esta regra, dum orgulho apenas permissível talvez a um Spinoza ou a um Kant, dirigia severamente a sua conduta: pelo menos comigo assim se comportou, imutavelmente, através da nossa ativa convivência, não se abrindo, não se oferecendo todo senão nas funções da Inteligência — daquela Inteligência, que mais que nenhuma outra exerceu sobre mim império e sedução.	Esta regra, dum orgulho apenas permissível a um Spinosa ou a um Kant, dirigia severamente a sua conduta. Pelo menos comigo assim se comportou imutavelmente, através da nossa ativa convivência, não se abrindo, não se oferecendo todo, senão nas funções da Inteligência. **Por isso talvez, mais que nenhum outro homem, ele exerceu sobre mim império e sedução.**

[46] A este subconjunto juntaram-se depois cópias de mais quatro páginas (287 a 290 do vol. I) que nos foram cedidas por A. Campos Matos. Estas cópias alargam um pouco mais o *corpus* de provas paginadas de que temos estado a falar.

[47] Corrigimos o erro de numeração dos capítulos, erro que, como se disse, sintomaticamente já existe na *Revista de Portugal* e é reproduzido na edição em livro.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Em resumo: as tais «outras provas», situadas entre o Ms. Alberto de Serpa e o livro de 1900, terão existido mesmo, dando lugar a novas intervenções. Por essa razão, o texto emendado que o Ms. Alberto de Serpa faculta não corresponde ao estado *ne varietur,* que, para todos os efeitos, continua a ser o de 1900.

A sequência das páginas arrancadas à *Revista de Portugal* (I, pp. 759-769; II, pp. 21-29, 225-239, 382-397 e 680-691; BPMP: números 24-79 e 113-123) e dos trechos correspondentes em 1900 confirma o que fica dito. À revelia de um qualquer padrão regular de emendas, há passos completamente «limpos» (p. ex.: as três últimas páginas da carta a Oliveira Martins), em contraste com outros que necessitaram de papéis colados à margem e no topo da página (carta a Guerra Junqueiro). E num determinado momento, Eça hesitou: no início da carta a Ramalho alterou «Paris, maio» para «Paris, junho»; depois cancelou a emenda e fixou «Paris, abril». Episodicamente podem ler-se breves anotações do tipógrafo («Lido até aqui e composto», na p. 760). Por fim: apesar de em geral as emendas serem acolhidas no texto em 1900, em certos passos isso não acontece, reforçando-se assim a convicção de que, depois destas, existiram ainda novas provas, conducentes ao texto de 1900. Outro breve cotejo, com negritos nossos:

Ms. Alberto de Serpa	***CFM,* 1900**
[…] e o seu perdão descia logo como manifestação da Piedade que nele tão esplendidamente abundava por tudo quanto é fraco e frágil. **Mas** a sua bondade não se limitava a esta expressão passiva.	[…] e o seu perdão **subia** logo **do fundo dessa** Piedade que **jazia na sua alma, como manancial de água pura em terra rica, sempre pronto a brotar.** A sua bondade**, porém,** não se limita a esta expressão passiva.

Entretanto, uma vez que não dispomos de provas posteriores à *Revista de Portugal* e próximas do livro de 1900 (provas que talvez traduzissem uma última vontade do autor), optaremos, na construção do aparato, por privilegiar o cotejo do texto do segundo (livro) com o da primeira (revista). Noutros termos: o que se encontra no Ms. Alberto de Serpa — ou seja: as folhas arrancadas e emendadas — não corresponde ainda, de qualquer

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

forma, a uma última vontade, antes do volume. Por outro lado, a publicação d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (ou *Cartas de Fradique Mendes*) na *Revista de Portugal* constitui, para todos os efeitos, o *corpus* mais extenso e consistente deste complexo e algo fugidio macrotexto queirosiano, antes do aparecimento do livro.

3.5. Chegados a este ponto e mesmo que seja necessário retomar sinteticamente questões já abordadas, importa considerar aspetos específicos da construção de um macrotexto intitulado *A Correspondência de Fradique Mendes,* incluindo as decisões que essa construção exige, num quadro editorial afetado por um problema especialmente significativo na história literária de Eça de Queirós. Referimo-nos à publicação de volumes de textos dispersos (em especial os que apareceram na imprensa), problema agravado no caso dos póstumos ou até dos chamados «semipóstumos», como é o caso d'*A Correspondência de Fradique Mendes.*

O plano desta Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós é, aliás, elucidativo, no respeitante à fundada necessidade de serem introduzidas correções, nalguns casos drásticas, no subconjunto dos volumes de dispersos queirosianos. Assim, não faz hoje qualquer sentido manter títulos como *Prosas Bárbaras* ou *Notas Contemporâneas.* Nem mesmo o facto de eles terem vigorado ao longo de um século de vida editorial deve fazer esquecer o seguinte: nenhum deles foi diretamente escolhido por Eça (quando muito, o primeiro terá sido meramente aventado pelo escritor); muito menos é da sua responsabilidade a composição editorial de cada um daqueles volumes, que reúnem textos sobretudo publicados na imprensa oitocentista, sendo que o segundo deles é uma verdadeira manta de retalhos, no que toca a proveniência, configuração genológica e datas de publicação original.

Não chega a tanto o caso d'*A Correspondência de Fradique Mendes,* antes de mais por uma razão simples: Eça quis, sem dúvida, publicar em volume o que antes dera a conhecer de forma dispersa e trabalhou para isso até ao final da vida (recordá-lo-emos com pormenor mais adiante). O ponto de partida para esse volume seria o que na imprensa oitocentista fora publicado de forma dispersa, devendo ser aqui sublinhada a importância da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, conforme foi mostrado

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sobretudo por Elza Miné [48]. E este não é um pormenor isento de consequências, no plano semântico e sobretudo no plano pragmático: temos aqui um escritor português e europeu (tão europeu como quem vive em Paris, nos fins do século XIX), a escrever também para a antiga colónia, de um ponto de vista não isento de preconceitos eurocêntricos e pós-colonialistas. Além disso, a correlativa proximidade temporal de muitos destes textos — em vários casos, aparentemente o mesmo texto surge, praticamente em simultâneo, em duas ou em três publicações distintas — está longe de significar estabilidade textual; o grau de diferença entre esses textos convida muitas vezes a falar em diferentes versões e não apenas em reelaborações estilísticas de um mesmo texto.

A organização do volume *A Correspondência de Fradique Mendes*, aparecido em 1900, pouco depois da morte de Eça, obriga a formular várias perguntas, em parte já adiantadas por Guerra da Cal e depois retomadas por Ofélia Paiva Monteiro [49], como uma espécie de «aviso à navegação» dos editores: até que ponto Eça preparou a edição e reelaborou os textos? Com que zelo terá agido Júlio Brandão («um literato do Porto», como escreveu Ramalho Ortigão, quando se quis livrar da tarefa que lhe havia sido pedida), ao proceder à revisão final do livro, se é que foi ele quem o fez? [50] Quem escolheu aquelas cartas e por que razão excluiu outras? E quem as ordenou? Uma coisa é certa: a ordenação das cartas, no volume de 1900, segue, em boa parte, decisões anteriores tomadas pelo próprio Eça, decisões que ele poderá ter estendido à construção do livro. Ou seja: até à carta VIII, *inclusive,* respeita-se a ordem de publicação na *Revista de Portugal,*

[48] Cf. a introdução, em coautoria com Neuma Cavalcante, a Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»,* ed. cit. Cf. também Elza Miné, *Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o Jornalismo no Século XIX,* São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.

[49] Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografía Queirociana,* ed. cit., I, pp. 101-104; Ofélia Paiva Monteiro, «Sobre a excentricidade humorística de Fradique», in *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração,* 5/6, dezembro/julho de 1993-1994, pp. 193-197.

[50] Guerra da Cal duvida que Júlio Brandão se tenha, de facto, encarregado desta tarefa (cf. *Bibliografía Queirociana,* ed. cit., I, p. 104).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

não sendo de excluir, contudo, que outrem que não o escritor tivesse adotado um critério conservador*;* as cartas IX e X ainda vêm da *Revista de Portugal,* mas a sua ordem está invertida; a partir daí começam a entrar as cartas provindas de crónicas, mais as que são endereçadas a Clara. Seja como for, as respostas àquelas perguntas sempre serão inseguras e provisórias, enquanto se não dispuser de mais materiais, para além dos que aqui temos trabalhado, pese embora a relevância de alguns deles, como é o caso dos manuscritos Salema Garção e Alberto de Serpa.

Igualmente relevantes são as sete cartas de Fradique Mendes deixadas de fora da publicação em livro e que nem mesmo foram objeto de uma publicação avulsa em vida de Eça. No que a esta edição crítica diz respeito, há que decidir em que local devem elas integrar o *corpus* epistolográfico fradiquista, sendo certo que, na sua maioria, as cartas inéditas de Fradique apresentam inquestionável importância para o conhecimento do fradiquismo. Apenas para registo, inserimos aqui desde já o quadro que se refere às que se encontram na Biblioteca Nacional, desde que o espólio queirosiano ali foi incorporado. Menciona-se ainda uma versão prévia aparecida na *Gazeta de Notícias*. Assim:

Gazeta de Notícias	**Ms. BN Esp. E1**	***CIFM,* 1929**
	A E… (E1/297).	A E… (VI) pp. [41]-58.
	A… (E1/298).	A… (V) pp. [33]-40.
	A Sturmm (E1/299).	A Sturmm (I) pp. [1]-7.
	A Madame de Jouarre (E1/300).	A Madame de Jouarre (III) [14]-19.
	A Vargette (E1/301).	A Vargette (II) pp. [8]-13.
«Tema para versos — I» (2 de abril de 1893) [51].	Meu bom sobrinho Manoel — (E1/302).	A Manuel (IV) [20]-32.

[51] Na Fundação Eça de Queirós encontra-se cópia dos recortes desta publicação na *Gazeta de Notícias,* com emendas autógrafas, em tudo semelhantes aos impressos descritos acima como conjuntos C e D do manuscrito Salema Garção. Voltaremos a estes materiais.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Para além da chegada ao espólio de Eça dos materiais Salema Garção, foi possível ainda, há alguns anos, aceder a três manuscritos queirosianos, facultados à Biblioteca Nacional, para depósito temporário, análise e cópia digital, pelo Dr. João Paulo Menéres Campos. Trata-se do relato *S. Frei Gil* (texto que, como é sabido, faz parte do tríptico das *Lendas de Santos),* da conhecida e muitas vezes citada carta a Camilo Castelo Branco e da carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado. É esta que aqui interessa comentar, por ser aquela cujo manuscrito mais recentemente foi conhecido [52].

Como se sabe, a carta que começa «Meu caro Prado» veio a ser postumamente inserida nas *Últimas Páginas* e aí intitulada (de forma precipitada, como depois se viu) «Última carta de Fradique Mendes». O que esta carta patenteia é alguma coisa do atribulado destino de incertezas que carateriza a epistolografia fradiquista; para além disso, ela ilustra um aspeto crucial do pensamento de Fradique Mendes: a crítica à descaraterização cultural do Brasil e à ânsia brasileira de importar ideias e atitudes da velha Europa, mais particularmente da França. O tema não podia ser mais pertinente, uma vez que o destinatário desta reflexão não só tinha nacionalidade brasileira, como também era dos amigos de Eça aquele em quem se revelava mais intenso o fascínio pelo luxo e pela civilização parisienses do fim do século [53].

O manuscrito em que se leem as críticas fradiquistas ao Brasil e aos brasileiros representa um momento ainda relativamente primordial de redação. Escrito a tinta, em 23 folhas e de um só lado, com a típica margem larga à esquerda, ele apresenta-se-nos extremamente emendado, com múltiplas correções de toda a ordem, chegando essas correções, nalguns casos, a três tentativas para encontrar o adjetivo ajustado; noutros casos, várias linhas

[52] Em C. Reis, «Nótula sobre três manuscritos queirosianos», *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, s. 3, n.º 7, 2000, pp. 131-139, procedeu-se à análise sumária destes materiais e do seu significado histórico-literário.

[53] Pelo que se refere à crítica ao francesismo, esta carta revela óbvias afinidades com o pensamento queirosiano, em «O 'francesismo'», igualmente deixado inédito e integrado nas *Últimas Páginas* (1912) e também com o prefácio de *Aquarelas* de João Dinis (cf. *Almanaques e Outros Dispersos,* ed. cit., pp. 213-220).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do texto são riscadas e reescritas à margem, sendo estas, ainda assim, por vezes de novo canceladas; abundam, além disso, os entrelinhados, tornando problemática a leitura de certos passos. Do ponto de vista da sua integração na economia interna desta edição, o manuscrito da carta a Eduardo Prado acrescenta-se ao subconjunto de materiais que acima ficaram registados no quadro referente às cartas inéditas de Fradique (E1/297 a 302).

Por fim, importa dizer que se não dispõe, neste momento, de elementos seguros que permitam a datação desta ou das restantes cartas inéditas, para além, naturalmente de se aventar que elas serão coevas das que Eça publicou, ou talvez um pouco mais tardias. E isto porque, quando nos respetivos manuscritos existem marcas de água, elas são sempre de 1888.

3.6. Não são de resolução fácil as decisões atinentes à escolha do texto base d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, incluindo o *corpus* epistolar que a integra. Convém lembrar que as decisões que levaram à construção do macrotexto de 1900 (seja quem for que tomou tais decisões) acabaram inevitavelmente por condicionar o nosso trajeto de leitura do epistolário de Fradique Mendes, a configuração da sua personalidade e a imagem que dele a posteridade constituiu. Uma posteridade que agora já o não é apenas em relação ao poeta das *Lapidárias,* mas também em relação ao próprio Eça de Queirós, tendo em vista a ilustração do seu cânone textual e uma sua estabilização *in fieri.* Deste ponto de vista, *A Correspondência de Fradique Mendes* não está só: *O Livro de Cesário Verde* e o *Livro do Desassossego por Bernardo Soares* fazem-lhe, antes e depois, uma ilustre companhia, enquanto *livros póstumos e instáveis* (talvez eternamente instáveis), como o são outros casos geniais que a nossa literatura conhece, a começar pelas *Rimas* de Camões[54]. Irónica ou premonitoriamente, o próprio Fradique contribuiu para aquela instabilidade, pondo em causa, por razões temperamentais e por opções calculadas, a possibilidade de existência do livro enquanto tal. O narrador e

[54] Esta questão foi retomada num ensaio de Frederico Lourenço, «O contributo das *Rhythmas* de 1595 para a ordenação dos poemas líricos de Camões», in *Relâmpago,* 20, 2007, pp. 13-22.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

biógrafo de Fradique, que muito bem o conheceu, afirma, a propósito do espólio do amigo, «que nesse cofre de ferro, perdido num velho solar russo, não existe uma *obra* — porque Fradique nunca foi verdadeiramente um *autor*»[55]. E Fradique ele mesmo confirma a razão de uma tal ausência: explicando a sua recusa em escrever um livro sobre África, declara perentoriamente a sua incapacidade de escrever «uma *prosa como ainda não há*!» E conclui:

> — E como ainda a não há, é uma inutilidade escrever. Só se podem produzir formas sem beleza: e dentro dessas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é redutível ao verbo.[56]

Sabendo-se desde logo que lidamos aqui com um semipóstumo, importa ter em conta que a sua feição em parte macrotextual (referimo-nos, evidentemente, à coleção constituída pelo epistolário fradiquista) obriga a colocar as questões que acima foram mencionadas, quanto à escolha das cartas que devem integrar o epistolário e quanto à sua ordenação. Acresce a estas uma outra, já formulada: que destino deve ser dado às cartas que não integraram a edição de 1900, em geral conhecidas como *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*?

A fim de fazermos as opções de que esta edição carece, torna-se necessário recordar alguns episódios da história editorial deste título queirosiano. Para tal, baseamo-nos na síntese elaborada por Guerra da Cal, nos verbetes 350 e 544 da *Bibliografia Queirociana.* Assim:

- É inequívoco que Eça tinha o propósito de reunir o epistolário fradiquista, mais a respetiva introdução, num livro, mencionado como trabalho a «serializar» logo na carta a Oliveira Martins[57] em que propunha a publicação n'*O Repórter*.

[55] *A Correspondência de Fradique Mendes,* ed. cit., p. 111.

[56] *Ibidem,* p. 115.

[57] «De facto todo um livro», diz Eça. «Livro, porém, que se pode publicar aos bocados, todas as semanas, sem lhe prejudicar a unidade e o interesse» (*Correspondência,* I, ed. cit., p. 542).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

- A ideia do livro é depois formalmente apresentada ao editor Genelioux, em 1888, proposta aceite por este (carta de 27 de novembro de 1888).
- O tal livro veio a ser anunciado na *Revista de Portugal,* em 1891 (vol. III, 14), referindo-se-lhe o anúncio como estando no prelo. Deparamos, assim, com um daqueles episódios de arrastamento da edição de um título queirosiano, como já acontecera nos casos d'*A Capital!* e d'*Os Maias.*
- Um novo anúncio na *Revista de Portugal,* referindo-se a um primeiro volume, pressupunha o projeto (ou, pelo menos, o intuito) de um segundo volume.
- Nos anos seguintes, continuou a ser adiada a publicação do livro. Prosseguiu o diálogo epistolar do escritor com os editores impacientes, sublinhando Eça a importância de se respeitar uma certa ordenação das cartas; estava-se nisto em 1894 e o máximo que os editores conseguiram foi a redução para 24 do número de cartas inicialmente previsto (ou seja: 30).
- Nem isso permitiu que o livro aparecesse. De modo que, quando Eça morreu, em 1900, os editores decidiram publicar o que tinham, mas não sem submeterem o texto a uma revisão que, tendo sido inicialmente encomendada a Ramalho Ortigão, acabou por ser confiada, como se disse, a Júlio Brandão.

De tudo isto é fácil concluir o que em diversos momentos desta introdução ficou sugerido: «No se puede, por lo tanto, afirmar com garantía alguna de certidumbre que el contenido y disposición de ese volumen póstumo, tal como lo conocemos, responda a los criterios que lo informarían si su autor lo hubiese visto nacer»[58]. Em todo o caso, é importante lembrar a estrutura e o conteúdo do volume de 244 páginas editado em 1900 com a chancela da Livraria Chardron e que aqui se retoma, isolado

[58] E. Guerra da Cal, *Bibliografía Queirociana,* ed. cit., tomo 1.º, p. 102.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do quadro acima inserto e referido ao conjunto dos textos que compõem *A Correspondência de Fradique Mendes*. Assim:

- Introdução (oito capítulos, com um erro de numeração: repete-se o número III);
- Cartas, assim elencadas:

I. Ao Visconde de A.-T.
II. A Madame de Jouarre.
III. A Oliveira Martins.
IV. A Madame S.
V. A Guerra Junqueiro.
VI. A Ramalho Ortigão.
VII. A Madame de Jouarre.
VIII. Ao Sr. E. Mollinet.
IX. A Clara…
X. A Madame de Jouarre.
XI. A Mr. Bertrand B.
XII. A Madame de Jouarre.
XIII. A Clara…
XIV. A Madame de Jouarre.
XV. A Bento de S.
XVI. A Clara.

A questão da escolha destas cartas — quem quer que as tenha realizado ou deva realizar — pode ser ajudada pelo conhecimento que temos do que foi a inserção de epístolas fradiquistas, por decisão do próprio Eça, nos jornais e revistas em que elas apareceram, em vida do escritor. O que permite dizer que, até informação ou documento em contrário, aquelas cartas estão autorizadas pelo escritor — ilação que não se estende à forma final dos respetivos textos, sendo bem conhecida a tendência queirosiana para emendar até ao último momento [59].

[59] Foi isso que aconteceu, conforme acima se viu, no trajeto que levou das emendas do texto da *Revista de Portugal* (manuscrito Alberto de Serpa) até ao volume de 1900.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Os quadros seguintes, desagregados dos que anteriormente aqui elaborámos, reportam-se unicamente às cartas de Fradique e integram as peças epistolares que o escritor autorizou. Assim:

Revista de Portugal	***Incipit***	**Cartas**
1890: vol. II, n.º 2, fevereiro, pp. [225]-239.	[…] As Cartas (1.ª Série).	I: Ao Visconde de A.-T. II: A Madame de Jouarre. III: A Oliveira Martins.
1890: vol. II, n.º 3, março, pp. [382]-397.	As Cartas (1.ª Série).	IV: A Madame S. V: A Guerra Junqueiro VI: A Ramalho Ortigão.
1890: vol. II, n.º 4, abril, pp. [680]-691.	As Cartas (1.ª Série).	VII: A Madame de Jouarre. VIII: Ao Snr. E. Mollinet.
1890 [*sic,* 1891]: vol. III, n.º 18, novembro, pp. [731]-738.	As Cartas (2.ª Série).	I: A Madame de Jouarre.
1892 [*sic,* 1891]: vol. IV, n.º 19, dezembro, pp. [45]-48.	As Cartas (2.ª Série).	II: A Clara…

A Ilustração	***Incipit***
Vol. VII, 16, 7.º ano, 20 de agosto de 1890.	Cartas de Fradique Mendes (A Ramalho Ortigão).

Gazeta de Notícias	***Incipit***	**Cartas**
316, 13 de novembro de 1892.	Quatro cartas de amor. A Clara.	[I]
324, 20 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	II
328, 24 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	III
331, 27 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	IV

Convém notar desde já três coisas. Uma: neste conjunto disperso por três títulos de imprensa há duas repetições, a da carta a Ramalho Ortigão e a da primeira carta a Clara. Outra: na edição semipóstuma de 1900 falta a última carta a Clara, publicada

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a 27 de novembro de 1892 na *Gazeta de Notícias* (voltaremos a esta questão). Outra ainda: a edição de 1900 acrescentou a este conjunto quatro cartas que decorreram da reescrita, em formato epistolar e com assinatura de Fradique, de textos que anteriormente haviam sido crónicas. Referimo-nos às cartas a Mr. Bertrand B. (XI, em 1900), a Madame de Jouarre (duas, as XII e XIV) e a Bento de S. (XV). Assim:

A Correspondência de F. Mendes	**Crónica**
Carta XI (A Mr. Bertrand B.).	«O caminho de ferro de Jerusalém», *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 1892, ano XVIII, n.º 290, 17 de outubro, p. 1 [assinada: João Gomes].
Carta XII (A Madame de Jouarre).	«Quinta de Frades», *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 1892, ano XVIII, n.º 208, 27 de julho, p. 1.
Carta XIV (A Madame de Jouarre).	«Padre Salgueiro», *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 1892, ano XVIII, n.º 164, 13 de junho, p. 1.
Carta XV (A Bento de S.).	«Crónica. Carta a Bento», *Revista Moderna,* Paris, 1897, ano 1.º, vol. I, n.º 3, pp. 69-72. [assinada: Eça de Queirós].

No pequeno conjunto assim formado (entre a XII e a XIV está uma das cartas a Clara) há textos que remetem para volumes desta edição crítica: referimo-nos às crónicas «Quinta de Frades» (carta XII) e «Padre Salgueiro» (XIV), que estão em *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»),* já citado [60]; um outro texto, a «Crónica. Carta a Bento» (XV), não entrou no volume *Textos de Imprensa V (da «Revista Moderna»),* da responsabilidade de Elena Losada Soler, por se entender que é aqui que se justifica a sua integração, de acordo com a feição epistolar que o enforma. A relativa novidade daquele conjunto é a revelação há pouco feita da proveniência da Carta a Mr. Bertrand B. (XI), que não se encontra nem no heteróclito livro póstumo *Notas Contemporâneas* (editado em 1909 por Luís de Magalhães), nem nas restantes antologias póstumas. Vale a pena explicar como se chegou a tal revelação.

[60] Respetivamente: pp. 259-263 e 273-276.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

3.7. Em 1990, Elza Miné, investigadora que se dedicou ao estudo da colaboração literária de escritores portugueses na *Gazeta de Notícias*, mostrou que a «Carta a Bento de S.», d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, resultara da transformação, por eliminação de alguns trechos e desenvolvimento de outros, de uma crónica sem título saída na *Gazeta*[61]. Sabendo-se que outras cartas de Fradique tinham resultado de um processo semelhante de reformulação por parte do autor, ficava aberta a possibilidade do reencontro com outras peças queirosianas esquecidas.

A pertinência da hipótese formulada foi confirmada pela consulta da primeira edição de *Eça de Queirós — In Memoriam.* Encontra-se neste volume um velho *hors-texte*, reprodução de um recorte de jornal colado sobre uma folha de papel, com acrescentos nas margens e numeração, do punho do autor, em tudo semelhantes a outros recortes usados por Eça na elaboração da sua obra fradiquista, trazendo aquele *hors-texte* a legenda «A Correspondência de Fradique Mendes — Uma prova emendada por Eça de Queirós»[62]. A comparação com as cartas de Fradique publicadas em 1900 permitiu encontrar o texto transformado: tratava-se da carta «XI — A Mr. Bertrand B. — *Engenheiro na Palestina*», primeira da série inédita no volume de 1900, uma vez que as dez anteriores tinham saído previamente em diversas publicações e as que se lhe seguiam estavam todas identificadas como resultantes do reaproveitamento de textos jornalísticos; por isso, esta era considerada como sendo a única original do livro de 1900[63].

O tema desenvolvido, a inauguração do caminho de ferro entre Jafa e Jerusalém em 26 de setembro de 1892, permitia a datação aproximada do texto entre setembro e outubro daquele ano. Tratava-se de saber de que publicação provinha o recorte emendado. Foi Elza Miné que, observando o fac-símile, identifi-

[61] Cf. o capítulo «Pecados, virtudes e vícios dissolventes do Jornalismo», in *Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX,* São Paulo, Ateliê Editorial, 2000, pp. 91-107. Cf. também *Textos de Imprensa IV,* ed. cit., pp. 455-462.

[62] Cf. *Eça de Queirós — In Memoriam,* Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922, entre as pp. 288 e 289.

[63] Assim o diz Guerra da Cal, no verbete 354 da *Bibliografia Queirociana.*

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cou as colunas da *Gazeta de Notícias*; e foi também Elza Miné que nos enviou do Brasil o microfilme do jornal onde se encontra a resolução do enigma. Assim, na primeira página do número da segunda-feira 17 de outubro de 1892 aparece o segundo folhetim do conhecido conto «Civilização»; logo abaixo da assinatura de Eça, a rubrica «Notas Contemporâneas» abre novo título, de duas colunas: «O caminho de ferro de Jerusalém», assinado «João Gomes» (ver «Apêndice»). O facto de ser pouco comum encontrar dois textos de Eça de Queirós na mesma página da mesma edição da *Gazeta* terá ocultado o texto da crónica. Supunha-se, além disso, que Eça usara o cabeçalho «Notas Contemporâneas» e aquele pseudónimo apenas nas «Notas do Mês», da *Revista de Portugal*, em 1890 e 1891[64] e na crónica «Os grandes homens de França», inserta na *Gazeta de Notícias* em 28 de novembro de 1892. Encontrou-se, assim, um padrão editorial. Com efeito, a leitura atenta do segundo semestre de 1892 da *Gazeta de Notícias* levou à descoberta de outro texto com as mesmas caraterísticas, publicado no domingo 18 de setembro daquele ano, «Colombo e o seu centenário», este inteiramente desconhecido e esquecido durante os últimos 116 anos[65], talvez por não ter sido aproveitado por Eça para nova composição, ao contrário do que aconteceu com «O caminho de ferro de Jerusalém», depois carta «A Mr. Bertrand B.»

A alteração do título é certamente um efeito da passagem do tempo entre a primeira publicação — ditada pela notícia propriamente dita — e a reescrita do texto. Mas a alteração é também a consequência da mudança do público-alvo e do objetivo estético do autor: o acontecimento descrito na crónica dirigia-se a um público passageiro, que esperava do Eça cronista a análise quase imediata de um facto da atualidade. Já o propósito da carta não se desgastou com a passagem do tempo: eliminou-se a data da

[64] Veja-se a edição crítica de *Textos de Imprensa VI (da «Revista de Portugal»)* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, pp. 55-82) preparada por Maria Helena Santana.

[65] Este texto foi divulgado por Irene Fialho no jornal *Expresso* (suplemento *Atual),* de 5 de julho de 2008 e inserto na já citada edição de *Almanaques e Outros Dispersos.*

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

inauguração do caminho de ferro, esvaziando-se a carta de referentes temporais e mantendo-se os juízos críticos, num contexto literário diferente, sobre um assunto de manifesta coloração fradiquista, ou seja, os malefícios do progresso.

Havendo dúvidas sobre quem fez a revisão final do volume e desconhecendo-se a última vontade do autor quanto aos critérios de organização das cartas de Fradique, é possível notar, em função do que ficou dito, o seguinte: as transformações que lemos no *hors-texte* do *In Memoriam* e o conhecimento do que se lhe seguiu permitem apenas concluir que, se acaso reviu todo o volume, Eça tê-lo-á feito sobre provas de página, como era seu hábito. Com efeito, os textos que agora podemos ler nos três suportes (*Gazeta,* recorte emendado e edição em livro) diferem uns dos outros. Como exemplo, um só período:

Gazeta de Notícias	**Recorte *hors-texte***	***A Correspondência de Fradique Mendes*/1900**
Todos os deuses nascem no Oriente — mas a Palestina foi decerto a residência mais grata da divindade.	Os deuses nascem sempre no Oriente — mas a Palestina foi decerto a residência preferida da divindade.	Sempre a Palestina foi a residência preferida da Divindade.

Ou seja: na crónica da *Gazeta de Notícias*, a crítica amargurada do autor quanto aos avanços do progresso numa terra onde deveria reinar a espiritualidade excede em vigor o comentário mais tardio da carta, que, por sua vez, não espelha as emendas feitas na prova do *hors-texte*; o destinatário da carta, uma personalidade aparentemente real, Bertrand B.[66], recebe, em discurso direto, as considerações do ficcional Fradique Mendes, máscara dissimuladora para duas variações sobre o mesmo tema, a que, evidentemente, não faltam ecos d'*A Relíquia* e da viagem «iniciática» de 1869 ao Egito e à Palestina.

[66] No seu estudo «Eça de Queirós e os Amzalak» (in *Tikvá,* 7.º ano, vol. 7, 2006), Inácio Steinhardt identifica um dos diretores da Companhia de caminhos de ferro da Palestina, H. de Bertrand, sendo possível que este nome, transmudado em Bertrand B., tenha servido a Eça para a dissimulação da identidade real.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

3.8. Voltemos, entretanto, às cartas a Clara. Não se sabe por que razão o volume de 1900 não integrou a quarta carta a Clara, referida por Manuel Bandeira em 1945, no texto já citado «Correspondência de Eça de Queirós para a imprensa brasileira», inserto no *Livro do Centenário*. Se a supressão foi decisão de Eça (o que é sugerido por Guerra da Cal), pode ela ter sido determinada por uma de duas razões (ou até pelas duas, em simultâneo). A razão material: Eça não disporia de cópia válida do texto que mandara para a *Gazeta de Notícias*, em 1892, nem de recorte desse número do jornal. A razão literária: Eça não desejaria encerrar a história de amor que as quatro cartas atestam, sendo sabido que essa derradeira carta é de rutura e despedida.

Se conjetura é aqui permitida, então ela vai no sentido da falta do recorte do jornal (difícil de reparar, por força da distância e da dificuldade de comunicações, na época), uma vez que tudo apontaria para que a tal história de amor fosse isso mesmo, uma história com o princípio que se lhe conhece e com o melancólico final de calculada desistência que bem se adequa ao platónico sentimento amoroso que Fradique vivera e à sua congénita tendência dispersiva. O que, divergindo da conjetura do grande mestre dos estudos queirosianos (eliminação voluntária da carta), sintoniza com a fina análise subscrita por Manuel Bandeira[67], análise que aqui partilhamos. Deste modo e na sequência do que fez Helena Cidade Moura na edição Livros do Brasil, a quarta carta a Clara integra o *corpus* epistolar desta edição crítica, no final do conjunto em princípio autorizado por Eça.

Pode dizer-se ainda (e parece pertinente fazê-lo) que nada garante que Eça não desejasse acrescentar a estas, na publicação em livro que projetara e preparava, outras cartas, designadamente alguma ou algumas das que deixou inéditas. E contudo, não se conhecem testemunhos, em correspondência ou algures (e Eça,

[67] Para Manuel Bandeira, «a ausência desta quarta carta importa […] numa mutilação importante da correspondência». Explica o grande poeta brasileiro: «as cartas a Clara foram ideadas para ilustrar com um exemplo a conduta amorosa de Fradique, fixando em quatro momentos o ciclo das experiências […]; a quarta [carta] é o gesto de 'Atirar para um canto'. Gesto ainda encantador, está claro, como era de esperar de um esteta tão 'requintado'» (*loc. cit.,* p. 174).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

como se sabe, não se coibia de analisar estas questões, com amigos de confiança e com editores), que levem a pensar que o escritor teria o intuito de publicar alguma ou algumas das cartas deixadas inéditas, a não ser talvez naquele segundo volume implícito no anúncio na *Revista de Portugal,* que aludia a um primeiro volume.

Por outro lado, nada indica que o escritor tivesse razões para desautorizar qualquer das peças epistolares que anteriormente publicara, incluindo a quarta carta a Clara, valendo isto mesmo para aquelas que antes haviam aparecido *sub specie chronicæ*. E assim, até novas informações, as cartas que se encontram no volume *A Correspondência de Fradique Mendes,* de 1900, acrescidas da quarta carta a Clara, devem ser entendidas como um *corpus* relativamente seguro ou, se se preferir, o *corpus minimum* da produção epistolográfica fradiquista a integrar na coletânea epistolar do volume semipóstumo *A Correspondência de Fradique Mendes*. Por último e sendo a questão da ordenação mais problemática e, a nosso ver, de decisão sempre incerta e insegura, justifica-se que seja perfilhada uma atitude conservadora: adotar a ordenação que se encontra no volume de 1900.

Já a não inclusão de cartas fradiquistas no volume de 1900 pode ter sido não apenas acidental (quer dizer: não teria havido oportunidade ou solicitação para a publicação), mas, nalgum caso, uma voluntária suspensão, envolvendo tal suspensão significados importantes para a exegese do fradiquismo. Referimo-nos aqui em particular à interessantíssima carta a E., inicial que, de acordo com aquilo que o texto implicitamente sugere, remete para o próprio Eça, assim feito destinatário de uma carta de Fradique Mendes. A ser publicada pelo escritor, essa carta por assim dizer fecharia o círculo de um processo de desdobramento alteronímico, num gesto ousado que Eça, ao deixar a carta inédita, não se terá atrevido a consumar[68].

[68] Retomamos aqui o que já foi dito: «Porque ficou inédita e porque não passou da inicial 'E…' (Eça só é identificado de forma indireta, pelas alusões a romances de sua autoria), a carta do (quase) heterónimo ao ortónimo confirma a incompletude de um projeto heteronímico esboçado por um Eça que não se atreveu a revelar-se ao grande público como entidade observada por um *outro*, do outro lado do espelho» (Carlos Reis, *Estudos Queirosianos,* ed. cit., pp. 154-155).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Seja como for: mesmo sendo certo que as restantes cartas inéditas não levantam questões interpretativas tão melindrosas como esta, a verdade é que não há razão, testemunho ou documento que leve a pensar que Eça tinha vontade efetiva de as publicar, fosse isoladamente (em jornal ou revista), fosse no livro de 1900. Mas não podendo elas ser ignoradas, entendemos que a decisão mais acertada será a de as integrar no apêndice deste volume, de acordo com a estratégia editorial da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, segundo a qual se procede à divulgação de textos complementares diretamente relacionados com o texto-base.

4. Critérios editoriais

Foram seguidos em geral os critérios da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, pelos quais se têm regido, eventualmente com ajustamentos justificados, os volumes desta série. Assim:

1. O texto-base adotado é o da edição em livro de 1900, publicado pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Editores, do Porto. No que se refere à introdução («Memórias e Notas»), o aparato de notas foi feito por cotejo entre aquele texto (que é transcrito em primeiro lugar, na parte em confronto) e o da *Revista de Portugal* (transcrito a seguir). No que se refere às cartas e porque é diversificada a origem dos textos-base, indicam-se em cada caso os testemunhos que os suportam.

2. As notas de editor encontram-se entre colchetes e em itálico.

3. No aparato crítico procede-se à elucidação dos pontos obscuros ou duvidosos ou à sua *interpretatio*, restringida ao indispensável.

4. Atualiza-se a ortografia, tanto no texto fixado como no aparato crítico. Se eventuais derrogações da norma linguística são entendidas como opção do autor, não se corrigem, anotando-se essa atitude.

5. No Apêndice, os passos conjeturados vão assinalados com negrito, as lições eliminadas surgem entre colchetes e os acrescentos nas entrelinhas são indicados pelo sinal <*>.

6. Mantêm-se as opções tipográficas do autor (p. ex., itálicos), bem como as de maiusculação, quando se pressupõe que elas

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

traduzem atitude valorativa ou ideológica (p. ex.: Lirismo, Mestre, Modernidade, etc.).

7. São respeitados os estrangeirismos, apresentados de acordo com o uso da época e com a opção gráfica ou estilística do autor. Procede-se deste modo mesmo nos casos em que o vocábulo foi posteriormente incorporado no léxico da língua portuguesa (p. ex.: *touriste)*. Quando deficientemente escritos, os estrangeirismos são assim mantidos, anotando-se a conservação.

8. Nos casos de oscilação das formas sincréticas respeitam-se as variantes ortográficas ainda hoje consentidas pela norma, como acontece com os ditongos <ou> e <oi>, que funcionam como variantes fonológicas equivalentes (p. ex., ouro/oiro).

9. As formas grafadas com apóstrofo são, sempre que aceitável, atualizadas por contração (d'um/dum; n'uma/numa)

10. Em geral mantém-se a pontuação do autor, mesmo quando ela não obedece às normas atuais. As alterações, por parte do editor, produzem-se apenas em casos de intervenção entendida como alheia. Quando assim é, a correção indica-se no aparato crítico.

11. Os erros explicáveis por *lapsus calami* corrigem-se, com anotação no aparato crítico. As gralhas são apenas corrigidas, sem anotação.

12. No aparato crítico, a identificação das edições cotejadas, bem como as notas de editor, surgem entre colchetes [ ]. Quando o texto-base a cotejar é consideravelmente longo, opta-se pela transcrição parcial, com indicação da parte suprimida. P. ex.: «arame. E este dom é excelente! […] benévola amiga — FRADIQUE».

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

TEXTO CRÍTICO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A CORRESPONDÊNCIA* DE FRADIQUE MENDES

FRADIQUE MENDES

(MEMÓRIAS E NOTAS)

* A CORRESPONDÊNCIA] CARTAS [RP]

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Páscoa, — justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à África Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admirável datava de Lisboa, do ano remoto de 1867. Foi no verão desse ano, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, num número já amarrotado da *Revolução de Setembro*, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os temas («os motivos emocionais», como nós dizíamos em 1867) dessas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o título de LAPIDÁRIAS, tinham logo para mim uma originalidade cativante e bem-vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo, deslumbrados pelo Lirismo épico da *Légende des Siècles,* «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — decidíramos abominar e combater a rijos brados o Lirismo Íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração, não compreendendo de entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias de Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e

3-4: Páscoa, — justamente na semana em que ele regressara] Páscoa, — quando ele justamente regressava [RP]

7: já amarrotado] já sujo e antigo [RP]

16-17: abominar e combater a rijos brados o Lirismo Íntimo,] abominar, com veemência e com método, o Lirismo sentimental, [RP]

19: saias de Elvira,] saias d'Elvira, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

martírios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem igual da *Légende des Siècles*, iam, numa universal simpatia, buscar motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração — à História, à Lenda, aos Costumes, às Religiões, a tudo que através das idades, diversamente e unamente, revela e define o Homem. Mas além disso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes.

Esses poemetos das LAPIDÁRIAS desenrolavam com efeito temas magnificamente novos. Aí um Santo alegórico, um Solitário do século VI, morria uma tarde sobre as neves da Silésia, assaltado e domado por uma tão inesperada e bestial rebelião da Carne, que, à beira da Bem-Aventurança, subitamente a perdia, e com ela o fruto divino e custoso de cinquenta anos de penitência e de ermo: um corvo, facundo e velho além de toda a velhice, contava façanhas do tempo em que seguira pelas Gálias, num bando alegre, as legiões de César, depois as hordas de Alarico

23: *Siècles*, iam,] *Siècles* iam, [RP]

25-26: idades, diversamente] idades, diferentemente [RP]

26: Homem.] homem. [RP]

27: que] que infinitamente [RP]

29-32: como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes.] como nas moradas vizinhas das nossas, nas ruas que todos trilhamos, a podemos testemunhar ou pressentir. [RP]

33-34: Esses poemetos das LAPIDÁRIAS desenrolavam com efeito temas magnificamente novos. Aí um Santo alegórico,] Assim, nesses poemetos das LAPIDÁRIAS, um Santo simbólico,] [RP]

35-39: século VI, morria uma tarde sobre as neves da Silésia, assaltado e domado por uma tão inesperada e bestial rebelião da Carne, que, à beira da Bem-Aventurança, subitamente a perdia, e com ela o fruto divino e custoso de cinquenta anos de penitência e de ermo:] século VI, ao fim de cinquenta anos de penitência e de ermo, morria, com desesperadas saudades do mundo e da carne, sobre as neves da Silésia: [RP]

40-41: seguira pelas Gálias, num bando alegre, as legiões de César,] seguira num bando alegre as legiões de César subindo à Bretanha escura e vaga, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

rolando pela Itália, branca e toda de mármores sob o azul: o bom cavaleiro Percival, espelho e flor de Idealistas, deixava por cidades e campos o sulco silencioso da sua armadura de ouro, correndo o mundo, desde longas eras, à busca do San-Gral, o místico vaso cheio do sangue de Cristo, que, numa manhã de Natal, ele vira passar e lampejar entre nuvens por sobre as torres de Camerlon: um Satanás de feitio germânico, lido em Espinosa e Leibnitz, dava numa viela de cidade medieval uma serenada irónica aos astros, «gotas de luz no frio ar geladas»… E, entre estes motivos de esplêndido simbolismo, lá vinha o quadro de singela modernidade, as *Velhinhas*, cinco velhinhas, com xales de ramagens pelos ombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas sobre um banco de pedra, num longo silêncio de saudade, a uma réstia de sol de outono.

Não asseguro todavia a nitidez destas belas reminiscências. Desde essa sesta de agosto, no Martinho, não encontrei mais as LAPIDÁRIAS: e de resto, o que nelas então me prendeu, não foi a Ideia, mas a Forma — uma forma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmóreo de Lecomte de Lisle com um sangue mais quente nas veias do mármore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com

42: rolando pela Itália, branca e toda de mármores] rolando para a Itália, nítida, e toda de mármores brancos [RP]

43-48: Percival, espelho e flor de Idealistas, deixava por cidades e campos o sulco silencioso da sua armadura de ouro, correndo o mundo, desde longas eras, à busca do San--Gral, o místico vaso cheio do sangue de Cristo, que, numa manhã de Natal, ele vira passar e lampejar entre nuvens por sobre as torres de Camerlon:] Percival, correndo o mundo em busca do San-Gral, deixava, por colinas e areais, o rumor e o faiscante sulco da sua armadura de ouro: [RP]

49: [Leibnitz, *conforme 1900 e* RP.]

50: E,] E [RP]

51: motivos de esplêndido simbolismo,] motivos, de esplêndida estranheza, [RP]

51-52: de singela modernidade, as *Velhinhas*,] de clara e fresca modernidade, as *Velhinhas,* [RP]

56: a nitidez destas belas reminiscências.] a exatidão destas reminiscências. [RP]

57-58: não encontrei mais as LAPIDÁRIAS:] não voltei a ler as LAPIDÁRIAS. [RP]

58: e de resto, o que nelas então me prendeu,] E o que nelas de resto me prendeu, enlevadamente, [RP]

61: [Lecomte: *conforme 1900 e a* RP, *nesta e nas ocorrências seguintes.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mais norma e cadência. Ora precisamente, nesse ano de 1867, eu, J. Teixeira de Azevedo e outros camaradas tínhamos descoberto no céu da Poesia Francesa (único para que nossos olhos se erguiam) toda uma plêiade de estrelas novas onde sobressaíam, pela sua refulgência superior e especial, esses dois sóis — Baudelaire e Lecomte de Lisle. Victor Hugo, a quem chamávamos já «papá Hugo» ou «Senhor Hugo-Todo-Poderoso», não era para nós um astro — mas o Deus mesmo, inicial e imanente, de quem os astros recebiam a luz, o movimento e o ritmo. Aos seus pés Lecomte de Lisle e Baudelaire faziam duas constelações de adorável brilho: e o seu encontro fora para nós um deslumbramento e um amor! A mocidade de hoje, positiva e estreita, que pratica a Política, estuda as cotações da *Bolsa* e lê George Ohnet, mal pode compreender os santos entusiasmos com que nós recebíamos a iniciação dessa Arte Nova, que em França, nos começos do Segundo Império, surgira das ruínas do Romantismo como sua derradeira encarnação, e que nos era trazida em Poesia pelos versos de Lecomte de Lisle, de Baudelaire, de Coppée, de Dierx, de Mallarmé, e de outros menores: e menos talvez pode compreender tais fervores essa parte da mocidade culta que logo desde as escolas se nutre de Spencer e de Taine, e que procura com ânsia e agudeza exercer a crítica, onde nós outrora, mais ingénuos e ardentes, nos abandonávamos à emoção. Eu mesmo sorrio hoje ao pensar nessas noites em que, no quarto de J. Teixeira de Azevedo, enchia de sobressalto e dúvida dois cónegos que ao lado moravam,

63: [*Parágrafo na* RP.]
63: Ora precisamente, nesse] Precisamente, naquele [RP]
64: camaradas] camaradas, [RP]
68: já] já o [RP]
73: fora para nós] fora [RP]
74: hoje, positiva e estreita, que pratica a Política, estuda] hoje, comedida e positiva, que se ocupa de eleições, entende [RP]
77-78: Império, surgira] Império, surgiu [RP]
79: nos era trazida em Poesia] nos foi trazida, em Poesia, [RP]
80-81: Mallarmé, e de outros] Mallarmé, doutros [RP]
81-82: talvez pode compreender tais fervores essa] talvez os pode compreender aquela [RP]
87: de sobressalto e dúvida] de espanto e terror [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

rompendo por horas mortas a clamar a *Charogne* de Baudelaire, trémulo e pálido de paixão:

Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,
A cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!

Do outro lado do tabique sentíamos ranger as camas dos eclesiásticos, o raspar espavorido de fósforos. E eu, mais pálido, num êxtase tremendo:

Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours décomposés!

Certamente Baudelaire não valia este tremor e esta palidez. Todo o culto sincero, porém, tem uma beleza essencial, independente dos merecimentos do Deus para quem se evola. Duas mãos postas com legítima fé serão sempre tocantes — mesmo quando se ergam para um Santo tão afetado e postiço como S. Simeão Stilita. E o nosso transporte era cândido, genuinamente nascido do Ideal satisfeito, só comparável àquele que outrora invadia os navegadores peninsulares ao pisarem as terras nunca dantes pisadas, Eldorados maravilhosos, férteis em delícias e tesouros, onde os seixos das praias lhes pareciam logo diamantes a reluzir.

87-88: moravam, rompendo por horas mortas a clamar a] moravam, uivando por horas mortas a [RP]

90: Et pourtant vous] Vous [RP]

94-96: sentíamos ranger as camas dos eclesiásticos, o raspar espavorido de fósforos. E eu, mais pálido, num êxtase tremendo:] sentíamos o raspar espavorido de fósforos, as camas rangendo sob a agitação dos eclesiásticos… E eu, a tremer, mais pálido, esganiçado de paixão: [RP]

104: com legítima] com genuína [RP]

106-107: nosso transporte era cândido, genuinamente nascido do Ideal satisfeito, só comparável àquele que outrora invadia] nosso fervor era absolutamente cândido. Naquele ponto inicial em que as coisas se equivalem e o voo da pomba não difere do voo do condor, este encantado alvoroço com que líamos os poetas novos — reproduzia o transporte que outrora tomava [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Li algures que Juan Ponce de León, enfastiado das cinzentas planícies de Castela-a-Velha, não encontrando também já encanto nos pomares verde-negros da Andaluzia — se fizera ao mar, para buscar outras terras, e *mirar algo nuevo*. Três anos sulcou incertamente a melancolia das águas atlânticas: meses tristes errou perdido nos nevoeiros das Bermudas: toda a esperança findara, já as proas gastas se voltavam para os lados onde ficara a Espanha. E eis que numa manhã de grande sol, em dia de S. João, surgem ante a armada extática os esplendores da Florida! *«Gracias te sean, mi S. Juan bendito, que hé mirado algo nuevo!»* As lágrimas corriam-lhe pelas barbas brancas — e Juan Ponce de León morreu de emoção. Nós não morremos: mas lágrimas congéneres com as do velho mareante saltaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por entre o brilho sombrio e os perfumes acres das *Flores do Mal*. Éramos assim absurdos em 1867!

De resto, exatamente como Ponce de León, eu só procurava em Literatura e Poesia *algo nuevo que mirar*. E para um meridional de vinte anos, amando sobretudo a Cor e o Som na plenitude da sua riqueza, que poderia ser esse *algo nuevo* senão o luxo novo das formas novas? A Forma, a beleza inédita e rara da Forma, eis realmente, nesses tempos de delicado sensualismo, todo o meu interesse e todo o meu cuidado! Decerto eu adorava a Ideia na sua essência; — mas quanto mais o Verbo que a encarnava! Baudelaire, mostrando à sua amante na *Charogne* a carcaça podre do cão e equiparando em ambas as misérias da carne, era para mim de magnífica surpresa e enlevo: e diante desta crespa e atormentada subtilização do sentir, que podia valer o fácil e velho Lamartine

118: que numa] que uma [RP]

122-123: lágrimas congéneres] lágrimas remotamente parecidas [RP]

123: velho mareante] velho mareante, e nascidas do mesmo ideal satisfeito, [RP]

129-130: a Cor e o Som na plenitude da sua riqueza,] a sedução da cor e o enlevo do som, [RP]

130-131: senão o luxo novo das formas novas?] senão um luxo novo de formas novas? [*Parágrafo na* RP.]

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

no *Lago*, mostrando a Elvira a cansada Lua, e comparando em ambas a palidez e a graça meiga? Mas se este áspero e fúnebre espiritualismo de Baudelaire me chegasse expresso na língua lassa e mole de Casimir Delavigne — eu não lhe teria dado mais apreço do que a versos vis do *Almanach de Lembranças*.

Foi sensualmente enterrado nesta idolatria da Forma, que deparei com essas LAPIDÁRIAS de Fradique Mendes, onde julguei ver reunidas e fundidas as qualidades discordantes de majestade e de nervosidade que constituíam, ou me pareciam constituir, a grandeza dos meus dois ídolos — o autor das *Flores do Mal* e o autor dos *Poemas Bárbaros*. A isto acrescia, para me fascinar, que este poeta era português, cinzelava assim preciosamente a língua que até aí tivera como joias aclamadas o *Noivado do Sepulcro* e o *Ave César!,* habitava Lisboa, pertencia aos Novos, possuía decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poética como nos seus poemas! E esse folhetim amarrotado da *Revolução de Setembro* tomava assim a importância duma revelação de Arte, uma aurora de Poesia, nascendo para banhar as almas moças na luz e no calor

131-139: A Forma, a beleza inédita e rara da Forma, eis realmente, nesses tempos de delicado sensualismo, todo o meu interesse e todo o meu cuidado! Decerto eu adorava a Ideia na sua essência; — mas quanto mais o Verbo que a encarnava! Baudelaire, mostrando à sua amante na *Charogne* a carcaça podre do cão e equiparando em ambas as misérias da carne, era para mim de magnífica surpresa e enlevo: e diante desta crespa e atormentada subtilização do sentir, que podia valer o fácil e velho Lamartine no *Lago*,] Literariamente, nesses tempos, todo o meu interesse e o meu cuidado se concentravam na aparência exterior do Pensamento e do Sentimento. Sentimentos e Pensamentos não me eram decerto indiferentes. Com infinito apreço acolhia eu os temas rebuscados na História e na Lenda, as requintadas subtilizações da emoção, as análises desesperadas mergulhando até à profundidade da alma a procurar o inédito que ainda pudesse haver nos seus recantos: e seguramente me encantava mais Baudelaire mostrando à sua amante na *Charogne* o cadáver podre do cão, do que Lamartine no *Lago* [RP]

140: meiga?] meiga. [RP]

140: áspero e] áspero, atormentado e [RP]

142: mais apreço] mais valor [RP]

144: Foi] Foi sob a influência deste inferior critério, [RP]

154-155: poemas! E esse folhetim amarrotado da *Revolução de Setembro* tomava assim a importância duma] poemas! Que irmão para conhecer e para amar! E não é de surpreender que nestas condições, aos vinte anos, eu desse a esse folhetim da *Revolução de Setembro* a importância duma divina [RP]

156: Poesia, nascendo] Poesia, rompendo [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

especial a que elas aspiravam, meio adormecidas, quase regeladas sob o álgido luar do Romantismo. Graças te sejam dadas, meu Fradique bendito, que na minha velha língua *hé mirado algo nuevo*! Creio que murmurei isto, banhado em gratidão. E, com o número da *Revolução de Setembro,* corri a casa de J. Teixeira de Azevedo, à Travessa do Guarda-Mor, a anunciar o advento esplêndido!

Encontrei-o, como de costume, nos silenciosos vagares das tardes de verão, em mangas de camisa, diante de uma bacia que trasbordava de morangos e de vinho de Torres. Com vozes clamorosas, atirando gestos até ao teto, declamei-lhe *A Morte do Santo*. Se bem recordo, este asceta, ao findar sobre as neves da Silésia, era miserrimamente traído pela desleal Natureza! Todos os apetites da paixão e do corpo, tão laboriosamente recalcados por ele durante meio século de ermo, irrompiam de repente, à beira da eternidade, num tumulto bestial, não querendo para sempre findar com a carne que ia findar — antes de serem uma vez satisfeitos! E os anjos que, para o receber, desciam de asa serena, sobraçando molhos de Palmas e cantando os Epitalâmios, encontravam, em vez dum Santo, um Sátiro, senil e grotesco — que de rojos, entre bramidos sórdidos, mordia com beijos vorazes a neve, a macia alvura da neve, onde o seu delírio furiosamente imaginava nudezes de cortesãs!… Tudo isto era tratado com uma grandeza sóbria

159: *hé* [*conforme o original, em* CFM *e* RP.]
160: isto, banhado] isto, abismado [RP]
162: a anunciar o advento esplêndido!] a levar a nova esplêndida! [RP]
163: como de costume, nos] como era por vezes seu costume nos [RP]
165-166: vozes clamorosas, atirando gestos] vozes retumbantes, atirando gestos patéticos
167-168: recordo, este asceta, ao findar sobre as neves da Silésia, era miserrimamente traído pela desleal Natureza!] recordo este asceta tinha, sobre as neves da Silésia, um fim bem atormentado pela pérfida, inexorável Natureza! [RP]
169-170: recalcados por ele] recalcados [RP]
172: findar —] findar [RP]
172: satisfeitos!] satisfeitos. [RP]
173: que, para o receber,] que para o receber [RP]
173-174: serena, sobraçando molhos de Palmas] serena, trazendo molhos de Palmas da Glória [RP]
174: Epitalâmios,] Epitalâmios da Graça, [RP]
175-176: entre bramidos] entre berros [RP]
176-177: macia alvura da] macia [RP]
177-178: imaginava nudezes de cortesãs!…] imaginava nudezas de cortesãs… [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e rude que me parecia sublime. J. Teixeira de Azevedo achou também «sublime — mas brejeiro». E concordou que convinha desentulhar Fradique Mendes da obscuridade, e erguê-lo no alto do escudo como o radiante mestre dos Novos.

Fui logo nessa noite à *Revolução de Setembro*, procurar um companheiro meu de Coimbra, Marcos Vidigal, que, nos nossos alegres tempos de Direito Romano e Canónico, ganhara, por tocar concertina, ler a *História da Música* de Scudo, e lançar através da Academia os nomes de Mozart e de Beethoven, uma soberba autoridade sobre Música clássica. Agora, vadiando em Lisboa, escrevia na *Revolução*, aos domingos, uma «Crónica lírica» — para gozar gratuitamente o bilhete de S. Carlos.

Era um moço com cabelos ralos e cor de manteiga, sardento, apagado de ideias e de modos — mas que despertava e se iluminava todo quando lograva «a *chance* (como ele dizia) de roçar por um homem célebre, ou de arranchar numa coisa original»; e isto tornara-o a ele, pouco a pouco, quase original e quase célebre. Nessa noite, que era sábado e de pesado calor, lá

180-181: brejeiro». E concordou que convinha desentulhar Fradique Mendes da obscuridade,] brejeiro». O claro bando dos anjos batera o voo, aterrado. Eu murmurava: — «Ó Azevedo, é necessário conhecer este homem!» J. Teixeira de Azevedo concordou que convinha procurar Fradique Mendes, [RP]

182: como o radiante] como [RP]

183-184: *Setembro,* procurar] *Setembro,* então instalada na Calçada do Correio. Havia lá [RP]

184: que,] que [RP]

185: Romano e Canónico,] Romano, [RP]

186-188: concertina, ler a *História da Música* de Scudo, e lançar através da Academia os nomes de Mozart e Beethoven, uma soberba autoridade sobre Música clássica.] concertina e ler Scudo, uma autoridade forte nos domínios da Música. [RP]

189-190: *Revolução,* aos domingos, uma «Crónica lírica» — para gozar] *Revolução* aos domingos uma crónica musical, para ter [RP]

191-192: moço com cabelos ralos e cor de manteiga, sardento,] moço sem sobrancelhas, alvo e sardento, com cabelos cor de manteiga fresca, [RP]

192: modos — mas] modos — [RP]

193-195: quando lograva «a *chance* (como ele dizia) de roçar por um homem célebre, ou de arranchar numa coisa] quando tinha a oportunidade de conhecer um homem que considerasse célebre, ou «entrar (como ele dizia) numa coisa que se lhe afigurasse [RP]

195: ele, pouco a pouco,] ele pouco a pouco [RP]

196: de pesado] de grande [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

estava à banca, com uma quinzena de alpaca, suando, bufando, a espremer do seu pobre crânio, como dum limão meio seco, gotas duma Crónica sobre a Volpini. Apenas eu aludi a Fradique Mendes, àqueles versos que me tinham maravilhado — Vidigal arrojou a pena, já risonho, com um clarão alvoroçado na face mole:

— Fradique? Se conheço o grande Fradique? É meu parente! É meu patrício! É meu parceiro!

— Ainda bem, Vidigal, ainda bem!

Fomos ao Passeio Público (onde Marcos se ia encontrar com um agiota). Tomámos sorvetes debaixo das acácias: e pelo cronista da *Revolução* conheci a origem, a mocidade, os feitos do poeta das LAPIDÁRIAS.

Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica família dos Açores; e descendia por varonia do navegador D. Lopo Mendes, filho segundo da casa da Troba, e donatário duma das primeiras capitanias criadas nas Ilhas por começos do século XVI. Seu pai, homem magnificamente belo, mas de gostos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava), dum desastre, na caça. Seis anos depois sua mãe, senhora tão airosa, pensativa e loura que merecera dum poeta da Terceira o nome de *Virgem de Ossian*, morria também duma febre trazida dos campos, onde andara buco-

199-200: eu aludi a Fradique Mendes,] eu murmurei o nome de Fradique Mendes, aludi [RP]

201-202: clarão alvoroçado na face mole] clarão na face: [RP]

203: — Fradique? Se conheço o grande Fradique?] — Fradique!? O Fradique!? Se conheço o grande Fradique?! [RP]

203-204: parente! É meu patrício! É meu parceiro!] parente, meu patrício e meu parceiro! [RP]

207: das acácias:] das árvores; [RP]

208-209: e pelo cronista da *Revolução* conheci a origem, a mocidade, os feitos] e o cronista da *Revolução* desenrolou, com abundância e carinho, as histórias [RP]

211-212: Açores; e descendia por varonia do navegador D. Lopo Mendes,] Açores, descendente por linha varonil de certo Lopo Mendes, [RP]

212-213: Troba, e donatário duma das primeiras] Troba, que fora donatário duma das melhores [RP]

215: gatinhava),] gatinhava) [RP]

218: também] também, [RP]

218: campos,] campos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

licamente, num dia de sol forte, cantando e ceifando feno. Carlos ficou em companhia e sob a tutela de sua avó materna, D. Angelina Fradique, velha estouvada, erudita e exótica que colecionava aves empalhadas, traduzia Klopstock, e perpetuamente sofria dos «dardos de Amor». A sua primeira educação fora singularmente emaranhada: o capelão de D. Angelina, antigo frade beneditino, ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror à maçonaria, e outros princípios sólidos; depois um coronel francês, duro jacobino que se batera em 1830 na barricada de St.-Merry, veio abalar estes alicerces espirituais fazendo traduzir ao rapaz a *Pucelle* de Voltaire e a *Declaração dos direitos do homem*; e finalmente um alemão, que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elísio, e se dizia parente de Emmanuel Kant, completou a confusão iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço, na *Crítica da Razão pura* e na heterodoxia metafísica dos professores de Tubingen. Felizmente Carlos já então gastava longos dias a cavalo pelos campos, com a sua matilha de galgos: — e da anemia que lhe teriam causado as abstrações do raciocínio, salvou-o o sopro fresco dos montados e a natural pureza dos regatos em que bebia.

A avó, tendo imparcialmente aprovado estas embrulhadas linhas de educação, decidiu de repente, quando Carlos completou dezasseis anos, mandá-lo para Coimbra, que ela considerava um nobre centro de estudos clássicos e o derradeiro refúgio das Humanidades. Corria porém na Ilha que a tradutora de Klopstock,

219: forte, cantando e ceifando feno.] forte, a ceifar feno com uma fouce de prata. [RP]
220: sob a] sob [RP]
221: velha estouvada, erudita e exótica] velha leviana, erudita e excêntrica [RP]
222-223: e perpetuamente sofria dos «dardos de Amor».] e se correspondia com Cesar Cantu. [RP]
223: educação fora] educação foi [RP]
225: maçonaria,] maçonaria [RP]
226: sólidos;] sólidos: [RP]
226: francês, duro] francês, velho [RP]
234: [Tubingen, *conforme 1900;* Tubinguen, *na* RP.]
234-235: Carlos já então gastava longos dias a cavalo pelos campos,] Carlos arejava estas sufocantes camadas de instrução, gastando longos dias a cavalo pelos montes [RP]
237: a natural] a singela [RP]
239: tendo imparcialmente] tendo sucessivamente [RP]
241: Coimbra,] Coimbra [RP]
242-243: Humanidades. Corria] Humanidades. Dizia-se [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

apesar dos sessenta anos que lhe revestiam a face dum pelo mais denso que a hera duma ruína, decidira afastar o neto — para casar com o boleeiro.

Durante três anos Carlos tocou guitarra pelo *Penedo da Saudade*, encharcou-se de carrascão na tasca das Camelas, publicou na *Ideia* sonetos ascéticos, e amou desesperadamente a filha dum ferrador de Lorvão. Acabava de ser reprovado em Geometria quando a avó morreu subitamente, na sua quinta das *Tornas*, num caramanchão de rosas, onde se esquecera toda uma sesta de junho, tomando café, e escutando a viola que o cocheiro repicava com os dedos carregados de anéis.

Restava a Carlos um tio, Tadeu Mendes, homem de luxo e de boa mesa, que vivia em Paris preparando a salvação da Sociedade com Persigny, com Morny, e com o príncipe Luís Napoleão de quem era devoto e credor. E Carlos foi para Paris estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, à espera da maioridade que lhe devia trazer as heranças acumuladas do pai e da avó — calculadas por Vidigal num farto milhão de cruzados. Vidigal, filho duma sobrinha de D. Angelina, nascido na Terceira, possuía por legado, conjuntamente com Carlos, uma quinta chamada o *Corvovelo*. Daí lhe vinha ser «parente, patrício e parceiro» do homem das Lapidárias.

Depois disto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e rico, saíra do *Quartier-Latin* a começar uma existência soberba e fogosa.

246: o boleeiro.] o cocheiro. [RP]

250: de ser] de ser pela segunda vez [RP]

251-252: rosas, onde se esquecera toda uma sesta de junho,] rosas em que se esquecera até à noitinha, [RP]

254: homem de luxo] homem de ociosidade, de luxo [RP]

255-257: Paris preparando a salvação da Sociedade com Persigny, com Morny, e com o príncipe Luís Napoleão de quem era devoto e credor.] Paris onde era um dos fiéis (e dos credores) do príncipe Napoleão, presidente da República e Salvador da Sociedade. [RP]

259: avó —] avó, [RP]

260: Vidigal,] Vidigal era [RP]

261: D. Angelina, nascido na Terceira,] D. Angelina, e [RP]

263-264: vinha ser «parente, patrício e parceiro» do homem das Lapidárias.] vinha a parceria. [RP]

266: existência soberba e fogosa.] existência sublime. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Com um ímpeto de ave solta, viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até ao Sahara. Nestas jornadas, sempre empreendidas por uma solicitação da inteligência ou por ânsia de emoções, achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século. Vestido com a camisa escarlate, acompanhara Garibaldi na conquista das Duas Sicílias. Incorporado no Estado-Maior do velho Napier, que lhe chamava *the Portuguese Lion* (o Leão Português), fizera toda a campanha da Abissínia. Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas meses que visitara Hugo no seu rochedo de Guernesey…

Aqui recuei, com os olhos esbugalhados! Vítor Hugo (todos ainda se lembram), desterrado então em Guernesey, tinha para nós, idealistas e democratas de 1867, as proporções sublimes e lendárias dum S. João em Pathmos. E recuei protestando, com os olhos esbugalhados, tanto se me afigurava fora das possibilidades que um português, um Mendes, tivesse apertado nas suas a mão augusta que escrevera a *Lenda dos Séculos*! Correspondência com Mazzini, camaradagem com Garibaldi, vá! Mas na ilha sagrada, ao rumor das ondas da Mancha, passear, conversar, cismar com o vidente dos *Miseráveis* — parecia-me a impudente exageração dum ilhéu que me queria intrujar…

267-269: mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia] mundo, em todas as direções do vento, desde New York até Jerusalém, desde a Sibéria [RP]

271: históricos] históricos, [RP]

272: escarlate,] escarlate, ao lado de Dumas pai, [RP]

273-274: Estado-Maior do velho] Estado-Maior de lord [RP]

274-275: *the Portuguese Lion* (o Leão Português),] *the portuguese devil* (o demónio português), [RP]

275: a] a pitoresca [RP]

276: Hugo] Hugo, [RP]

278: esbugalhados!] esbugalhados. [RP]

280: de 1867, as proporções sublimes] de 67, as proporções proféticas [RP]

282-283: fora das possibilidades que um português,] fora de toda a possibilidade que [RP]

283: que um português, um Mendes,] que um Mendes [RP]

286: Mancha, passear, conversar, cismar] Mancha ter passeado [RP]

287: *Miseráveis* —] *Miseráveis,* — [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Juro! gritou Vidigal, levantando a mão verídica às acácias que nos cobriam.

E imediatamente, para demonstrar a verosimilhança daquela glória, já altíssima para Fradique, contou-me outra, bem superior, e que cercava o estranho homem duma auréola mais refulgente. Não se tratava já de ser estimado por um homem excelso — mas, coisa preciosa entre todas, de ser amado por uma excelsa mulher. Pois bem! Durante dois anos, em Paris, Fradique fora o eleito de Ana de Léon, a gloriosa Ana de Léon, a mais culta e bela cortesã (Vidigal dizia «o melhor bocado») do Segundo Império, de que ela, pela graça especial da sua voluptuosidade inteligente, como Aspásia no século de Péricles, fora a expressão e a flor!

Muitas vezes eu lera no *Figaro* os louvores de Ana de Léon, e sabia que poetas a tinham celebrado sob o nome de *Vénus Vitoriosa*. Os amores com a cortesã não me impressionaram decerto tanto como a intimidade com o homem das *Contemplações*: mas a minha incredulidade cessou — e Fradique assumiu para mim a estatura dum desses seres que, pela sedução ou pelo génio, como Alcibíades ou como Goethe, dominam uma civilização, e dela colhem deliciosamente tudo o que ela pode dar em gostos e em triunfos.

Foi por isso talvez que corei, intimidado, quando Vidigal, reclamando outro sorvete de leite, se ofereceu para me levar ao

289: mão verídica] mão solene [RP]
292: já altíssima] já tão alta [RP]
292: outra,] outra [RP]
293: cercava o] cercava aquele [RP]
293: auréola mais refulgente.] auréola bem mais radiante. [RP]
294-295: homem excelso — mas, coisa preciosa] homem sublime, — mas, coisa excelsa [RP]
295: uma excelsa] uma sublime [RP]
296: o eleito] o amante amado [RP]
298-300: Império, de que ela, pela graça especial da sua voluptuosidade inteligente, como Aspásia no século de Péricles, fora a expressão e a flor!] Império, a que ela comunicara essa graça especial de voluptuosidade inteligente que outrora Aspásia deu ao século de Péricles. [RP]
305: cessou —] cessou, — [RP]
308: em gostos] em prazeres [RP]
310: corei,] corei, já [RP]
310-311: Vidigal, reclamando] Vidigal, gritando por [RP]
311: levar ao] levar a esse [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

surpreendente Fradique. Sem me decidir, pensando em Novalis que também assim hesitava, enleado, ao subir uma manhã em Berlim as escadas de Hegel — perguntei a Vidigal se o poeta das LAPIDÁRIAS residia em Lisboa… Não! Fradique viera de Inglaterra visitar Sintra, que adorava, e onde comprara a quinta da *Saragoça*, no caminho dos Capuchos, para ter de verão em Portugal um repouso fidalgo. Estivera lá desde o Dia de Santo António: — e agora parara em Lisboa, no Hotel Central, antes de recolher a Paris, seu centro e seu lar. De resto, acrescentou Marcos, não havia como Fradique ninguém tão simples, tão alegre, tão fácil. E, se eu desejava conhecer um homem genial, que esperasse ao outro dia, domingo, às duas, depois da missa do Loreto, à porta da Casa Havanesa.

— Valeu? Às duas, religiosamente, depois da missa!

Bateu-me o coração. Por fim, com um esforço, como Novalis no patamar de Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que ao outro dia, às duas, religiosamente, mas sem missa, estaria no portal da Havanesa!

315: Lisboa…] Lisboa. [RP]

315-316: Inglaterra visitar] Inglaterra havia duas semanas, sem parar, até [RP]

316: *Saragoça*,] *Saragoça* [RP]

318-319: desde o Dia de Santo António: — e agora parara] desde julho, com livros e um guitarrista: — e agora demorava-se dias [RP]

321-322: tão simples, tão alegre, tão fácil. E,] tão profundo, tão simples, tão alegre, tão sem *pose*. E [RP]

322: que esperasse] que estivesse [RP]

323: domingo, às duas, depois da missa do Loreto,] domingo, à uma, depois da missa, [RP]

325: — Valeu? Às duas,] — Valeu? À uma, [RP]

328: dia, às duas,] dia, à uma, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

II

Gastei a noite preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique Mendes! Tendiam todas à glorificação das LAPIDÁRIAS. E lembro-me de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido esta: — «A forma de V. Ex.ª é um mármore divino com estremecimentos humanos!»

De manhã apurei requintadamente a minha *toilette* como se, em vez de Fradique, fosse encontrar Ana de Léon — com quem já nessa madrugada, num sonho repassado de erudição e sensibilidade, eu passeara na Via Sagrada que vai de Atenas a Elêusis, conversando, por entre os lírios que desfolhávamos, sobre o ensino de Platão e a versificação das LAPIDÁRIAS. E às duas horas, dentro de uma tipoia, para que o macadam regado me não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havanesa, pálido, perfumado, comovido, com uma tremenda rosa de chá na lapela. Éramos assim em 1867!

2: Gastei a noite preparando] Toda essa noite preparei [RP]
3: para lançar] para dizer [RP]
4: com amoroso] com especial [RP]
7: De manhã] Na manhã seguinte [RP]
10: na Via] pela via [RP]
11-12: conversando, por entre os lírios que desfolhávamos, sobre o ensino de Platão e] conversando sobre a morte de Sócrates e sobre [RP]
15: uma tremenda] uma imensa [RP]
16: em 1867!] em 67! [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Marcos Vidigal já me esperava, impaciente, roendo o charuto. Saltou para a tipoia; e batemos através do Loreto, que escaldava ao sol de agosto.

Na Rua do Alecrim (para combater a pueril emoção que me enleava), perguntei ao meu companheiro quando publicaria Fradique as LAPIDÁRIAS. Por entre o barulho das rodas, Vidigal gritou:

— Nunca!

E contou que a publicação daqueles trechos na *Revolução de Setembro* quase ocasionara, entre Fradique e ele, «uma pega intelectual». Um dia, depois de almoço, em Sintra, enquanto Fradique fumava o seu *chibouk* persa, Vidigal, na sua familiaridade, como patrício e como parente, abrira sobre a mesa uma pasta de veludo negro. Descobrira, surpreendido, largas folhas de versos, numa tinta já amarelada. Eram as LAPIDÁRIAS. Lera a primeira, a *Serenada de Satã aos Astros*. E, maravilhado, pedira a Fradique para publicar na *Revolução* algumas dessas estrofes divinas. O primo sorrira, consentira — com a rígida condição de serem firmadas por um pseudónimo. Qual?… Fradique abandonava a escolha à fantasia de Vidigal. Na redação, porém, ao rever as provas, só lhe acudiram pseudónimos decrépitos e safados, o *Independente*, o *Amigo da Verdade*, o *Observador* — nenhum bastante novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse consigo: — «Acabou-se!

17: impaciente, roendo o charuto.] impaciente. [RP]
18: tipoia;] tipoia. [RP]
20-21: que me enleava),] que me ia enleando e emudecendo) [RP]
21-22: Fradique as] Fradique o volume das [RP]
24: E contou] E contou-me [RP]
24-25: Na *Revolução de Setembro*] Na *Revolução* [RP]
25-26: ele, «uma pega intelectual»] ele, um arrefecimento [RP]
26: Um dia, depois de almoço, em Sintra] Uma manhã, depois de almoço, no Central [RP]
27: fumava o seu *chibouk* persa] fumava sobre o divã [RP]
27: sua] sua plena [RP]
30: amarelada.] amarelada… [RP]
31: maravilhado, pedira] maravilhado, pediu logo [RP]
33: com a rígida] com a recatada [RP]
33: serem firmadas] serem assinadas [RP]
34: Qual?…] Qual? [RP]
34: Fradique abandonava a] Fradique deixava essa [RP]
36: decrépitos e] decrépitos, [RP]
37: *Observador*] *Observador,* [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!» Mas quando Fradique viu a *Revolução de Setembro* ficou lívido, e chamou regeladamente a Vidigal «indiscreto, burguês e filisteu»! — E aqui Vidigal parou para me pedir a significação de *filisteu*. Eu não sabia; mas arquivei gulosamente o termo, como amargo. Recordo até que logo nessa tarde, no Martinho, tratei de *filisteu* o autor considerável do *Ave César*!

— De modo que, rematou Vidigal, é melhor não lhe falares nas LAPIDÁRIAS!

Sim! pensava eu. Talvez Fradique, à maneira do chanceler Bacon e de outros homens grandes pela ação, deseje esconder deste mundo de materialidade e de força o seu fino génio poético! Ou talvez essa ira, ao ver o seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia Lecomte de Lisle, seja a do artista nobremente e perpetuamente insatisfeito que não aceita ante os homens como sua a obra onde sente imperfeições! Estes modos de ser, tão superiores e novos, caíam na minha admiração como óleo numa fogueira. Ao pararmos no Central tremia de acanhamento.

39: Mas] Mas ao outro dia, [RP]

40: *Setembro* ficou] *Setembro*, fez-se [RP]

41: e filisteu] e filistino [RP]

42: de *filisteu*.] de *filistino*. [RP]

43: termo.] termo, como amargo. [RP]

44: de *filisteu*] de *filistino* [RP]

45: *César*!] *César*! O epíteto impressionou. E durante semanas foi usado, ora como injúria, ora como louvor, em discussões e folhetins. [RP]

47: LAPIDÁRIAS!] LAPIDÁRIAS. [RP]

48: Sim! pensava eu. Talvez] «Porque?» pensava eu. Talvez que [RP]

49: e de] e [RP]

49-50: ação, deseje esconder deste mundo de materialidade e de força o seu fino] ação, desejasse esconder o seu ardente [RP]

52: Lisle, seja] Lisle era [RP]

54-55: imperfeições! Estes modos de ser, tão superiores e novos, caíam] imperfeições! Ou ainda, poeta todo íntimo, duma delicadeza e altivez de alma incomparáveis, não queria mostrar à multidão o seu sonho e as suas emoções, e ficar por trás delas sorrindo, como o joalheiro que espalha sobre um balcão as joias que trabalhou. Homem estranho! Tudo isto caía [RP]

56: Central] Central, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Senti um alívio quando o porteiro anunciou que o Sr. Fradique Mendes, nessa manhã, cedo, tomara uma caleche para Belém. Vidigal empalideceu, de desespero:

— Uma caleche! Para Belém!… Há alguma coisa em Belém?

Murmurei, numa ideia de Arte, que havia os Jerónimos. Nesse instante uma tipoia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um homem desceu, ligeiro e forte. Era Fradique Mendes.

Vidigal, alvoroçado, apresentou-me como um «poeta seu amigo». Ele adiantou a mão sorrindo — mão delicada e branca onde vermelhejava um rubi. Depois, acariciando o ombro do primo Marcos, abriu uma carta que lhe estendia o porteiro.

Pude então, à vontade, contemplar o cinzelador das LAPIDÁRIAS, o familiar de Mazzini, o conquistador das Duas Sicílias, o bem-adorado de Ana de Léon! O que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspeto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz resplandecendo sob polainas de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama *cesariano*, mas sem as linhas empastadas e a

58: Senti] Senti quase [RP]

59: Mendes, nessa manhã, cedo, tomara uma] Mendes, logo pela manhã, partira numa [RP]

59-60: Belém. Vidigal empalideceu, de] Belém. Para Vidigal foi um [RP]

61: — Uma] — Numa [RP]

64: homem desceu, ligeiro e forte.] homem pálido desceu, vestido de preto. [RP]

66: Vidigal, alvoroçado, apresentou-me como um «poeta] Vidigal correu, apresentou-me como um «escritor [RP]

67-68: mão delicada e branca onde vermelhejava um rubi] mão admiravelmente fina e branca onde cintilava um rubi [RP]

68: rubi. Depois, acariciando] rubi. Acariciou [RP]

69: Marcos, abriu uma carta que lhe estendia o porteiro.] Marcos, arejou a face com o lenço: depois abriu uma carta que o porteiro lhe estendia. «Uma carta de pressa, disse o homem, mandada pelos Srs. Pintos Bastos.» [RP]

71: o conquistador] o expedicionário [RP]

71-72: o bem-adorado] o bem-amado [RP]

73: a sã e viril proporção dos membros rijos] a nobre e viril proporção dos membros fortes [RP]

78: empastadas e] empastadas, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

espessura flácida que a tradição das Escolas invariavelmente atribui aos Césares, na tela ou no gesso, para os revestir de majestade; antes pura e fina como a dum Lucrécio moço, em plena glória, todo nos sonhos da Virtude e da Arte. Na pele, duma brancura láctea e fresca, a barba, por ser pouca decerto, não deixava depois de escanhoada nem aspereza nem sombra; apenas um buço crespo e leve lhe orlava os lábios que, pela vermelhidão húmida e pela sinuosidade subtil, pareciam igual e superiormente talhados para a Ironia e para o Amor. E toda a sua finura, misturada de energia, estava nos olhos — olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de ónix, duma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma de aço em madeira mole.

Trazia uma quinzena solta, duma fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco: o colete de linho branco fechava por botões de coral pálido: e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à alvura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição concisa que já me encantara no seu verso.

Não sei se as mulheres o considerariam *belo*. Eu achei-o um varão magnífico — dominando sobretudo por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão várias e trabalhosas atividades não lhe cavara uma prega de fadiga. Parecia ter emergido, havia momentos, assim de

80: Césares,] Césares [RP]

80: majestade;] majestade, [RP]

82-83: Arte. Na pele, duma brancura láctea e fresca,] Arte: e o que eu tomara por palidez vinha duma brancura de pele, láctea, fresca, sã, onde [RP]

84-88: escanhoada nem aspereza nem sombra; apenas um buço crespo e leve lhe orlava os lábios que, pela vermelhidão húmida e pela sinuosidade subtil, pareciam igual e superiormente talhados para a Ironia e para o Amor. E toda a sua finura, misturada de energia, estava nos olhos] escanhoada nenhuma sombra áspera. A finura da fisionomia estava na boca, que sob um buço crespo e leve, oferecia lábios dum corte extremamente sinuoso e subtil, como talhados assim para afinar e espiritualizar bem a expressão do pensamento. E estava também, mas aí misturada com energia, nos olhos [RP]

94: fechava por] fechava com [RP]

95-96: quebrados, oferecia a perfeição concisa] quebrados, reproduzia a nitidez detalhada [RP]

98. por uma] por não sei que [RP]

99: toda a sua] toda aquela [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

quinzena preta e barbeado, do fundo vivo da Natureza. E apesar de Vidigal me ter contado que Fradique festejara os «trinta e três» em Sintra, pela festa de S. Pedro, eu sentia naquele corpo a robustez tenra e ágil de um efebo, na infância do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava, se surpreendiam imediatamente nele vinte séculos de literatura.

Depois de ler a carta, Fradique Mendes abriu os braços, num gesto desolado e risonho, implorando a misericórdia de Vidigal. Tratava-se, como sempre, da Alfândega, fonte perene das suas amarguras! Agora tinha lá encalhado um caixote, contendo uma múmia egípcia…

— Uma múmia…?

Sim, perfeitamente, uma múmia histórica, o corpo verídico e venerável de Pentaour, o bem-adorado escriba ritual do Templo de Amnon em Tebas, e cronista de Rameses II. Mandara-o vir de Paris para dar a uma senhora da Legação de Inglaterra, Lady Ross, sua amiga de Atenas, que em plena frescura e plena ventura, colecionava antiguidades funerárias do Egito e da Assíria… Mas, apesar de esforços sagazes, não conseguia arrancar o defunto letrado aos armazéns da Alfândega — que ele enchera de confusão e de horror. Logo na primeira tarde, quando Pentaour desembarcara, enfaixado dentro do seu caixão, a Alfânde-

102: barbeado, do fundo] barbeado, dentre o seio [RP]

103-104: ter contado que Fradique festejara os «trinta e três» em Sintra, pela festa de S. Pedro,] ter afirmado que Fradique já «trintara», [RP]

106: se surpreendiam] se percebiam [RP]

109: gesto desolado e risonho, implorando] gesto risonho e desolado, implorando uma vez mais [RP]

110: Tratava-se, como sempre,] Tratava-se como sempre [RP]

111: amarguras!] amarguras. [RP]

115: Pentaour, o bem-adorado] Pentaour, [RP]

116: Amnon] [*Por Amon, deus da mitologia egípcia.*]

116: Rameses II.] Rameses II! [RP]

117-118: Inglaterra, Lady Ross, sua amiga de Atenas,] Inglaterra, [RP]

118-119: e plena ventura,] e em plena graça, [RP]

119-120: antiguidades funerárias do Egito e da Assíria… Mas,] antiguidades faraónicas. Mas [RP]

120: sagazes,] sagazes [RP]

120-121: arrancar o] arrancar esse [RP]

123: desembarcara,] desembarcara [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ga aterrada avisou a polícia. Depois, calmadas as desconfianças dum crime, surgira uma insuperável dificuldade: — que artigo da pauta se poderia aplicar ao cadáver dum hierogramata do tempo de Rameses? Ele Fradique sugerira o artigo que taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a múmia, sem ligaduras e sem inscrições, dum arenque que viveu? Ter sido peixe ou escriba nada importava para os efeitos fiscais. O que a Alfândega via diante de si era o corpo duma criatura, outrora palpitante, hoje secada ao fumeiro. Se ela em vida nadava num cardume nas ondas do mar do Norte, ou se, nas margens do Nilo, há quatro mil anos, arrolava as reses de Amnon e comentava os *capítulos de fim de dia* — não era certamente da conta dos Poderes Públicos. Isto parecia-lhe lógico. Todavia as autoridades da Alfândega continuavam a hesitar, coçando o queixo, diante do cofre sarapintado que encerrava tanto saber e tanta piedade! E agora naquela carta os amigos Pintos Bastos aconselhavam, como mais nacional e mais rápido, que se arrancasse um *empenho* do Ministro da Fazenda para fazer sair sem direitos o corpo augusto do escriba de Rameses. Ora este empenho, quem melhor para o alcançar que Marcos — esteio da Regeneração e seu cronista musical?

Vidigal esfregava as mãos, iluminado. Aí estava uma coisa bem digna dele, «bem catita» — salvar do fisco a múmia «de um figurão faraónico»! E arrebatou a carta dos Pintos Bastos, enfiou para a tipoia, gritou ao cocheiro a morada do Ministro, seu colega na *Revolução de Setembro*. Assim fiquei só com Fradique — que me

126: pauta se poderia aplicar] pauta poderia ser aplicado [RP]
133: cardume] cardume, [RP]
136: dos Poderes Públicos] dos poderes públicos [RP]
139: agora naquela carta] agora [RP]
140: mais nacional e mais rápido, que se arrancasse] mais rápido e mais prático, que se obtivesse [RP]
140: se arrancasse] se obtivesse [RP]
141: Ministro da Fazenda] Ministro [RP]
146: bem digna dele, «bem catita»] «bem catita», bem digna dele [RP]
146-147: salvar do fisco a múmia «de um figurão faraónico»!] salvar uma múmia do fisco! [RP]
149: *Revolução de Setembro*] *Revolução* [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

convidou a subir aos seus quartos, e esperar Vidigal, bebendo uma «soda e limão».

Pela escada, o poeta das LAPIDÁRIAS aludiu ao tórrido calor de agosto. E eu que nesse instante, defronte do espelho no patamar, revistava, com um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha rosa — deixei estouvadamente escapar esta coisa hedionda:

— Sim, está de escachar!

E ainda o torpe som não morrera, já uma aflição me lacerava, por esta «chulice» de esquina de tabacaria, assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sebo sobre o supremo artista das LAPIDÁRIAS, o homem que conversara com Hugo à beira-mar!… Entrei no quarto atordoado, com bagas de suor na face. E debalde rebuscava desesperadamente uma outra frase sobre o calor, bem trabalhada, toda cintilante e nova! Nada! Só me acudiam sordidezes paralelas, em calão teimoso: — «é de rachar»! «está de ananases»! «derrete os untos»!… Atravessei ali uma dessas angústias atrozes e grotescas, que, aos vinte anos, quando se começa a vida e a literatura, vincam a alma — e jamais esquecem.

Felizmente Fradique desaparecera por trás dum reposteiro de alcova. Só, limpando o suor, considerando que altos pensadores se exprimem assim, com uma simplicidade rude, — serenei. E à perturbação sucedeu a curiosidade de descobrir em torno, pelo

150: subir aos seus quartos, e esperar Vidigal, bebendo] subir ao seu quarto para bebermos [RP]

153-154: que nesse instante, defronte do espelho no patamar, revistava,] que ia atrás, e defronte do espelho no patamar parara a revistar, [RP]

155: deixei estouvadamente] deixei distraidamente [RP]

158: ainda o torpe som não morrera,] ainda o som não morrera no ar, [RP]

158-159: me lacerava, por esta «chulice» de esquina de tabacaria,] me dilacerava, pela chulice [RP]

161: beira-mar] beira do mar [RP]

162: quarto atordoado,] quarto, embaçado, [RP]

162-163: face. E debalde rebuscava desesperadamente] face. Debalde rebuscava [RP]

164: acudiam] acudiam teimosamente [RP]

165-166: calão teimoso: — «é de rachar»! «está de ananases»! «derrete os untos»!…] calão vil: — «está de rachar»! «está de derreter»!…[RP]

167: que, aos] que vêm unicamente aos [RP]

168: literatura, vincam a alma — e jamais esquecem.] literatura. [RP]

170: suor, considerando] suor, refletindo [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

aposento, algum vestígio da originalidade intensa do homem que o habitava. Vi apenas cansadas cadeiras de reps azul-ferrete, um lustre embuçado em tule, e uma console, de altos pés dourados, entre as duas janelas que respiravam para o rio. Somente, sobre o mármore da console, e por meio dos livros que atulhavam uma velha mesa de pau-preto, pousavam soberbos ramos de flores: e a um canto afofava-se um espaçoso divan, instalado decerto por Fradique com colchões sobrepostos, que dois cobrejões orientais revestiam de cores estridentes. Errava além disso em toda a sala um aroma desconhecido, que também me pareceu oriental, como feito de rosas de Esmirna, mescladas a um fio de canela e manjerona.

Fradique Mendes voltara de dentro, vestido com uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarim, de seda verde, bordada a flores de amendoeira — que me maravilhou e que me intimidou. Vi então que tinha o cabelo castanho-escuro, fino e levemente ondeado sobre a testa, mais polida e branca que os marfins de Normandia. E os olhos, banhados agora numa luz franca, não apresentavam aquela negrura profunda que eu comparara ao ónix, mas uma cor quente de tabaco escuro da Havana. Acendeu uma cigarette, e ordenou a «soda e limão» a um criado surpreendente, muito louro, muito grave, com uma pérola espetada na gravata, largas calças de xadrez verde e preto, e o peito florido por três cravos amarelos! (Percebi que este servo magnífico se chamava Smith).

174-175: habitava. Vi apenas cansadas cadeiras de reps azul-ferrete, um lustre embuçado em tule, e uma console, de altos pés dourados,] habitava. Não avistei raridades. Era a sabida sala de hotel, com reps azul-ferrete, um lustre, e uma console de pés dourados [RP]

176-177: sobre o mármore da] sobre a [RP]

177-178: atulhavam uma velha mesa de pau-preto,] atulhavam a mesa, [RP]

180-181: Fradique com colchões sobrepostos, que dois cobrejões orientais revestiam de cores estridentes.] Fradique, e arranjado com colchões sobrepostos, que um cobrejão oriental de cores estridentes recobria flamantemente. [RP]

184: e manjerona.] e benjoim. [RP]

185-186: cabaia chinesa! Cabaia] cabaia chinesa [RP]

188: castanho-escuro, fino e] castanho-escuro, muito fino, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O meu enleio crescia. Por fim Fradique murmurou, sorrindo, com sincera simpatia:

— Aquele Marcos é uma flor!

Concordei, contei a velha estima que me prendia a Vidigal, desde o primeiro ano de Coimbra, dos nossos tempos estouvados de Concertina e *Sebenta*. Então, alegremente, recordando Coimbra, Fradique perguntou-me pelo Pedro Penedo, pelo Pais, por outros lentes ainda, do antigo tipo fradesco e bruto; depois pelas tias Camelas, essas encantadoras velhas, que escrupulosamente, através de lascivas gerações de estudantes, tinham permanecido virgens, para poderem no Céu, ao lado de Santa Cecília, passar toda uma eternidade a tocar harpa… Era uma das suas memórias melhores de Coimbra essa taverna das tias Camelas, e as ceias desabaladas que custavam setenta réis, comidas ruidosamente na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, por entre temerosas contendas de Metafísica e de Arte. E que sardinhas! Que arte divina em frigir o peixe! Muitas vezes em Paris se lembrara das risadas, das ilusões e dos pitéus de então!…

Tudo isto vinha num tom muito moço, sincero, singelo — que eu mentalmente classificava de *cristalino*. Ele estirara-se no divan; eu ficara rente da mesa, onde um ramo de rosas se desfolhava ao calor sobre volumes de Darwin e do Padre Manuel Bernardes.

193-197: limão» a um criado surpreendente, muito louro, muito grave, com uma pérola espetada na gravata, largas calças de xadrez verde e preto, e o peito florido por três cravos amarelos! (Percebi que este servo magnífico se chamava Smith). O meu enleio crescia. Por fim Fradique murmurou,] limão», e disse [RP]

200: Concordei, contei] Concordei. Historiei [RP]

202-203: *Sebenta*. Então, alegremente, recordando Coimbra, Fradique perguntou-me] *Sebenta*: e falámos de Coimbra que eu execrava — mas de que Fradique conservava recordações, cheias de alegria e ilusão. Perguntou-me pelos excelentes Dórias; [RP]

208: harpa…] harpa. [RP]

208-209: memórias melhores de Coimbra] memórias mais persistentes de Coimbra, [RP]

212-213: joelhos, por entre temerosas contendas de Metafísica e de Arte.] joelhos, o cangirão do tinto sobre o chão de terra negra… [RP]

214: risadas, das ilusões] risadas, do apetite, [RP]

216: moço, sincero,] moço, natural e [RP]

218: ficara rente] ficara junto [RP]

218-219: desfolhava ao calor] desfolhava [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E então, dissipado o acanhamento, todo no apetite de revolver com aquele homem genial ideias de Literatura, sem me lembrar que, como Bacon, ele desejava esconder o seu génio poético, ou artista insatisfeito nunca reconheceria a obra imperfeita, — aludi às LAPIDÁRIAS.

Fradique Mendes tirou a cigarette dos lábios para rir — com um riso que seria genuinamente galhofeiro, se de certo modo o não contradissesse um laivo de vermelhidão que lhe subira à face cor de leite. Depois declarou que a publicação desses versos, *com a sua assinatura*, fora uma perfídia do leviano Marcos. Ele não considerava *assináveis* esses pedaços de prosa rimada, que decalcara, havia quinze anos, na idade em que se imita, sobre versos de Lecomte de Lisle, durante um verão de trabalho e de fé, numa trapeira do Luxemburgo, julgando-se a cada rima um inovador genial…

Eu acudi afirmando, todo em chama, que depois da obra de Baudelaire nada em Arte me impressionara como as LAPIDÁRIAS! E ia lançar a minha esplêndida frase, burilada nessa noite com paciente cuidado: — «A forma de V. Ex.ª é um mármore divino…» Mas Fradique deixara o divan e pousava em mim os olhos finos de ónix, com uma curiosidade que me *verrumava*:

— Vejo então, disse ele, que é um devoto do maganão das *Flores do Mal*!

220-221: revolver com aquele homem genial] revolver com ele [RP]

222: que, como Bacon, ele desejava] que esse homem como Bacon, quereria [RP]

229-230: do leviano Marcos. Ele não] do perjuro Marcos. Não [RP]

232-233: Lisle, durante um verão de trabalho e de fé, numa trapeira] Lisle. De resto passara por um tão puro e alto prazer quando os trabalhava em Paris, a uma janela por sobre as árvores [RP]

234: genial…] genial, que não lhe pesava tê-los recompensado deixando-os gozar um pouco da luz e do ruído dum jornal. [RP]

235: Eu acudi afirmando, todo em chama, que] Isto já me pareceu menos sincero — de modo nenhum *cristalino*. Afirmei no entanto que, [RP]

236-237: Baudelaire nada em Arte me impressionara como as LAPIDÁRIAS! E ia lançar] Baudelaire, nada me impressionara como as LAPIDÁRIAS. E preparei [RP]

238-240: divino…» Mas Fradique deixara o divã e pousava em mim os olhos finos de ónix, com uma curiosidade que me *verrumava*:] divino…» Ainda consegui colocar — «A forma de V. Exª…» Mas o precioso resto foi cortado pelo movimento de Fradique, que se erguera, atirara a cigarette, e, *verrumando-me* com os olhos outra vez mais negros: [RP]

241: então, disse ele, que é um devoto] então, que tenho diante de mim um discípulo devoto e militante [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Corei, àquele espantoso termo de *maganão*. E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava, à maneira dum grande astro, logo abaixo de Hugo, na moderna Poesia. Então Fradique, sorrindo paternalmente, afiançou que bem cedo eu perderia essa ilusão! Baudelaire (que ele conhecera) não era verdadeiramente um poeta. Poesia subentendia emoção: e Baudelaire, todo intelectual, não passava dum psicólogo, dum analista — um dissecador subtil de estados mórbidos. As *Flores do Mal* continham apenas resumos críticos de torturas morais que Baudelaire muito finamente compreendera, mas nunca pessoalmente *sentira*. A sua obra era como a dum patologista, cujo coração bate normal e serenamente, enquanto descreve, à banca, numa folha de papel, pela erudição e observação acumuladas, as perturbações temerosas duma lesão cardíaca. Tanto assim que Baudelaire compusera primeiro em prosa as *Flores do Mal* — e só mais tarde, depois de retificar a justeza das análises, as passara a verso, laboriosamente, com um dicionário de rimas!… De resto em França (acrescentou o estranho homem) não havia poetas. A genuína expressão da clara inteligência francesa era a prosa. Os seus mais finos conhecedores prefeririam sempre os poetas cuja poesia se caraterizasse pela precisão, lucidez, sobriedade — que são qualidades de prosa; e um poeta tornava-se tanto mais popular quanto mais visivelmente possuía o génio do prosador. Boileau continuaria a ser um clássico e um imortal, quando já ninguém se lembrasse em França do tumultuoso lirismo de Hugo…

244: dominava, à] dominava à [RP]

245-246: Poesia. Então Fradique, sorrindo paternalmente, afiançou] Poesia. Fradique sorriu: e afiançou-me [RP]

249: intelectual, não passava dum psicólogo,] intelectual, todo crítico, não passava [RP]

251: de torturas morais] de emoções nervosas [RP]

252-253: nunca pessoalmente *sentira*. A sua obra era como a dum] nunca *sentira*. Exatamente como um [RP]

254: à] à sua [RP]

254-255: papel, pela erudição e observação acumuladas, as perturbações temerosas] papel, as perturbações medonhas [RP]

257-258: tarde, depois de retificar] tarde, tendo comprovado bem [RP]

258: as passara] as passava [RP]

261-262: Os seus mais finos conhecedores] Os mais finos conhecedores franceses [RP]

266-267: lembrasse em França] lembrasse, em França, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Dizia estas coisas enormes numa voz lenta, penetrante — que ia recortando os termos com a certeza e a perfeição dum buril. E eu escutava, varado! Que um Boileau, um pedagogo, um lambão de corte, permanecesse nos cimos da Poesia Francesa, com a sua *Ode à Tomada de Namur*, a sua cabeleira e a sua férula, quando o nome do poeta da *Lenda dos Séculos* fosse como um suspiro do vento que passou — parecia-me uma dessas afirmações, de rebuscada originalidade, com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente classificava de *insolente*. Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras, a contestar: mas não ousava, por não poder apresentá-las naquela forma translúcida e geométrica do poeta das LAPIDÁRIAS. Essa cobardia, porém, e o esforço para reter os protestos do meu entusiasmo pelos Mestres da minha mocidade, sufocava-me, enchia-me de mal-estar: e ansiava só por abalar daquela sala onde, com tão bolorentas opiniões clássicas, tanta rosa nas jarras e todas as moles exalações de canela e manjerona, — se respirava conjuntamente um ar abafadiço de Serralho e de Academia.

Ao mesmo tempo julgava humilhante ter soltado apenas, naquela conversação com o familiar de Mazzini e de Hugo, miúdos reparos sobre o Pedro Penedo e o carrascão das Camelas. E na justa ambição de deslumbrar Fradique com um resumo crítico, provando as minhas finas letras, recorri à frase, à lapidada frase, sobre a forma do seu verso. Sorrindo, retorcendo o buço, murmurei: — «Em todo o caso a forma de V. Ex.ª é um

270-271: varado! Que um Boileau, um pedagogo, um lambão de corte, permanecesse] varado. Que o entupido Boileau, ficasse [RP]

271-272: com a sua *Ode à Tomada de Namur*, a sua cabeleira e a sua férula, quando] com a coroa de louros sobre os cachos da cabeleira, quando já [RP]

278: forma translúcida e geométrica] forma rigorosa e cristalizada [RP]

282: tão bolorentas] tão secas [RP]

283-284: jarras e todas as moles exalações de canela e manjerona, —] jarras, e toda a canela e benjoim que deviam jazer nalgum canto, — [RP]

287-288: conversação com o familiar de Mazzini e de Hugo, miúdos reparos] conversação, traços escolares e miúdos [RP]

288-289: Camelas. E na justa] Camelas. Na razoável [RP]

291-292: Sorrindo, retorcendo o buço,] Sorrindo, esfregando as mãos, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mármore…» Subitamente, à porta que se abrira com estrondo, surgiu Vidigal:

— Tudo pronto! gritou. Despachei o defunto!

O ministro, homem de poesia e de eloquência, interessara-se francamente por aquela múmia dum «colega», e jurara logo poupar-lhe o opróbrio de ser tarifada como peixe salgado. S. Ex.ª tinha mesmo ajuntado: — «Não, senhor! não, senhor! Há de entrar livremente, com todas as honras devidas a um clássico!» E logo de manhã Pentaour deixaria a Alfândega, de tipoia!

Fradique riu daquela designação de *clássico* dada a um hierogramata do tempo de Rameses — e Vidigal, triunfante, abancando ao piano, entoou com ardor a *Grã-Duquesa*. Então eu, tomado estranhamente, sem razão, por um sentimento de inferioridade e de melancolia, estendi a mão para o chapéu. Fradique não me reteve; mas os dois passos com que me acompanhou no corredor, o seu sorriso e o seu *shake-hands*, foram perfeitos. Apenas na rua, desabafei: — «Que pedante!»

Sim, mas inteiramente *novo*, dissemelhante de todos os homens que eu até aí conhecera! E à noite, na Travessa do Guarda-Mor (ocultando a escandalosa apologia de Boileau, para nada dele mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira de Azevedo com *um* Fradique idealizado, em que tudo era irresistível, as ideias, o verbo, a cabaia de seda, a face marmórea de Lucrécio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!

J. Teixeira de Azevedo tinha o entusiasmo difícil e lento em fumegar. O homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e teatral. Concordou no entanto que convinha ir estudar «um maquinismo de *pose* montado com tanto luxo»!

293: mármore…» Subitamente, à porta que se abrira com estrondo,] mármore…» Chegara ao «mármore» — quando a porta se abriu com estrondo, e [RP]

296-297: interessara-se francamente] interessara-se infinitamente [RP]

301: E logo de manhã] E na manhã seguinte, [RP]

303-305: Rameses — e Vidigal, triunfante, abancando ao piano, entoou com ardor a *Grã-Duquesa*. Então eu, tomado estranhamente,] Rameses — e apontou a morada do ministro para lhe agradecer tão culta benevolência. Então eu, tomado subitamente, [RP]

308-309: rua, desabafei] rua, gritei comigo [RP]

310: *novo*, dissemelhante de todos os] *novo*, diferente de todos os tipos de [RP]

320: luxo»!] luxo». [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Fomos ambos ao Central, dias depois, no fundo duma tipoia. Eu, engravatado em cetim, de gardénia ao peito. J. Teixeira de Azevedo, caraterizado de «Diógenes do século XIX», com um pavoroso cacete ponteado de ferro, chapéu braguês orlado de sebo, jaquetão encardido e remendado que lhe emprestara o criado, e grossos tamancos rurais!… Tudo isto arranjado com trabalho, com despesa, com intenso nojo, só para horrorizar Fradique — e diante desse homem de ceticismo e de luxo, altivamente afirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral do remendo e a filosófica austeridade da nódoa! Éramos assim em 1867!

Tudo perdido! Perdida a minha gardénia, perdida a imundície estoica do meu camarada! O Sr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na véspera num vapor que ia buscar bois a Marrocos.

323-326: com um pavoroso cacete ponteado de ferro, chapéu braguês orlado de sebo, jaquetão encardido e remendado que lhe emprestara o criado, e grossos tamancos rurais!…] com um jaquetão encardido e remendado que lhe emprestara o criado, chapéu braguês orlado de sebo, grossos sapatões rurais, pavoroso cacete ponteado de ferro!… [RP]

327: com intenso] com imenso [RP]

327: e] e, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

III

Alguns anos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui conhecendo os homens e a realidade das coisas, perdi a idolatria da Forma, não tornei a ler Baudelaire. Marcos Vidigal, que, através da *Revolução de Setembro*, trepara da Crónica Musical à Administração Civil, governava a Índia como Secretário-Geral, de novo entregue, nesses ócios asiáticos que lhe fazia o Estado, à *História da Música* e à concertina: e levado assim esse grato amigo do Tejo para o Mandovi eu não soubera mais do poeta das LAPIDÁRIAS. Nunca porém se me apagara a lembrança do homem singular. Antes por vezes me sucedia de repente *ver*, claramente *ver*, num relevo quase tangível — a face ebúrnea e fresca, os olhos cor de tabaco insistentes e verrumando, o sorriso sinuoso e cético onde viviam vinte séculos de literatura.

Em 1871 percorri o Egito. Uma ocasião, em Mênfis, ou no sítio em que foi Mênfis, navegava nas margens inundadas do Nilo, por entre palmeirais que emergiam da água, e reproduziam sobre um fundo radiante de luar oriental, o recolhimento e a solenidade triste de longas arcarias de claustros. Era uma solidão, um vasto silêncio de terra morta, apenas docemente quebrado

7-8: Estado à *História da Música* e à concertina:] Estado aos seus solos trabalhosos de concertina: [RP]

11-12: claramente *ver*, num relevo quase tangível —] claramente *ver* diante de mim, [RP]

17: entre palmeirais] entre palmeiras [RP]

17-19: e reproduziam sobre um fundo radiante de luar oriental, o recolhimento e a solenidade triste] e erguiam em redor, sobre o fundo de ardente luar, a sombra e a solenidade saudosa [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pela cadência dos remos e pelo canto dolente do arrais… E eis que subitamente (sem que recordação alguma evocasse até esta imagem) — *vejo*, nitidamente *vejo*, avançando com o barco, e com ele cortando as faixas de luz e sombra, o quarto do Hotel Central, o grande divan de cores estridentes, e Fradique, na sua cabaia de seda, celebrando por entre o fumo da cigarette a imortalidade de Boileau! E eu mesmo já não estava no Oriente, nem em Mênfis, sobre as imóveis águas do Nilo; mas lá, entre o reps azul, sob o lustre embuçado em tule, diante das duas janelas que miravam o Tejo, sentindo em baixo as carroças de ferragens rolarem para o Arsenal. Perdera porém o acanhamento que então me enleava. E, durante o tempo que assim remámos nesta decoração faraónica para a morada do *Sheik* de Abou-Kair, fui argumentando com o poeta das LAPIDÁRIAS, e enunciando enfim, na defesa de Hugo e Baudelaire, as coisas finas e tremendas com que o devia ter emudecido naquela tarde de agosto! O arrais cantava os vergéis de Damasco. Eu berrava mentalmente: — «Mas veja V. Ex.ª nos *Miseráveis* a alta lição moral…»

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os *muezins* cantam a terceira oração. E ao apear do meu burro, diante do Hotel Sheperd, nos jardins do Ezbekieh, quem hei de eu avistar? Que homem, dentre todos os homens, avistei eu no terraço, estendido numa comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por trás da nuca, o *Times* esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz? Fradique Mendes.

21: do arrais…] do arrais. [RP]

22-23: subitamente (sem que recordação alguma evocasse até esta imagem) —] subitamente, sem que recordação alguma tivesse evocado esta imagem — [RP]

25-26: Fradique, na sua cabaia de seda, celebrando por entre o fumo da *cigarette*] Fradique a celebrar classicamente, por entre o fumo da cigarette, [RP]

28: sobre as imóveis águas do Nilo;] sobre a água verde do Nilo; [RP]

28-30: mas lá, entre o reps azul, sob o lustre embuçado em tule, diante das duas janelas que miravam o Tejo,] mas lá, nesse corriqueiro aposento de hotel, sentado junto da mesa, diante das duas janelas que respiravam para o Tejo, [RP]

32: nesta decoração] nessa decoração [RP]

33: fui argumentando] fui tacitamente argumentando [RP]

35: as coisas finas e tremendas] as coisas tremendas e aceradas [RP]

43: avistei eu no terraço,] hei de eu avistar no terraço [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Galguei os degraus do terraço, lançando o nome de Fradique, por entre um riso de transbordante prazer. Sem desarranjar a sua beatitude, ele descruzou apenas um braço que me estendeu com lentidão. O encanto do seu acolhimento esteve na facilidade com que me reconheceu, sob as minhas lunetas azuis, e o meu vasto chapéu panamá:

— Então como vai desde o Hotel Central?… Há quanto tempo pelo Cairo?

Teve ainda outras palavras indolentes e afáveis. Num banco ao seu lado, todo eu sorria, limpando o pó que me empastara a face com uma espessura de máscara. Durante o curto e doce momento que ali conversámos, soube que Fradique chegara havia uma semana de Suez, vindo das margens do Eufrates e da Pérsia, por onde errara, como nos contos de fadas, um ano inteiro e um dia; que tinha um *debarieh*, com o lindo nome de *Rosa das Águas*, já tripulado e amarrado à sua espera no cais de Boulak; e que ia nele subir o Nilo até ao Alto Egito, até à Núbia, ainda para além de Ibsambul…

Todo o sol do Mar Vermelho e das planícies do Eufrates não lhe tostara a pele láctea. Trazia, exatamente como no Hotel Central, uma larga quinzena preta e um colete branco fechado por botões de coral. E o laço da gravata de cetim negro representava bem, naquela terra de roupagens soltas e rutilantes, a precisão formalista das ideias ocidentais.

48: de] de intenso e [RP]

50: facilidade] facilidade franca [RP]

51: azuis, e] azuis, [RP]

56-57: que me empastara a face] que se me empastara na face [RP]

61-64: dia; que tinha um *debarieh*, com o lindo nome de *Rosa das Águas*, já tripulado e amarrado à sua espera no cais de Boulak; e que ia nele subir o Nilo até ao Alto Egito, até à Núbia, ainda para além de Ibsambul…] dia: e que ia partir, num *debarieh* que já o esperava no cais de Boulak, para o alto Egito, para a Núbia, até Ouadi-Alfah. [RP]

65: Todo o sol] Eu escutava-o, e sentia já envolver-me a influência daquela voz incisiva e lenta, dos olhos persuasivos que *verrumavam*, e tomavam na luz mais crua do Oriente uma cor mais clara de tabaco da Virgínia. Todo o sol [RP*, que abre parágrafo em* Eu escutava-o *e não em* Todo o sol.]

67: larga quinzena preta e um colete] larga e fresca quinzena preta, com o colete [RP]

68-69: da gravata de cetim negro representava bem, naquela terra de] da sua gravata de cetim preto (pensei eu) representava ali, na terra das [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Perguntou-me pela pachorrenta Lisboa, por Vidigal que burocratizava entre os palmares bramânicos… Depois, como eu continuava a esfregar o suor e o pó, aconselhou que me purificasse num banho turco, na piscina que fica ao pé da Mesquita de El-Monyed, e que repousasse toda a tarde, para percorrermos à noite as iluminações do Beiram.

Mas em lugar de descansar, depois do banho lustral, tentei ainda, ao trote doce de um burro, através da poeira quente do deserto líbico, visitar fora do Cairo as sepulturas dos Califas. Quando à noite, na sala do Sheperd, me sentei diante da sopa de «rabo de boi», a fadiga tirara-me o ânimo de pasmar para outras maravilhas muçulmanas. O que me apetecia era o leito fresco, no meu quarto forrado de esteiras, onde tão romanticamente se ouviam cantar no jardim as fontes entre os rosais.

Fradique Mendes já estava jantando, numa mesa onde flamejava, entre as luzes, um ramo enorme de catos. Ao seu lado pousava de leve, sobre um escabelo mourisco, uma senhora vestida de branco, a quem eu só via a massa esplêndida dos cabelos louros, e as costas, perfeitas e graciosas, como as duma estátua de Praxíteles que usasse um colete de Madame Marcel; defronte, numa cadeira de braços, alastrava-se um homem gordo e mole, cuja vasta face, de barbas encaracoladas, cheia de força tranquila como a de um Júpiter, eu já decerto encontrara algures, ou viva ou em mármore. E caí logo nesta preocupação. Em que rua, em

71-72: Lisboa, por Vidigal que burocratizava entre os palmares bramânicos…] Lisboa, o que constava de Vidigal burocratizando entre os palmares bramânicos, se já se completara a estrada nova de Sintra… [RP]

73-74: aconselhou que me purificasse num banho turco,] aconselhou-me que fosse mergulhar num banho turco, [RP]

75-76: para percorrermos à noite as iluminações] para irmos à noite ver as iluminações [RP]

77: Mas em lugar] Em lugar [RP]

78: poeira quente] poeira [RP]

80: Quando à noite, na sala do Sheperd,] Quando à noite na sala do Sheperd [RP]

83-84: se ouviam cantar no jardim] se ouvia cantarem no jardim, com uma languidez de serralho, [RP]

89: louros, e as costas, perfeitas e graciosas,] louros e as costas perfeitas e graciosas, [RP]

90: Marcel; defronte,] Marcel; do outro lado, [RP]

91-92: homem gordo e mole, cuja vasta face,] homem abundante, cuja face ampla e serena, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que museu admirara eu já aquele rosto olímpico, onde apenas a fadiga do olhar, sob as pálpebras pesadas, traía a argila mortal?

Terminei por perguntar ao negro de Seneh que servia o macarrão. O selvagem escancarou um riso de faiscante alvura no ébano do carão redondo, e, através da mesa, grunhiu com respeito: — *Cé-le-diêu*… Justos Céus! *Le Dieu!* Intentaria o negro afirmar que aquele homem de barbas encaracoladas *era um Deus — o Deus* especial e conhecido que habitava o Sheperd! Fora pois num altar, numa tela devota, que eu vira essa face, dilatada em majestade pela absorção perene do incenso e da prece? De novo interroguei o Núbio quando ele voltou erguendo nas mãos espalmadas uma travessa que fumegava. De novo o Núbio me atirou, em sílabas claras, bem feridas, dissipando toda a incerteza: — *C'est le Dieu!*

Era um Deus! Sorri a esta ideia de literatura — um Deus de rabona, jantando à mesa do Hotel Sheperd. E, pouco a pouco, da minha imaginação esfalfada foi-se evolando não sei que sonho, esparso e ténue, como o fumo que se eleva de uma braseira meio apagada. Era sobre o Olimpo, e os velhos Deuses, e aquele amigo de Fradique que se parecia com Júpiter. Os Deuses (cismava eu, colhendo garfadas lentas da salada de tomates) não tinham

95: eu já aquele rosto olímpico,] eu aquele rosto clássico, de olímpica nobreza, [RP]

97-98: que servia o macarrão. O selvagem escancarou um riso de faiscante alvura] que me servia. O selvagem abriu um sorriso de radiosa alvura [RP]

99-100: redondo, e, através da mesa, grunhiu com respeito: — *Cé-le-diéu*… Justos Céus! *Le Dieu!* Intentaria] redondo: — e através da mesa lançou um grunhido, onde julguei distinguir estas sílabas, respeitosamente engoroladas: — *Cé-tun-diú!* Nos lábios toscos do servo de Seneh estes sons tentavam talvez significar — *C'est un Dieu!*… Justos céus! Pretenderia [RP]

101-102: *era um Deus — o Deus* especial e conhecido que habitava o Sheperd!] *era um Deus?* [RP]

105: voltou] voltou, [RP]

106: travessa que fumegava.] travessa de macarrão. [RP]

106: atirou, em sílabas] atirou em sílabas já [RP]

107: incerteza: — *C'est le Dieu!*] incerteza — *C'est un Dieu!* [RP]

108-109: de rabona,] de jaquetão [RP]

109-110: pouco, da minha imaginação esfalfada foi-se] pouco, através do meu estado de enervação e fadiga (a que longos tragos de vinho de Borgonha, bebidos com uma sede de Beduíno, juntavam um começo de sonolência), foi-se dela [RP]

111: uma braseira] uma brasa [RP]

112: Olimpo, e os velhos Deuses,] Olimpo e os velhos Deuses [RP]

113-114: Os Deuses (cismava eu, colhendo garfadas lentas da salada de tomates)] Os Deuses, cismava eu, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

talvez morrido: e desde a chegada de S. Paulo à Grécia, viviam refugiados num vale da Lacónia, outra vez entregues, nos ócios que lhes impusera o Deus novo, às suas ocupações primordiais de lavradores e pastores. Somente, já pelo hábito que os Deuses nunca perderam de imitar os homens, já para escapar aos ultrajes duma Cristandade pudibunda, os olímpicos abafavam sob saias e jaquetões o esplendor das nudezas que a Antiguidade adorara: e como tomavam outros costumes humanos, ora por necessidade (cada dia se torna mais difícil ser Deus), ora por curiosidade (cada dia se torna mais divertido ser Homem), os Deuses iam lentamente consumando a sua humanização. Já por vezes deixavam a doçura do seu vale bucólico; e com baús, com sacos de tapete, viajavam por distração ou negócios, folheando os *Guias Bedecker*. Uns iam estudar nas cidades, entre a Civilização, as maravilhas da Imprensa, do Parlamentarismo e do Gás; outros, aconselhados pelo erudito Hermes, cortavam a monotonia dos longos estios da Ática bebendo as águas em Vichy ou em Carlsbad: outros ainda, na saudade imperecível das omnipotências passadas, peregrinavam até às ruínas dos templos onde outrora lhes era ofertado o mel e o sangue das reses. Assim se tornava verosímil que aquele homem, cuja face cheia de majestade e força serena reproduzia as feições com que Júpiter se revelou à Escola de Atenas — fosse na realidade Júpiter, o Tonante, o Fecundador, pai inesgotável dos Deuses, criador da Regra e da Ordem. Mas que motivo o traria ali, vestido de flanela azul, pelo Cairo, pelo Hotel Sheperd, co-

115: morrido: e desde a chegada de S. Paulo à Grécia, viviam] morrido: mas viviam, desde a chegada de S. Paulo à Grécia, [RP]

117: lhes impusera o Deus novo,] lhes fizera o Deus novo [RP]

118: Somente, já] Somente, [RP]

119-120: homens, já para escapar aos ultrajes duma Cristandade pudibunda,] homens, e para escapar aos ultrajes da Cristandade, [RP]

120-121: sob saias e jaquetões] sob casimiras, e chitas, e saiotes, e rabonas, [RP]

128: a Civilização,] a civilização, [RP]

131: Ática] Ática, [RP]

133: dos templos] dos Templos [RP]

136: feições com que Júpiter se revelou à Escola de Atenas —] feições dogmaticamente impostas a Júpiter pela Escola de Atenas, — [RP]

138: Mas que motivo o traria] Mas o que o trazia [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mendo um macarrão que profanadoramente se prendia às barbas divinas por onde a ambrósia escorrera? Certamente o doce motivo que através da Antiguidade, em Céu e Terra, sempre inspirara os atos de Júpiter — do frascário e femeeiro Júpiter. O que o podia arrastar ao Cairo senão *alguma saia*, esse desejo esplendidamente insaciável de deusas e de mulheres — que outrora tornava pensativas as donzelas da Helénia ao decorarem na Cartilha Pagã as datas em que ele batera as asas de Cisne entre os joelhos de Leda, sacudira as pontas de touro entre os braços de Europa, gotejara em pingos de ouro sobre o seio de Danae, pulara em línguas de fogo até aos lábios de Égina, e mesmo um dia, enojando Minerva e as damas sérias do Olimpo, atravessara toda a Macedónia com uma escada ao ombro para trepar ao alto eirado da morena Semele? Agora, evidentemente, viera ao Cairo passar umas férias sentimentais, longe da Juno mole e conjugal, com aquela viçosa mulher, cujo busto irresistível provinha das artes conjuntas de Praxíteles e de Madame Marcel. E ela, quem seria ela? A cor das suas tranças, a suave ondulação dos seus ombros, tudo indicava claramente uma dessas deliciosas Ninfas das Ilhas da Jónia, que outrora os Diáconos Cristãos expulsavam dos seus frescos regatos, para neles batizar centuriões caquéticos e comidos de dívidas, ou velhas matronas com pelo no queixo, trôpegas do incessante peregrinar aos altares de Afrodite. Nem ele nem ela porém podiam esconder a sua origem divina: através do vestido de cassa o corpo da Ninfa irradiava uma claridade; e, atendendo bem, ver-se-ia a fronte marmórea de Júpiter arfar em cadência, no calmo esforço de perpetuamente conceber a Regra e a Ordem.

Mas Fradique? Como se achava ali Fradique, na intimidade dos Imortais, bebendo com eles champagne Clicquot, ouvindo de

139-140: comendo um macarrão que profanadoramente se prendia às barbas] comendo o macarrão que se lhe prendia às barbas [RP]

141-143: escorrera? Certamente o doce motivo que através da Antiguidade, em Céu e Terra, sempre inspirara os atos de Júpiter — do frascário e femeeiro Júpiter.] escorrera? Tratando-se de Júpiter, o frascário, o femeeiro Júpiter, os seus motivos transpareciam logo, límpidos e lógicos. [RP]

145: mulheres —] mulheres, [RP]

154: Juno mole e conjugal, com aquela viçosa] Juno conjugal, com aquela soberba [RP]

154-155: viçosa mulher,] soberba mulher [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

perto a harmonia inefável da palavra de Jove? Fradique era um dos derradeiros crentes do Olimpo, devotamente prostrado diante da Forma, e transbordando de alegria pagã. Visitara a Lacónia; falava a língua dos Deuses; recebia deles a inspiração. Nada mais consequente do que descobrir Júpiter no Cairo, e prender-se logo ao seu serviço, como *cicerone*, nas terras bárbaras de Alá. E certamente com ele e com a Ninfa da Iónia ia Fradique subir o Nilo, na *Rosa das Águas*, até aos derrocados templos onde Júpiter poderia murmurar, pensativo, e indicando ruínas de aras com a ponta do guarda-sol: «Abichei aqui muito incenso!»

Assim, através da salada de tomates, eu desenvolvia e coordenava estas imaginações — decidido a convertê-las num Conto para publicar em Lisboa na *Gazeta de Portugal*. Devia chamar-se *A derradeira campanha de Júpiter*: — e nele obtinha o fundo erudito e fantasista para incrustar todas as notas de costumes e de paisagens colhidas na minha viagem do Egito. Somente, para dar ao conto um relevo de modernidade e de realismo picante, levaria a Ninfa das águas, durante a jornada do Nilo, a enamorar-se de Fradique e a trair Júpiter! E ei-la aproveitando cada recanto de palmeiral e cada sombra lançada pelos velhos pilones de Osíris para se pendurar do pescoço do poeta das LAPIDÁRIAS, murmurar-lhe coisas em grego mais doces que os versos de Hesíodo, deixar-lhe nas flanelas o seu aroma de ambrósia, e ser por todo esse vale do Nilo

169: harmonia inefável] harmonia sem igual [RP]

169: Jove?] Jove? Muito naturalmente, como se encontram sempre Fidalgos ricos e fiéis, junto dos Reis no exílio. [RP]

171: Forma, e] Forma, [RP]

171: pagã. Visitara a Lacónia;] pagã: visitava a Lacónia, [RP]

172: Deuses;] Deuses, [RP]

172: inspiração.] inspiração: — [RP]

175: Iónia] Iónia, [RP]

176: Nilo, na *Rosa das Águas*,] Nilo, [RP]

176-178: onde Júpiter poderia murmurar, pensativo, e indicando ruínas de aras com a ponta do guarda-sol: «Abichei aqui muito incenso!»] onde Zeus foi temido sob o nome de Amnon. [RP]

179: Assim, através da salada de tomates, eu desenvolvia e] Através duma salada de tomates, eu desenvolvia, [RP]

183: paisagens] paisagens, [RP]

188: de Osíris] de Osíris, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

imensamente *cochonne* — enquanto o Pai dos Deuses, cofiando as barbas encaracoladas, continuaria imperturbavelmente a conceber a Ordem, supremo, augusto, perfeito, ancestral e cornudo!

Entusiasmado, já construía a primeira linha do Conto: «Era no Cairo, nos jardins de Choubra, depois do jejum do Ramadan…» — quando vi Fradique adiantar-se para mim, com a sua chávena de café na mão. Júpiter também se erguera, cansadamente. Pareceu-me um Deus pesado e mole, com um princípio de obesidade, arrastando a perna tarda, bem próprio para o ultraje que eu lhe preparava na *Gazeta de Portugal*. Ela porém tinha a harmonia, o aroma, o andar, a irradiação duma Deusa!… Tão realmente divina que resolvi logo substituir-me a Fradique no Conto, ser eu o *cicerone*, e com os Imortais vogar à vela e à sirga sobre o rio de imortalidade! Junto à minha face, não à de Fradique, balbuciaria ela, desfalecendo de paixão entre os granitos sacerdotais de Medinet-Abou, as coisas mais doces da *Antologia*! Ao menos, em sonho, realizava uma triunfal viagem a Tebas. E faria pensar aos assinantes da *Gazeta de Portugal*: — «O que ele por lá gozou!»

Fradique sentara-se, recebendo, de Jove e da Ninfa que passavam, um sorriso cuja doçura também me envolveu. Vivamente puxei a cadeira para o poeta das LAPIDÁRIAS:

— Quem é este homem? Conheço-lhe a cara…

— Naturalmente, de gravuras… É Gautier!

Gautier! Teófilo Gautier! O grande Teo! O mestre impecável! Outro ardente enlevo da minha mocidade! Não me enganara pois inteiramente. Se não era um Olímpico — era pelo menos o derradeiro Pagão, conservando, nestes tempos de abstrata e cinzenta intelectualidade, a religião verdadeira da Linha e da Cor! E esta intimidade de Fradique com o autor de *Mademoiselle de Maupin*, com

192: Deuses,] Deuses, sem nada perceber, [RP]

194: Ordem, supremo, augusto,] Ordem, augusto, inefável, [RP]

195-196: primeira linha do Conto: «Era no Cairo, nos jardins de Choubra, depois do jejum do Ramadan…» —] primeira frase do Conto — [RP]

198: erguera, cansadamente.] erguera vagarosamente. [RP]

201-202: tinha a harmonia, o aroma, o andar, a irradiação] tinha a graça, o esplendor, o aroma, o andar [RP]

202-203: Tão realmente divina] Tanto [RP]

218: conservando,] conservando [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o velho paladino de *Hernani*, tornou-me logo mais precioso este compatriota que dava à nossa gasta Pátria um lustre tão original! Para saber se ele preferia anis ou genebra acariciei-lhe a manga com meiguice. E foi em mim um êxtase ruidoso, diante da sua agudeza, quando ele me aclarou o grunhir do negro de Seneh. O que eu tomara pelo anúncio duma presença divina significava apenas — *c'est le deux*! Gautier no hotel ocupava o quarto número dois. E, para o bárbaro, o plástico mestre do Romantismo era apenas — *o dois*!

Contei-lhe então a minha fantasia pagã, o Conto que ia trabalhar, os perfeitos dias de paixão que lhe destinava na viagem para a Núbia. Pedi mesmo permissão para lhe dedicar a *Derradeira Campanha de Júpiter*. Fradique sorriu, agradeceu. Desejaria bem (confessou ele) que essa fosse a realidade, porque não se podia encontrar mulher de mais genuína beleza e de mais aguda sedução do que essa Ninfa das águas, que se chamava Jeanne Morlaix, e era comparsa dos *Délassements-Comiques*. Mas, para seu mal, a radiosa criatura estava caninamente namorada de um Sicard, corretor de fundos, que a trouxera ao Cairo, e que fora nessa tarde, com banqueiros gregos, jantar aos jardins de Choubra…

— Em todo o caso, acrescentou o originalíssimo homem, nunca esquecerei, meu caro patrício, a sua encantadora intenção!

220-221: *Maupin*, com o velho paladino de *Hernani*,] *Maupin* [RP]

221-222: precioso este compatriota que dava à nossa gasta Pátria um lustre tão original!] precioso e mais querido este compatriota sem par. [RP]

223: ele preferia anis ou genebra acariciei-lhe a manga] ele desejava genebra pousei-lhe a mão sobre a manga, [RP]

224-225: foi em mim um êxtase ruidoso, diante da sua agudeza,] foi um êxtase, diante da sua penetração, [RP]

227: *deux*!] *deux*. [RP]

228: dois. E, para o bárbaro,] dois: e para o bárbaro, [RP]

230: fantasia pagã,] fantasia mitológica, [RP]

231: perfeitos dias] adoráveis dias [RP]

233: *Campanha*] *campanha* [RP]

234: bem (confessou ele)] bem, confessou ele, [RP]

236: das águas,] das Águas, [RP]

237: [Delassements-Comiques *por* Délassements-Comiques]

242: intenção!] intenção! // Porque vim eu narrando, com tal difusão, este episódio que aparentemente se prende tanto com o estudo do caráter e do espírito de Fradique, como aqueles ramos de faia que se balançam à brisa de maio, rente da minha janela? Porque penso que ele originou a calorosa amizade de Fradique para comigo, comunicando-lhe esse sabor de fantasia e humorismo que nela derramou tanto encanto [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Descartes, zombando, creio eu, da física Epicuriana ou atomista, fala algures das afeições produzidas pelos *Atomes crochus*, átomos recurvos, em forma de colchete ou de anzol, que se engancham invisivelmente de coração a coração, e formam essas *cadeias*, resistentes como o bronze de Samotrácia, que para sempre ligam e fundem dois seres, numa constância vencedora da Sorte e sobrevivente à Vida. Um qualquer *nada* provoca esse fatal ou providencial enlaçamento de átomos. Por vezes um olhar, como desastradamente em Verona sucedeu a Romeu e Julieta: por vezes o impulso de duas crianças para o mesmo fruto, num vergel real, como na amizade clássica de Orestes e Pílades. Ora, por esta teoria (tão satisfatória como qualquer outra em Psicologia afetiva), a esplêndida aventura de amor, que eu tão generosamente reservara a Fradique na *Última campanha de Júpiter*, seria a causa misteriosa e inconsciente, o *nada* que determinou a sua primeira simpatia para comigo, desenvolvida, solidificada depois em seis anos de intimidade intelectual.

Muitas vezes, no decurso da nossa convivência, Fradique aludiu gratamente a essa minha *encantadora intenção* de lhe atar em

243: Descartes,] [*Na* RP *não há abertura de parágrafo, uma vez que a frase que abre parágrafo em 1900 vem na sequência narrativa eliminada.*]

243-244: da física Epicuriana ou atomista,] da Física Epicuriana ou Atomista, [RP]

244-245: pelos *Atomes crochus,* átomos recurvos, em] pelos *Átomos crochus* ou átomos recurvos — dando uma explicação fantasista dum fenómeno obscuro da sensibilidade por meio duma aplicação fantasista da teoria Atómica do Universo. Estes átomos, em [RP]

245-247: anzol, que se engancham invisivelmente de coração a coração, e formam essas *cadeias,* resistentes como o bronze de Samotrácia,] anzol, engancham-se invisivelmente de alma a alma e de corpo a corpo, e formam essas *cadeias*, abstratas e resistentes como o bronze, [RP]

248-249: ligam e fundem dois seres, numa constância vencedora da Sorte e sobrevivente à Vida.] ligam dois seres, sem que os possam separar — nem a desilusão, nem a lassidão, nem a discordância dos temperamentos, nem a contradição dos carateres. [RP]

250: providencial enlaçamento] providencial engachamento [RP]

251-253: vezes o impulso de duas crianças para o mesmo fruto, num vergel real, como na amizade] vezes uma fugitiva palavra que se trocou, como na amizade [RP]

254: afetiva), a] afetiva), vim a pensar que a [RP]

256-257: Fradique na *Última campanha de Júpiter*, seria a causa misteriosa e inconsciente,] Fradique no plano da *Última campanha de Júpiter*, foi a causa misteriosa, inconsciente para ele mesmo, [RP] [O título surge alterado nas duas lições.]

258: depois] depois, [RP]

260-261: decurso da nossa convivência, Fradique] decurso das nossas relações, ele [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

torno do pescoço os braços de Jeanne Morlaix. Fora ele cativado pela sinuosa e poética homenagem que eu assim prestava às suas seduções de homem? Não sei. — Mas, quando nos erguemos para ir ver as iluminações do Beiram, Fradique Mendes, com um modo novo, aberto, quente, quase íntimo, já me tratava por *você*.

As iluminações no Oriente consistem, como as do Minho, de tigelinhas de barro e de vidro onde arde um pavio ou uma mecha de estopa. Mas a descomedida profusão com que se prodigalizam as tigelinhas (quando as paga o Paxá) torna as velhas cidades meio arruinadas, que assim se enfeitam em louvor de Alá, realmente deslumbrantes — sobretudo para um ocidental besuntado de literatura, e inclinado a ver por toda a parte, reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas dessas *Mil e uma noites* que ninguém jamais leu.

Na celebração do Beiram (custeada pelo Quediva), as tigelinhas eram incontáveis — e todas as linhas do Cairo, as mais quebradas e as mais fugidias, ressaltavam na escuridão, esplendidamente sublinhadas por um risco de luz. Longas fieiras de pontos refulgentes marcavam a borda dos eirados; as portas abriam sob ferraduras de lumes; dos toldos pendia uma franja que faiscava; um brilho tremia, com a aragem, sobre cada folha de árvore; e os minaretes, que a Poesia Oriental classicamente compara desde séculos aos braços da Terra levantados para o Céu, ostentavam, como braços em noite de festa, um luxo de braceletes fulgindo

262: [*Neste ponto a* RP *apresenta uma passagem eliminada na edição de 1900, como segue.*] Morlaix. Era por causa desses braços? Não! Logo à volta do Egito, os teve colados a si, insistentes e já pesados, durante todo um verão, nas sombras do Vesinet. [RP]

262-263: Fora ele cativado pela sinuosa] Era pela subtil [RP]

264: homem? Não sei. —] homem? Quem sabe? Os motivos dele jaziam sempre muito enterrados nos escaninhos do seu complicado espírito, para se poderem definir com claro rigor. — [RP]

268: de barro e de vidro] de barro ou de vidro, [RP]

270-271: torna as velhas cidades] torna essas velhas cidades [RP]

276: Beiram (custeada pelo Quediva),] Beiram o Pachá pagava devotamente, [RP]

278-279: ressaltavam na escuridão, esplendidamente sublinhadas] ressaltavam, sublinhadas [RP]

281: lumes; dos] lumes; os varandins pousavam em gradações de fogo; dos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

na treva serena. Era (lembrei eu a Fradique) como se durante todo o dia tivesse caído sobre a sórdida cidade uma grossa poeirada de ouro, pousando em cada friso de *moucharabieh* e em cada grade de varandim, e agora rebrilhasse, com radiosa saliência, na negrura da noite calma.

Mas, para mim, a beleza especial e nova estava na multidão festiva que atulhava as praças e os bazares — e que Fradique, através do rumor e da poeira, me explicava como um livro de estampas. Com quanta profundidade e miudeza conhecia o Oriente este patrício admirável! De todas aquelas gentes, intensamente diversas desde a cor até ao traje — ele sabia a raça, a história, os costumes, o lugar próprio na civilização muçulmana. Devagar, abotoado num *paletot* de flanela, com um chicote de nervo (que é no Egito o emblema de Autoridade) entalado debaixo do braço, ia apontando, nomeando à minha curiosidade flamejante essas estranhas figuras, que eu comparava, rindo, às duma mascarada fabulosa, arranjada por um arqueólogo em noite de folia erudita para reproduzir as «modas» dos Semitas e os seus «tipos» através

286: Era (lembrei eu a Fradique)] Era, disse eu (querendo puerilmente, diante de Fradique, mostrar Imaginação e Literatura), [RP]

288-289: cada grade de varandim,] cada ramo de jardim, [RP]

289: com radiosa] com esplêndida [RP]

290: calma.] calma: ou ainda, como se a uma ordem divina um Anjo muçulmano andasse avivando os contornos aéreos do Cairo, com um pincel molhado na tinta de que Alá se serve para redigir os Destinos, e de que as estrelas são por todo o espaço a esparrinhadura radiante. Fradique sorrindo aprovou estas desordenadas imagens. [RP]

291: Mas, para mim, a beleza especial e nova] Mas a beleza especial [RP]

292-296: bazares — e que Fradique, através do rumor e da poeira, me explicava como um livro de estampas. Com quanta profundidade e miudeza conhecia o Oriente este patrício admirável! De todas aquelas gentes, intensamente diversas desde a cor até ao traje] bazares. E, rompendo através dela lentamente, avaliei então, assombrado, com quanta profundidade e miudeza Fradique conhecia o Oriente! De todos aqueles homens tão intensamente diversos, desde as feições até aos trajes [RP]

297: civilização muçulmana.] civilização oriental. [RP]

299: emblema de] emblema da [RP]

299-301: braço, ia apontando, nomeando à minha curiosidade flamejante essas estranhas figuras, que eu comparava, rindo,] braço, ia-me apontando, concisamente explicando essas estranhas figuras, que eu comparava [RP]

302: erudita] erudita, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

das idades: — aqui Fellahs, ridentes e ágeis na sua longa camisa de algodão azul; além Beduínos sombrios, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o pesado alfange de bainha escarlate pendurado no peito; mais longe Abadiehs, de grenha em forma de meda, eriçada de longas cerdas de porco-espinho que os coroam duma auréola negra… Estes, de porte insolente, com compridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas reluzindo nas cintas de seda, e curtos saiotes tufados e encanudados, eram Arnautas da Macedónia; aqueles, belas estátuas gregas esculpidas em ébano, eram homens do Senar; os outros, com a cabeça envolta num lenço amarelo cujas franjas imensas lhes faziam uma romeira de fios de ouro, eram cavaleiros do Hedjaz… E quantos ainda ele me fazia distinguir e compreender! Judeus imundos, de caracóis frisados; Coptas togados à maneira de senadores; soldados pretos do Darfour, com fardetas de linho enodoadas de poeira e sangue; Ulemas de turbante verde; Persas de mitra de feltro; mendigos de mesquita, cobertos de chagas; amanuenses turcos, pomposos e anafados, de colete bordado a ouro… Que sei eu! Um Carnaval rutilante, onde a cada momento passavam, sacudidos

303-304: Semitas e os seus «tipos» através das idades: — aqui *Fellahs*, ridentes e ágeis] Semitas através das idades desde Sem, filho de Noé, que usava em torno dos rins uma tira de pele de chibo. E assim me fazia distinguir e compreender — o *Fellah*, ridente e ágil [RP]

305: azul; além Beduínos sombrios,] azul; o Beduino sombrio [RP]

307-308: peito; mais longe Abadiehs, de grenha em forma de meda, e eriçada] peito; os Abadiehs, de grenha arranjada em forma de meda, e erriçada [RP]

309: negra… Estes de porte insolente, com] negra; os Arnautas insolentes, com curtos saiões tufados e encanudados, [RP]

311-312: seda, e curtos saiotes tufados e encanudados, eram Arnautas da Macedónia; aqueles, belas] seda; os belos homens do Senar, [RP]

313-316: ébano, eram homens do Senar; os outros, com a cabeça envolta num lenço amarelo cujas franjas imensas lhes faziam uma romeira de fios de ouro, eram cavaleiros do Hedjaz… E quantos ainda ele me fazia distinguir e compreender! Judeus] ébano; os Moghrebinos altivamente embrulhados nos seus albornozes de riscas flamejantes; os cavaleiros do Hedjaz, com a cabeça envolta num lenço amarelo cujas franjas imensas lhes fazem uma romeira de fios de ouro… E outros ainda! Líbios arrastando as túnicas que já usavam no tempo de Heródoto; Judeus [RP]

317: frisados; Coptas] frisados; Santões em farrapos, uivando o nome de Alá; Coptas [RP]

318: linho enodoadas] linho conservando as nódoas [RP]

319: e] e de [RP]

322: Um Carnaval rutilante,] Um estonteante Carnaval, [RP]

322: passavam,] passavam, chalrando aos pares, ou [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pelo trote dos burros sobre albardas vermelhas, enormes sacos enfunados — que eram mulheres. E toda esta turba magnífica e ruidosa se movia, entre invocações a Alá, repiques de pandeiretas, gemidos estridentes partindo das cordas das *dourbakas*, e cantos lentos — esses cantos árabes, duma voluptuosidade tão dolente e tão áspera, que Fradique dizia passarem na alma com uma «carícia rascante». Mas por vezes, entre o casario decrépito e rendilhado, surgia uma frontaria branca, casa rica de Sheik ou de Paxá, com a varanda em arcarias, por onde se avistavam lá dentro, num silêncio de harém, sedas colgantes, recamos de ouro, um tremor de lumes no cristal dos lustres, formas airosas sob véus claros… Então a multidão parava, emudecia, e de todos os lábios saía um grande *ah!* lânguido e maravilhado.

Assim caminhávamos, quando, ao sair do Moujik, Fradique Mendes parou, e, muito gravemente, trocou com um moço pálido, de esplêndidos olhos, o *salam* — essa saudação oriental em que os dedos três vezes batem a testa, a boca e o coração. E como eu, rindo, lhe invejava aquela intimidade com um «homem de túnica verde e de mitra persa»:

— É um Ulema de Bagdad, disse Fradique, duma casta antiga, superiormente inteligente… Uma das personalidades mais finas e mais sedutoras que encontrei na Pérsia!

324-325: mulheres. E toda esta turba magnífica e ruidosa se movia, entre] mulheres. Toda esta turba se movia com uma gralhada mais viva que a de pardais num loureiral, por uma tarde de Maio. E a cada esquina, sob molhos de lâmpadas, eram [RP]

329: rascante». Mas] rascante».

330: frontaria branca,] frontaria lisa, [RP]

331: com a varanda] com a funda varanda aberta [RP]

332: colgantes, recamos] colgantes, floridos recamos [RP]

333-334: lustres, formas airosas sob véus claros…] lustres, finas formas imóveis sob longos véus claros. [RP]

335: maravilhado.] maravilhado. Nada na terra podia ser mais prodigiosamente interessante para mim — que nunca assistira a uma festa no Oriente. E, todavia, bem depressa esqueci cantos, lumes, sedas, brilhos de armas, para só escutar Fradique Mendes! [RP]

336-337: Assim caminhávamos, quando, ao sair do Moujik, Fradique Mendes parou, e, muito gravemente, trocou com um moço pálido,] Ao sairmos do Moujik, este estranho homem parara, a trocar, com um moço pálido, [RP]

339: vezes batem] vezes precipitadamente batem [RP]

340-343: um «homem de túnica verde e de mitra persa»: / — É um Ulema de Bagdad, disse Fradique, duma casta antiga, superiormente inteligente… Uma das personalidades mais finas e mais sedutoras que encontrei na Pérsia!] um «gentleman muçulmano», Fradique explicou que esse moço era um Ulema de Bagdad, de raça antiga, superiormente inteligente, duma energia calma de apóstolo — uma das mais finas e sedutoras personalidades que ele encontrara na Pérsia. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Então, com a familiaridade que se ia entre nós acentuando, perguntei a Fradique o que o detivera assim na Pérsia um ano inteiro e um dia como nos contos de fadas. E Fradique, com toda a singeleza, confessou que se demorara tanto nas margens do Eufrates por se achar casualmente ligado a um movimento religioso que, desde 1849, tomava na Pérsia um desenvolvimento quase triunfal, e que se chamava o *Babismo*. Atraído para essa nova seita por curiosidade crítica, para observar como nasce e se funda uma Religião, chegara pouco a pouco a ganhar pelo Babismo um interesse militante — não por admiração da doutrina, mas por veneração dos apóstolos. O Babismo (contou-me ele, seguindo por uma viela mais solitária e favorável às confidências) tivera por iniciador certo Mirza-Mohamed, um desses Messias que cada dia surgem na incessante fermentação religiosa do Oriente, onde a religião é a ocupação suprema e querida da vida. Tendo conhecido os Evangelhos Cristãos por contacto com os Missionários; iniciado na pura tradição mosaísta pelos judeus do Hiraz; sabedor profundo do Guebrismo, a velha religião nacional da Pérsia — Mirza-Mohamed amalgamara estas doutrinas com uma conceção mais abstrata e pura do Maometismo, e declarara-se *Bab*. Em persa *Bab* quer dizer *Porta*. Ele era, pois, a *porta* — a única *porta* através da qual os homens poderiam jamais penetrar na absoluta Verdade. Mais literalmente, Mirza-Mohamed apresentava-se como o grande *porteiro*, o homem eleito entre todos pelo Senhor para abrir aos crentes a porta da Verdade — e portanto do Paraíso. Em resumo era um Messias, um Cristo. Como tal atravessou a clássica evolução dos Messias: teve por primeiros discípulos, numa aldeia obscura, pastores e mulheres: sofreu a sua tentação na montanha: cumpriu as penitências expiadoras: pregou parábolas: escandalizou em Meca os doutores: e padeceu a sua

344: Então, com a familiaridade] Com a familiaridade [RP*; não abre parágrafo.*]
345: perguntei a Fradique] perguntei-lhe então [RP]
346-347: com toda a singeleza,] com singeleza, [RP]
350: Atraído para] Atraído primeiramente para [RP]
353: interesse militante] interesse ativo [RP]
364: dizer *Porta*. Ele era, pois,] quer dizer *porta*. Ele era, portanto, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Paixão, morrendo, não me lembro se degolado, se fuzilado, depois do jejum do Ramadão, em Tabriz.

Ora, dizia Fradique, no mundo muçulmano há duas divisões religiosas — os Sieds e os Sunis. Os Persas são Sieds, como os Turcos são Sunis. Estas diferenças porém, no fundo, têm um caráter mais político e de raça, do que teológico e de dogma; ainda que um fellah do Nilo desprezará sempre um persa do Eufrates como *herético* e *sujo*. A discordância ressalta, mais viva e teimosa, logo que Sieds ou Sunis necessitem pronunciar-se perante uma nova interpretação de doutrina ou uma nova aparição de profeta. Assim o Babismo entre os Sieds, topara com uma hostilidade que se avivou até à perseguição: — e isto desde logo indicava que seria acolhido pelos Sunis com deferência e simpatia.

Partindo desta ideia, Fradique, que em Bagdad se ligara familiarmente com um dos mais vigorosos e autorizados apóstolos do Babismo, Said-El-Souriz (a quem salvara o filho de uma febre paludosa com aplicações de *Fruit-salt*), sugerira-lhe um dia, conversando ambos no eirado sobre estes altos interesses espirituais, a ideia de apoiar o Babismo nas raças agrícolas do vale do Nilo e nas raças nómadas da Líbia. Entre homens de seita Suni, o Babismo encontraria um campo fácil às conversões; e, pela tradicional marcha dos movimentos sectários, que no Oriente, como em toda a parte, sobem das massas sinceras do povo até às classes cultas, talvez essa nova onda de emoção religiosa, partindo dos Fellahs e dos Beduínos, chegasse a penetrar no ensino de alguma das mesquitas do Cairo, sobretudo na Mesquita de El-Azhar, a grande Universidade do Oriente, onde os ulemas mais moços formam uma coorte de entusiastas sempre disposta às

378-379: diferenças porém, no fundo, têm um caráter] diferenças, porém, têm no fundo um caráter [RP]

380: Eufrates] Eufrates, [RP]

381: discordância ressalta, mais viva e teimosa,] discordancia alarga-se, mais viva e marcada, [RP]

384: Babismo entre os Sieds, topara com] Babismo encontrara entre os Sieds [RP]

391: eirado] eirado, ao luar, [RP]

394: e,] e [RP]

398: dos Fellahs e dos Beduínos,] dos fellahs e dos beduinos, [RP]

401: entusiastas] entusiastas, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

inovações e aos apostolados combatentes. Ganhando aí autoridade teológica, e literariamente polido, o Babismo poderia então atacar com vantagem as velhas fortalezas do Muçulmanismo dogmático. Esta ideia penetrara profundamente em Said-El-Souriz. Aquele moço pálido, com quem ele trocara o *salam*, fora logo mandado como emissário babista a Medinet-Abou (a antiga Tebas), para sondar o Sheik Ali-Hussein, homem de decisiva influência em todo o vale do Nilo pelo seu saber e pela sua virtude: e ele, Fradique, não tendo agora no Ocidente ocupações atrativas, cheio de curiosidade por este pitoresco Advento, partia também para Tebas, devendo encontrar-se com o babista, à lua minguante, em Beni-Soueff, no Nilo…

Não recordo, depois de tantos anos, se estes eram os factos certos. Só sei que as revelações de Fradique, lançadas assim através do Cairo em festa, me impressionaram indizivelmente. À medida que ele falava do Bab, dessa missão apostólica ao velho Sheik de Tebas, de uma outra fé surgindo no mundo muçulmano com o seu cortejo de martírios e de êxtases, da possível fundação de um império Babista — o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. Não conhecera jamais ninguém envolvido em coisas tão altas: e sentia-me ao mesmo tempo orgulhoso e aterrado de receber este segredo sublime. Outra não seria a minha comoção, se, nas vésperas de S. Paulo embarcar para a Grécia, a levar a Palavra aos gentílicos, eu tivesse com ele passeado pelas ruas estreitas de Selêucia, ouvindo-lhe as esperanças e os sonhos!

Assim conversando, penetrámos no adro da mesquita de El-Azhar onde mais fulgurante e estridente tumultuava a festa do Beiram. Mas já não me prendiam as surpresas daquele arraial muçulmano — nem *almées* dançando entre brilhos de vermelho e

402: apostolados combatentes.] apostolados militantes. [RP]
409: Nilo] Nilo, [RP]
411: por este] por tão [RP]
414-415: eram os factos certos.] eram corretamente os factos. [RP]
419: seu cortejo] seu patético cortejo [RP]
420: império Babista] império babista [RP]
422: altas: e] altas. [RP]
430: nem] nem as [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de ouro; nem poetas do deserto recitando as façanhas de Antar; nem Dervixes, sob as suas tendas de linho, uivando em cadência os louvores de Alá… Calado, invadido pelo pensamento do Bab, revolvia comigo o confuso desejo de me aventurar nessa campanha espiritual! Se eu partisse para Tebas com Fradique?… Porque não? Tinha a mocidade, tinha o entusiasmo. Mais viril e nobre seria encetar no Oriente uma carreira de evangelista, que banalmente recolher à banal Lisboa, a escrevinhar tiras de papel, sob um bico de gás, na *Gazeta de Portugal*! E pouco a pouco deste desejo, como duma água que ferve, ia subindo o vapor lento duma visão. Via-me discípulo do Bab — recebendo nessa noite, do ulema de Bagdad, a iniciação da Verdade. E partia logo a pregar, a espalhar o verbo babista. Onde iria? A Portugal certamente, levando de preferência a salvação às almas que me eram mais caras. Como S. Paulo, embarcava numa galera: as tormentas assaltavam a minha proa apostólica: a imagem do Bab aparecia-me sobre as águas, e o seu sereno olhar enchia minha alma de fortaleza indomável. Um dia, por fim, avistava terra, e na manhã clara sulcava o claro Tejo, onde há tantos séculos não entra um enviado de Deus. Logo de longe lançava uma injúria às igrejas de Lisboa, construções duma Fé vetusta e menos pura. Desembarcava. E, abandonando as minhas bagagens, num desprendimento já divino de bens ainda terrestres, galgava aquela bendita Rua do Alecrim, e em meio do Loreto, à hora em que os Diretores-Gerais sobem devagar da Arcada, abria os braços e bradava: — «Eu sou a *Porta*!»

Não mergulhei no Apostolado babista — mas sucedeu que, enlevado nestas fantasmagorias, me perdi de Fradique. E não

431: nem] nem os [RP]

431-432: Antar; nem] Antar; nem as lutas dos atletas núbios, belos e ágeis como dioscuros de bronze; nem os [RP]

433: invadido] invadido só [RP]

436-438: entusiasmo. Mais viril e nobre seria encetar no Oriente uma carreira de evangelista, que banalmente recolher] entusiasmo. Melhor me cabia essa carreira evangélica, que recolher de novo [RP]

441: Bab —] Bab, — [RP]

442: Verdade.] verdade. [RP]

452-453: num desprendimento já divino de bens ainda] num alto desprendimento dos bens [RP]

454: Diretores-Gerais] Diretores-gerais [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sabia o caminho do Hotel Sheperd, — nem, para dele me informar, outros termos úteis, em árabe, além de *água* e *amor*! Foram angustiosos momentos em que farejei estonteado pelo largo de El-Azhar, tropeçando nos fogareiros onde fervia o café, esbarrando inconsideradamente contra rudes beduínos armados. Já por sobre a turba atirava, aos brados, o nome de Fradique — quando topei com ele olhando placidamente uma *almée* que dançava…

Mas seguiu logo, encolhendo os ombros. Nem me permitiu adiante admirar um poeta, que, em meio de fellahs pasmados e de Moghrebinos arrimados às lanças, lia, numa toada langorosa e triste, tiras de papel ensebado. A Dança e a Poesia, afirmava Fradique, as duas grandes artes orientais, iam em misérrima decadência. Numa e outra se tinham perdido as tradições do estilo puro. As *almées*, pervertidas pela influência dos casinos do Ezbequieh onde se perneia o can-can — já poluíam a graça das velhas danças árabes, atirando a perna pelos ares à moda vil de Marselha! E na Poesia triunfava a mesma banalidade, mesclada de extravagância. As formas delicadas do classicismo persa nem se respeitavam, nem quase se conheciam; a fonte da imaginação secava entre os muçulmanos; e a pobre Poesia Oriental, tratando temas vetustos com uma ênfase preciosa, descambara, como a nossa, num *Parnasianismo* bárbaro…

— De sorte, murmurei, que o Oriente…

— Está tão medíocre como o Ocidente.

E recolhemos ao hotel, devagar, enquanto Fradique, findando o charuto, me contava que o espírito oriental, hoje, vive só da

458-459: — nem, para dele me informar, outros termos úteis,] nem outros termos úteis, [RP]

461-462: esbarrando inconsideradamente] esbarrando imprudentemente [RP]

466: um poeta,] um lindo moço, um poeta, [RP]

468-469: A Dança e a Poesia, afirmava Fradique,] A dança e a poesia, dizia Fradique, [RP]

469-470: em misérrima decadência.] em lamentosa decadência. [RP]

474-475: banalidade, mesclada] banalidade, raiada [RP]

476-477: imaginação secava] imaginação secara [RP]

478: temas vetustos com uma ênfase preciosa, descambara,] temas avelhados e gastos com uma ênfase preciosa e burlesca, descambava, [RP]

482: E recolhemos] Recolhemos [RP]

483: me contava que o espírito oriental, hoje, vive só] me dizia como hoje o espírito oriental vive sobretudo [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

atividade filosófica, agitado cada manhã por uma nova e complicada conceção da Moral, que lhe oferecem os Lógicos dos bazares e os Metafísicos do deserto…

Ao outro dia acompanhei Fradique a Boulak, onde ele ia embarcar para o Alto Egito. O seu *debarieh* esperava, amarrado à estacaria, rente das casas do Velho Cairo, entre barcas de Assouan, carregadas de lentilha e de cana doce. O Sol mergulhava nas areias líbicas: e no alto, o céu adormecia, sem uma sombra, sem uma nuvem, puro em toda a sua profundidade, como a alma dum justo. Uma fila de mulheres coptas, com o cântaro amarelo pousado no ombro, descia cantando para a água do Nilo, bendita entre todas as águas. E os íbis, antes de recolher aos ninhos, vinham, como no tempo em que eram Deuses, lançar por sobre os eirados, com um bater de asas contentes, a bênção crepuscular.

Baixei, atrás de Fradique, ao salão do *debarieh*, envidraçado, estofado, com armas penduradas para as manhãs de caça, e rumas de livros para as sestas de estudo e de calma quando lentamente se navega à sirga. Depois, durante momentos, no convés, contemplámos silenciosamente aquelas margens que, através das compridas idades, têm feito o enlevo de todos os homens, por todos

484-485: agitado cada manhã por uma nova e complicada conceção da Moral, que lhe oferecem] agitado pelas novas e complicadas conceções da Moral, que sem cessar lhe oferecem [RP]

487: Ao outro dia] No dia seguinte [RP]

489-490: Cairo, entre barcas de Assouan, carregadas de lentilha e de cana-doce.] Cairo. [RP]

491: líbicas: e no] líbicas. No [RP]

492: profundidade,] profundidade [RP]

492: justo.] justo. Pesadas barcas, vindas de Assouan, jaziam ao lado, carregadas de lentilhas e de molhos de cana. [RP]

493: o cântaro] o esguio cântaro [RP]

494: descia cantando] descia [RP]

496-497: Deuses, lançar por sobre os eirados, com um bater de asas contentes, a bênção crepuscular.] Deuses, roçar a beira dos eirados, espalhando com um bater de asas a benção crepuscular sobre o coração dos humildes. [RP]

498: Baixei, atrás de Fradique,] Baixei atrás de Fradique [RP]

498-499: envidraçado, estofado, com armas] todo envidraçado, com divans fofos de cretone escuro, armas [RP]

499: caça, e rumas] caça, rumas [RP]

501: durante momentos,] durante um momento, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sentirem que nelas a vida é cheia de bens maiores e de doçura suprema. Quantos, desde os rudes pastores que arrasaram Tanis, aqui pararam como nós, alongando para estas águas, para estes céus, olhos cobiçosos, extáticos ou saudosos: Reis de Judá, Reis de Assíria, Reis da Pérsia; os Ptolomeus magníficos; Prefeitos de Roma e Prefeitos de Bizâncio; Amrou enviado de Maomé, S. Luís enviado de Cristo; Alexandre-o-Grande, sonhando o império do Oriente, Bonaparte retomando o imenso sonho; e ainda os que vieram só para contar da terra adorável, desde o loquaz Heródoto até ao primeiro Romântico, o homem pálido de grande *pose* que disse as dores de «Réné»! Bem conhecida é ela, a paisagem divina e sem igual. O Nilo corre, paternal e fecundo. Para além verdejam, sob o voo das pombas, os jardins e os pomares de Rhodah. Mais longe as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze sobre o ouro da tarde, abrigam aldeias que têm a simplicidade de ninhos. À orla do deserto, erguem-se, no orgulho da sua eternidade, as três Pirâmides. Apenas isto — e para sempre a alma fica presa e lembrando, e para viver nesta suavidade e nesta beleza os povos travam entre si longas guerras.

Mas a hora chegara: abracei Fradique com singular emoção. A vela fora içada à brisa suave que arrepiava a folhagem das

502-507: silenciosamente aquelas margens que, através das compridas idades, têm feito o enlevo de todos os homens, por todos sentirem que nelas a vida é cheia de bens maiores e de doçura suprema. Quantos, desde os rudes pastores que arrasaram Tanis, aqui pararam como nós, alongando para estas águas, para estes céus, olhos cobiçosos, extáticos ou saudosos:] silenciosamente aquela paisagem que tem sido a sedução de tantas raças, e para que têm alongado os olhos, cobiçosos ou pensativos, tantos Conquistadores, tantos Santos, tantos Sábios, através das compridas idades. Aqui, nesta quieta margem, pararam como nós, olhando em silêncio, enleados no encanto destas águas, destes céus — [RP]

507-508: Reis de Assíria] Reis da Assíria [RP]

510: de Cristo;] de Jesus; [RP]

510-511: Alexandre-o-Grande, sonhando o império do Oriente, Bonaparte retomando o imenso sonho;] Alexandre-o-Grande, César, Bonaparte, sonhando o império do Oriente; [RP]

514: «Réné»!] «Réné». [RP]

515-516: O Nilo corre, paternal e fecundo. Para além verdejam, sob o voo das pombas, os jardins e os pomares de Rhodah.] O Nilo corre. Para além serenamente verdejam os jardins de Rhodah. [RP]

517-518: sobre o ouro da tarde, abrigam aldeias que têm a simplicidade de ninhos.] sobre o claro ouro da tarde, abrigam aldeias pacíficas. [RP]

521: nesta suavidade] nesta doçura e nesta beleza [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mimosas. À proa o arrais, espalmando as mãos para o céu, clamou: — «Em nome de Alá que nos leve, clemente e misericordioso!» Ao redor, doutras barcas, vozes lentas murmuraram: — «Em nome de Alá que vos leve!» Um dos remadores, sentado à borda, feriu as cordas da *dourbaka*, outro tomou uma flauta de barro. E entre bênçãos e cantos a vasta barca fendeu as águas sagradas, levando para Tebas o meu incomparável amigo.

527: Ao redor, de outras barcas,] Ao redor, [RP]
530: E entre bênçãos e cantos] E assim, entre bençãos e cantos, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IV

Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrara as suas jornadas dentro da Europa Ocidental — enquanto eu errava pela América, pelas Antilhas, pelas repúblicas do golfo do México. E quando a minha vida enfim se aquietou num velho condado rural de Inglaterra, Fradique, retomado por essa «bisbilhotice etnográfica» a que ele alude numa carta a Oliveira Martins, começava a sua longa viagem ao Brasil, aos Pampas, ao Chile e à Patagónia.

Mas o fio de simpatia, que nos unira no Cairo, não se partiu; nem nós, apesar de tão ténue, o deixámos perder por entre os interesses mais fortes das nossas fortunas desencontradas. Quase todos os três meses trocávamos uma carta — cinco ou seis folhas de papel que eu tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de ideias e de factos. Além disto, eu sabia de Fradique por alguns dos meus camaradas, com quem, durante uma residência mais íntima em Lisboa, do

1: [*Numeração errada do capítulo: quer na* RP *quer na ed. de 1900: mantém-se III quando se trata do cap.* IV *— o que leva a que todos os capítulos seguintes tenham a numeração atrasada.*]

4: errava] errava largamente [RP]

5: aquietou] aquietou, [RP]

6-8: Fradique, retomado por essa «bisbilhotice etnográfica» a que ele alude numa carta a Oliveira Martins,] Fradique retomado, como ele dizia, «pela bisbilhotice etnográfica», [RP]

8-9: Pampas, ao Chile] Pampas, às repúblicas do Pacífico [RP]

16: sabia] sabia agora [RP]

17: mais íntima] mais prolongada [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

outono de 1875 ao verão de 1876, ele criara amizades onde todos encontraram proveito intelectual e encanto.

Todos, apesar das dissemelhanças de temperamentos ou das maneiras diferentes de conceber a vida — tinham como eu sentido a sedução daquele homem adorável. Dele me escrevia em novembro de 1877 o autor do *Portugal Contemporâneo*: — «Cá encontrei o teu Fradique, que considero o português mais interessante do século XIX. Tem curiosas parecenças com Descartes! É a mesma paixão das viagens, que levava o filósofo a fechar os livros 'para estudar o grande livro do Mundo'; a mesma atração pelo luxo e pelo ruído, que em Descartes se traduzia pelo gosto de frequentar as 'cortes e os exércitos'; o mesmo amor do mistério, e das súbitas desaparições; a mesma vaidade, nunca confessada, mas intensa, do nascimento e da fidalguia; a mesma coragem serena; a mesma singular mistura de instintos romanescos e de razão exata, de fantasia e de geometria. Com tudo isto falta-lhe na vida um fim sério e supremo, que estas qualidades, em si excelentes, concorressem a realizar. E receio que em lugar do *Discurso sobre o Método* venha só a deixar um *vaudeville*». Ramalho Ortigão, pouco tempo depois, dizia dele numa carta carinhosa: — «Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado produto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetrechado para triunfar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a ideia do seu espírito é sempre a mais original. Marcha cinco léguas sem parar, bate ao remo os melhores remadores de Oxford, mete-se sozinho ao deserto a caçar o tigre, arremete com um chicote na mão contra um troço de lanças abissínias: — e à noite numa sala, com a sua casaca do Cook, uma pérola negra no esplendor do peitilho, sorri às mulheres com o encanto e o prestígio com que sorrira à fadiga, ao perigo e à morte. Faz armas como o cavaleiro de Saint-Georges, e possui as noções mais novas e as mais certas

19: encontraram proveito] encontraram interesse [RP]
36: a deixar] a fazer [RP]
37: dizia dele numa carta carinhosa] dizia-me dele numa carta fervorosa [RP]
40: apetrechado] apetrechado que ele [RP]
43: os melhores] os mais destros [RP]
46: Cook,] Cook, um enorme cravo branco, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sobre Física, sobre Astronomia, sobre Filologia e sobre Metafísica. É um ensino, uma lição de alto gosto, vê-lo no seu quarto, na vida íntima de *gentleman* em viagem, entre as suas malas de couro da Rússia, as grandes escovas de prata lavrada, as cabaias de seda, as carabinas de Winchester, preparando-se, escolhendo um perfume, bebendo goles de chá que lhe manda o Grão-Duque Vladimir, e ditando a um criado de calção, mais veneravelmente correto que um mordomo de Luís XVI, telegramas que vão levar notícias suas aos *boudoirs* de Paris e de Londres. E depois de tudo isto fecha a sua porta ao mundo — e lê Sófocles no original».

O poeta da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias* chamava-lhe «um Sainte-Beuve encadernado em Alcides». E explicava assim, numa carta desse tempo que conservo, a sua aparição no mundo: «Deus um dia agarrou num bocado de Henri Heine, noutro de Chateaubriand, noutro de Brummel, em pedaços ardentes de aventureiros da Renascença, e em fragmentos ressequidos de sábios do Instituto de França, entornou-lhe por cima *champagne* e tinta de imprensa, amassou tudo nas suas mãos omnipotentes, modelou à pressa Fradique, e arrojando-o à Terra disse: 'Vai, e veste-te no Poole!'» Enfim Carlos Mayer, lamentando como Oliveira Martins que às múltiplas e fortes aptidões de Fradique faltasse coordenação e convergência para um fim superior, deu um dia sobre a personalidade do meu amigo um resumo sagaz e profundo: «O cérebro de Fradique está admiravelmente construído e mobilado. Só lhe falta uma ideia que o alugue, para viver e governar lá dentro. Fradique é um génio com escritos!».

Também Fradique, nesse inverno, conheceu o pensador das *Odes Modernas*, de quem, numa das suas cartas a Oliveira Martins,

51: vê-lo] vê-lo aqui [RP]
53: de prata lavrada] de ouro lavrado [RP]
59: mundo — e] mundo, e [RP]
62: carta desse tempo] carta dessa época [RP]
70: e fortes] e esplêndidas [RP]
72: resumo sagaz] resumo pitoresco [RP]
73: construído e mobilado.] construído. [RP]
74: ideia que o alugue, para] ideia para [RP]
74-75: dentro. Fradique é] dentro. É [RP]
77: cartas] cartas do meu amigo [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

fala com tanta elevação e carinho. E o último companheiro da minha mocidade que se relacionou com o antigo poeta das LAPIDÁRIAS foi J. Teixeira de Azevedo, no verão de 1877, em Sintra, na quinta da *Saragoça*, onde Fradique viera repousar da sua jornada ao Brasil e às repúblicas do Pacífico. Tinham aí conversado muito, e divergido sempre. J. Teixeira de Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperável antipatia pelo que ele chamava *linfatismo crítico* de Fradique. Homem todo de emoção não se podia fundir intelectualmente com aquele homem todo de análise. O extenso saber de Fradique também não o impressionava. «As noções desse guapo erudito (escrevia ele em 1879) são bocados do Larousse diluídos em água de Colónia». E enfim certos requintes de Fradique (escovas de prata e camisas de seda), a sua voz mordente recortando o verbo com perfeição e preciosidade, o seu hábito de beber champagne com *soda-water*, outros traços ainda, causavam uma irritação quase física ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mor. Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o português mais interessante e mais sugestivo do século XIX. E correspondia-se regularmente com ele — mas para o contradizer com acrimónia.

Em 1880 (nove anos depois da minha peregrinação no Oriente), passei em Paris a semana da Páscoa. Uma noite, depois da Ópera, fui cear solitariamente ao Bignon. Tinha encetado as ostras e uma crónica do *Temps*, quando por trás do jornal que eu encostara à garrafa assomou uma larga mancha clara, que era um colete, um peitilho, uma gravata, uma face, tudo de incomparável brancura. E uma voz muito serena murmurou: «Separámo-nos há anos no cais de Boulak…» Ergui-me com um grito, Fradique

81: quinta da] quinta do [RP]

81: sua] sua laboriosa [RP]

90: escovas de prata] escovas douradas [RP]

99: Oriente), passei em Paris a semana da Páscoa.] Oriente), regressando a Lisboa por vésperas de Páscoa, parei durante uma semana em Paris, seduzido por uma primavera lesta e amável que já acordara o sol, aveludara o ar, e atirava pela rua os lilases às braçadas. [RP]

99-100: depois da Ópera,] depois do teatro, [RP]

100: Bignon.] Bignon, na avenida da Ópera. [RP]

101: do *Temps,*] do *Gaulois,* [RP]

102: assomou] assomou lentamente [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

com um sorriso; — e o *maître-d'hôtel* recuou assombrado diante da meridional e ruidosa efusão do meu abraço. Dessa noite em Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intelectual — que em oito anos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissão, nem uma sombra que lhe toldasse a pureza.

Determinadamente lhe chamo *intelectual*, porque esta intimidade nunca passou além das coisas do espírito. Nas alegres temporadas que com ele convivi em Paris, em Londres e em Lisboa, de 1880 a 1887, na nossa copiosa correspondência desses anos privei sempre, sem reserva, com a inteligência de Fradique — e ininterrompidamente assisti e me misturei à sua vida pensante: nunca porém penetrei na sua vida afetiva de sentimento e de coração. Nem, na verdade, me atormentou a curiosidade de a conhecer — talvez por sentir que a rara originalidade de Fradique se concentrava toda no ser pensante, e que o outro, o ser sensível, feito da banal argila humana, repetia sem especial relevo as costumadas fragilidades da argila. De resto, desde essa noite de Páscoa em Paris que iniciou as nossas relações, nós conservámos sempre o hábito especial, um pouco altivo, talvez estreito, de nos considerarmos dois puros espíritos. Se eu então concebesse uma Filosofia original, ou preparasse os mandamentos duma nova Religião, ou surripiasse à Natureza distraída uma das suas secretas Leis — de preferência escolheria Fradique como confidente

105-106: grito, Fradique com um] grito, ele com um tranquilo [RP]

106-107: assombrado diante da meridional e ruidosa] assombrado com a meridional [RP]

108-109: intelectual — que em oito] intelectual, que em seis [RP]

113: Lisboa,] Lisboa [RP]

114: correspondência desses anos] correspondência, [RP]

118: coração. Nem, na verdade, me atormentou a] coração. Fradique envolvia a sua «carreira sentimental» (como ele diz algures de Musset) no mais opaco, inacessível recato: e eu, por mim, nunca tive [RP]

119: que a rara] que toda a inédita [RP]

120: concentrava toda] concentrava [RP]

122: argila.] argila. Na realidade, o coração dum homem só interessa criticamente quando ele é, como em Musset ou em Shelley, o direto inspirador do cérebro e da obra. [RP]

122-123: desde essa noite de Páscoa em Paris que iniciou] desde esse passeio no Cairo que iniciou e moldou [RP]

123-124: conservámos sempre] conservámos através delas [RP]

125-126: espíritos. Se eu então concebesse uma Filosofia original,] espíritos. Se por essa época eu concebesse um livro, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

desta atividade espiritual; mas nunca, na ordem do Sentimento, iria a ele com a confidência duma esperança ou duma desilusão. E Fradique igualmente manteve comigo esta atitude de inacessível recato — não se manifestando nunca aos meus olhos senão na sua função intelectual.

Muito bem me lembro eu duma resplandecente manhã de maio em que atravessávamos, conversando por sob os castanheiros em flor, o jardim das Tulherias. Fradique, que se encostara ao meu braço, vinha vagarosamente desenvolvendo a ideia de que a extrema democratização da Ciência, o seu universal e ilimitado derramamento através das plebes, era o grande erro da nossa civilização, que com ele preparava para bem cedo a sua catástrofe moral… De repente, ao transpormos a grade para a Praça da Concórdia, o Filósofo que assim lançava, por entre as tenras verduras de maio, estas predições de desastre e de fim — estaca, emudece! Diante de nós, ao trote fino duma égua de luxo, passara vivamente, para os lados da Rua Royale, um coupé onde entrevi, na penumbra dos cetins que o forravam, uns cabelos cor de mel. Vivamente também, Fradique sacode o meu braço, balbucia um «adeus!», acena a um fiacre, e desaparece ao galope arquejante da pileca para os lados do Cais de Orsay. «Mulher!», pensei eu. Era, com efeito, a mulher

128-129: preferência escolheria Fradique como confidente desta] preferência revelaria a Fradique estes episódios de [RP]

129: do Sentimento] do sentimento [RP]

131-132: esta atitude de inacessível recato — não se manifestando nunca] esta restrita atitude — porque nunca ele se manifestou [RP]

134-135: duma resplandecente manhã de maio em que atravessávamos,] duma doce manhã de maio em que atravessávamos vagarosamente, [RP]

136-137: Fradique, que se encostara ao meu braço, vinha vagarosamente desenvolvendo a ideia de que] Fradique, vinha desenvolvendo esta ideia — «que [RP]

140: moral…] moral.» [RP]

142: lançava, por entre as] lançava, através das [RP]

144: fino] fino e alto [RP]

144: luxo, passara vivamente] luxo, passava vivamente, numa pressa subtil, [RP]

145-146: um coupé onde entrevi, na penumbra dos cetins que o forravam, uns cabelos cor de mel.] um «desses coupés escuros onde bate o coração» — como Fradique diz, com rebuscada preciosidade, numa carta a Madame de Lobrinski. [RP]

147: Fradique sacode o meu braço,] Fradique [RP]

148: desaparece] desaparece, [RP]

148: pileca] pileca, [RP]

149: «Mulher!», pensei eu. Era, com efeito,] «Mulher»! pensei eu. Com efeito, era [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e o seu tormento; e como se depreende duma carta a Madame de Jouarre (datada de «maio, sábado», e começando: «Ontem filosofava com um amigo no jardim das Tulherias…») Fradique corria nesse fiacre a uma desilusão bem rude e mortificante. Ora nessa tarde, ao crepúsculo, fui (como combinara) buscar Fradique à Rua de Varennes, ao velho palácio dos Tredennes, onde ele instalara desde o Natal os seus aposentos com um luxo tão nobre e tão sóbrio. Apenas entrei na sala que denominávamos a «Heroica», porque a revestiam quatro tapeçarias de Luca Cornélio contando os *Trabalhos de Hércules*, Fradique deixa a janela donde olhava o jardim já esbatido em sombra, vem para mim serenamente, com as mãos enterradas nos bolsos duma quinzena de seda. E, como se desde essa manhã *nenhum outro* cuidado o absorvesse senão o seu tema do jardim das Tulherias:

— Não lhe acabei de dizer há pouco… A Ciência, meu caro, tem de ser recolhida, como outrora, aos Santuários. Não há outro meio de nos salvar da anarquia moral. Tem de ser recolhida aos Santuários, e entregue a um sacro colégio intelectual que a guarde, que a defenda contra as curiosidades das plebes… Há a fazer com esta ideia um programa para as gerações novas!

Talvez na face, se eu tivesse reparado, encontrasse restos de palidez e de emoção: mas o tom era simples, firme, dum crítico genuinamente ocupado na dedução do seu conceito. Outro homem que, como aquele, tivesse sofrido horas antes uma desilusão tão

150: tormento; e como se depreende] tormento. Como nitidamente se depreende [RP]

152: amigo] amigo, [RP]

155-156: ele instalara desde o Natal] ele recentemente instalara [RP]

157: entrei na] entrei naquela [RP]

158-160: contando os *Trabalhos de Hércules*, Fradique deixa a janela donde olhava o jardim já esbatido em sombra, vem para mim serenamente,] contando a *História de Hércules*, o estranho homem rompeu para mim, [RP]

161: nos bolsos] nos amplos bolsos [RP]

166-167: recolhida, como outrora, aos Santuários. Não há outro meio de nos salvar da anarquia moral. Tem de ser recolhida aos Santuários] recolhida como outrora aos Santuários, ou às Academias, [RP]

169: um programa] um Programa [RP]

171-172: era simples, firme, dum crítico genuinamente ocupado] era sereno, dum crítico genuinamente recolhido [RP]

172-173: conceito. Outro homem que, como aquele, tivesse sofrido] conceito. Pensei comigo: — «Houve mulher, mas em doçura e paz.» Não! Aquele homem sofrera [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mortificante e rude, murmuraria ao menos, num desafogo genérico e impessoal: — «Ah, amigo, que estúpida é a vida!» Ele falou da Ciência e das Plebes, — desenrolando determinadamente diante de mim, ou impondo talvez a si mesmo, os raciocínios do seu cérebro, para que os meus olhos não penetrassem de leve, ou os seus não se detivessem demais, nas amarguras do seu coração.

Numa carta a Oliveira Martins, de 1883, Fradique diz: — «O homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão única e serenamente *ocupado no ofício de reinar — isto é, de pensar*.» Esta regra, dum orgulho apenas permissível a um Spinosa ou a um Kant, dirigia severamente a sua conduta. Pelo menos comigo assim se comportou imutavelmente, através da nossa ativa convivência, não se abrindo, não se oferecendo todo, senão nas funções da Inteligência. Por isso talvez, mais que nenhum outro homem, ele exerceu sobre mim império e sedução.

173-174: desilusão tão mortificante e rude,] desilusão mortificante e rude. Outro [RP]

175: impessoal: — «Ah, amigo, que] impessoal: — «Que [RP]

176: Plebes,] Plebes: [RP]

183: *pensar*.» Esta regra, dum] *pensar*.» Haveria nesta regra, assim proclamada, um [RP]

184-185: Kant, dirigia severamente a sua conduta. Pelo menos comigo assim se comportou] Kant, se ele não acrescentasse «que por isso viajava, desaparecia, para não se mostrar, como era, incompleto e inábil no *ofício de reinar*.» Essa regra porém dirigia frequentemente a sua conduta: e, pelo menos, para mim, sempre assim se comportou, [RP]

186-188: não se abrindo, não se oferecendo todo, senão nas funções da inteligência. Por isso talvez, mais que nenhum outro homem, ele] não se manifestando nunca aos meus olhos senão no *ofício de pensar*.

Nessa carta Fradique afirma também — «que todo o homem digno da Humanidade por ter plenamente vivido pelo Sentimento, pela Ação e pela Inteligência, devia dar depois de morto, — para um Romance, uma Monografia histórica e um Artigo de Revista.» O «Romance» de Fradique não o posso coordenar nestas páginas, porque apenas dele conheço o que as suas cartas imperfeita e fragmentariamente revelam. Da sua «Monografia histórica» outra pena se ocupa, mais paciente e segura. Só me resta pois o «Artigo de Revista», onde fixe as impressões e reminiscências duma Inteligência, que mais que nenhuma outra [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

V

O que impressionava logo na Inteligência de Fradique, ou antes na sua maneira de se exercer, era a suprema liberdade junta à suprema audácia. Não conheci jamais espírito tão impermeável à tirania ou à insinuação das «ideias feitas»: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar original e próprio com mais calmo e soberbo desassombro. «Apesar de trinta séculos de geometria me afirmarem (diz ele numa carta a J. Teixeira de Azevedo) que *a linha reta é a mais curta distância entre dois pontos*, se eu achasse que, para subir da porta do Hotel Universal à porta da Casa Havanesa, me saía mais direto e breve rodear pelo bairro de S. Martinho e pelos altos da Graça, declararia logo à secular geometria — que a distância mais curta entre dois pontos é uma *curva* vadia e delirante!» Esta independência da Razão, que Fradique assim apregoa com desordenada Fantasia, constitui uma qualidade rara: — mas o ânimo de a afirmar intemeratamente diante da majestosa Tradição, da Regra, e das conclusões oraculares dos Mestres, é já uma virtude, e raríssima, de radiosa exceção!

Fradique (noutra carta a J. Teixeira de Azevedo) fala dum polaco, G. Cornuski, professor e crítico, que escrevia na *Revista Suíça*,

2: logo na Inteligência de Fradique,] logo nesta Inteligência, [RP]

3-4: era a suprema liberdade junta à suprema audácia.] era a extrema liberdade junta à extrema audácia. [RP]

6-7: mais calmo e soberbo] mais soberbo [RP]

12: logo] logo e friamente [RP]

16: de a afirmar intemeratamente] de afirmar intemeratamente essa independência [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e que (diz Fradique) «constantemente sentia o seu gosto, muito pessoal e muito decidido, rebelar-se contra obras de Literatura e de Arte que a unanimidade crítica, desde séculos, tem consagrado como magistrais — a *Gerusalemme Liberata* do Tasso, as telas do Ticiano, as tragédias de Racine, as orações de Bossuet, os nossos *Lusíadas*, e outros monumentos canonizados. Mas, sempre que a sua probidade de Professor e de Crítico lhe impunha a proclamação da verdade, este homem robusto, sanguíneo, que heroicamente se batera em duas insurreições, tremia, pensava: — 'Não! Porque será o meu critério mais seguro que o de tão finos entendimentos através dos tempos? Quem sabe? Talvez nessas obras exista a sublimidade — e só no meu espírito a impotência de a compreender.' E o desgraçado Cornuski, com a alma mais triste que um crepúsculo de outono, continuava, diante dos coros da *Athalie* e das nudezes do Ticiano, a murmurar desconsoladamente: — 'Como é belo!'»

Raros sofrem estas angústias críticas do desditoso Cornuski. Todos porém, com risonha inconsciência, praticam o seu servilismo intelectual. Já, com efeito, porque o nosso espírito não possua a viril coragem de afrontar a autoridade daqueles a quem tradicionalmente atribui um critério mais firme e um saber mais alto; já porque as ideias estabelecidas, flutuando difusamente na nossa memória, depois de leituras e conversas, nos pareçam ser as nossas próprias; já porque a sugestão desses conceitos se imponha e nos leve subtilmente a concluir em concordância com eles — a lamentável verdade é que hoje todos nós servilmente tendemos a pensar e sentir como antes de nós e em torno de nós já se sentiu ou pensou.

21: que (diz Fradique) «constantemente] que constantemente [RP]

23: crítica, desde] crítica, através dos [RP]

25-26: os nossos *Lusíadas*, e outros monumentos canonizados.] os *Lusíadas,* outros monumentos canonizados. [RP]

28: homem robusto, sanguíneo, que] homem que [RP]

37-39: Raros sofrem estas angústias críticas do desditoso Cornuski. Todos porém, com risonha inconsciência, praticam o seu servilismo intelectual. Já, com efeito, porque o nosso espírito não] Nem todos sofrem as angústias intelectuais do desditoso Cornuski. Mas, já porque o nosso espírito seja estéril para produzir uma opinião *sua;* já porque não [RP]

46: nós servilmente] nós submissamente [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

«O homem do século XIX, o Europeu, porque só ele é essencialmente do século XIX (diz Fradique numa carta a Carlos Mayer), vive dentro duma pálida e morna *infeção de banalidade*, causada pelos quarenta mil volumes que todos os anos, suando e gemendo, a Inglaterra, a França e a Alemanha depositam às esquinas, e em que interminavelmente e monotonamente reproduzem, com um ou outro arrebique sobreposto, as quatro ideias e as quatro impressões legadas pela Antiguidade e pela Renascença. O Estado por meio das suas escolas canaliza esta infeção. A isto, oh Carolus, se chama *educar*! A criança, desde a sua primeira «Seleta de Leitura» ainda mal soletrada, começa a absorver esta camada do Lugar-Comum — camada que depois todos os dias, através da vida, o Jornal, a Revista, o Folheto, o Livro lhe vão atochando no espírito até lho empastarem todo em banalidade, e lho tornarem tão inútil para a produção como um solo cuja fertilidade nativa morreu sob a areia e o pedregulho de que foi barbaramente alastrado. Para que um Europeu lograsse ainda hoje ter algumas ideias novas, de viçosa originalidade, seria necessário que se internasse no Deserto ou nos Pampas; e aí esperasse pacientemente que os sopros vivos da Natureza, batendo-lhe a Inteligência e dela pouco a pouco varrendo os detritos de vinte séculos de Literatura, lhe refizessem uma virgindade. Por isso eu te afirmo, oh Carolus Mayerensis, que a Inteligência, que altivamente pretenda readquirir a divina potência de gerar, deve ir curar-se da Civilização literária

50: numa carta] numa admirável carta [RP]

58-60: A criança, desde a sua primeira «Seleta de Leitura» ainda mal soletrada, começa a absorver esta camada do Lugar-Comum — camada que depois] O baby começa logo, mal balbucia «Papá» e «Mamã», a inalar a primeira camada destes miasmas do lugar-comum — camada que [RP]

60-61: da vida,] da vida, a Escola, [RP]

61: a Revista, o Folheto,] a Revista, [RP]

61-62: vão atochando no espírito até lho empastarem todo em banalidade, e lho tornarem] vão tornando mais espessa, até que todo o espírito lhe fica empastado em banalidade, [RP]

64-65: morreu sob a areia e o pedregulho de que foi barbaramente alastrado.] morreu por a terem barbaramente alastrado de areia e pedregulho. [RP]

67: aí esperasse pacientemente] aí quietamente esperasse [RP]

68: batendo-lhe a Inteligência e dela] batendo-lhe o espírito e dele [RP]

71: Inteligência, que altivamente pretenda readquirir] que a Inteligência que altivamente pretenda criar por si, reganhar [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por meio duma residência tónica, durante dois anos, entre os Hotentotes e os Patagónios. A Patagónia opera sobre o Intelecto como Vichy sobre o fígado — desobstruindo-o, e permitindo-lhe o são exercício da função natural. Depois de dois anos de vida selvagem, entre o Hotentote nu movendo-se na plenitude lógica do Instinto, — que restará ao civilizado de todas as suas ideias sobre o Progresso, a Moral, a Religião, a Indústria, a Economia Política, a Sociedade e a Arte? Farrapos. Os pendentes farrapos que lhe restarão das pantalonas e da quinzena que trouxe da Europa, depois de vinte meses de matagal e de brejo. E não possuindo em torno de si Livros e Revistas que lhe renovem uma provisão de «ideias feitas», nem um benéfico Nunes Algibebe que lhe forneça uma outra andaina de «fato feito» — o Europeu irá insensivelmente regressando à nobreza do estado primitivo, nudez do corpo e originalidade da alma. Quando de lá voltar é um Adão forte e puro, virgem de literatura, com o crânio limpo de todos os conceitos e todas as noções amontoadas desde Aristóteles, podendo proceder soberbamente a um exame inédito das coisas humanas. Carlos, espírito que destilas *espíritos*, queres remergulhar nas Origens e vir comigo à inspiradora Hotentócia? Lá, livres e nus, estirados ao sol entre a palmeira e o regato que tutelarmente nos darão o sustento do corpo, com a nossa lança forte cravada na relva, e mulheres ao lado vertendo-nos num canto doce a porção de poesia e de sonho que a alma precisa — deixaremos livremente as ilhargas crestadas estalarem-nos de riso à ideia das grandes Filosofias, e das grandes Morais, e das grandes Economias, e das grandes Críticas, e das grandes Pilhérias que vão por essa Europa, onde densos formigueiros de chapéus altos se atropelam, estonteados pelas superstições da Civilização, pela ilusão do Ouro, pelo pedantismo das Ciências, pelas mistificações dos reformadores, pela escravidão da rotina, e pela estúpida admiração de si mesmos!…»

74: A Patagónia] A Patagónia, filho meu, [RP]
75: desobstruindo-o,] desobstruindo-o [RP]
78: Instinto, — que] Instinto, que [RP]
78: ideias] ideias herdadas [RP]
80: a Sociedade e a Arte?] a Sociedade, a Arte e os Direiros do Homem? [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Assim diz Fradique. Ora este «exame inédito das coisas humanas», só possível, segundo o poeta das LAPIDÁRIAS, ao Adão renovado que regressasse da Patagónia, com o espírito escarolado do pó e do lixo de longos anos de literatura — tentou-o ele, sem deixar os muros clássicos da Rue de Varennes, com incomparável vigor e sinceridade. E nisto mostrava intrepidez moral. No mundo a que irresistivelmente o prendiam os seus gostos e os seus hábitos — mundo mediano e regrado, sem invenção e sem iniciativa intelectual, onde as Ideias, para agradar, devem ser como as Maneiras, «geralmente adotadas» e não individualmente criadas — Fradique, com a sua indócil e brusca liberdade de Juízos, afrontava o perigo de passar por um petulante rebuscador de originalidade, ávido de gloríola e de excessivo destaque. Um espírito inventivo e novo, com uma força de pensar muito própria, deixando transbordar a vida abundante e múltipla que o anima e enche — é mais desagradável a esse mundo do que o homem rudemente natural que não regre e limite dentro das «Conveniências» a espessura da cabeleira, o estridor das risadas, e o franco mover dos membros grossos. Desse espírito indisciplinado e criador, logo se murmura com desconfiança: «Pretensioso! busca o efeito e o destaque!» Ora Fradique nada detestava mais intensamente do que o *efeito* e o *destaque excessivo*. Nunca lhe conheci

104: Ora este] Ora esse [RP]

106-108: Patagónia, com o espírito escarolado do pó e do lixo de longos anos de literatura — tentou-o ele, sem deixar os muros clássicos da Rue de Varennes,] Patagónia depois de se ter embebido metodicamente, durante anos, de verdade natural — tentou-o ele, antes de percorrer a Patagónia, [RP]

109-110: moral. No] moral; porque no [RP]

111: seus hábitos — mundo mediano e regrado,] seus delicados hábitos, — mundo mediano, regrado, comedido, [RP]

114: criadas — Fradique, com] criadas, e onde, sobre todas as coisas da Sociedade e da Natureza, desde a queda do Império Romano até às montanhas da Suíça, existem opiniões e expressões já cunhadas como as libras e como elas redondas resvalando facilmente — Fradique corria, com [RP]

115: Juízos, afrontava] Juízos, [RP]

116: destaque.] destaque. Nesse mundo [RP]

119: desagradável a esse mundo] desagradável [RP]

120-121: limite dentro das «Conveniências»] limite, dentro das «Conveniências», [RP]

122: espírito indisciplinado] espírito de alto e fino relevo, indisciplinado [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

senão gravatas escuras. E tudo preferiria a ser apontado como um desses homens, que, sem ódio sincero a Diana e ao seu culto e só para que deles se fale com espanto nas praças, vão, em plena festa, agitando um grande facho, incendiar-lhe o templo em Éfeso. Tudo preferiria — menos (como ele diz numa carta a Madame de Jouarre) «ter de vestir a Verdade nos armazéns do Louvre para poder entrar com ela em casa de Ana de Varle, duquesa de Varle e de Orgemont. A entrar hei de levar a minha amiga nua, toda nua, pisando os tapetes com os seus pés nus, enristando para os homens as pontas fecundas dos seus nobres seios nus. *Amicus Mundus, sed magis amica Veritas!* Este belo latim significa, minha madrinha, que eu, no fundo, julgo que a originalidade é agradável às mulheres e só desagradável aos homens — o que duplamente me leva a amá-la com pertinácia».

Esta independência, esta livre elasticidade de espírito e intensa sinceridade — impedindo que por sedução ele se desse todo a um Sistema, onde para sempre permanecesse por inércia — eram de resto as qualidades que melhor convinham à função intelectual que para Fradique se tornara a mais contínua e preferida. «Não há em mim infelizmente (escrevia ele a Oliveira Martins, em 1882) nem um sábio, nem um filósofo. Quero dizer, não sou um desses homens seguros e úteis, destinados por temperamento às análises secundárias que se chamam Ciências, e que consistem em reduzir uma multidão de factos esparsos a Tipos e Leis particulares por onde se explicam modalidades do Universo; nem sou também um desses homens, fascinantes e pouco seguros, destinados por génio às análises superiores que se chamam Filosofias, e que consistem em reduzir essas Leis e esses Tipos a uma fórmula geral por onde se explica a essência mesma do inteiro Universo. Não sendo pois um sábio, nem um filósofo, não posso concorrer para o melhoramento dos meus semelhantes — nem acrescendo-lhes o bem-estar por meio da Ciência, que é uma produtora de riqueza,

126: preferiria] preferiria, [RP]
131: Louvre] Louvre, [RP]
142-143: eram de resto] eram as qualidades [RP]
151: homens,] homens [RP]
157: Ciência,] Ciência [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da Metafísica, que é uma inspiradora de poesia. A entrada na História também se me conserva vedada: — porque, se, para se produzir Literatura basta possuir talentos, para tentar a História convém possuir virtudes. E eu!… Só portanto me resta ser, através das ideias e dos factos, um homem que passa, infinitamente curioso e atento. A egoísta ocupação do meu espírito hoje, caro historiador, consiste em me acercar duma ideia ou dum facto, deslizar suavemente para dentro, percorrê-lo miudamente, explorar-lhe o inédito, gozar todas as surpresas e emoções intelectuais que ele possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcela de verdade que exista nos seus refolhos — e sair, passar a outro facto ou a outra ideia, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as cidades de um país de arte e luxo. Assim visitei outrora a Itália, enlevado no esplendor das cores e das formas. Temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste*.»

Estes *touristes* da inteligência abundam em França e em Inglaterra. Somente Fradique não se limitava, como esses, a exames exteriores e impessoais, à maneira de quem numa cidade de Oriente, retendo as noções e os gostos de Europeu, estuda apenas o aéreo relevo dos monumentos e a roupagem das multidões. Fradique (para continuar a sua imagem) transformava-se em «cidadão das cidades que visitava». Mantinha por princípio que se devia momentaneamente *crer* para bem compreender uma crença. Assim se fizera babista, para penetrar e desvendar o Babismo. Assim se afiliara em Paris a um club revolucionário, *As Panteras de Batignolles*, e frequentara as suas sessões, encolhido numa quinzena sórdida pregada com alfinetes, com a esperança de lá colher «a flor de alguma extravagância instrutiva». Assim se incorporava em Londres aos Positivistas rituais, que, nos dias festivos do Calendário Comtista, vão queimar o incenso e a mirra na ara da Humanidade

158: Metafísica,] Metafísica [RP]
174: Estes *touristes*] Os *touristes* [RP]
177: noções e os gostos] noções, os gostos e os orgulhos [RP]
182: babista,] babista [RP]
183: revolucionário,] revolucionário chamado [RP]
187: que,] que vão, [RP]
188: Comtista, vão] Comtista, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e enfeitar de rosas a Imagem de Augusto Comte. Assim se ligara com os *Teosofistas*, concorrera prodigamente para a fundação da *Revista Espiritista*, e presidia as Evocações da rua Cardinet, envolto na túnica de linho, entre os dois *mediums* supremos, Patoff e Lady Thorgan. Assim habitara durante um longo verão Seo de Urgel, a católica cidadela do Carlismo, «para destrinçar bem (diz ele) quais são os motivos e as fórmulas que fazem um *Carlista* — porque todo o sectário obedece à realidade dum motivo e à ilusão duma fórmula». Assim se tornara o confidente do venerável príncipe Koblaskini, para «poder desmontar e estudar peça a peça o mecanismo dum cérebro de Niilista». Assim se preparava (quando a morte o surpreendeu) a voltar à Índia, para se tornar budista praticante, e penetrar cabalmente o Budismo, em que fixara a curiosidade e atividade crítica dos seus derradeiros anos. De sorte que dele bem se pode dizer que foi o devoto de todas as Religiões, o partidário de todos os Partidos, o discípulo de todas as Filosofias — cometa errando através das ideias, embebendo-se convictamente nelas, de cada uma recebendo um acréscimo de substância, mas em cada uma deixando alguma coisa do calor e da energia do seu movimento pensante. Aqueles que imperfeitamente o conheciam classificavam Fradique como um *diletante*. Não! essa séria convicção (a que os Ingleses chamam *earnestness*), com que Fradique se arremessava ao fundo real das coisas, comunicava à sua vida uma valia e eficácia muito superiores às que o *diletantismo*, a diversão cética que tantas injúrias arrancou a Carlyle, comunica às naturezas que a ele deliciosamente se abandonam. O *diletante*, com efeito, corre entre as ideias e os factos como as borboletas (a quem é desde séculos comparado) correm entre as flores, para pousar, retomar logo o voo estouvado, encontrando nessa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abe-

189: e enfeitar de rosas a Imagem] e depor braçadas de rosas ante a Imagem [RP]
193: verão] verão, [RP]
204: o partidário de todos] o faccioso de todos [RP]
209: conheciam] conheciam, [RP]
209: Não! essa] Não! a [RP]
210: os Ingleses chamam *earnestness*),] os ingleses chamam *earnestness*) [RP]
212-213: *diletantismo*, a] *diletantismo*, essa [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

lha, de cada planta pacientemente extraindo o seu mel: — quero dizer, de cada opinião recolhendo essa «parcela de verdade» que cada uma invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.

Assim se exercia esta diligente e alta Inteligência. Qual era porém a sua qualidade essencial e intrínseca? Tanto quanto pude discernir, a suprema qualidade intelectual de Fradique pareceu-me sempre ser — uma perceção extraordinária da Realidade. «Todo o fenómeno (diz ele numa carta a Antero de Quental, sugestiva através de certa obscuridade que a envolve) tem uma Realidade. A expressão de *Realidade* não é filosófica; mas eu emprego-a, lanço-a ao acaso e tenteando, para apanhar dentro dela o mais possível dum conceito pouco coercível, quase irredutível ao verbo. Todo o fenómeno, pois, tem, relativamente ao nosso entendimento e à sua potência de discriminar, uma Realidade — quero dizer certos carateres, ou (para me exprimir por uma imagem, como recomenda Buffon) certos *contornos* que o limitam, o definem, lhe dão feição própria no esparso e universal conjunto, e constituem o seu *exato*, *real* e *único* modo de ser. Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a ILUSÃO, formam em torno de cada fenómeno uma névoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divise no seu *exato*, *real* e *único* modo de ser. É justamente o que sucede aos monumentos de Londres mergulhados no nevoeiro… Tudo isto vai expresso dum modo bem hesitante e incompleto! Lá fora o sol está caindo dum céu fino e nítido sobre o meu quintal de convento coberto de neve dura: neste ar tão puro

219-220: quero dizer,] quero dizer [RP]
223: esta diligente e alta Inteligência.] esta inquieta e suprema intelectualidade. [RP]
225: discernir, a suprema qualidade intelectual] discernir, a qualidade dominante [RP]
227-228: Quental, sugestiva através de certa obscuridade] Quental; extremamente sugestiva através de certa névoa [RP]
229: filosófica;] filosófica, [RP]
230: acaso e] acaso, [RP]
231: coercível,] coercível e [RP]
237: seu *exato*, *real*] seu *real* [RP]
243: bem hesitante] bem quebrado [RP]
244: céu fino] céu muito fino [RP]
244-245: meu quintal de convento] meu jardim [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e claro, em que as coisas tomam um relevo rígido, perdi toda a flexibilidade e fluidez da tecnologia filosófica: só me poderia exprimir por imagens recortadas à tesoura. Mas você decerto compreenderá, Antero excelente e subtil! Já esteve em Londres, no outono, em novembro? Nas manhãs de nevoeiro, numa rua de Londres, há dificuldade em distinguir se a sombra densa que ao longe se empasta é a estátua dum herói ou o fragmento dum tapume. Uma pardacenta ilusão submerge toda a cidade — e com espanto se encontra numa taverna, quem julgara penetrar num templo. Ora para a maioria dos espíritos uma névoa igual flutua sobre as realidades da vida e do mundo. Daí vem que quase todos os seus passos são transvios, quase todos os seus juízos são enganos; e estes constantemente estão trocando o Templo e a Taverna. Raras são as visões intelectuais bastante agudas e poderosas para romper através da neblina e surpreender as linhas exatas, o verdadeiro contorno da Realidade. Eis o que eu queria tartamudear.»

Pois bem! Fradique dispunha de uma dessas visões privilegiadas. O próprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e *detalhar em silêncio* — como dizia Oliveira Martins — revelava logo o seu processo interior de concentrar e aplicar a Razão, à maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as névoas, a Realidade pouco a pouco lhe surgisse na sua rigorosa e *única* forma.

A manifestação desta magnífica força que mais impressionava — era o seu poder de *definir*. Possuindo um espírito que *via* com a máxima exatidão; possuindo um verbo que *traduzia* com a máxima concisão — ele podia assim dar resumos absolutamente profundos e perfeitos. Lembro que uma noite, na sua casa da Rua de Varennes, em Paris, se discutia com ardor a natureza da Arte. Repetiram-se todas as definições de Arte, enunciadas desde Platão: inventaram-se outras, que eram, como sempre, o fenómeno visto limitadamente através dum temperamento. Fradique conservou-se

249: compreenderá, Antero excelente e subtil!] compreenderá, subtil Antero! [RP]
249-250: Londres, no outono, em] Londres, em [RP]
254: taverna,] taverna [RP]
266: seu] seu costumado [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

algum tempo mudo, dardejando os olhos para o vago. Por fim, com essa maneira lenta (que para os que incompletamente o conheciam parecia professoral) murmurou, no silêncio deferente que se alargara: — «A arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação.»

Certamente, não conheço mais completa definição de Arte! E com razão afirmava um amigo nosso, homem de excelente fantasia, que «se o bom Deus, um dia, compadecido das nossas hesitações, nos atirasse lá de cima, do seu divino ermo, a final explicação da Arte, nós ouviríamos ressoar entre as nuvens, soberba como o rolar de cem carros de guerra, a definição de Fradique»!

A superior inteligência de Fradique tinha o apoio de uma cultura forte e rica. Já os seus instrumentos de saber eram consideráveis. Além dum sólido conhecimento das línguas clássicas (que, na sua idade de Poesia e de Literatura decorativa, o habilitara a criar em latim bárbaro poemetos tão belos como o *Laus Veneris tenebrosæ*) — possuía profundamente os idiomas das três grandes nações pensantes, a França, a Inglaterra e a Alemanha. Conhecia também o árabe, que (segundo me afirmou Riaz-Effendi, cronista do sultão Abdul-Aziz) falava com abundância e gosto.

As ciências naturais eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciável e religiosa curiosidade do Universo impelira-o a estudar tudo o que divinamente o compõe, desde os insetos até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o coração — porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo pelo animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genuinamente budistas. «Amo a Natureza (escrevia-me ele em 1882) por si mesma, toda e individualmente, na graça e na fealdade de cada uma das formas inumeráveis que a enchem: e amo-a, ainda como manifestação tangível e múltipla da suprema Unidade, da Realidade intangível, a que cada Religião e cada Filosofia deram um nome diverso e a que eu presto culto

291-292: uma cultura forte e rica.] uma funda e forte cultura. [RP]
308: amo-a,] amo-a [RP]
309: Unidade, da Realidade intangível,] Unidade e da Realidade intangível [RP]
310: diverso] diverso, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sob o nome de VIDA. Em resumo adoro a Vida — de que são igualmente expressões uma rosa e uma chaga, uma constelação e (com horror o confesso) o conselheiro Acácio. Adoro a Vida e portanto tudo adoro — porque tudo é viver, mesmo morrer. Um cadáver rígido no seu esquife vive tanto como uma águia batendo furiosamente o voo. E a minha religião está toda no credo de Atanásio, com uma pequena variante: — Creio na *Vida* toda-poderosa, criadora do céu e da terra…»

Quando começou porém a nossa intimidade, em 1880, o seu inquieto espírito mergulhava de preferência nas ciências sociais, aquelas sobretudo que pertencem à Pré-História — a Antropologia, a Linguística, o estudo das Raças, dos Mitos e das Instituições Primitivas. Quase todos os três meses, altas rumas de livros enviadas da casa Hachette, densas camadas de Revistas especiais, alastrando o tapete de Caramânia, indicavam-me que uma nova curiosidade se apoderara dele com intensidade e paixão. Conheci-o assim sucessiva e ardentemente ocupado com os monumentos megalíticos da Andaluzia; com as habitações lacustres; com a mitologia dos povos Arianos; com a magia Caldaica; com as raças Polinésias; com o direito costumário dos Cafres; com a cristianização dos Deuses Pagãos… Estas aferradas investigações duravam enquanto podia extrair delas «alguma emoção ou surpresa intelectual». Depois, um dia, Revistas e volumes desapareciam, e Fradique anunciava triunfalmente, alargando os passos alegres por sobre o tapete livre: — «Sorvi todo o Sabeísmo!», ou «Esgotei os Polinésios!»

O estudo porém a que se prendeu ininterrompidamente, com especial constância, foi o da História. «Desde pequeno (escrevia ele a Oliveira Martins, numa das suas últimas cartas, em 1886) tive

329: magia Caldaica;] magia caldaica; com o direito céltico, com as leis dos Cafres; [RP]
330: raças Polinésias; com o direito costumário dos Cafres;] raças polinésias; [RP]
334: Fradique anunciava triunfalmente] Fradique anunciava, [RP]
335: livre: — «Sorvi todo o Sabeísmo!»,] livre: — «Lá rompi com a astrologia caldaica!» [RP]
337-338: ininterrompidamente, com especial constância,] ininterrompidamente e com reverente constância [RP]
339: cartas,] cartas [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a paixão da História. E adivinha você porquê, Historiador? Pelo confortável e conchegado sentimento que ela me dava da solidariedade humana. Quando fiz onze anos, minha avó, de repente, *para me habituar às coisas duras da vida* (como ela dizia), arrancou-me ao pachorrento ensino do padre Nunes, e mandou-me a uma escola chamada *Terceirense*. O jardineiro levava-me pela mão: e todos os dias a avó me dava com solenidade um pataco para eu comprar na tia Marta, confeiteira da esquina, bolos para a minha merenda. Este criado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nível humilde dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma *Enciclopédia de Antiguidades Romanas*, que tinha estampas, li, com surpresa, que os rapazes em Roma (na grande Roma!) iam também de manhã para a escola, como eu, pela mão dum servo — denominado o *Capsarius*; e compravam também, como eu, um bolo numa tia Marta do Velabro ou das Carinas, para comerem à merenda — que chamavam o *Ientaculum*. Pois, meu caro, no mesmo instante a venerável antiguidade desses hábitos tirou-lhes a vulgaridade toda que neles me humilhava tanto! Depois de os ter detestado por serem comuns aos filhos do Silva procurador — respeitei-os por terem sido habituais nos filhos de Cipião. A compra do bolo tornou-se como um rito que desde a Antiguidade todos os rapazes de escola cumpriam, e que me era dado por meu turno celebrar numa honrosa solidariedade com a grande gente togada. Tudo isto, evidentemente, não o sentia com esta clara consciência. Mas nunca entrei daí por diante na tia Marta, sem erguer a cabeça, pensando com uma vanglória heroica: — 'Assim faziam também os romanos!' Era por esse

343: *vida* (como ela dizia),] *vida,* como ela dizia, [RP]
351: *Romanas*,] *Romanas* [RP]
354: dum servo —] dum servo [RP]
355: bolo numa tia] bolo na tia [RP]
355-356: ou das Carinas,] ou do Quirinal, [RP]
356: que chamavam] que eles chamavam [RP]
364: sentia] sentia eu [RP]
365: consciência. Mas] consciência crítica. Sentia apenas uma confusa vanglória. E [RP]
366-367: cabeça, pensando com uma vanglória heroica:] cabeça, pensar com importância: [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tempo pouco mais alto que uma espada goda, e amava uma mulher obesa que morava ao fim da rua…»

Nessa mesma carta, adiante, Fradique acrescenta: — «Levou-me pois efetivamente à História o meu amor da Unidade — amor que envolve o horror às interrupções, às lacunas, aos espaços escuros onde se não sabe o que há. Viajei por toda a parte viajável, li todos os livros de explorações e de travessias — porque me repugnava não conhecer o globo em que habito até aos seus extremos limites, e não sentir a contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além. Por isso, incansavelmente exploro a História, para perceber até aos seus derradeiros limites a Humanidade a que pertenço, e sentir a compacta solidariedade do meu ser com a de todos os que me precederam na vida. Talvez você murmure com desdém: — 'mera bisbilhotice!' Amigo meu, não despreze a bisbilhotice! Ela é um impulso humano, de latitude infinita, que, como todos, vai do reles ao sublime. Por um lado leva a escutar às portas — e pelo outro a descobrir a América!»

O saber histórico de Fradique surpreendia realmente pela amplexidade e pelo detalhe. Um amigo nosso exclamava um dia, com essa ironia afável que nos homens de raça céltica sublinha e corrige a admiração: «Aquele Fradique! Tira a charuteira, e dá uma síntese profunda, duma transparência de cristal, sobre a guerra do Peloponeso; — depois acende o charuto, e explica o feitio e o metal da fivela do cinturão de Leónidas!» Com efeito, a sua forte capacidade de compreender filosoficamente os movimentos coletivos, o seu fino poder de evocar psicologicamente os carateres individuais — aliava-se nele a um minucioso saber arqueológico da vida, das maneiras, dos trajes, das armas, das festas, dos ritos de todas as idades, desde a Índia Védica até à França imperial. As suas cartas a Oliveira Martins (sobre o Sebastianismo, o nosso

390: profunda,] profunda, sólida, [RP]

390: sobre] sobre o Socialismo da Lei Semprónia ou sobre [RP]

391: charuto, e] charuto, e reconstrui o cenário histórico da morte de Tibério Graco aos pés da estátua de Numa, em frente ao Templo de Fides, ou [RP]

396: vida,] vida exterior, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Império no Oriente, o Marquês de Pombal)[1] são verdadeiras maravilhas pela sagaz intuição, a alta potência sintética, a certeza do saber, a força e a abundância das ideias novas. E, por outro lado, a sua erudição arqueológica repetidamente esclareceu e auxiliou, na sábia composição das suas telas, o paciente e fino reconstrutor dos Costumes e das Maneiras da Antiguidade Clássica, o velho Suma-Rabema. Assim mo confessou uma tarde Suma-Rabema, regando as roseiras, no seu jardim de Chelsea.

Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memória que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazém de factos, de noções, de formas, todos bem arrumados, bem classificados, prontos sempre a servir. O nosso amigo Chambray afirmava que, comparável à memória de Fradique, como «instalação, ordem e excelência do *stock*», só conhecia a adega do café Inglês.

A cultura de Fradique recebia um constante alimento e acréscimo das viagens que sem cessar empreendia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intelectuais. Só a Arqueologia o levou quatro vezes ao Oriente: — ainda que a sua derradeira residência em Jerusalém, durante dezoito meses, foi motivada (segundo me afirmou o cônsul Raccolini) por poéticos amores com uma das mais esplêndidas mulheres da Síria, uma filha de Abraão Coppo, o faustoso banqueiro de Alepo, tão lamentavelmente morta depois, sobre as tristes costas de Chipre, no naufrágio do *Magnólia*. A sua aventurosa e áspera peregrinação pela China, desde o Tibete (onde quase deixou a vida, tentando temerariamente penetrar na cidade

[1] Estas cartas constituem verdadeiros Ensaios Históricos, que, pelas suas proporções, não poderiam entrar nesta coleção. Reunidas as notas e fragmentos dispersos, devem formar um volume a que o seu compilador dará, penso eu, o título de *Versos e Prosas de Fradique Mendes*. [*Nota do autor em ambas as lições.*]

403: sábia] sábia e pitoresca [RP]
403: paciente e fino] paciente [RP]
405-406: Suma-Rabema, regando as roseiras, no seu jardim de Chelsea.] Suma-Rabema, sob os castanheiros de Hampton Court. [RP]
409: classificados,] classificados, limpos, [RP]
412: [RP *abre um espaço no final deste parágrafo.*]
413-414: constante alimento e acréscimo] constante acréscimo e alimento [RP]
417: Jerusalém, durante dezoito meses,] Jerusalém durante dezoito meses [RP]
419-420: o faustoso] o luxuoso [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sagrada de Lahsá) até à alta Manchúria, constitui o mais completo estudo até hoje realizado por um homem da Europa sobre os Costumes, o Governo, a Ética e a Literatura desse povo «profundo entre todos, que (como diz Fradique) conseguiu descobrir os três ou quatro únicos princípios de moral capazes, pela sua absoluta força, de eternizar uma civilização».

O exame da Rússia e dos seus movimentos sociais e religiosos trouxeram-no prolongados meses pelas províncias rurais de entre o Dnieper e o Volga. A necessidade duma certeza sobre os Presídios Penais da Sibéria impeliu-o a afrontar centenas de milhas de estepes e de neves, numa rude telega, até às minas de prata de Nerchinski. E prosseguiria neste ativo interesse se não recebesse subitamente, ao chegar à costa, a Arcangel, este aviso do general Armankoff, chefe da IV secção da polícia imperial: — *Monsieur, vous nous observez de trop près, pour que votre jugement n'en soit faussé; je vous invite donc, sur votre intérêt, et pour avoir de la Russie une vue d'ensemble plus exacte, d'aller la regarder de plus loin, dans votre belle maison de Paris!* — Fradique abalou para Vasa, sobre o golfo de Bótnia. Passou logo à Suécia, e mandou de lá, sem data, este bilhete ao general Armankoff: — *Monsieur, j'ai reçu votre invitation où il y a beaucoup d'intolérance et trois fautes de français*.

Os mesmos interesses de espírito e «necessidades de certeza» o levaram na América do Sul desde o Amazonas até às areias da Patagónia, o levaram na África Austral desde o Cabo até aos montes de Zokunga… «Tenho folheado e lido atentamente o mundo como um livro cheio de ideias. Para ver *por fora*, por mera festa dos olhos, nunca fui senão a Marrocos.»

426: Ética e a Literatura] Ética, a Literatura e o organismo social [RP]
427: todos,] todos [RP]
432: Volga.] Volga; [RP]
434: às] às covas de Kara, e às [RP]
435: Nerchinski.] Nerchinski: [RP]
435: interesse] interesse, [RP]
441: *Paris!* —] *Paris!* [RP]
445: mesmos interesses] mesmos cuidados [RP]
446-448: Sul desde o Amazonas até às areias da Patagónia, o levaram na África Austral desde o Cabo até aos montes de Zokunga…] Sul até à Patagónia, na África Austral até às margens negras do Zambeze… [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino era a sua rápida e carinhosa simpatia por todos os povos. Nunca visitou países à maneira do detestável *touriste* francês, para notar de alto e pecamente «os defeitos» — isto é, as divergências desse tipo de civilização mediano e genérico donde saía e que preferia. Fradique amava logo os costumes, as ideias, os preconceitos dos homens que o cercavam: e, fundindo-se com eles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição direta e viva de cada sociedade em que mergulhava. Este eficaz preceito — *«em Roma sê romano»* — tão fácil e doce de cumprir em Roma, entre as vinhas da colina Célia e as águas sussurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o ele gostosamente trilhando com as alpercatas rotas os desfiladeiros do Himalaia. E estava tão homogeneamente numa cervejaria filosófica da Alemanha, aprofundando o Absoluto entre professores de Tübingen — como numa aringa africana da terra dos Matabeles, comparando os méritos da carabina «Express» e da carabina Winchester, entre caçadores de elefantes.

Desde 1880 os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris e Londres — com exceção das «visitas filiais» a Portugal: porque, apesar da sua dispersão pelo mundo, da sua facilidade em se nacionalizar nas terras alheias, e da sua impersonalidade crítica, Fradique foi sempre um genuíno Português com irradicáveis traços de fidalgo ilhéu.

O mais puro e íntimo do seu interesse deu-o sempre aos homens e às coisas de Portugal. A compra da Quinta do *Saragoça*, em Sintra, realizara-a (como diz numa carta a F. G., com desacostumada emoção) «para *ter terra em Portugal*, e para se prender pelo forte vínculo da propriedade ao solo augusto donde um dia

455: e genérico] e ponderado [RP]
464: da] da culta [RP]
464: Absoluto] Absoluto, [RP]
470: porque,] porque [RP]
472-473: com irradicáveis] com curtos e irradicáveis [RP]
475: da Quinta] da quinta [RP]
476: como] como ele [RP]
477: «para *ter terra em Portugal*, e para se prender] «para se prender mais, e [RP]
478: propriedade] propriedade, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tinham partido, levados por um ingénuo tumulto de ideias grandes, os seus avós, buscadores de mundos, de quem ele herdara o sangue e a curiosidade do *além*!»

Sempre que vinha a Portugal ia «retemperar a fibra» percorrendo uma província, lentamente, a cavalo — com demoras em vilas decrépitas que o encantavam, infindáveis cavaqueiras à lareira dos campos, fraternizações ruidosas nos adros e nas tavernas, idas festivas a romarias no carro de bois, no vetusto e venerável carro sabino, toldado de chita, enfeitado de louro. A sua região preferida era o Ribatejo, a terra chã da lezíria e do boi. «Aí (diz ele), de jaleca e cinta, montado num potro, com a vara de campino erguida, correndo entre as manadas de gado, nos finos e lavados ares da manhã, sinto, mais que em nenhuma outra parte, a delícia de viver.»

Lisboa só lhe agradava — como paisagem. «Com três fortes retoques (escrevia-me ele em 1881, do Hotel Braganza), com arvoredo e pinheiros mansos plantados nas colinas calvas da Outra Banda; com azulejos lustrosos e alegres revestindo as fachadas sujas do casario; com uma varredela definitiva por essas benditas ruas — Lisboa seria uma dessas belezas da Natureza criadas pelo Homem, que se tornam um motivo de sonho, de arte e de peregrinação. Mas uma existência enraizada em Lisboa não me parece tolerável. Falta aqui uma atmosfera intelectual onde a alma respire. Depois certas feições, singularmente repugnantes, dominam. Lisboa é uma cidade *aliteratada*, *afadistada*, *catita* e *conselheiral*. Há *literatice* na simples maneira com que um caixeiro vende um metro de fita; e, nas próprias graças com que uma senhora recebe, transparece *fadistice*: mesmo na Arte há *conselheirismo*; e há *catitismo*

479-480: grandes, os seus avós,] grandes, os [RP]

482: Portugal] Portugal, [RP]

489: potro,] potro fresco, [RP]

502-504: Depois certas feições, singularmente repugnantes, dominam. Lisboa é uma cidade *aliteratada*, *afadistada*, *catita* e *conselheiral*. Há] Depois tudo aqui toma um tom — entre *aliteratado* e *afadistado:* há [RP]

505: de fita;] de fita, [RP]

505: uma] uma grande [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mesmo nos cemitérios. Mas a náusea suprema, meu amigo, vem da politiquice e dos politiquetes.»

Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais injustificados: horror intelectual, julgando-os incultos, broncos, inaptos absolutamente para criar ou compreender ideias; horror mundano, pressupondo-os reles, de maneiras crassas, impróprios para se misturar a naturezas de gosto; horror físico, imaginando que nunca se lavavam, rarissimamente mudavam de meias, e que deles provinha esse cheiro morno e mole, que tanto surpreende e enoja em S. Bento aos que dele não têm o hábito profissional.

Havia nestas ferozes opiniões, certamente, laivos de perfeita verdade. Mas em geral, os juízos de Fradique sobre a Política ofereciam o cunho dum preconceito que dogmatiza — e não duma observação que discrimina. Assim lho afirmava eu uma manhã, no Braganza, mostrando que todas essas deficiências de espírito, de cultura, de maneiras, de gosto, de finura, tão acerbamente notadas por ele nos Políticos — se explicam suficientemente pela precipitada democratização da nossa sociedade; pela rasteira vulgaridade da vida provincial; pelas influências abomináveis da Universidade; e ainda por íntimas razões que são no fundo honrosas para esses desgraçados Políticos, votados por um fado vingador à destruição da nossa terra.

Fradique replicou simplesmente:

— Se um rato morto me disser, — «eu cheiro mal por isto e por aquilo e sobretudo porque apodreci», — eu nem por isso deixo de o mandar varrer do meu quarto.

506-507: *fadistice*: mesmo na Arte há *conselheirismo*; e há *catitismo* mesmo nos cemitérios. Mas a náusea suprema, meu amigo,] *fadistice*. Além disso, duas feições, ambas repugnantes, dominam — o *catitismo* e o *conselheirismo:* mesmo em farrapos se é *catita,* mesmo em amanuense se é *conselheiral*. Finalmente [RP]

510: incultos,] incultos e [RP]

512: pressupondo-os reles,] pressupondo-os rudes e reles, [RP]

514: lavavam, rarissimamente mudavam de meias,] lavavam, raras vezes mudavam de roupa branca, [RP]

517: de perfeita] de serena [RP]

520: lho afirmava] lho observava [RP]

524: pela rasteira] pela estreita [RP]

530: — Se um rato morto me disser, — «eu cheiro] — É boa! Se um rato morto me disser, «cheiro [RP]

531: apodreci», — eu] apodreci», eu [RP]

532: quarto.] quarto!… [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Havia aqui uma antipatia de instinto, toda fisiológica, cuja intransigência e obstinação nem factos nem raciocínios podiam vencer. Bem mais justo era o horror que lhe inspirava, na vida social de Lisboa, a inábil, descomedida e papalva imitação de Paris. Essa «saloia macaqueação», superiormente denunciada por ele numa carta que me escreveu em 1885, e onde assenta, num luminoso resumo, que «*Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão*» — tornava-se para Fradique, apenas transpunha Santa Apolónia, um tormento sincero. E a sua ansiedade perpétua era então descobrir, através da frandulagem do Francesismo, algum resto do genuíno Portugal.

Logo a comida constituía para ele um real desgosto. A cada instante em cartas, em conversas, se lastima de não poder conseguir «um cozido vernáculo!» — «Onde estão (exclama ele, algures) os pratos veneráveis do Portugal português, o pato com macarrão do século XVIII, a almôndega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dileto de D. João IV, de que os fidalgos ingleses que vieram ao reino buscar a noiva de Carlos II, levaram para Londres a surpreendente notícia? Tudo estragado! O mesmo provincianismo reles põe em calão as comédias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos nutrindo miseravelmente dos sobejos democráticos do *boulevard*, requentados, e servidos em chalaça e galantine! Desastre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a vitela de Lafões, os legumes, os doces, os vinhos, degeneraram, *insipidaram*… Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Depois desses enxertos funestos no velho tronco lusitano, os frutos têm perdido o sabor, como os homens têm perdido o caráter…»

Só uma ocasião, nesta especialidade considerável, o vi plenamente satisfeito. Foi numa taverna da Mouraria (onde eu o levara), diante dum prato complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão-de-bico. Para o gozar com coerência, Fradique despiu a sobrecasaca. E como um de nós lançara casualmente o nome de

535: mais justo] mais justificado [RP]
538: onde assenta,] onde constata, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Renan, ao atacarmos o pitéu sem igual, Fradique protestou com paixão:

— Nada de ideias! Deixem-me saborear esta bacalhoada, em perfeita inocência de espírito, como no tempo do Senhor D. João V, antes da Democracia e da Crítica!

A saudade do velho Portugal era nele constante: e considerava que, por ter perdido esse tipo de civilização intensamente original, o mundo ficara diminuído. Este amor do passado revivia nele, bem curiosamente, quando via realizados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o «modernismo» inteligente das civilizações mais saturadas de cultura e perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa foi no Rato — numa festa de raro e delicado brilho. Fradique parecia desolado.

— Em Paris, afirmava ele, a duquesa de La Rochefoucauld-Bisaccia pode dar uma festa igual: e para isto não me valia a pena ter feito a quarentena em Marvão! Suponha porém você que eu vinha achar aqui um sarau do tempo da Senhora D. Maria I, em casa dos Marialvas, com fidalgas sentadas em esteiras, frades tocando o lundum no bandolim, desembargadores pedindo mote, e os lacaios no pátio, entre os mendigos, rezando em coro a ladainha!… Aí estava uma coisa única, deliciosa, pela qual se podia fazer a viagem de Paris a Lisboa em liteira!

Um dia que jantávamos em casa de Carlos Mayer, e que Fradique lamentava, com melancólica sinceridade, o velho Portugal fidalgo e fradesco do tempo do sr. D. João V — Ramalho Ortigão não se conteve:

— Você é um monstro, Fradique! O que você queria era habitar o confortável Paris do meado do século XIX, e ter aqui, a dois dias de viagem, o Portugal do século XVIII, onde pudesse vir, como a um museu, regalar-se de pitoresco e de arcaísmo… Você, lá na Rua de Varennes, consolado de decência e de ordem.

578: Lisboa] Lisboa, [RP]
580: Paris, afirmava] Paris, disse [RP]
581: igual:] igual. [RP]
590: melancólica sinceridade,] melancólica gravidade, [RP]
597: Varennes, consolado] Varennes, regalado [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E nós aqui, em vielas fedorentas, inundados à noite pelos despejos de águas sujas, aturdidos pelas arruaças do marquês de Cascais ou do conde de Aveiras, levados aos empurrões para a enxovia pelos malsins da Intendência, etc., etc… Confesse que é o que você queria!

Fradique volveu serenamente:

— Era bem mais digno e mais patriótico que em lugar de vos ver aqui, a vós, homens de letras, esticados nas gravatas e nas ideias que toda a Europa usa, vos encontrasse de cabeleira e rabicho, com as velhas algibeiras da casaca de seda cheias de odes sáficas, encolhidinhos no salutar terror de El-Rei e do Diabo, rondando os pátios da Casa de Marialva ou de Aveiro, à espera que os senhores, de cima, depois de dadas as graças, vos mandassem, por um pretinho, os restos do peru e o mote. Tudo isso seria dignamente português, e sincero; vós não merecíeis melhor; e a vida não é possível sem um bocado de pitoresco depois do almoço.

Com efeito, nesta saudade de Fradique pelo Portugal antigo, havia amor do «pitoresco», estranho num homem tão subjetivo e intelectual: mas sobretudo havia o ódio a esta universal modernização que reduz todos os costumes, crenças, ideias, gostos, modos, os mais ingénitos e mais originalmente próprios, a um tipo uniforme (representado pelo *sujeito utilitário e sério* de sobrecasaca preta) — com a monotonia com que o chinês apara todas

603-613: Fradique volveu serenamente: // — Era bem mais digno e mais patriótico que em lugar de vos ver aqui, a vós, homens de letras, esticados nas gravatas e nas ideias que toda a Europa usa, vos encontrasse de cabeleira e rabicho, com as velhas algibeiras da casaca de seda cheias de odes sáficas, encolhidinhos no salutar terror de El-Rei e do Diabo, rondando os pátios da Casa de Marialva ou de Aveiro, à espera que os senhores, de cima, depois de dadas as graças, vos mandassem, por um pretinho, os restos do peru e o mote. Tudo isso seria dignamente português, e sincero; vós não merecíeis melhor; e a vida não é possível] Todos em redor rugimos, apertando os cabos das facas: // — Confesse! // Ele, serenamente: // — Moisés, o Buda, Jesus, Proudhon, todos os justos têm dito: *a cada um segundo os seus méritos*… E realmente a vida não é vivível [RP]

615: pelo] pelo nosso [RP]

616: havia] havia sobretudo o excessivo [RP]

618: reduz] reduz violentamente [RP]

619: mais ingénitos] mais nativos [RP]

620-621: *sério* de sobrecasaca preta)] *sério*) [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

as árvores dum jardim, até lhes dar a forma única e dogmática de pirâmide ou de vaso funerário.

Por isso Fradique em Portugal amava sobretudo o povo — o povo que não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe comunica os seus carateres graves e doces. Amava-o pelas suas qualidades, e também pelos seus defeitos: — pela sua morosa paciência de boi manso; pela alegria idílica que lhe poetiza o trabalho; pela calma aquiescência à vassalagem com que depois do *Senhor Rei* venera o *Senhor Governo*; pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu catolicismo pagão, e carinho fiel aos Deuses latinos, tornados santos calendares; pelos seus trajes, pelos seus cantos… «Amava-o ainda (diz ele) pela sua linguagem tão bronca e pobre, mas a única em Portugal onde se não sente odiosamente a influência do lamartinismo ou das *Sebentas* de Direito Público.»

631: pagão,] pagão [RP]

633-634: cantos… «Amava-o ainda (diz ele) pela sua linguagem tão bronca e pobre, mas a] cantos; e ainda pela sua linguagem escassa, trôpega, romba, mas viçosa, e «a [RP]

634: Portugal] Portugal (diz Fradique) [RP]

635: lamartinismo ou] Lamartinismo e [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VI

A última vez que Fradique visitou Lisboa foi essa em que o encontrei no Rato, lamentando os saraus beatos e sécios do século XVIII. O antigo poeta das LAPIDÁRIAS tinha então cinquenta anos; e cada dia se prendia mais à quieta doçura dos seus hábitos de Paris.

Fradique habitava, na Rua de Varennes, desde 1880, uma ala do antigo palácio dos Duques de Tredennes que ele mobilara com um luxo sóbrio e grave — tendo sempre detestado esse atulhamento de alfaias e estofos, onde inextricavelmente se embaralham e se contradizem as Artes e os Séculos, e que, sob o bárbaro e justo nome de *bric-à-brac*, tanto seduz os financeiros e as *cocottes*. Nobres e ricas tapeçarias de Paisagem e de História; amplos divans de Aubusson; alguns móveis de arte da Renascença Francesa; porcelanas raras de Delft e da China; espaço, claridade, uma harmonia de tons castos — eis o que se encontrava nas cinco salas que constituíam o «covil» de Fradique. Todas as varandas, de ferro rendilhado, datando de Luís XIV, abriam sobre um desses jardins de árvores antigas, que, naquele bairro fidalgo e eclesiás-

5: à quieta doçura] à doçura [RP]

6: Paris.] Paris. Eles ofereciam essa uniformidade solitária e cheia que, pela elevação e delicadeza das ocupações, serenamente deslizando e fielmente regressando, envolve uma existência, mesmo entre o rumor de colmeias humanas como Paris ou Londres, num pacífico e austero encanto de mosteiro erudito. [RP]

7: desde 1880,] desde 1875, [RP]

8: Duques de Tredennes] Duques de Trevernne [RP]

10: estofos,] estofos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tico, formam retiros de silêncio e paz silvana, onde por vezes nas noites de maio se arrisca a cantar um rouxinol.

A vida de Fradique era medida por um relógio secular, que precedia o toque lento e quase austero das horas com uma toada argentina de antiga dança de corte: e era mantida numa imutável regularidade pelo seu criado Smith, velho escocês da *clan* dos Macduffs, já todo branco de pelo e ainda todo rosado de pele, que havia trinta anos o acompanhava, com severo zelo, através da vida e do mundo.

De manhã, às nove horas, mal se espalhavam no ar os compassos gentis e melancólicos daquele esquecido minuete de Cimarosa ou de Haydin, Smith rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janelas à luz, gritava: — *Morning, Sir!* Imediatamente Fradique, dando de entre a roupa um salto brusco que considerava «de higiene transcendente», corria ao imenso laboratório de mármore, a esponjar a face e a cabeça em água fria, com um resfolegar de Tritão ditoso. Depois, enfiando uma das cabaias de seda que tanto me maravilhavam, abandonava-se, estirado numa poltrona, aos cuidados de Smith que, como barbeiro (afirmava Fradique) reunia a ligeireza macia de Fígaro à sapiência confidencial do velho Oliveiro de Luís XI. E, com efeito, enquanto o ensaboava e escanhoava, Smith ia dando a Fradique um resumo nítido, sólido, todo em factos, dos telegramas políticos do *Times*, do *Standard* e da *Gazeta de Colónia*!

Era para mim uma surpresa, sempre renovada e saborosa, ver Smith, com a sua alta gravata branca à Palmerston, a rabona curta, as calças de xadrez verde e preto (cores da sua *clan*),

31: de Haydin [*sic*]] de Hayden [*sic*] [RP]
35: a cabeça] a cabeça, [RP]
37-38: abandonava-se, estirado numa poltrona,] abandonava-se estirado numa poltrona [RP]
39-40: Fradique) reunia a ligeireza macia de Fígaro à sapiência confidencial do velho Oliveiro de Luís XI.] Fradique) batia Fígaro e toda a escola ilustre de Sevilha. [RP]
40: E, com efeito, enquanto] E enquanto [RP]
42: nítido, sólido,] nítido, seco, [RP]
44: surpresa, sempre renovada e saborosa,] surpresa sempre renovada e altamente saborosa [RP]
45: com a sua] com uma [RP]
45-46: a rabona curta, as calças] rabona curta, calças [RP]
46-47: *clan*), os] *clan*) e [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

os sapatos de verniz decotados, passando o pincel na barba do amo, e murmurando, em perfeita ciência e perfeita consciência: — «Não se realiza a conferência do príncipe de Bismarck com o conde Kalnocky… Os conservadores perderam a eleição suplementar de York… Falava-se ontem em Viena dum novo empréstimo russo…» Os amigos em Lisboa riam desta «caturreira»; mas Fradique sustentava que havia aqui um proveitoso regresso à tradição clássica, que em todo o mundo latino, desde Cipião, o Africano, instituíra os barbeiros como «informadores universais da coisa pública». Estes curtos resumos de Smith formavam a carcaça das suas noções políticas: e Fradique nunca dizia — «Li no *Times*» — mas «Li no Smith.»

Bem barbeado, bem informado, Fradique mergulhava num banho ligeiramente tépido, donde voltava para as mãos vigorosas de Smith, que, com um jogo de luvas de lã, de flanela, de estopa, de clina e de pele de tigre, o friccionava até que o corpo todo se lhe tornasse, como o de Apolo, «róseo e reluzente». Tomava então o seu chocolate; e recolhia à biblioteca, sala séria e simples, onde uma imagem da Verdade, radiosamente branca na sua nudez de mármore, pousava o dedo subtil sobre os lábios puros, simbolizando, em frente à vasta mesa de ébano, um trabalho todo íntimo à busca de verdades que não são para o ruído e para o mundo.

À uma hora almoçava, com a sobriedade dum grego, ovos e legumes: — e depois, estendido num divan, tomando goles lentos de chá russo, percorria nos Jornais e nas Revistas as crónicas de arte, de literatura, de teatro ou de sociedade, que não eram da

48: murmurando,] murmurando [RP]
51: de York…] de York. [RP]
52: amigos em Lisboa] amigos, em Lisboa, [RP]
55: barbeiros como] barbeiros [RP]
56: de Smith] de Smith, em todo o caso, [RP]
62: de tigre,] de marta, [RP]
64: séria e simples,] séria e nobre, [RP]
67: trabalho todo íntimo] trabalho íntimo [RP]
68: para o ruído e para o mundo.] para o mundo. [RP]
70: estendido num divan,] estendido sobre um divan de Abusson, [RP]
71: nos Jornais e nas Revistas] nos jornais, nos semanários, nas Revistas — [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

competência política de Smith. Lia então também com cuidado os jornais portugueses (que chama algures «fenómenos picarescos de decomposição social»), sempre caraterísticos, mas superiormente interessantes para quem como ele se comprazia em analisar «a obra genuína e sincera da mediocridade», e considerava Calino tão digno de estudo como Voltaire. O resto do dia dava-o aos amigos, às visitas, aos *ateliers*, às salas de armas, às exposições, aos clubs — aos cuidados diversos que se cria um homem de alto gosto, vivendo numa cidade de alta civilização.

De tarde subia ao *Bois* conduzindo o seu phaeton, ou montando a *Sabá*, uma maravilhosa égua das caudelarias de Aïn-Weibah que lhe cedera o Emir de Mossul. E a sua noite (quando não tinha cadeira na Ópera ou na *Comédie*) era passada nalgum salão — precisando sempre findar o seu dia entre «o efémero feminino». (Assim dizia Fradique).

A influência deste «feminino» foi suprema na sua existência. Fradique amou mulheres; mas fora dessas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.

A sua conduta para com as mulheres era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidades de crítico, e por exigências de sanguíneo. À maneira dos sentimentais da Restauração, Fradique considerava-as como «organismos» superiores, divinamente complicados, diferentes e mais próprios de adoração do que tudo o que oferece a Natureza: ao mesmo tempo, através deste culto, ia dissecando e estudando esses «organismos divinos», fibra a fibra, sem respeito, por paixão de analista; e frequentemente o crítico e o entusiasta desapareciam para só restar nele um homem amando a mulher, na simples e boa lei natural, como os Faunos amavam as Ninfas.

73: competência política] competência política e económica [RP]
80: aos clubs] aos livreiros, aos clubs [RP]
80: aos cuidados] aos interesses [RP]
81: gosto,] gosto [RP]
82: ao *Bois*] ao *Bois,* [RP]
84: Emir de Mossul.] Emir de Mozul. [RP]
89: mulheres;] mulheres — [RP]
93 dos sentimentais] dos sentimentalistas [RP]
96-97: tempo, através deste culto,] tempo através deste culto [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

As mulheres, além disso, estavam para ele (pelo menos nas suas teorias de conversação) classificadas em espécies. Havia a «mulher de exterior», flor de luxo e de mundanismo culto: e havia a «mulher de interior», a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fosse o seu brilho, Fradique conservava um tom penetrado de respeito, excluindo toda a investigação experimental. «Estou em presença destas (escreve ele a Madame Jouarre), como em face duma carta alheia fechada com sinete e lacre». Na presença, porém, daquelas que se «exteriorizam» e vivem todas no ruído e na fantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsável como perante um volume impresso. «Folhear o livro (diz ele ainda a Madame de Jouarre), anotá-lo nas margens acetinadas, criticá-lo em voz alta com independência e veia, levá-lo no *coupé* para ler à noite em casa, aconselhá-lo a um amigo, atirá-lo para um canto percorridas as melhores páginas — é bem permitido, creio eu, segundo a Cartilha e o Código.»

Seriam estas subtilezas (como sugeria um cruel amigo nosso) as dum homem que teoriza e idealiza o seu temperamento de carrejão para o tornar literariamente interessante? Não sei. O comentário mais instrutivo das suas teorias dava-o ele, visto numa sala, entre «o efémero feminino». Certas mulheres muito voluptuosas, quando escutam um homem que as perturba, abrem insensivelmente os lábios. Em Fradique eram os olhos que se alargavam. Tinha-os pequenos e cor de tabaco: mas junto duma dessas mulheres de exterior, «estrelas de mundanismo», tornavam-se-lhe imensos, cheios de luz negra, aveludados, quase húmidos. A velha lady Mongrave comparava-os «às goelas abertas de duas serpentes». Havia ali com efeito um ato de aliciação e de absorção — mas havia sobretudo a evidência da perturbação e do encanto que o inundavam. Nessa atenção de beato diante da Virgem, no murmúrio quente da voz mais amolecedora que um ar de estufa, no humedecimento enleado dos seus olhos finos, — as mulheres viam apenas a influência omnipotentemente vencedora das suas graças de Forma

118: Seriam estas] Eram estas [RP]
118: (como sugeria] (como dizia [RP]
128: ali] ali talvez [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e de Alma sobre um homem esplendidamente viril. Ora nenhum homem mais perigoso do que aquele que dá sempre às mulheres a impressão clara, quase tangível — de que elas são irresistíveis, e subjugam o coração mais rebelde só com mover os ombros lentos ou murmurar «que linda tarde!» Quem se mostra facilmente seduzido — facilmente se torna sedutor. É a lenda índia, tão sagaz e real, do espelho encantado em que a velha Maharina se via radiosamente bela. Para obter e reter esse espelho, em que com tanto esplendor se reflete a sua pele engelhada — que pecados e que traições não cometerá a Maharina?…

Creio, pois, que Fradique foi profundamente amado, e que magnificamente o mereceu. As mulheres encontravam nele esse ser, raro entre os homens — um Homem. E para elas Fradique possuía esta superioridade inestimável, quase única na nossa geração — uma alma extremamente sensível, servida por um corpo extremamente forte.

De maior duração e intensidade que os seus amores foram todavia as amizades que Fradique a si atraiu pela sua excelência moral. Quando eu conheci Fradique em Lisboa, no remoto ano de 1867, julguei sentir na sua natureza (como no seu verso) uma impassibilidade brilhante e metálica: e através da admiração que me deixara a sua arte, a sua personalidade, o seu viço, a sua cabaia de seda — confessei um dia a J. Teixeira de Azevedo que não encontrara no poeta das LAPIDÁRIAS aquele *tépido leite da*

133-135: finos, — as mulheres viam apenas a influência omnipotentemente vencedora das suas graças de Forma e de Alma sobre um homem esplendidamente viril.] finos — as mulheres viam apenas adoração, e a influência omnipotente da sua graça. [RP]
137: clara, quase] clara e [RP]
138: mais rebelde] mais forte [RP]
138-139: os ombros lentos] os ombros [RP]
139: linda tarde!»] lindo dia!» [RP]
139-140: se mostra facilmente seduzido] se mostra seduzido facilmente [RP]
145: pois,] pois, em resumo, [RP]
145-146: e que magnificamente] e que largamente [RP]
149: extremamente sensível,] extremamente delicada [RP]
151-152: amores foram as amizades] amores — foram todavia as amizades [RP]
155: impassibilidade brilhante] impassibilidade fria, brilhante [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

bondade humana, sem o qual o velho Shakspeare (nem eu, depois dele) compreendia que um homem fosse digno da humanidade. A sua mesma polidez, tão risonha e perfeita, me parecera mais composta por um sistema do que genuinamente ingénita. Decerto, porém, concorreu para a formação deste juízo uma carta (já velha, de 1855) que alguém me confiou, e em que Fradique, com toda a leviana altivez da mocidade, lançava este rude programa de conduta: — «Os homens nasceram para trabalhar, as mulheres para chorar, e nós, os fortes, para passar friamente através!…»

Mas em 1880, quando a nossa intimidade uma noite se fixou a uma mesa do Bignon, Fradique tinha cinquenta anos: e, ou porque eu então o observasse com uma assiduidade mais penetrante, ou porque nele se tivesse já operado com a idade esse fenómeno que Fustan de Carmanges chamou depois *le dégel de Fradique*, bem cedo senti, através da impassibilidade marmórea do cinzelador das LAPIDÁRIAS, brotar, tépida e generosamente, o *leite da bondade humana*.

A forte expressão de virtude que nele logo me impressionou foi a sua incondicional e irrestrita indulgência. Ou por uma conclusão da sua filosofia, ou por uma inspiração da sua natureza — Fradique, perante o pecado e o delito, tendia àquela velha misericórdia evangélica que, consciente da universal fragilidade, pergunta donde se erguerá a mão bastante pura para arremessar a primeira pedra ao erro. Em toda a culpa ele via (talvez contra a razão, mas em obediência àquela *voz* que falava baixo a S. Fran-

159: [*Shakspeare: conforme 1900 e* RP]

162: genuinamente ingénita] genuinamente nativa. [RP]

162: [*Início de uma passagem que na* RP *surge dois parágrafos mais à frente.*]

162-165: Decerto, porém, concorreu para a formação deste juízo uma carta (já velha, de 1855) que alguém me confiou, e em que Fradique, com toda a leviana altivez da mocidade, lançava este rude] Alguém com efeito me mostrou uma carta de Fradique onde, com a leviana altivez da mocidade, ele lança este duro [RP]

167: e nós, os fortes, para passar friamente através!… »] e nós os fortes para passar friamente através…» [RP] [*Fim de transposição de uma passagem que na* RP *é adiantada dois parágrafos.*]

168-169: se fixou] se fixou, [RP]

177: incondicional e irrestrita] incondicional, irrestrita [RP]

178: por uma inspiração] por um impulso [RP]

182: culpa ele] culpa Fradique [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cisco de Assis e que ainda se não calou) a irremediável fraqueza humana: e o seu perdão subia logo do fundo dessa Piedade que jazia na sua alma, como manancial de água pura em terra rica, sempre pronto a brotar.

A sua bondade, porém, não se limitava a esta expressão passiva. Toda a desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até à vasta e esparsa miséria que com a força dum elemento devasta classes e raças, teve nele um consolador diligente e real. São dele, e escritas nos derradeiros anos (numa carta a G. F.) estas nobres palavras: — «Todos nós que vivemos neste globo formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o Nada. Cerca-nos uma natureza inconsciente, impassível, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos vê, e donde não podemos esperar nem socorro nem consolação. Só nos resta para nos dirigir, na rajada que nos leva, esse secular preceito, suma divina de toda a experiência humana — 'ajudai-vos uns aos outros!' Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam — cada um ceda metade do seu pão àquele que tem fome; estenda metade do seu manto àquele

185-187: e o seu perdão subia logo do fundo dessa Piedade que jazia na sua alma, como manancial de água pura em terra rica, sempre pronto a brotar.] e o seu perdão descia logo como manifestação da Piedade inata que nele tão esplendidamente abundava por tudo quanto é fraco e frágil. [RP]

188-192: A sua bondade, porém, não se limitava a esta expressão passiva. Toda a desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até à vasta e esparsa miséria que com a força dum elemento devasta classes e raças, teve nele um consolador diligente e real. São dele, e escritas nos derradeiros anos] Decerto esta virtude não foi nele manifesta durante esses anos moços em que, por uma aparente contradição, a inteligência anda cheia de ideias generosas e o coração de sentimentos egoístas — nos anos em que todas as aspirações da Humanidade não bastam para encher e ocupar a razão, enquanto no coração só há lugar para o sorrir e brilhar de certos olhos. [*passo* «Alguém…» até «…através»; *ver nota supra*] Talvez, na realidade, Fradique, como outros aos vinte anos, não atendesse nem sentisse as dores inúmeras que chorariam baixo, enquanto ele passava vibrando no fulgor da ação ou enlevado nos encantos o [*sic*] sonho. Mas quando a sua formidável atividade calmou, e os seus olhos se pousaram no mundo, com demora e seriedade — não houve homem mais prontamente sensível a toda a desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até à vasta e esparsa miséria que com toda a força dum elemento abrange classes e raças. Foi então certamente que ele escreveu [RP]

195: natureza] Natureza [RP]

198: resta para nos dirigir,] Só nos resta pois, [RP]

201: misturam] misturam, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que tem frio; acuda com o braço àquele que vai tropeçar; poupe o corpo daquele que já tombou; e se algum mais bem provido e seguro para o caminho necessitar apenas simpatia de almas, que as almas se abram para ele transbordando dessa simpatia… Só assim conseguiremos dar alguma beleza e alguma dignidade a esta escura debandada para a Morte».

Decerto Fradique não era um santo militante, rebuscando pelas vielas misérias a resgatar: mas nunca houve mal, por ele conhecido, que dele não recebesse alívio. Sempre que lia por acaso, num jornal, uma calamidade ou uma indigência, marcava a notícia com um traço a lápis, lançando ao lado um algarismo — que indicava ao velho Smith o número de libras que devia remeter, sem publicidade, pudicamente. A sua máxima para com os pobres (a quem os Economistas afirmam que se não deve Caridade mas Justiça) — era «que à hora das comidas mais vale um pataco na mão que duas Filosofias a voar». As crianças, sobretudo quando necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito; e era destes, singularmente raros, que encontrando, num agreste dia de inverno, um pequenino que pede, transido de frio — param sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o paletot, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, à procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão de um dia.

Esta caridade estendia-se budistamente a tudo que vive. Não conheci homem mais respeitador do animal e dos seus direitos.

209: Decerto Fradique não era] E o que ele assim aconselhava, intensamente o praticou, nas restritas possibilidades (como ele confessa com humorismo) «dum velho *dilletante* de ideias gerais, que, por hábito, atravessa a vida enclausurado num coupé//Fradique não era com efeito [RP]

210-211: houve mal, por ele conhecido] houve miséria, por ele conhecida [RP]

212: uma calamidade] uma catástrofe [RP]

215: publicidade, pudicamente. A] publicidade, singelamente, pudicamente. E a [RP]

216: (a quem os Economistas afirmam] (a quem certa Economia Social afirma [RP]

217: «que à hora das comidas mais vale um pataco] «que mais vale um pataco [RP]

218: As crianças,] [*Abertura de parágrafo na* RP]

220: destes, singularmente] destes, extremamente [RP]

221: um pequenino] um pequenito [RP]

227: conheci homem] conheci nunca [RP]

227-228: e dos seus direitos. Uma ocasião] *e dos seus direitos.* Uma ocasião, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Uma ocasião em Paris, correndo ambos a uma estação de *fiacres* para nos salvarmos dum chuveiro que desabava, e seguir, na pressa que nos levava, a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cobiçava umas *Nove Musas dançando entre loureirais*), encontrámos apenas um *coupé*, cuja pileca, com o saco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavalo almoçasse com sossego — e perdeu as *Nove Musas*.

Nos últimos tempos, preocupava-o sobretudo a miséria das classes — por sentir que nestas Democracias industriais e materialistas, furiosamente empenhadas na luta pelo pão egoísta, as almas cada dia se tornam mais secas e menos capazes de piedade. «A fraternidade (dizia ele numa carta de 1886 que conservo) vai-se sumindo, principalmente nestas vastas colmeias de cal e pedra onde os homens teimam em se amontoar e lutar; e, através do constante deperecimento dos costumes e das simplicidades rurais, o mundo vai rolando a um egoísmo feroz. A primeira evidência deste egoísmo é o desenvolvimento ruidoso da filantropia. Desde que a caridade se organiza e se consolida em instituição, com regulamentos, relatórios, comités, sessões, um presidente e uma campainha, e de sentimento natural passa a função oficial — é porque o homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita obrigar-se publicamente ao bem pelas prescrições

229-230: e seguir, na pressa que nos levava,] e seguir na pressa que nos levava [RP]

234: com sossego] com tranquilidade [RP]

234: *Musas.*] *Musas.* // À vida vegetativa votava a mesma afeição: — e constantemente verificava que as palmeiras e arbustos das salas se achassem bem fartas de luz, de calor e de água, não com receio que decrescessem em beleza decorativa, mas com receio que sofressem na sua sensibilidade rudimentar e muda. [RP]

235-238: tempos, preocupava-o sobretudo a miséria das classes — por sentir que nestas Democracias industriais e materialistas, furiosamente empenhadas na luta pelo pão egoísta, as almas cada dia se tornam mais secas e menos capazes de piedade.] tempos, a miséria das classes preocupava-o com ansiosa e melancólica simpatia. [RP]

239-240: «A fraternidade (dizia ele numa carta de 1886 que conservo) vai-se sumindo, principalmente] A fraternidade, pensava ele, ia desaparecendo, sobretudo [RP]

241-242: e, através do constante deperecimento] e através do constante deperecimento da vida e [RP]

243: o mundo vai] o mundo ia [RP]

243-244: evidência deste egoísmo é] evidência desse egoísmo era, segundo ele, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dum estatuto. Com os corações assim duros e os invernos tão longos, que vai ser dos pobres?…»

Quantas vezes, diante de mim, nos crepúsculos de novembro, na sua biblioteca apenas alumiada pela chama incerta e doce da lenha no fogão, Fradique emergiu dum silêncio em que os olhares se lhe perdiam ao longe, como afundados em horizontes de tristeza — para assim lamentar, com enternecida elevação, todas as misérias humanas! E voltava então a amarga afirmação da crescente aspereza dos homens, forçados pela violência do conflito e da concorrência a um egoísmo rude, em que cada um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante, *homo homini lupus*.

— Era necessário que viesse outro Cristo! murmurei eu um dia.

Fradique encolheu os ombros:

— Há de vir; há de talvez libertar os escravos; há de ter por isso a sua igreja e a sua liturgia; e depois há de ser negado; e mais tarde há de ser esquecido; e por fim hão de surgir novas turbas de escravos. Não há nada a fazer. O que resta a cada um por prudência é reunir um pecúlio e adquirir um revólver; e aos seus semelhantes que lhe baterem à porta, dar, segundo as circunstâncias, ou pão ou bala.

250-251: estatuto. Com os corações assim duros e os invernos tão longos, que vai ser dos pobres?…»] estatuto. [RP]

252: Quantas vezes,] Era sobretudo nos começos de inverno, nos soturnos invernos do Norte, tão longos e duros ao pobre, que estes pensamentos vinham, lhe deitavam na alma a sua sombra. Frequentes vezes, [RP]

255: se lhe perdiam] se perdiam [RP]

256: para assim lamentar,] para lamentar [RP]

257: humanas!] humanas… [RP]

257: a amarga afirmação] a intensa e amarga constatação, [RP]

260: do seu semelhante, *homo homini lupus*.] do seu semelhante. [RP]

261: Cristo! — murmurei eu um dia.] Cristo, murmurei eu um dia sorrindo, para o acompanhar numa ideia de esperança. [RP]

263-264: há de talvez libertar os escravos; há de ter por isso] há de ter [RP]

264-265: negado; e mais tarde há de ser esquecido;] negado; e depois há de ser esquecido… [RP]

265-266: e por fim hão de surgir novas turbas de escravos.] [*Passagem inexistente na* RP]

266-269: um por prudência é reunir um pecúlio e adquirir um revólver; e aos seus semelhantes que lhe baterem à porta, dar, segundo as circunstâncias, ou pão ou bala.] um é juntar uma reserva forte no Banco de Inglaterra, preparar um revólver, fechar a sua janela ao vento, e reler a vida de S. Francisco de Paula. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Assim, cheios de ideias, de delicadas ocupações e de obras amáveis, decorreram os derradeiros anos de Fradique Mendes em Paris, até que no inverno de 1888 a morte o colheu sob aquela forma que ele, como César, sempre apetecera — *inopinatam atque repentinam*.

Uma noite, saindo duma festa da condessa de La Ferté (velha amiga de Fradique, com quem fizera num *yacht* uma viagem à Islândia) achou no *vestiário* a sua peliça russa trocada por outra, confortável e rica também, que tinha no bolso uma carteira com o monograma e os bilhetes do general Terran-d'Azy. Fradique, que sofria de repugnâncias intolerantes, não se quis cobrir com o agasalho daquele oficial rabugento e catarroso, e atravessou a Praça da Concórdia a pé, de casaca, até ao club da *Rue Royale*. A noite estava seca e clara, mas cortada por uma dessas brisas subtis, mais ténues que um hálito, que durante léguas se afiam sobre planícies nevadas do Norte, e já eram comparadas pelo velho André Vasali a «um punhal traiçoeiro». Ao outro dia acordou com uma tosse leve. Indiferente porém aos resguardos, seguro duma robustez que afrontara tantos ares inclementes, foi a Fontainebleau com amigos no alto dum *mail-coach*. Logo nessa noite, ao recolher, teve um longo e intenso arrepio; e trinta horas depois, sem sofrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou adormecido, Fradique, como diziam os antigos, «tinha vivido». Não acaba mais docemente um belo dia de verão.

270-271: ideias, de delicadas ocupações e de obras amáveis,] ideias e de delicadas ocupações, calmos e fáceis, [RP]

277: outra,] outra, muito [RP]

280: repugnâncias intolerantes,] repugnâncias singulares, [RP]

281: o agasalho daquele oficial rabugento e catarroso,] o agasalho desse rabugento e catarroso oficial, [RP]

282: club da *Rue Royale*.] club da *Union*. [RP]

284: que durante léguas] que, durante léguas, [RP]

285: sobre planícies] sobre as planícies [RP]

287: acordou] acordou constipado, [RP]

290: noite, ao recolher,] noite ao recolher [RP]

291: sem] quase sem [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O dr. Labert declarou que fora uma forma raríssima de pleuris. E acrescentou, com um exato sentimento das felicidades humanas: — «*Toujours de la chance, ce Fradique!*»

Acompanharam a sua passagem derradeira pelas ruas de Paris, sob um céu cinzento de neve, alguns dos mais gloriosos homens de França nas coisas do saber e da arte. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na saudade das emoções passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem lume, foi decerto também lamentado este cético de finas letras, que cuidava dos males humanos envolto em cabaias de seda.

Jaz no *Père-Lachaise*, não longe da sepultura de Balzac, onde no dia dos Mortos ele mandava sempre colocar um ramo dessas violetas de Parma que tanto amara em vida o criador da *Comédia Humana*. Mãos fiéis, por seu turno, conservam sempre perfumado de rosas frescas o mármore simples que o cobre na terra.

295: forma raríssima] forma extremamente rara [RP]

296-297: com um exato sentimento das felicidades humanas:] com boa razão e boa filosofia: [RP]

298: sua passagem derradeira] sua derradeira passagem [RP]

299: sob um céu cinzento de neve,] [*Passagem inexistente na* RP]

299-300: mais gloriosos homens de França nas coisas do saber e da arte.] mais ilustres homens de França. [RP]

303: que cuidava] que comentava [RP]

306: dos Mortos] dos mortos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VII

O erudito moralista que assina *Alceste* na *Gazette de Paris* dedicou a Fradique Mendes uma Crónica em que resume assim o seu espírito e a sua ação: — «Pensador verdadeiramente pessoal e forte, Fradique Mendes não deixa uma obra. Por indiferença, por indolência, este homem foi o dissipador duma enorme riqueza intelectual. Do bloco de ouro em que poderia ter talhado um monumento imperecível — tirou ele durante anos curtas lascas, migalhas, que espalhou às mãos-cheias, conversando, pelos salões e pelos clubs de Paris. Todo esse pó de ouro se perdeu no pó comum. E sobre a sepultura de Fradique, como sobre a do grego desconhecido de que canta a Antologia, se poderia escrever: — 'Aqui jaz o ruído do vento que passou derramando perfume, calor e sementes em vão…'»

Toda esta crónica vem lançada com a usual superficialidade e inconsideração dos franceses. Nada menos refletido que as designações de *indolência*, *indiferença*, que voltam repetidamente, nessa página bem ornada e sonora, como para marcar com precisão a natureza de Fradique. Ele foi ao contrário um homem todo de paixão, de ação, de tenaz labor. E escassamente pode ser acusado

2: O erudito] O fino e erudito [RP]
3: resume assim] resume, com um vigor sóbrio, [RP]
5: forte,] forte [RP]
5: Mendes não] Mendes (diz *Alceste*) não [RP]
8: monumento] monumento radiante e [RP]
9: mãos-cheias, conversando,] mãos-cheias conversando [RP]
14: calor e] calor, e [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de *indolência*, de *indiferença*, quem, como ele, fez duas campanhas, apostolou uma religião, trilhou os cinco continentes, absorveu tantas civilizações, percorreu todo o saber do seu tempo.

O cronista da *Gazette de Paris* acerta porém, singularmente, afirmando que desse duro obreiro não resta uma obra. Impressas e dadas ao mundo só dele conhecemos com efeito as poesias das LAPIDÁRIAS, publicadas na *Revolução de Setembro* — e esse curioso poemeto em latim bárbaro, *Laus Veneris Tenebrosæ*, que apareceu na *Revue de Poésie et d'Art*, fundada em fins de 69 em Paris por um grupo de poetas simbolistas. Fradique porém deixou manuscritos. Muitas vezes, na Rua de Varennes, os entrevi eu dentro dum cofre espanhol do século XIV, de ferro lavrado, que Fradique denominava a *vala comum*. Todos esses papéis (e a plena disposição deles) foram legados por Fradique àquela *Libuska* de quem ele largamente fala nas suas cartas a Madame de Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real «com os seus veludos brancos de Veneziana e os seus largos olhos de Juno».

Esta senhora, que se chamava Varia Lobrinska, era da velha família russa dos Príncipes de Palidoff. Em 1874 seu marido, Paulo Lobrinski, diplomata silencioso e vago, que pertencera ao regimento das Guardas Imperiais, e escrevia *capitaine* com *t*, *e*, *(capiténe)* morrera em Paris, por fins de outono, ainda moço, de uma lânguida e longa anemia. Imediatamente Madame Lobrinska, com solene mágoa, cercada de aias e de crepes, recolheu às suas

25: que desse duro obreiro não resta] que esse duro obreiro não deixou [RP]
26: mundo] mundo, [RP]
30: poetas simbolistas] poetas satanistas e simbolistas [RP]
35: ele largamente fala] ele fala profusamente [RP]
36: real «com os] real com «os [RP]
37: Veneziana e os seus largos olhos de Juno»] Veneziana, os seus largos olhos de Juno…» [RP]
38: Varia Lobrinska] Varia Lobrinski [RP]
39: Príncipes de Palidoff] Príncipes de Pallidoff [RP]
39: marido,] marido [RP]
40: silencioso e vago,] silencioso e louro, [RP]
41-42: com *t, e, (capiténe)* morrera] com *t è (capitène)* morreu [RP]
43-44: Madame Lobrinska, com solene mágoa, cercada de aias e de crepes,] Madame de Lobrinski, em solene mágoa, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

vastas propriedades russas perto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Na primavera, porém, voltou com as flores dos castanheiros, — e desde então habitava Paris em luxuosa e risonha viuvez. Um dia, em casa de Madame de Jouarre, encontrou Fradique, que, enlevado então no culto das Literaturas eslavas, se ocupava com paixão do mais antigo e nobre dos seus poemas, o *Julgamento de Libuska*, casualmente encontrado em 1818 nos arquivos do castelo de Zelene-Hora. Madame Lobrinska era parenta dos senhores de Zelene-Hora, condes de Coloredo — e possuía justamente uma reprodução das duas folhas de pergaminho que contém a velha epopeia bárbara.

Ambos leram esse texto heroico — até que o doce instante veio em que, como os dois amorosos de Dante, «não leram mais no dia todo». Fradique dera a Madame Lobrinska o nome de *Libuska*, a rainha que no *Julgamento* aparece «vestida de branco e resplandecente de sapiência». Ela chamava a Fradique *Lúcifer*. O poeta das LAPIDÁRIAS morreu em novembro: — e dias depois Madame Lobrinska recolhia de novo à melancolia das suas terras, junto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Os seus amigos sorriram, murmuraram com simpatia que Madame Lobrinska fugira, para chorar entre os seus moujiks a sua segunda viuvez — até que reflorescessem os lilases. Mas desta vez *Libuska* não voltou, nem com as flores dos castanheiros.

O marido de Madame Lobrinska era um Diplomata que estudava e praticava sobretudo os *menus* e os *cotillons*. A sua carreira foi portanto irremediavelmente subalterna e lenta. Durante seis anos jazeu no Rio de Janeiro, entre os arvoredos de Petrópolis,

45: russas] russas, [RP]
46: primavera, porém,] primavera [RP]
48: Fradique que,] Fradique, que, [RP]
51: do castelo] do Castelo [RP]
52: Madame Lobrinska] Madame de Lobrinski [RP]
57-58: que, como os dois amorosos de Dante, «não leram mais no dia todo»] que o não leram mais no dia todo. [RP]
58: Madame Lobrinska] Madame de Lobrinski [RP]
61-62: depois Madame Lobrinska recolhia] depois, Madame de Lobrinski recolheu [RP]
64: Madame Lobrinska] Madame de Lobrinski [RP]
68-69: Madame Lobrinska era um Diplomata que estudava e praticava] Madame Lobrinski amava com preserverança a diplomacia: mas via e praticava nela [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

como Secretário, esperando aquela legação na Europa que o Príncipe Gortchakoff, então Chanceler Imperial, afirmava pertencer a Madame Lobrinska *par droit de beauté et de sagesse*. A legação na Europa, numa capital mundana, culta, sem bananeiras, nunca veio compensar aqueles exilados que sofriam das saudades da neve: — e Madame Lobrinska, no seu exílio, chegou a aprender tão completamente a nossa doce língua de Portugal, que Fradique me mostrou uma tradução da elegia de Lavoski, *A Colina do Adeus*, trabalhada por ela com superior pureza e relevo. Só ela pois, realmente, dentre todas as amigas de Fradique, podia apreciar como páginas vivas, onde o pensador depusera a confidência do seu pensamento, esses manuscritos que para as outras seriam apenas secas e mortas folhas de papel, cobertas de linhas incompreendidas.

Logo que comecei a colecionar as cartas dispersas de Fradique Mendes, escrevi a Madame Lobrinska contando o meu empenho em fixar num estudo carinhoso as feições desse transcendente espírito — e implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*. A resposta de Madame Lobrinska foi uma recusa, bem determinada, bem deduzida, — mostrando que decerto sob «os claros olhos de Juno» estava uma clara razão de Minerva. «Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com o intuito de que para sempre conservassem o caráter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera: e nestas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que ditara esse legado…» Isto vinha escrito, com uma letra grossa e redonda, numa larga

74: Madame Lobrinska] Madame de Lobrinski [RP]

75: capital mundana, culta, sem bananeiras] capital sem bananeiras, mundana e culta [RP]

75-77: veio compensar aqueles exilados que sofriam das saudades da neve: — e Madame Lobrinska] veio: — e Madame de Lobrinski [RP]

80: com superior pureza] com estimável pureza [RP]

81: apreciar como] apreciar os seus manuscritos como [RP]

82-83: pensamento, esses manuscritos que para] pensamento. Para [RP]

84: incompreendidas.] incompreendidas, onde correra a doçura da sua mão. [RP]

86: Madame Lobrinska] Madame de Lobrinski, [RP]

90: Madame Lobrinska] Madame Lobrinski [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

folha de papel áspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma coroa de ouro esta divisa — PER TERRAM AD CŒLUM.

Deste modo se estabeleceu a obscuridade em torno dos manuscritos de Fradique. Que continha realmente esse cofre de ferro, que Fradique com desconsolado orgulho denominava a *vala comum*, por julgar pobres e sem brilho no mundo os pensamentos que para lá arrojava?

Alguns amigos pensam que aí se devem encontrar, se não completas, ao menos esboçadas, ou já coordenadas nos seus materiais, as duas obras a que Fradique aludia como sendo as mais cativantes para um pensador e um artista deste século — uma *Psicologia das Religiões* e uma *Teoria da Vontade*.

Outros (como J. Teixeira de Azevedo) julgam que nesses papéis existe um romance de realismo épico, reconstruindo uma civilização extinta, como a *Salammbô*. E deduzem essa suposição (desamorável) duma carta a Oliveira Martins, de 1880, em que Fradique exclamava, com uma ironia misteriosa: «Sinto-me resvalar, caro historiador, a práticas culpadas e vãs! Ai de mim, ai de mim, que me foge a pena para o mal! Que demónio malfazejo, coberto de pó das Idades, e sobraçando in-fólios arqueológicos, me veio murmurar uma destas noites, noite de duro inverno e de erudição decorativa: — 'Trabalha um romance! E no teu romance ressuscita a antiguidade asiática!'? E as suas sugestões pareceram-me doces, amigo, duma doçura letal!… Que dirá você, dileto Oliveira Martins, se um dia desprecavidamente no seu lar receber um tomo meu, impresso com solenidade, e começando por estas linhas: — '*Era em Babilónia, no mês de Sivanù, depois da colheita do bálsamo?*…' Decerto, você (daqui o sinto) deixará pender a face aterrada entre as mãos trémulas, murmurando: — 'Justos

102: estabeleceu a obscuridade em torno dos] estabeleceu para sempre a obscuridade sobre os [RP]

107: Alguns] [*Sem abertura de parágrafo na* RP.]

114: *Salammbô*. E] *Salammbô*; e [RP]

114-115: suposição (desamorável)] suposição desamorável [RP]

116: misteriosa:] misteriosa: — [RP]

126: *Sivanù,*] *Sivanù* [RP]

127: (daqui o sinto)] (daqui o enxergo) [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Céus! Aí vem sobre nós a descrição do Templo das Sete-Esferas, com todos os seus terraços! a descrição da batalha de Halub, com todas as suas armas! a descrição do banquete de Sennacherib, com todas as suas iguarias!… Nem os bordados duma só túnica, nem os relevos dum só vaso nos serão perdoados! E é isto um amigo íntimo!'»

Ramalho Ortigão, ao contrário, inclina a crer que os papéis de Fradique contêm *Memórias* — porque só a *Memórias* se pode coerentemente impor a condição de permanecerem secretas.

Eu por mim, dum melhor e mais contínuo conhecimento de Fradique, concluo que ele não deixou um livro de Psicologia, nem uma Epopeia arqueológica (que certamente pareceria a Fradique uma culpada e vã ostentação de saber pitoresco e fácil), nem *Memórias* — inexplicáveis num homem todo de ideia e de abstração, que escondia a sua vida com tão altivo recato. E afirmo afoutamente que nesse cofre de ferro, perdido num velho solar russo, não existe uma *obra* — porque Fradique nunca foi verdadeiramente um *autor*.

Para o ser não lhe faltaram decerto as ideias — mas faltou-lhe a certeza de que elas, pelo seu valor *definitivo*, merecessem ser registradas e perpetuadas: e faltou-lhe ainda a arte paciente, ou o querer forte, para produzir aquela forma que ele concebera em abstrato como a única digna, por belezas especiais e raras, de encarnar as suas ideias. Desconfiança de si como pensador, cujas conclusões, renovando a filosofia e a ciência, pudessem imprimir ao espírito humano um movimento inesperado; desconfiança de si como escritor e criador duma Prosa, que só por si própria, e separada do valor do pensamento, exercesse sobre as almas a ação inefável do absolutamente belo — eis as duas influências

129: Céus!] céus! [RP]
129: Templo] templo [RP]
131: Sennacherib,] Sennacherib [RP]
136: *Memórias* — porque] *Memórias* — por isso que [RP]
140: Epopeia arqueológica] Epopeia de arte decorativa [RP]
141-142: e fácil] e miúdo [RP]
153: conclusões, renovando] conclusões, estabelecendo uma doutrina nova sobre as causas e as forças, renovando [RP]
155: escritor e criador duma Prosa] escritor, artista, criador duma forma, duma Prosa [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

negativas que retiveram Fradique para sempre inédito e mudo. Tudo o que da sua inteligência emanasse queria ele que perpetuamente ficasse atuando sobre as inteligências pela definitiva verdade ou pela incomparável beleza. Mas a crítica inclemente e sagaz que praticava sobre os outros, praticava-a sobre si, cada dia, com redobrada sagacidade e inclemência. O sentimento, tão vivo nele, da Realidade fazia-lhe distinguir o seu próprio espírito tal como era, na sua real potência e nos seus reais limites, sem que lho mostrassem mais potente ou mais largo esses «fumos da ilusão literária» — que levam todo o homem de letras, mal corre a pena sobre o papel, a tomar por faiscantes raios de luz alguns sujos riscos de tinta. E concluindo que, nem pela ideia, nem pela forma, poderia levar às inteligências persuasão ou encanto que definitivamente marcassem na evolução da razão ou do gosto — preferiu altivamente permanecer silencioso. Por motivos nobremente diferentes dos de Descartes, ele seguiu assim a máxima que tanto seduzia Descartes — *bene vixit qui bene latuit*.

Nenhum destes sentimentos ele me confessou; mas todos lhos surpreendi, transparentemente, num dos derradeiros Natais que vim passar à Rua de Varennes, onde Fradique pelas festas do ano me hospedava com imerecido esplendor. Era uma noite de grande e ruidoso inverno: e desde o café, com os pés estendidos à alta chama dos madeiros de faia que estalavam na chaminé, conversávamos sobre a África e sobre religiões Africanas. Fradique recolhera na região do Zambeze notas muito flagrantes, muito vivas, sobre os cultos nativos — que são divinizações dos chefes mortos, tornados pela morte *Mulungús*, Espíritos dispensadores das coisas boas e más, com residência divina nas cubatas e nas colinas onde tiveram a sua residência carnal; e, comparando os cerimoniais e os fins destes cultos selvagens da África com os primitivos cerimoniais litúrgicos dos Árias em Septa-Sandou, Fradique concluía

159: emanasse] emanasse, [RP]
162-163: cada dia,] cada dia e ansiosamente, [RP]
164: da Realidade] da «realidade», [RP]
165: potência] potência, [RP]
170: encanto] encanto, [RP]
176: surpreendi, transparentemente,] surpreendi, visivelmente, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

(como mostra numa carta desse tempo a Guerra Junqueiro) que na religião o que há de real, essencial, necessário e eterno é o Cerimonial e a Liturgia — e o que há de artificial, de suplementar, de dispensável, de transitório é a Teologia e a Moral.

Todas estas coisas me prendiam irresistivelmente, sobretudo pelos traços de vida e de natureza africana com que vinham iluminadas. E sorrindo, seduzido:

— Fradique! porque não escreve você toda essa sua viagem à África?

Era a vez primeira que eu sugeria ao meu amigo a ideia de compor um livro. Ele ergueu a face para mim com tanto espanto como se eu lhe propusesse marchar descalço através da noite tormentosa, até aos bosques de Marly. Depois, atirando a *cigarette* para o lume, murmurou com lentidão e melancolia:

— Para quê?… Não vi nada na África, que os outros não tivessem já visto.

E como eu lhe observasse que vira talvez dum modo diferente e superior; que nem todos os dias um homem educado pela filosofia, e saturado de erudição, faz a travessia da África; e que em ciência uma só verdade necessita mil experimentadores — Fradique quase se impacientou:

— Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma neste mundo, conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registrar… Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens. E então pior! Porque o verbo humano, tal como o falamos, é ainda impotente para encarnar a

189: como mostra] como muito claramente o desenvolve [RP]

191: Liturgia —] Liturgia, [RP]

192: transitório] transitório, [RP]

199: livro. Ele ergueu] livro; — e que o considerava como um homem de letras, apetrechado e pronto, a quem todo o Universo, desde as formas siderais até às sensações humanas, se oferece como um fácil conjunto de «assuntos». Fradique ergueu [RP]

199: com tanto espanto] com tanta estranheza [RP]

200-202: propusesse marchar descalço através da noite tormentosa, até aos bosques de Marly. Depois, atirando a *cigarette* para o lume, murmurou com lentidão e melancolia:] propusesse compor uma Epopeia em XII cantos sobre o Sr. D. João VI. Depois, alongando os olhos ao lume, murmurou lentamente: [RP]

205: lhe observasse] lhe observava [RP]

207: África;] África como os *pombeiros* da costa; [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

menor impressão intelectual ou reproduzir a simples forma dum arbusto… Eu não sei escrever! Ninguém sabe escrever!

Protestei, rindo, contra aquela generalização tão inteiriça, que tudo varria, desapiedadamente. E lembrei que a bem curtas jardas da chaminé que nos aquecia, naquele velho bairro de Paris onde se erguia a Sorbona, o Instituto de França e a Escola Normal, muitos homens houvera, havia ainda, que possuíam do modo mais perfeito a «bela arte de dizer».

— Quem? exclamou Fradique.

Comecei por Bossuet. Fradique encolheu os ombros, com uma irreverência violenta que me emudeceu. E declarou logo, num resumo cortante, que nos dois melhores séculos da literatura francesa, desde o *meu* Bossuet até Beaumarchais, nenhum prosador para ele tinha relevo, cor, intensidade, vida… E nos modernos nenhum também o contentava. A distensão retumbante de Hugo era tão intolerável como a flacidez oleosa de Lamartine. A Michelet faltava gravidade e equilíbrio; a Renan solidez e nervo; a Taine fluidez e transparência; a Flaubert vibração e calor. O pobre Balzac, esse, era duma exuberância desordenada e barbárica. E o preciosismo dos Goncourt e do seu mundo parecia-lhe perfeitamente indecente…

Aturdido, rindo, perguntei àquele «feroz insatisfeito» que prosa pois concebia ele, ideal e miraculosa, que merecesse ser escrita. E Fradique, emocionado (porque estas questões de forma desmanchavam a sua serenidade) balbuciou que queria em prosa «alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que só por si, plasticamente, realizasse uma absoluta beleza — e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados de alma…»

— Enfim, exclamei, uma prosa como não pode haver!

— Não! gritou Fradique, uma *prosa como ainda não há*!

220: França e a Escola Normal,] França, a Academia Francesa, a Escola Normal, [RP]
221: modo mais] modo mais lato e [RP]
232: calor.] calor… [RP]
232-233: esse, era duma] esse, rolava numa [RP]
239: marmóreo, que] marmóreo, de resplandecente, que [RP]
244: *prosa*] prosa [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Depois, ajuntou, concluindo:

— E como ainda a não há, é uma inutilidade escrever. Só se podem produzir formas sem beleza: e dentro dessas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é redutível ao verbo.

Tudo isto era talvez especioso e pueril, mas revelava o sentimento que mantivera mudo aquele superior espírito — possuído da sublime ambição de só produzir verdades absolutamente definitivas por meio de formas absolutamente belas.

Por isso, e não por indolência de meridional como insinua *Alceste*, — Fradique passou no mundo, sem deixar outros vestígios da formidável atividade do seu ser pensante além daqueles que por longos anos espalhou, à maneira do sábio antigo, «em conversas com que se deleitava, à tarde, sob os plátanos do seu jardim, ou em cartas, que eram ainda conversas naturais com os amigos de que as ondas o separavam…» As suas conversas, o vento as levou — não tendo, como o velho Dr. Johnson, um Boswell, entusiasta e paciente, que o seguisse pela cidade e pelo campo, com as largas orelhas atentas, e o lápis pronto a tudo notar e tudo eternizar. Dele pois só restam as suas cartas — leves migalhas desse ouro de que fala *Alceste*, e onde se sente o brilho, o valor intrínseco, e a preciosidade do bloco rico a que pertenceram.

245: Depois,] E depois, [RP]
251: mudo] mudo e inédito [RP]
252: sublime] sublime e transcendente [RP]
255: mundo,] mundo [RP]
256: pensante] pensante, [RP]
261: tendo,] tendo possuído, [RP]
264: cartas —] cartas, — [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VIII

Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro propósito de abstenção e silêncio — eu, publicando as suas Cartas, pareço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, nesse ruído e publicidade a que ele sempre se recusou, por uma rígida probidade de espírito. E assim seria — se eu não possuísse a evidência de que Fradique incondicionalmente aprovaria uma publicação da sua Correspondência, organizada com discernimento e carinho. Em 1888, numa carta em que lhe contava uma romântica jornada na Bretanha, aludia eu a um livro que me acompanhara e me encantara, a *Correspondência de Xavier Doudan* — um desses espíritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só deixou vestígios da sua intensa vida intelectual na sua Correspondência, coligida depois com reverência pelos confidentes do seu pensamento.

Fradique, na carta que me volveu, toda ocupada dos Pirenéus onde gastara o verão, acrescentava num *post-scriptum:* — «A correspondência de Doudan é realmente muito legível; ainda que através dela apenas se sente um espírito naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no doutrinarismo da escola de

5: nesse ruído e publicidade] nesse «ruído e Publicidade» [RP]
6: por uma] por suprema e [RP]
9: discernimento e carinho.] discernimento, com gosto e com saber. [RP]
14-15: intensa vida intelectual na sua Correspondência, coligida depois] intensa atividade pensante na sua Correspondência coligida [RP]
16: confidentes do seu pensamento.] confidentes da sua inteligência. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Genebra, e que depois, caído em solidão e doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e o mundo. Li em todo o caso essas cartas — como leio todas as coleções de Correspondências, que, não sendo didaticamente preparadas para o público (como as de Plínio), constituem um estudo excelente de psicologia e de história. Eis aí uma maneira de perpetuar as ideias dum homem que eu afoutamente aprovo — publicar-lhe a correspondência! Há desde logo esta imensa vantagem: — que o valor das ideias (e portanto a escolha das que devem ficar) não é decidido por aquele que as concebeu, mas por um grupo de amigos e de críticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu julgamento quanto estão julgando um morto que só desejam mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos. Além disso uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável para aqueles que na terra valeram mais pelo caráter do que pelo talento. Acresce ainda que, se uma obra nem sempre aumenta o pecúlio do saber humano, uma Correspondência, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica. Temos depois que as cartas dum homem, sendo o produto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua filosofia — que é apenas a criação impessoal do seu espírito. Uma Filosofia oferece meramente uma conjetura mais, que se vai juntar ao imenso montão das conjeturas: uma Vida que se confessa constitui o estudo duma realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos, alarga o nosso conhecimento do Homem, único objetivo *acessível* ao esforço intelectual. E finalmente como *cartas são palestras escritas* (assim afirma não sei que clássico), elas dispensam o revestimento sacramental da *tal prosa como não há*… Mas este ponto precisava

25: sendo didaticamente] sendo fria e didaticamente [RP]
26: constituem um] constituem [RP]
31: de amigos e de críticos,] de amigos, de críticos, [RP]
37: ainda que,] ainda que [RP]
44-45: Filosofia oferece meramente uma conjetura mais,] Filosofia que se desenrola dá uma conjetura mais [RP]
46: confessa constitui o estudo] confessa faz a constatação [RP]
47: lado de outros estudos,] lado das outras constatações, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ser mais desembrulhado — e eu sinto parar à porta o cavalo em que vou trepar ao pico de Bigorre.»

Foi a lembrança desta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade daquele camarada adorável, a reunir as suas cartas para que os homens alguma coisa pudessem aprender e amar naquela inteligência que eu tão estreitamente amara e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei um ano — porque a correspondência de Fradique, que, desde os quietos hábitos a que se acolhera depois de 1880 aquele «andador de continentes», era a mais preferida das suas ocupações, apresenta a vastidão e a copiosidade da correspondência de Cícero, de Voltaire, de Proudhon, e doutros poderosos remexedores de ideias.

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas na forma do papel — esplêndidas folhas de Whatman, ebúrneas bastante para que a pena corresse nelas com o desembaraço com que a voz corta o ar; vastas bastante para que nelas coubesse o desenrolamento da mais complexa ideia; fortes bastante, na sua consistência de pergaminho, para que não prevalecesse contra elas o carcomer do tempo. «Calculei já, ajudado pelo Smith (afirma ele a Carlos Mayer), que cada uma das minhas cartas, neste papel, com envelope e estampilha, me custa 250 réis. Ora supondo vaidosamente que cada quinhentas cartas minhas contêm uma ideia — resulta que cada ideia me fica por *cento e vinte e cinco mil réis*. Este mero cálculo bastará para que o Estado, e a económica Classe Média que o dirige, impeçam com ardor a educação — provando, como iniludivelmente prova, que fumar é mais barato que pensar… Contrabalanço *pensar* e *fumar*, porque são, ó Carlos, duas operações idênticas que consistem em atirar pequenas nuvens ao vento.»

Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto as iniciais de Fradique — F. M. — minúsculas e simples, em esmalte escarlate.

59: devotei um ano] devotei reverentemente um ano [RP]
61: continentes», era] continentes», se tornara [RP]
62: ocupações,] ocupações espirituais, [RP]
63-64: Proudhon, e doutros poderosos] Proudhon, doutros caudalosos [RP]
67-68: com que a voz corta o ar;] «com que a voz corta o ar»; [RP]
76: cálculo] cálculo, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A letra que as enche, singularmente desigual, oferece a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada e fina, parecendo morder o papel como um buril para contornar bem rigorosamente a ideia; ora hesitante e demorada, com riscos, separações, como naquele esforço tão seu de tentear, espiar, cercar a real realidade das coisas: ora mais fluida e rápida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundância e de veia que Fontan de Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sóbrio se lhe desmanchava num esvoaçar de flâmula ao vento.

Fradique nunca datava as suas cartas: e, se elas vinham de moradas familiares aos seus amigos, notava meramente o nome do mês. Existem assim cartas inumeráveis com esta resumida indicação — *Paris, julho; Lisboa, fevereiro*… Frequentemente, também, restituía aos meses as alcunhas naturalistas do calendário republicano — *Paris, Floreal; Londres, Nivose.* Quando se dirigia a mulheres, substituía ainda o nome do mês pelo da flor que melhor o simboliza; e possuo assim cartas com esta bucólica data — *Florença, primeiras violetas* (o que indica fins de fevereiro); *Londres, chegada dos Crisântemos* (o que indica começos de setembro). Uma carta de Lisboa oferece mesmo esta data atroz — *Lisboa, primeiros fluxos da verborreia parlamentar!* (Isto denuncia um janeiro triste, com lama, tipoias no Largo de S. Bento, e bacharéis em cima bolçando, por entre injúrias, fezes de velhos compêndios).

Não é portanto possível dispor a Correspondência de Fradique por uma ordem cronológica: nem de resto essa ordem importa desde que eu não edito a sua Correspondência completa e integral, formando uma história contínua e íntima das suas ideias.

85: cerrada e fina,] cerrada, fina, funda, [RP]
87: hesitante e] hesitante, [RP]
88-89: cercar a real] cercar, apanhar a real [RP]
89: fluida e] fluida, [RP]
97: Frequentemente,] Frequentemente [RP]
103: (o que indica] (o que aponta para [RP]
104: data atroz] data atrocíssima [RP]
110-111: desde que eu não edito a sua Correspondência completa e integral, formando uma história] desde que a sua Correspondência não aparece naquela integridade que a tornaria uma história [RP]
111: íntima das suas ideias.] íntima da sua vida e da sua inteligência. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Em cartas que não são dum *autor* e que não constituem, como as de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e constante comentário que acompanha e ilumina a obra, cumpria sobretudo destacar as páginas que com mais saliência revelassem a *personalidade* — o conjunto de ideias, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem. E por isso, nestes pesados maços das cartas de Fradique, escolho apenas algumas, soltas, dentre as que mostram traços de caráter e relances da existência ativa; dentre as que deixam entrever algum instrutivo episódio da sua vida de coração; dentre as que, revolvendo noções gerais sobre a literatura, a arte, a sociedade e os costumes, caraterizam o feitio do seu pensamento; e ainda, pelo interesse especial que as realça, dentre as que se referem a coisas de Portugal, como as suas «impressões de Lisboa», transcritas com tão maliciosa realidade para regalo de Madame de Jouarre.

Inútil seria decerto, nestas laudas fragmentais, procurar a suma do alto e livre Pensar de Fradique ou do seu saber tão fundo e tão certo. A correspondência de Fradique Mendes, como diz finamente Alceste — *c'est son génie qui mousse*. Nela, com efeito, vemos apenas

112-117: Em cartas que não são dum *autor* […] o homem.] Os seus amigos melhores julgaram com efeito que, para apresentar uma imagem moral de Fradique, bem concreta, sólida e compreensível — convinha operar, nos maços de cartas que acumulei, uma escolha exigente e sagaz. [RP]

117-118: E por isso, nestes pesados maços das cartas de Fradique, escolho apenas algumas, soltas, dentre as que] Por isso, entre as cartas de Fradique, escolhemos de preferência aquelas que [RP]

119: caráter e] caráter, estados de alma, [RP]

119: ativa; dentre] ativa: [RP]

121: coração; dentre] coração; [RP]

122: costumes,] costumes, próprias a prender todo o espírito culto, [RP]

123: realça, dentre] realça, [RP]

125: Lisboa», transcritas com tão maliciosa realidade] Lisboa», tão pitorescamente transcritas [RP]

126: Madame de Jouarre.] madame de Jouarre. // E assim publicadas, sem data, esparsamente, vão estas cartas dando a impressão duma vida de homem, que se desenrola nas suas manifestações simultâneas e sempre superiores — de pensamento, de paixão, de sociabilidade, de ação. [RP]

127-129: Inútil seria decerto, nestas laudas fragmentais, procurar a suma do alto e livre Pensar de Fradique ou do seu saber tão fundo e tão certo. [*Passagem inexistente na* RP.]

129-130: A correspondência de Fradique Mendes, como diz finamente Alceste —] A correspondência de Fradique, como finamente diz Alceste, [RP]

130: Nela, com efeito, vemos] Nela vemos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a espuma radiante e efémera que fervia e transbordava, enquanto em baixo jazia o vinho rico e substancial que não foi nunca distribuído nem serviu às almas sedentas. Mas, assim ligeira e dispersa, ela mostra todavia, em excelente relevo, a imagem deste homem tão superiormente interessante em todas as suas manifestações de pensamento, de paixão, de sociabilidade e de ação.

Além do meu desejo que os contemporâneos venham a amar este espírito que tanto amei — eu obedeço, publicando as cartas de Fradique Mendes, a um intuito de puro e seguro patriotismo.

Uma nação só vive porque pensa. *Cogitat ergo est*. A Força e a Riqueza não bastam para provar que uma nação vive duma vida que mereça ser glorificada na História — como rijos músculos num corpo e ouro farto numa bolsa não bastam para que um homem honre em si a Humanidade. Um reino de África, com guerreiros incontáveis nas suas aringas e incontáveis diamantes nas suas colinas, será sempre uma terra bravia e morta, que, para lucro da Civilização, os Civilizados pisam e retalham tão desassombradamente como se sangra e se corta a rês bruta para nutrir o animal

131: espuma radiante e efémera] espuma ligeira, irradiante, efémera, [RP; *o vocábulo «radiante» poderá ser uma gralha, uma vez que «irradiante», conforme a* RP*, parece ajustar-se melhor ao contexto.*]

132-136: substancial que não foi nunca distribuído nem serviu às almas sedentas. Mas, assim ligeira e dispersa, ela mostra todavia, em excelente relevo, a imagem deste homem tão superiormente interessante em todas as suas manifestações de pensamento, de paixão, de sociabilidade e de ação.] substancial, que não foi distribuído, nem aproveitou às almas sedentas. E vão seria certamente procurar nestas cartas de Fradique a suma do seu pensar tão alto e tão livre, do seu saber tão fundo e tão certo. [RP. *O parágrafo que na* RP *corresponde ao período iniciado por* «Mas, assim ligeira…», *está deslocado para o final deste segmento narrativo. Infra:* Mas, assim ligeira e dispersa, ela mostra todavia, em excelente relevo, a imagem deste homem tão superiormente interessante em todas as suas manifestações de pensamento, de paixão, de sociabilidade e de ação.] E assim publicadas, sem data, esparsamente, vão estas cartas dando a impressão duma vida de homem, que se desenrola nas suas manifestações simultâneas e sempre superiores — de pensamento, de paixão, de sociabilidade, de ação. [RP]

137: meu] meu impaciente [RP]

137: a amar] a reverenciar e a amar [RP]

138: espírito que tanto amei — eu] espírito, que eu tanto amei e reverenciei, — [RP]

139: de Fradique Mendes,] de Fradique, [RP]

139: de puro e seguro] de levantado e puro [RP]

142: História] História, [RP]

145: aringas] aringas, [RP]

146: colinas,] colinas, — [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pensante. E por outro lado se o Egito ou Tunis formassem resplandecentes centros de Ciências, de Literaturas e de Artes, e, através de uma serena legião de homens geniais, incessantemente educassem o mundo — nenhuma nação, mesmo nesta idade de ferro e de força, ousaria ocupar como um campo maninho e sem dono esses solos augustos donde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame sublime das Ideias e das Formas.

Só na verdade o Pensamento e a sua criação suprema, a Ciência, a Literatura, as Artes, dão grandeza aos Povos, atraem para eles universal reverência e carinho, e, formando dentro deles o tesouro de verdades e de belezas que o mundo precisa, os tornam perante o mundo sacrossantos. Que diferença há, realmente, entre Paris e Chicago? São duas palpitantes e produtivas cidades — onde os palácios, as instituições, os parques, as riquezas, se equivalem soberbamente. Porque forma pois Paris um foco crepitante de Civilização que irresistivelmente fascina a Humanidade — e porque tem Chicago apenas sobre a Terra o valor de um rude e formidável celeiro onde se procura a farinha e o grão? Porque Paris, além dos palácios, das instituições e das riquezas de que Chicago também justamente se gloria, possui a mais um grupo especial de homens — Renan, Pasteur, Taine, Berthelot, Coppée, Bonnat, Falguières, Gounod, Massenet — que pela incessante produção do seu cérebro convertem a banal cidade que habitam num centro de soberano ensino. Se as *Origens do Cristianismo*, o *Fausto*, as telas

150: Literaturas e] Literaturas, [RP]

155: Formas.] Formas. Nenhuma tanto ousaria. É necessário ser Turco, e surgir das *steppes* bravas, para metralhar o Parténon. É necessário ser Huno, e descer dos gelos rudes, para arrasar o Capitólio. E Turcos e Hunos já passaram. [RP]

158: e,] e [RP]

159: tesouro de verdades] tesouro de ideias, de verdades [RP]

161: palpitantes e] palpitantes, [RP]

161-162: onde os palácios, as instituições, os parques, as riquezas,] onde palácios, instituições, parques, riquezas, [RP]

164: a Humanidade] a humanidade [RP]

165: a Terra] a terra [RP]

166: se procura] se busca [RP]

168: também justamente se gloria,] também se gloria justamente, [RP]

169: Taine, Berthelot,] Taine, [RP]

170: [Sic, *tal como em* RP; *por* Falguière]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de Bonnat, os mármores de Falguières, nos viessem dalém dos mares, da nova e monumental Chicago — para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas para o Sol, os espíritos e os corações da Terra.

Se uma nação, portanto, só tem superioridade porque tem pensamento, todo aquele que venha revelar na nossa pátria um novo homem de original pensar concorre patrioticamente para lhe aumentar a única grandeza que a tornará respeitada, a única beleza que a tornará amada; — e é como quem aos seus templos juntasse mais um sacrário ou sobre as suas muralhas erguesse mais um castelo.

Michelet escrevia um dia, numa carta, aludindo a Antero de Quental: — «Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o autor das *Odes Modernas*, Portugal continua a ser um grande país vivo…» O mestre da *História de França* com isto significava — que enquanto viver pelo lado da Inteligência, mesmo que jaza morta pelo lado da Ação, a nossa pátria não é inteiramente um cadáver que sem escrúpulo se pise e se retalhe. Ora no Pensamento há manifestações diversas: e se nem todas irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de versos pode sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo Génio Poético: um conjunto de leis salvadoras, emanando de um espírito positivo, pode solidamente comprovar que um povo vive ainda pelo Génio Político: — mas a revelação de um espírito como o de Fradique assegura que um país vive também pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da fantasia, do humorismo e do gosto…

173: [Sic, *tal como em* RP; *por* Falguière]
174: Chicago —] Chicago —, [RP]
175: o Sol,] o sol, [RP]
177: nação, portanto, só tem superioridade] nação portanto, só tem grandeza [RP]
179: pensar] pensar, [RP]
184: carta, aludindo a] carta, tratando de [RP]
187: mestre] mestre vidente [RP]
191: diversas:] diversas: — [RP]
197: Fradique] Fradique, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nos tempos incertos e amargos que vão Portugueses destes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um mármore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos — como uma consolação e uma esperança.

201: vão] vão, [RP]
203: concidadãos —] concidadãos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

AS CARTAS *

* [*Imediatamente abaixo, na* RP: «(1.ª série)».]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I

AO VISCONDE DE A.-T.

Londres, maio

Meu caro patrício. — Só ontem à noite, tarde, ao recolher do campo, encontrei o bilhete com que consideravelmente me honrou, perguntando à minha experiência — «qual é o melhor alfaiate de Londres». Depende isso inteiramente do fim para que V. necessita esse Artista. Se pretende meramente um homem que lhe cubra a nudez com economia e conforto, então recomendo-lhe aquele que tiver tabuleta mais perto do seu Hotel. São tantos passos que forra — e, como diz o *Ecclesiastes*, cada passo encurta a distância da sepultura.

Se porém V., caro patrício, deseja um alfaiate que lhe dê consideração e valor no seu mundo; que V. possa citar com orgulho, à porta da Havanesa, rodando lentamente para mostrar o corte ondeado e fino da cinta; que o habilite a mencionar os Lords que lá encontrou, escolhendo de alto, com a ponta da bengala, cheviotes para blusas de caça; e que lhe sirva mais tarde, na velhice, à hora geba do reumatismo, como recordação consoladora de elegâncias moças — então com ardente instância

4: noite,] noite, já [RP]
7: que V. necessita] que V. deseja [RP]
8: pretende meramente um homem] pretende simplesmente um alfaiate [RP]
10: que tiver tabuleta] que se achar estabelecido [RP]
15-16: mostrar o corte ondeado] mostrar o talho firme [RP]
19: tarde, na] tarde na sua [RP]
20: então] então, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

lhe aconselho o Cook (o Tomás Cook) que é da mais extremada moda, absolutamente ruinoso, e falha tudo.

Para subsequentes conselhos de «fornecedores», em Londres ou outros pontos do Universo, permanece sempre ao seu grato serviço — FRADIQUE MENDES.

21: lhe aconselho] lhe recomendo [RP]
24-25: seu grato serviço] seu gostoso serviço o seu grato admirador [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

II

A MADAME DE JOUARRE

(Trad.)[1]

Paris, dezembro.

Minha querida madrinha. — Ontem, em casa de Madame de Tressan, quando passei, levando para a ceia Libuska, estava sentada, conversando consigo, por debaixo do atroz retrato da Marechala de Mouy, uma mulher loura, de testa alta e clara, que me seduziu logo, talvez por lhe pressentir, apesar de tão indolentemente enterrada num divan, uma rara graça no andar, graça altiva e ligeira de Deusa e de ave. Bem diferente da nossa sapiente Libuska, que se move com o esplêndido peso de uma estátua! E do interesse por esse outro passo, possivelmente alado e *diânico* (de Diana), provêm estas garatujas.

Quem era? Suponho que nos chegou do fundo da província, dalgum velho castelo do Anjou com erva nos fossos, porque me não lembro de ter encontrado em Paris aqueles cabelos fabulosamente louros como o sol de Londres em dezembro — nem aqueles ombros descaídos, dolentes, *angélicos*, imitados de uma madona de Montegna, e inteiramente desusados em França desde

[1] Muitas das cartas de Fradique Mendes, aqui publicadas, são naturalmente escritas em francês. Todas essas vão acompanhadas da indicação abreviada *trad.* (traduzida). [*Nota do autor.*]

9-10: indolentemente enterrada] indolentemente enterrado [RP]
18: dezembro — nem] dezembro, e [RP]
20: [*Montegna: conforme* 1900 *e* RP*, certamente por Mantegna (Andrea), pintor italiano do séc. XV.*]
20: desusados em França] desusados [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o reinado de Carlos X, do *Lírio no Vale*, e dos corações incompreendidos. Não admirei com igual fervor o vestido preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarelas. Mas os braços eram perfeitos; e nas pestanas, quando as baixava, parecia pender um romance triste. Deu-me assim a impressão, ao começo, de ser uma elegíaca do tempo de Chateaubriand. Nos olhos porém surpreendi-lhe depois uma faísca de vivacidade sensível — que a datava do século XVIII. Dirá a minha madrinha: — «Como pude eu abranger tanto, ao passar, com Libuska ao lado fiscalizando?» É que voltei. Voltei, e da ombreira da porta readmirei os ombros dolentes de virgem do século XIII; a massa de cabelos que o molho de velas por trás, entre as orquídeas, nimbava de ouro; e sobretudo o subtil encanto dos olhos — dos olhos finos e lânguidos… Olhos *finos e lânguidos*. É a primeira expressão em que hoje apanho decentemente a realidade.

Porque é que não me adiantei, e não pedi uma «apresentação?» Nem sei. Talvez o requinte em *retardar*, que fazia com que La Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo. Sabe o que dava tanta sedução ao palácio das Fadas, nos tempos do rei Artur? Não sabe. Resultados de não ler Tennyson… Pois era a imensidade de anos que levava a chegar lá, através de jardins encantados, onde cada recanto de bosque oferecia a emoção inesperada dum *flirt*, duma batalha, ou dum banquete… (Com que mórbida propensão acordei hoje para o estilo asiático!) O facto é que, depois da contemplação junto à ombreira, voltei a cear ao pé da minha radiante tirana. Mas por entre o banal sandwich de *foie-gras*, e um copo de Tokay em nada parecido com aquele Tokay que Voltaire, já velho, se recordava de ter bebido em casa de Madame d'Etioles (os vinhos dos Tressans descendem em linha varonil dos venenos da

24: perfeitos; e] perfeitos; o sorriso vinha a custo, cansado, como de muito longe, do funda da alma, trazendo ainda a sombra das névoas secretas que atravessara; e [RP]

28: minha] minha querida [RP]

30: da ombreira da porta] da humbreira da porta, [RP]

39-40: ao palácio das Fadas, nos tempos do] ao palácio das Fadas, nos dias do bom [RP]

42: lá,] lá [RP]

46: à ombreira] à humbreira [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Brinvilliers), vi, constantemente *vi*, os *olhos finos e lânguidos*. Não há senão o homem, entre os animais, para misturar a languidez dum olhar fino a fatias de *foie-gras*. Não o faria decerto um cão de boa raça. Mas seríamos nós desejados pelo «efémero feminino» se não fosse esta providencial brutalidade? Só a porção de Matéria que há no homem faz com que as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal que nele há também — para eterna perturbação do mundo. O que mais prejudicou Petrarca aos olhos de Laura — foram os *Sonetos*. E quando Romeu, já com um pé na escada de seda, se demorava, exalando o seu êxtase em invocações à noite e à Lua — Julieta batia os dedos impacientes no rebordo do balcão, e pensava: «Ai, que palrador que és, filho dos Montaigus!» Este detalhe não vem em Shakspeare — mas é comprovado por toda a Renascença. Não me amaldiçoe por esta sinceridade de meridional cético, e mande-me dizer que nome tem, na sua paróquia, a loura castelã do Anjou. A propósito de castelos: cartas de Portugal anunciam-me que o kiosque por mim mandado erguer em Sintra, na minha quintarola, e que lhe destinava como «seu pensadoiro e retiro nas horas de sesta» — abateu. Três mil e oitocentos francos achatados em entulho. Tudo tende à ruína num país de ruínas. O arquiteto que o construiu é deputado, e escreve no *Jornal da Tarde* estudos melancólicos sobre as Finanças! O meu procurador em Sintra aconselha agora, para reedificar o kiosque, um estimável rapaz, de boa família, que entende de construções e que é empregado na Procuradoria-Geral da Coroa! Talvez se eu necessitasse um Jurisconsulto me propusessem um trolha. É com estes elementos alegres que nós procuramos restaurar o nosso império de África! Servo humilde e devoto — FRADIQUE.

53-54: *foie-gras*. Não o faria decerto um cão de boa raça.] *foie-gras*. Um cão, de boa raça, não o faria. [RP]

55: esta] esta nativa e [RP]

63: Shakspeare] Shakspeare, [RP] [*por Shakespeare: conforme* 1900 *e* RP.]

67: erguer] erguer, [RP]

72: estudos melancólicos sobre as Finanças!] estudos ardentes sobre a música de Wagner. [RP]

75-78: Coroa! Talvez se eu necessitasse um Jurisconsulto me propusessem um trolha. É com estes elementos alegres que nós procuramos restaurar o nosso império de África! Servo] Coroa. Não sei se com estes elementos alegres nós refaríamos o império do Oriente. Servo sempre [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

III

A OLIVEIRA MARTINS

Paris, maio.

Querido amigo. — Cumpro enfim a promessa feita na sua erudita ermida das Águas Férreas, naquela manhã de março em que conversávamos ao sol sobre o caráter dos Antigos, — e remeto, como documento, a fotografia da múmia de Rameses II (que o francês banal, continuador do grego banal, teima em chamar Sezostris), recentemente descoberta nos sarcófagos reais de Medinet-Abou pelo professor Maspero.

Caro Oliveira Martins, não acha V. picarescamente sugestivo este facto — *Rameses fotografado?*… Mas aí está justificada a mumificação dos cadáveres, feita pelos bons Egípcios com tanta fadiga e tanta despesa, para que os homens gozassem na sua forma terrena, segundo diz o Escriba, «as vantagens da Eternidade!» Rameses, como ele acreditava e lhe afirmavam os metafísicos de Tebas, ressurge efetivamente «com todos os seus ossos e a pele que era sua» neste ano da graça de 1886. Ora 1886, para um Faraó da décima nona dinastia, mil e quatrocentos anos anterior a Cristo, representa muito decentemente a *Eternidade* e a *Vida Futura*.

4-7: *Querido amigo*. — Cumpro enfim a promessa feita na sua erudita ermida das Águas Férreas, naquela manhã de março em que conversávamos ao sol sobre o caráter dos Antigos, — e remeto, como documento,] *Querido amigo*. — Aí remeto enfim [RP]

9-10: de Medinet-Abou] de Medonet-Abou [RP]

10-11: Maspero. // Caro Oliveira Martins,] Maspero. [RP]

12: *fotografado?*…] *fotografado?* [RP]

18: ano da graça] ano [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E eis-nos agora podendo contemplar as «próprias feições» do maior dos Ramezidas, tão realmente como Hokem seu Eunuco-Mor, ou Pentaour seu Cronista-Mor, ou aqueles que outrora em dias de triunfos corriam a juncar-lhe o caminho de flores, trazendo «os seus chinós de festa e a cútis envernizada com óleos de Segabai». Aí o tem V. agora diante de si, em fotografia, com as pálpebras baixas e sorrindo. E que me diz a essa face real? Que humilhantes reflexões não provoca ela sobre a irremediável degeneração do homem! Onde há aí hoje um, entre os que governam povos, que tenha essa soberana fronte de calmo e incomensurável orgulho; esse superior sorriso de omnipotente benevolência, duma inefável benevolência que cobre o mundo; esse ar de imperturbada e indomável força; todo esse esplendor viril que a treva de um hipogeu, durante três mil anos, não conseguiu apagar? Eis aí verdadeiramente um *Dono de homens*! Compare esse semblante augusto com o perfil sorno, oblíquo e bigodoso dum Napoleão III; com o focinho de *bull-dog* acorrentado dum Bismarck; ou com o carão do Czar russo, um carão parado e afável que podia ser o do seu Copeiro-Mor. Que chateza, que fealdade tacanha destes rostos de poderosos!

Donde provém isto? De que a alma modela a face como o sopro do antigo oleiro modelava o vaso fino: — e hoje, nas nossas civilizações, não há lugar para que uma alma se afirme e se produza na absoluta expansão da sua força. Outrora um simples homem, um feixe de músculos sobre um feixe de ossos, podia erguer-se e operar como um elemento da Natureza. Bastava ter o ilimitado querer — para dele tirar o ilimitado poder. Eis aí em Rameses um ser que tudo quer e tudo pode, e a quem Phtah, o Deus sagaz, diz com espanto: «A tua vontade dá a vida e a tua vontade dá a morte!» Ele impele a seu bel-prazer as raças para norte, para sul ou para leste; ele altera e arrasa, como muros num campo, as

33: esplendor viril] esplendor visível [RP]
35: um *Dono*] um *Amo* [RP]
36: o perfil] o carão [RP]
38: o carão] o perfil [RP]
38-39: Czar russo, um carão parado e afável que podia ser o do seu Copeiro-Mor.] czar russo, um perfil de negociante de trigos, de Odessa! [RP]
49: espanto: «A] espanto: — «a [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

fronteiras dos reinos; as cidades novas surgem das suas pegadas; para ele nascem todos os frutos da terra, e para ele se volta toda a esperança dos homens; o lugar para onde volve os seus olhos é bendito e prospera, e o lugar que não recebe essa luz benéfica jaz como «o torrão que o Nilo não beijou»; os deuses dependem dele, e Amnon estremece inquieto quando, diante dos pilones do seu templo, Rameses faz estalar as três cordas entrançadas do seu látego de guerra! Eis um *homem* — e que seguramente pode afirmar no seu canto triunfal: — «Tudo vergou sob a minha força: eu vou e venho com as passadas largas dum leão; o rei dos deuses está à minha direita e também à minha esquerda; quando eu falo o Céu escuta; as coisas da Terra estendem-se a meus pés, para eu as colher com mão livre; e para sempre estou erguido sobre o trono do mundo!»

«O mundo», está claro, era aquela região, pela maior parte arenosa, que vai da cordilheira Líbica à Mesopotâmia: e nunca houve mais petulante ênfase do que nas Panegírias dos Escribas. Mas o homem é, ou supõe ser, inigualavelmente grande. E esta consciência da grandeza, do incircunscrito poder vem necessariamente resplandecer na fisionomia e dar essa altiva majestade, repassada de risonha serenidade, que Rameses conserva mesmo além da vida, ressequido, mumificado, recheado de betume da Judeia.

Veja V. por outro lado as condições que cercam hoje um poderoso do tipo Bismarck. Um desgraçado desses não está acima de nada e depende de tudo. Cada impulso da sua vontade esbarra com a resistência dum obstáculo. A sua ação no mundo é um perpétuo bater de crânio contra espessuras de portas bem defendidas. Toda a sorte de convenções, de tradições, de direitos, de preceitos, de interesses, de princípios, se lhe levanta a cada instante diante dos passos como marcos sagrados. Um artigo de jornal fá-lo estacar, hesitante. A rabulice dum legista obriga-o a encolher precipitadamente a garra que já ia estendendo. Dez burgueses nédios e dez professores guedelhudos, votando dentro duma sala, estatelam por terra o alto andaime dos seus planos. Alguns florins dentro dum saco tornam-se o tormento das suas noites. É-lhe tão impossível dispor dum cidadão como dum astro. Nunca pode avançar duma arrancada, ereto e seguro: tem de ser ondeante e

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

rastejante. A vigilância ambiente impõe-lhe a necessidade vil de falar baixo e aos cantos. Em vez de «recolher as coisas da Terra, com mão livre» — surripia-as às migalhas, depois de escuras intrigas. As irresistíveis correntes de ideias, de sentimentos, de interesses, trabalham por baixo dele, em torno dele: e parecendo dirigi-las, pelo muito que braceja e ronca de alto, é na realidade por elas arrastado. Assim um omnipotente do tipo Bismarck vai por vezes em aparência no cimo das grandes coisas; — mas como a boia solta vai no cimo da torrente.

Miserável omnipotência! E o sentimento desta miséria não pode deixar de influenciar a fisionomia dos nossos poderosos dando-lhe esse feitio contrafeito, crispado, torturado, azedado e sobretudo *amolgado* que se nota na cara de Napoleão, do Czar, de Bismarck, de todos os que reúnem a maior soma de poder contemporâneo — o feitio *amolgado* duma coisa que rola aos encontrões, batendo contra muralhas.

Em conclusão: — a múmia de Rameses II (única face autêntica do homem antigo que conhecemos) prova que, tendo-se tornado impossível uma vida humana vivida na sua máxima liberdade e na sua máxima força, sem outros limites que os do próprio querer — resultou perder-se para sempre, no tipo físico do homem, a suma e perfeita expressão da grandeza. Já não há uma face sublime: há carantonhas mesquinhas onde a bílis cava rugas por entre os recortes do pelo. As únicas fisionomias nobres são as das feras, genuínos Rameses no seu deserto, que nada perderam da sua força, nem da sua liberdade. O homem moderno, esse, mesmo nas alturas sociais, é um pobre Adão achatado entre as duas páginas dum código.

Se V. acha tudo isto excessivo e fantasista, atribua-o a que jantei ontem, e conversei inevitavelmente, com o seu correligionário P., conselheiro de Estado, e *muchas cosas más*. *Más* em espanhol;

91: de «recolher] de recolher [RP]
91-92: da Terra, com mão livre»] da terra, com mão livre [RP]
92: de escuras] de longas [RP]
97: coisas;] coisas: [RP]
102: do Czar,] do czar, [RP]
107: prova que,] prova que [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e *más* também em português no sentido de péssimas. Esta carta é a reação violenta da conversa conselheiral e conselheirífera. Ah, meu amigo, desditoso amigo, que faz V. depois de receber o fluxo labial dum conselheiro? Eu tomo um banho por dentro — um banho lustral, imenso banho de fantasia, onde despejo como perfume idóneo um frasco de Shelley ou de Musset. Amigo certo *et nunc et semper* — FRADIQUE MENDES.

127: FRADIQUE MENDES.] FRADIQUE MENDES. // Eça de Queirós // **Errata.** No último capítulo das CARTAS DE FRADIQUE MENDES, publicado no número de janeiro, o nome da depositária dos manuscritos de Fradique apareceu, erradamente escrito, como *Madame de Lobrinski*. Erro duplo. A terminação *ski* é ela própria a partícula *de,* que, tendo em polaco dois géneros, toma, ligado a um nome de mulher, a forma feminina de *ska*. Portanto a mulher de Paulo Lobrinski é — *Madame Lobrinska.* [RP. *Trata-se de uma nota inserida a seguir ao final da carta.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IV

A MADAME S.

Paris, fevereiro.

Minha cara amiga. — O espanhol chama-se D. Ramon Covarubia, mora na Passage Saulnier, 12, e como é aragonês, e portanto sóbrio, creio que com dez francos por lição se contentará amplamente. Mas se seu filho já sabe o castelhano necessário para entender os *Romanceros*, o *D. Quixote*, alguns dos «Picarescos», vinte páginas de Quevedo, duas comédias de Lope de Vega, um ou outro romance de Galdós, que é tudo quanto basta ler na literatura de Espanha, — para que deseja a minha sensata amiga que ele pronuncie esse castelhano que sabe com o acento, o sabor, e o sal dum madrileno nascido nas veras pedras da Calle Mayor? Vai assim o doce Raul desperdiçar o tempo que a Sociedade lhe marcou para adquirir ideias e noções (e a Sociedade a um rapaz da sua fortuna, do seu nome e da sua beleza, apenas concede, para esse abastecimento intelectual, sete anos, dos onze aos dezoito) — em quê? No luxo de apurar até a um requinte superfino, e supérfluo, o mero instrumento de adquirir noções e ideias. Porque as línguas, minha boa amiga, são apenas instrumentos do saber — como instrumentos de lavoura. Consumir energia e vida na aprendizagem de as pronunciar tão genuína e puramente que

4-5: D. Ramon Covarubia] D. Ramon Cova-Rubia [RP]. [*Ramon, por Ramón, em todas as ocorrências.*]

5: aragonês,] aragonês [RP]

8: entender] entender, e até ao âmago, [RP]

19-20: ideias. Porque as línguas, minha boa amiga,] ideias. As línguas [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pareça que se nasceu dentro de cada uma delas, e que por meio de cada uma se pediu o primeiro pão e água da vida — é fazer como o lavrador, que em vez de se contentar, para cavar a terra, com um ferro simples encabado num pau simples, se aplicasse, durante os meses em que a horta tem de ser trabalhada, a embutir emblemas no ferro e esculpir flores e folhagens ao comprido do pau. Com um hortelão assim, tão miudamente ocupado em alindar e requintar a enxada, como estariam agora, minha senhora, os seus pomares da Touraine?

Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra: — todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade; — e quem for possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente sofrendo uma desnacionalização. Não há já para ele o especial e exclusivo encanto da *fala materna* com as suas influências afetivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do caráter. Por isso o poliglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu patriotismo desaparece, diluído em estrangeirismo. *Rue de Rivoli, Calle d'Alcalá, Regent Street, Wilhelm Strasse* — que lhe importa? Todas são ruas, de pedra ou de macadam. Em todas a fala ambiente lhe oferece um elemento natural e congénere onde o seu espírito se move livremente, espontaneamente, sem hesitações, sem atritos. E como pelo Verbo, que é o instrumento essencial da fusão humana, se pode fundir com todas — em todas sente e aceita uma Pátria.

Por outro lado, o esforço contínuo de um homem para se exprimir, com genuína e exata propriedade de construção e de acento, em idiomas estranhos — isto é, o esforço para se confundir com gentes estranhas no que elas têm de essencialmente

27: ser trabalhada,] ser cavada, [RP]

29-31: pau. Com um hortelão assim, tão miudamente ocupado em alindar e requintar a enxada, como estariam agora, minha senhora, os seus] pau. Sob este requintado regímen, como estariam agora os seus jardins e [RP]

48-49: hesitações, sem] hesitações ou [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

caraterístico, o Verbo — apaga nele toda a individualidade nativa. Ao fim de anos esse habilidoso, que chegou a falar absolutamente bem outras línguas além da sua, perdeu toda a originalidade de espírito — porque as suas ideias forçosamente devem ter a natureza incaraterística e neutra que lhes permita serem indiferentemente adaptadas às línguas mais opostas em caráter e génio. Devem, de facto, ser como aqueles «corpos de pobre» de que tão tristemente fala o povo — «que cabem bem na roupa de toda a gente».

Além disso, o propósito de pronunciar com perfeição línguas estrangeiras constitui uma lamentável sabujice para com o estrangeiro. Há aí, diante dele, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos nele, no que ele tem de mais seu, de mais próprio, o Vocábulo. Ora isto é uma abdicação de dignidade nacional. Não, minha senhora! Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros! Mesmo porque aos estrangeiros o poliglota só inspira desconfiança, como ser que não tem raízes, nem lar estável — ser que rola através das nacionalidades alheias, sucessivamente se disfarça nelas, e tenta uma instalação de vida em todas porque não é tolerado por nenhuma. Com efeito, se a minha amiga percorrer a Gazeta dos Tribunais, verá que o perfeito poliglotismo é um instrumento da alta *escroquerie*.

E aqui está como, levado pelo diletantismo das ideias, em vez de um endereço eu lhe forneço um tratado!… Que a minha garrulice ao menos a faça sorrir, pensar, e poupar ao nosso Raul o trabalho medonho de pronunciar *Viva la Gracia!* e *Benditos sean tus ojos!* exatissimamente como se vivesse a uma esquina da *Puerta del Sol*, com uma capa de bandas de veludo, chupando o cigarro de Lazarillo. Isto todavia não impede que se utilizem os servi-

63: povo — «que cabem bem na] povo, que cabem bem «na [RP]

66: aí,] aí [RP]

68: uma abdicação] uma perda [RP]

76-78: *escroquerie.* // E aqui está como, levado pelo diletantismo das ideias, em vez de um endereço eu lhe] *escroquerie.* Mas, justos céus! A quem me reclama um endereço eu [RP]

78: tratado!…] tratado… [RP]

79: faça sorrir, pensar, e poupar ao nosso] faça refletir, e poupar ao nosso bom [RP]

80-83: e *Benditos sean tus ojos!* exatissimamente como se vivesse a uma esquina da *Puerta del Sol*, com uma capa de bandas de veludo, chupando o cigarro de Lazarillo. Isto todavia não] exatissimamente como na *Puerta del Sol.* Isto não [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ços de D. Ramon. Ele, além de Zorrillista, é guitarrista; e pode substituir as lições na língua de Quevedo por lições na guitarra de Almaviva. O seu lindo Raul ganhará ainda assim uma nova faculdade de exprimir — a faculdade de exprimir emoções por meio de cordas de arame. E este dom é excelente! Convém mais na mocidade, e mesmo na velhice, saber, por meio das quatro cordas de uma viola, desafogar a alma das coisas confusas e sem nome que nela tumultuam, do que poder, através das estalagens do mundo, reclamar com perfeição o pão e o queijo — em sueco, holandês, grego, búlgaro e polaco.

E será realmente indispensável mesmo para prover, através do mundo, estas necessidades vitais de estômago e alma — o trilhar, durante anos, pela mão dura dos mestres, «os descampados e atoleiros das gramáticas e pronúncias», como dizia o velho Milton? Eu tive uma admirável tia que falava unicamente o português (ou antes o minhoto) e que percorreu toda a Europa com desafogo e conforto. Esta senhora, risonha mas dispéptica, comia simplesmente ovos — que só conhecia e só compreendia sob o seu nome nacional e vernáculo de ovos. Para ela *huevos, œufs, eggs, das ei*, eram sons na Natureza bruta, pouco diferençáveis do coaxar das rãs, ou de um estalar de madeira. Pois quando em Londres, em Berlim, em Paris, em Moscow, desejava os seus ovos — esta expedita senhora reclamava o fâmulo do hotel, cravava nele os olhos agudos e bem explicados, agachava-se gravemente sobre o tapete, imitava com o rebolar lento das saias tufadas uma galinha no choco, e gritava *ki-ki-ri-ki! kó-kó-ri-ki! kó-ró-kó-kó!* Nunca, em cidade ou região inteligente do Universo, minha tia deixou de comer os seus ovos — e superiormente frescos!

Beijo as suas mãos, benévola amiga — FRADIQUE.

84: D. Ramon. Ele,] D. Ramon. Somente como ele, [RP]

84: guitarrista; e] guitarrista, [RP]

85: de Quevedo] de Cervantes [RP]

86: Almaviva.] Almaviva; e [RP]

88: arame. E este dom é excelente!] arame. Este dom não é inútil. Eu conheço um homem que se consolou ao violão da perda duma fortuna, das infidelidades duma mulher, e do fiasco dum livro. Seu muito fiel e muito difuso — FRADIQUE MENDES. [RP]

88: Convém mais] [*Até ao final da carta, passagem inexistente na* RP.]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

V

A GUERRA JUNQUEIRO

Paris, maio.

Meu caro amigo. — A sua carta transborda de ilusão poética. Supor, como V. candidamente supõe, que trespassando com versos (ainda mesmo seus, e mais rutilantes que as flechas de Apolo) a Igreja, o Padre, a Liturgia, as Sacristias, o jejum da sexta-feira e os ossos dos Mártires, se pode «desentulhar Deus da aluvião sacerdotal», e elevar o Povo (no Povo V. decerto inclui os conselheiros de Estado) a uma compreensão toda pura e abstrata da Religião — a uma Religião que consista apenas numa Moral apoiada numa Fé — é ter da Religião, da sua essência e do seu objeto, uma sonhadora ideia de sonhador teimoso em sonhos!

Meu bom amigo, uma Religião a que se elimine o Ritual desaparece — porque as Religiões para os homens (com exceção dos raros Metafísicos, Moralistas e Místicos) não passa dum conjunto de Ritos através dos quais cada povo procura estabelecer uma comunicação íntima com o seu Deus e obter dele favores. Este, só este, tem sido o fim de todos os cultos, desde o mais

5: que trespassando] que, trespassando mortalmente [RP]
7: Liturgia, as Sacristias, o jejum da] Liturgia, a Sacristia, o bacalhau à [RP]
9: Povo V. decerto inclui] Povo incluo [RP]
14: Meu bom amigo, uma] Uma [RP]
15-16: exceção dos raros Metafísicos, Moralistas e Místicos)] exceção duma classe transcendente de metafísicos, de moralistas e de místicos) [RP]
17: de Ritos] de ritos especiais, [RP]
18: comunicação íntima] comunicação [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

primitivo, do culto de Indra, até ao culto recente do coração de Maria, que tanto o escandaliza na sua paróquia — oh incorrigível beato do idealismo!

Se V. o quer verificar historicamente, deixe Viana do Castelo, tome um bordão, e suba comigo por essa Antiguidade fora até um sítio bem cultivado e bem regado que fica entre o rio Indo, as escarpas do Himalaia, e as areias dum grande deserto. Estamos aqui em Septa-Sindhou, no país das Sete Águas, no Vale Feliz, na terra dos Árias. No primeiro povoado em que pararmos V. vê, sobre um outeiro, um altar de pedra coberto de musgo fresco: em cima brilha palidamente um fogo lento: e em torno perpassam homens, vestidos de linho, com os longos cabelos presos por um aro de ouro fino. São padres, meu amigo! São os primeiros capelães da humanidade, — e cada um deles está, por esta quente alvorada de maio, celebrando um rito da missa Ariana. Um limpa e desbasta a lenha que há de nutrir o lume sagrado, outro pisa dentro dum almofariz, com pancadas que devem ressoar «como tambor de vitória», as ervas aromáticas que dão o *Sômma*; este, como um semeador, espalha grãos de aveia em volta da Ara; aquele, ao lado, espalmando as mãos ao céu, entoa um cântico austero. Estes homens, meu amigo, estão executando um Rito que encerra em si toda a religião dos Árias, e que tem por objeto propiciar Indra — Indra, o sol, o fogo, a potência divina que pode encher de ruína e dor o coração do Ária, sorvendo a água das regas, queimando os pastos, desprendendo a pestilência das lagoas, tornando Septa-Sindhou mais estéril que o «coração do mau»; ou pode, derretendo as neves do Himalaia, e soltando com um golpe de fogo «a chuva que jaz no ventre das nuvens», restituir a água aos rios, a verdura aos prados, a salubridade às lagoas, a alegria e abundância à morada do Ária. Trata-se pois simplesmente de convencer Indra a que, sempre propício, derra-

20-21: de Maria,] de Maria [RP]
31: linho, com os longos cabelos] linho branco, com os cabelos longos [RP]
32: ouro fino.] ouro. [RP]
35: sagrado,] sagrado; [RP]
49-50: pois simplesmente] pois, simplesmente, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

me sobre Septa-Sindhou todos os favores que pode apetecer um povo rural e pastoral.

Não há aqui Metafísica, nem Ética — nem explicações sobre a natureza dos Deuses, nem regras para a conduta dos homens. Há meramente uma Liturgia, uma totalidade de Ritos, que o Ária necessita observar para que Indra o atenda — uma vez que, pela experiência de gerações, se comprovou que Indra só o escutará, só concederá os benefícios rogados, quando em torno ao seu altar certos velhos, de certa casta, vestidos de linho cândido, lhe erguerem cânticos doces, lhe ofertarem libações, lhe amontoarem dons de fruta, mel e carne de anho. Sem dons, sem libações, sem cânticos, sem anho, Indra, amuado e sumido no fundo do Invisível e do Intangível, não descerá à Terra a derramar-se na sua bondade. E se vier de Viana do Castelo um Poeta tirar ao Ária o seu altar de musgo, o seu pau sacrossanto, o almofariz, o crivo e o vaso do *Sômma*, o Ária ficará sem meios de propiciar o seu Deus, desatendido do seu Deus — e será na Terra como a criancinha que ninguém nutre e a que ninguém ampara os passos.

Esta Religião primordial é o tipo absoluto e inalterável das Religiões, que todas por instinto repetem — e em que todas (apesar dos elementos estranhos de Teologia, de Metafísica, de Ética que lhe introduzem os espíritos superiores) terminam por se resumir com reverência. Em todos os climas, em todas as raças, ou divinizando as forças da Natureza, ou divinizando a Alma dos mortos, as Religiões, amigo meu, consistiram sempre praticamente num conjunto de práticas, pelas quais o homem

51: Septa-Sindhou todos os favores] Septa-Sindhou os favores únicos [RP]

59-61: altar certos velhos, de certa casta, vestidos de linho cândido, lhe erguerem cânticos doces, lhe ofertarem libações, lhe amontoarem dons de fruta, mel e carne de anho.] altar lhe forem entoados os cânticos, ofertadas as libações, derramados os dons. [RP]

62: cânticos, sem anho,] cânticos, [RP]

63: terra a derramar-se] terra a manifestar-se [RP]

66: crivo e] crivo, [RP]

67: Deus, desatendido do seu Deus —] Deus — [RP]

67: Terra] terra, [RP]

68: nutre] nutre, [RP]

71: repetem —] repetem, — [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

simples procura alcançar da amizade de Deus os bens supremos da saúde, da força, da paz, da riqueza. E mesmo quando, já mais crente no esforço próprio, pede esses bens à higiene, à ordem, à lei e ao trabalho, ainda persiste nos ritos propiciadores para que Deus *ajude* o seu esforço.

O que V. observou em Septa-Sindhou poderá verificar igualmente, parando (antes de recolhermos a Viana, a beber esse vinho verde de Monção, que V. ditirambiza) na Antiguidade clássica, em Atenas ou Roma, onde quiser, no momento de maior esplendor e cultura das civilizações greco-latinas. Se V. aí perguntar a um antigo, seja um oleiro de Suburra, seja o próprio *Flamen Dialis*, qual é o corpo de doutrinas e de conceitos morais que compõe a Religião, — ele sorrirá, sem o compreender. E responderá que a Religião consiste em *paces deorum quaerere*, em apaziguar os Deuses, em segurar a benevolência dos Deuses. Na ideia do antigo isso significa cumprir os ritos, as práticas, as fórmulas, que uma longa tradição demonstrou serem as únicas que conseguem fixar a atenção dos Deuses e exercer sobre eles persuasão ou sedução. E nesse cerimonial era indispensável não alterar nem o valor duma sílaba na Prece, nem o valor dum gesto no sacrifício, porque doutro modo o Deus, não reconhecendo o Sacrifício da sua dileção e a Prece do seu agrado, permanecia desatento e alheio; e a Religião falseava o seu fim supremo — influenciar o Deus. Pior ainda! Passava a ser a irreligião: e o Deus, vendo nessa omissão de liturgia

78: da amizade] da benevolência [RP]

79-80: riqueza. E mesmo quando, já mais crente no esforço próprio, pede esses bens] riqueza — ainda mesmo quando, já educado pela experiência, os peça também paralelamente [RP]

81-82: lei e ao trabalho, ainda persiste nos ritos propiciadores para que Deus *ajude* o seu esforço.] lei, ao trabalho. [RP]

83: poderá verificar] poderá constatar [RP]

88: próprio *Flamen*] próprio *Flumen* [RP]

91-92: Deuses, em segurar a benevolência dos Deuses.] Deuses. [RP]

95: persuasão ou sedução.] persuasão. [RP]

96-97: sílaba na Prece,] sílaba, [RP]

97: gesto no sacrifício,] gesto, [RP]

98-99: modo o Deus, não reconhecendo o Sacrifício da sua dileção e a Prece do seu agrado, permanecia desatento e alheio; e a Religião] modo a Religião não tinha realidade, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

uma falta de reverência, despedia logo das Alturas os dardos da sua cólera. A obliquidade das pregas na túnica do Sacrificador, um passo lançado à direita ou movido à esquerda, o cair lento das gotas da libação, o tamanho das achas do lume votivo, todos esses detalhes estavam prescritos imutavelmente pelos Rituais, e a sua exclusão ou a sua alteração constituíam impiedades. Constituíam verdadeiros crimes contra a pátria — porque atraíam sobre ela a indignação dos Deuses. Quantas Legiões vencidas, quantas cidadelas derrubadas, porque o Pontífice deixara perder um grão de cinza da ara — ou porque o Aruspice não arrancou lã bastante da cabeça do anho! Por isso Atenas castigava o Sacerdote que alterasse o cerimonial; e o senado depunha os Cônsules que cometiam um erro no sacrifício — fosse ele tão ligeiro como reter a ponta da toga sobre a cabeça, quando ela devia escorregar sobre o ombro. De sorte que V., em Roma, lançando ironias de ouro à Divindade, era talvez um grande e admirado Poeta Cómico: mas satirizando, como na *Velhice do Padre Eterno*, a Liturgia e o Cerimonial, era um inimigo público, um traidor ao Estado, votado às masmorras do *Tuliano*.

E se, já farto destes tempos antigos, V. quiser volver aos nossos filosóficos dias, encontrará nas duas grandes Religiões do ocidente e do oriente, no Catolicismo e no Budismo, uma comprovação ainda mais saliente e mais viva de que a Religião consiste intrinsecamente de práticas, sobre as quais a Teologia e a Moral se sobrepuseram, sem as penetrarem, como um luxo

102-103: reverência, despedia logo das Alturas os dardos da sua cólera. A obliquidade das pregas na] reverência, recolhia a sua proteção e exercia a sua inimizade. As pregas da [RP]

104-105: esquerda, o cair lento das gotas da libação, o tamanho das achas do lume votivo,] esquerda, as gotas da libação, a lenha da fogueira, [RP]

107: ou a sua alteração] ou o seu desvio [RP]

108: pátria —] pátria, — [RP]

109-112: Deuses. Quantas Legiões vencidas, quantas cidadelas derrubadas, porque o Pontífice deixara perder um grão de cinza da ara — ou porque o Aruspice não arrancou lã bastante da cabeça do anho!] deuses. [RP]

114: como reter] como estender [RP]

115: devia escorregar] devia cair [RP]

119: Cerimonial,] Cerimonial [RP]

119-120: votado às masmorras do *Tuliano*.] votado às penas infames. [RP]

122: dias, encontrará] dias, terá, [RP]

126: sobrepuseram,] sobrepuseram [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

intelectual, acessório e transitório — flores pregadas no altar pela imaginação ou pela virtude idealista. O Catolicismo (ninguém mais furiosamente o sabe do que V.) está hoje resumido a uma curta série de observâncias materiais: — e todavia nunca houve Religião dentro da qual a Inteligência erguesse mais vasta e alta estrutura de conceitos teológicos e morais. Esses conceitos, porém, obra de doutores e de místicos, nunca propriamente saíram das escolas e dos mosteiros — onde eram preciosa matéria de dialética ou de poesia; nunca penetraram nas multidões para metodicamente governar os juízos ou conscientemente governar as ações. Reduzido a catecismos, a cartilhas, esse corpo de conceitos foi decorado pelo povo: — mas nunca o povo se persuadiu que tinha Religião, e que portanto *agradava a Deus, servia a Deus*, só por cumprir os dez mandamentos, fora de toda a prática e de toda a observância ritual. E só decorou mesmo esses *Dez Mandamentos*, e as *Obras de Misericórdia*, e os outros preceitos morais do Catecismo, pela ideia de que esses versículos, *recitados com os lábios*, tinham, por uma virtude maravilhosa, o poder de atrair a atenção, a bem-querença e os favores do Senhor. Para *servir a Deus*, que é o meio *de agradar a Deus*, o essencial foi sempre ouvir missa, esfiar o rosário, jejuar, comungar, fazer promessas, dar túnicas aos santos, etc. Só por estes ritos, e não pelo cumprimento moral da lei moral, se propicia a Deus, — isto é, se alcançam dele os dons inestimáveis da saúde, da felicidade, da riqueza, da paz. O mesmo Céu e Inferno, sanção extraterrestre da lei, nunca, na ideia do povo, se ganhava ou se evitava pela pontual obediência à lei. E talvez com razão, por isso mesmo que no Catolicismo o prémio e o castigo

131: qual a Inteligência erguesse] qual as inteligências superiores erguessem [RP]
135: poesia;] poesia; e [RP]
137: conceitos foi] conceitos era [RP]
140: e de] e [RP]
141-146: E só decorou mesmo esses *Dez Mandamentos*, e as *Obras de Misericórdia*, e os outros preceitos morais do Catecismo, pela ideia de que esses versículos, *recitados com os lábios*, tinham, por uma virtude maravilhosa, o poder de atrair a atenção, a bem-querença e os favores do Senhor. Para *servir a Deus*, que é o meio *de agradar a Deus*,] Para servir a Deus, que é o meio de agradar a Deus, [RP; *abre parágrafo.*]
149: propicia a Deus, — isto é,] propicia Deus, — isto é [RP]
152-153: à lei. E talvez com razão, por isso mesmo que no Catolicismo] à lei, — por isso mesmo que [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

não são manifestações da *justiça* de Deus, mas da *graça* de Deus. Ora a graça, no pensar dos simples, só se obtém pela constante e incansável prática dos preceitos — a missa, o jejum, a penitência, a comunhão, o rosário, a novena, a oferta, a promessa. De sorte que no Catolicismo do Minhoto como na religião do Ária, em Septa-Sindhou como em Carrazeda de Ansiães, tudo se resume em propiciar Deus por meio de práticas que o cativem. Não há aqui Teologia, nem Moral. Há o ato do infinitamente fraco querendo agradar ao infinitamente forte. E se V., para purificar este Catolicismo, eliminar o Padre, a estola, as galhetas e a água benta, todo o Rito e toda a Liturgia — o católico imediatamente abandonará uma Religião que não tem Igreja visível, e que não lhe oferece os meios simples e tangíveis de comunicar com Deus, de obter dele os bens transcendentes para a alma e os bens sensíveis para o corpo. O Catolicismo nesse instante terá acabado, milhões de seres terão perdido o seu Deus. A Igreja é o vaso de que Deus é o perfume. Igreja partida — Deus volatilizado.

Se tivéssemos tempo de ir à China ou a Ceilão, V. toparia com o mesmo fenómeno no Budismo. Dentro dessa religião foi elaborada a mais alta das Metafísicas, a mais nobre das Morais: mas em todas as raças em que ele penetrou, nas bárbaras ou nas cultas, nas hordas do Nepal ou no mandarinato chinês, ele consistiu sempre para as multidões em ritos, cerimónias, práticas — a mais conhecida das quais é o *moinho de rezar*. V. nunca lidou com este moinho? É lamentavelmente parecido com o *moinho de café*: em

154: não são] não eram [RP]
154: da *justiça*] da justiça [RP]
154: da *graça*] da graça [RP]
155: a graça, no pensar dos simples,] a graça [RP]
162-172: forte. E se V., para purificar este Catolicismo, eliminar o Padre, a estola, as galhetas e a água benta, todo o Rito e toda a Liturgia — o católico imediatamente abandonará uma Religião que não tem Igreja visível, e que não lhe oferece os meios simples e tangíveis de comunicar com Deus, de obter dele os bens transcendentes para a alma e os bens sensíveis para o corpo. O Catolicismo nesse instante terá acabado, milhões de seres terão perdido o seu Deus. A Igreja é o vaso de que Deus é o perfume. Igreja partida — Deus volatilizado. // Se tivéssemos tempo de ir à China ou a Ceilão, V. toparia com o mesmo fenómeno no Budismo.] forte. // *Idem* no Budismo. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

todos os países budistas V. o verá colocado nas ruas das cidades, nas encruzilhadas do campo, para que o devoto ao passar, dando duas voltas à manivela, possa fazer chocalhar dentro as orações escritas e comunicar com o Buda, que por esse ato de cortesia transcendente «lhe ficará grato e lhe aumentará os seus bens».

Nem o Catolicismo, nem o Budismo vão por este facto em decadência. Ao contrário! Estão no seu estado natural e normal de Religião. Uma Religião, quanto mais se materializa, mais se populariza — e portanto mais se diviniza. Não se espante! Quero dizer, que quanto mais se desembaraça dos seus elementos intelectuais de Teologia, de Moral, de Humanitarismo, etc., repelindo-os para as suas regiões naturais que são a Filosofia, a Ética e a Poesia, tanto mais coloca o povo face a face com o seu Deus, numa união direta e simples, tão fácil de realizar que, por um mero dobrar de joelhos, um mero balbuciar de Padre-Nossos, o homem absoluto que está no Céu vem ao encontro do homem transitório que está na Terra. Ora este encontro é o facto essencialmente divino da Religião. E quanto mais ele se materializa — mais ela na realidade se diviniza.

V. porém dirá (e de facto o diz): «Tornemos essa comunicação puramente espiritual, e que, despida de toda a exterioridade litúrgica, ela seja apenas como o espírito humano falando ao espírito divino». Mas para isso é necessário que venha o Milénio — em que cada cavador de enxada seja um filósofo, um pensador. E quando esse Milénio detestável chegar, e cada tipoia de praça

177-179: *rezar*. V. nunca lidou com este moinho? É lamentavelmente parecido com o *moinho de café*: em todos os países budistas V. o verá colocado] *rezar,* que em todos os países budistas está colocado [RP]

180: passar, dando] passar, com [RP]

182: escritas e comunicar com] escritas, e louvar [RP]

182-183: que por esse ato de cortesia transcendente] que [RP]

186: Religião,] Religião [RP]

186-187: materializa, mais se populariza — e portanto mais] materializa, mais [RP]

189: de Humanitarismo,] de humanitarismo, [RP]

190-191: Filosofia, a Ética e a Poesia,] Filosofia e a Ética, [RP]

191-192: numa união] numa comunicação [RP]

193: joelhos,] joelhos, um mero desfiar de contas, [RP]

195-197: Ora este encontro é o facto essencialmente divino da Religião. E quanto mais ele se materializa — mais ela na realidade se diviniza.] [*Passagem inexistente na* RP.]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

for governada por um Mallebranche, terá V. ainda de ajuntar a esta perfeita humanidade masculina uma nova humanidade feminina, fisiologicamente diferente da que hoje embeleza a Terra. Porque enquanto houver uma mulher constituída física, intelectual e moralmente como a que Jeová, com uma tão grande inspiração de artista, fez da costela de Adão, — haverá sempre ao lado dela, para uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre.

Essa comunhão mística do Homem e de Deus, que V. quer, nunca poderá ser senão o privilégio duma *élite* espiritual, deploravelmente limitada. Para a vasta massa humana, em todos os tempos, pagã, budista, cristã, maometana, selvagem ou culta, a Religião terá sempre por fim, na sua essência, a súplica dos favores divinos e o afastamento da cólera divina; e, como instrumentação material para realizar estes objetos, o templo, o padre, o altar, os ofícios, a vestimenta, a imagem. Pergunte a qualquer mediano homem saído da turba, que não seja um filósofo, ou um moralista, ou um místico, o que é Religião. O inglês dirá: — «É ir ao serviço ao domingo, bem vestido, cantar hinos». O hindu dirá: — «É fazer *poojah* todos os dias e dar o tributo ao *Mahadeo*». O africano dirá: — «É oferecer ao *Mulungú* a sua ração de farinha e óleo». O minhoto dirá: — «É ouvir missa, rezar as contas, jejuar à sexta-feira, comungar pela Páscoa». E todos terão razão, grandemente! Porque o seu objeto, como seres religiosos, está todo em comunicar com Deus; e esses são os meios de comunicação que os seus respetivos estados de civilização e as respetivas liturgias que deles saíram, lhes fornecem. *Voilà!* Para V. está claro, e para outros espíritos de eleição, a Religião é outra coisa — como já era outra coisa em Atenas para Sócrates e em Roma para Séneca. Mas as multidões humanas não são compostas de Sócrates e de Sénecas — bem felizmente para elas, e para os que as governam, incluindo V. que as pretende governar!

205-206: feminina, fisiologicamente] feminina, filosoficamente [RP]
208-209: que Jeová, com uma tão grande inspiração de artista,] que Deus tão brilhantemente [RP]
211: Essa comunhão] Essa comunicação [RP]
224: O minhoto] O Minhoto [RP]
232: as multidões] as massas [RP]
233-234: governam, incluindo V. que as pretende governar!] governam. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

De resto, não se desconsole, amigo! Mesmo entre os simples há modos de ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades rituais. Um presenciei eu, deliciosamente puro e íntimo. Foi nas margens do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria, nas vésperas de entrar em guerra com um chefe vizinho, comunicar com o seu Deus, com o seu *Mulungú* (que era, como sempre, um seu avô divinizado). O recado ou pedido, porém, que desejava mandar à sua Divindade, não se podia transmitir através dos Feiticeiros e do seu cerimonial, tão graves e confidenciais matérias continha… Que faz Lubenga? Grita por um escravo: dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica bem que o escravo tudo compreendera, tudo retivera: e imediatamente arrebata um machado, decepa a cabeça do escravo, e brada tranquilamente: — «Parte!» A alma do escravo lá foi, como uma carta lacrada e selada, direita para o Céu, ao *Mulungú*. Mas daí a instantes o chefe bate uma palmada aflita na testa, chama à pressa outro escravo, diz-lhe ao ouvido rápidas palavras, agarra o machado, separa-lhe a cabeça, e berra: — «Vai!»

Esquecera-lhe algum detalhe no seu pedido ao *Mulungú*… O segundo escravo era um *post-scriptum*.

Esta maneira simples de comunicar com Deus deve regozijar o seu coração. Amigo do dito — Fradique.

248: tranquilamente: — «Parte!»] tranquilamente «parte!» [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VI

A RAMALHO ORTIGÃO

Paris, abril.

Querido Ramalho. — No sábado à tarde, na rue Cambon, avisto dentro dum fiacre o nosso Eduardo, que se arremessa pela portinhola para me gritar: «Ramalho, esta noite! de passagem para a Holanda! às dez! no Café da Paz!»

Fico docemente alvoroçado; e às nove e meia, apesar da minha justa repugnância pela esquina do Café da Paz, Centro catita do *Snobismo* internacional, lá me instalo, com um bock, esperando a cada instante que surja, por entre a turba baça e mole do *boulevard,* o esplendor da Ramalhal figura. Às dez salta dum fiacre com ansiedade o vivaz Carmonde, que abandonara à pressa uma sobremesa alegre *pour voir ce grand Ortigan*! Começa uma espera a dois, com bock a dois. Nada de Ramalho, nem do seu viço. Às onze aparece Eduardo, esbaforido. E Ramalho? Inédito ainda! Espera a três, impaciência a três, bock a três. E assim até que o bronze nos soou o fim do dia.

3: Paris, abril.] Paris, maio. [RP]
4: sábado] sábado, [RP]
9: esquina] esquina papalva [RP]
9-10: Paz, Centro catita do *Snobismo* internacional,] Paz, [RP]
10: bock,] bock e com o *Standard,* [RP]
11: turba baça] turba miúda [RP]
15: dois, com] dois, em tédio a dois, com [RP]
18: dia.] dia — como ousava dizer Chateaubriand. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorvíamos as derradeiras fezes do bock, já desiludidos de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escurinho, chupadinho, esticadinho, que traz na mão com respeito, quase com religião, um soberbo ramo de cravos amarelos. É um homem dalém dos mares, da República Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo — que o retém e apresenta «o sr. Mendibal». Mendibal aceita um bock: e eu começo a contemplar mudamente aquela facezinha toda em perfil, como recortada numa lâmina de machado, duma cor acobreada de chapéu coco inglês, onde a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escanteada recua, foge toda para trás, assustada. O caroço da garganta esganiçada, ao contrário, avança como o esporão duma galera por entre as pontas quebradas do colarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa pérola.

Eu contemplo, e Mendibal fala. Fala arrastadamente, quase dolentemente, com finais que desfalecem, se esvaem em gemido. A voz é toda de desconsolo: — mas, no que diz, revela a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: imensas propriedades além do mar, a consideração dos seus fornecedores, uma casa no Parc-Monceau, e «uma esposa adorável». Como deslizou ele a mencionar essa dama que lhe embeleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho Inglês meu amigo, que passava, recolhendo da Ópera, e que me queria simplesmente segredar, com uma convicção forte, que «a noute estava esplêndida!» Quando voltei à mesa e ao bock, o Argentino encetara em monólogo a glorificação da «sua senhora».

22: chupadinho,] chupadinho, apuradinho, [RP]
22: mão] mão, [RP]
26: contemplar mudamente] contemplar em silêncio [RP]
31: escanteada recua,] escanteada [RP]
31: trás, assustada.] trás, timidamente. [RP]
35-36: Fala arrastadamente, quase dolentemente, com finais que] Fala num tom arrastado e húmido, quase dolente, em que as sílabas [RP]
37: é toda de desconsolo:] é certamente triste: [RP]
40: no Parc-Monceau,] no Parc-Monceaux, [RP]
44: segredar, com uma convicção forte,] segredar [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Carmonde devorava o homenzinho com olhos que riam e que saboreavam, deliciosamente divertido. Eduardo, esse, escutava com a compostura pesada de um português antigo. E Mendibal, tendo posto ao lado sobre uma cadeira, com cuidados devotos, o ramo de cravos, desfiava as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se ali uma dessas admirações efervescentes, borbulhantes, que se não podem retrair, que trasbordam por toda a parte, mesmo por sobre as mesas dos cafés: onde quer que passasse, aquele homem iria deixando escorrer a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando água. Compreendi, desde que ele, com um prazer que lhe repuxava mais para fora o caroço da garganta, revelou que Madame Mendibal era francesa. Tínhamos ali portanto um fanatismo de preto pela graça loira duma parisiensezinha, picante em sedução e finura. Desde que compreendi, simpatizei. E o Argentino farejou em mim esta benevolência crítica — porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço, o mais decisivo, sobre as excelências de Madame: «Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por exemplo, o carinho com que ela cuidava da mamã (da mamã dele), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois era uma paciência, uma delicadeza, uma sujeição… De cair de joelhos! Então nos últimos dias a mamã andara tão rabugenta!… Madame Mendibal até emagrecera. De sorte que ele próprio, nesse domingo, lhe pedira que se fosse distrair, passar o dia a Versalhes, onde a mãe dela, Madame Jouffroy, habitava por economia. E agora viera

47: Carmonde devorava] Carmonde esquecera o charuto, devorando [RP]
47-48: riam e que saboreavam, deliciosamente divertido. Eduardo, esse,] riam e saboreavam, infinitamente divertido. Eduardo [RP]
49: compostura pesada] compostura grave [RP]
49: E] E o [RP]
50: lado] lado, [RP]
53: retrair, que] retrair e [RP]
54: passasse,] passasse [RP]
55: deixando escorrer] deixando exalar [RP]
60: graça] graça clara e [RP]
67: sujeição…] sujeição… Oh, [RP]
68: mamã andara tão] mamã aparecera tão excessivamente [RP]
69: até emagrecera.] até andava pálida. [RP]
71: viera] viera ele [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de a esperar na *gare* Saint-Lazare. Pois, senhores, todo o dia em Versalhes, a santa criatura estivera com cuidado na sogra, cheia de saudades da casa, numa ânsia de recolher. Nem lhe soubera bem a visita à mamã! A maior parte da tarde, e uma tarde tão linda, gastara-a a reunir aquele esplêndido ramo de cravos amarelos para lhe trazer, a ele!»

— É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não há senão uma francesa. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo príncipe de Gales. Eu não sei se o senhor é casado. Perdoe a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo: — Case com uma francesa, case com uma francesa!…

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e tocante. Como V. não vinha, fugidio Ramalho, dispersámos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu amoroso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece — o «formoso Chambray». Encontro Chambray no fundo duma poltrona, derreado e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem nesse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delícia. E, imediatamente, sem se conter, faz a confidência que lhe bailava impacientemente no sorriso e no olho humedecido.

Fora a Versalhes, com tenção de visitar os Fouquiers. No mesmo compartimento com ele ia uma mulher, *une grande et belle femme*. Corpo soberbo de Diana num vestido colante do Redfern. Cabelos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves. Dois solitários nas orelhas. Ser substancial, sólido, sem chumaços e sem blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente instalado na vida.

E, no meio desta respeitabilidade física e social, um jeito guloso de molhar os beiços a cada instante, vivamente, com a

72: Pois,] Pois [RP]
85: grotesco e] grotesco e mais ingenuamente [RP]
87: seu amoroso] seu extremoso [RP]
94: no olho] no olhar [RP]
96: compartimento com ele] compartimento, com ele, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ponta da língua… Chambray pensa consigo: — «Burguesa, trinta anos, sessenta mil francos de renda, temperamento forte, desapontamentos de alcova.» E apenas o comboio larga, toma o seu «grande ar Chambray», e dardeja à dama um desses olhares que eram outrora simbolizados pelas flechas de Cupido. Madame impassível. Mas, momentos depois, vem dentre as pálpebras um pouco pesadas, direito a Chambray (que vigiava de lado, por trás do *Figaro* aberto), um desses raios de luz indagadora que, como os da lanterna de Diógenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente tímida, sobre o calor de Paris. Ela concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a Écloga. Em Suresnes, Chambray já se senta na banqueta ao lado dela, fumando. Em Sèvres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repelida por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sítio de Viroflay que só ele conhece, recanto bucólico, de incomparável doçura, inacessível ao burguês. Depois, às duas horas tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar — arrebata-a moralmente, ou antes fisiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e máscula.

Ei-los no campo, com um aroma de seiva em redor, e a primavera e Satanás conspirando e soprando sobre Madame os seus bafos quentes. Chambray conhece à orla do bosque, junto da água, uma tavernola que tem as janelas encaixilhadas em madressilva. Porque não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomezinha alegre de ave solta no prado: e Satanás, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Acham lá, com efeito, uma instalação magistral: quarto fresco e silencioso, mesa posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e traindo a alcova. «Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque eles têm de partir pelo trem das duas horas» — tal é o brado sincero de Chambray!

131: janelas encaixilhadas] janelas frescamente encaixilhadas [RP]
134: alegre] alegre, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspiração genial — despe o casaco, abanca em mangas de camisa. É um rasgo de boémia e de liberdade, que a encanta, a excita, faz surgir a *garota* que há quase sempre no fundo da *matrona*. Atira também o chapéu, um chapéu de duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, e tem este grito de alma.

— *Ah oui, que c'est bon, de se desembêter!*

E depois, como dizem os espanhóis — *la mar*. O Sol, ao despedir-se da Terra por esse dia, deixou-os ainda em Viroflay; ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez à mesa, diante dum *beefsteak* reconfortante, como os acontecimentos pediam com urgência e lógica.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar à estação para tomar o trem de Paris. Ela aperta devagar as fitas de chapéu, apanha uma das flores da janela que mete no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e reter — e partem. Na estação, ao saltar para um compartimento diferente (por causa da chegada a Paris), Chambray num aperto de mão, já apressado e frouxo, suplica-lhe que ao menos lhe diga como se chama. Ela murmura — *Lucie*.

— E é tudo o que sei dela, conclui Chambray acendendo o charuto. E sei também que é casada porque na *gare* Saint-Lazare, à espera dela, e acompanhado por um trintanário sério, de casa burguesa, estava o marido… É um *rastacuero* cor de chocolate, com uma barbita rala, enorme pérola na gravata… Coitado, ficou encantado quando ela lhe deu um grande ramo de cravos amarelos que eu lhe mandara arranjar em Viroflay… Mulher deliciosa. Não há senão as francesas!

Que diz V. a estas coisas consideráveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é perfeito e não há

142-143: faz surgir] faz sair [RP]
150: dum *beefsteak*] dum *bifsteak* [RP]
150-151: pediam com urgência e lógica.] pediam muito logicamente [RP]
152: estação] estação, [RP]
163: *rastacuero*] *rastacuero,* [RP]
169: é perfeito] é delicioso [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nos espaços outro mais bem organizado. Porque note V. como, ao fim deste domingo de maio, todas estas três excelentes criaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um imenso prazer e uma imensa vaidade — os dois únicos resultados que ele conta na existência como proventos sólidos, e valendo o trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou diferente, que a desenervou, a desafogou, lhe permitiu reentrar mais acalmada na monotonia do seu lar, e ser útil aos seus com rediviva aplicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triunfal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Três ditosos, ao fim desse dia de primavera e de campo. E se daqui resultar um filho (o filho que o Argentino apetece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente gaulesas de Chambray, acresce, ao contentamento individual dos três, um lucro efetivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organizado.

Amigo fiel, que fielmente o espera à volta da Holanda — FRADIQUE.

170: como,] como [RP]
178: do seu] do [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VII

A MADAME DE JOUARRE

(Trad.)

Lisboa, março.

Minha querida madrinha. — Foi ontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu à memória estremunhada o juramento que lhe fiz no sábado de Páscoa em Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição dos *Deveres* de Cícero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em «descrições, notas, reflexões e panoramas», como se lê no subtítulo da *Viagem à Suíça* do seu amigo o Barão de Fernay, comendador de Carlos III e membro da Academia de Toulouse. Pois com tanta fidelidade cumpro eu os meus juramentos (quando feitos sobre a Moral de Cícero, e para regalo de quem reina na minha vontade) que, apenas o recordei, abri logo escancaradamente ambos os olhos para recolher «descrições, notas, reflexões e panoramas» desta terra que é minha e que *está a la disposición de usted*… Chegáramos a uma estação que

1: [*Na* Revista de Portugal *surge o título* Cartas de Fradique Mendes. As Cartas (1.ª série). *Não aparece a referência* (trad.).]

4: Lisboa, março] Lisboa, abril [RP]

11: notas, reflexões] notas, impressões [RP]

12: subtítulo da *Viagem à Suíça* do seu] subtítulo da *Constantinopla* do seu académico [RP]

13-14: de Fernay, comendador de Carlos III e membro da Academia de Toulouse.] de Fernay! [RP]

16: reina na minha vontade)] reina no meu coração) [RP]

18: notas, reflexões] notas, impressões [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

chamam de Sacavém — e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu país, através dos vidros húmidos do wagon, foi uma densa treva, donde mortiçamente surgiam aqui e além luzinhas remotas e vagas. Eram lanternas de faluas dormindo no rio: — e simbolizavam dum modo bem humilhante essas escassas e desmaiadas parcelas de verdade positiva que ao homem é dado descobrir no universal mistério do Ser. De sorte que tornei a cerrar resignadamente os olhos — até que, à portinhola, um homem de bonet de galão, com o casaco encharcado de água, reclamou o meu bilhete, dizendo *Vossa Excelência!* Em Portugal, boa madrinha, todos somos nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por *Excelência*.

Era Lisboa e chovia. Vínhamos poucos no comboio, uns trinta talvez — gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, que bem depressa atravessou a busca paternal e sonolenta da Alfândega, e logo se sumiu para a cidade sob a molhada noite de março.

No casarão soturno, à espera das bagagens sérias, fiquei eu, o Smith[1] e uma senhora esgrouviada, de óculos no bico, envolta numa velha capa de peles. Deviam ser duas horas da madrugada. O asfalto sujo do casarão regelava os pés.

Não sei quantos séculos assim esperámos, Smith imóvel, a dama e eu marchando desencontradamente e rapidamente para aquecer ao comprido do balcão de madeira, onde dois guardas de Alfândega, escuros como azeitonas, bocejavam com dignidade. Da porta do fundo, uma carreta, em que oscilava o montão da nossa bagagem, veio por fim rolando com pachorra. A dama de nariz de cegonha reconheceu logo a sua caixa de folha de Flandres, cuja tampa, caindo para trás, revelou aos meus olhos que observavam (em seu serviço, exigente madrinha!) um penteador sujo, uma boceta de doce, um livro de missa e dois ferros de

[1] O velho criado de quarto de Fradique Mendes. [*Nota do autor, em ambas as lições.*]

26: mistério] Mistério [RP]
33: talvez] talvez, [RP]
36: de março.] de abril [RP]
49-50: serviço, exigente madrinha!) um penteador sujo, uma boceta de doce,] serviço, adorável madrinha!) uma saia de xadrezinho azul, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

frisar. O guarda enterrou o braço através destas coisas íntimas, e com um gesto clemente declarou a Alfândega satisfeita. A dama abalou.

Ficámos sós, Smith e eu. Smith já arrebanhara a custo a minha bagagem. Mas faltava inexplicavelmente um saco de couro; e em silêncio, com a guia na mão, um carregador dava uma busca vagarosa através dos fardos, barricas, pacotes, velhos baús, armazenados ao fundo, contra a parede enxovalhada. Vi este digno homem hesitando pensativamente diante dum embrulho de lona, diante duma arca de pinho. Seria qualquer desses o saco de couro? Depois, descorçoado, declarou que positivamente nas nossas bagagens não havia nem couro nem saco. Smith protestava, já irritado. Então o capataz arrancou a guia das mãos inábeis do carregador, e recomeçou ele, com a sua inteligência superior de chefe, uma rebusca através das «arrumações», esquadrinhando zelosamente caixotes, vasilhas, pipos, chapeleiras, canastras, latas e garrafões… Por fim sacudiu os ombros, com indizível tédio, e desapareceu para dentro, para a escuridão das plataformas interiores. Passados instantes voltou, coçando a cabeça por baixo do bonet, cravando os olhos em roda, pelo chão vazio, à espera que o saco rompesse das entranhas deste globo desconsolador. Nada! Impaciente, encetei eu próprio uma pesquisa sôfrega através do casarão. O guarda da Alfândega, de cigarro colado ao beiço (bondoso homem!), deitava também aqui e além um olhar auxiliador e magistral. Nada! Repentinamente porém uma mulher de lenço vermelho na cabeça, que ali vadiava, naquela madrugada agreste, apontou para a porta da estação:

— Será aquilo, meu senhor?

Era! Era o meu saco, fora, no passeio, sob a chuvinha miúda. Não indaguei como ele se encontrava ali, sozinho, separado da bagagem a que estritamente o prendia o número de ordem estampado na guia em letras grossas — e reclamei uma tipoia. O carregador

57: fardos, barricas,] fardos, caixas, [RP]

66-67: zelosamente caixotes, vasilhas, pipos, chapeleiras, canastras, latas e garrafões…] zelosamente os caixotes, os embrulhos, os pipos, as chapeleiras… [RP]

75: Repentinamente porém uma mulher] Repentinamente, porém, uma mulher, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

atirou a jaleca para cima da cabeça, saiu ao largo, e recolheu logo anunciando com melancolia que não havia tipoias.

— Não há! Essa é curiosa! Então como saem daqui os passageiros?

O homem encolheu os ombros. «Às vezes havia, outras vezes não havia, era conforme calhava a sorte…» Fiz reluzir uma placa de cinco tostões, e supliquei àquele benemérito que corresse as vizinhanças da estação, à cata dum veículo qualquer com rodas, coche ou carroça, que me levasse ao conchego dum caldo e dum lar. O homem largou, resmungando. E eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e para o homem da Alfândega) a irregularidade daquele serviço. Em todas as estações do Mundo, mesmo em Túnis, mesmo na Romélia, havia, à chegada dos comboios, omnibus, carros, carretas, para transportar gente e bagagem… Porque não as havia em Lisboa? Eis aí um abominável serviço que desonrava a Nação!

O aduaneiro esboçou um movimento de desalento, como na plena consciência de que todos os serviços eram abomináveis, e a Pátria toda uma irreparável desordem. Depois para se consolar puxou com delícia o lume ao cigarro. Assim se arrastou um destes quartos de hora que fazem rugas na face humana.

Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, afirmando que não havia uma tipoia em todo o bairro de Santa Apolónia.

— Mas que hei de eu fazer? Hei de ficar aqui?

O capataz aconselhou-me que deixasse a bagagem, e na manhã seguinte, com uma carruagem certa (contratada talvez por escritura), a viesse recolher «muito a meu contento». Essa separação porém não convinha ao meu conforto. Pois nesse caso ele não

84: anunciando com melancolia] anunciando [RP]
85: curiosa!] curiosa! E [RP]
87: «Às] Às [RP]
88: calhava a sorte…»] calhava. — [RP]
90: qualquer] qualquer, [RP]
97-98: Lisboa? Eis aí um abominável serviço que desonrava a Nação!] Lisboa? Abominável serviço! [RP]
100-101: e a Pátria toda] e o mundo todo [RP]
105: havia uma tipoia em todo o bairro de Santa Apolónia.] havia em todo o bairro uma tipoia. [RP]
109-110: contento». Essa separação porém] contento». Isso [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

via solução, a não ser que por acaso alguma caleche, tresnoitada e tresmalhada, viesse a cruzar por aquelas paragens.

Então, à maneira de náufragos numa ilha deserta do Pacífico, todos nos apinhámos à porta da estação, esperando através da treva a vela — quero dizer a sege salvadora. Espera amarga, espera estéril! Nenhuma luz de lanterna, nenhum rumor de rodas, cortaram a mudez daqueles ermos.

Farto, inteiramente farto, o capataz declarou que «iam dar três horas, e ele queria fechar a estação!» E eu? Ia eu ficar ali na rua, amarrado, sob a noite agreste, a um montão de bagagens intransportável? Não! Nas entranhas do digno capataz decerto havia melhor misericórdia. Comovido, o homem lembrou outra solução. E era que nós, eu e o Smith, ajudados por um carregador — atirássemos a bagagem para as costas, e marchássemos com ela para o Hotel. Com efeito este parecia ser o único recurso aos nossos males. Todavia (tanto costas amolecidas por longos e deleitosos anos de civilização repugnam a carregar fardos, e tão tenaz é a esperança naqueles a quem a sorte se tem mostrado amorável) eu e o Smith ainda uma vez saímos ao largo, mudos, sondando a escuridão, com o ouvido inclinado ao lajedo, a escutar ansiosamente se ao longe, muito ao longe, não sentiríamos rolar para nós o calhambeque da Providência. Nada, desoladamente nada, na sombra avara!… A minha querida madrinha, seguindo estes lances, deve ter já lágrimas a bailar nas suas compassivas pestanas. Eu não chorei — mas tinha vergonha, uma imensa e pungente vergonha do Smith! Que pensaria aquele escocês da minha pátria — e de mim, seu amo, parcela dessa pátria desorganizada?

113: deserta do Pacífico,] deserta, [RP]
115: Espera amarga,] Espera longa, [RP]
116: de rodas,] de roda, [RP]
117: mudez daqueles ermos.] mudez daquelas solidões! [RP]
121: intransportável? Não!] intransportável? Não havia pois piedade [RP]
121-122: digno capataz decerto havia melhor misericórdia.] digno capataz? [RP]
128-129: esperança naqueles a quem a sorte se tem mostrado amorável)] esperança no peito do desditoso!) [RP]
130: a escuridão,] a treva, [RP]
130-131: escutar ansiosamente] escutar [RP]
134: nas suas compassivas] nas [RP]
136: Smith!] Smith. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nada mais frágil que a reputação das nações. Uma simples tipoia que falta de noite, e eis, no espírito do Estrangeiro, desacreditada toda uma civilização secular!

No entanto o capataz fervia. Eram três horas (mesmo três e um quarto), e ele queria fechar a estação! Que fazer? Abandonámo-nos, suspirando, à decisão do desespero. Agarrei o estojo de viagem e o rolo de mantas: Smith deitou aos seus respeitáveis ombros, virgens de cargas, uma grossa maleta de couro: o carregador gemeu sob a enorme mala de cantoneiras de aço. E (deixando ainda dois volumes para ser recolhidos de dia) começámos, sombrios e em fila, a trilhar *à pata* a distância que vai de Santa Apolónia ao Hotel de Braganza! Poucos passos adiante, como o estojo de viagem me derreava o braço, atirei-o para as costas… E todos três, de cabeça baixa, o dorso esmagado sob dezenas de quilos, com um intenso azedume a estragar-nos o fígado, lá continuámos, devagar, numa fileira soturna, avançando para dentro da capital destes reinos! Eu viera a Lisboa com um fim de repouso e de luxo. Este era o luxo, este o repouso! Ali, sob a chuvinha impertinente, ofegando, suando, tropeçando no lajedo mal junto de uma rua tenebrosa, a trabalhar de carrejão!…

Não sei quantas eternidades gastámos nesta via dolorosa. Sei que de repente (como se a trouxesse, à rédea, o anjo da nossa guarda) uma caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negrume duma viela. Três gritos, sôfregos e desesperados, estacaram a parelha. E, à uma, todas as malas rolaram em catadupa sobre o calhambeque, aos pés do cocheiro, que, tomado de assalto e de assombro, ergueu o chicote, praguejando com furor. Mas serenou, compreendendo a sua espantosa omnipotência — e declarou que ao Hotel de Braganza (uma distância pouco maior que toda a Avenida dos Campos Elísios) não me podia levar por menos de *três mil réis*. Sim, minha madrinha, *dezoito francos*! Dezoito francos em metal, prata ou ouro, por uma corrida, nesta Idade

141: capataz fervia.] capataz resmungava. [RP]
146: de cantoneiras] de cantoeiras [RP]
147: volumes] volumes, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

democrática e industrial, depois de todo o penoso trabalho das Ciências e das Revoluções para igualizarem e embaratecerem os confortos sociais. Trémulo de cólera, mas submisso como quem cede à exigência dum trabuco, enfiei para a tipoia — depois de me ter despedido com grande afeto do carregador, camarada fiel da nossa trabalhosa noite.

Partimos enfim, num galope desesperado. Daí a momentos estávamos assaltando a porta adormecida do Hotel de Braganza com repiques, clamores, punhadas, cócegas, injúrias, gemidos, todas as violências e todas as seduções. Debalde! Não foi mais resistente ao belo cavaleiro Percival o portão de ouro do palácio da Ventura! Finalmente o cocheiro atirou-se a ela aos couces. E, decerto por compreender melhor esta linguagem, a porta, lenta e estremunhada, rolou nos seus gonzos! Graças te sejam, meu Deus, pai inefável! Estamos enfim sob um teto, no meio dos tapetes e estuques do Progresso, ao cabo de tão bárbara jornada. Restava pagar o batedor. Vim para ele com acerba ironia:

— Então, são três mil réis?

À luz do vestíbulo, que me batia a face, o homem sorria. E que há de ele responder, o malandro sem par?

— Aquilo era por dizer… Eu não tinha conhecido o sr. D. Fradique… Lá para o sr. D. Fradique é o que quiser.

Humilhação incomparável! Senti logo não sei que torpe enternecimento que me amolecia o coração. Era a bonacheirice, a relassa fraqueza que nos enlaça a todos nós portugueses, nos enche de culpada indulgência uns para os outros, e irremediavelmente estraga entre nós toda a Disciplina e toda a Ordem. Sim, minha

170-173: nesta Idade democrática e industrial, depois de todo o penoso trabalho das Ciências e das Revoluções para igualizarem e embaratecerem os confortos sociais.] nesta nossa democrática Idade! [RP]

179: repiques, clamores, punhadas, cócegas, injúrias, gemidos,] repiques de sineta, apelos de voz, punhadas, bengaladas, injúrias, suspiros, [RP]

181: cavaleiro Percival] cavaleiro Alandor [RP]

181: ouro] oiro [RP]

183-184: decerto por compreender melhor esta linguagem, a porta, lenta e estremunhada,] decerto porque compreendera melhor «esta linguagem» a porta lenta e estremunhada [RP]

184: sejam,] sejam dadas, [RP]

185-186: dos tapetes e estuques] dos confortos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cara madrinha… Aquele bandido conhecia o sr. D. Fradique. Tinha um sorriso brejeiro e serviçal. Ambos éramos portugueses. Dei uma libra àquele bandido!

E aqui está, para seu ensino, a verídica maneira por que se entra, no último quartel do século XIX, na grande cidade de Portugal. Todo seu, aquele que longe de si sempre pena — FRADIQUE.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VIII

AO SR. E. MOLLINET

Diretor da *Revista de Biografia e de História*

Paris, setembro.

Meu caro sr. Mollinet. — Encontrei ontem à noite, ao voltar de Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biografia e de História*, me pergunta quem é este meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e amargamente carpida nos jornais de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras, ou que fundações, ou que livros, ou que ideias, ou que acréscimo na civilização portuguesa deixou esse Pacheco, seguido ao túmulo por tão sonoras, reverentes lágrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como num resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu país nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma ideia. Pacheco era entre nós superior e ilustre unicamente porque *tinha um imenso talento*. Todavia, meu caro sr. Mollinet, este talento, que duas gerações tão soberbamente aclamaram, nunca

8: é este meu] é esse meu [RP]
9: vasta e amargamente] vasta e fundamente [RP]
11: fundações,] fundações, ou que indústrias, [RP]
12: Pacheco,] Pacheco [RP]
13: sonoras, reverentes] sonoras [RP]
17: nós superior e ilustre unicamente] nós uma alta ilustração nacional, unicamente [RP]
18: *talento.*] *talento.* Como Pacheco fora sempre baixo e miúdo, corria mesmo no reino a voz de que *todo aquele talento não podia caber naquele corpo!* [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

deu, da sua força, uma manifestação positiva, expressa, visível! O talento imenso de Pacheco ficou sempre calado, recolhido, nas profundidades de Pacheco! Constantemente ele atravessou a vida por sobre eminências sociais: Deputado, Diretor-Geral, Ministro, Governador de bancos, Conselheiro de Estado, Par, Presidente do Conselho — Pacheco tudo foi, tudo teve, neste país que, de longe e a seus pés, o contemplava, assombrado do seu imenso talento. Mas nunca, nestas situações, por proveito seu ou urgência do Estado, Pacheco teve necessidade de deixar sair, para se afirmar e operar fora, aquele imenso talento que lá dentro o sufocava. Quando os amigos, os partidos, os jornais, as repartições, os corpos coletivos, a massa compacta da Nação murmurando em redor de Pacheco *«que imenso talento!»* o convidavam a alargar o seu domínio e a sua fortuna — Pacheco sorria, baixando os olhos sérios por trás dos óculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu imenso talento aferrolhado dentro do crânio como no cofre dum avaro. E esta reserva, este sorrir, este lampejar dos óculos, bastavam ao país que neles sentia e saboreava a resplandecente evidência do talento de Pacheco.

18-20: sr. Mollinet, este talento, que duas gerações tão soberbamente aclamaram, nunca deu, da sua força, uma manifestação positiva, expressa, visível!] sr. Mollinet, grande como era, e assim entalado e comprimido num invólucro tão peco e piorra, esse talento nunca transbordou. Nunca! [RP]

21-22: sempre calado, recolhido, nas profundidades de Pacheco!] sempre lá dentro, no fundo escuro de Pacheco. [RP]

23-25: sociais: Deputado, Diretor-Geral, Ministro, Governador de bancos, Conselheiro de Estado, Par, Presidente do Conselho — Pacheco] sociais: deputado, diretor-geral, ministro, governador de bancos, conselheiro de estado, par, presidente do conselho, Pacheco [RP]

25: teve neste] teve nesse [RP]

26: contemplava, assombrado] contemplava, espantado [RP]

27: nunca, nestas situações, por proveito seu] nunca, em situação alguma, por proveito próprio [RP]

31: Nação murmurando] nação murmurava, [RP]

32-34: Pacheco *«que imenso talento!»* o convidavam a alargar o seu domínio e a sua fortuna — Pacheco sorria, baixando os olhos sérios] Pacheco — *«que imenso talento!»* — Pacheco, sorria, baixando os olhos baços [RP]

36: talento aferrolhado dentro do crânio como no cofre dum avaro.] talento avaramente aferrolhado dentro do crânio. [RP]

37-38: E esta reserva, este sorrir, este lampejar dos óculos, bastavam ao país que neles sentia e saboreava a resplandecente] E isto bastava ao país, que, nesse sorrir, nesse lampejar dos óculos, nessa tenebrosa reserva, sentia a resplandecente [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de Direito Natural, na manhã em que Pacheco, desdenhando a *Sebenta*, assegurou que «o século XIX era um século de progresso e de luz». O curso começou logo a pressentir e a afirmar, nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta admiração cada dia crescente do curso, comunicando-se, como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionáveis às classes raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um *prémio* no fim do ano. A fama desse talento alastrou então por toda a Academia — que, vendo Pacheco sempre pensabundo, já de óculos, austero nos seus passos, com praxistas gordos debaixo do braço, percebia ali um grande espírito que se concentra e se retesa todo em força íntima. Esta geração académica, ao dispersar, levou pelo país, até os mais sertanejos burgos, a notícia do imenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Trás-os-Montes, em lojas palreiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com respeito, com esperança: — «Parece que há agora aí um rapaz de imenso talento que se formou, o Pacheco!»

Pacheco estava maduro para a representação nacional. Veio ao seu seio — trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira, com dispêndios e manhas, apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na estrelada noite de dezembro em que ele, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá e torradas, se sussurrou pelas mesas, com curiosidade: — «É o Pacheco, rapaz de imenso talento!» E desde que as Câmaras se constituíram, todos os olhares, os do governo e os da oposição, se começaram a voltar com insistência, quase com ansiedade, para Pacheco, que, na ponta duma bancada,

41: Pacheco, desdenhando a *Sebenta,* assegurou] Pacheco afirmou [RP]
43: a pressentir e a afirmar] a pressentir, e a afirmar [RP]
48: Academia] academia [RP]
49: sempre pensabundo] sempre silencioso [RP]
49-50: óculos, austero nos seus passos, com praxistas] óculos, grave nos seus passos, com tomos [RP]
50: braço, percebia] braço, sentia [RP]
59: seio —] seio [RP]
59-60: conseguira, com dispêndios e manhas,] conseguira com dispendiosas manhas [RP]
61: na estrelada noite de dezembro] na primeira noite [RP]
62: chá e torradas,] chá, [RP]
64: as Câmaras] as câmaras [RP]
65: com insistência,] com frequência, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

conservava a sua atitude de pensador recluso, os braços cruzados sobre o colete de veludo, a fronte vergada para o lado como sob o peso das riquezas interiores, e os óculos a faiscar… Finalmente uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da Coroa, Pacheco teve um movimento como para atalhar um padre zarolho que arengava sobre a «liberdade». O sacerdote imediatamente estacou com deferência; os taquígrafos apuraram vorazmente a orelha: e toda a Câmara cessou o seu desafogado sussurro, para que, num silêncio condignamente majestoso, se pudesse pela vez primeira produzir o imenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco não prodigalizou desde logo os seus tesouros. De pé, com o dedo espetado (jeito que foi sempre muito seu), Pacheco afirmou num tom que traía a segurança do pensar e do saber íntimo: — «que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a autoridade!» Era pouco, decerto: — mas a câmara compreendeu bem que, sob aquele curto resumo, havia um mundo, todo um formidável mundo, de ideias sólidas. Não volveu a falar durante meses — mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisível e inacessível se conservava lá dentro, no fundo, no rico e povoado fundo do seu ser. O único recurso que restou então aos devotos desse imenso talento (que já os tinha, incontáveis) foi contemplar a testa de Pacheco — como se olha para o céu pela certeza que Deus está por trás, dispondo. A testa de Pacheco oferecia uma superfície escanteada, larga e lustrosa. E muitas vezes, junto dele, Conselheiros e Diretores-Gerais balbuciavam maravilhados: — «Nem é necessário mais! Basta ver aquela testa!»

67: pensador recluso,] pensador concentrado, [RP]

68: colete de veludo, a fronte] colete, a fronte um pouco [RP]

71-72: movimento como para atalhar um padre zarolho que arengava sobre a «liberdade».] movimento, como para interromper um padre zarolho que falava «da liberdade». [RP]

74: a Câmara] a câmara [RP]

77: logo] logo todos [RP]

81: câmara compreendeu] câmara percebeu [RP]

85: dentro, no fundo, no rico e povoado fundo] dentro, muito fundo, nas recônditas regiões [RP]

89: trás, dispondo.] por trás. [RP]

90: escanteada, larga e lustrosa.] escanteada e larga. [RP]

90-91: Conselheiros e Diretores-Gerais balbuciavam maravilhados:] conselheiros e diretores-gerais balbuciavam com respeito: [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Pacheco pertenceu logo às principais comissões parlamentares. Nunca porém acedeu a relatar um projeto, desdenhoso das especialidades. Apenas às vezes, em silêncio, tomava uma nota lenta. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma ideia geral sobre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia aqui a evidente atitude dum imenso talento que (como segredavam os seus amigos, piscando o olho com finura) «está à espera, lá em cima, a pairar». Pacheco mesmo, de resto, ensinava (esboçando, com a mão gorda, o voar superior duma asa por sobre o arvoredo copado) que o «talento verdadeiro só devia conhecer as coisas *pela rama*».

Este imenso talento não podia deixar de socorrer os conselhos da Coroa. Pacheco, numa recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi Ministro: — e imediatamente se percebeu que maciça consolidação viera dar ao Poder o imenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da Marinha) Pacheco não fez durante os longos meses de gerência «absolutamente nada», como insinuaram três ou quatro espíritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro deste regime, a nação deixou de curtir inquietações e dúvidas sobre o nosso Império Colonial. Porquê? Porque sentia que finalmente os interesses supremos desse Império estavam confiados a um imenso talento, ao talento imenso de Pacheco.

95-96: nota lenta.] nota. [RP]

98: Havia aqui] Havia neste refolho [RP]

99: (como segredavam] (como diziam [RP]

100-103: a pairar». Pacheco mesmo, de resto, ensinava (esboçando, com a mão gorda, o voar superior duma asa por sobre o arvoredo copado) que o «talento, verdadeiro só devia conhecer as coisas *pela rama*».] a pairar». [RP]

104: deixar de socorrer os] deixar de entrar nos [RP]

106: foi Ministro: —] foi ministro: — [RP]

107: viera dar ao Poder] viera subitamente dar ao governo [RP]

108: da Marinha)] da marinha) [RP]

112: de curtir] de ter [RP]

113-114: que finalmente os interesses supremos] que pela primeira vez os interesses [RP]

114-115: um imenso talento, ao talento imenso de Pacheco.] um verdadeiro talento, ao imenso talento de Pacheco. [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nas cadeiras do governo, Pacheco rarissimamente surdia do seu silêncio repleto e fecundo. Às vezes porém, quando a oposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lápis: — e esta nota, traçada com saber e maduríssimo pensar, bastava para perturbar, acuar a oposição. É que o imenso talento de Pacheco terminara por inspirar, nas câmaras, nas comissões, nos centros, um terror disciplinar! Ai desse sobre quem viesse a desabar com cólera aquele talento imenso! Certa lhe seria a humilhação irresgatável! Assim dolorosissimamente o experimentou o pedagogista que um dia se arrojou a acusar o sr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a Instrução do país! Nenhuma incriminação podia ser mais sensível àquele imenso espírito que, na sua frase lapidária e suculenta, ensinara que «um povo sem o curso dos liceus é um povo incompleto». Espetando o dedo (jeito sempre tão seu) Pacheco esborrachou o homem temerário com esta coisa tremenda: — «Ao ilustre deputado que me censura só tenho a dizer que enquanto, sobre questões de Instrução Pública, S. Ex.ª, aí nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nesta cadeira, faço luz!» — Eu estava lá, nesse esplêndido momento, na galeria. E não me recordo de ter jamais ouvido, numa assembleia humana, uma tão apaixonada e fervente rajada de aclamações! Creio que foi daí a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Tiago.

O imenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalável apoio esse imenso

116: do governo,] do poder, [RP]
116-117: rarissimamente surdia do seu silêncio repleto e fecundo.] rarissimamente saía do seu silêncio pensativo e fecundo. [RP]
119: com saber] com lentidão [RP]
122: terror disciplinar! Ai desse] terror salutar! Ai do mesquinho [RP]
125: o pedagogista que um dia se arrojou a] o moço petulante, que um dia ousou [RP]
126: a Instrução] a instrução [RP]
127: Nenhum incriminação] Nenhum ataque [RP]
128: lapidária e suculenta,] lapidária e cristalina, [RP]
129-130: Espetando o dedo] Com o dedo espetado [RP]
130: Pacheco esborrachou o homem] Pacheco replicou ao moço [RP]
131-132: que me censura só] que me acusa só [RP]
133: S. Ex.ª, aí nessas bancadas,] S. Ex.ª aí nessas bancadas [RP]
133: eu, aqui nesta cadeira,] eu aqui nesta cadeira [RP]
134: nesse esplêndido momento] nesse grande momento [RP]
136: tão apaixonada e fervente] tão comovida e apaixonada [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

talento dava às instituições que servia, todas o apeteceram. Pacheco começou a ser um Diretor universal de Companhias e de Bancos. Cobiçado pela Coroa, penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou avidamente que Pacheco fosse seu Chefe. Mas os outros partidos cada dia se socorriam com submissa reverência do seu imenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a Nação.

À maneira que ele assim envelhecia, e crescia em influência e dignidades, a admiração pelo seu imenso talento chegou a tomar no país certas formas de expressão só próprias da religião e do amor. Quando ele foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito com unção, reviravam o branco do olho ao céu, para murmurar piamente: — «Que talento!» E havia amorosos que, cerrando os olhos e repenicando um beijo nas pontas apinhadas dos dedos, balbuciavam com langor: — «Ai! que talento!» E, para que o esconder? Outros havia, a quem aquele imenso talento amargamente irritava, como um excessivo e desproporcional privilégio. A esses ouvi eu bradar com furor, atirando patadas ao chão: — «Irra, que é ter talento de mais!» Pacheco no entanto já não falava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrarei a sua incomparável carreira. Basta que o meu caro sr. Mollinet percorra os nossos anais. Em todas as

141: Diretor] diretor [RP]
142-143: Bancos. Cobiçado pela Coroa, penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou avidamente] Bancos. Na primeira vaga penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou unanimamente [RP]
144: Chefe.] chefe [RP]
145: submissa reverência] submissa veneração [RP]
146: a Nação.] a nação. [RP]
149: expressão só] expressão — só [RP]
151: peito com unção,] peito, com unção, e [RP]
152: céu,] céu [RP]
152-153: havia amorosos] havia namorados [RP]
153: olhos e] olhos enlanguecidos, [RP]
154: pontas apinhadas] pontas juntas [RP]
154: balbuciavam com langor] balbuciavam a desfalecer de voluptuosidade [RP]
155: E, para] E para [RP]
156: talento] talento, como um excessivo e desproporcional privilégio, [RP]
157: eu bradar] eu exclamar [RP]
159: Pacheco [*Na* RP *faz-se parágrafo neste ponto.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

instituições, reformas, fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Portugal todo, moral e socialmente, está repleto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decerto, o seu talento era imenso! Mas imenso se mostrou o reconhecimento da sua pátria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro, e ajustadissimamente se completavam. Sem Portugal — Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco — Portugal não seria o que é entre as nações!

A sua velhice ofereceu um caráter augusto. Perdera o cabelo radicalmente. Todo ele era testa. E mais que nunca revelava o seu imenso talento — mesmo nas mínimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo ele Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de Arrôdes, alguém, com fervor, apeteceu conhecer o que S. Ex.ª pensava de Cánovas del Castillo. Silenciosamente, magistralmente, sorrindo apenas, S. Ex.ª deu com a mão grave, de leve, um corte horizontal no ar. E foi em torno um murmúrio de admiração, lento e maravilhado. Naquele gesto quantas coisas subtis, fundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgravatar, interpretei-o deste modo: «medíocre, meia-altura, o sr. Cánovas!» Porque, note o meu caro sr. Mollinet como aquele talento, sendo tão vasto — era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou; — quero dizer, S. Ex.ª morreu, quase repentinamente, sem sofrimento, no começo deste duro inverno. Ia ser justamente criado marquês de Pacheco. Toda a Nação o chorou com infinita dor. Jaz no Alto de S. João, sob um mausoléu, onde

165: Decerto,] Decerto [RP]
168: e ajustadissimamente] e formosamente [RP]
171-172: cabelo radicalmente.] cabelo completamente. [RP]
175-176: alguém, com fervor, apeteceu conhecer o] alguém lhe perguntou reverentemente o [RP]
176: Cánovas del Castillo] Cánovas d'el Castillo [RP]
176-177: Silenciosamente, magistralmente,] Magistralmente, silenciosamente, [RP]
177-178: a mão grave, de leve, um] a mão um ligeiro [RP]
179-180: subtis, fundamente pensadas] subtis, profundamente pensadas [RP]
181: modo:] modo: — [RP]
184: Rebentou;] Rebentou [RP]
186: a Nação] a nação [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por sugestão do senhor conselheiro Acácio (em carta ao *Diário de Notícias*) foi esculpida uma figura de *Portugal chorando o Génio*.

Meses depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viúva, em Sintra, na casa do dr. Videira. É uma mulher (asseguram amigos meus) de excelente inteligência e bondade. Cumprindo um dever de português, lamentei, diante da ilustre e afável senhora, a perda irreparável que era sua e da pátria. Mas quando, comovido, aludi ao imenso talento de Pacheco, a viúva de Pacheco ergueu, num brusco espanto, os olhos que conservara baixos — e um fugidio, triste, quase apiedado sorriso arregaçou-lhe os cantos da boca pálida… Eterno desacordo dos destinos humanos! Aquela mediana senhora nunca compreendera aquele imenso talento! Creia-me, meu caro sr. Mollinet, seu dedicado — FRADIQUE.

189: uma] uma sublime [RP]
191: (asseguram amigos] (dizem amigos [RP]
192: de excelente] de singular [RP]
195-196: ergueu, num brusco espanto,] ergueu bruscamente, espantados, [RP]
196-197: fugidio, triste, quase apiedado] fugidio, estranho, frio e triste [RP]
197-198: boca pálida…] boca fina!… [RP]
198: Aquela mediana] Aquela pobre [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IX

A CLARA…

(Trad.)

Paris, junho.

Minha adorada amiga. — Não, não foi na *Exposição dos Aguarelistas*, em março, que eu tive consigo o meu primeiro encontro, por mandado dos Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga, no baile dos Tressans. Foi aí que a vi, conversando com Madame de Jouarre, diante duma console, cujas luzes, entre os molhos de orquídeas, punham nos seus cabelos aquele nimbo de ouro que tão justamente lhe pertence como «rainha de graça entre as mulheres». Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir cansado, o vestido preto com relevos cor de botão de ouro, o leque antigo que tinha fechado no regaço. Passei; mas logo tudo em redor me pareceu irreparavelmente enfadonho e feio; e voltei a readmirar, a *meditar* em silêncio a sua beleza, que me prendia pelo esplendor

2: [*Na* Gazeta de Notícias *surge apenas o título* QUATRO CARTAS DE AMOR. A CLARA]
4: Paris, junho] [*Sem data na* GN]
5: Não, não] Não [GN]
7: mandado dos Fados.] mandado das fadas. [GN]
9: diante duma] diante de uma [GN]
12: Lembro ainda,] Lembro ainda, e [*Abertura de parágrafo na* GN]
14: Passei; mas] Passei — mas [GN]
15: feio;] feio: [GN]
15: voltei a readmirar,] voltei, a readmirar e [GN]
16: silêncio a] silêncio essa [GN]
16: pelo] pelo seu [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

patente e compreensível, e ainda por não sei quê de fino, de espiritual, de dolente e de meigo que brilhava através e vinha da alma. E tão intensamente me embebi nessa contemplação, que levei comigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabelos ou uma ondulação da seda que a cobria, e corri a encerrar-me com ela, alvoroçado, como um artista que nalgum escuro armazém, entre poeira e cacos, descobrisse a Obra sublime dum Mestre perfeito.

E, porque o não confessarei? Essa imagem foi para mim, ao princípio, meramente um Quadro, pendurado no fundo da minha alma, que eu a cada doce momento olhava — mas para lhe louvar apenas, com crescente surpresa, os encantos diversos de Linha e de Cor. Era somente uma rara tela, posta em sacrário, imóvel e muda no seu brilho, sem outra influência mais sobre mim que a duma forma muito bela que cativa um gosto muito educado. O meu ser continuava livre, atento às curiosidades que até aí o seduziam, aberto aos sentimentos que até aí o solicitavam; — e só quando sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o desejo novo duma ocupação mais pura, regressava à Imagem que em mim guardava, como um Fra Angelico, no seu claustro, pousando os

17: não sei quê] *não sei quê* [GN]
17-18: de espiritual,] de intelectual, [GN]
19: contemplação,] contemplação [GN]
21: fio dos seus cabelos ou uma ondulação da seda que a cobria,] fio de seus cabelos, [GN]
22: alvoroçado, como um] alvoroçado, enlevado, como o [GN]
22-23: que nalgum escuro armazém, entre poeira e cacos,] que no escuro e no pó dum velho armazém [GN]
23: Obra] obra [GN]
24: Mestre] mestre [GN]
25: E,] E [GN]
26: Quadro,] quadro [GN]
28-29: Linha e de Cor.] linha e de cor. [GN]
29: Era somente uma rara tela, posta em sacrário,] Era apenas uma rara tela que permanecia no retiro de minha alma, [GN]
30-31: mais sobre mim que a duma] mais, sobre mim, que a de uma [GN]
32: ser] ser, porém, [GN]
34: sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o] sentia uma fadiga nunca antes sentida, ou quando nele surgia o [GN]
35: pura, regressava à Imagem que em mim] pura, voltava a admirar a imagem que em si [GN]
36: como um Fra Angelico,] como Fra Angelico [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pincéis ao fim do dia, e ajoelhando ante a Madona a implorar dela repouso e inspiração superior.

Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação perdeu para mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais retirado no fundo da minha alma, perdido na admiração da Imagem que lá rebrilhava — até que só essa ocupação me pareceu digna da vida, no mundo todo não reconheci mais que uma aparência inconstante, e fui como um monge na sua cela, alheio às coisas mais reais, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para ele a única realidade.

Mas não era, minha adorada amiga, um pálido e passivo êxtase diante da sua Imagem. Não! era antes um ansioso e forte estudo dela, com que eu procurava conhecer através da Forma a Essência, e (pois que a Beleza é o esplendor da Verdade) deduzir das perfeições do seu Corpo as superioridades da sua Alma. E foi assim que lentamente surpreendi o segredo da sua natureza; a sua clara testa que o cabelo descobre, tão clara e lisa, logo me contou a retidão do seu pensar: o seu sorriso, duma nobreza tão intelectual, facilmente me revelou o seu desdém do mundanal e do efémero, a sua incansável aspiração para um viver de verdade

37: dia, e ajoelhando ante] dia, ajoelhava ante [GN]
38: repouso e] repouso ou [GN]
39: contemplação] contemplação excelente [GN]
41: perdido na admiração da Imagem] perdido no enlevo da imagem [GN]
43-44: vida, no mundo todo não reconheci mais que uma aparência inconstante,] vida, o mundo todo se me tornou uma aparência errante, [GN]
47: Mas não era, minha adorada amiga, um pálido] Não era porém em mim, um simples [GN]
48: Imagem.] imagem. [GN]
48-49: ansioso e forte estudo dela, com] ansioso estudo dela, em [GN]
49-50: Forma a Essência,] forma, a essência [GN]
50: Beleza] beleza [GN]
50: Verdade] verdade [GN]
51: Corpo] corpo [GN]
51: Alma.] alma. [GN]
52-53: segredo da sua natureza; a sua clara] segredo do seu ser. Logo essa sua [GN]
53-54: me contou] me provou, sem erro, [GN]
54-55: sorriso, duma nobreza tão intelectual,] sorriso, tão fino e como espiritual, [GN]
55-56: do mundanal e do] do que é mundano e [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e de beleza: cada graça de seus movimentos me traiu uma delicadeza do seu gosto: e nos seus olhos diferencei o que neles tão adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz que melhor aquece, calor que melhor alumia… Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, numa adoração perpétua, os joelhos mais rebeldes. Mas sucedeu ainda que, ao passo que a compreendia e que a sua Essência se me manifestava, assim visível e quase tangível, uma influência descia dela sobre mim — uma influência estranha, diferente de todas as influências humanas, e que me dominava com transcendente omnipotência. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cela, comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a Santa a que me votara. Fiz então sobre mim um áspero exame de consciência. Investiguei com inquietação se o meu pensar era condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria desconcertos que pudessem ferir a disciplina do seu gosto; se a minha ideia da vida era tão alta e séria como aquela que eu pressentira na espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o meu coração não se dispersara e enfraquecera de mais para poder palpitar com paralelo vigor junto do seu coração. E tem sido

56-57: sua incansável aspiração para um viver de verdade e de beleza:] sua aspiração para um viver sempre mais nobre e mais belo: [GN]

57: graça de] graça dos [GN]

58-60: tão adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz que melhor aquece, calor que melhor alumia…] tão subtilmente se confunde, a luz serena e toda da inteligência, o calor forte e todo do coração… [GN]

61: dobrar, numa adoração perpétua,] dobrar [GN]

62: que a] que eu a [GN]

63: Essência] essência [GN]

63: manifestava, assim] manifestava, [GN]

64: influência descia] influência desceu [GN]

64-65: mim — uma influência estranha,] mim, estranha transcendente, [GN. *Provavelmente:* estranha e transcendente]

66: me dominava com transcendente omnipotência.] me dominou omnipotentemente. [GN]

67: Monge] [GN *abre parágrafo.*]

68: para me harmonizar e merecer a convivência com] para ficar em harmonia e ser merecedor de conviver com [GN]

69: um áspero] um duro [GN]

71-72: haveria desconcertos] haveria desvios [GN]

72: a disciplina] a infalibilidade [GN]

73-74: eu pressentira] eu reconhecera [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

em mim agora um arquejante esforço para subir a uma perfeição idêntica àquela que em si tão submissamente adoro.

De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha educadora. E tão dependente fiquei logo desta direção, que já não posso conceber os movimentos do meu ser senão governados por ela e por ela enobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, ideia ou sentimento, é obra dessa educação que a sua alma dá à minha, de longe, só com existir e ser compreendida. Se hoje me abandonasse a sua influência — devia antes dizer, como um asceta, a sua Graça — todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois como se me tornou necessária e preciosa… E considere que, para exercer esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas — bastou que eu a avistasse de longe, numa festa, resplandecendo. Assim um arbusto silvestre floresce à borda dum fosso, porque lá em cima nos remotos céus fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto aroma… Por isso o meu amor atinge esse sentimento indescrito e sem nome que a Planta, se tivesse consciência, sentiria pela Luz.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo, nenhum bem imploro de quem tanto pode e é

77: um arquejante] um tumultuoso [GN]
80: minha educadora] minha suprema educação. [GN]
81-82: senão governados por ela e por ela enobrecidos.] senão por ela governados. [GN]
83: mim de algum] mim dalgum [GN]
85: hoje me abandonasse] hoje se retirasse de mim [GN]
86: Graça] graça [GN]
88: E [GN *abre parágrafo.*]
89-90: salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas — bastou que eu a avistasse] salvadora, não foi preciso que descesse junto de mim, e que as suas mãos tocassem as minhas — mas bastou que eu a visse [GN]
91: Assim um arbusto] Assim uma planta [GN]
92: fosso,] fosso [GN]
92-94: cima nos remotos céus fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto] cima, nos remotos céus, um grande sol que não a vê, não a conhece, e magnanimamente a faz desabrochar e dar [GN]
96: Planta] planta [GN]
96: consciência, sentiria] consciência, devia sentir [GN]
96: Luz.] luz. [GN]
97: que,] que [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

para mim dona de todo o bem. Só desejo que me deixe viver sob essa influência, que, emanando do simples brilho das suas perfeições, tão fácil e docemente opera o meu aperfeiçoamento. Só peço esta permissão caridosa. Veja pois quanto me conservo distante e vago, na esbatida humildade duma adoração que até receia que o seu murmúrio, um murmúrio de prece, roce o vestido da imagem divina…

Mas se a minha querida amiga por acaso, certa do meu renunciamento a toda a recompensa terrestre, me permitisse desenrolar junto de si, num dia de solidão, a agitada confidência do meu peito, decerto faria um ato de inefável misericórdia — como outrora a Virgem Maria quando animava os seus adoradores, ermitas e santos, descendo numa nuvem e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes cair entre as mãos erguidas uma rosa do Paraíso. Assim, amanhã, vou passar a tarde com Madame de Jouarre. Não há aí a santidade duma cela ou duma ermida, mas quase o seu isolamento: e se a minha querida amiga surgisse, em pleno resplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indescrito e sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para esperar. — FRADIQUE.

98-99: nenhum bem imploro de quem tanto pode e é para mim dona de todo o bem.] nenhum favor imploro. [GN]
100: influência,] influência omnipotente, [GN]
101: perfeições,] perfeições [GN]
102: Só peço esta permissão caridosa.] Só isto peço. [GN]
102-103: conservo distante e vago, na esbatida] conservo discreto, na retraída [GN]
103: duma] de uma [GN]
106: Mas] Mas, [GN]
106: amiga] amiga, [GN]
106-107: meu renunciamento a toda a] meu renunciamento a tudo quanto é [GN]
108-109: do meu peito,] do meu coração, [GN]
109: um ato de inefável] um doce ato de [GN]
110-112: quando animava os seus adoradores, ermitas e santos, descendo numa nuvem e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes] quando descia à cela ou ao ermo dos seus adoradores, e lhes concedia um fugitivo sorriso ou lhes deixava [GN]
113: com Madame] com Mme. [GN]
114: duma] de uma [GN]
120: FRADIQUE.] EÇA DE QUEIRÓS. [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

X

A MADAME DE JOUARRE

(Trad.)

Lisboa, junho.

Minha excelente madrinha. — Eis o que tem «visto e feito», desde maio, na formosíssima Lisboa, *Ulissipo pulcherrima*, o seu admirável afilhado. Descobri um patrício meu, das Ilhas, e meu parente, que vive há três anos construindo um Sistema de Filosofia no terceiro andar duma casa de hóspedes, na travessa da Palha. Espírito livre, empreendedor e destro, paladino das Ideias Gerais, o meu parente, que se chama Procópio, considerando que a mulher não vale o tormento que espalha, e que os oitocentos mil réis dum olival bastam, e de sobra, a um espiritualista — votou a sua vida à Lógica e só se interessa e sofre pela Verdade. É um filósofo alegre; conversa sem berrar; tem uma aguardente de moscatel excelente; — e eu trepo com gosto duas ou três vezes por semana à sua oficina de Metafísica a saber se, conduzido pela alma doce de Maine de Biran, que é o seu cicerone nas viagens do Infinito, ele já entreviu enfim, disfarçada por trás dos seus derradeiros véus, a Causa das Causas. Nestas piedosas visitas vou, pouco a pouco,

2-3: [*Na* Revista de Portugal: *Cartas de Fradique Mendes. As Cartas (2.ª série) I A MADAME DE JOUARRE* (Trad.)]

10: paladino das Ideias Gerais] paladino das ideias gerais [RP]

10-11: o meu parente, que] o meu parente que [RP]

12: o tormento que espalha] o seu tormento [RP]

12-13: mil réis dum olival] mil réis de milho duma quinta [RP]

17: se,] se ele, [RP]

18-19: viagens do Infinito, ele] viagens pelo Infinito, [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

conhecendo alguns dos hóspedes que nesse terceiro andar da travessa da Palha gozam uma boa vida de cidade, a doze tostões por dia, fora vinho e roupa lavada. Quase todas as profissões em que se ocupa a classe média em Portugal estão aqui representadas com fidelidade, e eu posso assim estudar, sem esforço, como num índice, as ideias e os sentimentos que no nosso Ano da Graça formam o fundo moral da nação.

Esta casa de hóspedes oferece encantos. O quarto do meu primo Procópio tem uma esteira nova, um leito de ferro filosófico e virginal, cassa vistosa nas janelas, rosinhas e aves pela parede, — e é mantido em rígido asseio por uma destas criadas como só produz Portugal, bela moça de Trás-os-Montes, que, arrastando os seus chinelos com a indolência grave duma ninfa latina, varre, esfrega e arruma todo o andar; serve nove almoços, nove jantares e nove chás; escarola as louças; prega esses botões de calças e de ceroulas que os portugueses estão constantemente a perder; engoma as saias da Madama; reza o terço da sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um barbeiro vizinho, que está decidido a casar com ela quando for empregado na Alfândega. (E tudo isto por três mil réis de soldada.) Ao almoço há dois pratos, sãos e fartos, de ovos e bifes. O vinho vem do lavrador, vinhinho leve e precoce, feito pelos veneráveis preceitos das *Geórgicas*, e semelhante decerto ao vinho da Rethia — *quo te carmine dicam, Rethica*? A torrada, tratada pelo lume forte, é incomparável. E os quatro painéis que orlam a sala, um retrato de Fontes (estadista, já morto, que é tido pelos Portugueses em grande veneração), uma imagem de Pio IX sorrindo e abençoando, uma vista da várzea de Colares, e duas donzelas beijocando uma rola, inspiram as salutares ideias, tão necessárias, de Ordem Social, de Fé, de Paz campestre, e de Inocência.

22: travessa da Palha] Travessa da Palha [RP]
23: profissões em] profissões influentes em que [RP]
29-30: um leito de ferro filosófico e virginal, cassa] um fresco leito de ferro, uma chita [RP]
31: em rígido] em metódico [RP]
44: *dicam,*] *dicam* [RP]
46: Portugueses] portugueses [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A patroa, D. Paulina Soriana, é uma Madama de quarenta outonos, frescalhota e roliça, com um pescoço muito nédio, e toda ela mais branca que o chambre branco que usa por sobre uma saia de seda roxa. Parece uma excelente senhora, paciente e maternal, de bom juízo e de boa economia. Sem ser rigorosamente viúva — tem um filho, já gordo também, que rói as unhas e segue o curso dos liceus. Chama-se Joaquim, e, por ternura, Quinzinho; sofreu esta primavera não sei que duro mal que o forçava a infindáveis orchatas e semicúpios; e está destinado por D. Paulina à burocracia que ela considera, e muito justamente, a carreira mais segura e a mais fácil.

— O essencial para um rapaz (afirmava há dias a apreciável senhora, depois do almoço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um emprego; fica logo arrumado, o trabalho é pouco e o ordenadozinho está certo ao fim do mês.

Mas D. Paulina está tranquila com a carreira do Quinzinho. Pela influência (que é toda-poderosa nestes Reinos) dum amigo certo, o senhor conselheiro Vaz Neto, há já no Ministério das Obras Públicas ou da Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, à espera do Quinzinho. E mesmo como o Quinzinho foi reprovado nos últimos exames, já o senhor conselheiro Vaz Neto lembrou que, visto ele se mostrar assim desmazelado, com pouco gosto pelas letras, o melhor era não teimar mais nos estudos e no Liceu, e entrar imediatamente para a repartição…

— Que ainda assim (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas confidências) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela necessidade, e por causa do emprego, como V. Ex.ª vê: era pelo gosto.

Quinzinho tem pois a sua prosperidade agradavelmente garantida. De resto suponho que D. Paulina junta um pecúlio prudente.

54: senhora, paciente] senhora paciente [RP]
60: burocracia] Burocracia [RP]
64: arrumado,] arrumado; [RP]
66: tranquila com a carreira] tranquila a respeito [RP]
68: Vaz Neto,] Vaz Neto, deputado e diretor-geral, [RP]
80: Quinzinho tem pois a sua prosperidade] A carreira do Quinzinho está pois [RP]
81: D. Paulina junta] D. Paulina vai juntando [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Na casa, bem afreguesada, há agora sete hóspedes — e todos fiéis, sólidos, gastando, com os extras, de quarenta e cinco a cinquenta mil réis por mês. O mais antigo, o mais respeitado (e aquele que eu precisamente já conheço) é o Pinho — o Pinho brasileiro, o comendador Pinho. É ele quem todas as manhãs anuncia a hora do almoço (o relógio do corredor ficou desarranjado desde o Natal), saindo do seu quarto às dez horas, pontualmente, com a sua garrafa de água de Vidago, e vindo ocupar à mesa, já posta, mas ainda deserta, a sua cadeira, uma cadeira especial de verga, com almofadinha de vento. Ninguém sabe deste Pinho nem a idade, nem a família, nem a terra de província em que nasceu, nem o trabalho que o ocupou no Brasil, nem as origens da sua comenda. Chegou uma tarde de inverno num paquete da Mala Real; passou cinco dias no Lazareto; desembarcou com dois baús, a cadeira de verga, e cinquenta e seis latas de doce de tijolo; tomou o seu quarto nesta casa de hóspedes, com janela para a travessa; e aqui engorda, pacífica e risonhamente, com o seis por cento das suas inscrições. É um sujeito atochado, baixote, de barba grisalha, a pele escura, toda em tons de tijolo e de café, sempre vestido de casimira preta, com uma luneta de ouro pendente duma fita de seda, que ele, na rua, a cada esquina, desemaranha do cordão de ouro do relógio para ler com interesse e lentidão os cartazes dos teatros. A sua vida tem uma dessas prudentes regularidades que tão admiravelmente concorrem para criar a ordem nos Estados. Depois de almoço calça as botas de cano, lustra o chapéu de seda, e vai muito devagar até à Rua dos Capelistas, ao escritório térreo do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado num mocho, junto do balcão, com as mãos cabeludas encostadas ao cabo do guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela Rua do Ouro, com uma pachorra saboreada, parando a contem-

82: Na casa, bem afreguesada, há] A casa, bem afreguesada, tem [RP]

88: Natal),] Natal) [RP]

91: Pinho nem] Pinho — nem [RP]

94: uma tarde] uma manhã [RP]

99-100: sujeito atochado, baixote, de barba grisalha, a pele escura, toda em tons de tijolo e de café,] sujeito baixote, vagaroso, de barba grisalha, pele esverdinhada, [RP]

104: dessas prudentes] dessas quietas [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

plar alguma senhora de sedas mais tufadas ou alguma vitória de librés mais lustrosas, alonga os passos para a tabacaria Sousa, ao Rossio, onde bebe um copo de água de Caneças, e repousa até que a tarde refresque. Segue então para a Avenida, a gozar o ar puro e o luxo da cidade, sentado num banco; ou dá a volta ao Rossio, sob as árvores, com a face erguida e dilatada em bem-estar. Às seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os chinelos de marroquim, enverga uma regalada quinzena de ganga, e janta, repetindo sempre a sopa. Depois do café dá um «higiénico» pela Baixa, com demoras pensativas, mas risonhas, diante das vitrines de confeitaria e de modas; e em certos dias sobe o Chiado, dobra a esquina da Rua Nova da Trindade, e regateia, com placidez e firmeza, uma senha para o Ginásio. Todas as sextas-feiras entra no seu banco, que é o *London Brazilian*. Aos domingos, à noitinha, com recato, visita uma moça gorda e limpa que mora na Rua da Madalena. Cada semestre recebe o juro das suas inscrições.

Toda a sua existência é assim um pautado repouso. Nada o inquieta, nada o apaixona. O universo, para o comendador Pinho, consta de duas únicas entidades — ele próprio, Pinho, e o Estado que lhe dá o seis por cento: portanto o universo todo está perfeito, e a vida perfeita, desde que Pinho, graças às águas de Vidago, conserve apetite e saúde, e que o Estado continue a pagar fielmente o coupon. De resto, pouco lhe basta para contentar a porção de Alma e Corpo de que aparentemente se compõe. A necessidade que todo o ser vivo (mesmo as ostras, segundo afirmam os Naturalistas) tem de comunicar com os seus semelhantes por meio de gestos ou sons, é em Pinho pouco exigente. Pelos

111-113: pachorra saboreada, parando a contemplar alguma senhora de sedas mais tufadas ou alguma vitória de librés mais lustrosas,] pachorra que lhe permite a observação, parando a olhar uma mulher de olhos mais picantes ou algum coupé de melhor parelha, [RP]

115: então para a] então às vezes até à [RP]

119: uma regalada] uma larga [RP]

121-122: vitrines de confeitarias e de modas;] vitrines mais alumiadas; [RP]

125-126: domingos, à noitinha, com recato, visita uma moça gorda e limpa] domingos, com um método prudente e são, visita uma costureira, moça ordeira, [RP]

128: um pautado] um contínuo [RP]

130: Pinho,] Pinho [RP]

138: de gestos] de ideias [RP]

138: Pelos] Aí pelos [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

meados de abril, sorri e diz, desdobrando o guardanapo — «temos o verão connosco»: todos concordam e Pinho goza. Por meados de outubro, corre os dedos pela barba e murmura — «temos connosco o inverno»: se outro hóspede discorda, Pinho emudece, porque teme controvérsias. E esta honesta permutação de ideias lhe basta. À mesa, contanto que lhe sirvam uma sopa suculenta, num prato fundo, que ele possa encher duas vezes — fica consolado e disposto a dar graças a Deus. O *Diário de Pernambuco*, o *Diário de Notícias*, alguma comédia do Ginásio, ou uma Mágica, satisfazem e de sobra essas outras necessidades de inteligência e de imaginação, que Humboldt encontrou mesmo entre os Botecudos. Nas funções do sentimento Pinho só pretende modestamente (como revelou um dia ao meu primo) «não apanhar uma doença». Com as coisas públicas está sempre agradado, governe este ou governe aquele, contanto que a polícia mantenha a ordem, e que não se produzam nos princípios e nas ruas distúrbios nocivos ao pagamento do coupon. E enquanto ao destino ulterior da sua alma, Pinho (como ele a mim próprio me assegurou) — «só deseja depois de morto que o não enterrem vivo». Mesmo acerca dum ponto tão importante, como é para um comendador o seu mausoléu, Pinho pouco requer: — apenas uma pedra lisa e decente, com o seu nome, e um singelo *orai por ele*.

Erraríamos, porém, minha querida madrinha, em supor que Pinho seja alheio a tudo quanto seja humano. Não! Estou certo que Pinho respeita e ama a humanidade. Somente a humanidade, para ele, tornou-se no decurso da sua vida excessivamente restrita. Homens, homens sérios, verdadeiramente merecedores desse nobre

139: diz,] diz [RP]

140: Pinho goza.] Pinho gosta. [RP]

143: porque teme] porque detesta [RP]

144-145: uma sopa suculenta, num prato fundo, que ele] uma boa sopa, num prato bem fundo, que [RP]

145-146: fica consolado e disposto a dar] fica pronto a dar [RP]

147: Ginásio, ou] Ginásio, e por vezes [RP]

161-162: Erraríamos, porém, minha querida madrinha, em supor que Pinho seja alheio a tudo quanto seja humano.] Seria porém um erro, minha querida madrinha, o supor que tudo quanto é humano é alheio a Pinho. [RP]

164: sua vida excessivamente] sua vida, excessivamente [RP]

165: verdadeiramente merecedores] verdadeiramente homens, merecedores [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nome, e dignos de que por eles se mostre reverência, afeto, e se arrisque um passo que não canse muito — para Pinho só há os prestamistas do Estado. Assim, meu primo Procópio, com uma malícia bem inesperada num espiritualista, contou-lhe há tempos em confidência, arregalando os olhos, que eu possuía muitos papéis! muitas apólices! muitas inscrições!… Pois na primeira manhã que voltei, depois dessa revelação, à casa de hóspedes, Pinho, ligeiramente corado, quase comovido, ofereceu-me uma boceta de doce de tijolo embrulhada num guardanapo. Ato tocante, que explica aquela alma! Pinho não é um egoísta, um Diógenes de rabona preta, secamente retraído dentro da pipa da sua inutilidade. Não. Há nele toda a humana vontade de amar os homens seus semelhantes, e de os beneficiar. Somente quem são, para Pinho, os seus genuínos «semelhantes»? Os prestamistas do Estado. E em que consiste para Pinho o ato de benefício? Na cessão aos outros daquilo que a ele lhe é inútil. Ora Pinho não se dá bem com o uso da goiabada — e logo que soube que eu era um possuidor de inscrições, um seu semelhante, capitalista como ele, não hesitou, não se retraiu mais ao seu dever humano, praticou logo o ato de benefício, e lá veio, ruborizado e feliz, trazendo o seu doce dentro dum guardanapo.

É o comendador Pinho um cidadão inútil? Não, certamente! Até para manter em estabilidade e solidez a ordem duma nação, não há mais prestadio cidadão do que este Pinho, com a sua placidez de hábitos, o seu fácil assentimento a todos os feitios da coisa pública, a sua conta do banco verificada às sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em higiénico recato, a sua reticência,

168: Assim,] Assim, o [RP]
169: bem inesperada] bem estranha [RP]
174: tijolo] tijolo, [RP]
174: tocante,] tocante, ato profundo, [RP]
175: Pinho] O Pinho [RP]
177: humana vontade] humana tendência [RP]
180: benefício? Na] benefício? No ato vulgar, adotado por todos, nestes tempos de individualismo — na [RP]
181: que a ele lhe é] que nos é a nós [RP]
185: benefício,] benefício (que em circunstâncias como as minhas toma o caráter de ato de amabilidade) [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a sua inércia. Dum Pinho nunca pode sair ideia ou ato, afirmação ou negação, que desmanche a paz do Estado. Assim gordo e quieto, colado sobre o organismo social, não concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando também, Pinho apresenta todos os carateres duma excrescência sebácea. Socialmente, Pinho é um lobinho. Ora nada mais inofensivo que um lobinho: e nos nossos tempos, em que o Estado está cheio de elementos mórbidos, que o parasitam, o sugam, o infecionam e o sobre-excitam, esta inofensibilidade de Pinho pode mesmo (em relação aos interesses da ordem) ser considerada como qualidade meritória. Por isso o Estado, segundo corre, o vai criar barão. E barão dum título que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é nele simultaneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta à Família e à Religião. O pai de Pinho chamava-se Francisco — Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser feito barão de S. Francisco.

Adeus, minha querida madrinha! Vamos no nosso décimo oitavo dia de chuva! Desde o começo de junho e das rosas, que neste país de sol sobre azul, na terra trigueira da oliveira e do louro, queridos a Febo, está chovendo, chovendo em fios de água cerrados, contínuos, imperturbados, sem sopro de vento que os ondule, nem raio de luz que os diamantize, formando das nuvens às ruas uma trama mole de humidade e tristeza, onde a alma se debate e definha como uma borboleta presa nas teias duma aranha. Estamos em pleno versículo XVII, do capítulo VII do Génesis. No caso destas águas do céu não cessarem, eu concluo que as intenções de Jeová, para com este país pecador, são diluvianas; e, não me julgando menos digno da Graça e da Aliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e fazer uma Arca segundo os bons modelos hebraicos ou assírios. Se por acaso daqui a tempos uma pomba branca for bater com as asas à sua vidraça, sou eu que aportei ao Havre na minha Arca,

199: nos nossos tempos,] nos tempos que vão, [RP]
213: contínuos, imperturbados,] contínuos, metódicos, [RP]
215: uma trama mole] uma trama subtil [RP]
216: definha] definha, [RP]
222: Arca segundo os bons] Arca, segundo os [RP]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

levando comigo, entre outros animais, o Pinho e a D. Paulina, para que mais tarde, tendo baixado as águas, Portugal se repovoe com proveito, e o Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. Seu afilhado do coração — FRADIQUE.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XI

A MR. BERTRAND B.

Engenheiro na Palestina

Paris, abril.

Meu caro Bertrand. — Muito ironicamente, hoje neste domingo de Páscoa em que os céus contentes se revestiram pascalmente duma casula de ouro e de azul, e os lilases novos perfumam o meu jardim para o santificar, me chega a tua horrenda carta, contando que findaste o traçado do *Caminho de Ferro de Jafa a Jerusalém*! E triunfas! Decerto, à porta de Damasco, com as botas fortes enterradas no pó de Josafat, o guarda-sol pousado sobre uma pedra tumular de profeta, o lápis ainda errante sobre o papel, sorris, todo te dilatas, e através das lunetas defumadas contemplas, marcada por bandeirinhas, a «linha» onde em breve, fumegando e guinchando, rolará da velha Jeppo para a velha Sião o negro comboio da tua negra obra! Em redor os empreiteiros, limpando o grosso suor da façanha, desarrolham as garrafas da

1: [*Texto transformado por Eça a partir de uma crónica intitulada «Notas Contemporâneas — O caminho de ferro de Jerusalém», publicada na* Gazeta de Notícias *do Rio de Janeiro em 17 de outubro de 1892 sob o pseudónimo «João Gomes». O aparato crítico agora apresentado resulta do cotejo com essa crónica* (*com a indicação* [GN]) *e, parcialmente, com um recorte do mesmo jornal, emendado pelo autor, publicado em* hors-texte *na edição de 1922 do livro* Eça de Queirós — In Memoriam, *assinalado por* [IM]. *O texto completo da crónica de 1892 encontra-se publicado no volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós,* Almanaques e Outros Dispersos *(edição de Irene Fialho, Lisboa, INCM, 2011).*]

2-4: A Mr. Bertrand B. / *Engenheiro na Palestina* / Paris, abril.] [*Passagem inexistente na* GN.]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cerveja festiva! E por trás de vós o Progresso, hirto contra as muralhas de Herodes, todo engonçado, todo aparafusado, também triunfa, esfregando, com estalidos ásperos, as suas rígidas mãos de ferro fundido.

Bem o sinto, bem o compreendo o teu escandaloso traçado, oh filho dileto e fatal da Escola de Pontes e Calçadas! Nem necessitava esse plano com que me deslumbras, todo em linhas escarlates, parecendo golpes duma faca vil por cima duma carne nobre. É em Jaffa, na antiquíssima Jeppo, já heroica e santa antes do Dilúvio, que a tua primeira Estação com os alpendres, e a carvoeira, e as balanças, e a sineta, e o chefe de bonet agaloado, se ergue entre esses laranjais, gabados pelo Evangelho, onde S. Pedro, correndo aos brados das mulheres, ressuscitou Dorcas, a boa tecedeira, e a ajudou a sair do seu sepulcro. Daí a locomotiva, com a sua 1.ª classe forrada de chita, rola descaradamente pela planície de Saaron, tão amada do céu, que, mesmo sob o bruto pisar das hordas filistinas, nunca nela murchavam anémonas e rosas. Corta através de Beth-Dagon, e mistura o pó do seu carvão de Cardiff ao vetusto pó do Templo de Baal, que Sansão, mudo e

5-18: *Meu caro Bertrand.* — […] cerveja festiva!] A obra hedionda está consumada: — e Jesus, se ainda se lembra da terra e dos homens, que tão mal lho merecem, pode na verdade gemer de novo o seu *consumatum est*! Desde ontem ficou concluído, ficou aberto, com as locomotivas acesas, fumegando e silvando, o Caminho de ferro de Jaffa para Jerusalém! [GN]

18-21: E por trás […] ferro fundido.] O Progresso, sujo ainda com a felugem deste feito, e contente, esfrega as suas mãos de aço! [GN]

22-26: Bem o sinto […] carne nobre.] [*Passagem inexistente na* GN.]

26: É em Jaffa, na antiquíssima Jeppo, já heroica e santa] É em Jaffa, a antiquíssima Jeppo, já falada e rica antes [GN]

27-29: que a tua primeira Estação com os alpendres, e a carvoeira, e as balanças, e a sineta, e o chefe de *bonet* agaloado, se ergue entre esses laranjais, gabados] que se ergue, com os seus alpendres, a sua carvoeira, as suas balanças, a sua sineta áspera, e o seu chefe de bonet agaloado, a primeira Estação desta Estrada-de-Ferro, entre esses laranjais, tão gabados [GN]

30: correndo aos brados] chamado pelos brados [GN]

30-31: a boa tecedeira,] a tecedeira, [GN]

32: com a sua 1.ª classe] com os seus wagons de 1.ª classe [GN]

32-33: chita, rola descaradamente pela planície] chita, atravessa a planície [GN]

33: tão amada] tão particularmente amada [GN]

33-34: céu, que, mesmo sob o bruto pisar das hordas filistinas, nunca nela murchavam anémonas e rosas.] céu, e que, nos intervalos das guerras Filistânicas, se cobria toda de açucenas e rosas; [GN]

36: Templo de Baal, que Sansão,] Templo Fenício, que Samson, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

repassado de tristeza, derrocou movendo os ombros. Corre por sobre Lydda, e atroa com guinchos o grande S. Jorge, que ainda couraçado, emplumado, e o guante sobre a espada, ali dorme o seu sono terrestre. Toma água, por um tubo de couro, do Poço Santo donde a Virgem na fugida para o Egito, repousando sob o figueiral, deu de beber ao Menino. Para em Ramleh, que é a velha Arimateia *(Arimateia, quinze minutos de demora!),* a aldeia dos doces hortos e do homem doce que enterrou o Senhor. Fura, por túneis fumarentos, as colinas de Judá, onde choraram os profetas. Rompe por entre ruínas que foram a cidadela e depois a sepultura dos Macabeus. Galga, numa ponte de ferro, a torrente em que David errante escolhia pedras para a sua funda derrubadora de monstros. Coleia e arqueja pelo vale melancólico que habitou Jeremias. Suja ainda Emaús, vara o Cédron, e estaca enfim, suada, azeitada, sórdida de felugem, no vale de Henon, no *terminus* de Jerusalém!

Ora, meu bom Bertrand, eu que não sou das Pontes e Calçadas, nem acionista da *Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina,* apenas um peregrino saudoso desses lugares adoráveis, considero

37-38: os ombros. Corre por sobre] os ombros; rola por sobre [GN]

38: atroa com guinchos] atroa com seus guinchos [GN]

38-40: que ainda couraçado, emplumado, e o guante sobre a espada, ali dorme o seu sono terrestre.] que ali dorme o seu sono terrestre; [GN]

42: ao Menino.] ao Menino; [GN]

43-44: a aldeia dos doces hortos e do homem doce que enterrou o Senhor.] a pátria do homem justo que enterrou o Senhor; [GN]

44-45: Fura, por túneis fumarentos, as colinas] Fura, em túneis fumarentos, as severas colinas [GN]

45-46: os profetas.] os profetas; [GN]

46-47: ruínas que foram a cidadela e depois a sepultura] ruínas que foram outrora a valente cidadela e são hoje a sepultura [GN]

48: torrente em que David] torrente onde David [GN]

48-49: funda derrubadora de monstros.] funda justiceira; [GN]

49: Coleia e arqueja pelo vale] corre através do vale [GN]

50: Jeremias.] Jeremias; [GN]

50: Suja ainda Emaús, vara o Cédron,] passa ainda Emaús, transpõe a torrente do Cedron, [GN]

50-51: estaca enfim, suada, azeitada, sórdida de felugem,] estaca enfim, arquejando, [GN]

53-54: Ora, meu bom Bertrand, eu que não sou das Pontes e Calçadas, nem acionista da *Companhia*] Tal é o seu sacrossanto itinerário: — e eu que não sou engenheiro, nem acionista desta *Companhia* [GN]

54-55: *Palestina,* apenas um peregrino saudoso] *Palestina,* mas um velho peregrino [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que a tua obra de civilização é uma obra de profanação. Bem sei, engenheiro! S. Pedro ressuscitando a velha Dorcas; a florescência miraculosa das roseiras de Saaron; o Menino bebendo, na fuga para o Egito, à sombra das árvores que os anjos iam adiante semeando, são fábulas... Mas são fábulas que há dois mil anos dão encanto, esperança, abrigo consolador, e energia para viver a um terço da Humanidade. Os lugares onde se passaram essas histórias, decerto muito simples e muito humanas, que depois, pela necessidade que a alma tem do Divino, se transformaram na linda mitologia cristã, são por isso veneráveis. Neles viveram, combateram, ensinaram, padeceram, desde Jacob até S. Paulo, todos os seres excecionais que hoje povoam o céu. Jeová só entre esses montes se mostrava, com terrífico esplendor, no tempo em

55-56: adoráveis, considero que a tua obra de civilização é uma obra] adoráveis, tenho a caturrice de considerar esta obra de civilização como uma obra [GN]

56-57: Bem sei, engenheiro!] [*Passagem inexistente na* GN.]

58: Saaron;] Saaron; Sansão e a sua desconsolação e a sua força; [GN] [*Eça riscou, no recorte* IM, desconsolação e]

58: na fuga] na sua fuga [GN]

60: são fábulas…] São talvez fábulas: [GN*; abre parágrafo. Passagem riscada por Eça no recorte* IM.]

60-62: anos dão encanto, esperança, abrigo consolador, e energia para viver a um terço da Humanidade.] anos têm dado a energia moral a um terço da Humanidade. [GN] anos tem dado <*encanto, esperança pão espiritual, abrigo consolador e energia para viver> energia moral a um terço da Humanidade. [IM]

62-63: Os lugares onde se passaram essas histórias,] Os lugares onde se passavam esses factos, [GN*; abre parágrafo.*]

63: muito humanas,] muito humanos, [GN]

63-64: depois, pela necessidade] depois, através da Imaginação e pela necessidade [GN] [*Eça riscou, no recorte* IM*,* através da Imaginação e]

64: do Divino,] do Divino, e [IM]

65: na linda mitologia cristã, são por isso veneráveis.] na adorável mitologia cristã, são por isso veneráveis perante a religião como perante a história. [GN] [*No recorte* IM *Eça riscou* perante a religião como perante a história *e acrescentou* Eles formam na realidade a terra do Céu*, passagem omitida em 1900.*]

65-67: Neles viveram, combateram, ensinaram, padeceram, desde Jacob até S. Paulo, todos os seres excecionais que hoje povoam o céu.] Todo o céu, todos os seres excecionais que hoje formam, para o crente, a corte do céu, desde Jacob a S. Paulo, viveram, combateram, ensinaram, padeceram, naqueles lugares — que por isso muito justamente se denominam *santos.* [GN] [*Eça riscou no recorte* IM Todo o céu, todos os seres*; riscou ainda as expressões* naqueles lugares *e* por isso; *substituiu* corte do céu *por* corte celeste*, omitido em 1900.*]

67-68: só entre esses montes se mostrava, com terrífico] só ali se mostrava no seu terrífico [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que visitava os homens. Jesus desceu a esses vales pensativos para renovar o mundo. Sempre a Palestina foi a residência preferida da Divindade. Nada de Material devia pois desmanchar o seu recolhimento Espiritual. E é penoso que a fumarada do Progresso suje um ar que conserva o perfume da passagem dos anjos, e que os seus trilhos de ferro revolvam o solo onde ainda não se apagaram as pegadas divinas.

Tu sorris, e acusas precisamente a velha Palestina de ser uma incorrigível fonte de Ilusão. Mas a ilusão, Bertrand amigo, é tão útil como a certeza: e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar tanto os Contos de Fadas como os Problemas de Euclides. Destruir a influência religiosa e poética da Terra Santa, tanto nos corações simples como nas inteligências

69-70: Jesus desceu a esses vales pensativos para renovar o mundo.] [*Passagem inexistente na* GN] Jesus desceu aí, para renovar o mundo. [*Acrescento na entrelinha no recorte* IM.]

70: Sempre a Palestina] Todos os deuses nascem no Oriente — mas a Palestina [GN] [*No recorte* IM*, Eça riscou* Todos *para transformar a passagem em* Os deuses nascem sempre no Oriente — mas a Palestina]

70-71: residência preferida da Divindade.] residência mais grata da divindade. [GN] [*No recorte* IM *Eça riscou* mais grata *que substituiu por* preferida.]

71-72: Nada de Material devia pois desmanchar o seu recolhimento Espiritual.] [*Passagem inexistente na* GN.] [*Acrescentado à margem pelo autor no recorte* IM*:* Nada pois do que é Material devia [alterar] desmanchar [a sua beleza Espiritual] o seu recolhimento espiritual.*; a sequência narrativa apresenta-se na nota seguinte*.]

72-74: E é penoso que a fumarada do Progresso suje um ar que conserva o perfume da passagem dos anjos, e que os seus trilhos de ferro revolvam o solo] Daí lhe ficou este dom único na terra, de tornar mais piedosos e melhores, e mais toleradores da vida, e mais fortes em esperança, aqueles que vão em peregrinação respirar esse ar que ainda conserva o perfume da passagem dos anjos, e pisar esse solo [GN] [*No recorte* IM *o autor riscou toda a passagem entre* Daí lhe ficou *e* peregrinação respirar*, tendo acrescentado na margem* E é [peno] intolerável que a fumarada do Progresso suje*, retomando a sequência da* GN*; depois riscou* pisar esse*, que substituiu na margem por* e que os trilhos de ferro revolvam.]

76-77: Tu sorris, e acusas precisamente a velha Palestina de ser uma incorrigível fonte de Ilusão.] A Terra Santa constitui assim um perpétuo fermento de ilusão. [GN] [*Eça riscou, no recorte* IM*,* constitui assim um perpétuo fermento, *substituindo na margem por* e uma [fonte]<*nascente> perene de Ilusão.]

77: Bertrand amigo,] [*Passagem inexistente na* GN.] [*Texto acrescentado na margem do recorte* IM *pelo autor*.]

78: a certeza:] a certeza — [GN]

80: os Problemas] os problemas [GN]

80: Destruir a influência religiosa e poética] Destruir pois a influência moral, religiosa e mesmo poética [GN]

81: tanto nos corações simples como nas inteligências] tanto sobre os corações simples como sobre as inteligências [GN] [*No recorte* IM*, Eça riscou* sobre.]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cultas, é um retrocesso na Civilização, na verdadeira, naquela de que tu não és obreiro, e que tem por melhor esforço aperfeiçoar a Alma do que reforçar o Corpo, e, mesmo pelo lado da utilidade, considera um Sentimento mais útil do que uma Máquina. Ora, locomotivas manobrando pela Judeia e Galileia, com a sua materialidade de carvão e ferro, o seu desenvolvimento inevitável de hotéis, omnibus, bilhares e bicos de gás, destroem irremediavelmente o poder emotivo da Terra-dos-Milagres, porque a modernizam, a industrializam, a banalizam…

Esse poder, essa influência espiritual da Palestina, de que provinha? De ela se ter conservado, através destes quatro mil anos, imutavelmente *bíblica* e *evangélica*… Decerto sobrevieram mudanças em Israel; a administração turca tem menos esplendor que a ad-

82: na Civilização, na verdadeira,] na verdadeira civilização. [GN]

82-85: naquela […] Máquina.] [*Passagem inexistente na* GN.] [*Acrescentado pelo autor na margem do recorte* IM*:* naquela que tem por melhor esforço aperfeiçoar a alma do que regalar a carne e antepor a [afirmação dum princípio] [beleza] <*utilidade> dum Princípio a a utilidade duma Máquina*, passagem muito transformada em 1900*.]

86: Ora, locomotivas manobrando pela Judeia e Galileia,] Ora, locomotivas correndo entre Jerusalém, Jericó, Nazareth, Bethlem, a Galileia e Samaria, [GN] [*Eça riscou* correndo *no recorte* IM*, tendo substituído por* manobrando*; dos topónimos da* GN *riscou apenas* Nazareth.]

86-88: com a sua materialidade de carvão e ferro, o seu desenvolvimento inevitável de hotéis, *omnibus,* bilhares e bicos de gás, destroem] com os seus guinchos, a sua pressa rude, a sua fealdade, o seu desenvolvimento paralelo e de estações, restaurantes, hotéis, omnibus e outros *et cætereas* inevitáveis e grosseiros destroem [GN] [*Eça riscou no recorte* IM *a passagem* rude, a sua fealdade*, que emendou para* a sua materialidade de de carvão de ferro*; riscou também a palavra* guinchos*, que substituiu por* silvos*, omitido em 1900; eliminou* paralelo e de estações, restaurantes*, emendando para* inevitável de *que vem na sequência de 1900. Do mesmo modo, riscou* omnibus e outros *et cætereas* inevitáveis e grosseiros*, que substituiu por* bilhares, de bicos de gás.]

88-90: irremediavelmente o poder emotivo da Terra-dos-Milagres, porque a modernizam , a industrializam, a banalizam…] irremediavelmente essa influência poética da Terra-dos-Milagres, por que a modernizam e a materializam. [GN] [*A passagem* essa influência da poética *foi eliminada pelo autor no recorte* IM *e substituída por* a influência intelectual e poética*, omitida em 1900; Eça acrescentou, na entrelinha,* a industrializam, a banalizam.]

91: Esse poder, essa influência espiritual da Palestina,] Essa influência encantadora da Palestina [GN]

92: De ela] Unicamente de ela [GN] [Unicamente *foi eliminado pelo autor no recorte* IM.]

93-94: Decerto sobrevieram mudanças em Israel;] De certo existem hoje em Israel, modificações introduzidas pelo muçulmanismo; [GN] [*Eça substituiu no recorte* IM existem hoje *por* houveram mudanças *e riscou toda a passagem da* GN *omitida em 1900*.]

94: a administração turca tem menos esplendor] a administração turca é menos completa e eficaz [GN] [*No recorte* IM *foi riscada a palavra* completa *sem que o autor tenha acrescentado as expressões de 1900*.]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ministração romana; dos vergéis e jardins que cercavam Jerusalém só resta penhasco e ortiga; as cidades, esboroadas, perderam o seu heroísmo de cidadelas; o vinho é raro; todo o saber se apagou; e não duvido que aqui e além, em Sião, nalgum terraço de mercador levantino, se assobie ao luar a valsa de *Madame Angot*.

Mas a vida íntima, na sua forma rural, urbana ou nómada, as maneiras, os costumes, os cerimoniais, os trajes, os utensílios, — tudo permanece como nos tempos de Abraão e nos tempos de Jesus. Entrar na Palestina é penetrar numa Bíblia viva. As tendas de pele de cabra plantadas à sombra dos sicômoros; o pastor apoiado à sua alta lança, seguido do seu rebanho; as mulheres, veladas de amarelo ou de branco, cantando, a caminho da fonte, com o seu cântaro no ombro; o montanhês atirando a funda às águias; os velhos sentados, pela frescura da tarde, à porta das vilas muradas; os claros terraços cheios de pombas; o escriba que passa, com o seu tinteiro dependurado da cinta; as servas moendo o grão; o homem de longos cabelos nazarenos que nos saúda com a palavra de *paz*, e que conversa connosco por parábolas; a

95: romana; dos] romana; os [GN]

95-96: Jerusalém só resta penhasco e ortiga;] Jerusalém desapareceram; [GN]

96-97: as cidades, esboroadas, perderam o seu heroísmo de cidadelas;] certas cidades perderam o seu heroico feitio de cidadelas; [GN] [*Eça riscou* heroico feitio *e substituiu por* heroísmo.]

97: todo o saber se apagou;] [*Passagem inexistente na* GN.] [*O acrescento do autor no recorte* IM *diz:* todo o saber se apagou ou está abafado sob o alqueire]

98-100: Sião, nalgum terraço de mercador levantino, se assobie ao luar a valsa de *Madame Angot*. // Mas a vida íntima, na sua forma] Sião, se gema ao piano a valsa de *Madame Angot*. A vida íntima, a sua forma [GN*; não abre parágrafo depois de* Madame Angot.] [*Eça riscou no recorte* IM *a passagem* se gema ao piano a valsa de *Madame Angot*, *para substituir na margem por* nalgum terraço de mercador levantino se assobie ao luar a valsa de *Madame Angot*. Mas*; antes desta correção escrevera* Mas foi destes [*palavra ilegível*] atrasados]

101: os cerimoniais, os trajes,] os cerimoniais, as construções, os trajes, [GN]

102-103: tudo permanece como nos tempos de Abraão e nos tempos de Jesus.] tudo permanece idêntico ao que era nos tempos de Abraão e nos tempos de Jesus. [GN] [*Eça riscou* idêntico ao que *para substituir por* como *no recorte* IM.]

103: é penetrar numa Bíblia viva.] é como penetrar numa Bíblia real e viva. [GN]

105-106: as mulheres, veladas de amarelo ou de branco, cantando,] as mulheres, de túnica azul e branca, cantando [GN]

107: o montanhês] o montanhês, [GN]

109-110: que passa,] que passa [GN]

110: as servas] as servas à porta [GN]

112: de *paz*,] de *paz!* [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

hospedeira que nos acolhe, atirando, para passarmos, um tapete ante o limiar da sua morada; e ainda as procissões nupciais, e as danças lentas ao rufe-rufe das pandeiretas, e as carpideiras em torno aos sepulcros caiados, — tudo transporta o peregrino à velha Judeia das Escrituras, e de um modo tão presente e real, que a cada momento duvidamos se aquela ligeira e morena mulher, com largas argolas de ouro e um aroma de sândalo, que conduz um cordeiro preso pela ponta do manto, não será ainda Raquel, ou se, entre os homens sentados além, à sombra da figueira e da vinha, aquele de curta barba frisada, que ergue o braço, não será Jesus ensinando.

Esta sensação, preciosa para o crente, é preciosa para o intelectual, porque o põe numa comunhão flagrante com um dos mais maravilhosos momentos da História Humana. Decerto seria igualmente interessante (mais interessante talvez) que se pudesse colher a mesma emoção na Grécia, e que aí encontrássemos ainda nos seus trajes, nas suas maneiras, na sua sociabilidade, a grande Atenas de Péricles. Infelizmente, essa Atenas incomparável jaz morta, para sempre soterrada, desfeita em pó, sob a Atenas

113: atirando, para passarmos,] atirando para nós passarmos, [GN]

114-117: e ainda as procissões nupciais, e as danças lentas ao rufe-rufe das pandeiretas, e as carpideiras em torno aos sepulcros caiados, — tudo transporta o peregrino à velha Judeia] e ainda os longos mantos às riscas brancas e pardas, e os bastões com uma flor esculpida, e as joias, e os perfumes, — tudo imediatamente coloca o peregrino na velha Judeia [GN]

117-123: modo tão presente […] Jesus ensinando.] modo tão presente e tangível, que a cada momento se espera ver Jesus surgir a uma volta de caminho, no meio dos seus amigos. // É esta imutabilidade da Terra-Santa que lhe dá a sua estranha e subtil influência sobre as almas. A história ou lenda que cada um tem na memória adquire logo, na sua decoração natural, onde se não desmanchou uma linha nem uma só cor desbotou — uma realidade tão intensa, que parece, passados momentos, que não a aprendemos num livro, mas que a testemunhamos, que andamos nela envolvidos, e que a nossa alma está agora nela recebendo a sua verdadeira iniciação. [GN*; abre parágrafo em* É esta imutabilidade.]

124-125: o crente, é preciosa para o intelectual, porque o põe numa comunhão flagrante] o crente, não o é menos para o cético, (quando inteligente) porque o põe numa comunhão direta, intrínseca, [GN]

128: emoção na Grécia,] emoção intelectual na Grécia, [GN]

129: ainda nos seus trajes,] ainda, viva e idêntica, nos seus mesmos trajes, [GN]

129-130: sociabilidade, a grande Atenas de Péricles.] sociabilidade, na sua cultura, no seu viver, a grande Atenas de Perecles. [GN; Perecles *deve ser erro tipográfico*.]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

romana, e a Atenas bizantina, e a Atenas bárbara, e a Atenas muçulmana, e a Atenas constitucional e sórdida. Por toda a parte o velho cenário da história está assim esfrangalhado e em ruínas. Os próprios montes perderam, ao que parece, a configuração clássica: e ninguém pode achar no Lácio o rio e o fresco vale que Virgílio habitou e tão virgilianamente cantou. Um único sítio na terra permanecia ainda com os aspetos, os costumes, com que o tinham visto, e de que tinham partilhado, os homens que deram ao mundo uma das suas mais altas transformações: — e esse sítio era um pedaço da Judeia, da Samaria e da Galileia. Se ele for grosseiramente modernizado, nivelado ao protótipo social, querido do século, que é o distrito de Liverpool ou o departamento de Marselha, e se assim desaparecer para sempre a oportunidade educadora de *ver* uma grande imagem do Passado, que profanação, que devastação bruta e bárbara! E por perder essa forma sobrevivente das civilizações antigas, o tesouro do nosso saber e da nossa inspiração fica irreparavelmente diminuído.

Ninguém mais do que eu, decerto, aprecia e venera um caminho de ferro, meu Bertrand; — e ser-me-ia penoso ter de

131-132: Atenas romana,] Atenas romana [GN]

133: a Atenas constitucional e sórdida.] a Atenas constitucional, com o seu parlamento e o seu *deficit*. [GN]

133-134: parte o velho cenário da história está assim esfrangalhado] parte hoje, o cenário da história está esfrangalhado [GN]

136: no Lácio o rio] no Lácio, o rio, [GN]

137: e tão virgilianamente cantou.] e tão suavemente cantou. [GN]

138: os costumes,] os costumes, os trajes, e o viver, [GN]

140-141: transformações: — e esse sítio era um pedaço da Judeia, da Samaria e da Galileia.] transformações; — e esse sítio era um pedaço da Judeia, e a Samaria, e a Galileia. [GN]

141: Se ele for] Se esse lugar privilegiado for [GN*; abre parágrafo*.]

142-148: nivelado […] diminuído.] e se nele se sumir para sempre a oportunidade tão educadora de *ver* o Passado (que é todo o esforço das ciências arqueológicas), há aí uma lamentável profanação, e por perder esse tipo sobrevivente das civilizações primitivas, o tesouro do nosso saber fica tristemente denunciado. Ora a modernização da Terra Santa é certa, logo que através dela comecem a silvar e a fumigar esses caminhos de ferro, que mais que nenhum outro instrumento da nossa civilização, têm a propriedade de reduzir todas as regiões e todos os costumes, os mais urgentes e originais ao protótipo querido deste século, que é o distrito de Liverpool ou Marselha. [GN*; abre parágrafo em* Ora a modernização.]

149-150: venera um caminho de ferro, meu Bertrand;] venera o caminho de ferro: [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

jornadear de Paris a Bordéus, como Jesus subia do vale de Jericó para Jerusalém, escarranchado num burro. As coisas mais úteis, porém, são importunas, e mesmo escandalosas, quando invadem grosseiramente lugares que lhes não são congéneres. Nada mais necessário na vida do que um restaurante: e todavia ninguém, por mais descrente ou irreverente, desejaria que se instalasse um restaurante com as suas mesas, o seu tinir de pratos, o seu cheiro a guisados, — nas naves de Notre-Dame ou na velha Sé de Coimbra. Um caminho de ferro é obra louvável entre Paris e Bordéus. Entre Jericó e Jerusalém basta a égua ligeira que se aluga por dois dracmas, e a tenda de lona que se planta à tarde entre os palmares, à beira de uma água clara, e onde se dorme tão santamente sob a paz radiante das estrelas da Síria.

E são justamente essa tenda, e o camelo grave que carrega os fardos, e a escolta flamejante de beduínos, e os pedaços de deserto onde se galopa com a alma cheia de liberdade, e o lírio de Salomão que se colhe nas fendas duma ruína sagrada, e as frescas paragens junto aos poços bíblicos, e as rememorações do Passado à noite em torno à fogueira do acampamento, que fazem o encanto da jornada, e atraem o homem de gosto que ama as emoções delicadas de Natureza, História e Arte. Quando

151: jornadear de Paris a Bordéus, como Jesus] jornadear de Lisboa para o Porto, ou de Madrid para Paris, como Jesus [GN]

153-154: escandalosas, quando invadem grosseiramente lugares] escandalosas quando invadem brutalmente lugares [GN]

154-155: Nada mais necessário] Nada há mais necessário [GN]

157: um restaurante com as suas mesas,] um restaurante com a sua vulgaridade, as suas mesas, [GN]

158: de Notre-Dame] de Notre-Dame, [GN]

159: é obra louvável] é obra excelente [GN]

160: Jerusalém basta a égua ligeira] Jerusalém, basta a égua ligeira, [GN]

161: à tarde] à tarde, [GN]

163: tão santamente] tão deliciosamente [GN]

164-165: E são justamente essa tenda, e o camelo grave que carrega os fardos,] E é justamente essa água árabe, e a tenda, o camelo grave que leva o rancho, [GN]

165-167: e os pedaços de deserto onde se galopa com a alma cheia de liberdade, e o lírio de Salomão que se colhe nas fendas duma ruína sagrada, [*Passagem inexistente na* GN.]

168-169: e as rememorações do Passado à noite] e as longas recordações do Passado, à noite, [GN]

170-171: de gosto que ama as emoções delicadas de Natureza, História e Arte.] de gosto, que ama as emoções verdadeiras. [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de Jerusalém se partir para a Galileia num wagon estridente e cheio de pó, talvez ninguém empreenda a peregrinação magnífica — a não ser o destro *commis-voyageur* que vai vender pelos Bazares chitas de Manchester ou panos vermelhos de Sedan. O teu negro comboio rolará vazio. Que pura alegria essa para todos os entendimentos cultos — que não sejam acionistas dos *Caminhos de Ferro da Palestina*!…

Mas sossega, Bertrand, engenheiro e acionista! Os homens, mesmo os que melhor servem o Ideal, nunca resistem às tentações sensualistas do Progresso. Se dum lado, à saída de Jafa, a própria caravana da Rainha de Sabá, com os seus elefantes e onagros, e estandartes, e liras, e os arautos coroados de anémonas, e todos os fardos abarrotados de pedrarias e bálsamos, infindável em poesia e lenda, se oferecesse ao homem do século XIX para o conduzir lentamente a Jerusalém e a Salomão — e do outro lado um comboio, silvando, de portinholas abertas, lhe prometesse a mesma jornada, sem soalheiras nem solavancos, a vinte quilómetros por hora, com bilhete de ida e volta, esse homem, por mais intelectual, por mais eruditamente artista, agarraria a sua chapeleira e enfiaria sofregamente para o wagon, onde pudesse descalçar as botas, e dormitar de ventre estendido.

Por isso a tua obra maligna prosperará pela própria virtude da sua malignidade. E, dentro de poucos anos, o ocidental positivo que de manhã partir da velha Jeppo, no seu wagon de 1.ª classe,

172: a Galileia] a Galileia, [GN]

173: pó, talvez ninguém empreenda a peregrinação magnífica] pó, ninguém fará essa peregrinação magnífica, [GN]

174: *commis-voyageur* que vai vender pelos Bazares] *commis-voyageur*, que vende pelos Bazares [GN]

175-178: O teu negro comboio rolará vazio. Que pura alegria essa para todos os entendimentos cultos — que não sejam acionistas dos *Caminhos de Ferro da Palestina*!…] É bem possível por isso que esta *Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina* venha a recolher os seus wagons vazios e inúteis, aos depósitos de Marselha, seu elemento natural. Será essa uma pura alegria para todos os espíritos cultos — que não forem acionistas. [GN*; abre dois parágrafos: em* É bem possível *e em* Será essa.]

179-194: Mas sossega […] sua malignidade.] Mas, se ela florescer, se o peregrino adotar para isso da sua fé, ou da sua curiosidade histórica, a «grande velocidade a 200 réis por quilómetro» — então a obra horrenda ficará imutavelmente consumada, e para sempre estabelecida na terra dos milagres, na Sião Redentora e brilhante de claridade. [GN]

194: o ocidental positivo] o homem positivo, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e comprar na estação de Gaza a *Gazeta Liberal do Sinai*, e jantar divertidamente em Ramleh no *Grand-Hotel dos Macabeus* — irá, à noite, em Jerusalém, através da *Via Dolorosa* iluminada pela eletricidade, beber um bock e bater três carambolas no *Casino do Santo Sepulcro*!

Será este o teu feito — e o fim da lenda cristã.

Adeus, monstro! — FRADIQUE.

197: *dos Macabeus* —] *dos Macabeus,* [GN]

198: *Via Dolorosa*] *Via Dolorosa,* [GN]

201: Será este o teu feito — e o fim da lenda cristã.] E tudo isto, afirmaram as gentes graves desde Brindisi até Glasgow, será Progresso, maravilhoso Progresso! [GN]

202: Adeus, monstro! — FRADIQUE.] João Gomes. [GN]

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XII

A MADAME DE JOUARRE

Quinta de Refaldes (Minho).

Minha querida madrinha. — Estou vivendo pinguemente em terras eclesiásticas, porque esta quinta foi de frades. Agora pertence a um amigo meu, que é, como Virgílio, poeta e lavrador, e canta piedosamente as origens heroicas de Portugal enquanto amanha os seus campos e engorda os seus gados. Rijo, viçoso, requeimado dos sóis, tem oito filhos, com que vai povoando estas celas monásticas forradas de cretones claros. E eu justamente voltei de Lisboa a estes milheirais do Norte para ser padrinho do derradeiro, um famoso senhor de três palmos, cor de tijolo, todo roscas e regueifas, com uma careca de melão, os olhinhos luzindo entre rugas como vidrilhos, e o ar profundamente cético e velho. No sábado, dia de S. Bernardo, sob um azul que S. Bernardo tornara especialmente vistoso e macio, ao repicar dos sinos claros, entre aromas de roseira e jasmineiro, lá o conduzimos, todo enfeitado de laçarotes e rendas, à Pia, onde o Padre Teotónio inteiramente o lavou da fétida crosta de Pecado Original, que desde a bolinha dos calcanhares até à moleirinha o cobria todo, pobre senhor de três palmos que ainda não vivera da alma, e já perdera a alma…

3: [*Título na* GN: *Quinta de Frades. Conforme observam Elza Miné e Neuma Cavalcante, editoras do volume* Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias») *(Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 273), o texto «Quinta de Frades», inserto na* Gazeta de Notícias *de 27 de julho de 1892, n.º 8, p. 1, cols. 7-8,* foi «publicado como crônica alheia à *Correspondência de Fradique Mendes* e depois transformado nesta carta a Madame de Jouarre».]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E desde então, como se Refaldes fosse a ilha dos Latofágios, e eu tivesse comido em vez da couve-flor da horta a flor do Lótus, por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura destes ares, destes prados, de toda esta rural serenidade que me afaga e me adormece.

O casarão conventual que habitamos, e onde os cónegos Regrantes de Santo Agostinho, os ricos e nédios Crúzios, vinham preguiçar no verão, prende por um claustro florido de hidrângeas a uma igreja lisa e sem arte, com um adro assombreado por castanheiros, pensativo, grave, como são sempre os do Minho. Uma cruz de pedra encima o portão, onde pende ainda da corrente de ferro a vetusta e lenta sineta fradesca. No meio do pátio, a fonte de boa água, que canta adormecidamente caindo de concha em concha, tem no topo outra cruz de pedra, que um musgo amarelento reveste de melancolia secular. Mais longe, num vasto tanque, lago caseiro orlado de bancos, onde decerto os bons Crúzios se vinham embeber pelas tardes de frescura e repouso, a água das regas, límpida e farta, brota dos pés de uma santa de pedra, hirta no seu nicho, e que é talvez Santa Rita. Adiante ainda, na horta, outra santa franzina, sustentando nas mãos um vaso partido, preside, como uma náiade, ao borbulhar de outra fonte, que por quelhas de granito vai luzindo e fugindo através do feijoal. Nos esteios de pedra que sustentam a vinha

4-27: *Minha querida madrinha*. — Estou vivendo […] que habitamos, e] Estamos aqui nas terras da Maia — e esta quinta foi de frades. // A casa conventual [GN]

27: cónegos] Cónegos [GN]

29-30: verão, prende por um claustro florido de hidrângeas a uma igreja] verão é a continuação de uma igreja de freguesia, [GN]

30-31: adro assombreado por castanheiros, pensativo, grave, como são sempre] adro melancólico, como são [GN]

31: Minho.] Minho, assombreado por grossos castanheiros. [GN]

32: da] da sua [GN]

33: a vetusta] a velha [GN]

34: canta adormecidamente] canta docemente [GN]

35-37: que um musgo amarelento reveste de melancolia secular. Mais longe, num] que o musgo amarelenta. Mais longe, no [GN]

37: bancos,] bancos de pedra, [GN]

38-39: embeber pelas tardes de frescura e repouso,] embeber de frescura, [GN]

43: e] e vai [GN]

44: vinha] vinha, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

há por vezes uma cruz gravada, ou um coração sagrado, ou o monograma de Jesus. Toda a quinta, assim santificada por signos devotos, lembra uma sacristia onde os tetos fossem de parra, a relva cobrisse os soalhos, por cada fenda borbulhasse um regato, e o incenso saísse dos cravos.

Mas, com todos estes emblemas sacros, nada há que nos mova, ou severamente nos arraste, aos renunciamentos do mundo. A quinta foi sempre, como agora, de grossa fartura, toda em campos de pão, bem arada e bem regada, fecunda, estendida ao sol como um ventre de Ninfa antiga. Os frades excelentes que nela habitaram amavam largamente a terra e a vida. Eram fidalgos que tomavam serviço na milícia do Senhor, como os seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milícia de El-Rei — e que, como eles, gozavam risonhamente os vagares, os privilégios e a riqueza da sua Ordem e da sua Casta. Vinham para Refaldes, pelas calmas de julho, em seges e com lacaios. A cozinha era mais visitada que a igreja — e todos os dias os capões alouravam no espeto. Uma poeira discreta velava a livraria, onde apenas por vezes algum cónego reumatizante e retido nas almofadas da sua cela mandava buscar o *D. Quixote*, ou as *Farsas de D. Petronilla*. Espanejada, arejada, bem catalogada, com rótulos e notas traçadas pela mão erudita dos Abades — só a adega…

Não se procure pois, nesta morada de monges, o precioso sabor das tristezas monásticas; nem as quebradas de serra e vale,

46: monograma] monograma airoso [GN]

47-49: devotos, lembra uma sacristia onde os tetos fossem de parra, a relva cobrisse os soalhos, por cada fenda borbulhasse um regato, e o incenso saísse dos cravos.] devotos, é como uma sacristia, com tetos de ramada, o chão relvado, e o incenso saindo das flores da madressilva. [GN]

50-51: Mas, com todos estes emblemas sacros, nada há que nos mova, ou severamente nos arraste, aos] Mas não há aqui nada que lembre os [GN]

52: de grossa] de grande [GN]

53-54: regada, fecunda, estendida ao sol como um ventre de Ninfa antiga.] regada, plana, estirada ao sol. [GN]

54-55: que nela] que aqui [GN]

56: que tomavam] que tinham tomado [GN]

58: privilégios e] privilégios, [GN]

59: Ordem e da sua Casta. Vinham para Refaldes,] Ordem. Vinham para aqui, [GN]

61-66: espeto. Uma […] Abades — só a adega…] espeto. [GN; *não abre parágrafo.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cheias de ermo e mudez, tão doces para nelas se curtirem deliciosamente as saudades do céu; nem as espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava, por nelas encontrar melhor que na sua cela a «fecunda solidão»; nem os claros de pinheiral gemente, com rochas nuas, tão próprias para a choça e para a cruz do ermita… Não! Aqui, em torno do pátio (onde a água da fonte todavia corre dos pés da cruz) são sólidas tulhas para o grão, fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de perus reverendos. Adiante é a horta viçosa, cheirosa, suculenta, bastante a fartar as panelas todas de uma aldeia, mais enfeitada que um jardim, com ruas que as tiras de morangal orlam e perfumam e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito, limpa e alisada, rijamente construída para longos séculos de colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardais voam dentro como num pedaço de céu. E por fim, ondulando ricamente até às colinas macias, os campos de milho e de centeio, o vinhedo baixo, os olivais, os relvados, o linho sobre os regatos, o mato florido para os gados… S. Francisco de Assis e S. Bruno abominariam este retiro de frades e fugiriam dele, escandalizados, como de um pecado vivo.

67-70: morada de monges, o precioso sabor das tristezas monásticas; nem as quebradas de serra e vale, cheias de ermo e mudez, tão doces para nelas se curtirem deliciosamente as saudades do céu; nem as] morada monástica, a poesia triste de mosteiro — esses horizontes de serra e vales, cheios de mudez e paz, que povoam a alma de saudades do céu; essas [GN]

72-73: solidão»; nem os claros de pinheiral gemente,] solidão»; esses claros de pinheiral, gemente, [GN]

74: ermita… Não!] ermita... Nada disso. [GN]

76-77: grão, fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de perus reverendos.] grão, e fundos eidos para o gado. [GN]

77-78: viçosa, cheirosa,] viçosa, abarrotada, [GN]

78-79: uma aldeia, mais enfeitada] uma aldeia, mais bem disposta [GN]

79: ruas] ruas areadas [GN]

80: perfumam] perfumam, [GN]

81: granito,] granito [GN]

81: alisada, rijamente] alisada, fortemente [GN]

84-86: ondulando ricamente até às colinas macias, os campos de milho e de centeio, o vinhedo baixo, os olivais, os relvados, o linho sobre os regatos,] ondulando brandamente até às colinas, os campos de trigo e de centeio, os olivais, o vinhedo baixo, [GN]

88: retiro de frades] retiro monástico [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A casa dentro oferece o mesmo bom conchego temporal. As celas espaçosas, de tetos apainelados, abrem para as terras semeadas, e recebem delas, através da vidraçaria cheia de sol, a perene sensação de fartura, de opulência rural, de bens terrenos que não enganam. E a sala melhor, traçada para as ocupações mais gratas, é o refeitório, com as suas varandas rasgadas, onde os regalados monges pudessem, ao fim do jantar, conforme a venerável tradição dos crúzios, beber o seu café aos golos, galhofando, arrotando, respirando a fresquidão, ou seguindo nas faias do pátio o cantar alto de um melro.

De sorte que não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de religiosa passou a secular. Estava já sabiamente preparada para a profanidade; — e a vida que nela então se começou a viver não foi diferente da do velho convento, apenas mais bela, porque, livre das contradições do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia se tornou perfeita. E, tal como é, desliza com incomparável doçura. De madrugada os galos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a moça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao ombro, a fila dos jornaleiros mete-se às terras — e o trabalho principia, esse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansável, porque é todo feito a cantar. As vozes vêm, altas e desgarradas, no fino silêncio, dalém, dentre os trigos,

91: de] de altos [GN]
92-93: a perene] a regalada [GN]
93: de bens] de bons [GN]
94: E [GN *abre parágrafo.*]
97: crúzios,] Crúzios, [GN]
97-99: golos, galhofando, arrotando, respirando a fresquidão, ou seguindo nas faias do pátio o cantar alto de um melro.] golos, respirando o sossego e a fresquidão das tardes. [GN]
100-101: não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de religiosa passou] não foi necessário alterar esta vivenda, quando ela passou de religiosa [GN]
102: que nela então] que então aqui [GN]
103: viver] viver, [GN]
104: porque, livre] porque livre, [GN]
105: harmonia se tornou] harmonia ficou [GN]
110: que em Portugal] que no campo, em Portugal, [GN]
112: no fino] no grande [GN]
112: dalém,] dalém [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ou do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho cru, e os lenços de longas franjas vermelhejam mais que papoulas. E não há neste labor nem dureza, nem arranque. Todo ele é feito com a mansidão com que o pão amadurece ao sol. O arado mais acaricia do que rasga a gleba. O centeio cai por si, amorosamente, no seio atraente da foice. A água sabe onde o torrão tem sede, e corre para lá gralhando e refulgindo. Ceres nestes sítios benditos permanece verdadeiramente, como no Lácio, a Deusa da Terra, que tudo propicia e socorre. Ela reforça o braço do lavrador, torna refrescante o seu suor, e da alma lhe limpa todo o cuidado escuro. Por isso os que a servem, mantêm uma serenidade risonha na tarefa mais dura. Essa era a ditosa feição da vida antiga.

À uma hora é o jantar, sério e pingue. A quinta tudo fornece prodigamente: — e o vinho, o azeite, a hortaliça, a fruta têm um sabor mais vivo e são, assim caídos das mãos do bom Deus sobre a mesa, sem passar pela mercancia e pela loja. Em palácio algum, por essa Europa superfina, se come na verdade tão deliciosamente como nestas rústicas quintas de Portugal. Na cozinha enfumarada, com duas panelas de barro e quatro achas a arder no chão, estas caseiras de aldeia, de mangas arregaçadas, guisam um banquete que faria exultar o velho Júpiter, esse transcendente guloso, educado a néctar, o Deus que mais comeu, e mais nobremente soube comer, desde que há Deuses no Céu e na Terra. Quem nunca provou este arroz de caçoula, este anho

115: labor] labor, [GN]

116: a mansidão] a lentidão [GN]

117-120: si, amorosamente, no seio atraente da foice. A água sabe onde o torrão tem sede, e corre para lá gralhando e refulgindo. Ceres nestes sítios benditos permanece] si, molemente, no braço recurvo da foice. Ceres é aqui [GN]

120-124: a Deusa da Terra, […] feição da vida antiga.] a deusa da terra; e os que a amanham, têm essa serenidade no esforço, que era das feições mais nobres da vida pagã. [GN]

125: jantar, sério e pingue.] jantar, pingue e gostoso. [GN]

125-126: fornece prodigamente: — e] fornece largamente: — e [GN]

126-127: fruta têm] fruta, as aves, tudo tem [GN]

127: são, assim caídos] são assim, caídos diretamente [GN]

133-134: esse transcendente] esse finíssimo [GN]

134: Deus] deus [GN]

135: mais nobremente] mais profundamente [GN]

135-136: Deuses no Céu e na Terra.] deuses no céu e na terra. [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pascal candidamente assado no espeto, estas cabidelas de frango coevas da Monarquia que enchem a alma, não pode realmente conhecer o que seja a especial Bem-Aventurança tão grosseira e tão divina, que no tempo dos frades se chamava a *comezaina*. E a quinta depois, com as suas latadas de sombra macia, a dormente sussurração das águas regantes, os ouros claros e foscos ondulando nos trigais, oferece, mais que nenhum outro paraíso humano ou bíblico, o repouso acertado para quem emerge, pesado e risonho, deste arroz e deste anho!

Se estes meios-dias são um pouco materiais, breve a tarde trará a porção de poesia de que necessita o Espírito. Em todo o céu se apagou a refulgência de ouro, o esplendor arrogante que se não deixa fitar e quase repele; agora apaziguado e tratável, ele derrama uma doçura, uma pacificação que penetra na alma, a torna também pacífica e doce, e cria esse momento raro em que céu e alma fraternizam e se entendem. Os arvoredos repousam numa imobilidade de contemplação, que é inteligente. No piar velado e curto dos pássaros há um recolhimento e consciência de ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos, cansada e farta, e vai ainda beberar ao tanque, onde o gotejar da água sob a cruz é mais preguiçoso. Toca o sino a Ave-Marias. Em todos os casais

136-137: anho pascal candidamente assado no espeto,] anho verdadeiramente pascal assado no forno, [GN]

137-138: frango coevas da Monarquia que enchem a] frango que vão direitas à [GN]

139: a especial Bem-Aventurança] a bem-aventurança, [GN]

140: *comezaina*.] «comezaina» … [GN]

141-143: sombra macia, a dormente sussurração das águas regantes, os ouros claros e foscos ondulando nos trigais, oferece] sombra leve, a fria sussuração das suas águas, a embaladora ondulação dos trigais e a viveza dos campos pintalgados de pampilho e botão de ouro, oferece [GN]

143-144: paraíso humano ou bíblico, o repouso acertado para quem emerge,] paraíso, o meio perfeito para quem sai, pesado e risonho, deste arroz e deste anho! [GN]

147-148: necessita o Espírito. Em todo o céu] necessita a alma. De todo o céu onde [GN]

148: ouro, o] ouro, esse [GN]

149: repele;] repele, [GN]

149-150: tratável, ele derrama] tratável, ele desce [GN]

151: raro] raro e adorável [GN]

152: fraternizam e se entendem.] fraternizam. [GN]

152: repousam] repousam, [GN]

153: que é] que parece [GN]

154: há um recolhimento e consciência] há já uma sonolência [GN]

156: água sob a cruz] água [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e terno, minha madrinha, que, em qualquer banco de pedra em que me sente, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonia com ela, que não há nesta alma, toda encrostada das lamas do mundo, pensamento que não pudesse contar a um santo…

Verdadeiramente estas tardes santificam. O mundo recua para muito longe, para além dos pinhais e das colinas, como uma miséria esquecida: — e estamos então realmente na felicidade de um convento, sem regras e sem abade, feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão própria à oração que não tem palavras, e que é por isso a mais bem compreendida por Deus.

Depois escurece, já há pirilampos nas sebes. Vénus, pequenina, cintila no alto. A sala, em cima, está cheia de livros, dos livros fechados no tempo dos Crúzios — porque só desde que não pertence a uma ordem espiritual é que esta casa se espiritualizou. E o dia na quinta finda com uma lenta e quieta palestra sobre ideias e letras, enquanto na guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saudades e em ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surde, como a escutar, por detrás dos negros montes.

Deus nobis hæc otia fecit in umbra Lusitaniæ pulcherrimæ… Mau latim — grata verdade.

Seu grato e mau afilhado — FRADIQUE.

160: terno, minha madrinha,] terno, [GN]
161: que me sente, fico] que te sentes, ficarás [GN]
162-163: não há nesta alma, toda encrostada das lamas do mundo,] não haverá na tua alma [GN]
164: não pudesse] não pudesses [GN]
167: estamos então] estamos aqui [GN]
168: abade,] abade; [GN]
169: própria à] própria a essa [GN]
171: Vénus, pequenina,] Vénus pequenina [GN]
172-173: livros fechados] livros que faltavam [GN]
174: espiritual] espiritual, [GN]
174: casa se espiritualizou.] casa está espiritualizada. [GN]
175: uma lenta e] uma [GN]
177: lua,] lua além, [GN]
179: montes.] [*O texto da* GN *termina aqui.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XIII

A CLARA…

(Trad.)

Paris, novembro.

Meu amor. — Ainda há poucos instantes (dez instantes, dez minutos, que tanto gastei num *fiacre* desolador desde a nossa *Torre de Marfim*) eu sentia o rumor do teu coração junto do meu, sem que nada os separasse senão uma pouca de argila mortal, em ti tão bela, em mim tão rude — e já estou tentando recontinuar ansiosamente, por meio deste papel inerte, esse inefável *estar contigo* que é hoje todo o fim da minha vida, a minha suprema e única vida. É que, longe da tua presença, cesso de viver, as coisas para mim cessam de ser — e fico como um morto jazendo no meio de um mundo morto. Apenas, pois, me finda esse perfeito e curto momento de vida que me dás, só com pousar junto de mim e murmurar o meu nome — recomeço a aspirar desesperadamente para ti como para uma ressurreição!

2: [*Título na* Gazeta de Notícias *(n.º 324, 20 de novembro de 1892, p. [1]): «Cartas de Amor II»*.]
3: *(Trad.)*] [*Palavra inexistente na* GN.]
4: Paris, novembro] [*Passagem inexistente na* GN.]
5: *Meu amor*. —] *Meu Amor*. — [GN]
9: recontinuar] recontinuar, [GN]
10: inerte,] inerte [GN]
11: a minha suprema] a minha superior [GN]
12: presença, cesso de viver,] presença, eu cesso de viver, [GN]
15: de vida que me dás,] de vida, que me dás [GN]
15-16: com pousar junto de mim e murmurar] com estar junto de mim, o murmurar [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Antes de te amar, antes de receber das mãos de meu Deus a minha Eva — que era eu, na verdade? Uma sombra flutuando entre sombras. Mas tu vieste, doce adorada, para me fazer sentir a minha realidade, e me permitir que eu bradasse também o meu — *«amo, logo existo!»* E não foi só a minha realidade que me desvendaste — mas ainda a realidade de todo este Universo, que me envolvia como um ininteligível e cinzento montão de aparências. Quando há dias, no terraço de Savran, ao anoitecer, te queixavas que eu contemplasse as estrelas estando tão perto dos teus olhos, e espreitasse o adormecer das colinas junto ao calor dos teus ombros — não sabias, nem eu te soube então explicar, que essa contemplação era ainda um modo novo de te adorar, porque realmente estava admirando nas coisas a beleza inesperada que tu sobre elas derramas por uma emanação que te é própria, e que, antes de viver a teu lado, nunca eu lhes percebera, como se não percebe a vermelhidão das rosas ou o verde tenro das relvas antes de nascer o sol! Foste tu, minha bem-amada, que me alumiaste o mundo. No teu amor recebi a minha Iniciação. Agora entendo, agora sei. E, como o antigo Iniciado, posso afirmar: — «Também eu fui a Eleusis; pela larga estrada pendurei muita flor que não era verdadeira, diante de muito altar que não era divino; mas a Eleusis cheguei, em Eleusis penetrei — e vi e senti a verdade!…»

E acresce ainda, para meu martírio e glória, que tu és tão sumptuosamente bela e tão etereamente bela, duma beleza feita

18: de receber] de receber em ti, [GN]
18: meu Deus] meu Deus, [GN]
21: bradasse também] bradasse também triunfalmente [GN]
23: Universo,] Universo [GN]
25: de Savran,] de Savrou, [GN]
26: que eu contemplasse as estrelas] que eu parasse a contemplar as estrelas, [GN]
28: não sabias,] não sabias [GN]
28: explicar,] explicar [GN]
30: porque estava admirando nas coisas] por que eu só admirava realmente nas cousas [GN]
32: lado, nunca eu lhes percebera,] lado, eu nunca lhes percebera, [GN]
33: a vermelhidão das rosas] a brancura da rosas, [GN]
33: o verde tenro] o verde [GN]
34: Foste tu,] Foste tu na verdade, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de Céu e de Terra, beleza completa e só tua, que eu já concebera — que nunca julgara realizável. Quantas vezes, ante aquela sempre admirada Vénus de Milo, pensei que se debaixo da sua testa de Deusa pudessem tumultuar os cuidados humanos; se os seus olhos soberanos e mudos se soubessem toldar de lágrimas; se os seus lábios, só talhados para o mel e para os beijos, consentissem em tremer no murmúrio de uma prece submissa; se, sob esses seios, que foram o apetite sublime dos Deuses e dos Heróis, um dia palpitasse o Amor e com ele a Bondade; se o seu mármore sofresse, e pelo sofrimento se espiritualizasse, juntando ao esplendor da Harmonia a graça da Fragilidade; se ela fosse do nosso tempo e sentisse os nossos males, e permanecendo Deusa do Prazer se tornasse Senhora da Dor — então não estaria colocada num museu, mas consagrada num santuário, porque os homens, ao reconhecer nela a aliança sempre almejada e sempre frustrada do Real e do Ideal, decerto a teriam aclamado *in eternum* como a definitiva Divindade. Mas quê! A pobre Vénus só oferecia a serena magnificência da carne. De todo lhe faltava a chama que arde na alma e a consome. E a criatura incomparável do meu cismar, a Vénus Espiritual, Citereia e Dolorosa, não existia, nunca

41-43: E acresce ainda, para meu martírio e glória, que tu és tão sumptuosamente bela e tão etereamente bela, duma beleza feita de Céu e de Terra, beleza completa e só tua,] E acresce ainda que és indizivelmente linda! Linda, de uma lindeza completa e só tua, [GN] [*Na* GN *não é aberto o parágrafo em* E acresce; *abre parágrafo em* Linda,]

43-44: já concebera — que nunca] já concebera abstratamente — mas que nunca [GN]

45: sempre admirada] sempre admirada e toda-perfeita [GN]

45: Milo, pensei que se] Milo, eu pensei que se, [GN]

46: tumultuar os cuidados humanos;] tumultuar as ideias e os cuidados humanos; [GN]

46-47: os seus olhos soberanos] os seus olhos tão altivos [GN]

48: e para os beijos,] para os beijos, [GN]

51: a Bondade;] a bondade; [GN]

52: se espiritualizasse,] se afinasse e se espiritualizasse, [GN]

55-56: estaria colocada num museu, mas consagrada] estaria friamente exposta num museu, mas consagrada ainda [GN]

56-57: homens, ao reconhecer nela] homens, reconhecendo nela [GN]

58: *in eternum*] [*Por* in aeternum, *tal como na* GN.]

59: a definitiva Divindade.] a Divindade definitiva!... [GN]

59: só oferecia] só tem [GN]

60-61: lhe faltava a chama que arde na alma e a consome.] lhe falta a chama interior que consome e purifica. [GN]

62: não existia,] não existe, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

existiria!… E quando eu assim pensava, eis que tu surges, e eu te compreendo! Eras a encarnação do meu sonho, ou antes dum sonho que deve ser universal — mas só eu te descobri, ou, tão feliz fui, que só por mim quiseste ser descoberta!

Vê, pois, se jamais te deixarei escapar dos meus braços! Por isso mesmo que és a minha Divindade, — para sempre e irremediavelmente estás presa dentro da minha adoração. Os Sacerdotes de Cartago acorrentavam às lajes dos Templos, com cadeias de bronze, as imagens dos seus Baals. Assim te quero também, acorrentada dentro do templo avaro que te construí, só Divindade minha, sempre no teu altar, — e eu sempre diante dele rojado, recebendo constantemente na alma a tua visitação, abismando-me sem cessar na tua essência, de modo que nem por um momento se descontinue essa fusão inefável, que é para ti um ato de Misericórdia e para mim de Salvação. O que eu desejaria na verdade é que fosses invisível para todos e como não existente — que perpetuamente um estofo informe escondesse o teu corpo, uma rígida mudez ocultasse a tua inteligência. Assim passarias no mundo como uma aparência incompreendida. E só para mim, de dentro do invólucro escuro, se revelaria a tua perfeição rutilante. Vê quanto te amo — que te queria entrouxada num rude, vago vestido de merino, com um ar quedo, inanimado… Perderia assim o triunfal contentamento de ver resplandecer entre a multidão maravilhada aquela que em segredo nos ama. Todos

64: ou antes] ou antes, [GN]

68: a minha Divindade,] a minha única Divindade, [GN]

71: dos seus Baals.] dos seus Deuses. [GN]

72: acorrentada dentro do templo avaro que te construi,] acorrentada no santuário que te ergui, [GN]

74: a tua visitação,] a tua visita, [GN]

77: ato de Misericórdia e para mim de Salvação.] ato de Piedade e para mim de Divinização. [GN]

79: existente — que perpetuamente um estofo informe] existente — e que perpetuamente um véu avaro [GN]

80: uma rígida mudez] uma inacessível mudez [GN]

81: como uma aparência] como uma forma [GN]

83: perfeição rutilante.] perfeição luminosa. [GN]

83-84: que te queria entrouxada num rude, vago vestido de merino, com um ar quedo, inanimado…] que te queria embrulhada num tosco vestido de merino, com um ar parado, inerte… [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

murmurariam compassivamente — *«Pobre criatura!»* E só eu saberia da «pobre criatura», o corpo e a alma adoráveis!

Quanto adoráveis! Nem compreendo que, tendo consciência do teu encanto, não estejas de ti namorada como aquele Narciso que treme de frio, coberto de musgo, à beira da fonte, em Savran. Mas eu largamente te amo, e por mim e por *ti*! A tua beleza, na verdade, atinge a altura de uma virtude: — e foram decerto os modos tão puros da tua alma que fixaram as linhas tão formosas do teu corpo. Por isso há em mim um incessante desespero de não te saber amar condignamente — ou antes (pois desceste de um céu superior) de não saber tratar, como ela merece, a hóspeda divina do meu coração. Desejaria, por vezes, envolver-te toda numa felicidade imaterial, seráfica, calma infinitamente como deve ser a Bem-Aventurança — e assim deslizarmos enlaçados através do silêncio e da luz, muito brandamente, num sonho cheio de certeza, saindo da vida à mesma hora e indo continuar no *além* o mesmo sonho extático. E outras vezes desejaria arrebatar-te numa felicidade veemente, tumultuosa, fulgente, toda de chama, de tal sorte que nela nos destruíssemos sublimemente, e de nós só restasse uma pouca de cinza sem memória e sem nome! Possuo uma velha gravura que é um Satanás, ainda em toda a refulgência da beleza arcangélica, arrastando nos braços para o Abismo uma freira, uma Santa, cujos derradeiros véus de penitência se vão esgaçando pelas

87: *«Pobre criatura!»*] *«Pobre criatura»!* [GN]
90: Narciso] Narciso, [GN]
92: e por mim e por *ti*!] e por mim, e *por ti*! [GN]
93-94: os modos tão puros da tua alma] os modos do teu espírito [GN]
94-95: as linhas tão formosas do teu corpo.] as formas da tua beleza. [GN]
96: ou antes (pois desceste] ou antes (pois te desceste [GN]
98-99: numa felicidade imaterial, seráfica,] numa felicidade contínua, imaterial, transcendente, [GN]
100: a Bem-Aventurança —] a da Bem-Aventurança — [GN]
100-101: através do silêncio e da luz, muto brandamente,] através da vida e da luz, muito docemente, [GN]
101: sonho cheio de certeza,] sonho todo feito de certeza, [GN]
103: sonho extático.] [*A forma* estático *de 1900 deve ser gralha.*]
103-104: numa felicidade veemente, tumultuosa, fulgente, toda de chama] numa felicidade violenta, veemente, tumultuosa, todo em chamas, [GN]
106: Possuo uma velha] Tenho uma velha [GN]
108: arcangélica, arrastando nos braços para o Abismo] arrastando, sem braços para o Abismo, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pontas das rochas negras. E na face da Santa, através do horror, brilha, irreprimida e mais forte que o horror, uma tal alegria e paixão, tão intensas — que eu as apeteceria para ti, oh minha Santa roubada! Mas de nenhum destes modos te sei amar, tão fraco ou inábil é o meu coração, de modo que por o meu amor não ser perfeito, tenho de me contentar que seja eterno. Tu sorris tristemente desta eternidade. Ainda ontem me perguntavas: — «No calendário do seu coração, quantos dias dura a eternidade?» Mas considera que eu era um morto — e que tu me ressuscitaste. O sangue novo que me circula nas veias, o espírito novo que em mim sente e compreende, são o meu amor por ti — e se ele me fugisse, eu teria outra vez, regelado e mudo, de reentrar no meu sepulcro. Só posso deixar de te amar — quando deixar de ser. E a vida contigo, e por ti, é tão inexprimivelmente bela! É a vida de um Deus. Melhor talvez: — e se eu fosse esse pagão que tu afirmas que sou, mas um pagão do Lácio, pastor de gados, crente ainda em Júpiter e Apolo, a cada instante temeria que um desses Deuses invejosos te raptasse, te elevasse ao Olimpo para completar a sua ventura divina. Assim não receio: — toda minha te sei e para todo o sempre, olho o mundo em torno de nós como um Paraíso para nós criado, e durmo seguro sobre o teu peito na plenitude da glória, oh minha três vezes bendita, Rainha da minha graça.

110: das rochas negras.] das rochas. [GN]
111: uma tal alegria] uma tal felicidade [GN]
112: para ti,] para ti, essa alegria, [GN]
114: meu coração,] meu coração [GN]
115: contentar que seja] contentar em que seja [GN]
116: Ainda ontem me perguntavas:] E já me perguntaste: [GN]
117: Mas] [*Abertura de parágrafo na* GN.]
119: veias, o espírito novo] veias, a alma nova [GN]
123-124: É a vida de um Deus.] É uma vida de Deus. [GN]
125: que sou,] que eu sou, [GN]
125: mas um pagão do Lácio, pastor de gados,] mas um pagão simples, um rude pastor do Lácio, [GN]
126: a cada instante temeria] a cada instante estaria tremendo [GN]
127: te raptasse, te elevasse ao Olimpo] te roubasse, te elevasse às alturas, [GN]
128-129: receio: — toda minha te sei e para todo o sempre,] receio: — sinto-te toda minha e para todo o sempre [GN]
130: e durmo seguro] e durmo [GN]
131: oh minha] oh minha, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Não penses que estou compondo cânticos em teu louvor. É em plena simplicidade que deixo escapar o que me está borbulhando na alma… Ao contrário! Toda a Poesia de todas as idades, na sua gracilidade ou na sua majestade, seria impotente para exprimir o meu êxtase. Balbucio, como posso, a minha infinita oração. E nesta desoladora insuficiência do Verbo humano é como o mais inculto e o mais iletrado que ajoelho ante ti, e levanto as mãos, e te asseguro a única verdade, melhor que todas as verdades — que te amo, e te amo, e te amo, e te amo!… FRADIQUE.

132: compondo cânticos] compondo um cântico [GN]
132: teu louvor.] teu louvor — e desfolhando a teus pés, por gratidão, um ramo erudito e galante, feito de flores de Arte e de «Humanidades». Não. [GN]
133: É em plena simplicidade que deixo] E em toda a simplicidade, que eu deixo [GN]
133-134: borbulhando na alma…] borbulhando no peito. [GN]
135: seria impotente] seria impotente, inútil [GN]
138: o mais iletrado] o mais iletrado, [GN]
138: e levanto] e ergo [GN]
140: te amo!… FRADIQUE.] te amo! — F. / Eça de Queirós [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XIV

A MADAME DE JOUARRE

(*Trad.*)

Lisboa, junho.

Minha querida madrinha. — Naquela casa de hóspedes da Travessa da Palha, onde vive, atrelado à lavra angustiosa da Verdade, meu primo o Metafísico, conheci, logo depois de voltar de Refaldes, um padre, o padre Salgueiro, que talvez a minha madrinha, com essa sua maliciosa paciência de colecionar Tipos, ache interessante e psicologicamente divertido.

O meu distraído e pálido Metafísico afirma, encolhendo os ombros, que padre Salgueiro não se destaca por nenhuma saliência de Corpo ou Alma entre os vagos padres da sua Diocese; — e que resume mesmo, com uma fidelidade de índice, o pensar, e o sentir, e o viver, e o parecer da classe eclesiástica em Portugal. Com efeito, por fora, na casca, padre Salgueiro é o costumado e

2: [*Este texto é a transformação de uma crónica da* Gazeta de Notícias *(segunda-feira, 13 de junho de 1892) intitulada «Padre Salgueiro». Uma vez que não foi possível consultar o número do jornal em que foi impresso, baseia-se o aparato crítico na edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante* in *Eça de Queirós,* Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»), *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, Lisboa, INCM,* 2002*, pp. [259]-263, com a indicação de edição* [2002].]

3: (*Trad.*)] [*Esta indicação não surge em* 2002.]

4: Lisboa, junho.] [*Passagem inexistente em* 2002.]

5: *Minha querida madrinha.* —] [*Passagem inexistente em* 2002.]

5-10: Naquela casa […] psicologicamente divertido.] De todos os padres que eu conheço (contava uma tarde, sentando num banco do seu pomar, entre as macieiras em flor, o homem que conhece tipos), o mais interessante e psicologicamente instrutivo é sem dúvida o padre Salgueiro. [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

corrente padre português, gerado na gleba, desbravado e afinado depois pelo Seminário, pela frequentação das autoridades e das Secretarias, por ligações de confissão e missa com fidalgas que têm capela, e sobretudo por longas residências em Lisboa, nestas casas de hóspedes da Baixa, infestadas de literatura e política. O peito bem arcado, de fôlego fundo, como um fole de forja; as mãos ainda escuras, ásperas, apesar do longo contacto com a alvura e doçura das hóstias; o carão cor de couro curtido, com um sobretom azul nos queixos escanhoados; a coroa lívida entre o cabelo mais negro e grosso que pelos de clina; os dentes escaroladamente brancos — tudo nele pertence a essa forte plebe agrícola de onde saiu, e que ainda hoje em Portugal fornece à Igreja todo o seu pessoal, pelo desejo de se aliar e de se apoiar à única grande instituição humana que realmente compreende e de que não desconfia. Por dentro, porém, como miolo, padre Salgueiro apresenta toda uma estrutura moral deliciosamente pitoresca e nova para quem, como eu, do Clero Lusitano só entrevira exterioridades, uma batina desaparecendo pela porta duma sacristia, um velho lenço de rapé posto na borda dum confessionário, uma sobrepeliz alvejando numa tipoia atrás dum morto…

11-21: O meu distraído […] e política.] Exteriormente, padre Salgueiro apresenta, com perfeição, o genuíno contorno do padre português. [2002]

22: O peito bem arcado, de fôlego fundo, como um fole de forja;] O corpo rudemente talhado, mas ágil; [2002]

23: ainda escuras, ásperas,] ainda escuras e ásperas, [2002]

26-27: os dentes escaroladamente brancos —] os dentes soberbamente sólidos e brancos — [2002]

27-28: tudo nele pertence a essa forte plebe agrícola] tudo em padre Salgueiro revela essa forte plebe rural [2002]

28-29: e que ainda hoje em Portugal fornece à Igreja todo o seu pessoal,] e que fornece ainda hoje a Portugal o pessoal da Igreja, [2002]

29: pelo desejo] pelo desejo, sempre nela vivo, [2002]

30-31: compreende e de que não desconfia.] compreende e ama. [2002]

31-36: Por dentro, […] dum morto…] Moralmente, porém, com a disciplina do seminário, a leitura apreciadora dos jornais, a frequentação das autoridades e das repartições, e as suas residências em Lisboa, numa casa de hóspedes da Conceição Nova, padre Salgueiro já se emburguesara — quero dizer, já recebera no espírito, naquela porção de espírito que Deus misericordiosamente lhe outorgou, três ou quatro espessas camadas de ideias e sentimentos peculiares à classe média. [2002*; abre parágrafo em* Moralmente,]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O que em padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto palestrámos, rondando pachorrentamente o Rossio, foi a sua maneira de conceber o Sacerdócio. Para ele o Sacerdócio (que de resto ama e acata como um dos mais úteis fundamentos da sociedade) não constitui de modo algum uma função espiritual — mas unicamente e terminantemente uma função civil. Nunca, desde que foi colado à sua paróquia, padre Salgueiro se considerou senão como um funcionário do Estado, um Empregado Público, que usa um uniforme, a batina (como os guardas da alfândega usam a fardeta), e que, em lugar de entrar todas as manhãs numa repartição do Terreiro do Paço para escrevinhar ou arquivar ofícios, vai, mesmo nos dias santificados, a uma outra repartição, onde, em vez da carteira se ergue um altar, celebrar missas e administrar sacramentos. As suas relações portanto não são, nunca foram, com o céu (do céu só lhe importa saber se está chuvoso ou claro) — mas com a Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos. Foi ela que o colocou na sua Paróquia,

37-38: padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto palestrámos, rondando pachorrentamente o Rossio, foi] padre Salgueiro atraía logo um homem que, como eu, se delicia em classificar espécies, era [2002]

39: o Sacerdócio.] o sacerdócio. [2002]

39: o Sacerdócio] o sacerdócio [2002]

40-41: (que de resto ama e acata como um dos mais úteis fundamentos da sociedade)] (que de resto amava e reverenciava) [2002]

41: não constitui de modo algum] não constituía, de modo algum, [2002]

42: mas unicamente e terminantemente] mas unicamente, exclusivamente, [2002]

44-45: um Empregado Público,] um empregado público, [2002]

45: um uniforme,] um uniforme especial, [2002]

46: a fardeta),] a farda), [2002]

46-47: de entrar todas as manhãs numa repartição] de ir todas as manhãs para uma repartição [2002]

47-48: Paço para escrevinhar ou arquivar ofícios,] Paço compor ofícios ou escutar requerentes, [2002]

48: vai, mesmo nos dias santificados,] vai, todos os dias, mesmo nos santificados, [2002]

48-49: outra repartição,] outra repartição especial, [2002]

49: vez da carteira] vez de carteira [2002]

50: As suas relações portanto] As suas relações, portanto, [2002]

51: com o céu (do céu] com o Céu (do Céu [2002]

51-52: saber se está chuvoso ou claro)] saber se vem chuva ou sol) [2002]

52-53: Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos.] Secretaria dos Negócios Eclesiásticos. [2002]

53: Foi ela] [*Abertura de parágrafo em* 2002]

53: colocou na sua Paróquia,] colocou em sua paróquia, [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

não para continuar a obra do Senhor guiando docemente os homens pela estrada limpa da Salvação (missões de que não curam as secretarias de Estado), mas, como funcionário, para executar certos atos públicos que a lei determina a bem da ordem social — batizar, confessar, casar, enterrar os paroquianos.

Os sacramentos são, pois, para este excelente padre Salgueiro, meras cerimónias civis, indispensáveis para a regularização do estado civil, — e nunca, desde que os administra, pensou na sua natureza divina, na Graça que comunicam às almas, e na força com que ligam a vida transitória a um princípio Imanente. Decerto, outrora no seminário, padre Salgueiro decorou em compêndios ensebados a sua Teologia Dogmática, a sua Teologia Pastoral, a sua Moral, o seu S. Tomás, o seu Liguori — mas meramente para cumprir as disciplinas oficiais do curso, ser ordenado pelo seu bispo, depois provido numa paróquia pelo seu ministro, como todos os outros bacharéis que em Coimbra decoram as *Sebentas* de Direito Natural e de Direito Romano para «fazerem o curso», receber na cabeça a borla de doutor, e depois o aconchego de um emprego fácil. Só o grau vale e importa, porque justifica o despacho. A ciência é a formalidade penosa que lá conduz — verdadeira provação, que, depois de atravessada, não deixa ao espírito desejos de regressar à

54: continuar a obra do Senhor guiando docemente] continuar a lenta obra de Cristo e guiar docemente [2002]

54-55: os homens pela estrada limpa da Salvação] os homens à salvação [2002]

58: casar, enterrar,] casar e enterrar [2002]

59: são, pois,] são, portanto, [2002]

61-63: civil, — e nunca […] Imanente.] civil, — mas seu caráter espiritual, que impunha deveres às almas, as prende a um princípio transcendente. [2002] [*Passagem duvidosa, talvez devido a erros tipográficos da* Gazeta de Notícias*; conjetura-se uma sintaxe mais de acordo com o contexto:* mas **sem** caráter espiritual, que **imponha** deveres às almas, as **prenda** a um princípio transcendente.]

64: compêndios ensebados] compêndios ensebados e veneráveis, [2002]

65-66: a sua Teologia Pastoral, a sua Moral, o seu S. Tomás,] a sua Moral, o seu São Tomás, [2002]

66: mas meramente] mas simplesmente [2002]

67-68: depois provido numa paróquia] depois colado a uma paróquia [2002]

69: bacharéis que em Coimbra decoram as *Sebentas*] bacharéis que decoram as «Sebentas» [2002]

69-70: Direito Natural e de Direito Romano] Direito natural e de Direito romano [*1900*]

70: para «fazerem o curso»,] para «fazerem» o curso, [2002]

73-74: conduz — verdadeira provação, que, depois de atravessada, não deixa ao espírito] conduz — uma verdadeira provação, que depois de atravessada não deixa decerto ao espírito [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sua disciplina, à sua aridez, à sua canseira. Padre Salgueiro, hoje, já esqueceu regaladamente a significação teológica e espiritual do casamento: — mas casa, e casa com perícia, com bom rigor litúrgico, com boa fiscalização civil, esmiuçando escrupulosamente as certidões, pondo na bênção toda a unção prescrita, perfeito em unir as mãos com a estola, cabal na ejaculação dos latins, porque é subsidiado pelo Estado para casar bem os cidadãos, e, funcionário zeloso, não quer cumprir com defeitos funções que lhe são pagas sem atraso.

A sua ignorância é deliciosa. Além de raros atos da vida afetiva de Jesus, a fuga para o Egito no burrinho, os pães multiplicados nas bodas de Caná, o azorrague caindo sobre os vendilhões do Templo, certas expulsões de Demónios, nada sabe do Evangelho — que considera todavia *muito bonito*. À doutrina de Jesus é tão alheio como à filosofia de Hegel. Da Bíblia também só conhece episódios soltos, que aprendeu certamente em oleografias — a Arca de Noé, Sansão arrancando as portas de Gaza, Judite degolando Holofernes. O que também me diverte, nas noites amigas em que conversamos na Travessa da Palha, é o seu desconhecimento absolutamente cândido das origens, da

74-75: regressar à sua disciplina, à sua aridez, à sua canseira.] regressar à sua severidade e tristeza. [2002]

76: esqueceu regaladamente] esqueceu profundamente [2002]

76: significação teológica e espiritual] significação teológica [2002]

77-79: com bom rigor […] as certidões,] com rigor litúrgico, sem omitir um ditame do ritual, [2002]

79-80: prescrita, perfeito em unir as mãos com a estola, cabal na ejaculação dos latins,] prescrita, nos latins toda a sonoridade, [2002]

82: funcionário zeloso,] funcionário escrupuloso, [2002]

84: A sua ignorância] Temos muitas vezes conversado — e a sua ignorância [2002]

84-85: raros atos da vida afetiva de Jesus,] raros atos exteriores da vida de Jesus, [2002]

85-88: no burrinho, […] do Evangelho —] no burrinho, a tentação na montanha, o ataque aos vendilhões, nada sabe do Evangelho — [2002]

88: *muito bonito.*] «muito bonito». [2002]

89-90: Da Bíblia também só conhece] Da Bíblia só conhece [2002]

91-92: de Noé, Sansão arrancando as portas de Gaza, Judite] de Noé, Job sob o seu monturo, Judith [2002]

92: O que também me diverte,] O que também consideravelmente me divertia, [2002]

93: em que conversamos na Travessa da Palha,] em que conversávamos na Conceição Nova, [2002]

93-94: é o seu desconhecimento absolutamente cândido das origens,] é o seu cândido desconhecimento das origens do cristianismo, [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

história da Igreja. Padre Salgueiro imagina que o Cristianismo se fundou de repente, num dia (decerto um domingo), por milagre flagrante de Jesus Cristo: — e desde essa festiva hora tudo para ele se esbate numa treva incerta, onde vagamente reluzem nimbos de santos e tiaras de papas, até Pio IX. Não admira, porém, na obra pontifical de Pio IX, nem a Infalibilidade, nem o Syllabus: — porque se preza de liberal, deseja mais progresso, bendiz os benefícios da instrução, assina *O Primeiro de Janeiro.*

Onde eu também o acho superiormente pitoresco, é cavaqueando acerca dos deveres que lhe incumbem como pastor de almas — os deveres para com as almas. Que ele, por continuação de uma obra divina, esteja obrigado a consolar dores, pacificar inimizades, dirigir arrependimentos, ensinar a cultura da bondade, adoçar a dureza dos egoísmos, é para o benemérito padre Salgueiro a mais estranha e incoerente das novidades! Não que desconheça a beleza moral dessa missão, que considera mesmo *cheia de poesia*. Mas não admite que, formosa e honrosa como é, lhe pertença a ele padre Salgueiro! Outro tanto seria exigir

95: o Cristianismo] o cristianismo [2002]

96-97: por milagre flagrante] por milagre direto [2002]

97-98: ele se esbate numa treva incerta,] ele é uma longa treva, [2002]

99: de papas,] de papas [2002]

99-100: Não admira, porém, na obra pontifical de Pio IX, nem a Infalibilidade, nem o Syllabus:] Não acredita, porém, na masmorra e nas palhas em que dormia Pio IX [2002]

101-102: deseja mais progresso, bendiz os benefícios da instrução, assina] deseja progresso e assina [2002]

103-104: Onde eu também o acho superiormente pitoresco, é cavaqueando acerca dos deveres] Onde eu o achava, porém, superiormente pitoresco, era cavaqueando sobre os deveres [2002]

104-105: como pastor de almas] como sacerdote, como pastor [2002]

106-107: divina, esteja obrigado a consolar dores, pacificar inimizades,] divina, fosse obrigado a consolar os corações, pacificar as inimizades, popularizar a bondade, [2002]

107-108: dirigir arrependimentos, ensinar a cultura da bondade, adoçar a dureza dos egoísmos, é] dirigir os arrependimentos, adoçar as misérias humanas, — era [2002]

109: a mais estranha e incoerente das novidades!] a mais estupenda das novidades! [2002]

109-110: Não que desconheça] Não que desconhecesse [2002]

110-111: que considera mesmo *cheia de poesia*.] que considerava mesmo «cheia de poesia». [2002]

111: Mas não admite] Mas não admitia [2002]

111-112: como é, lhe pertença a ele] como era, lhe competisse a ele, [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de um verificador da alfândega que moralizasse e purificasse o comércio. Esse santo empreendimento pertence aos Santos. E os Santos, na opinião de padre Salgueiro, formam uma Casta, uma Aristocracia espiritual, com obrigações sobrenaturais que lhes são delegadas e pagas pelo Céu. Muito diferentes se apresentam as obrigações de um pároco! Funcionário eclesiástico, ele só tem a cumprir funções rituais em nome da Igreja, e portanto do Estado que a subsidia. Há aí uma criança para batizar? Padre Salgueiro toma a estola e batiza. Há aí um cadáver para enterrar? Padre Salgueiro toma o hissope e enterra. No fim do mês recebe os seus dez mil réis (além da esmola) — e o seu bispo reconhece o seu zelo.

A ideia que padre Salgueiro tem da sua missão determina, com louvável lógica, a sua conduta. Levanta-se às dez horas, hora classicamente adotada pelos empregados do Estado. Nunca abre o breviário — a não ser em presença dos seus superiores eclesiásticos, e então por deferência jerárquica, como um tenente, que, em face ao seu general, se perfila, pousa a mão na espada. Enquanto a orações, meditações, mortificações, exames de alma, todos esses pacientes métodos de aperfeiçoamento e santificação própria, nem sequer suspeita que lhe sejam necessários ou favoráveis. Para quê? Padre Salgueiro constantemente tem presente

113: da alfândega] da alfândega, [2002]
114: aos Santos.] aos santos. [2002]
115-117: E os Santos, […] pelo Céu.] [*Passagem inexistente em* 2002.]
117-118: Muito diferentes se apresentam as obrigações de um pároco!] Outras, muito diferentes, são as obrigações de um pároco. [2002]
119-120: Estado que a subsidia.] Estado que o paga. [2002]
123-124: dez mil réis (além da esmola) — e o seu bispo reconhece o seu zelo.] dez mil réis — além da esmola. [2002]
125: sua missão] sua missão, [2002]
126: com louvável lógica,] com extrema lógica, [2002]
126-127: horas, hora classicamente] horas, que é a hora classicamente [2002]
127-128: Nunca abre o breviário] Nunca lê o breviário [2002]
128: em presença] em companhia [2002]
129-130: e então […] na espada.] e então com uma evidência exterior de deferência hierárquica. [2002]
133-134: necessários ou favoráveis.] necessários ou úteis. [2002]
134: Padre Salgueiro constantemente tem presente] Padre Salgueiro possui a pureza perfeita: — e constantemente tem presente [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que, sendo um funcionário, deve manter, sem transigências, nem omissões, o decoro que tornará as suas funções respeitadas do mundo. Veste, por isso, sempre de preto. Não fuma. Todos os dias de jejum come um peixe austero. Nunca transpôs as portas impuras de um botequim. Durante o inverno só uma noite vai a um teatro, a S. Carlos, quando se canta o *Poliuto*, uma ópera sacra, de puríssima lição. Deceparia a língua, com furor, se dela lhe pingasse uma falsidade. E é casto. Não condena e repele a mulher com cólera, como os Santos Padres: — até a venera, se ela é económica e virtuosa. Mas o regulamento da Igreja proíbe a mulher: ele é um funcionário eclesiástico, e a mulher portanto não entra nas suas funções. É rigidamente casto. Não conheço maior respeitabilidade do que a de padre Salgueiro.

As suas ocupações, segundo observei, consistem muito logicamente, como empregado (além das horas dadas aos deveres litúrgicos), em procurar melhoria de emprego. Pertence por isso a um partido político: — e em Lisboa, três noites por semana, toma chá em casa do seu chefe, levando rebuçados às senhoras. Maneja habilmente eleições. Faz serviços e recados, complexos e indescritos, a todos os diretores-gerais da Secretaria dos Negócios Eclesiásticos. Com o seu bispo é incansável: — e ainda há meses o encontrei, suado e aflito, por causa de duas incumbências de S. Ex.ª, uma relativa a queijadas de Sintra, outra a uma coleção do *Diário do Governo*.

Não falei da sua inteligência. É prática e metódica — como verifiquei, assistindo a um sermão que ele pregou pela festa de

138: dias de jejum] dias de jejum, jejua [2002]
138-139: as portas impuras] as portas fumarentas [2002]
140: teatro, a S. Carlos,] teatro ao S. Carlos, [2002]
140-141: *Poliuto,* uma ópera sacra,] *Poliuto,* que é uma ópera sacra, [2002]
141-142: se dela lhe pingasse] se dela escorregasse [2002]
145: eclesiástico, e a mulher] eclesiástico — a mulher [2002]
153: Maneja habilmente eleições.] É um zeloso manejador de eleições. [2002]
154-155: os diretores-gerais da Secretaria dos Negócios Eclesiásticos.] os diretores gerais da secretaria dos negócios eclesiásticos. [2002]
156-157: de S. Ex.ª,] de S. Excelência Reverendíssima, [2002]
159: É prática e metódica] É clara e metódica [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

S. Venâncio. Por esse sermão, encomendado, recebia padre Salgueiro vinte mil réis — e deu, por esse preço, um sermão suculento, documentado, encerrando tudo o que convinha à glorificação de S. Venâncio. Estabeleceu a filiação do Santo; desenrolou todos os seus milagres (que são poucos) com exatidão, exarando as datas, citando as autoridades; narrou com rigor hagiológico o seu martírio; enumerou as igrejas que lhe são consagradas, com as épocas da fundação. Enxertou destramente louvores ao Ministro dos Negócios Eclesiásticos. Não esqueceu a Família Real, a quem rendeu preito constitucional. Foi, em suma, um excelente relatório sobre S. Venâncio.

Felicitei nessa noite, com fervor, o reverendo padre Salgueiro. Ele murmurou, modesto e simples:

— S. Venâncio infelizmente não se presta. Não foi bispo, nunca exerceu cargo público!… Em todo o caso, creio que cumpri.

Ouço que vai ser nomeado cónego. Larguissimamente o merece. Jesus não possui melhor amanuense. E nunca realmente compreendi por que razão outro amigo meu, frade do Varatojo,

160-161: festa de S. Venâncio.] festa de S. Libório. [2002]

162-163: sermão suculento, documentado,] sermão excelente, suculento, [2002]

163-164: de S. Venâncio.] de S. Libório. [2002]

164: do Santo;] do santo, [2002]

165-166: exatidão, exarando as datas,] exatidão, dando as datas, [2002]

166-167: narrou com rigor hagiológico o seu martírio;] [*Passagem inexistente em* 2002.]

168: épocas da fundação.] épocas de fundação. [2002]

168: Enxertou destramente louvores] Introduziu com destreza [2002]

169: a Família Real,] a família real, [2002]

170: constitucional.] constitucional. E só na peroração, só então, lançou, com rapidez, o lampejo obrigatório de eloquência seráfica: / «Flor entre os espinhos dos seus contemporâneos, Libório derramou sempre o suavíssimo cheiro do bom exemplo: e preclaro funcionário evangélico, cuidou ricamente da vinha que o Senhor lhe entregara, não descurando ao mesmo tempo de administrar, com mão zelosa, a seara ubérrima dos santos sacramentos.» [2002]

170: Foi,] [*Abertura de parágrafo em* 2002.]

171: sobre S. Venâncio.] sobre S. Libório. [2002]

174: — S. Venâncio] — Libório [2002]

174-175: Não foi bispo, nunca exerceu] Nunca exerceu [2002]

178: Jesus não possui melhor amanuense.] Jesus, que está nos céus, não tem na terra melhor funcionário. [2002]

179: meu, frade do Varatojo,] meu, um frade do Varatojo, [2002]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que, pelo êxtase da sua fé, a profusão da sua caridade, o seu devorador cuidado na pacificação das almas, me faz lembrar os velhos homens evangélicos, chama sempre a este sacerdote tão zeloso, tão pontual, tão proficiente, tão respeitável — «o horrendo padre Salgueiro!»

Ora veja, minha madrinha! Mais de trinta ou quarenta mil anos são necessários para que uma montanha se desfaça e se abata até ao tamanhinho dum outeiro que um cabrito galga brincando. E menos de dois mil anos bastaram para que o Cristianismo baixasse dos grandes padres das Sete Igrejas da Ásia até ao divertido padre Salgueiro, que não é de sete Igrejas, nem mesmo de uma, mas somente, e muito devotamente, da Secretaria dos Negócios Eclesiásticos. Este baque provaria a fragilidade do Divino — se não fosse que realmente o Divino abrange as religiões e as montanhas, a Ásia, o padre Salgueiro, os cabritinhos folgando, tudo o que se desfaz e tudo o que se refaz, e até este seu afilhado, que é todavia humaníssimo. — FRADIQUE.

180-181: da sua fé, a profusão da sua caridade, o seu devorador cuidado na pacificação das almas,] da sua fé translúcida, pela vastidão da sua caridade, pelo seu devorador cuidado na remissão das almas, [2002]

181-182: lembrar os velhos homens evangélicos,] lembrar o velho e tocante S. Juan de Diós, [2002]

182-183: sacerdote tão zeloso, tão pontual, tão proficiente, tão respeitável] sacerdote tão proficiente, tão respeitável, tão zeloso [2002]

184: Salgueiro!» [*De acordo com a lição de* 2002*, na* Gazeta de Notícias *surge aqui a assinatura «Eça de Queirós».*]

185: Ora veja,] [*A partir daqui e até ao final do texto a edição de* 2002*, baseada na* Gazeta de Notícias*, é omissa, por se tratar de um acrescento feito pelo autor à crónica, aquando da transformação em carta de Fradique.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XV

A BENTO DE S.

Paris, outubro.

Meu caro Bento. — A tua ideia de fundar um jornal é daninha e execrável. Lançando, e em formato rico, com telegramas e crónicas, uma outra «dessas folhas impressas que aparecem todas as manhãs», como diz tão assustada e pudicamente o Arcebispo de Paris, tu vais concorrer para que no teu tempo e na tua terra se aligeirem mais os Juízos ligeiros, se exacerbe mais a Vaidade, e se endureça mais a Intolerância. Juízos ligeiros, Vaidade, Intolerância — eis três negros pecados sociais que, moralmente, matam uma Sociedade! E tu alegremente te preparas para os atiçar. Inconsciente como uma peste, espalhas sobre as almas a morte. Já decerto o Diabo está atirando mais brasa para debaixo

2: [*Parte deste texto foi publicada pela primeira vez numa crónica sem título da* Gazeta de Notícias *(26, 27 e 28 de abril de 1894), à qual não foi possível aceder no original. A crónica da* Gazeta *transitou, com grandes desenvolvimentos, para a* Revista Moderna *(25 de julho de* 1897*, pp. [69]-71) onde tem o título «Crónica — Carta a Bento»; foi reproduzida no* Jornal do Comércio *(Lisboa,* 1897*, ano 2.º, 2 de outubro, pp. 1-2) com o título «O Jornal. Carta a Bento». Para o aparato crítico da presente edição cotejou-se o texto-base com o da* Revista Moderna *identificado no aparato por* RM.]

3: Paris, outubro.] [*A indicação não surge no impresso de* RM.]

4: fundar um jornal é daninha] fundar um jornal, um vasto Diário, grandemente chamado a *Verdade*, é uma ideia daninha [RM]

8-9: para que no teu tempo e na tua terra se aligeirem] no teu tempo e na tua terra — para quê? Para que se aligeirem [RM]

12: uma Sociedade!] uma Sociedade… [RM]

12-13: os atiçar.] os atiçar! [RM]

13: uma peste,] uma peste [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

da caldeira de pez, em que, depois do Julgamento, recozerás e ganirás, meu Bento e meu réprobo!

Não penses que, moralista amargo, exagero, como qualquer S. João Crisóstomo. Considera antes como foi incontestavelmente a Imprensa, que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de tudo afirmar, de tudo julgar, mais enraigou no nosso tempo o funesto hábito dos juízos ligeiros. Em todos os séculos decerto se improvisaram estouvadamente opiniões: o Grego era inconsiderado e gárrulo; já Moisés, no longo Deserto, sofria com o murmurar variável dos Hebreus; mas nunca, como no nosso século apressado, essa improvisação impudente se tornou a operação natural do entendimento. Com exceção de alguns filósofos escravizados pelo Método, e de alguns devotos roídos pelo Escrúpulo, todos nós hoje nos desabituamos, ou antes nos desembaraçamos alegremente, do penoso trabalho de verificar. É com impressões fluidas que formamos as nossas maciças conclusões. Para julgar em Política o facto mais complexo, largamente nos contentamos com um boato, mal escutado a uma esquina, numa manhã de vento. Para apreciar em Literatura o livro mais profundo, atulhado de ideias novas, que o amor de extensos anos fortemente encadeou — apenas nos basta folhear aqui e além uma página, através do fumo escurecedor do charuto. Principalmente para condenar, a nossa ligeireza é fulminante. Com que soberana facilidade declaramos — «Este é uma besta! Aquele é um maroto!» Para proclamar — «É um génio!» ou «É um santo!» oferecemos uma resistência mais considerada. Mas ainda assim, quando uma boa digestão ou a macia luz dum céu de maio nos

17: amargo, exagero,] amargo, exagero [RM]
19: a Imprensa,] a Imprensa [RM]
21-22: os séculos decerto] os séculos, decerto, [RM]
22: o Grego] o grego [*1900*]
29: trabalho de verificar.] trabalho de *verificar.* [RM]
30: É com impressões fluidas que formamos] É com impressões errantes que construímos [RM]
34: de extensos anos] de laboriosos anos [RM]
37: para condenar,] para condenar [RM]
38-39: Aquele é um maroto!»] Aquele é um bandido!» [RM]
40: mais considerada.] mais escarpada. [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

inclinam à benevolência, também concedemos bizarramente, e só com lançar um olhar distraído sobre o eleito, a coroa ou a auréola, e aí empurramos para a popularidade um maganão enfeitado de louros ou nimbado de raios. Assim passamos o nosso bendito dia a estampar rótulos definitivos no dorso dos homens e das coisas. Não há ação individual ou coletiva, personalidade ou obra humana, sobre que não estejamos prontos a promulgar rotundamente uma opinião bojuda. E a opinião tem sempre, e apenas, por base aquele pequenino lado do facto, do homem, da obra, que perpassou num relance ante os nossos olhos escorregadios e fortuitos. Por um gesto julgamos um caráter: por um caráter avaliamos um povo. Um inglês, com quem outrora jornadeei pela Ásia, varão douto, colaborador de *Revistas*, sócio de Academias, considerava os franceses todos, desde os senadores até aos varredores, como «porcos e ladrões»… Porquê, meu Bento? Porque em casa de seu sogro houvera um escudeiro, vagamente oriundo de Dijon, que não mudava de colarinho e surripiava os charutos. Este inglês ilustra magistralmente a formação escandalosa das nossas generalizações.

E quem nos tem enraizado estes hábitos de desoladora leviandade? O jornal — o jornal, que oferece cada manhã, desde a crónica até aos anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, à meia-noite, entre o silvar do gás e o fervilhar das chalaças, por excelentes rapazes que rompem pela redação, agarram uma tira de papel, e, sem tirar mesmo o chapéu, decidem com dois rabiscos da pena sobre todas as coisas da Terra e do Céu. Que se trate de uma revolução do Estado, da solidez dum Banco, duma Mágica, ou dum descarrilamento, o rabisco da pena, com um traço, esparrinha e julga. Nenhum estudo,

43-44: a coroa ou a auréola,] a Coroa ou a Auréola —] [RM]
45: de raios.] de raios! [RM]
48-49: promulgar rotundamente uma opinião bojuda.] promulgar supremamente uma opinião decretal. [RM]
49-50: tem sempre, e apenas,] tem sempre e apenas [RM]
55: os franceses] os Franceses [RM]
62: O jornal — o jornal,] O Jornal — o Jornal, [RM]
69: duma Mágica,] duma comédia [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nenhum documento, nenhuma certeza. Ainda, este domingo, meu Bento, um alto jornal de Paris, comentando a situação económica e política de Portugal, afirmava, e com um aprumado saber, que «em Lisboa os filhos das mais ilustres famílias da aristocracia se empregam como *carregadores da alfândega*, e ao fim de cada mês mandam receber as soldadas *pelos seus lacaios*!» Que dizes tu aos herdeiros das casas históricas de Portugal, carregando pipas de azeite no cais da alfândega, e conservando criados de farda para lhes ir receber o salário? Estas pipas, estes fidalgos, estes lacaios dos carregadores, formam uma deliciosa e quimérica alfândega que é menos das *Mil e Uma Noites*, que das Mil e Uma Asneiras. Pois assim o ensinou um jornal considerável, rico, bem provido de Enciclopédias, de Mapas, de Estatísticas, de Telefones, de Telégrafos, com uma redação muito erudita, pinguemente remunerada, que conhece a Europa, pertence à Academia das Ciências Morais e Sociais, e legisla no Senado! E tu, Bento, no teu jornal, fornecido também de Enciclopédias e de Telefones, vais com pena sacudida lançar sobre a França e sobre a China, e sobre o desventuroso Universo que se torna assunto e propriedade tua, juízos tão sólidos e comprovados como os que aquela bendita gazeta arquivou definitivamente acerca da nossa alfândega e da nossa fidalguia…

Este é o primeiro pecado, bem negro. Considera agora outro, mais negro. Pelo jornal, e pela reportagem que será a sua função e a sua força, tu desenvolverás, no teu tempo e na tua terra, todos os males da Vaidade! A reportagem, bem sei, é uma útil abastecedora da História. Decerto importou saber se era adunco ou chato o nariz de Cleópatra, pois que do feitio desse nariz dependeram, durante algum tempo, de Philippes a Actium,

71: nenhuma certeza.] nenhuma certeza… [RM]
71: Ainda, este domingo,] Ainda esta primavera, [RM]
82: Pois assim] Mas assim [RM]
84: com uma redação] com uma colaboração [RM]
95: tu desenvolverás,] tu desenvolverás [RM]
95-96: na tua terra,] na tua terra [RM]
97: da História.] da História… [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

os destinos do Universo. E quantos mais detalhes a esfuracadora bisbilhotice dos repórteres revelar sobre o Sr. Renan, e os seus móveis, e a sua roupa branca, tantos mais elementos positivos possuirá o século XX para reconstruir com segurança a personalidade do autor das *Origens do Cristianismo*, e, através dela, compreender a obra. Mas, como a reportagem hoje se exerce, menos sobre os que influem nos negócios do Mundo ou nas direções do Pensamento, do que, como diz a Bíblia, sobre toda a «sorte e condições de gente vã», desde os jóqueis até aos assassinos, a sua indiscriminada publicidade concorre pouco para a documentação da história, e muito, prodigiosamente, escandalosamente, para a propagação das vaidades!

O jornal é com efeito o fole incansável que assopra a vaidade humana, lhe irrita e lhe espalha a chama. De todos os tempos é ela, a vaidade do homem! Já sobre ela gemeu o gemebundo Salomão, e por ela se perdeu Alcibíades, talvez o maior dos gregos. Incontestavelmente, porém, meu Bento, nunca a vaidade foi, como no nosso danado século XIX, o motor ofegante do pensamento e da conduta. Nestes estados de civilização, ruidosos e ocos, tudo deriva da vaidade, tudo tende à vaidade. E a forma nova da vaidade para o civilizado consiste em ter o seu rico nome impresso no jornal, a sua rica pessoa comentada no jornal! *Vir no jornal!* eis hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema! Nos regímenes aristocráticos o esforço era obter, se não já o favor, ao menos o sorriso do Príncipe. Nas nossas democracias a ânsia da maioria dos mortais é alcançar em sete linhas o louvor do jornal. Para se conquistarem essas sete linhas benditas,

101-102: seus móveis,] seus móveis [RM]
107: do que, como diz a Bíblia,] do que (como diz a Bíblia) [RM]
107: sobre toda a «sorte] sobre «toda a sorte [RM]
110: da história, e muito, prodigiosamente,] da História — e prodigiosamente [RM]
113: lhe irrita e lhe espalha a chama.] lhe irrita, lhe alastra a chama. [RM]
113-114: De todos os tempos é ela, a vaidade] Em todos os tempos ela imperou, a vaidade [RM]
115: Salomão,] Salomão; [RM]
115-116: dos gregos.] dos Gregos. [RM]
118: de civilização,] de Civilização, [RM]
120: o seu rico nome] o seu nome [RM]
121: a sua rica pessoa] a sua pessoa [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

os homens praticam todas as ações — mesmo as boas. Mesmo as boas, meu Bento! O «nosso generoso amigo Z…» só manda os cem mil réis à Creche, para que a gazeta exalte os cem mil réis de Z…, nosso amigo generoso. Nem é mesmo necessário que as sete linhas contenham muito mel e muito incenso: basta que ponham o nome em evidência, bem negro, nessa tinta cujo brilho é mais apetecido que o velho nimbo de ouro do tempo das Santidades. E não há classe que não ande devorada por esta fome mórbida do reclamo. Ela é tão roedora nos seres de exterioridade e de mundanidade, como naqueles que só pareciam amar na vida, como a sua forma melhor, a quietação e o silêncio… Entramos na Quaresma (é entre as cinzas, e com cinzas, que te estou moralizando). Agora, nestas semanas de peixe, surdem os frades dominicanos, do fundo dos seus claustros, a pregar nos púlpitos de Paris. E porquê esses sermões sensacionais, duma arte profana e teatral, com exibições de psicologia amorosa, com afetações de anarquismo evangélico, e tão criadores de escândalo que Paris corre mais gulosamente a Notre-Dame em tarde de Dominicano, do que à Comédia Francesa em noite de Coquelin? Porque os monges, filhos de S. Domingos, querem setenta linhas nos jornais do Boulevard, e toda a celebridade dos histriões. O jornal estende sobre o mundo as suas duas folhas, salpicadas de preto, como aquelas duas asas com que os iconografistas do

127: mesmo as boas.] mesmo as boas… [RM]
128: amigo Z…»] amigo Z » [RM]
130: de Z…,] de Z, [RM]
130: amigo generoso.] amigo generoso! [RM]
133: o velho nimbo] o formoso nimbo [RM]
138-139: Entramos na Quaresma (é entre as cinzas, e com cinzas, que te estou moralizando).] Bem te lembras do tempo de Quaresma, e do seu luxo e da sua literatura. [RM]
139-140: Agora, nestas semanas de peixe, surdem os frades] Nessas semanas de peixe e cinzas surdem todos os frades [RM]
141: E porquê esses sermões] E porque são então esses sermões [RM]
144-145: de Dominicano, do que à Comédia Francesa em noite de Coquelin?] de Dominicano do que ao teatro em noite de Coquelin ou de Sarah? [RM]
147: do Boulevard,] do Boulevard [RM]
147: dos histriões] dos histriões! [RM]
149: de preto, como aquelas duas asas] de preto como as duas asas [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

século XV representavam a Luxúria ou a Gula: e o Mundo todo se arremessa para o jornal, se quer agachar sob as duas asas que o levem à gloríola, lhe espalhem o nome pelo ar sonoro. E é por essa gloríola que os homens se perdem, e as mulheres se aviltam, e os Políticos desmancham a ordem do Estado, e os Artistas rebolam na extravagância estética, e os Sábios alardeiam teorias mirabolantes, e de todos os cantos, em todos os géneros, surge a horda ululante dos charlatães… (Como me vim tornando altiloquente e roncante!…) Mas é a verdade, meu Bento! Vê quantos preferem ser injuriados a serem ignorados! (Homenzinhos de letras, poetisas, dentistas, etc.). O próprio mal apetece sofregamente as sete linhas que o maldizem. Para aparecerem no jornal, há assassinos que assassinam. Até o velho instinto da conservação cede ao novo instinto da notoriedade: e existe tal maganão, que ante um funeral convertido em apoteose pela abundância das coroas, dos coches e dos prantos oratórios, lambe os beiços, pensativo, e deseja ser o morto.

Neste verão, uma manhã, muito cedo, entrei numa taberna de Montmartre a comprar fósforos. Rente ao balcão de zinco, diante de dois copos de vinho branco, um meliante, que pelas ventas chatas, o bigode hirsuto e pendente, o barrete de pele de lontra, parecia (e era) um Huno, um sobrevivente das hordas de Alarico, — gritava triunfalmente para outro vadio imberbe e lívido, a quem arremessara um jornal:

— É verdade, em todas as letras, o meu nome todo! Na segunda coluna, logo em cima, onde diz: — *Ontem um infame e ignóbil bandido*… Sou eu! O nome todo!

150: Luxúria ou a Gula:] Luxúria e a Gula: [RM]
156-157: géneros, surge a horda] géneros, salta a horda [RM]
157-158: (Como me vim tornando altiloquente e roncante!…)] (Já sorris, me alcunhas de altiloquente e roncante!…) [RM]
158: Mas é a verdade,] Mas reconhece a verdade, [RM]
159: serem ignorados!] serem ignorados [RM]
159-160: (Homenzinhos de letras, poetisas, dentistas,] (os homenzinhos de letras, as poetisas, os dentistas, [RM]
162: que assassinam.] que assassinam! [RM]
163: maganão, que] maganão, que, [RM]
169: meliante, que] meliante, que, [RM]
172: Alarico, — gritava triunfalmente] Alarico — gritava gloriosamente [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E espalhou lentamente em redor um olhar que triunfava. Eis aí, como agora se diz tão alambicadamente, um «estado de alma»! Tu, Bento, vais criar destes estados.

Depois considera o derradeiro pecado, negríssimo. Tu fundas, com o teu novo jornal, uma nova escola de Intolerância. Em torno de ti, do teu partido, dos teus amigos, ergues um muro de pedra miúda e bem cimentada: dentro desse murozinho, onde plantas a tua bandeirola com o costumado lema de *imparcialidade, desinteresse*, etc., só haverá, segundo Bento e o seu jornal, inteligência, dignidade, saber, energia, civismo; para além desse muro, segundo o jornal de Bento, só haverá necessariamente sandice, vileza, inércia, egoísmo, traficância! É a disciplina de partido (e para te agradar, entendo partido, no seu sentido mais amplo, abrangendo a Literatura, a Filosofia, etc.) que te impõe fatalmente esta divertida separação das virtudes e dos vícios. Desde que penetras na batalha, nunca poderás admitir que a Razão ou a Justiça ou a Utilidade se encontrem do lado daqueles contra quem descargas, pela manhã, a tua metralha silvante de adjetivos e verbos — porque então a decência, se não já a consciência, te forçariam a saltar o muro e desertar para esses justos. Tens de sustentar que eles são maléficos, desarrazoados, velhacos, e vastamente merecem o chumbo com que os trespassas. Das solas dos pés até aos teus raros cabelos, meu Bento, desde logo te atolas na Intolerância! Toda a ideia que se eleve, para além do muro, a condenarás como funesta, sem exame, só porque apareceu dez braças adiante, do lado dos outros, que são os Réprobos, e não do lado dos teus, que são os Eleitos. Realizam esses outros uma obra? Bento não poupará prosa nem músculo para que ela pere-

186: civismo;] civismo: [RM]
188: de partido] de Partido [RM]
189: te agradar, entendo partido,] te agradar entendo Partido [RM]
190-191: fatalmente esta divertida] fatalmente essa divertida [RM]
193-194: contra quem descargas, pela manhã,] contra quem descarregas pela manhã [RM]
199-200: desde logo te atolas na Intolerância!] desde logo te cobre uma crosta de Intolerância! [RM]
200: se eleve, para além do teu muro,] se eleve para além do teu muro [RM]
202: os Réprobos,] os Réprobos — [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ça: e se por entre as pedras que lhe atira, casualmente entrevê nela certa beleza ou certa utilidade, mais furiosamente apressa a sua demolição, porque seria mortificante para os seus amigos que alguma coisa de útil ou de belo nascesse dos seus inimigos — e vivesse. Nos homens que vagam para além do teu muro, tu só verás pecadores; e quando entre eles reconhecesses S. Francisco de Assis distribuindo aos pobres os derradeiros ceitis da Porciúncula, taparias a face para que tanta santidade te não amolecesse, e gritarias mais sanhudamente: — «Lá anda aquele malandro a esbanjar com os vadios o dinheiro que roubou!»

Assim tu serás no teu jornal. E, em torno de ti, os que o compram e o adotam lentamente e moralmente se fazem à tua imagem. Todo o jornal destila intolerância, como um alambique destila álcool, e cada manhã a multidão se envenena aos goles com esse veneno capcioso. É pela ação do jornal que se azedam todos os velhos conflitos do mundo — e que as almas, desevangelizadas, se tornam mais rebeldes à indulgência. A sociabilidade incessantemente amacia e arredonda as divergências humanas, como um rio arredonda e alisa todos os seixos que nele rolam: e a humanidade, que uma longa cultura e a velhice tem tornado docemente sociável, tenderia a uma suprema pacificação — se cada manhã o jornal não avivasse os ódios de Princípios, de Classes, de Raças, e, com os seus gritos, os acirrasse como se acirram mastins até que se enfureçam e mordam. O jornal exerce hoje todas as funções malignas do defunto Satanás, de quem herdou a ubiquidade; e é não só o Pai da Mentira, mas o Pai da Discórdia. É ele que por um lado inflama as exigências mais vorazes — e por outro fornece pedra e cal às resistências mais iníquas. Vê tu quando se alastra uma greve, ou quando entre duas nações bruscamente se chocam interesses, ou quando, na ordem espiritual, dois credos se confrontam em hostilidade: o instinto primeiro dos homens, que o abuso da Civilização material tem amolecido e desmarcializado, é murmurar *paz! juízo!* e estenderem as mãos uns para os outros, naquele gesto hereditário que funda os pactos. Mas surge logo o

205: e se] e se, [RM]
224: a humanidade,] a Humanidade, [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

jornal, irritado como a Fúria antiga, que os separa, e lhes sopra na alma a intransigência, e os empurra à batalha, e enche o ar de tumulto e de pó.

O jornal matou na terra a paz. E não só atiça as questões já dormentes como borralhos de lareira, até que delas salte novamente uma chama furiosa — mas inventa dissensões novas, como esse antissemitismo nascente, que repetirá, antes que o século finde, as anacrónicas e brutas perseguições medievais. Depois é o jornal…

Mas escuta! Onze horas! Onze horas ligeiras estão dançando, no meu velho relógio, o minuete de Gluck. Ora esta carta já vai, como a de Tibério, muito tremenda e verbosa, *verbosa et tremenda epistola*; e eu tenho pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, ler os meus jornais, com delícia. — Teu FRADIQUE.

240: intransigência, e os empurra] intransigência, os empurra [RM]
240: batalha, e enche o ar] batalha, enche o ar [RM]
243: de lareira,] de lareira [RM]
244: mas inventa dissensões] mas levanta discussões [RM]
245: antissemitismo nascente, que repetirá, antes que o século finde,] antissemitismo caiado de fresco, que repetirá talvez, no século XX, [RM]
246: perseguições medievais.] perseguições do *Grão de Pimenta*. [RM]
251: *epistola*;] *epistola*: — [RM]
252: com delícia.] com delícias. [RM]
252: — Teu FRADIQUE.] Eça de Queirós. [RM]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XVI

A CLARA

(Trad.)

Paris, outubro.

Minha muito amada Clara. — Toda em queixumes, quase rabugenta, e mentalmente tarjada de luto, me apareceu hoje a tua carta com os primeiros frios de outubro. E porquê, minha doce descontente? Porque, mais fero de coração que um Trastâmara ou um Bórgia, estive cinco dias (cinco curtos dias de outono) sem te mandar uma linha, afirmando essa verdade tão patente e de ti conhecida como o disco do Sol — «que só em ti penso, e só em ti vivo!…» Mas não sabes tu, oh superamada, que a tua lembrança me palpita na alma tão natural e perenemente como o sangue no coração? Que outro princípio governa e mantém a minha vida

1: [*O texto desta carta não foi encontrado no microfilme da* Gazeta de Notícias. *O cotejo foi feito através de um recorte da* GN, *sem data, existente na Fundação Eça de Queirós.*]
2: A Clara] Cartas de Amor — III [GN]
3: (*Trad.*)] [*Indicação inexistente na* GN.]
4: Paris, outubro.] [*Indicação inexistente na* GN.]
5: *Minha muito amada Clara.*] Minha muito amada Clara. [GN]
8: Porque,] Porque eu, [GN]
9: (cinco curtos] (cinco fugitivos [GN]
10-11: de ti conhecida] de ti conhecida, [GN]
11: «que só] que «só [GN]
12: ti vivo!…»] ti vivo!»… [GN]
12: Mas não sabes tu, oh superamada,] Mas, oh! Tanto amada e esquecedora, não sabes tu [GN]
13: me palpita na alma] se move e me palpita na alma, [GN]
13: e perenemente] e continuamente [GN]
14: princípio governa e mantém] princípio cria e mantém [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

senão o teu amor? Realmente necessitas ainda, cada manhã, um certificado, em letra bem firme, de que a minha paixão está viva e viçosa e te envia os *bons dias*? Para quê? Para sossego da tua incerteza? Meu Deus! Não será antes para regalo do teu orgulho? Sabes que és Deusa, e reclamas incessantemente o incenso e os cânticos do teu devoto. Mas Santa Clara, tua padroeira, era uma grande santa, de alta linhagem, de triunfal beleza, amiga de S. Francisco de Assis, confidente de Gregório IX, fundadora de mosteiros, suave fonte de piedade e milagres — e todavia só é festejada uma vez, cada ano, a 27 de agosto!

Sabes bem que estou gracejando, Santa Clara da minha fé! Não! Não mandei essa linha supérflua, porque todos os males bruscamente se abateram sobre mim: — um defluxo burlesco, com melancolia, obtusidade e espirros; um confuso duelo, de que fui o enfastiado padrinho, e em que apenas um ramo seco de olaia sofreu, cortado por uma bala; e, enfim, um amigo que regressou da Abissínia, cruelmente Abissinizante, e a quem tive de escutar com resignado pasmo as caravanas, os perigos, os amores, as façanhas e os leões!… E aí está como a minha pobre Clara, solitária nas suas florestas, ficou sem essa folha, cheia das minhas letras,

15: necessitas ainda,] necessitas tu ainda, [GN]

16-17: viva e viçosa] viva e viçosa, [GN]

19: reclamas incessantemente o incenso] reclamas cada dia o incenso [GN]

20: Mas] Mas, [GN]

20: tua padroeira,] tua padroeira [GN]

21: de triunfal beleza,] [*Passagem inexistente na* GN.]

25: Sabes bem] E a boa santa não ralha com os seus fiéis, que são inumeráveis, por eles virem, unicamente nesse festivo dia de verão, proclamar junto do seu altar, com sermão e flores, quanto a adoram e dela esperam… Sabes bem [GN]

27-28: defluxo burlesco, com melancolia, obtusidade e espirros;] defluxo grotesco, e com espirros; [GN]

28: um confuso duelo,] um esboçado duelo [GN]

29-30: padrinho, e em que apenas um ramo seco de olaia sofreu, cortado por uma bala;] padrinho, e em que não correu nem sangue, nem champagne (não se tratava de Roldão e Oliveiro, e era por causa de Philippe VII) [GN]

31: e a quem tive] e a quem eu tive [GN]

32: com resignado pasmo as caravanas, os perigos,] com reverência as lendas, as fadigas, [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e tão inútil para a segurança do seu coração como as folhas que a cercam, já murchas decerto e dançando no vento.

Porque não sei como se comportam os teus bosques; — mas aqui as folhas do meu pobre jardim amarelaram e rolam na erva húmida. Para me consolar da verdura perdida, acendi o meu lume: — e toda a noite de ontem mergulhei na muito velha crónica dum Cronista medieval da minha terra, que se chama Fernão Lopes. Aí se conta dum rei que recebeu o débil nome de *Formoso*, e que, por causa dum grande amor, desdenhou princesas de Castela e de Aragão, dissipou tesouros, afrontou sedições, sofreu a desafeição dos povos, perdeu a vassalagem de castelos e terras, e quase estragou o reino! Eu já conhecia a crónica — mas só agora compreendo o rei. E grandemente o invejo, minha linda Clara! Quando se ama como ele (ou como eu), deve ser um contentamento esplêndido o ter princesas da cristandade, e tesouros, e um povo, e um reino forte para sacrificar a dois olhos, finos e lânguidos, sorrindo pelo que esperam e mais pelo que prometem… Na verdade só se deve amar quando se é rei — porque só então se pode comprovar a altura do sentimento com a magnificência do sacrifício. Mas um mero vassalo como eu (sem hoste ou castelo), que possui ele de rico, ou de nobre, ou de belo para sacrificar? Tempo, fortuna, vida? Mesquinhos valores. É como ofertar na

35: seu coração] seu coração, [GN]
36: e dançando no vento.] e bailando no vento. [GN]
37: não sei como se comportam] não sei o que se passa [GN]
38: jardim amarelaram e rolam] jardim estão amarelas, e rolam [GN]
39-40: Para me consolar da verdura perdida, acendi o meu lume:] Acendi, pois, para me consolar da verdura perdida, o meu lume: [GN]
41: dum Cronista] dum cronista [GN]
43: dum grande amor,] dum grande amor que teve, [GN]
44-46: sedições, sofreu a desafeição dos povos, perdeu a vassalagem de castelos e terra, e quase estragou o reino!] sedições, alienou a fidelidade dos povos, deixou que lhe arrebatassem castelos e terras, e quase perdeu o reino! [GN]
48: como ele (ou como eu),] como ele, (ou como eu) [GN]
49-50: e um povo,] e frotas, e um povo, [GN]
50-51: dois olhos, finos e lânguidos, sorrindo pelo que esperam e mais pelo que prometem…] dois olhos que docemente se humedecem… [GN]
52: Na verdade] [*Abertura de parágrafo na* GN.]
54: (sem hoste ou castelo),] (sem sequer um castelo), [GN]
55: de rico, ou de nobre, ou de belo] de grande ou de belo [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mão aberta um pouco de pó. E depois a bem-amada nem sequer fica na história.

E por história — muito aprovo, minha estudiosa Clara, que andes lendo a do divino Buda. Dizes, desconsoladamente, que ele te parece apenas *um Jesus muito complicado*. Mas, meu amor, é necessário desentulhar esse pobre Buda da densa aluvião de Lendas e Maravilhas que sobre ele tem acarretado, durante séculos, a imaginação da Ásia. Tal como ela foi, desprendida da sua mitologia, e na sua nudez histórica, — nunca alma melhor visitou a terra, e nada iguala, como virtude heroica, a *Noite do Renunciamento*. Jesus foi um proletário, um mendigo sem vinha ou leira, sem amor nenhum terrestre, que errava pelos campos da Galileia, aconselhando aos homens a que abandonassem como ele os seus lares e bens, descessem à solidão e à mendicidade, para penetrarem um dia num Reino venturoso, abstrato, que está nos Céus. Nada sacrificava em si e instigava os outros ao sacrifício — chamando todas as grandezas ao nível da sua humildade. O Buda, pelo contrário, era um Príncipe, e como eles costumam ser na Ásia, de ilimitado poder, de ilimitada riqueza: casara por um imenso amor, e daí lhe viera um filho, em quem esse amor mais se sublimara: — e este príncipe, este esposo, este pai, um dia, por dedicação aos homens, deixa o seu palácio, o seu reino, a esposada do seu coração, o filhinho adormecido no berço de nácar, e, sob a rude estamenha de um mendicante, vai

56-57: É como ofertar na mão aberta] E como oferta sua mão aberta [GN]
62: da densa aluvião] da espessa aluvião [GN]
66: a terra,] a terra — [GN]
67-68: um mendigo sem vinha ou leira, sem amor nenhum terrestre, que errava] um mendigo, que não tinha família, nem amor nenhum terrestre e que errava [GN]
68-69: campos da Galileia,] campos de Genesareth, [GN]
69: homens a que abandonassem] homens que abandonassem [GN]
70: os seus lares e bens, descessem à solidão e à mendicidade,] os seus lares, se despojassem de toda a afeição, e se estabelecessem em mendicidade, [GN]
71-72: num Reino venturoso, abstrato, que está nos Céus.] num reino feliz e abstrato, que está nos céus. [GN]
74: era um Príncipe,] era um príncipe, [GN]
75: poder, de ilimitada] poder e de ilimitada [GN]
78-79: deixa o seu palácio, o seu reino,] deixa o seu reino e o seu palácio, [GN]
79-80: o filhinho adormecido no berço de nácar,] o filhinho do seu coração, [GN]
80: e, sob a rude estamenha] e, embrulhado na rude estamenha [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

através do mundo esmolando e pregando a renúncia aos deleites, o aniquilamento de todo o desejo, o ilimitado amor pelos seres, o incessante aperfeiçoamento na caridade, o desdém forte do ascetismo que se tortura, a cultura perene da misericórdia que resgata, e a confiança na morte…

Incontestavelmente, a meu ver (tanto quanto estas excelsas coisas se podem discernir duma casa de Paris, no século XIX e com defluxo) a vida do Buda é mais meritória. E depois considera a diferença do ensino dos dois divinos Mestres. Um, Jesus, diz: — «Eu sou filho de Deus, e insto com cada um de vós, homens mortais, em que pratiqueis o bem durante os poucos anos que passais na Terra, para que eu depois, em prémio, vos dê a cada um, individualmente, uma existência superior, infinita em anos e infinita em delícias, num palácio que está para além das nuvens e que é de meu Pai!» O Buda, esse, diz simplesmente: — «Eu sou um pobre frade mendicante, e peço-vos que sejais bons durante a vida, porque de vós, em recompensa, nascerão outros melhores, e desses outros ainda mais perfeitos, e assim, pela prática crescente da virtude em cada geração, se estabelecerá pouco a pouco na terra a virtude universal!» A justiça do justo, portanto, segundo Jesus, só aproveita egoistamente ao justo. E a justiça do justo, segundo o Buda, aproveita ao ser que o substituir na existência, e depois ao outro que desse nascer, sempre durante a passagem

81-85: esmolando e pregando a renúncia aos deleites, o aniquilamento de todo o desejo, o ilimitado amor pelos seres, o incessante aperfeiçoamento na caridade, o desdém forte do ascetismo que se tortura, a cultura perene da misericórdia que resgata, e a confiança na morte…] esmolando e ensinado pelo exemplo que tudo é aparência ilusão, exceto o exercício perene entre os pobres e os tristes, da bondade e da caridade. [GN]

87-88: coisas se podem discernir duma casa de Paris, no século XIX e com defluxo)] coisas se podem ver com clareza duma casa de Paris, no século XIX) [GN]

89: divinos Mestres.] divinos mestres. [GN]

90: «Eu sou filho de Deus, e insto] Eu sou o filho de Deus, é insto [GN] [*O acento agudo na conjunção* e*, que a transformou em* é*, forma do verbo ser, terceira pessoa do singular no presente do indicativo deve tratar-se de erro tipográfico.*]

91-92: que passais na Terra,] que passares na terra, [GN]

92-93: a cada um, individualmente,] a cada um individualmente [GN]

96: e peço-vos] e digo-vos [GN]

99-100: pouco na terra] pouco em a terra [GN]

101: ao justo.] ao justo, e, depois da morte, quando já findou a sua ação social. [GN]

102: que o substituir] que o vier substituir [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

na terra, para lucro eterno da terra. Jesus cria uma aristocracia de santos, que arrebata para o céu onde ele é Rei, e que constituem a corte do céu para deleite da sua divindade: — e não vem dela proveito direto para o Mundo, que continua a sofrer da sua porção de Mal, sempre indiminuída. O Buda, esse, cria, pela soma das virtudes individuais, santamente acumuladas, uma humanidade que em cada ciclo nasce progressivamente melhor, que por fim se torna perfeita, e que se estende a toda a terra donde o Mal desaparece, e onde o Buda é sempre, à beira do caminho rude, o mesmo frade mendicante. Eu, minha flor, sou pelo Buda. Em todo o caso, esses dois Mestres possuíram, para bem dos homens, a maior porção de Divindade que até hoje tem sido dado à alma humana conter. De resto, tudo isto é muito complicado; e tu sabiamente procederias em deixar o Buda no seu Budismo, e, uma vez que esses teus bosques são tão admiráveis, em te retemperar na sua força e nos seus aromas salutares. O Buda pertence à cidade e ao colégio de França: no campo a verdadeira Ciência deve cair das árvores, como nos tempos de Eva. Qualquer folha de olmo te ensina mais que todas as folhas dos livros. Sobretudo do que eu — que aqui estou pontificando, e fazendo pedantescamente, ante os teus lindos olhos, tão finos e meigos, um curso escandaloso de Religiões Comparadas.

Só me restam três polegadas de papel, — e ainda te não contei, oh doce exilada, as novas de Paris, *acta Urbis*. (Bom, agora latim!)

103-104: durante a passagem na terra,] durante a estada na terra [GN]

105-107: santos, que arrebata para o céu onde ele é Rei, e que constituem a corte do céu para deleite da sua divindade: — e não vem dela proveito] santos, que vivem no céu, constituem a corte do céu — sem proveito [GN]

107-108: o Mundo, que continua a sofrer da sua porção de Mal, sempre indiminuída.] o Mundo, onde continua a reinar o Mal, alegremente. [GN]

109-110: virtudes individuais, santamente acumuladas, uma humanidade que em cada ciclo nasce progressivamente melhor,] virtudes individuais sempre acumulada, uma humanidade que é progressivamente melhor, [GN]

111-113: a terra donde o Mal desaparece, e onde o Buda é sempre, à beira do caminho rude, o mesmo frade mendicante.] a terra, donde o Mal desaparece. [GN]

114: Em todo o caso,] Em todo caso [GN]

120: pertence à cidade] pertence ao inverno [GN]

120: França: no campo] França: — no verão, e no campo, [GN]

125: Religiões Comparadas.] Religiões comparadas. [GN]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

São raras, e pálidas. Chove: continuamos em República; Madame de Jouarre, que chegou da *Rocha* com menos cabelos brancos, mas mais cruel, convidou alguns desventurados (dos quais eu o maior) para escutarem três capítulos de um novo atentado do barão de Fernay sobre a *Grécia*; os jornais publicam outro prefácio do Sr. Renan, todo cheio do Sr. Renan, e em que ele se mostra, como sempre, o enternecido e erudito vigário de Nossa Senhora da Razão; e temos, enfim, um casamento de paixão e luxo, o do nosso escultural visconde de Fonblant com Mademoiselle Degrave, aquela nariguda, magrinha e de maus dentes, que herdou, milagrosamente, os dois milhões do cervejeiro e que tem tão lindamente engordado e ri com dentes tão lindos. Eis tudo, minha adorada… E é tempo que te mande, em montão, nesta linha, as saudades, os desejos e as coisas ardentes e suaves e sem nome de que meu coração está cheio, sem que se esgote por mais que plenamente as arremesse aos teus pés adoráveis, que beijo com submissão e com fé. — FRADIQUE.

128: em República;] em República *ad majorem gloriam burguesia*; [GN]

128-129: Madame de Jouarre,] Madame de Jonarre [GN*; trata-se de um erro tipográfico*.]

129: da *Rocha*] da *Rocha*, [GN]

132: publicam outro prefácio] publicam um outro prefácio [GN]

134: o enternecido e erudito] o delicado, enternecido e erudito [GN]

135: da Razão;] da Razão: [GN]

135-138: um casamento de paixão e luxo, o do nosso escultural visconde de Fonblant com Mademoiselle Degrave, aquela nariguda, magrinha e de maus dentes, que herdou,] um casamento de entusiasmo e luxo, o do nosso gordo visconde de F… com mademoiselle de D-G, que ele achava tão negra e tão nariguda e tão petulante antes dela herdar, [GN]

138-139: e que tem tão lindamente engordado e ri com dentes tão lindos.] [*Passagem inexistente na* GN.]

139: minha adorada…] minha adorada. [GN]

144: FRADIQUE.] F. [GN] [*Não é possível verificar se Eça assinou com o seu nome após a abreviatura por se ter cotejado o texto através de um recorte de jornal lacunar.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

XVII

Minha amiga. — É verdade que eu parto, e para uma viagem muito longa e remota, que será como um desaparecimento. E é verdade ainda que a empreendo assim bruscamente, não por curiosidade dum espírito que já não tem curiosidades — mas para findar do modo mais condigno e mais belo uma ligação que, como a nossa, não deveria nunca ser maculada por uma agonia tormentosa e lenta.

Decerto, agora que eu dolorosamente reconheço que sobre o nosso tão viçoso e forte amor se vai em breve exercer a lei do universal desaparecimento e fim das cousas — eu poderia, poderíamos ambos, tentar, por um esforço destro e delicado do coração e da inteligência, o seu prolongamento fictício. Mas seria essa tentativa digna de si, de mim, da nossa lealdade — e da nossa paixão? Não! Só nos prepararíamos assim um arrastado

1: [*Título na* Gazeta de Notícias *(n.º 331, domingo, 27 de novembro de 1892, p. [1]): «Cartas de Amor IV». Esta carta, publicada na* GN*, de onde se transcreve, não consta da edição de 1900: foi dada a público por Jaime Cortesão nos periódicos* A Manhã*, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1947 e* Seara Nova*, Lisboa, 13 de setembro de 1947. Foi depois reunida a outros textos e ensaios queirosianos no volume* Eça de Queirós e a Questão Social *(Lisboa, Seara Nova, 1949) do mesmo autor. A versão cotejada para este aparato crítico é a da 3.ª edição (Lisboa, INCM, 2001, pp. 37-43), identificada por* [JC]*; anotam-se também as variantes de Helena Cidade Moura para a edição de Livros do Brasil, com a identificação* [1970].]

2: *Minha amiga.* —] Minha amiga, — [JC] Minha amiga. [1970. *Antes atribui o título «*A Clara… (Trad.)», *inexistente na* Gazeta de Notícias *e, em nota de rodapé, a indicação de que «As alterações ao texto corrente resultam do confronto com o texto da* Gazeta de Notícias *de 26* (sic) *de novembro de 1892, do Rio de Janeiro.»*]

5: Dum espírito] de um espírito [1970]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tormento, sem a beleza dos tormentos que a alma apetece e aceita, nos puros momentos de fé, e todo deslustrado e desfeiado por impaciências, recriminações, inconfessados arrependimentos, falsas ressurreições do desejo, e todos os enervamentos da saciedade. Não conseguiríamos deter a marcha da lei inexorável — e um dia nos encontraríamos, um diante do outro, como vazios, irreparavelmente tristes, e cheios do amargor da luta inútil. E de uma cousa tão pura e sã e luminosa, como foi o nosso amor, só nos ficaria, presente e pungente, a recordação de destroços e farrapos feitos por nossas mãos, e por elas rojados com desespero no pó derradeiro de tudo.

Não! Tal acabar seria intolerável. E depois, como toda a luta é ruidosa, e se não pode nunca disciplinar e enclausurar no segredo do coração, nós deixaríamos decerto entrever enfim ao mundo um sentimento que dele escondemos por altivez, não por cautela — e o mundo conheceria o nosso amor justamente quando ele já perdera a elevação e a grandeza que quase o santificavam… De resto, que importa o mundo? Só por nós, que fomos um para o outro e amplamente o mundo todo, é que devemos evitar ao nosso amor a lenta decomposição que degrada.

Para perpétuo orgulho do nosso coração é necessário que desse amor, que tem de perecer como tudo o que vive, mesmo o Sol — nos fique uma memória tão límpida e perfeita que ela só por si nos possa dar, durante o porvir melancólico, um pouco dessa felicidade, e encanto que o próprio amor nos deu quando era em nós uma sublime realidade governando o nosso ser.

A morte, na plenitude da beleza e da força, era considerada pelos antigos como o melhor benefício dos deuses — sobretudo para os que sobreviviam, porque sempre a face amada que pas-

17: nos puros] nos duros [JC]
17: de fé,] de fé [1970]
21: nos encontraríamos,] nos encontraríamos [JC]
22: cheios do amargor] cheios de amargor [JC]
24: recordação de destroços] recordação dos destroços [JC]
40: dessa felicidade,] dessa felicidade [JC]
43: pelos antigos] pelos Antigos [1970]
43: o melhor benefício dos] o melhor dos [JC]
44: para os que] para que os que [1970]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sara lhes permanecia na memória com o seu natural viço e sã formosura, e não mirrada e deteriorada pela fadiga, pelas lágrimas, pela desesperança, pela dor. Assim deve ser também com o nosso amor.

Por isso mal lhe surpreendi os primeiros desfalecimentos, e, desolado, verifiquei que o tempo o roçara com a frialdade da sua foice — decidi partir, desaparecer. O nosso amor, minha amiga, será assim como uma flor milagrosa que cresceu, desabrochou, deu todo o seu aroma — e, nunca cortada, nem sacudida dos ventos ou das chuvas, nem de leve emurchecida, fica na sua haste solitária, encantando ainda com a suas cores, os nossos olhos quando para ela de longe se volvam, e para sempre, através da idade, perfumando a nossa vida.

Da minha vida sei pelo menos que ela perpetuamente será iluminada e perfumada pela sua lembrança. Eu sou na verdade como um desses pastores que outrora, caminhando pensativamente por uma colina da Grécia, viam de repente, ante os olhos extáticos, Vénus magnífica e amorosa que lhes abria os braços brancos. Durante um momento o pastor mortal repousava sobre o seio divino, e sentia o murmúrio do divino suspirar. Depois havia um leve frémito — e ele só encontrava ante si uma nuvem rescendente que se levantava, se sumia nos ares, por entre o voo claro das pombas. Apanhava então o seu cajado, descia a colina… Mas para sempre, através da vida, conservava um deslumbramento inefável. Os anos podiam rolar, e o seu gado morrer, e a ventania levar o colmo da sua cabana, e todas as misérias da velhice sobre ele caírem — que sem cessar a sua alma resplandecia, e um sentimento de glória ultra-humana o elevava acima do transitório e do perecível, porque, na fresca manhã de maio, além, sobre o

45-46: e sã formosura,] e formosura, [JC]
47-48: também com o] também o [JC]
49: Por isso] Por isso, [JC]
55: as suas cores, os nossos olhos] as suas cores os nossos olhos, [JC]
64: o seio divino,] o seio divino [JC]
66: nos ares,] nos ares [1970]
70: sua cabana] sua choupana [1970]
73: porque,] porque [1970]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cimo da colina, ele tivera o seu momento de divinização entre o
75 mirto e o tomilho!

Adeus, minha amiga. Pela felicidade incomparável que me deu, seja perpetuamente bendita.

Eça de Queirós

78: Eça de Queirós][*Assinatura omitida em* JC.] Fradique [1970]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

APÊNDICES

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Conforme tem acontecido noutros volumes desta Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, o presente título inclui uma secção de apêndices que evidenciam, só por si, a complexidade d'*A Correspondência de Fradique Mendes* e da sua edição. São de natureza distinta e têm justificações próprias os apêndices que aqui se inserem. Assim:

1. O conjunto de cartas inéditas de Fradique Mendes retoma sete cartas não incluídas (e é difícil apurar por que razão ou razões assim aconteceu) no volume semipóstumo de 1900. Tais cartas foram publicadas *post mortem* pela primeira vez em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (Porto, Lello & Irmão, 1929) e, uma delas (a carta a Eduardo Prado), em *Últimas Páginas* (Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1912). Não devendo integrar, por força daquela exclusão, o *corpus* epistolar de 1900, elas constituem, contudo, elementos relevantes para se entender a personalidade e o pensamento de Fradique Mendes. A sua ordenação neste apêndice respeita a sequência das cotas do espólio de Eça de Queirós (BN Esp. E1).
2. O elenco de quatro crónicas subscritas por Eça e depois transformadas em cartas de Fradique Mendes permite localizar rapidamente os locais de publicação original de tais crónicas, bem como a sua inserção no

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

volume *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»)* (edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002).

3. Os três poemas «[Tu serás esqueleto e podridão]», «[O teu corpo é tão fresco]» e «Serenata de Satã às estrelas» podem ser atribuídos, com apreciável margem de certeza, a Eça de Queirós, que os terá composto quando da primeira aparição do poeta satânico Carlos Fradique Mendes.
4. Por fim, inclui-se nos apêndices um breve cotejo dos parágrafos iniciais d'*A Correspondência de Fradique Mendes,* tal como insertos n'*O Repórter* (ano 1, n.º 233, quarta-feira, 22 de agosto de 1888) e na *Gazeta de Notícias* (n.º 238, domingo, 28 de agosto de 1888). Trata-se, assim, de observar, ainda que de forma sumária, as diferenças entre ambas as inserções, procurando-se validar a tese segundo a qual o texto destinado a *O Repórter* serviu de base para a cópia enviada, já com expressivas alterações, para a *Gazeta de Notícias*.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CARTAS INÉDITAS DE FRADIQUE MENDES

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I

Meu caro E.

Você é o mais difícil de contentar — dos homens que habitam a Terra. Pois consegue V. com os seus livros, ressuscitar esse tipo defunto**,** o Purista, o Gramático, — e ainda se lastima! Como todas as coisas e os entes deliciosamente ridículos e pitorescos do século XVIII português, que se afundaram, se sumiram, no grande terramoto constitucional, que tudo nivelou, e achatou

1: [*Autógrafo escrito a tinta negra de ambos os lados, exceto as duas últimas folhas, de um só lado. Quinze fólios (26,8 cm × 21,3 cm) numerados a lápis no rosto, por mão alheia. Papel «J. Whatman» com a marca de água «1888». Amplas margens esquerdas e superiores. Na margem superior da primeira página, ao centro «I» a lápis. Intervenções na mancha a tinta azul, por mão alheia. Na margem do canto superior esquerdo, na diagonal, a lápis e por mão alheia: «Completa — a si mesmo. Necessita emendas e cortes. Mto. Interessante. JM». O texto-base agora apresentado é o do manuscrito BN E1/297, cotejado com a primeira edição de* Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas *(Porto, Lello & Irmão,* 1929*, pp. [41]-58) indicado por* [1929] *e com* Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), *vol. III, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 261-270 com a identificação* [1981].]

2: Meu caro E.] A E… / *Meu caro E*… — [1929] VI / A E… / Meu caro E… — [1981]

3: Você é o mais difícil de contentar —] Você é o mais difícil de contentar [1929 *e* 1981*, que não abrem parágrafo.*] [*No Ms*: V. é]

4: Pois consegue V.] Pois consegue, [1929*;* 1981]

5: defunto**,**] defunto [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

5: o Purista, o Gramático, — e ainda se lastima!] o Purista, o Gramático — e ainda se lastima? [1929] o purista, o gramático — e ainda se lastima? [1981]

6: Como] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

6-7: entes deliciosamente ridículos e pitorescos] entes deliciosamente pitorescos [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tipos**,** costumes e carateres, sumira-se**,** mergulhara nas trevas, o Purista, o Gramático, o fiscal da Língua. Os que amam as coisas portuguesas ainda por vezes dele se lembravam, como duma figura, que mais que nenhuma outra adornava, e dava significação à velha Sociedade portuguesa do tempo de D. Maria I. V. chega, escreve, imprime — e eis que, de entre as ruínas do Carmo, ou não sei de que velho casarão meio demolido do bairro de S. Vicente, se ergue essa sombra, e se põe a marchar! É o Gramático, inteiro, completo, com a sua sólida cabeleira a que estão pegados bocados de palha, as meias engelhadas nos pernis escanifrados, o capote cor de vinho, com o cabeção erguido**,** a face chupada pelas ansiedades da Prosódia, o óculo de aros de lata na ponta do nariz, bem bicudo, para picar os galicismos, os braços atravancados com os in-fólios clássi**c**os, e dicionários, e nas ventas, ainda a

7-9: afundaram, se sumiram, no grande terramoto constitucional, que tudo nivelou, e achatou tipos**,**] afundaram, se sumiram no grande terramoto constitucional que tudo nivelou e achatou — tipos, [1929*;* 1981] [*Eça não após a vírgula a seguir a* tipos *; aceita-se, neste lugar, a lição da tradição.*]

9: carateres, sumira-se**,**] carateres — sumira-se, [1929*;* 1981] [*Eça não após a vírgula a seguir a* sumira-se *; aceita-se, neste lugar, a lição da tradição.*]

10: o Purista, o Gramático,] o purista, o gramático, [1981]

10: fiscal da Língua.] fiscal da Língua! [1929] fiscal da língua! [1981]

11-12: como duma figura,] como duma figura [1929] como de uma figura [1981]

12-13: e dava significação à velha Sociedade] dando-lhe significação, a velha sociedade [1929*;* 1981]

13: do tempo de D. Maria I.] do tempo da Senhora D. Maria II. [1929] do tempo da Sr.ª D. Maria II. [1981]

13: V. chega,] Você, porém, chega, [1929*;* 1981]

14: eis que, de entre as ruínas do Carmo,] e eis que de entre as ruínas do Carmo [1929*;* 1981]

14-15: ou não sei de que velho casarão] ou de não sei que velho casarão [1929*;* 1981]

16: essa sombra,] essa sombra [1929*;* 1981]

16: É o Gramático,] É o Purista, [1929] É o purista, [1981]

17: com a sua sólida cabeleira a que estão pegados] com a cabeleira sórdida a que ainda estão pegados [1929*;* 1981]

19: vinho,] vinho [1929]

19: cabeção erguido**,**] cabeção erguido [*Ms; aceita-se, neste lugar, a lição da tradição.*]

20: da Prosódia,] da prosódia, [1981]

20: o óculo de aros de lata] os óculos de aro de latão [1929*;* 1981]

21: bem bicudo,] bem bicudo [1929*;* 1981]

21-22: os braços atravancados com os in-fólios clássi**c**os, e dicionários,] os braços atravancados de in-folios clássicos e de dicionários, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* infolios classios,]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

grossa pitada de simonte que ele respeitosamente colheu da caixa de Curvo Semedo! Com o dedo trémulo, o esgalgado e soturno defunto, folheia o *Basílio* e o *Amaro*, e solta do cavername oco do peito até aos céus da Arcádia um grito de consternação. E que faz V.? Recua, e procura a bengala para desancar o digno homem! Nunca se viu uma ira mais irracional. O que V. devia fazer era abrir os braços bem largos — e berrar — «Ó simpático idiota, vem, que eu te estreite ao meu coração.» Porque V. aí tem um tipo precioso de Romance, todo feito, sempre genérico mesmo na sua individualidade, pronto quase a ser impresso, sem ser necessário rever-lhe as provas. Por esse tipo, como por um osso desenterrado de mastodonte, se pode reconstruir, todo o velho Regímen: e bem analisado ele imediatamente explica, faz por comparação reviver ante os nossos olhos modernos, o brigadeiro, o poeta de antes, o frade apostólico, as sécias, os alfenins, o intendente da

22-23: ainda a grossa] ainda, a grossa [1929*;* 1981] [*Eça escreveu primeiro* uma grossa; *riscou depois* grossa *substituiu na linha por* ainda a grossa*, mantendo o artigo* uma.]

24: Com] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

24-25: o esgalgado e soturno defunto,] o esgalgado e soturno defunto [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* o esgalgaldo]

25: e o *Amaro*,] e o *Amaro* [1929*;* 1981]

25: cavername oco] [*Eça escreveu* cavername ouco]

25-26: do peito até aos céus da Arcádia] do peito, até aos céus da Arcádia, [1929*;* 1981]

26-27: E que faz V.? Recua,] E V. que faz? Recua [1929] E V. que faz? Recua [1981]

28: Nunca] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

29: abrir os braços bem largos — e berrar —] abrir os braços e berrar: — [1929; 1981]

29: **«**Ó simpático idiota,] «Oh, simpático caturra, [1929*;* 1981] [*A abertura de aspas é conjeturada.*]

30: que eu te estreite] que eu te estreito [1981]

30: meu coração.»] meu coração!» [1929*;* 1981]

30: Porque V. aí tem um tipo] — Porque afinal V. tem aí um tipo [1929*;* 1981]

31: de Romance,] de romance, [1981]

31: todo feito,] já feito, [1929*;* 1981]

32: pronto quase] pronto ou quase [1929] pronto ou quase [1981]

32: sem ser necessário] sem se tornar necessário [1929*;* 1981]

33: Por esse tipo,] Por esse tipo — [1929*;* 1981]

33-34: por um osso desenterrado de mastodonte,] por um osso desenterrado se adivinhou o mastodonte — [1929*;* 1981]

34: se pode reconstruir,] podemos reconstituir [1929*;* 1981]

34: o velho Regímen:] o velho Regimen. [1929] o velho regime. [1981]

35: e bem analisado] Bem analisado, [1929*;* 1981]

35-36: faz por comparação reviver] e por comparação faz reviver [1929*;* 1981]

36-37: o poeta de antes,] o poeta parasita, [1929*;* 1981] [*Passagem de leitura duvidosa.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Polícia, as aias pretas, as modinhas ao cravo, o andador das almas, o Sr. Arcebispo de Salónica, e todo o pessoal, tão pitoresco, desse estranho mundo passado. E queixa-se V. Talvez mesmo o único resultado sólido dos seus livros, foi ressuscitar o Purista.

O tipo com efeito é monstruoso. Fora de Portugal nunca existiu: — e hoje mesmo, é necessário um esforço, para lhe compreender a existência, o valor, e a ação. Tomar uma ideia e não querer saber se ela é justa, ou falsa, ou fina, ou estúpida**,** mas só procurar, se a**s** palavra**s** em que ela vem, se encontra**m** todas no Lucena; agarra um soneto, um verso a uma mulher, e pondo de parte o sentimento, a emoção, a imagem, a poesia, indaga apenas, se as vírgulas estão no seu lugar, e se as incidentais não cortam de mais a oração principal; encontra um tipo num romance, e numa inteira indiferença da verdade desse tipo, da sua lógica, da sua vitalidade, esquadrinha unicamente, se na descrição dos seus

38: Polícia,] polícia, [1981]

39: Sr. Arcebispo de Salónica, e todo o pessoal**,** tão pitoresco,] Senhor Arcebispo de Tessalónica e todo o pessoal tão pitoresco [1929] senhor arcebispo de Tessalónica e todo o pessoal tão pitoresco [1981] [*Eça não após a vírgula a seguir a* pessoal *, vírgula que aqui se conjetura.*]

40: E queixa-se V.] E queixa-se Você! [1929] E queixa-se você! [1981]

41: dos seus livros, foi ressuscitar] dos seus livros seja o de terem ressuscitado [1929*;* 1981]

41: o Purista.] o Purista! [1929] o purista! [1981]

42: O tipo com efeito] O tipo, com efeito, [1981]

42-43: de Portugal nunca existiu:] de Portugal, nunca existiu — [1929*;* 1981]

43-44: e hoje mesmo, é necessário um esforço, para lhe compreender a existência, o valor,] e hoje mesmo é necessário um esforço para lhe compreendermos a existência, o valor [1929*;* 1981]

44-45: Tomar uma ideia e não querer saber se] O Purista toma uma ideia e não quer saber se [1929] O purista toma uma ideia e não quer saber se [1981]

45-46: ou estúpida**,** mas só procurar,] ou estúpida — mas só procura descobrir se [1929*;* 1981]

46-47: a**s** palavra**s** em que ela vem, se encontra**m** todas no Lucena;] as palavras em que ela vem expressa se encontram todas no Lucena! [1929] as palavras, em que ela vem expressa, se encontram todas no Lucena! [1981] [*Eça escreveu* a palavra em que ela vem, se encontra todas. *A correção faz-se para que substantivos e forma verbal coincidam em número.*]

47: agarra um soneto,] Agarra um soneto, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* agarra uma ode*; riscou depois* ode *e, mantendo o artigo* uma*, prosseguiu com* um soneto]

48: indaga apenas,] indaga apenas [1929*;* 1981]

49: seu lugar,] seu lugar [1929; 1981]

50: oração principal;] oração principal! [1929; 1981]

51: da verdade] pela verdade [1929; 1981]

51-52: da sua lógica, da sua vitalidade,] a sua lógica, a sua forte vitalidade, [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

gestos, ou dos seus feitos, o verbo *haver* não foi mal usado; na análise dum caráter, não quer saber da finura da dedução, nem da penetração crítica, nem da análise, mas ir, com a ponta do nariz, sobre as linhas, catando, as maneiras de dizer, que não são vernáculas; folheia um grande e largo livro de história, e ignorando mesmo se a história, é a de Portugal ou da China, põe o dedo, ao fim de longo investigar, sobre uma página, e dá este resumo final, numa voz soturna**:** «*Massacre* em vez de matança, livro funesto!»; — fazer tudo isto é verdadeiramente estupendo! O homem que o faz, não tem nome que o classifique (*bruto* não é bastante, *facínora* é talvez demais) a não ser que ele próprio, que sabe todos os nomes do Dicionário, conheça aquele que lhe compete. Mas por ser assim estupendo e inominável, devem tirar-se os livros das mãos, e reenviá-lo a pontapés, à cova de onde emergiu? Não**,** justo**s** céus. Deve-se estudar preciosamente como

52-53: unicamente, se na descrição dos seus gestos,] unicamente se, na descrição dos seus gestos [1929*;* 1981]

53: o verbo *haver* não foi mal usado;] o verbo *haver* foi impropriamente usado! [1929*;* 1981]

53-54: na análise dum caráter,] No estudo dum caráter, [1929] No estudo de um caráter, [1981]

55-56: mas ir, com a ponta do nariz,] mas vai, com a ponta do nariz [1929*;* 1981]

56-57: catando, as maneiras de dizer, que não são vernáculas;] catando as maneiras de dizer que não são vernáculas! [1929*;* 1981]

57: de história,] de História, [1929]

58: se a história,] se a História [1929] se a história [1981]

58: é a de Portugal ou da China,] é a de Portugal ou a da China, [1929*;* 1981]

59: de longo investigar,] de longa investigação, [1929*;* 1981]

60: numa voz soturna**:**] numa voz cavernosa: — [1929; 1981] [*Eça não após o sinal de dois pontos; aceita-se a lição da tradição.*]

60: de matança,] de *matança* — [1929; 1981]

61: funesto!»; —] funesto!» [1929*;* 1981]

61: fazer] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

62: que o faz,] que o faz [1929*;* 1981]

62: o classifique] o classifique, [1929]

64: todos os nomes] todos os termos [1929*;* 1981]

64-65: que lhe compete.] que lhe compete! [1929*;* 1981]

65: Mas [1929 e 1981 *abrem parágrafo.*]

65-66: devem tirar-se os livros das mãos,] devem tirar-se-lhe os livros da mão [1929*;* 1981]

66: a pontapés, à cova] a pontapés para a cova [1929*;* 1981]

67: Não**,** justo**s** céus.] Não justo céus. [*Ms*] Não, justos céus! [1929] — Não, justos Céus! [1981]

67: Deve-se estudar preciosamente] Deve-se estudá-lo [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um caso de patologia social. Deve-se-lhe meter, mais livros nas mãos sebáceas, os melhores livros, da língua, livros de história, de análise, de poesia, e dizer-lhe depois: — «Aí tens, idiota, funciona!» E quando o portentoso imbecil, descendo os olhos ao bico de cegonha castiço, e pu**x**ando para os ombros, o capote de camelão, começa a funcionar, a catar o galicismo, e a verificar a vernaculidade — é necessário fazer um grande silêncio, como quando se passa um grande fenómeno, e ao lado, com atenção e sagacidade, tomar notas**,** muitas notas! Há, com efeito um livro a fazer sobre o purista.

Mas diz V. na sua carta — que não é tanto este antiquado tolo, que o aflige — mas o purista do tipo moderno, que, num livro, aprecia a ideia, a análise, a intenção, a vida das personagens, como um crítico do seu tempo, e depois a respeito de forma, de passagem, desculpando-se da caturrice, acrescenta, que a construção é lamentavelmente francesa, o vocábulo pobre, o galicismo fervilhante, e que é uma pena que V. não saiba escrever a sua

68: Deve-se-lhe meter,] Devem-se-lhe meter [1929*;* 1981]
69: os melhores livros, da língua, livros de história,] os melhores livros da língua, livros de História, [1929] os melhores livros da língua, livros de história, [1981]
70: de poesia,] de poesia — [1929*;* 1981]
70-71: — «Aí tens, idiota, funciona!»] — «Aí tens, funciona!» — [1929*;* 1981]
71: o portentoso imbecil,] o portentoso caturra, [1929*;* 1981]
71-72: os olhos ao bico de cegonha castiço,] os olhos para o bico de cegonha castiça [1929*;* 1981]
72: pu**x**ando][*Eça escreveu* puchando]
72: os ombros,] os ombros [1929*;* 1981]
73-74: e a verificar a vernaculidade] a verificar a vernaculidade do termo [1929*;* 1981]
74-75: um grande silêncio, como quando se passa um grande fenómeno,] um profundo silêncio, como quando ocorre um grande fenómeno, [1929*;* 1981]
76: tomar notas**,**] tomar notas [*Ms*]
76: muitas notas!] muitas notas!… [1929*;* 1981]
76: com efeito] com efeito, [1929; 1981]
77: o purista.] o Purista! [1929] o purista! [1981]
78: Mas diz V. na sua carta —] Mas, diz V. na sua carta, [1929*;* 1981]
79: tolo, que o aflige —] tolo que o aflige, [1929*;* 1981]
79: o purista] o Purista [1929]
79-80: que, num livro,] que num livro [1929*;* 1981]
81: e depois] e depois, [1929*;* 1981]
81: de forma,] da forma, [1929; 1981]
82-83: acrescenta, que a construção] acrescenta que a construção [1929*;* 1981]
84: e que é uma pena] e que «é uma pena [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

língua. E V. pinta o tipo: «moço, inteligente, espirituoso, cultivado, afrancesado, moderno, e, no meio de tudo isto purista!»

Mas, filho meu, isso é aquilo que nós aqui chamamos um *malin*. Bem lhe importa a ele, com a vernaculidade da língua! O que interessa, moderno como é, são os tipos, os estudos sociais, os *retratos* que possa haver nos seus livros, a sensação, o dramático. É moderno e vivo, até à medula. A língua que no fundo lhe agrada, é a francesa: foi educado à francesa: veste, pensa, come, *flirta*, fala, legisla, pelo molde francês, que encontra ser o mais gracioso, mais cómodo. Somente, falando em Portugal, dum livro português, entende que lhe fica bem, um laivo de patriotismo. Um bocado de patriotismo fica bem, *ça pose*, dá seriedade, agrada aos homens graves e a certos jornais, dá garantias de zelo pela coisa pública, atrai a simpatia do professorado, torna-se um instrumento de vida. E pois na crítica lança uma nota patriótica. — Mas qual? Aí é que está a dificuldade. Porque o *malin*, educado pela França,

84-85: a sua língua.] a sua língua!» [1929; 1981]
85: o tipo: «moço,] o tipo: — «moço, [1929; 1981]
86: moderno, e, no meio de tudo isto purista!»] moderno — e no meio de tudo isto, Purista!» [1929] moderno — e no meio de tudo isto, purista!» [1981]
87: que nós aqui] a que nós aqui [1929; 1981]
87-88: um *malin*.] *un malin*. [1929; 1981]
88: a ele, com a vernaculidade] a ele a vernaculidade [1929; 1981]
89: O que interessa, moderno como é,] O que o interessa, moderno como é, [1929; 1981] [*Aceita-se a lição da tradição para a última vírgula, que não surge no Ms.*]
91: É moderno e vivo, até à medula.] É moderno, é vivo até à medula; [1929; 1981]
91-92: lhe agrada, é a francesa:] lhe agrada é a francesa; [1929; 1981]
92: à francesa:] à francesa; [1929; 1981]
93: legisla,] legisla [1929; 1981]
93: que encontra ser] que entende ser [1929; 1981]
94: mais cómodo.] e o mais cómodo. [1929; 1981]
94: Somente, falando em Portugal,] Somente falando em Portugal, [1929; 1981]
94: dum livro] de um livro [1981]
95: entende que lhe fica bem,] acha que lhe fica bem [1929; 1981]
96: *ça pose*,] *ça pose*: [1929; 1981]
97: a certos jornais,] a certos jornais; [1929; 1981]
98: do professorado,] do professorado e [1929; 1981]
98-99: torna-se um instrumento de vida.] e torna-se assim um instrumento de vida… [1929; 1981]
99: E pois na crítica lança uma nota patriótica.] É pois conveniente, na crítica, lançar uma nota patriótica. [1929; 1981]
99: — Mas qual?] Mas qual? [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

repassado de francesismo, vendo tudo à francesa, e sentido tudo à francesa, não pode distinguir bem onde esteja no livro, essa falta de sentimento nacional, que ele deseja acusar. Não o tendo em si, — não percebe naturalmente quando ele falta nos outros. Recorre então à língua. Isso sabe ele, — que há uma língua em Portugal e outra em França, e que La Bruyère não escreve como o Pad**re** António Vieira. Leu-os ambos (sobretudo La Bruyère) e conhece bem as diferenças. E é aí então, que lança o seu grito patriótico, que tem um certo *chic*, é como uma flor da *flora* nacional que ele põe ao peito, que agrada, lhe dá o feitio de estar ainda preso à velha tradição, e lhe pode *en passant*, abrir os braços da Academia. Mas fá-lo por dever, sem entusiasmo. Essa língua nacional e vernácula, à moda de Jacinto Freire de Andrade, que lamenta não ver no livro — nem por todos os tesouros da terra a quereria ele usar. Nem saberia. Francês de ideia, — é francês de vocábulo. E a prova da sua pouca sinceridade na acusação está em que ele acusa o livro de ser escrito, com a *construção francesa* — e como? Em frases elas mesmas todas construídas à francesa. E aponta à indignação da Aca**de**mia, o seu Galicismo — como? Empregando

101-102: e sentido tudo à francesa, [*Passagem omitida em* 1981.]

102-103: no livro, essa falta de sentimento nacional,] no livro essa falta de sentimento nacional [1929*;* 1981]

103-104: em si, — não percebe naturalmente] em si, não percebe, naturalmente, [1929*;* 1981]

105: sabe ele, —] sabe ele — [1929*;* 1981]

106-107: Pad**re** António Vieira.] Pad António Vieira. [*Ms*] padre António Vieira. [1981]

107: (sobretudo La Bruyère)] — sobretudo La Bruyère — [1929*;* 1981]

108: E é aí então,] E é então [1929*;* 1981]

108: grito patriótico,] grito patriótico — [1929*;* 1981]

109: um certo *chic*,] um certo chique, [1981]

109: é como uma flor da *flora* nacional] que é como uma flor da flora nacional [1929*;* 1981]

111: velha tradição, e lhe pode] velha tradição e lhe pode, [1929*;* 1981]

111-112: da Academia.] da Academia! [1929*;* 1981]

115: de ideia, —] de ideia, [1929*;* 1981]

117: de ser escrito,] de ser escrito [1929*;* 1981]

118: elas mesmas todas construídas à francesa.] todas elas construídas à francesa! [1929*;* 1981]

119: da Aca**de**mia,] da Acameia [*Ms*] da Academia [1929*;* 1981]

119: o seu Galicismo — como?] os seus galicismos — de que modo? [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

para formular a acusação, em cada dez palavras, cinco galicismos! Já V. vê querido E: que o homem no fim, é um colega seu.

Mas, à parte a crítica, resta o facto. Há razão para que V. se preocupe, com a sua falta de vocábulo, a construção e os seus galicismos? Não, homem, respire! Evidentemente, a sua língua não é rica — menos rica decerto, bem menos, que a de Oliveira Martins, ou a do Ramalhal amigo. Muito menos ainda que a de Camilo, cujo verbo é prodigioso, acumulando tudo o que o génio nacional inventa para se exprimir — e por isso é tanto mais doloroso ver, que ele não sabe usar essa imensa riqueza, e que, com um lexicon mais vasto que o de Ramalho, ou de Oliveira Martins, não alcança nunca ter, como eles, o vigor, o relevo, a cor, a intensidade, a imagem, a vida, mesmo, naqueles assuntos, em que o Romancista, o Crítico, e o Historiador, se encontram na pintura exterior do homem, ou do drama humano. Onde Ramalho é largo e transparente, tudo reproduzindo, como um belo rio que corre: onde Oliveira Martins é incorreto, mas intensamente vivo, à

121: V. vê querido E:] V. vê, querido E…, [1929] V. vê, querido, E… [1981]

121: que o homem no fim, é um colega seu.] que o homem, no fundo, é um colega seu! [1929*;* 1981]

122: a crítica, resta o facto.] as críticas, restam os factos. [1929*;* 1981]

122-123: se preocupe,] se preocupe [1929*;* 1981]

123: a construção] a sua má construção [1929*;* 1981]

125: menos rica decerto,] menos rica, de certo [1929] menos rica, decerto [1981]

125: que a de] do que a de [1929; 1981]

126: ou a do Ramalhal] ou do Ramalhal [1929*;* 1981]

128: inventa para] inventou para [1929; 1981]

128: para se exprimir —] para se exprimir! [1929*;* 1981]

129: doloroso ver, que ele não sabe usar essa imensa riqueza,] doloroso ver que ele não sabia usar essa imensa riqueza [1929*;* 1981]

130-131: de Ramalho, ou de Oliveira Martins,] de Ramalho e de Oliveira Martins, [1929*;* 1981]

131: não alcança nunca ter, como eles,] não alcançou jamais, como eles, [1929*;* 1981]

132: mesmo, naqueles assuntos,] mesmo naqueles assuntos [1929; 1981]

133: o Romancista, o Crítico, e o Historiador, se encontram] o Romancista, o Crítico e o Historiador se encontram: — [1929] o romancista, o crítico e o historiador se encontram: — [1981]

134: do homem, ou do drama] dos homens e do drama [1929*;* 1981]

135: tudo reproduzindo,] tudo reproduzindo [1929*;* 1981]

135-136: rio que corre:] rio que corre, [1929; 1981]

136: onde Oliveira Martins é incorreto, mas intensamente vivo,] onde Oliveira Martins, é, incorreto, mas, intensamente vivo, [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

maneira do genial Saint-Simon, — Camilo, com o verbo completo duma raça na ponta da língua, hesita, tataranha, amontoa, retorce, embaralha, e faz um pastel, confuso e baço, que nem o Diabo, lhe pega, ele que pega em tudo!

V. em todo o caso é infinitamente menos rico em termos que esses, seus três ilustres colegas. No entanto não se aflija por isso, nem continue, a ler o dicionário, menos ainda os clássicos. Essa questão de riqueza de Lexicon tem sido já muito estudada — e decidida. E a decisão é esta — Bem-aventurados os pobres de Lexicon porque deles é o Reino da Glória. Em Inglaterra, homens graves e pacientes fizeram uma contagem das palavras usadas, pelos grandes escritores da língua. E pôde assim estabelecer-se uma tabela desde um camponês, do Yorkshire que fala com duzentas palavras, até ao divino Shakespeare que sabia e usava, não **sei** quantos milhares, um número estupendo de milhares. Mas Shakespeare é um poeta, que percorreu todos os mundos, até o mundo das visões, e necessitou, para traduzir a sua emoção, de

137: Saint-Simon, —] Saint-Simon — [1929*;* 1981]
138: duma raça] de uma raça [1981]
139: embaralha, e faz um pastel,] embaralha e faz um pastel [1929; 1981]
139: confuso e baço, que nem o Diabo,] confuso — que nem o diabo [1929] confuso — que nem o Diabo [1981]
141: V. em todo o caso] Você, em todo o caso, [1929*;* 1981]
141-142: que esses,] do que esses [1929; 1981]
143: nem continue,] nem continue [1929*;* 1981]
144: de Lexicon] de lexicon [1929] de léxico [1981]
145: é esta —] é esta: — [1929*;* 1981]
145-146: de Lexicon] de lexicon, [1929] de léxico, [1981]
146: o Reino da Glória.] o reino da Glória! [1929] o reino da glória! [1981]
146: Em Inglaterra,] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]
147: palavras usadas,] palavras usadas [1929*;* 1981]
148: E pôde assim estabelecer-se] [*Eça escreveu* E poude assim assim establecer-se *; palavra repetida por mudança de linha.*]
149: uma tabela desde um camponês, do Yorkshire] uma tabela, desde um camponês do Yorkshire, [1929*;* 1981]
150: divino Shakespeare que sabia e usava,] divino Shakespeare, que sabia e usava [1929*;* 1981]
150-151: não **sei** quantos milhares,] não quantos milhares, [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]
151: número estupendo de milhares.] número enorme de milhares! [1929*;* 1981]
152: é um poeta,] é um poeta [1929*;* 1981]
153: e necessitou,] e que necessitou mesmo, [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

forjar por vezes o vocábulo. Melhor é tomar pois, como grandes sabedores do Lexicon, alguns prosadores, como Macaulay o torrencial, George Elliott, a deusa. São estes os que estão no mais alto grau da tabela, que vem descendo até Fielding, e até Addison, cuja pobreza de Dicionário, era verdadeiramente lamentável. Ora muito bem, qual, é segundo o consenso unânime da Crítica inglesa, o mais puro, fino, encantador, original, luminoso prosador? Addison!

Temos já aqui um ponto adquirido. Que, na literatura clássica, a Crítica inteira de uma grande nação literária, como a Inglaterra, dá a palma da prosa ao homem, que, pela contagem dos Lexiconistas, usa e sabe menos termos. Mas passemos aos modernos. Quais são os três escritores ingleses, que recentemente, aparte do seu valor como pensadores, mais marcaram para os Lexiconistas e como abundantes em adjetivos e epítetos? Carlyle, Macaulay (sobretudo este) e George Elliott. E por outro lado quem são os pobres de Lexicon? Froude, o historiador; Mathew Arnold, o

154: é tomar pois,] é tomar, pois, [1929; 1981]

155: do Lexicon, alguns prosadores, como Macaulay] de Lexicon, algum prosador, como Macaulay, [1929] de léxico, algum prosador, como Macaulay, [1981]

156: George Elliott,] ou George Elliott, [1929; 1981] [Elliott, *conforme o Ms.*]

157: até Fielding,] até Fielding [1929*;* 1981]

158: de Dicionário,] de Dicionário [1929] de dicionário, [1981]

159: Ora muito bem, qual, é segundo] Ora, muito bem: qual é [1929*;* 1981]

159-160: da Crítica inglesa,] da crítica inglesa, [1981]

160-161: luminoso prosador?] luminoso prosador inglês? [1929*;* 1981]

162: Temos já aqui] Tem já você aqui [1929*;* 1981]

162: ponto adquirido.] ponto adquirido: [1929*;* 1981]

163: a Crítica] a crítica [1981]

164-165: homem, que, pela contagem dos Lexiconistas, usa e sabe menos termos.] homem que segundo os Lexiconistas usou e soube menos termos. [1929] homem que segundo os lexiconistas usou e soube menos termos. [1981]

166: que recentemente,] que, recentemente, [1929*;* 1981]

167-168: mais marcaram para os Lexiconistas e como abundantes em adjetivos] mais marcaram para os Lexiconistas, pela abundância em adjetivos [1929] mais marcaram para os lexiconistas, pela abundância em adjetivos [1981] [*Eça escreveu primeiro* mais marcaram como estilistas e como abundantes *; riscou depois* como estilistas *e acrescentou na entrelinha* para os Lexiconistas *, sem riscar* e *que aqui se retira da frase.*]

168-169: Carlyle, Macaulay (sobretudo este) e George Elliott.] Além de Macaulay e George Elliott, Carlyle. [1929*;* 1981]

169: lado quem são os pobres de Lexicon?] lado, quais são os modernos pobres de lexicon? [1929] lado, quais são os modernos pobres de léxico? [1981]

170: o historiador; Mathew Arnold,] o historiador, e Matheus Arnold, [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

crítico. E se se perguntar a qualquer inglês, mesmo mediocramente culto, quais são os dois mestres da prosa contemporânea, o**s** que escrevem o inglês mais elegante e fino, — quais são os nomes invariavelmente citados**?** Os dois pelintras do verbo — Mathew Arnold e Anthony Froude.

Já V. decerto sorri e lhe renasce a esperança! Mas vou-lhe dar um alegrão ainda maior, convidando-o a atravessar o Canal, e vir aqui, penetrar na prosa Francesa. Aqui não são dois escritores — é toda a Legião Sagrada, desde La Bruyère, mostrando que a melhor prosa do mundo, a mais perfeita, a mais lúcida, a mais lógica, a que tem sido a grande educadora literária, e tem civilizado o mundo, é feita com meia dúzia de vocábulos que se podem contar nos dedos. Faça uma experiência: leia, durante uma semana, meia dúzia de páginas de cada um dos grandes mestres, Bossuet, La Bruyère, La Fontaine, Diderot, Voltaire, Beaumarchais, e diga se os termos com que é trabalhada cada uma dessas págí-

171: E se se perguntar] E se perguntarmos [1929*;* 1981]

172: quais são os dois mestres da prosa] pelos dois mestres da prosa [1929*;* 1981]

172-173: o**s** que escrevem o inglês mais elegante e fino, —] os que escrevem o inglês mais elegante e fino — [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* o que escrevem o inglês; *aceita-se a lição da tradição.*]

174: citados**?**] [*Eça não introduziu o sinal de ponto de interrogação; aceita-se a lição da tradição.*]

174: Os dois pelintras do verbo —] Os nomes dos dois pelintras do verbo: [1929*;* 1981]

174-175: Mathew Arnold e Anthony Froude.] Mateus Arnold e Anthony Froude! [1929*;* 1981]

176: Já V. decerto] Já você decerto [1929*;* 1981]

176-177: Mas vou-lhe dar um alegrão ainda maior,] Mas vou dar-lhe um alegrão maior ainda, [1929*;* 1981]

177-178: o Canal, e vir aqui, penetrar na prosa Francesa.] o Canal e a vir aqui penetrar na prosa francesa. [1929*;* 1981]

178-179: Aqui não são dois escritores —] Aqui, não são só dois escritores — [1929; 1981]

179: é toda a Legião Sagrada,] é toda a Legião sagrada [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

180: a melhor prosa do mundo,] a melhor prosa, [1929*;* 1981]

181: educadora literária,] educadora literária [1929*;* 1981]

182: o mundo,] o mundo [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

183: contar nos dedos.] contar pelos dedos. [1929*;* 1981]

184: grandes mestres,] grandes mestres: [1929*;* 1981]

186: e diga se os termos] e diga-me se os termos [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nas, — não são os termos da linguagem familiar, os mesmos que sabe, emprega, qualquer modista da *rue de la Paix***?**

E há alguma coisa de singular nisto? Não. O singular **seria** que os factos fossem diferentes. As palavras, são, como se diz em pintura, *valores*: para produzir pois um certo efeito de força ou de graça, o caso não está, em ter *muitos* valores, está em saber bem agrupar, os três ou quatro que são necessários. A beleza duma pintura (só respetivamente ao colorido) está na abundância das cores? Não — se assim fosse, as obras-primas da pintura seriam as estampas de Épinal, onde numa simples figura, se encontram sessenta *nuances*. E todavia os grandes mestres são Rembrandt, Velásquez, o Van Dick, Ribera, que pintavam com três ou quatro cores. Quase tenho vergonha de estar a escrever, estes axiomas de senso comum.

Veja V. ainda todos os modernos franceses, os grandes prosadores, Renan, Flaubert, o mesmo Dumas filho. Escrevem com meia dúzia de palavras. Flaubert catava dos seus livros todos os

186-187: dessas páginas, —] dessas páginas, [1929*;* 1981]

187-188: os mesmos que sabe, emprega,] os mesmos que sabe e emprega [1929*;* 1981]

188: *rue de la Paix***?**] R*ue de la Paix*? [1981] [*Eça não apôs o sinal de interrogação; aceita-se a lição de* 1929]

189: coisa de singular] cousa singular [1929*;* 1981]

189-190: O singular **seria** que] O singular que [*Ms*] Singular seria que [1929*;* 1981]

190: As palavras, são,] As palavras são, [1929*;* 1981]

191: para produzir pois] para produzir, pois, [1929] para produzir, pois [1981]

192: não está,] não está [1929*;* 1981]

192: ter *muitos* valores,] ter *muitos valores*, [1981]

192-193: está em saber bem agrupar,] mas em saber agrupar bem [1929*;* 1981]

193-194: duma pintura] de uma pintura [1981]

194: (só respetivamente ao colorido) está] — no que respeita ao colorido — acaso está [1929*;* 1981]

195: Não — se assim fosse,] Não, de certo, e se assim fosse, [1929*;* 1981]

196: de Épinal, onde] de Epinal, onde, [1929*;* 1981]

197: sessenta *nuances*.] sessenta *nuances*! [1929*;* 1981]

197: E todavia] E todavia, [1929*;* 1981]

198: o Van Dick,] Van-Dyck, [1929*;* 1981] [Van Dick, *conforme o Ms.*]

199: Quase tenho vergonha de estar a escrever,] Quase que tenho vergonha de repisar aqui [1929*;* 1981]

200: de senso comum.] do senso-comum! [1929*;* 1981]

201: Veja V. ainda todos] Mas veja você ainda [1929*;* 1981]

201-202: prosadores, Renan, Flaubert, o mesmo] prosadores — Renan, Flaubert e mesmo [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

termos, que não pudessem ser usados, na conversa pelo seu criado: daí vem ter produzido, uma prosa imortal. E a razão é que só os termos simples, usuais, banais, correspondendo às coisas, ao sentimento, à modalidade, simples, é que não envelhecem. O homem mentalmente pensa em resumo, e com simplicidade; nos termos mais banais e usuais: termos complicados, são já um esforço de literatura: — ora quanto menos literatura se puser numa obra de arte, mais ela durará, por isso mesmo, que a linguagem literária envelhe**ce**, e só a humana perdura. Seria por isso impossível torna**r** bem compreensível a análise dum sentimento, se V., em lugar, de notar todas, as modalidades desse sentimento, em termos muito claros e simples, através dos quais elas por assim dizer, vivessem, as empastasse, afogasse, usando, os sinónimos complicados desses termos simples. Um romance que não possa ser lido sem um dicionário é uma obra grotesca. V. tem um personagem: quer dizer dele — «que era afortunado nas suas coisas: mas nunca fora generoso, e por vezes se mostrara falso.» Somente estes ter-

204: termos, que não pudessem ser usados,] termos que não pudessem ser usados [1929*;* 1981]

205: daí vem ter produzido,] daí vem ele ter produzido [1929*;* 1981]

207: à modalidade, simples, é que não envelhecem.] à modalidade simples, não envelhecem. [1929*;* 1981]

207-208: O homem mentalmente pensa em resumo, e com simplicidade;] O homem, mentalmente, pensa em resumo e com simplicidade, [1929; 1981]

209: e usuais:] e usuais. [1929*;* 1981]

209-210: de literatura: — ora quanto menos] de literatura — e quanto menos [1929*;* 1981]

211-212: por isso mesmo, que a linguagem literária envelhe**ce**,] por isso mesmo que a linguagem literária envelhece [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* envelhe]

212: Seria] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

212: impossível torna**r**] impossível tornal [*Ms*]

213-214: se V., em lugar, de notar todas,] se você, em lugar de notar todas [1929*;* 1981]

214-215: sentimento, em termos muito claros] sentimento em termos claros [1929*;* 1981]

215: através dos quais elas por assim dizer, vivessem,] através dos quais elas vivessem, [1929*;* 1981]

216: afogasse, usando,] as afogasse, usando [1929*;* 1981]

217-218: sem um dicionário] sem um Dicionário [1929]

218-219: V. tem um personagem: quer dizer dele —] Você tem um personagem e quer dizer dele — [1929*;* 1981]

219: nas suas coisas:] nas suas cousas, [1929*;* 1981]

220: generoso,] generoso [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mos *afortunado*, *generoso*, *falso*, são certamente usados por todo o mundo, e, não se sabendo outros, provam escassez de Lexicon. V. portanto, emprega outros, estranhos, que mostrem riqueza de lexicon, e põe a sua frase assim: — «era varão escanceado, mas nunca se mostrara largueado, e no seu convívio, despontava de honra por mendacíssimo e lançadiço». V. escreve esta coisa monstruosa, que prova riqueza de lexicon — e em redor estoura uma imensa gargalhada!

Estoura a gargalhada, que nos tem sufocado, ao lermos romances, de Romancistas, Ilustres, escritos naquela estupenda linguagem. V. decerto provou riqueza de Lexicon, e agradou a dois ou três gramáticos — mas nenhum rapaz, nenhuma mulher, nenhum homem, ninguém ficou compreendendo como era o seu personagem. E como ninguém tem paciência para folhear o dicionário, V. ficou incompreendido — foi como se não escrevesse. Nunca me esqueceu o que um dia me disse Chardron, dum romance assim escrito. Perguntei-lhe se a coisa se vendia. Ele teve

220-221: estes termos] estes termos: [1929; 1981]
221-222: usados por todo o mundo,] usados por toda a gente, [1929; 1981]
222: de Lexicon.] de léxico. [1981]
223: V. portanto, emprega outros, estranhos,] Você, portanto, procura sinónimos estranhos e raros, [1929; 1981]
223-224: de lexicon,] de léxico, [1981]
224-225: «era varão escanceado, mas nunca se mostrara largueado, e no seu convívio,] «Era varão escançado, porém nunca se mostrara largueado e no seu convívio [1929; 1981]
226: V. escreve] Você escreve [1929; 1981]
227: que prova riqueza de lexicon] que certamente prova opulência de lexicon [1929] que certamente prova opulência de léxico [1981]
228: imensa gargalhada!] imensa gargalhada!… [1929; 1981]
229: gargalhada, que nos tem sufocado,] gargalhada que nos tem sufocado [1929; 1981]
230: romances, de Romancistas, Ilustres,] romances de Romancistas ilustres [1929] romances de romancistas ilustres, [1981]
231: V. decerto] Você decerto [1929; 1981]
231: de Lexicon,] de lexicon [1929] de léxico [1981]
235: V. ficou] você ficou [1929; 1981]
235-236: foi como se não escrevesse.] e foi como se não escrevesse! [1929; 1981]
236: disse Chardron,] disse Chardron [1929; 1981]
236-237: dum romance] de um romance [1981]
237: se vendia.] se vendia; [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um gesto de amargura: — *Pas du tout! Il parait, que pour comprendre ça, il faut acheter aussi un dictionnaire et ça devient trop cher!*

Além da riqueza de Lexicon nos termos, — há a riqueza de lexicon, no desenvolvimento da ideia — isto é, na apresentação da ideia sob uma forma, copiosa e folhuda. Isto é ainda mais fatal, e é o terrível defeito de Camilo. A coisa mais simples e que na sua simplicidade seria bela, fica tão sobrecarregada de ornatos, franjas, lantejoulas, penduricalhos, etc., que me lembra sempre certas imagens de santas italianas, que sob a abundância dos enfeites, dos ex-votos, dos colares**,** das coisas vagas que sobre elas reluzem, apresenta**m**, à adoração dos **fiéis**, não um santo, mas um cabide de adelo.

O escritor de lexicon abundante não pode dizer que «Elvira, chorou**»**, sem complicar, esse ato tão simples, com tantas incidentais, sobre o sabor da lágrima, e o fel o**u** o júbilo que ela continha,

238: *Il parait, que*] *Il parait que,* [1929*;* 1981]

239: *un dictionnaire*] *un diccionaire* [*Ms*]

240: riqueza de Lexicon nos termos, —] riqueza de lexicon, nos termos, [1929] riqueza de léxico, nos termos, [1981]

240-241: riqueza de lexicon, no desenvolvimento da ideia —] riqueza de lexicon no desenvolvimento da ideia, [1929] riqueza de léxico no desenvolvimento da ideia, [1981]

241-242: na apresentação da ideia sob uma forma,] a apresentação da ideia sob uma forma [1929*;* 1981]

242-243: mais fatal, e é o terrível defeito de Camilo.] mais fatal. [1929*;* 1981]

243: mais simples] mais simples, [1929*;* 1981]

244: fica tão sobrecarregada] fica logo tão sobrecarregada [1929*;* 1981]

245: franjas, lantejoulas, penduricalhos, etc.,] de franjas, de lantejoulas e de penduricalhos, [1929*;* 1981]

246: santas italianas,] Santas italianas, [1929]

248: apresenta**m**, à adoração dos **fiéis**,] apresentam à adoração dos fiéis, [1929*;* 1981] [*Passagem de leitura difícil; Eça deixou a forma verbal no singular e escreveu* víeis *; aceitam-se as lições da tradição.*]

248: não um santo,] não uma Santa, [1929] não uma santa, [1981]

249: de adelo.] de adelo! [1929*;*1981]

250: de lexicon] de léxico [1981]

250-251: «Elvira, chorou**»**,] «Elvira chorou» [1929*;* 1981]

251: sem complicar,] sem complicar [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* sem complicarem, *aceita-se a lição da tradição.*]

251-252: incidentais, sobre o sabor da lágrima, e o fel o**u** o júbilo que ela continha,] incidentais sobre o sabor das lágrimas, o fel ou o júbilo que elas continham, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* o fel o o júbilo]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e os anjos que lha recolheram nas mãos, e a pérola em que ela se transform**ou**, e a pouca atenção que o universo lhe deu, e a perfídia, do homem, e a infâmia do brasileiro, — que o leitor aturdido, escassamente fica certo, se Elvira estava chorando, ou rezando as contas, ou cantando ao piano a *Traviata*.

Tome V. o primeiro ato do *Frei Luís de Sousa* do Garrett — do Garrett, que era outro pobre de Lexicon. Aí tem V. uma pura obra-prima, uma das belas que existem em literatura, da Europa. Nada mais sóbrio, mais simples, mais seco. Cada frase contém apenas as palavras necessárias, e tem além disso dentro de si todo o mundo de coisas profundas. Entregue esse ato, como um esqueleto de obra a um escritor abundante, eloquente, desses, que sabem mil palavras do Dicionário, e têm o estilo compósito — e verá o que o homenzinho faz desse ato sublime. Duas horas que lhe fique na mão, e *vous m'en direz des nouvelles*. Que coisas,

253: que lha recolheram nas mãos,] que as recolheram nas mãos, [1929*;* 1981]

253-254: e a pérola em que ela se transform**ou**,] e as pérolas em que elas se transformaram, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* ella se transformaram *; no entanto, e como toda a frase, quer antes deste predicado quer depois dele, está escrita no singular, optou-se por mudar o tempo verbal.*]

254: que o universo lhe deu,] que o Universo lhes deu, [1929] que o universo lhes deu, [1981]

254-255: a perfídia, do homem,] a perfídia do homem, [1929*;* 1981]

255: do brasileiro, — que o leitor] do brasileiro — que o leitor, [1929*;* 1981]

256: escassamente fica certo,] escassamente fica sabendo [1929*;* 1981]

257: a *Traviata*.] a *Traviata*! [1929*;* 1981]

258: Tome V.] Tome você [1929*;* 1981]

258: *Sousa* do Garrett —] *Sousa,* do Garrett, — [1929*;* 1981]

259: de Lexicon.] de lexicon. [1929] de léxico. [1981]

259: Aí tem V.] Aí tem você [1929*;* 1981]

260: uma das belas que existem em literatura,] uma das mais belas que existem em todas as literaturas [1929*;* 1981]

261-262: Cada frase contém apenas as palavras necessárias,] Cada frase, contém apenas, as palavras, necessárias, [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

262-263: e tem além disso dentro de si todo o mundo] e tem contudo dentro em si todo um mundo [1929*;* 1981]

264: de obra] de obra, [1929*;* 1981]

264: eloquente, desses,] eloquente, desses [1929*;* 1981]

265: do Dicionário, e têm o estilo compósito —] do Dicionário e têm o estilo copioso — [1929] do dicionário e têm o estilo copioso — [1981]

266: o que o homenzinho faz] o que ele faz [1929*;* 1981]

266-267: Duas horas que lhe fique na mão, e] Que lhe fique duas horas na mão, *et* [1929*;* 1981]

267: *des nouvelles*.] *des nouvelles!* [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que ele porá na boca da nobre mulher de Sousa Coutinho e na boca do pobre Telmo. Duas horas só em que lhe seja permitido adornar aquela secura e aquela simplicidade, com todos os recursos do Lexicon, e todas as ampliações da eloquência, — e de uma obra incomparavelmente bela, sairá ao fim de duas horas, uma pastelada balofa e parva!

Se da abundância de Lexicon passarmos à construção francesa… Mas está dando uma hora, vou almoçar. Que imenso cartapácio lhe escrevi. A construção francesa, e os galicismos, ficam para melhor ocasião, se é que V. depois disto ainda necessitar mais consolações. E note que não disse metade do que tinha a dizer. Seria necessário escrever um volume. Quando aparece V. em Paris**?** Tem visto em Londres, os amigos. A linda Edith ainda vai ao n.º 14? E o homem de Pall-Mall. Seu de — Fradique.

267-268: Que coisas, que ele porá na boca da nobre mulher de Sousa Coutinho] Que coisas ele não porá nos lábios da nobre mulher de Sousa Coutinho, [1929*;* 1981]

268-269: e na boca do pobre Telmo.] que declamações na boca do pobre Telmo! [1929*;* 1981]

269: Duas horas só] Duas horas só, [1929*;* 1981]

270: aquela simplicidade,] aquela simplicidade [1929*;* 1981]

271: do Lexicon,] do Lexicon [1929] do léxico [1981]

271: todas as ampliações da eloquência, —] todas as exuberâncias da Eloquência — [1929; 1981]

272: sairá ao fim de duas horas,] sairá, ao fim dessas duas horas, [1929; 1981]

273: balofa e parva!] balofa e terrivelmente indigesta! [1929*;* 1981]

274: Se da abundância] E, filho meu, se da abundância [1929*;* 1981]

274: de Lexicon] de lexicón [1929] de léxico [1981]

276: lhe escrevi.] lhe escrevi! [1929*;* 1981]

276: francesa, e os galicismos,] francesa e os galicismos [1929*;* 1981]

277: se é que V. depois disto] se é que você, depois disto, [1929*;* 1981]

277-278: ainda necessitar mais consolações.] ainda necessita de mais consolações. [1929*;* 1981]

278-279: tinha a dizer.] tinha a dizer: [1929*;* 1981]

279: um volume.] um volume! [1929*;* 1981]

279-280: V. em Paris**?**] você em Paris? [1929*;* 1981] [*Eça não após o sinal interrogação; aceita-se a lição da tradição.*]

280: em Londres, os amigos.] em Londres os amigos? [1929*;* 1981]

280: linda Edith] linda Edite [1981]

281: de Pall-Mall.] da Pall-Mall? — [1929] da Pall-Mall? [1981]

281: Seu de — Fradique.] Seu do coração — FRADIQUE. [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

II

[A…]

Meu caro amigo.

Desaprovo, energicamente, a sua ideia de um romance sobre Babilónia. O que foi justo céu, que aí, a três passos de Picadilly e de Regent St. o fez pensar em Babilónia? Que interesse podem ter os homens e as mulheres de Babilónia, para o seu público que vive, no Chiado e na rua do Ouvidor? Diz V. que

1: [*A presente edição baseia-se no manuscrito BN E1/298, autógrafo a tinta negra, com amplas margens esquerdas. Seis fólios de 26,5 cm × 21 cm escritos de ambos os lados, exceto o último, com o verso em branco; numerados a lápis por mão alheia. Papel «J. Whatman», marca de água «1888». Na margem do canto superior esquerdo da primeira página, na diagonal, a lápis e por mão alheia: «Completa — Comparação da mulher da Babylonia e da portugueza moderna. Um pouco bâclée.» O texto foi cotejado com* Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas *(Porto, Lello & Irmão, 1929, pp. [33]-40) e* Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), *vol. III (Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 257-260), edições identificadas neste aparato por* [1929] *e* [1981].]

2: [*O Ms não tem qualquer indicação de destinatário. Em* 1981*, comentário em nota de rodapé:* «Carta relacionada com um projetado romance sobre Babilónia a que Eça se refere aquando da sua estada em Bristol. *(N. do E.)*»]

3: Meu caro amigo.] *Meu caro amigo* — [1929] Meu caro amigo. — [1981]

4: Desaprovo, energicamente,] Desaprovo energicamente [1929 *e* 1981*, que não abrem parágrafo*.]

4: de um romance] de romance [1929; 1981]

5: O que foi justo céu,] O que foi, justos céus, [1929] O que foi, justos Céus, [1981] [*Eça escreveu*: O que, foi justo céu,]

6: o fez pensar] o levou a pensar [1929] o levou a pensar [1981]

7-8: de Babilónia, para o seu público que vive, no Chiado] de Babilónia para o seu público, que vive no Chiado, [1929; 1981]

8: rua do Ouvidor?] Rua do Ouvidor? [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nada mais interessante para o**s** homen**s** moderno**s** do que sentir, nos outros de outras idades, os sentimentos**,** as paixões, os ridículos, a comédia e a tragédia que hoje os agitam a eles? Mas está V. certo, de saber quais eram os sentimentos e os ridículos dos homens, que habitavam a cidade do Eufrates? Esteve V. lá alojado, num pequeno casebre de tijolo, à sombra do templo de Belus, observando e tomando notas? Ressuscitou por acaso algum Babilónio para lhe vir dar a representação do sentimento e das ideias desse tempo? Como o pode V. saber?

Diz V. — os homens são os mesmos através de todas as idades. Nada mais falso, nem de pior crítica. O homem **é** um resultado, é uma conclusão — e um produto das circunstâncias que o envolvem — circunstâncias de clima, de alimentação, de ocupações, de Religião, de Política, de Arte, de Cultura etc. Ora se estas circunstâncias, eram em Babilónia absolutamente, radicalmente, diferentes das nossas — como pode concluir do homem

8-9: que nada mais interessante] que nada há mais interessante [1929*;* 1981]

9: para o**s** homen**s** moderno**s**] para o homem moderno [1929*;* 1981] [*Eça escreveu*: para o homem moderno*; a correção justifica-se pela sequência narrativa, uma vez que passam ao plural o artigo, o substantivo e a forma verbal complementares*.]

9-10: do que sentir, nos outros] do que descobrir nos outros, [1929; 1981]

10: os sentimentos**,**] os sentimentos [*Ms*]

11: que hoje os agitam a eles?] que hoje o agitam a ele. [1929*;* 1981]

12: está V. certo, de saber] está V. certo de que sabe [1929*;* 1981]

13: dos homens,] dos homens [1929*;* 1981]

13-14: lá alojado,] lá, alojado [1929*;* 1981]

14-15: de Belus,] de Belu, [1929; 1981]

15-16: algum Babilónio] algum babilónio [1981]

16: a representação do sentimento] a representação dos sentimentos [1929*;* 1981]

17: desse tempo? Como o pode V. saber?] do seu tempo? — Como os pode V. conhecer? [1929*;* 1981]

18: Diz V. — os homens são os mesmos] Dirá você: — mas os homens são sempre os mesmos, [1929*;* 1981]

18-19: de todas as idades.] de todas as civilizações e de todas as idades. [1929*;* 1981]

19: mais falso,] mais falso [1929*;* 1981]

19: O homem **é**] [*Eça escreveu* O homens são]

19-20: um resultado, é uma conclusão —] um resultado, uma conclusão [1929*;* 1981]

22: de Religião, de Política, de Arte,] de religião, de política, de arte, [1981]

22: de Cultura etc.] de Cultura. [1929] de cultura. [1981]

23: estas circunstâncias,] estas circunstâncias [1929*;* 1981]

23-24: radicalmente, diferentes das nossas — como pode concluir] radicalmente diferentes das nossas, como se pode concluir [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de hoje para o homem de então? O**s** próprio**s** sentimento**s** naturais, eram diferentes: e o amor duma mulher de Babilónia, era tão diferente, do duma mulher de Paris, sob Mr. Grévy, como o vidro é diferente da manteiga, para empregar uma oposição enérgica. Tome uma mulher de hoje em Lisboa, por exemplo, e siga-a durante o seu dia. Ergue-se pela manhã, embrulha-se num *robe de chambre*, e encontra logo, nas simples ordens que tem a dar, mil complicações da civilização: é o candeeiro de gás, que tem um escape, e que é necessário consertar; uma carruagem que é necessário mandar alugar à cocheira; um telegrama, a expedir, por causa dum parente que chega no paquete da Madeira; um recado, a uma amiga, para combinar a hora a que ambas vão à Câmara ouvir falar o Rufino; depois arranjar o menu, porque há amigos a jantar; ter flores da praça da Figueira; fazer almoçar e partir os rapazes para o liceu**.** Depois há o *Diário de Notícias*

25-26: O**s** próprio**s** sentimento**s** naturais, eram diferentes:] Os próprios sentimentos naturais eram diferentes — [1929*;* 1981] [*Eça escreveu*: O próprio sentimento naturaes,]

26-27: de Babilónia, era tão diferente, do duma mulher de Paris,] de Babilónia devia ser tão diverso do amor duma mulher de Paris, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* do de d'uma]

27-28: como o vidro é diferente da manteiga,] como o pode ser o vidro da manteiga — [1929*;* 1981] [*Eça escreveu:* diferente da manteica,]

29: Tome uma mulher de hoje] Tome V. uma mulher de hoje, [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo*.]

29: em Lisboa, por exemplo,] em Lisboa por exemplo, [1929*;* 1981]

30-31: num *robe de chambre*, e encontra logo,] numa *robe de chambre* e encontra logo [1929*;* 1981]

31-32: ordens que tem a dar, mil complicações da civilização:] ordens a dar as mil complicações da civilização. [1929*;* 1981]

32-33: de gás, que tem um escape,] de gás que tem um escape [1929*;* 1981]

33: necessário consertar;] necessário concertar: [*Ms*] necessário mandar consertar; [1929*;* 1981]

33-34: uma carruagem que é necessário mandar alugar à cocheira;] [*Passagem omitida em* 1929 *e* 1981.]

34: um telegrama, a expedir,] um telegrama a expedir [1929*;* 1981]

35-36: um recado, a uma amiga,] um recado a uma amiga [1929*;* 1981]

36-37: vão à Câmara] irão à Câmara [1929; 1981]

37: depois arranjar o menu, porque] depois, tem que organizar o *menu*, porque [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* o menu, por que,]

38: ter flores da praça da Figueira;] arranjar flores da praça da Figueira, [1929] arranjar flores da Praça da Figueira, [1981]

39: e partir os rapazes] e seguir os rapazes [1929*;* 1981]

39: para o liceu.] para o liceu; [*Ms;* 1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ou o *Correio da Manhã* a ler; vigiar a criada, que anda a espanejar os *bibelots* da sala, e fechar-se para escrever a *ele*, a explicar, que vai às câmaras, que a encontre à saída; depois tratar da questão do criado, que se despediu por birra com a cozinheira. Segue-se a *toilette*. Às duas horas a amiga chega, entram ambas numa tipoia para as câmaras. Lá, sessão, eloquência do Rufino, aplausos, olhadelas aos deputados, tagarelice, *rosa divina* nos intervalos. Daí vem-se à Baixa: lojas; uma volta de avenida; modistas; encontra**m**-se por fim. *Ele*, olhos baixos, uma pressão doce no aperto de mão, palavras vagas, em que o amor é tudo. Volta a casa, mais cuidados domésticos, discussão com a cozinheira, prato do jantar que é necessário substituir**.**

Jantar: *ele*, longe, na extremidade da mesa, olhar vago e sério; conversa sobre política, notícias, *cancans*, boatos, maledicências.

39-41: Depois há o *Diário de Notícias* ou o *Correio da Manhã* a ler; vigiar a criada, que anda a espanejar os *bibelots* da sala,] vigiar a criada que anda a espanejar os *bibelots* na sala; depois, há ainda o *Diário de Notícias* a percorrer e o *Correio da Manhã* a ler, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu:* o Correio da manhã]

41-42: e fechar-se para escrever a *ele*, a explicar, que vai às câmaras, que a encontre à saída;] a fechar-se no quarto para escrever a sua correspondência, [1929*;* 1981] [*A vírgula a seguir a* câmaras *é conjeturada.*]

42: depois tratar da questão] e por último tratar da questão [1929*;* 1981]

43: com a cozinheira.] com o cozinheiro… [1929*;* 1981]

43-44: Segue-se a *toilette*] Só então se pode ocupar da sua *toilette*, e finalmente vai almoçar. [1929*;* 1981]

44-45: a amiga chega, entram ambas numa tipoia para as câmaras.] chega a amiga, e, metidas numa tipoia, lá vão ambas para as Câmaras. [1929*;* 1981]

45: Lá, sessão,] Aí, sessão tumultuosa, [1929*;* 1981]

46-47: Daí vem-se à Baixa: lojas, uma volta de avenida; modistas;] Finda a sessão, vai até à Baixa, dá uma volta pela Avenida, entra em várias lojas, sobe à modista, [1929*;* 1981] [*No Ms:* modistas,]

47-48: encontra**m**-se por fim.] [*Início de passagem omitida em* 1929 *e em* 1981.] [*Eça escreveu:* encontra-se por fim.]

49: é tudo.] [*Fim de passagem omitida em* 1929 *e em* 1981.]

49-50: Volta a casa, mais cuidados domésticos,] e, à última hora, apressa-se para casa onde a esperam mais cuidados domésticos: [1929*;* 1981]

50: discussão com a cozinheira,] uma nova discussão com o cozinheiro, [1929*;* 1981]

50-51: prato do jantar que é necessário substituir**.**] um prato que é preciso substituir e todas as graves preocupações da *toilette* para o jantar. [1929*;* 1981] [*No Ms:* substituir;]

52-53: Jantar: *ele*, longe, na extremidade da mesa, olhar vago e sério; conversa sobre política,] Por fim, encontra-se à mesa entre os seus convidados: sorrisos, conversa, discussão sobre política, [1929*;* 1981]

53: *cancans*,] cancãs, [1981]

53: maledicências.] maledicência. [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Os homens acendem os cigarros. Daí para o teatro, onde se dá uma *operetta*: música alegre, ele no camarote, pressão de pés, num intervalo combinação para se encontrarem na *quinta-feira* no ***cuté.*** À saída, volta a casa, chá, romance para adormecer, marido roncando ao lado, com um lenço de seda amarrado na cabeça. Note agora, que todas estas pequenas ações — foram outros tantos agentes diretos, vivos, modelando de certo feitio o *modo de sentir* desta mulher.

Tome agora uma mulher de Babilónia. Ao romper do dia essa mulher acordou no harém, no lugar onde só dormem as mulheres: dormiu vestida, envolta na mesma túnica de linho leve, com que se levanta: — e a sua primeira ocupação, é todo um imenso cerimonial de orações, cujo peso **devolve** sobre ela, porque ela é sacerdotisa. Não tem de dar ordens aos escravos, nem de se ocupar dos arranjos da casa: a casa é simples, parede de mármore, ou de tijolo pintado, tapetes, e algum vaso precioso

54: acendem os cigarros.] acendem os charutos — [1929*;* 1981]

54-55: Daí para o teatro, onde se dá uma *operetta*:] e seguem todos para o teatro, a ouvir a nova opereta. [1929*;* 1981]

55-56: música alegre, ele no camarote, pressão de pés, num intervalo combinação para se encontrarem na *quinta*-feira no ***cuté***.] [*Passagem omitida em* 1929 *e* 1981.] [*Eça escreveu:* n'um entrevallo. *A expressão* no ***cuté*** *é de leitura difícil; a conjetura justifica-se pelo contexto.*]

57: À saída, volta a casa,] À uma da madrugada, volta sonolenta para casa: [1929*;* 1981]

57: para adormecer,] para adormecer — e [1929; 1981]

58: na cabeça.] na cabeça… [1929*;* 1981]

58-59: Note agora,] Ora note V. [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo.*]

59: pequenas ações —] pequenas ações [1929*;* 1981]

60: diretos, vivos,] diretos, vivos [*Ms*]

62-63: romper do dia essa mulher acordou] romper do dia, acordou [1929*;* 1981]

63-64: onde só dormem as mulheres:] onde só as mulheres dormem. [1929*;* 1981]

64-65: envolta na mesma túnica de linho leve, com que se levanta: —] envolta na túnica de linho alvo que guarda quando se levanta — [1929*;* 1981]

65-67: primeira ocupação, é todo um imenso cerimonial de orações, cujo peso **devolve** sobre ela, porque ela é sacerdotisa.] primeira ocupação é todo um complicado cerimonial de orações e de invocações. [1929*;* 1981] [*A palavra* devolve *é conjeturada.*]

67: não tem de dar ordens aos escravos,] não tem que dar ordens aos escravos [1929*;* 1981]

68: nem de se ocupar dos arranjos da casa:] nem que se preocupar com arranjos domésticos: [1929*;* 1981]

68-69: é simples, parede de mármore,] é simples: paredes de mármore [1929*;* 1981] [*Eça escreveu:* de marmre,]

69: tapetes,] tapetes macios e fundos [1929*;* 1981]

69: vaso precioso] vaso precioso, [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

num nicho, entre as frestas que fazem de janelas. Depois, rapidamente uma refeição, simples, comida sobre os joelhos. Daí, o banho, e o toucado, as duas grandes ocupações da vida. E logo em seguida, longas horas no harém, encruzada, ou tecendo, ou preguiçando sobre um divã, ou ouvindo histórias. Todas as janelas do harém cerradas, nenhuma comunicação exterior com o mundo. No entanto fora no pátio há rumores e vozes; são os convivas do marido, do Senhor, que chegam para o festim. As escravas envolvem-na numa dalmática, dão-lhe um pequeno **i**ncensador; e ela adianta-se para a sala do banquete, de olhos baixos, **i**ncensa o marido, no seu «trono», **i**ncensa os convidados, chama sobre eles uma bênção, e recolhe, a passos medidos, pelo cerimonial e pelo dogma. Despe a dalmática, o seu dia findou. Há talvez ainda um passeio nos jardins, sob o olhar do eunuco: há

70: que fazem de janelas.] que servem de janelas. [1929*;* 1981]

70-71: Depois, rapidamente uma refeição, simples,] Depois das orações, rapidamente, uma refeição simples, [1929*;* 1981]

71: sobre os joelhos.] sobre o joelho — [1929*;* 1981]

71-72: Daí, o banho,] e vai para o banho [1929*;* 1981]

73: E logo em seguida, longas horas] Em seguida, são as longas horas [1929*;* 1981]

73-74: ou tecendo, ou preguiçando sobre um divã, ou ouvindo histórias.] ou tecendo ou preguiçando pelos divãs, ouvindo contar histórias. [1929*;* 1981]

75: janelas do harém cerradas,] janelas do serralho permanecem cerradas: [1929*;* 1981]

75-76: com o mundo.] com o mundo… [1929*;* 1981]

76: No entanto fora no pátio há rumores e vozes;] No entanto, ouvem-se no pátio rumores de vozes: [1929*;* 1981]

77: do Senhor,] do senhor, [1929*;* 1981]

78: As escravas envolvem-na numa dalmática,] As escravas então envolvem-na numa dalmática rica, [1929*;* 1981]

78-79: um pequeno **i**ncensador;] um pequeno turíbulo de ouro, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu:* pequeno encensador;]

79-80: de olhos baixos,] de olhos baixos e andar hierático. [1929*;* 1981]

80: incensa o marido,] Ali, gravemente, começa por incensar o marido, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu:* encensa o marido,]

80: incensa os convidados,] depois, os convidados, [1929*;* 1981] [*Eça escreveu*: encensa, os convidados,]

81: chama sobre eles uma bênção,] chamando sobre eles as bênçãos da deusa — [1929; 1981]

81: e recolhe, a passos medidos,] e, cumprido o rito, recolhe lentamente, a passos medidos [1929*;* 1981]

82: a dalmática, o seu dia findou.] a dalmática — e o seu dia findou. [1929*;* 1981]

83: nos jardins, sob o olhar do eunuco:] pelos jardins, sob o olhar dormente do eunuco, [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

talvez alguma dança e cantos, que as bailadeiras vêm executar. Mas o seu dia social findou. Há ainda mais rezas, outras rezas, queimação de perfumes, bênçãos, atitudes, invocações. Através das rachas do harém respira-se ainda a frescura do crepúsculo, cor de ouro: — depois desenrolam-se os tapetes, e ela estende-se em cima para dormir, a menos que o eunuco em chefe não a venha chamar, para ir à presença do Senhor, que a deseja. Cada um destes atos ajudou a formar o *modo de sentir* desta mulher. E como pode portanto a sua maneira de amar, ser igual à maneira de amar da portuguesa**?**

Dirá V. que em conclusão ambas têm filhos. Decerto. Mas isso é uma função orgânica. E se o que V. quer é descrever funções orgânicas, então está V. num campo seguro**,** não tem mais a copiar-se a si mesmo — porque certamente o rei Shenal-Kerib digeria exatamente como digere o conselheiro Acácio, — e ambos se desembaraçam do mesmo modo do excesso dos seus líquidos.

83-84: há talvez alguma dança e cantos, que as bailadeiras vêm executar.] talvez alguma dança ou cantos de escravas — [1929*;* 1981]

85: Há ainda mais rezas,] Recitam-se novas rezas, [1929*;* 1981]

86: queimação de perfumes, bênçãos, atitudes, invocações.] queimam-se perfumes em atitudes de invocação. [1929; 1981]

87-88: das rachas do harém respira-se ainda a frescura do crepúsculo, cor de ouro: —] das frestas do harém silencioso, vai-se ainda respirar a frescura do crepúsculo cor de oiro… [1929*;* 1981]

88: depois] Depois, [1929*;* 1981]

88-89: estende-se em cima para dormir,] estende-se para dormir — [1929*;* 1981]

89-90: a menos que o eunuco em chefe não a venha chamar,] a não ser que o chefe dos eunucos a venha reclamar, e a leve, obediente e passiva, [1929*;* 1981]

90: do Senhor, que a deseja.] do Senhor que a deseja. [1929] do senhor que a deseja. [1981]

90-91: Cada um] Ora cada um [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo.*]

92: E como pode] Como pode [1929*;* 1981]

92-93: de amar, ser igual à maneira de amar] de amar corresponder ao modo de amar [1929*;* 1981]

93: da portuguesa**?**] da portuguesa. [*Ms*] da mulher portuguesa? [1929*;* 1981]

94: V. que em conclusão ambas têm filhos.] você que, em conclusão, ambas elas têm filhos. [1929*;* 1981]

95: uma função orgânica.] uma função orgânica, não é um sentimento. [1929*;* 1981]

96: orgânicas,] orgânicas — [1929*;* 1981]

96-97: campo seguro**,** não tem mais a copiar-se a si mesmo —] campo muito seguro: basta-lhe copiar-se a si próprio — [1929; 1981]

97: Shenal-Kerib] Shenna-Kerib [1929] Senaquerib [1981]

98: o conselheiro Acácio, —] o Conselheiro Acácio, [1929] o conselheiro Acácio, [1981]

99: se desembaraçam] se desembaraçavam [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O que lhe resta pois a pintar, que seja exato, é a decoração exterior, da vida, — as casas, os fatos, as mobílias, as armas. Mas isso não constitui um romance. São quadros de Natureza Morta. É o pitoresco pelo pitoresco — forma atroz de literatura.

É ao menos difícil? Nem assim. A ciência arqueológica tem avançado tanto que todas essas minudências da vida exterior, estão enumeradas e explicadas por ordem alfabética, com gravuras ao lado. Pode-se **ter** a mais sábia, e perfeita pintura da Vida Romana — com o *Dicionário Clássico* de Smith, que custa 1.800 **réis**.

A isto V. responde: — e a *Salammbô?* Para fazer a *Salammbô*, com efeito não basta o Dicionário, é necessário o génio de Flaubert. E quando se tem esse génio, e oito anos de vagares para o aplicar a esse monumento — falha-se o monumento, como ele o falhou, e diz-se, como ele, com infinita melancolia: — *peut-être, après tout, il n'y a pas un mot de vrai là-dedans.*

100: O que lhe resta pois a pintar, que seja exato,] Assim, só lhe resta, pois, pintar, com a consciência intima de ser exato, [1929; 1981]

100-101: é a decoração exterior, da vida, —] a decoração exterior da vida — [1929; 1981]

101: as casas, os fatos,] as casas, os trajes, [1929; 1981]

102: um romance.] um romance: [1929; 1981]

102: de Natureza Morta.] de natureza-morta. [1981]

103: forma atroz de literatura.] fórmula atroz de literatura! [1929; 1981]

104: É ao menos difícil?] E será ao menos difícil? — [1929; 1981]

104: Nem assim.] Nem isso. [1929; 1981]

105-106: vida exterior, estão enumeradas e explicadas por ordem alfabética,] vida exterior estão hoje explicadas em livros e enumeradas por ordem alfabética, [1929; 1981]

107: Pode-se **ter** a mais sábia,] Pode-se a mais sábia, [*Ms*] Pode-se fazer a mais sábia [1929; 1981] [*A correção justifica-se por razões de contexto.*]

107-108: da Vida Romana —] da vida romana — [1929; 1981]

108: *Dicionário Clássico* de Smith, que custa 1.800 **réis**.] *Dicionário Clássico,* de Smith, que custa dezoito tostões… [1929; 1981] [*Eça escreveu*: Diccionario Clássico; *a abreviatura* rs. *foi desenvolvida para* réis.]

109: A isto V. responde: — e a *Salammbô?*] A isto V. responderá de certo: — E a *Salammbô?* — [1929] A isto V. responderá decerto: — E a *Salambô?* [1981] [*Eça escreveu:* e a *Salambo?*]

109: para fazer a *Salammbô*,] [*Eça escreveu*: para fazer a Salambo,]

109-110: com efeito] com efeito, [1929; 1981]

110: o Dicionário,] o *Dicionário* — [1929; 1981]

110: de Flaubert.] de Flaubert!… [1929; 1981]

111-112: aplicar a esse monumento —] aplicar a um monumento como a *Salammbô* — [1929] aplicar a um monumento como a *Salambô* — [1981]

113: como ele,] como ele disse, [1929; 1981]

113: melancolia: — *peut-être,*] melancolia: «*Peut-être,* [1929] melancolia: *Peut-être,* [1981]

114: *il n'y a pas*] *n'y a-t-il pas* [1929; 1981]

114: *là-dedans.*] *lá-dedans!*» / Amigo sincero *et nunc et semper* / Fradique. [1929] *lá-de-dans!* / Amigo sincero *et nunc et semper* / Fradique. [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

III

A E. Sturmm, ([1])

alfaiate

Lisboa, abril

Meu bom Sturmm — A sua sobrecasaca é perfeitamente insensata. Ali a tenho, arejando à janela, nas costas duma cadeira: e assenta

([1]) 1.º Esta carta, curiosa, pouco explicável, e que certamente o seu destinatário nunca recebeu, encontrava-se, entre bilhetes sem interesse, nos papéis que Marcos Vidigal, poucos meses antes da sua morte, me entregou, sabendo que eu preparava esta coleção, e um estudo sobre Fradique. Não me consta de resto que haja, ou houvesse em Lisboa um alfaiate do nome de Sturmm. — E. Q.

1: [*Manuscrito em mau estado, a tinta negra, de amplas margens esquerdas, numerado a lápis por mão alheia, com 10 fólios de 24,5 cm × 21,2 cm escritos de um só lado. Papel «J. Whatman», marca de água «1888». No primeiro fólio, rosto, numeração romana autógrafa «I»; numeração a lápis e por mão alheia «III». A mesma mão acrescentou a lápis, na diagonal: «Incompleto mas publicável» e «prelo». O texto-base agora apresentado é o do autógrafo BN E1/299, cotejado com* Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas *(Porto, Lello & Irmão, 1929, pp. [1]-7) e* Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), *vol. III (Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 239-242), e a indicação respetiva* [1929] *e* [1981].]

2: A E. Sturmm, ([1]) / alfaiate] A E. STURMM, ALFAIATE [1] [1929] A E. Sturmm, alfaiate ([1]) [1981] [*Não separam as linhas do título.*]

4: abril] abril. [1929]

5: Meu bom Sturmm] *Meu bom Sturmm.* — [1929; 1981]

6: duma cadeira:] duma cadeira; [1929] de uma cadeira; [1981]

7: 1.º] [*O corpo desta nota, do punho de Eça no manuscrito, foi substituído em 1981 por:* «(1) Carta que esteve na posse de Marcos Vidigal e que este entregou a José Maria d'Eça de Queiroz, destinada ao volume que então preparava sobre os inéditos de Fradique. (N. do E.)»]

7: 1.º Esta carta,] 1 Esta carta [1929]

7: pouco explicável,] pouco explicável [1929]

8: encontrava-se,] encontrava-se, incompleta, [1929]

11: que haja, ou houvesse] que haja ou que houvesse [1929]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tão bem nessas costas de pau, como assentaria nas do Comandante das Guardas Municipais, nas do Patriarca, nas dum Piloto da barra, ou nas dum Filósofo, se o houvesse nestes reinos. Quero pois severamente dizer que ela não possui *individualidade*.

Se V., bom Sturmm, fosse apenas um algibebe, embrulhando a multidão em pano Sedan para lhe tapar a nudez — eu não faria à sua obra esta crítica tão alta e exigente. Mas V. é alemão, e de Koenigsberg, cidade metafísica. A sua tesoura tem parentesco com a pena de Emmanuel Kant, — e legitimamente me surpreende que V. não a use com a mesma sagacidade psicológica. Não ignora V., decerto, que ao lado da Filosofia da História, e de outras Filosofias, há uma, importante e vasta, que se chama a Filosofia do Vestuário: e menos ignora ainda que aí se aprende, entre tanta cousa profunda, esta de superior profundidade: — que o casaco está para o homem como a palavra está para a ideia. Ora para que serve a palavra, Sturmm? Para tornar a ideia, percetível e transmissível nas relações humanas — como o casaco serve para tornar o homem apresentável e viável através das ocupações sociais. Mas é a palavra empregada sempre em rigorosa *concordância de valor* com a ideia? Não, meu Sturmm. Quando a ideia é chochamente

12: do Comandante] do comandante [1981]
13: dum Piloto da barra,] dum piloto da barra, [1929] de um piloto da barra [1981]
14: dum Filósofo,] dum filósofo, [1929] de um filósofo, [1981]
14: Quero pois] Quero, pois, [1981]
18-19: de Koenigsberg,] de Conisberga, [1981][*Eça escreveu*: de Koenisberg,]
20: Kant, —] Kant, [1929*;* 1981]
21: Não] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]
22: decerto, que] decerto que, [*Ms*]
22-23: Filosofia da História, e de outras Filosofias,] filosofia da história e de outras filosofias, [1981]
23: há uma,] há ainda mais uma, [1929*;* 1981]
23-24: a Filosofia do Vestuário:] a Filosofia do Vestuário; [1929] a filosofia do vestuário; [1981]
24: e menos ignora ainda] e menos ignora, decerto, [1929; 1981]
24-25: tanta cousa profunda, esta] tanta coisa profunda, esta, [1929; 1981]
25: profundidade: —] profundidade: [1929*;* 1981]
26: Ora] Ora, [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo.*]
27: a ideia,] a ideia [1929; 1981]
31: Quando] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

chata, alteia-se, revestindo-a de palavras gordas e aparatosas (como todas as que se usam em política, etc.); quando a ideia é bestial, embeleza-se e poetiza-se, recobrindo-a de palavras macias, afagantes, canoras (como todas as que se usam em amor, etc.). Por outro lado, escolhem-se palavras duma retumbância especial para reforçar a veemência da ideia (como nos rasgos à Mirabeau), ou rebuscam-se as que pela estranheza plástica ajuntam uma sensação física à emoção intelectual (como nos versos de Baudelaire). Temos pois que a palavra opera para a ideia, ou disfarçando ou acentuando. Vai-me V. seguindo, perspicaz Sturmm?

Tudo isto se aplica exatamente às conexões do casaco com o homem. Para que talham os alfaiates ingleses certas sobrecasacas longas, retas, rígidas, com um debrum de austeridade e resudando virtude por todas as costuras? Para esconder a velhacaria de quem as veste. V. encontra, em Londres, essas sobrecasacas nos *meetings* religiosos, na Sociedade promotora da moralização dos pequenos Patagónios, e nos romances de Dickens. E para que talham eles esses *fracs* audazes, bem acolchoados de ombros,

31-32: é chochamente chata,] é chata ou trivial, [1929*;* 1981]

32-33: (como todas] — como todas [1929*;* 1981]

33: em política, etc.);] em política. [1929*;* 1981]

33: quando a ideia é bestial,] Quando a ideia é grosseira ou bestial, [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo.*]

35: (como] — como [1929*;* 1981]

35: em amor, etc.).] em amor. [1929*;* 1981]

35: Por] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

36: duma retumbância] de uma retumbância [1981]

37: (como] — como [1929*;* 1981]

37: à Mirabeau),] à Mirabeau — [1929*;* 1981]

39: (como] — como [1929*;* 1981]

39: Baudelaire).] Beaudelaire. [1929]

40: Temos] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

40-41: opera para a ideia, ou disfarçando ou acentuando.] opera sobre a ideia, ou disfarçando-a ou acentuando-a. [1929*;* 1981]

43: Para] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

46: V. encontra, em Londres, essas sobrecasacas] Você encontra em Londres essas sobrecasacas, [1929*;* 1981]

47: na Sociedade promotora] nas Sociedades promotoras [1929*;* 1981]

48: Patagónios,] Patagónios [1929] patagónios [1981]

49: esses *fracs*] esses fraks [*Ms*] esses fraques [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

quebrados e cavados de cinta, dando relevo aos quadris — sede da força amorosa? Para acentuar os corpos robustos e voluptuosos a que se colam. V. vê desses *fracs* aos Lovelaces, aos caçadores de dotes, e a toda a legião dos *entretenus*. Disfarçando ou acentuando, o casaco deve ser a expressão visível do caráter ou do tipo que cada um pretende representar entre os seus concidadãos. Quem lhe encomenda pois um casaco, digno Sturmm, encomenda-lhe na realidade um *prospeto*. E nem precisa o Alfaiate que aprofundou a sua Arte, receber a confissão do freguês. As ligeiras recomendações que escapam, inquietas e tímidas, na hora atribulada da «prova», bastam para que ele compreenda o uso social a que o cliente destina a sua farpela… Assim, se um cavalheiro de luvas pretas, com uma luneta de ouro entalada entre dois botões do colete, que move os passos com lentidão e reflexão, e, ao entrar pousou sobre a mesa um número do *Jornal dos Economistas*, lhe diz, num tom de mansa reprovação, ao provar o casaco: *está curto e justo de cinta* — V. deve logo deduzir que ele deseja aquelas abas bem fornidas, flutuantes, que demonstram abundância de princípios, circunspeção, amor sólido da Ordem e conhecimento miúdo das Pautas da Alfândega… Vai-me V. penetrando, bom Sturmm?

Ora que lhe murmurei eu, em mau alemão, ao provar a sobrecasaca infausta? Esta fugidia indicação: — «Que cinja bem!».

52: V. vê desses *fracs*] V. vê desses fraks [*Ms*] Você vê desses fraques [1929*;* 1981]
52-53: de dotes,] de dotes [1981]
53: Disfarçando ou acentuando,] Disfarçando-o ou acentuando-o, [1929*;* 1981*, que abrem parágrafo.*]
54-55: que cada um pretende] que, cada um, pretende [1981]
55: Quem] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]
57: o Alfaiate] o alfaiate [1981]
58: a sua Arte,] a sua arte, [1981]
58: receber a confissão] de receber a confissão [1929*;* 1981]
59-60: da «prova»,] da «prova» [*Ms*]
63: e, ao entrar] e, ao entrar, [1929; 1981]
64: *Jornal dos Economistas*,] *Jornal do Economista*, [1929*;* 1981]
65-66: *está curto e justo de cinta*] «Está curto e justo de cinta» [1929*;* 1981]
68: da Ordem] da ordem [1981]
69: das Pautas] das pautas [1981]
70: Ora] Ora, [1929*;* 1981]
71: indicação: —] indicação: [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Isto bastava para V. entender que eu desejava, através dessa veste, mostrar-me a Lisboa, onde a ia usar, sinceramente como sou — reservado, cingido comigo, frio, cético, inacessível aos pedidos de meias-libras… E no entanto que me manda V., Sturmm, num embrulho de papel pardo? V. manda-me a sobrecasaca que talha para todo o mundo em Portugal, desgraçadamente, — *a casaca de Conselheiro!*

Digo «desgraçadamente» — porque vestindo todos pelo mesmo molde, V. leva todos a ter o mesmo sentir e a ter o mesmo pensar. Nada influencia mais profundamente o sentir do homem do que a fatiota que o cobre: e o mais ríspido profeta, se enverga uma casaca, e ata ao pescoço um laço branco, tende logo a *sentir* os encantos dos decotes e da valsa; e o mais extraviado mundano, dentro duma *robe de chambre*, *sente* apetites de serão doméstico e de carinhos ao fogão.

Maior ainda se afirma a influência do vestuário sobre o pensar. Não é possível conceber um sistema filosófico com os pés entalados em escarpins de baile, e um jaquetão de veludo preto forrado a cetim azul leva inevitavelmente a ideias conservadoras.

Você, pondo no dorso de toda a Sociedade essa casaca de conselheiro, lisa**,** insípida**,** rotineira, pesabunda — está simplesmente criando um País de conselheiros!

Dentro dessa confeção banalizadora e achatante, o poeta perde a fantasia, o *dandy* perde a vivacidade, o militar perde a coragem,

74: cingido comigo,] cingido comigo mesmo, [1929*;* 1981]
74: cético, inacessível] cético e inacessível [1929*;* 1981]
75: E no entanto] E no entanto, [1929] E, no entanto, [1981]
77: para todo o mundo] para toda a gente [1929*;* 1981]
77-78: desgraçadamente, — *a casaca de Conselheiro!*] desgraçadamente: *a sobrecasaca do Conselheiro!* [1929] desgraçadamente: a *sobrecasaca do conselheiro!* [1981]
79: porque vestindo todos] porque vestindo-nos todos [1929*;* 1981]
80: V. leva todos] V. leva-nos todos [1929*;* 1981]
82: que o cobre: e o mais ríspido] que o cobre. O mais ríspido [1929*;* 1981]
83: uma casaca,] uma casaca [1929*;* 1981]
85: *robe de chambre*,] [*O manuscrito interrompe-se neste lugar. A partir daqui segue-se a edição de* 1929]
91: toda a Sociedade] toda a sociedade [1981]
93: um País] um país [1981]
95: o *dandy*] o dândi [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o jornalista perde a veia, o crítico perde a sagacidade, o padre perde a fé — e, perdendo cada um o relevo e a saliência própria, fica tudo reduzido a esse cepo moral que se chama o *conselheiro*! A sua tesoura está assim mesquinhamente aparando a originalidade
100 do País! Você corta em cada casaco a mortalha dum temperamento. E se Camões ainda vivesse — e V. o vestisse — tínhamos em lugar dos *Sonetos,* artigos do *Comércio do Porto*.....

100: do País!] do país! [1981]
100: em cada casaco] em cada casaco, [1981]
100-101: dum temperamento.] de um temperamento! [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IV

Minha cara Madrinha

O nome é lindo — cheio de luz e de som: *Claire de Clairvaux*. Mais bonito ainda em Português, tendo um som mais repousado e nobre — *Clara de Claraval*. E corresponde bem a toda a pessoa, ao busto esbelto, aos cabelos louros, ao romance que pende das pestanas, ao olhar lânguido: — mas não abrange também a outra qualidade dos olhos**,** que além de lânguidos são finos. Não devia haver finura numa *Clara de Claraval*, — que pelo menos de nome é

1: [*Autógrafo a tinta negra, amplas margens esquerdas e superior. Papel «J. Whatman», marca de água «1888»; 5 fólios de 26,5 cm × 21 cm, escritos de ambos os lados, exceto o último, de um só lado, numerados a lápis por mão alheia que também apôs a numeração inicial «IV» e acrescentou na diagonal «Completa». O texto-base para esta edição é o do manuscrito BN E1/300, cotejado com* Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas *(Porto, Lello & Irmão,* 1929*, pp. [14]-19) e* Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), *vol. III (Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 246-248), assinalados no aparato respetivamente por* [1929] *e* [1981].]

2: Minha cara Madrinha] *Minha querida madrinha.* — [1929] Minha querida madrinha. — [1981]

3: O nome é lindo — cheio de luz e de som: *Claire de Clairvaux*.] O nome é lindo, cheio de som e de luz: *Claire de Clairval*. [1929; 1981]

4: em Português,] em português [1929; 1981]

5: *Clara de Claraval*.] Clara de Claro-Vale. [1929] Clara de Claro Vale. [1981]

7: olhar lânguido: — mas não abrange] olhar lânguido… embora não abranja [1929; 1981]

8: dos olhos**,** que além de lânguidos] dos olhos, que, além de lânguidos, [1929] [*Eça escreveu* dos olhos; *aceita-se a lição da tradição para a inserção desta vírgula*.]

9: haver finura] haver *finura* [1929; 1981]

9: *Clara de Claraval,* — que pelo menos de nome] *Clara de Claro-Vale*, que, pelo menos de nome, [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

gótica, toda em sentimento, crédula e grave, sentada numa cadeira de alto espaldar, toda ocupada em manter a graça heráldica de sua pessoa. Diz a Madrinha que, apesar de tão ressoante, e lembrando torneios e Cortes de Amor, — *Clairvaux* não está muito alto no Nobiliário de França. *Un peu de roture ne gâte rien*. Pelo contrário, são talvez as gotas de sangue vermelho e plebeu, que põem, através da sua gentil pessoa, essa ponta de finura que me atrai.

Está a minha bela madrinha enganada — eu nunca a tinha visto antes do baile de Mme. de Tressan. É bem possível que ela vá todas as quartas-feiras à *Comédie Française*: — mas desde que se adotaram para a *Comédie* as *toilettes* escuras, em tons sóbrios e graves, como a versificação de Racine, não é fácil, ser-se atraído, depois dos *trinta anos*, por um rosto especial. O teatro todo é como uma mancha escura, picada de pontos pálidos, ou cor de pó de arroz, que são as faces. Aos 25 anos a curiosidade vibrante, e sempre *à l'affût*, num instante detalha, repara, escolhe, entre todos esses rostos bonitos. A curiosidade mais embotada

11: de alto espaldar, toda ocupada] de alto espaldar e ocupada [1929*;* 1981]

12: Diz a Madrinha] Diz a minha bela Madrinha [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo*]

12: que**,** apesar de tão ressoante**,**] que apesar, de tão ressoante [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

12-13: e lembrando torneios] lembrando torneios [1929*;* 1981]

13: de Amor, — *Clairvaux*] de Amor, Clairval [1929] de amor, *Clairval* [1981]

13-14: no Nobiliário] no nobiliário [1981]

15: as gotas de sangue vermelho e plebeu, que põem,] essas gotas de sangue vermelho e plebeu que põem [1929*;* 1981]

16: pessoa, essa ponta de finura] pessoa a ponta de finura [1929*;* 1981]

17: bela madrinha] bela Madrinha [1929]

17-18: a tinha visto antes do baile de Mme. de Tressan.] a tinha visto, antes do baile de Madame de Tressan. [1929] a tinha visto antes do baile de *madame* de Tressan. [1981]

19: *Comédie Française*:] *Comédie Française* [1929*;* 1981]

20-21: em tons sóbrios e graves,] com tons sóbrios e graves [1929*;* 1981]

21-22: não é fácil, ser-se atraído, depois dos *trinta anos*,] não é fácil ser-se atraído, *depois dos trinta anos*, [1929*;* 1981]

23: de pontos pálidos,] de pontos pálidos [1929*;* 1981] [*Eça escreveu*: de dos pontos pallidos,]

24-25: Aos 25 anos a curiosidade vibrante,] Aos vinte e cinco anos, a curiosidade, vibrante [1929*;* 1981]

25: detalha, repara, escolhe,] detalha, distingue, escolhe [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

e lenta, dos trinta e cinco, nada aprofunda: passa por sobre a sala, num só giro, resvalando: é necessário que da parte do rosto bonito, haja já a intenção, o desejo de ser notado, para que ele próprio se adiante, se evidencie, ao passar, prenda e segure a atenção do homem de trinta e cinco. Além disso**,** eu suponho que ninguém vê a mulher que tem de amar (isto na generalidade, não se trata de Mme. Clairval) antes de chegar o momento, marcado pelo Destino, para que esse amor, se acenda, e seja útil, ao conjunto das Coisas. Nada prova mesmo que essa mulher não tenha emergido nesse mesmo momento, do seio vivo da Natureza, assim em *toilette*, e de luvas brancas, — para ser olhada, e possuída por esse homem. Isto que parece incidente de conto de fadas — é todavia**,** por vezes quase justificado pelos factos.

Um amigo meu, em Lisboa, numa sociedade pequena, de duzentas pessoas, em que todo o mundo se acotovela, e todos uns aos outros conhecem, o tom de voz, os negócios, os sentimentos, as *toilettes*, e as ambições, — de tal sorte, que mesmo

27: e lenta, dos trinta e cinco, nada aprofunda:] e lenta dos trinta e cinco, nada aprofunda, [1929*;* 1981]

27-28: a sala, num só giro, resvalando:] a sala num só giro resvalado. [1929*;* 1981]

28-29: rosto bonito, haja já] rosto bonito já haja [1929*;* 1981]

29-31: notado, para que ele próprio se adiante, se evidencie, ao passar, prenda e segure a atenção do homem de trinta e cinco.] notado, que ele próprio se adiante e se evidencie, para que prenda e segure a atenção. [1929*;* 1981]

31: Além disso**,**] Além disso [*Ms*] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo*.]

32: de amar (isto] de amar — isto [1929*;* 1981]

33: de Mme. Clairval)] Madame de Clairval! — [1929] *madame* de Clairval! — [1981]

33: antes de chegar o momento,] antes de ter chegado o momento [1929*;* 1981]

33-34: pelo Destino,] pelo Destino [1929] pelo destino [1981]

34: para que esse amor, se acenda, e seja útil,] para que esse amor se acenda e seja útil [1929*;* 1981]

35: das Coisas.] das coisas. [1981]

35-36: tenha emergido] tenha emergido, [1929*;* 1981]

36-37: assim em *toilette*, e de luvas brancas, — para ser olhada,] assim, em *toilette* e de luvas brancas, para ser olhada [1929*;* 1981]

37-38: por esse homem.] por esse homem! [1929*;* 1981]

38-39: — é todavia**,** por vezes] — é todavia por vezes [*Ms*] é todavia, por vezes, [1929*;* 1981]

41: se acotovela,] se acotovela [1929*;* 1929]

42: aos outros conhecem,] aos outros conhecem [1929*;* 1929]

43: as *toilettes*, e as ambições, — de tal sorte,] as *toilettes* e as ambições — de tal sorte [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

numa sala às escuras, se poderia continuar, com coerência a conversação — pergunta um dia a uma senhora, numa *soirée*:

— Quem é aquela rapariga de branco, além, ao pé da porta?

A outra olha, parece assombrada:

— É minha irmã…

— Mas…

— Mas quê? Essa é extraordinária! Há quatro anos que ela vai comigo a toda parte onde eu vou, e há quatro anos que o encontro a si, em toda a parte onde apareço…

Um ano depois o meu amigo casava com a *rapariga de branco*.

Estou vendo que não achou esta história interessante — e que mais se vai estabelecer na sua ideia, que há uma semana, desde o baile de Mme. de Tressan, ando vago e sensabor. Talvez tenha razão. Não me sinto**,** com efeito, nem muito vibrante nem muito agudo, nem muito impulsivo: não sei que *rêverie* indecisa, me prende, me enleia por vezes, dando-me aquele langor espiritual que os primeiros calores de maio dão ao corpo. Não sei a origem: e não quero descobri-la, mesmo que tivesse a vivacidade de espírito para empreender essa análise, com um receio, de que este estado de vago e doce adormecimento se esvaia, e fuja, levando consigo a doçura em que me envolve. E ouço daí

44: às escuras, se poderia continuar, com coerência**,**] às escuras, se poderia, continuar, com coherencia [*Ms*] às escuras se poderia continuar com coerência [1929*;* 1981]

45: — pergunta um dia] — perguntou um dia [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* — pergunta a um dia]

52: encontro a si,] encontro a si [1929*;* 1981]

53: *de branco*.] *de branco!* [1929*;* 1981]

55: na sua ideia, que há uma semana,] na sua ideia de que há uma semana, [1929*;* 1981]

56: de Mme. de Tressan,] de Madame de Tressan, [1929] de *madame* de Tressan; [1981]

56: e sensabor.] e sem sabor. [1981]

57: Não me sinto**,**] Não me sinto [*Ms*]

57: nem muito vibrante] nem muito vibrante, [1929*;* 1981]

58-59: indecisa, me prende,] indecisa me prende, [1929; 1981]

61: a origem: e não quero descobri-la,] a origem e não quero descobri-la — [1929*;* 1981]

61-62: mesmo que tivesse a vivacidade] mesmo que tivesse, a vivacidade [*Ms; aceita-se a lição de* 1929]

62-64: essa análise, com um receio, de que este estado de vago e doce adormecimento se esvaia, e fuja, levando consigo] essa análise — com receio de que este estado de doce e vago adormecimento se esvaia e fuja, levando com ele [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a sua pergunta: — nenhuma ideia, nenhuma imagem, nenhuma figura passa, através deste fundo de cisma informe? Meu Deus, escassamente lho poderia dizer. É certo que por vezes, não sei porquê**,** desse fundo de repouso, intelectual, dessa névoa luminosa e quente, destaca-se, atravessa, uma longa figura loura, com coisas amarelas na *toilette* preta, e uns olhos finos e lânguidos… Mas não há nada de perigoso nisto. Suponho mesmo, que essa imagem que passa, não é o reflexo de nenhuma realidade, — mas uma criação própria **da** imaginação adormecida, semelhante a essas evaporações que se elevam dum lago morto no verão, e que tomariam, se nós as víssemos mais densas e percetíveis, as formas, mortas, serenas, paradas, moles do lago donde se elevaram. Um espírito, que dormita, e se elanguesce, deve criar, naturalmente, formas que o reproduzam, — figuras, que tenham olhos lânguidos e a figura ondeante, e as pestanas descidas e como adormecidas.

Em suma — não é uma mulher especial que assim passa no meu espírito — é antes a personificação simbólica deste estado

65: — nenhuma ideia,] — «Nenhuma ideia, [1929*;* 1981]

65-66: nenhuma figura passa, através deste fundo de cisma informe?] nenhuma figura passa através deste fundo de cismar informe?» — [1929*;* 1981]

67-68: não sei porquê**,**] não sei por que [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

68: de repouso, intelectual,] de repouso intelectual, [1929*;* 1981]

69: destaca-se, atravessa, uma longa figura] destaca-se uma longa figura [1929*;* 1981]

70: na *toilette* preta,] no vestido preto [1929; 1981]

71-72: mesmo, que essa imagem que passa,] mesmo que essa imagem que passa [1929*;* 1981]

72: nenhuma realidade, —] nenhuma realidade — [1929*;* 1981]

73: própria **da** imaginação adormecida,] própria imaginação adormecida, [*Ms; aceita-se a lição da tradição.*]

74: lago morto no verão,] lago morto, no verão, [1929] lago morto, no Verão, [1981]

75: se nós as víssemos] se nós as pudéssemos ver [1929*;* 1981]

75-76: as formas, mortas, serenas, paradas, moles] as formas mortas, serenas, paradas e moles [1929*;* 1981]

76: do lago donde] do lago de onde [1981]

76-77: Um espírito, que dormita,] Um espírito que dormita [1929*;* 1981]

78-79: o reproduzam, — figuras, que tenham olhos lânguidos e a figura ondeante,] o reproduzam, figuras esguias — que tenham os olhos lânguidos, e o passo ondeante, [1929*;* 1981]

80-81: no meu espírito —] no meu espírito: [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de espírito, que a consciência me mostra, e… Bom Deus, já nem me entendo. Quanta subtileza, e névoas. Tenho muitas assim, há dias, que se formam e se desmancham.

85 De resto, tenho fumado imensas *cigarrettes*, e relido Musset…

81-82: deste estado de espírito,] desse estado de espírito [1929] deste estado de espírito [1981]

82-83: nem me entendo.] nem me entendo! [1929*;* 1981]

83: Quanta subtileza, e névoas.] Quanta subtileza e quantas névoas! [1929*;* 1981]

83-84: assim, há dias, que se formam e se desmancham.] assim, que se formam e se desmancham… [1929*;* 1981]

85: De resto,] De resto [1929 *e* 1981*, que não abrem parágrafo.*]

85: imensas *cigarrettes*, e relido Musset…] inúmeras *cigarrettes* e relido Musset… — Afilhado nevoento — FRADIQUE. [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

V

Meu bom Vargette — Com alvoroço e carinho acolhi eu ontem o seu livro, *Les Pâles Vêpres*, que é logo, exteriormente, dum tão raro e intelectual dandismo. Considerei, enternecidamente, o seco galho de inverno, onde treme uma folha morta, caído, como um emblema de Modéstia sobre a capa, duma cor de carne bem achada, entre rósea e glauca, carne semifluida de Náiade fugidia. Detive o sorriso enlevado nas maiúsculas escarlates com cercaduras, no fino gosto de Simão Colines. Palpei com reverência as folhas graves de papiro sacerdotal. E com os pés para o borralho, pensei nos rudes tempos da velha poesia, quando Musset e Lamartine eram sublimes em papel pardo.

1: [*Autógrafo a tinta negra, composto por 11 fólios de 31 cm × 23 cm com amplas margens esquerdas, escritos apenas no rosto e numerados a lápis por mão alheia. Papel «Latune et Cie. — Blacons» sem data. O fólio 6 (rosto) é uma cópia a tinta azul, escrita por mão alheia e com a indicação «O original está na Mairie de Biarritz /1968». Na margem superior esquerda da primeira página, na diagonal, a lápis e por mão alheia: «completa». Deste manuscrito — BN E1/301 transcreveu-se o texto-base que se cotejou com* Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas *(Porto, Lello & Irmão, 1929, pp. [8]-13), e* Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), *vol. III (Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 243-245), identificadas no aparato por* [1929] *e* [1981] *respetivamente.*]

2: Meu bom Vargette] *Meu bom Vargette.* [1929] Meu bom Vargette. [1981*, que dá título à carta:* «II A Paula Vargette»*; no índice:* «A Paul Vargette».]

3-4: dum tão raro] de um raro [1981]

5: de inverno,] de inverno [1929] de Inverno [1981]

6: de Modéstia] de Modéstia, [1929] de modéstia, [1981]

6: sobre a capa, duma cor] sobre a capa de uma [1981]

8: escarlates com cercaduras,] escarlates, com cercaduras [1929*;* 1981]

9: Simão Colines.] Simon Colines. [1929*;* 1981]

12: em papel pardo.] em papel pardo! [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Apesar de ter quase cinquenta anos, de reler Horácio e Racine, e de amar por uma incurável necessidade de pureza, a água límpida que rebenta de rochas claras, eu não sou hostil à Poética nova que o seu livro procede, meu Vargette, e que se chama (se desde ontem não lhe alteraram a alcunha flutuante) *Decadismo* ou *Simbolismo*. Consiste ela, quando ensinada e praticada pelos Mestres (se eu não erro nestas superfinas matérias) em arredar da Poesia, como gastas, e já inusáveis, todas as sensações ou emoções simples, velhas como o homem, e por ele, através de vinte séculos de Literatura, desde os Hinos Órficos até Béranger, fixadas em formas que como as da moeda, já não podem ser alteradas. (Que Estado, por mais inovador**,** ousaria cunhar libras triangulares, ou peças de cinco francos com o recorte dum lírio?) Consiste depois em rebuscar através do Homem e da Natureza, impressões e emoções novas, ou fragmentos de emoções e de impressões, deixadas no subsolo da alma e da vida, pelos primeiros escavadores, e que pareçam novas e saídas dum filão novo,

14: e Racine, e de amar] e Racine e de amar, [1929*;* 1981]
16: à Poética nova que o seu livro] à poética nova de que o seu livro [1929*;* 1981]
17: (se desde] — se desde [1929*;* 1981]
17: flutuante)] flutuante — [1929*;* 1981]
18: *Decadismo* ou *Simbolismo*.] *decadismo* ou *simbolismo*. [1981]
19: pelos Mestres] pelos mestres [1981]
19: (se eu] — se eu [1929*;* 1981]
19: matérias)] matérias — [1929*;* 1981]
20: da Poesia,] da poesia, [1981]
20: como gastas,] como gastas [1929*;* 1981]
22: de Literatura,] de literatura, [1981]
22: os Hinos Órficos] os hinos órficos, [1981]
23: em formas que] em formas que, [1929*;* 1981]
24: alteradas. (Que] alteradas — (Que [1929] alteradas — (que [1981]
24: inovador**,**] innovador [*Ms*]
24-25: libras triangulares,] libras triangulares [1981]
25: dum lírio?)] de um lírio?) [1981]
26: Consiste depois em rebuscar] Consiste, depois, em rebuscar, [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo*.]
26: do Homem] do homem [1981]
27-28: fragmentos de emoções e de impressões,] fragmentos de impressões e emoções, [1929*;* 1981]
28: e da vida,] e da vida [1929*;* 1981]
29: dum filão] de um filão [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por conservarem ainda, a aspereza fresca do metal desenterrado. E consiste enfim em materializar, tão completamente, transpondo-as para o Verbo, essas sensações e emoções, que elas prendam e afetem pelos atributos próprios da Matéria, e o Verso que as encarna, se torne tão verdadeiramente rutilante como um broche de pedrarias, ou tão doce à epiderme como a moleza dum estofo, ou tão respirável como um ramo de lilases… Creio que é esta a Poética do Simbolismo quando ensinada pelos Mestres.

Erro eu, meu Vargette? — «Que bem que cheira este verso! — Como é macio este verso, quando se encosta em cima a face — No faiscar deste verso há rubi e esmeralda! — Este verso restolhou denso de ramaria, e aquele cai em gotas límpidas duma quelha sobre a relva!» Creio serem estes os gritos que o Simbolismo arranca à admiração cansada dos homens.

Não é verdade, Vargette?

30: conservarem ainda, a aspereza fresca] conservarem ainda as asperezas frescas [1929*;* 1981]

31: E consiste enfim em materializar, tão completamente,] E consiste, enfim, em materializar tão completamente — [1929*;* 1981]

32: para o Verbo,] para o Verbo [*Ms*] para o Verbo — [1929] para o verbo — [1981]

32: essas sensações e emoções,] essas sensações e essas emoções, [1929*;* 1981]

32-33: que elas prendam e afetem] que elas nos prendam e nos afetem [1929*;* 1981]

33: da Matéria,] da Matéria [*Ms*] da matéria, [1981]

33-34: e o Verso que as encarna,] e o Verbo que as encarne [1929] e o verbo que as encarne [1981]

35: dum estofo,] de um estofo, [1981]

36: ou tão respirável] ou então respirável [1981]

36-37: a Poética do Simbolismo] a Poética do Simbolismo, [1929] a poética do simbolismo, [1981]

37: pelos Mestres.] pelos mestres. [1981]

38: Erro eu,] [*Início de passagem transcrita do fólio 6r, escrita por mão alheia com a seguinte nota no canto superior esquerdo, na diagonal:* «O original está na Mairie de Biarritz / 1968».]

39-40: este verso, quando se encosta em cima a face] este verso quando se lhe pousa em cima a face! [1929*;* 1981]

40: há rubi e esmeralda!] há rubis e esmeraldas! [1929*;* 1981]

40-41: Este verso restolhou] [*No manuscrito:* restulha. *Corrige-se, aceitando a lição de* 1929*, visto tratar-se de uma página escrita por mão alheia e poder tratar-se de erro de cópia.*]

43: o Simbolismo] o simbolismo [1981]

44: Não] [1929 *e* 1981 *não abrem parágrafo.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ainda há pouco um Simbolista ilustre murmurava convidando as multidões para o seu verso — *Il fait bon dans mon vers*!

O que eu traduzo: — «No meu verso há calor, uma flacidez de veludo, toda a sorte de perfumes errantes, e um murmúrio que embala e adormenta… Vinde para o meu verso!» (Eu não fui, porque esse Paraíso, sumptuosamente impresso, custava vinte francos!)

Pois apesar dos meus cinquenta anos, já bolorentos, e da minha ferrugenta fidelidade a Virgílio, a Horácio e à *Antologia*, eu penso que esta Poética aproveita consideravelmente a todo o Poeta, que nos começos da gentil carreira, a cultive com sagacidade e com método. Primeiramente impõe ao espírito o salutar horror do *já-dito*, do *já-feito*. Depois conduz **ao** hábito de afiar e aguçar a análise até que, como uma ponta de aço de incomparável flexibilidade e finura, ela saiba penetrar através dos mais tortuosos e escuros refolhos da alma. E enfim acostuma a extrair do Verbo humano tudo o que ele humanamente pode dar como encarnador do Visível e do Invisível. De sorte que o *Decadentismo*

45: Ainda há pouco] Ainda há pouco, [1929 *e* 1981*, que não abrem parágrafo.*]

45: um Simbolista] um simbolista [1981]

45: murmurava] murmurava, [1929*;* 1981]

46: o seu verso —] o seu verso: — [1929] o seu verso: [1981]

46: *Il fait bon dans mon vers!*] *«Il fait bon dans mon vers!»* [1929] [*Fim de passagem transcrita de página escrita por mão alheia.*]

47: O que eu] [1929 *não abre parágrafo.*] o que eu [1981*, que não abre parágrafo.*]

52: cinquenta anos, já bolorentos,] cinquenta anos já bolorentos [1929*;* 1981]

53: à *Antologia*,] à Antologia, [1929*;* 1981]

54: esta Poética aproveita consideravelmente] esta poética aproveita, consideravelmente, [1981]

55: o Poeta,] o Poeta [1929] o poeta [1981]

55: gentil carreira,] gentil carreira [1929*;* 1981]

56: Primeiramente] Primeiramente [1929*;* 1981]

57: do *já-dito*, do *já-feito*.] do *já dito*, do *já feito*. [1981]

57: Depois conduz **ao** hábito] Depois, conduz ao hábito [1929*;* 1981] [*Eça escreveu* Depois conduz hábito*; aceita-se a lição da tradição.*]

58: a análise] a análise, [1929*;* 1981]

61: do Verbo] do verbo [1981]

61: pode dar] pode dar, [1929*;* 1981]

62: do Visível e do Invisível.] do visível e do invisível. [1981]

62: De sorte que o *Decadentismo*] De sorte que o *Decadismo* [1929] De sorte que o *decadismo* [1981] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

é um exercício extremamente útil a todo o Poeta que se prepara para a Poesia — exatamente como a Ginástica é o mais vantajoso exercício do Corpo que se prepara para a Vida. O espírito sai do *Decadismo* com hábitos de atividade inovadora, mais elástico, mais dúctil, possuindo um poder variado de se traduzir e viver pela Expressão. Exatamente como o Corpo da Ginástica**,** com hábitos de vivacidade, mais musculoso, mais ágil, e cheio de destreza para a Ação.

Mas, meu Vargette, por isso mesmo que o Decadismo e a Ginástica são meios de educação — não se podem considerar como o fim supremo e definitivo do ser educado. O homem que se prepara para viver uma vida de homem em toda a sua plenitude e variedade, e que para isso, se adestrou e se fortificou na Ginástica, desde os dez anos, deve, logo que envergue a sobrecasaca viril, abandonar a um canto as cordas, as argolas e os halteres. E do mesmo modo, com carinhosa sinceridade lho asseguro, o meu querido Vargette, como poeta que penetra na Poesia deveria ter queimado esse gentil livro, *Les Pâles Vêpres*, desde que, no outro anterior, *Les Dolences*, se exercitara já suficientemente a ser inovador,

63: o Poeta] o poeta [1981]
64: a Poesia] a poesia [1981]
64: a Ginástica] a ginástica [1929*;* 1981]
65: do Corpo] do corpo [1929*;* 1981]
65: a Vida.] a vida. [1981]
66: do *Decadismo*] do *decadismo*. [1981]
67: um poder variado] um poder mais variado [1929*;* 1981]
68: pela Expressão.] pela Expressão, [1929] pela expressão, [1981]
68: como o Corpo da Ginástica**,**] como o Corpo da Gymnastica [*Ms*] como o corpo sai da ginástica [1929*;* 1981]
70: a Ação.] a ação. [1981]
71-72: o Decadismo e a Ginástica] o decadismo e a ginástica [1981]
75: e variedade, e que para isso,] e variedade — e que para isso [1929*;* 1981]
75-76: na Ginástica, desde os dez anos,] na Ginástica desde os dez anos — [1929] na ginástica desde os dez anos — [1981]
78: mesmo modo,] mesmo modo — [1929*;* 1981]
78: lho asseguro,] lho asseguro — [1929*;* 1981]
79: poeta que penetra na Poesia] Poeta que penetra na Poesia, [1929] poeta que penetra na poesia, [1981]
80-81: no outro anterior,] em outro anterior, [1929*;* 1981]
81: *Les Dolences*,] *Les Doléances*, [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

subtil, e expressivo. Ficar o meu Vargette, com essa rica e formosa barba cor de milho, a fazer eternamente *Decadismo* — seria como ficar o homem de ação, que já tem a barba e a idade da ação, teimosamente dependurado do trapézio. Ambos teriam encalhado a meio do seu destino. — Um nunca chegaria à Poesia, outro nunca chegaria à Ação. E ambos eles permaneceriam de fora, — sendo para todo o sempre dois simples pelotiqueiros.

Amigo rude, por ser tão amigo — Fradique.

81-82: a ser inovador, subtil,] em ser inovador subtil [1929*;* 1981]

83: *Decadismo* —] *decadismo* — [1981]

86: destino. — Um nunca chegaria à Poesia, outro] destino: um, nunca chegaria à Poesia, o outro, [1929] destino: um, nunca chegaria à poesia, o outro, [1981]

87: à Ação.] à ação. [1981]

87: de fora, —] de fora — [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VI

Meu bom sobrinho Manuel — Desde que há homens e desde que há cartas, nunca homem recebeu carta mais tocante e mais exigente e mais absurda do que esta, de 22 de março, com que me honras, e me aterras e me divertes! «Para um Livro de Versos que eu determinei compor, enquanto Deus compõe esta

1: [*Baseia-se esta edição em dois testemunhos autógrafos: no manuscrito BN E1/302 e num recorte de jornal existente nos arquivos da Fundação Eça de Queiroz. O primeiro é um autógrafo escrito a tinta negra, com amplas margens esquerdas. Papel «Thomar / Almaso / Porto de Co.», com 7 fólios de 28,7 cm × 22 cm escritos apenas no rosto, numerados a lápis por mão alheia; a sua narrativa incompleta é rematada pelo recorte de «Temas para versos — I» da* Gazeta de Notícias *(Rio de Janeiro, domingo, 2 de abril de 1893) com emendas do punho do autor e de terceiro. O texto foi cotejado por quatro edições impressas:* Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas *(Porto, Lello & Irmão, 1929, pp. [20]-32) identificada por* [1929]; Obras de Eça de Queiroz — Da Colaboração no «Distrito de Évora» (1867), *vol. III* (*Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s. d. [1981], pp. 249-256), que surge no aparato como* [1981]; Contos *(Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, pp. 153-160. Edição organizada por Luiz Fagundes Duarte com a colaboração de Joaquim Mendes), identificação* [1989], *com emendas gramaticais relativamente ao texto da* GN *seguidas pelo quarto testemunho, o de* Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»), *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós (Lisboa, INCM, 2002, pp. [295]-300. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante),* [2002].]

2: Meu bom sobrinho Manuel] *Meu bom sobrinho Manuel.* [1929] Meu bom sobrinho Manuel. [1981]

3-4: mais tocante e mais exigente e mais absurda] mais tocante, e mais exigente, e mais absurda, [1929*;* 1981]

4: do que esta, de 22 de março,] do que esta de 22 de março [1929*;* 1981]

5: e me aterras] me aterras [1929*;* 1981]

5-6: um Livro de Versos] um livro de versos [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sua primavera, devo escolher os temas do Amor, os da Natureza, os da Filosofia ou os da História?…»

Ó meu sobrinho Manuel, tu queres pois que eu, à maneira dum douto Bardo, de barbas nevadas e coroa de louros secos, te leve pela mão, através das veredas aromáticas do Parnaso, e, com o meu velho bordão**,** feito do carvalho Délfico, te aponte além sob as frondes, a fria fonte Castália, onde mais convém que te agaches e bebas?

Poeta te sentes, meu enganado Manuel; poeta te queres, meu temerário Manuel; — e vens agora, com a tua lira nova, comprada esta manhã, junto da Via-Sacra, nos Armazéns de Apolo, para que ambos reclinados sob a olaia, eu te guie os dedos tenros sobre as cordas de tripa e bronze, te ensine os cantos que encantam… Mas meu doce Manuel, por que te não dirigiste tu aos quatro nobres e clássicos e argutos Mestres que têm cátedra e aula aberta nos cimos do Pindo — Aristóteles, Horácio, Pope, e Boileau?

As quatro *Artes Poéticas* desses quatro Legisladores da Poesia, andam hoje reunidas comodamente num volume, brochado (de

7: sua primavera,] sua primavera, [1981]

7: devo escolher] que devo eu escolher: [1929*;* 1981]

7-8: do Amor, os da Natureza, os da Filosofia ou os da História?] do amor, os da natureza, os da filosofia ou os da história? [1981]

9: Ó meu sobrinho Manuel,] Oh! meu sobrinho Manuel, [1929*;* 1981]

9-10: dum douto Bardo,] dum douto Bardo [1929] de um douto bardo [1981]

10-11: pela mão,] pela mão [1929*;* 1981]

11: do Parnaso, e,] do Parnaso e, [1929]

11-12: velho bordão**,** feito do carvalho Délfico, te aponte] velho bordão feito de carvalho Délfico, te aponte, [1929] velho bordão feito de carvalho délfico, te aponte, [1981] [*Eça escreveu*: velho bordão feito, do carvalho]

13: fonte Castália,] fonte Castalia [1929] fonte castália, [1981]

14: enganado Manuel;] enganado Manuel! [1929*;* 1981]

14: te queres,] [*Eça escreveu* te queres; *aceita-se a lição da tradição.*]

15: temerário Manuel; — e vens agora,] temerário Manuel! E vens agora [1929*;* 1981]

16: esta manhã, junto da Via-Sacra,] esta manhã junto à Via Sacra, [1929*;* 1981]

16: de Apolo, para que] de Apolo, para que, [1929*;* 1981] [*Eça não escreveu a vírgula; aceita-se a lição da tradição para aquela ocorrência.*]

18: de tripa e bronze, te ensine] de tripa e de bronze, e te ensine [1929*;* 1981]

18: Mas] Mas, [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo.*]

19-20: nobres e clássicos] nobres, e clássicos, [1929*;* 1981]

20: argutos Mestres] argutos mestres [1981]

22-23: Legisladores da Poesia, andam hoje reunidas comodamente num volume,] Legisladores da Poesia andam hoje reunidas, comodamente, num volume [1929] legisladores da poesia, andam hoje reunidas comodamente num volume [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

3 francos e 50 cêntimos) que, sendo um Código, e também um Receituário, fornece abundante ensino, a toda a alma, dos Açores, ou mesmo do Continente**,** que sinta tendências culpadas para o Verso. Porque não te provês tu desse volume, disciplinar e fecundante? Com ele, um Dicionário de rimas, um bule de café, cigarros, vagares, e papel, tu poderás como tantos outros poetas espalhados por essas grutas frescas do Parnaso, fabricar ressoantes alexandrinos à Hugo, lavradas e lustrosas peças Parnasianas, éclogas Bernárdicas dum quinhentismo que lindamente cheire a mofo, e mesmo esses exercícios léxicos e gramaticais chamados *Decadismo* e *Simbolismo*, que constituem um método Ollendorf para aprender a delirar sem mestre. Todavia, meu sobrinho Manuel, não esqueço que tua mãe, a minha tão amável tia Loló, quando eu era pequeno e desejava percorrer o mundo num grande cavalo, à maneira de Roldão ou Percival, me deu um burro, um lindo burro branco, com selim, e freio, e chicote. E agora que tu, filho da tia Loló, aspiras a galopar por um mundo ainda mais vasto e obscuro que o meu, o da Poesia, é de boa gratidão**,** me parece**,** que eu te for-

24: e 50 cêntimos)] e 50) [1929*;* 1981]
24: um Códi**g**o,] um Código [1929] um código [1981] [*Eça escreveu* um Codico,]
24-25: um Receituário,] um receituário, [1981]
25: abundante ensino,] abundante ensino [1929*;* 1981]
25: dos Açores,] dos Açores [1929*;* 1981]
26: do Continente**,**] [*Eça escreveu* do Continente*; aceita-se a lição da tradição.*]
26-27: o Verso.] o verso. [1981]
28: um Dicionário] um dicionário [1929*;* 1981]
29: vagares, e papel, tu poderás] vagares e papel, tu poderás, [1929*;* 1981]
31: Parnasianas,] Parnasianas parnasianas, [*Ms; palavra repetida por acrescento na margem esquerda.*] parnasianas, [1981]
31-32: éclogas Bernárdicas] églogas Bernárdicas [1929] éclogas bernárdicas [1981]
32: lindamente] linda — lindamente] [*Ms; palavra parcialmente repetida por mudança de página.*]
33: e gramaticais] e gramaticais, [1929*;* 1981]
33-34: *Decadismo* e *Simbolismo*,] *decadismo* e *simbolismo*, [1981]
35: Todavia, meu sobrinho Manuel,] Todavia, meu doce sobrinho Manuel, [1929 *e* 1981*, que abrem parágrafo.*]
36: a minha tão amável tia Loló,] a minha boa prima Luiza, [1929*;* 1981]
38: de Roldão ou Percival,] de Roldão ou de Percival, [1929*;* 1981]
39: e chicote.] e chicote! [1929*;* 1981]
39: filho da tia Loló,] filho da prima Luísa, [1929*;* 1981]
40-41: que o meu,] do que o meu, [1929*;* 1981]
41: da Poesia,] da poesia, [1981]
41: boa gratidão**,** me parece**,**] [*Eça escreven* boa gratidão me parece; *aceita-se a lição da tradição.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

neça também um Pégaso, e to enfreie e to amanse, e sobre ele te escarranche, e com uma vergasta de louro o vá vergastando e levando, como teu fiel burriqueiro, por esta serra difícil do Ideal.

Sobrinho Manuel, um amigo meu, que depois de ser, durante errados anos, um mau Poeta, se arrependeu, e se tornou um bom Crítico, costumava sempre, com a sua autoridade de velho mareante experiente em escolhos e naufrágios, aconselhar os poetas novos a que procurassem os temas e motivos dos seus Poemas fora do próprio e estreito coração e das duas ou três palpitações que nele monotonamente se repetem. Eu pertenço à escola deste homem sagaz — e para mim também essa poesia, chamada *subjetiva*, que vive aninhada nas saias de Elvira, e que arrulha sem cessar, no Jornal e no Livro, as suas gárrulas confidências de amor (ou de namoro), necessita ser substituída por uma poesia mais forte, mais viril, mais humana, que se desaninhe das saias já enxovalhadas da

42: e to enfreie e to amanse,] e to enfreie, e to amanse, [1929; 1981]
44: do Ideal.] do Ideal! [1929] do ideal! [1981]
45: Sobrinho Manuel,] [*A partir deste lugar o manuscrito interrompe-se. A transcrição segue a lição do autógrafo Fundação Eça de Queiroz (FEQ). A edição de 1989, transcrevendo o texto da* Gazeta de Notícias, *não podia tomar em conta as variantes de autor sobre o autógrafo/recorte; neste caso, exclui-se a passagem introdutória desta segunda parte da carta.*]
45-46: durante errados anos,] durante anos, [1989]
46: mau Poeta,] mau poeta, [1981; 1989]
46: se arrependeu,] se regenerou, [1989]
46-47: bom Crítico,] bom crítico, [1981]
47: costumava sempre,] costuma sempre [1989]
47: de velho mareante] de antigo mareante [1989]
49: a que procurassem] a que procurem [1989]
49: seus Poemas] seus poemas, [1981; 1989]
50: coração] coração, [1989; 2002]
51: monotonamente] perpetuamente [1989]
51: deste homem] desse homem [1929]
52: e para mim também essa poesia,] e para mim também, essa poesia [1929; 1981] e também penso que essa poesia, [1989]
53: de Elvira,] de Elvira [1929; 1981]
53: que arrulha] que arrulha, [1981]
53-54: no Jornal e no Livro,] no jornal e no livro [1929; 1981; 1989]
54: as suas gárrulas] as suas gárrulas e alardeadoras [1989]
54-55: (ou de namoro),] (ou antes de namoro), [1989]
55-56: mais viril,] mais sã, [1989]
56: humana,] [*As editoras de 2002 leram* humano *na* GN, *adotando, para a correção, a lição de 1989 no que respeita à concordância do nome* poesia *com o adjetivo; todavia, no recorte do impresso* GN, *o adjetivo encontra-se no feminino.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sua eterna dama, e lance o voo livre e largo através do mundo e da vida.

O amor (como ensinava o meu amigo) é certamente uma força, e mesmo a maior força deste pobre universo, que dele vive e por ele se equilibra, e a notação, em boa rima, de qualquer das suas manifestações que seja intensamente genuína e nova, constitui sem dúvida uma aquisição excelente para o nosso conhecimento do homem, entidade de sete palmos de altura, que, quanto mais profundamente a si próprio se sonda, mais insondável se reconhece. Por outro lado versos de amor são preciosos para aqueles que, possuindo o sentimento, não possuem o verbo que lho vivifique, lhes dê a consoladora certeza da sua realidade, — e que precisam ver expressas, formuladas, sonoras, quase visíveis, as coisas indefinidas que lhes tumultuavam no peito e a que não sabiam dar nome.

Mas a não ser nestes dois casos em que o poeta tenha descoberto em si uma forma do sentir deliciosamente inédita, ou que tenha conseguido exprimir, com uma nitidez gráfica, algum subtil estado de alma até aí inexprimível, ele deveria (pelo menos enquanto durar este século saciado do lirismo sentimental) conservar

57: eterna dama,] eterna dama [1929]
57: voo livre e largo] voo livre [1989]
59: O amor (como ensinava o meu amigo)] O amor (como ensinava o meu amigo), [1981] O amor, como diz o meu amigo, [1989]
59-60: uma força,] uma força — [1929; 1981]
60: a maior força] a maior [1989]
60: pobre universo,] pobre universo [1929; 1981; 1989]
61: se equilibra,] se equilibra — [1929*;* 1981] se equilibra: [1989]
61: a notação, em boa rima,] a notação em boa rima [1989]
62-63: nova, constitui sem dúvida] nova constitui, sem dúvida, [1989]
66: Por outro lado versos] Por outro lado, os versos [1929; 1981]
68: sua realidade, —] sua realidade — [1981; 1989]
69: e precisam] e que precisam portanto [1929; 1981; 1989]
69: quase visíveis,] quase palpáveis, [1929; 1981]
70: lhes tumultuavam] lhe tumultuavam [1989]
72: dois casos] dois casos, [1929; 1981]
73: deliciosamente inédita,] deliciosamente inédita; [1989]
74: conseguido exprimir,] conseguido exprimir [1929; 1981]
74: com uma nitidez gráfica,] com uma nitidez gráfica excecional [1929; 1981]
76: do lirismo] de lirismo [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

os versos do seu amor no papel íntimo em que os traçou, ao lado das flores murchas, das madeixas de cabelos, das fotografias enodoadas de beijos e de todas as outras relíquias da mocidade que aos trinta anos se atiram ao lume. De outro modo, se os poetas insistirem em anunciar cada semana, com lábio trémulo, nos jornais ou nos volumes a 600 réis, que amam Laura e que a apertaram nos braços e que os veludos da alcova pendiam em pregas moles — esta geração ocupada, positiva, inteligente, e só seduzida pelas coisas da inteligência, fugirá deles, desesperadamente, como se foge de tudo o que arrepia ou enerva, dum realejo, duma serra a serrar pedra ou dum canário mecânico, envernizado de amarelo, com corda para 20 horas! Para que a poesia guarde a sua clientela de espíritos, é necessário que contenha em si toda a *humanidade* — e não somente a *feminidade* da vizinha que sorri além, à janela.

Tudo isto, que afirmava o meu amigo, com aquela irremediável confusão, que lhe ficara dos hábitos do verso, é verídico. A poesia não se inventou para cantar o Amor — que de resto não

78: murchas, das madeixas] murchas, das mechas [1989; *a vírgula da edição, que não se encontra no recorte impresso, foi acrescentada por 1989 naquela edição, mas fora já acrescentada por Eça no autógrafo.*]

79: de beijos] de beijos, [1989; *sem vírgula no recorte da* GN.]

79: da mocidade,] da mocidade [1929*;* 1981]

82: a 600 réis,] a 600 rs. [1929*;* 1981*;* 2002] a seiscentos réis, [1989]

82: que amam Laura] que amam Laura, [1929*;* 1981]

83: nos braços] nos braços, [1929; 1981; 1989; 2002]

85: inteligência, fugirá deles,] inteligência, fugirá deles [1989]

86: o que arrepia] quanto arrepia [1989]

86-87: dum realejo, duma serra] de um realejo, de uma serra [1981] um realejo, uma serra [1989]

87: pedra ou dum canário] pedra ou de um canário [1981] pedra, ou um canário [1989; 2002]

88: para 20 horas!] para 24 horas! [1929*;* 1981] para vinte horas! [1989]

90: a *humanidade*] a «humanidade» [2002]

90: a *feminidade*] a *feminilidade* [1929*;* 1981] a «feminidade» [2002]

91: à janela.] à janela… [1929*;* 1981]

92: que afirmava] que afirma [1989]

92-93: irremediável confusão,] irremediável confusão [1929; 1981; 1989]

93: que lhe ficara] que lhe ficou [1989]

94: o Amor] o amor [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

existia ainda quando os primeiros homens cantaram. Ela nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração, ou captação da divindade, e a estabilidade social, eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: — e a Poesia tendeu sempre, e tenderá constantemente a resumir, nos conceitos mais puros, mais belos e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens. Se a grande preocupação do nosso tempo fosse o Amor — ainda admitiríamos que se arquivasse, por meio das artes da imprensa, cada suspiro de cada Francesca. Mas o Amor é um sentimento extremamente raro entre raças velhas e enfraquecidas. Os Romeus, as Julietas (para citar só este casal clássico) já não se repetem, nem são quase possíveis, nas nossas democracias, saturadas de cultura, torturadas pela ânsia do bem-estar, céticas, portanto, egoístas, e movidas pelo vapor e pela eletricidade. Mesmo nos crimes de amor, em que parece reviver, com a sua força primitiva e dominante, a paixão das raças novas, se descobrem logo fatores lamentavelmente alheios ao amor, sendo os dois principais, aqueles que mais caraterizam o nosso tempo: o interesse e a vaidade. Nestas condições, o Amor que voltou

98: A adoração,] A adoração [1929*;* 1981]
98: da divindade,] da divindade [1929*;* 1981]
98: estabilidade social,] estabilidade social [1989]
99: a Poesia] a poesia [1981]
99-100: tendeu sempre,] tendeu sempre [1989]
100: constantemente a resumir,] constantemente, a resumir, [1929] constantemente a resumir [1989]
103: o Amor] o amor [1981]
104: de cada Francesca.] de cada Francisco. [1989] [*No recorte da FEQ* Francisco *foi emendado para* Francesca*, não sendo possível decifrar se a emenda é ou não de Eça.*]
105: o Amor] o amor [1981]
105: entre raças] entre as raças [1929*;*1981]
107: não se repetem,] não se repetem [1929*;* 1981]
107: quase possíveis,] quase possíveis [1929*;* 1981]
109: portanto, egoístas,] portanto egoístas, [1929; 1981; 1989; 2002]
109-110: pelo vapor e pela eletricidade.] por meio do vapor e da eletricidade. [1989]
111: sua força primitiva e dominante,] com a sua primitiva e dominante força, [1989]
113: dois principais,] dois principais [1929; 1981; 1989]
113: nosso tempo:] nosso tempo, [1989]
114: Nestas condições,] Nestas condições [1989]
114: o Amor] o amor [1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a ser como na Grécia, um Cupido pequenino e brincalhão, que esvoaça, surripiando aqui e além um prazer fugitivo — é removido para entre os cuidados subalternos do homem, muito para baixo do dinheiro, muito para baixo da política… É uma ocupação, sem malícia o digo, que se deixa para quando acabar o dia verdadeiro e útil, e com ele os negócios, as ideias, os interesses que prendem. Já não há hoje nada de produtivo a fazer? Já não há nada de sério em que pensar?… Bem! Então, um pouco de perfume nas mãos, e abra-se a porta ao Amor que espera! A isto está reduzida a Vénus fatal e vencedora!

Ora quando uma arte teima em exprimir unicamente um sentimento que se tornou secundário nas preocupações do homem — ela própria se torna secundária, pouco atendida, e perde pouco a pouco a simpatia das inteligências. Por isso hoje, tão tenazmente, os editores se recusam a editar, e os leitores se recusam a ler, versos em que só se cante de amor e de rosas. E o artista que não quer ser uma voz clamando no deserto e um papel apodrecendo no armazém, começa a evitar o amor, como tema essencial da sua obra. A glória de Zola vem sobretudo da universalidade e modernidade dos seus assuntos, — a terra, o dinheiro, o comércio, a política, a guerra, a religião, as grandes indústrias, e a ciência — que são os factos supremos que interessam o homem culto.

Aqueles que, como Feuillet e Sandeau, e tantos outros, só sabiam cantar, com pena enternecida e graciosa, histórias

114-115: voltou a ser] voltou a ser, [1929*;* 1981]
121: Já não] «Já não [1929*;* 1981]
122: sério em que pensar?...] sério a pensar?... [1989]
123: ao Amor] ao amor [1981]
123: que espera!] que espera!» [1929*;* 1981]
127: pouco atendida,] pouco atendida [1929*;* 1981]
128: e perde pouco a pouco] e perde a pouco e pouco [1929; 1981]
129: tenazmente,] tenazmente [1989]
132: começa a evitar o amor,] começa a evitar o amor [1929*;* 1981] evita já o amor, [1989]
134: assuntos, —] assuntos [1981] assuntos — [1989; 2002]
136: e a ciência] a ciência [1929*;* 1981]
136: os factos supremos que] os factos que [1989]
138: como Feuillet] como Feuillet, [1981]
138: e Sandeau,] e Sandeau [1929*;* 1981]
139: só sabiam cantar,] só sabiam contar, [1929*;* 1981] só sonhavam cantar, [1989]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de amor, e em que o amor era o centro e o motor único da vida, estão abandonados, comidos humilhantemente pelos ratos, nos subterrâneos dos livreiros.

Nem mesmo as mulheres leem já hoje versos de amor — que de resto não apreciaram, em tempo algum, porque nunca uma mulher gostou de ver outra coroada e idealizada. E além disso nem elas, nem ninguém, por mais simples, acreditam na sinceridade dos poemas amorosos. Todos sabemos que eles são meros exercícios de literatura, compostos pacientemente, friamente, de chinelos, com um dicionário de rimas. Nos primeiros anos do século, o poeta que penetrava no «comércio das Musas» começava por compor laboriosamente, e folheando os bons modelos, uma *Epístola* em que celebrava a felicidade de viver nos campos, um *Madrigal* em que cobria uma pastora de aljôfares e nardo, ou um *Ditirambo,* um pouco desgrenhado em que erguia a taça de vinho rubro, e gritava «Évoé!…» Este homem excelente não conhecia pastoras, nem bosques, e vivia comedidamente no terceiro andar de uma rua estreita, frequentando o botequim vizinho onde se alagava de orchata.

A orgia báquica, os cordeiros e o surrão, o seu amor da paz silvana eram meramente nele temas recomendados pela arte poética. Hoje essa poesia bucólica ou ditirâmbica passou com os calções e com os espadins. O romantismo criou outra retórica. E o poeta que principia, em lugar de se mostrar ao leitor, em rimas castigadas, *pastoril* e *bêbado*, como o seu antecessor que ainda

140: de amor,] de amor [1929*;* 1981]
144: não apreciaram,] não apreciaram [1929*;* 1981]
145: e idealizada.] e idealizada! [1929*;* 1981]
146: nem ninguém,] nem ninguém [1989]
154: um *Ditirambo*,] um *Ditirambo* [1929*;* 1981]
154: um pouco desgrenhado] um pouco desgrenhado, [1929*;* 1981]
155: vinho rubro,] vinho rubro [1929*;* 1981]
155-156: não conhecia pastoras,] não conhecia pastoras [1929*;* 1981]
156: vivia comedidamente] vivia comodamente [1929*;* 1981]
160: paz silvana] paz silvana, [1929*;* 1981]
161: Hoje] Hoje, [1929*;* 1981]
161-162: com os calções] como os calções [1989]
164: e *bêbado*,] e *bêbado* [1989]
164: seu antecessor] seu antecessor, [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

estudava Horácio — mostra-se agora, com a mesma tranquilidade, mas com as fórmulas que herdou de Musset, *apaixonado* e *dolorido*. A dor e a paixão, porém, são no digno moço tão postiças, e tão laboriosamente trabalhadas como eram o bucolismo, o patriotismo e o fervor orgíaco do seu confrade de 1810.

Desta escandalosa insinceridade provém o descrédito do lirismo. Mas, mesmo quando seja sincero, quando brote de uma emoção pura, que interesse nos poderá jamais causar o livro em que o Sr. Fulano ou o Sr. Sicrano, que nós não conhecemos, nos vem revelar os êxtases e os tormentos que se debatem no seu peito? Um tal poema deveria ser reservado para os íntimos. Há desde logo um grave impudor em fazer assim do nosso coração uma tiragem de quinhentos volumes, para o vender, palpitante e sangrando, nos balcões das lojas. E há ainda uma intolerável impertinência da parte do Sr. Fulano, em nos deter no nosso caminho, apressado, para nos gritar, entre suspiros, que ela é formosa e que os seus beijos sabem a mel! É formosa? Sabe a mel? Bom proveito para si, estimável senhor. Mas que me importa a mim, que vou vivamente levado pela minha ideia, pelo meu trabalho, pelo meu negócio ou pelo meu prazer?

A poesia, se quiser prender ainda a nossa atenção, neste momento justamente em que ela atingiu a sua máxima habilidade técnica, necessita abandonar essa alcova em que se enerva e se esteriliza, e de que nós conhecemos, até à saciedade, e pela sua indiscrição, todos os lânguidos escaninhos. Fora dessa sombra mole

167: tão postiças,] tão postiças [1929*;* 1981]
168: trabalhadas] trabalhadas, [1989]
169: fervor orgíaco] fervor órgico [1989]
172: poderá jamais causar] poderá causar [1929*;* 1981]
174: que se debatem] que debatem [1929*;* 1981]
179: do Sr. Fulano,] do Sr. Fulano [1989]
179-180: nosso caminho,] nosso caminho [1929*;* 1981]
179-180: nosso caminho, apressado,] nosso caminho apressado [1989]
181: a mel!] a mel! — [1929*;* 1981]
182: estimável senhor.] estimável senhor! [1929*;* 1981]
182: que me importa] que me importa isso [1929*;* 1981]
185: se quiser prender] se quiser gozar [1989]
185: atenção,] [*A edição de 2002 adota a lição de 1989, acrescentando a vírgula, que não se encontraria na* GN*; a vírgula encontra-se no recorte do impresso* GN.]
187-188: e se esteriliza,] e se esteriliza [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

não lhe faltam os belos temas — e aí tem a história, a lenda e as religiões, e os costumes, e a vida ambiente, que lhe fornecem correntes de inspiração onde ela pode beber mais profundamente que em nenhuma das castálias passadas. A sua lira, manejada por tão hábeis artistas, nestes últimos trinta anos, está superiormente afinada, desde as cordas de nervo até às cordas de bronze, e não há som, por mais delicado ou por mais estridente, que ela não saiba despedir, com precisão e com brilho. O homem tem a insaciável necessidade de se conhecer — e quantas formas, infinitamente várias, do seu sentir, do seu pensar, do seu querer, não há aí, no presente e através do passado, dignas de serem fixadas, para que ele as bendiga ou as maldiga, nessa divina linguagem do verso, a única que verdadeiramente penetra na alma e nela sabe gravar perduravelmente o amor do que é grande, o desdém do que é baixo… Que o poeta se despegue, pois, corajosamente da alcova, e mesmo da porta da sua bem-amada, e, com a lira à cinta, como os Rapsodos de outrora, percorra o mundo escutando histórias, para as contar depois em ritmos de ouro!

Justamente, estas considerações, que não são de crítica, e apenas lançadas tumultuária e familiarmente, em cavaqueira amável,

190: a história,] a História, [1989]
190-191: a lenda e as religiões] a lenda, e as religiões, [1929*;* 1981]
193: que em nenhuma] do que em nenhuma [1929*;* 1981]
193: das castálias.] das Castálias [1929*;* 1981]
193: A sua lira,] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]
194: hábeis artistas,] hábeis artistas [1929*;* 1981]
195: afinada,] afinada [1989]
196: que ela] que ele [1989]
196-197: não saiba despedir,] não saiba despedir [1929*;* 1981]
198-199: infinitamente várias,] infinitamente variadas, [1929*;* 1981]
200: serem fixadas,] serem afixadas, [1989]
202: a única que] que é a única que [1989]
202: na alma] na alma, [1989]
202: e nela sabe gravar] e se ele sabe gravar [1989]
205: sua bem-amada,] sua bem-amada [1929*;* 1981]
206: os Rapsodos] os rapsodos [1981; 1989]
206: o mundo] o mundo, [1929; 1981]
208: estas considerações,] estas considerações [1981]
209: e familiarmente,] e familiarmente [1929; 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

as acarretei eu, porque conheço uma ou duas histórias, que bem mereciam pela sua beleza moral, serem perpetuadas em versos ricos. E como as minhas histórias não são de amor, procedi logo, à maneira daquele mercador da lenda, que, quando trazia armas para vender, clamava na praça contra a paz que debilita as almas — e quando os seus fardos só continham sedas e perfumes, erguia imprecações contra a guerra que asselvaja e desmancha os lares! Mas quê! Em lugar de contar a minha história, para que tu, meu gentil poeta, a cinzeles num poema alado, gastei o meu papel professorando doutrinas, enfeitando de buxo e louro doutrinas, com esta loquacidade divagadora da nossa raça que tanto mal nos tem feito, nas letras e na causa pública. Que remédio? Nós somos Latinos e Godos, e temos em nós, hereditariamente e irreparavelmente, toda a secular tagarelice do *Forum Romanum*.

210: as acarretei eu,] as formulei eu [1929*;* 1981]

210: duas histórias,] duas histórias [1929; 1981; 1989]

211: mereciam pela sua beleza moral, serem] mereciam, pela sua beleza moral, ser [1929; 1981; 1989]

213: logo,] logo [1929*;* 1981]

213: da lenda,] da lenda [1929*;* 1981]

213: que, quando] que quando [1989]

216: que asselvaja] se asselvaja [1929*;* 1981] [*No Ms:* assalvaja]

217: os lares.] os lares! [1929*;* 1981]

217: Mas quê!] [1929 *e* 1981 *abrem parágrafo.*]

217-218: para que tu, meu gentil poeta, a cinzeles num poema alado] para que algum gentil poeta a cinzele num genial poema [1989]

219: doutrinas,] doutrinas [1929*;* 1981]

219-220: enfeitando de buxo e louro doutrinas,] e enfeitando-as de buxo e louro, [1929*;* 1981] enfeitando de buxo e louro as minhas doutrinas, [1989]

220: nossa raça] nossa raça, [1929*;* 1981]

221: tem feito,] tem feito [1929*;* 1981] nos causa, [1989]

221: causa pública.] causa pública! [1929*;* 1981]

222: Nós somos Latinos e Godos,] Somos Latinos [1929] Somos latinos [1981] [*Dada a dificuldade de leitura do recorte do impresso* GN *a partir deste ponto, as edições de* 1929 *e* 1981 *reduziram as suas transcrições apenas às passagens mais simples.*]

222: e Godos, e temos em nós,] e Godos. E temos em nós [1989; 2002]

223: irreparavelmente,] irreparavelmente [1989]

223: Romanum.] [*Eça eliminou por riscados nas linhas, enquadrados, todo o final da crónica impressa, que 1989 transcreve, de acordo com a* GN: Romanum, e ainda aquela gralhada vã que, misturada ao chiar dos carros lentos, anunciava outrora de longe, ao pobre Ibero, que os Godos vinham descendo.]

[*No fim Ms:* por mão alheia: Tio do coração — / Fradique] Tio do coração — Fradique. [1929*;* 1981]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VII

Meu caro Prado — A sua tão excelente carta foi recebida no devoto dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazónia, e da fadiga das águas Atlânticas. Não esquecerei as queijadas da «Sapa»: Ficalho, que aqui jantou, filosofou ontem *sub tegmine fagi*, recebeu das minhas mãos exatas o estudo e as estampas do seu compatriota sobre a *Mucuna Glabra*: os dois vasos do Rato com a cruz de Avis, partem domingo, e Deus lhe faça abundar

1: [*Texto fixado por fotocópia do autógrafo, a cujo original — 23 fólios escritos a tinta de um só lado — não foi possível aceder por se encontrar na posse de um particular (Dr. Menéres de Campos). Foi publicado entre as páginas 378 e 387 de* Últimas Páginas*, volume de dispersos preparado por Luís de Magalhães para a editora Lello & Irmão, publicado em* 1912*. No ano seguinte foi reproduzido na revista* Brasil-Portugal*, n.º 337, 1 de fevereiro de 1913, pp. 2-4. O aparato crítico foi elaborado por cotejo com a edição de* 1912 *e com a versão de* Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Livros do Brasil,* 2001*, pp. 307-313.*]

2: Meu caro Prado —] Meu caro Prado: [1912] Paris, 1888 / Meu caro Prado [2001] [*Em* 1912 *foi atribuído título ao texto: «*Última carta de Fradique Mendes / (Inédito da 'Correspondência de Fradique Mendes') / A Eduardo Prado»; 2001 apresenta o título «A Eduardo Prado»]

2: A sua] [1912 *e* 2001 *abrem parágrafo.*]

3: dia de S. João,] Dia de S. João, [2001]

3: e fontes] e fontes, [2001]

5: Não] [1912 *e* 2001 *abrem parágrafo.*]

6: da «Sapa»:] da Sapa; [1912*;* 2001]

6: jantou, filosofou ontem] jantou e filosofou ontem [1912*;* 2001] [*A vírgula não surge no manuscrito.*]

7: das minhas mãos exatas o estudo] das minhas mãos o exato estudo [1912*;* 2001]

8: *Mucuna Glabra*:] *Mucuna Glabra*; [1912] «Mucuna Glabra»; [2001]

8: do Rato] do Rato, [1912*;* 2001]

9: a cruz de Avis,] a Cruz de Avis, [2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dentro deles, sempre renovadas e frescas, essas *rosas da vida* que Anacreonte promete aos justos. Tudo isto foi fácil, e de amável trabalho. Mais duro **e** complicado é que eu lhe dê (como V. reclama, tão azafamadamente) a minha opinião sobre o seu Brasil… E V., menos cético que Pilatos exige a Verdade, a nua Verdade, sem chumaços e sem enfeites… Onde a tenho eu, a Verdade? Não é, infelizmente, na quinta da Saragoça que se esconde sob o cipreste e o louro, o poço divino onde ela habita. Só lhe posso comunicar uma impressão, de homem que passou e olhou. A minha impressão é que os Brasileiros, desde o Imperador até ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto a estragar o Brasil.

Nos começos do século, há uns 55 ou 60 anos, os Brasileiros, livres dos seus dois males de mocidade, o ouro e o Regímen colonial — tiveram um momento único, e de maravilhosa promessa. Povo curado, livre, forte, de novo em pleno viço, com tudo por criar no seu solo esplêndido, os Brasileiros podiam nesse dia radiante fundar a civilização especial que lhes apetecesse, com o pleno desafogo com que um artista pode moldar o barro inerte

10: *rosas da vida*] rosas da vida [2001]
11: foi fácil,] foi fácil [1912*;* 2001]
12: duro **e** complicado] duro complicado [*Ms; adota-se a lição da tradição.*]
14: que Pilatos] que Pilatus, [1912] que Pilatos, [2001]
14: a Verdade, a nua Verdade,] a verdade, a nua verdade, [2001]
15: sem chumaços e sem enfeites…] sem *chauvinismos* e sem enfeites… [1912] sem chauvinismos e sem enfeites… [2001]
15: a Verdade?] a verdade? [2001]
16: quinta da Saragoça] Quinta da Saragoça [2001]
16: que se esconde] que se esconde, [1912*;* 2001]
18: impressão, de homem] impressão de homem, [1912] impressão de homem [2001]
18-19: A minha impressão] E a minha impressão [1912*;* 2001]
19: os Brasileiros,] os brasileiros, [1912]
19: o Imperador] o imperador [2001]
19: até ao trabalhador,] ao trabalhador, [1912*;* 2001]
20: e, portanto] e, portanto, [1912*;* 2001]
21: há uns 55 ou 60] há uns cinquenta e cinco ou sessenta [2001]
21: anos os Brasileiros,] anos, os brasileiros, [1912] anos, os Brasileiros, [2001]
22-23: o Regímen colonial —] o regímen colonial, [1912] o regime colonial [2001]
25: os Brasileiros] os brasileiros [1912]
25-26: podiam nesse dia radiante] podiam, nesse dia radiante, [1912*;* 2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer dele à vontade, uma vasilha ou um Deus. Não desejo ser irrespeitoso, caro Prado — mas tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha.

Tudo em redor dele e dentro dele, desde o céu que o cobria até à índole que o governava, tudo patentemente indicava ao Brasileiro que ele devia ser um Povo rural, vivendo em plena simplicidade rural. Não se assuste, meu civilizadíssimo amigo. Eu não quero significar que o Brasil devesse continuar o Patriarcalismo de Abraão e do Livro do Génesis, reproduzir Canaã em Minas Gerais, e pastorear o gado em torno das tendas, vestido de peles, em controvérsia constante com Jeová. Menos ainda que se adotasse o modelo arcádico e que todos os cidadãos fossem Títiros e Marílias, recostados sob a copa da faia tangendo a frauta das Éclogas… Não. O que eu quereria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do Senhor D. João VI, se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, ideias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmónica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu quereria, (e o que constituiria uma força útil no Universo) era

28: e fazer dele] e fazer dele, [1912*;* 2001]
29: um Deus.] um deus. [2001]
29: caro Prado —] caro Prado; [1912] caro Prado, [2001]
31: em redor dele e dentro dele] em redor dele, [1912*;* 2001]
31-32: o cobria até à índole que o governava,] o cobre à índole que o governava, [1912*;* 2001] [*A vírgula não existe no Ms.*]
32-33: ao Brasileiro] ao brasileiro [1912]
33-34: um Povo rural, vivendo em plena simplicidade rural.] um povo rural. [1912*;* 2001]
35: o Patriarcalismo] o patriarcalismo [2001]
36-37: Minas Gerais,] Minas Gerais [2001]
39: arcádico] arcádico, [1912*;* 2001]
40: da faia] da faia, [1912*;* 2001]
41: Não.] Não; [1912*;* 2001]
42: Senhor D. João VI,] seu D. João VI, [1912*;* 2001] [*No Ms:* Snr. D. João VI,]
43: deixasse que] deixasse que, [1912*;* 2001]
49: eu quereria,] eu quereria [2001]
49: no Universo)] no universo) [2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro, — e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços de Europa, levados pelo paquete, e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongénere, que lhes faz ressaltar mais o bolor e as nódoas.

Eis o que eu queria, dileto amigo! E considere agora como seria deliciosamente habitável um Brasil Brasileiro. Por toda a parte ricas e vastas fazendas. Casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez aperfeiçoariam a beleza. Um viver frugal e são; ideias claras e simples duma grande quietação de alma; desconhecimento das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis… Mas justos céus, estou refazendo o Livro II das *Geórgicas*. *Hanc olim veteres vitam coluere Sabini*… Assim viveram os velhos Sabinos; assim Rómulo e Remo; assim cresceu a valente Etrúria; assim Roma pulquérrima, abrangendo sete montes, se tornou a maravilha do Mundo! Não, não exijo para o Brasil as virtudes áureas e clássicas da Idade de Saturno. Só quereria que ele vivesse duma vida simples, forte, original, como viveu, a outra metade da América, a América do Norte antes do Industrialismo,

50-51: brasileiro, —] brasileiro, [1912*;* 2001]
52: de Europa,] da Europa, [2001]
52: pelo paquete,] pelo paquete [2001]
53: uma natureza] uma Natureza [2001]
55: eu queria,] eu quereria, [2001]
56: um Brasil Brasileiro.] um Brasil brasileiro! [1912*;* 2001]
60: a robustez aperfeiçoariam a beleza.] a robustez, aperfeiçoaria a beleza. [1912*;* 2001]
61: e simples duma grande] e simples; uma grande] e simples e uma grande [2001]
63: Mas justos céus,] Mas, justos Céus!, [1912 *e* 2001*, que abrem parágrafo*.] [*A vírgula é conjeturada*.]
63-64: das *Geórgicas*.] das *Geórgicas*! [1912] das «Geórgicas»! [2001]
65: Sabinos;] Sabinos: [1912]
65-66: a valente Etrúria;] a valente Etrúria! [2001]
67: do Mundo!] do mundo! [1912*;* 2001]
67: Não, não exijo] Não exijo [1912*;* 2001]
69: duma vida] de uma vida [2001]
69: como viveu,] como viveu [1912*;* 2001]
70: do Norte] do Norte, [1912*;* 2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dollarismo, de todos esses *ismos* sociais que hoje a minam, a tornam tão tumultuosa e rude: quando os colonos eram puritanos e graves; quando a charrua enobrecia; quando a instrução, e a educação residiam entre os homens de lavoura; quando poetas e moralistas habitavam casas de madeira que as suas mãos construíam; quando grandes médicos percorriam a cavalo as terras levando familiarmente a farmácia nas bolsas largas da sela; quando Governadores e Presidentes da República saíam de humildes granjas; quando as mulheres teciam os linhos de seus bragais, os tapetes das suas vivendas; quando a singeleza das maneiras vinha da candidez dos corações; quando os lavradores formavam uma classe que, pela virtude, pelo saber, pela inteligência, podia ocupar nobremente todos os cargos do Estado; e quando a nova América espantava o mundo pela sua originalidade forte e fecunda.

Pois bem, caro amigo! Em vez de terem escolhido esta existência que daria ao Brasil uma civilização sua, própria, genuína de admirável solidez e beleza — que fizeram os Brasileiros? Apenas as naus do Senhor D. João VI se tinham sumido nas névoas atlânticas, os Brasileiros, senhores do Brasil, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades, e romperam a copiar tumultuariamente a nossa civilização Europeia, no que ela tinha

70-71: do Industrialismo, do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dollarismo,] do industrialismo, do mercantilismo, do capitalismo, do dolarismo, [2001]
71: de todos] e todos [1912; 2001]
71-72: esses *ismos*] esses «ismos» [2001]
72: a tornam] e tornam [2001]
72: e rude:] e rude — [1912; 2001]
74: a instrução,] a instrução [1912; 2001]
75: de lavoura;] da lavoura; [1912]
77: as terras] as terras, [2001]
78: Governadores e Presidentes] governadores e presidentes [2001]
79: de humildes] das humildes [1912]
80: bragais, os tapetes] bragais e os tapetes [1912; 2001] [*A vírgula é conjeturada.*]
84-85: sua originalidade] sua originalidade, [1912; 2001]
87: genuína] genuína, [1912; 2001]
88: os Brasileiros?] os brasileiros? [1912]
90: os Brasileiros,] os brasileiros, [1912]
91: nas cidades,] nas cidades [1912; 2001]
92: tumultuariamente,] tumultuariamente [1912; 2001]
92: Europeia,] europeia [1912; 2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de mais vistoso e copiável. Em breve o Brasil ficou coberto de Instituições alheias, quase contrárias à sua índole, e ao seu destino, traduzidas à pressa de velhos compêndios franceses. O Jornal, o Artigo de Fundo, a balofa Retórica Constitucional, e a tirania da «Opinião Pública», os descaros da Polémica, todas as intrigas da Politiquice, se tornaram logo males correntes. Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdém: cada homem procurou para a sua cabeça uma coroa de barão, e com 47 graus de calor à sombra, as senhoras começaram a derreter dentro dos gorgorões e dos veludos ricos. Já nas casas não havia uma honesta cadeira de palhinha onde ao fim do dia o corpo encontrasse repouso e frescura: e começavam os damascos de cores fortes, os móveis de pés dourados, os reposteiros de grossas borlas, todo o pesadume de decoração estofada com que Paris e Londres se defendem da neve, onde triunfa o Micróbio. Imediatamente se alastraram, as doenças velhas da civilização, as tuberculoses, as infeções, as dispepsias, as nevroses, toda uma surda deterioração da raça. E o Brasil radiante — porque se ia tornando tão enfezado como a Europa, que tem três mil anos de excessos — três mil anos de ceias e de revoluções.

93-94: de Instituições] de instituições [1912*;* 2001]
94: sua índole,] sua índole [1912*;* 2001]
95-96: O Jornal, o Artigo de Fundo, a balofa Retórica Constitucional,] O jornal, o artigo de fundo, a balofa retórica constitucional, [2001]
96-97: e a tirania da «Opinião Pública»,] a tirania da Opinião Pública, [1912] a tirania da opinião pública, [2001]
97: da Polémica,] da polémica, [2001]
98: da Politiquice,] da politiquice [2001]
98: Os velhos] [1912 *e* 2001 *abrem parágrafo*.]
100: de barão, e] de barão, e, [1912*;* 2001]
100: com 47 graus] com quarenta e sete graus [2001]
103: onde ao fim do dia] onde, ao fim do dia, [1912*;* 2001]
107: da neve, onde] da neve, e onde [1912*;* 2001]
107: o Micróbio.] o micróbio. [2001]
107-108: Imediatamente se alastraram,] Imediatamente alastraram [1912*;* 2001]
108: as doenças velhas da civilização,] as doenças das velhas civilizações, [1912*;* 2001] [*No Ms:* das velhas da civilização]
111: de excessos —] de excessos, [1912*;* 2001]
112: e de revoluções.] e de revoluções! [1912]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

No entanto já possuía a Democracia, o Industrialismo, a Sociedade por ações em todo o delírio das suas formas infinitas, a luz elétrica, o «veneno francês» sob as marcas principais do *Champagne* e do Romance. Estava maduro para os maiores requintes: e mandou então vir pelo paquete o Positivismo e a Ópera Bufa. Foi uma tremenda orgia: ensinou-se aos sabiás a gorjear *Madame Angot*, e vendedores de retalho citavam Augusto Comte… Para quê prolongar o inventário doloroso? Bem cedo do Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer Brasileiros, porque só havia Doutores — o que são entidades diferentes. A Nação inteira se doutorou. Do norte ao sul do Brasil, não há, não encontrei senão doutores! Doutores, com toda a sorte de insígnias, em toda a sorte de funções! Doutores, com uma espada, comandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a polícia; doutores, com uma lira, soltando carmes; doutores, com um prumo, construindo edifícios; doutores, com balanças, misturando drogas; doutores, sem cousa alguma, governando o Estado! Todos Doutores. O Dr. Tenente-coronel… O Dr. Vice-Almirante… O Dr. Chefe

113-114: a Democracia, o Industrialismo, a Sociedade] a democracia, o industrialismo, a sociedade [2001]

116: do *Champagne* e do Romance.] do Champanhe e do Romance. [2001] do champanhe e do romance. [2001]

117: requintes:] requintes, [1912*;* 2001]

117-118: o Positivismo e a Ópera Bufa.] o Positivismo e a Ópera-Buffa. [1912] o positivismo e a Ópera Bufa. [2001]

119: *Madame Angot,*] «Madame Angot», [2001]

120: Para quê] Para que [1912*;* 2001]

120: doloroso?] [*O sinal de interrogação não surge no manuscrito; adota-se a lição da tradição.*]

120: Bem cedo] Bem cedo, [1912*;* 2001]

122: Brasileiros,] brasileiros, [1912]

122: Doutores] doutores [1912*;* 2001]

123-124: Do norte ao sul do Brasil,] Do norte ao sul, no Brasil, [1912] Do Norte ao Sul, no Brasil, [2001] [*No Ms:* a sul*; adota-se a lição da tradição.*]

125: de funções!] de funções!! [1912]

131: Todos Doutores.] Todos doutores. [1912*;* 2001]

132: O Dr. Tenente-coronel…] O doutor tenente-coronel… [2001]

132: O Dr. Vice-Almirante…] O doutor vice-almirante… [2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de Polícia… O Dr. Arquiteto… Homens inteligentes, instruídos, polidos, afáveis, — mas todos doutores! E este título não é inofensivo — imprime caráter. Uma tão desproporcionada legião de Doutores envolve todo o Brasil **numa** atmosfera de doutorice.

Ora o feitio especial da Doutorice é desatender as realidades, tudo conceber *a priori*, e querer organizar e reger o mundo pelas regras dos compêndios. A sua expressão mais completa está nesse doutor, Ministro do Império, que em todas as questões públicas nunca consultava as necessidades da Nação, mas folheava, com ansiedade os livros, a procurar o que em casos vagamente parecidos Guizot fizera em França ou Pitt em Inglaterra. São estes Doutores, brasileiros de nacionalidade, mas não de nacionalismo, que cada dia mais desnacionalizam o Brasil, lhe matam a originalidade nativa, com a teima doutoral de moralmente e materialmente o enfardelarem numa fatiota Europeia feita de Francesismo, com remendos de **vago** Inglesismo e de vago Germanismo.

Assim, o livre génio da Nação é constantemente falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original — em tudo;

132-133: O Dr. Chefe de Polícia…] O doutor chefe de polícia… [2001]
133: O Dr. Arquiteto…] O doutor arquiteto… [2001]
134: afáveis, —] afáveis — [2001]
134-135: não é inofensivo —] não é inofensivo: [1912*;* 2001]
135-136: de Doutores] de doutores [1912*;* 2001]
136: **numa** atmosfera] [*No Ms:* um atmosphera*; adota-se a lição da tradição*.]
137: da Doutorice] da doutorice [1912; 2001]
140: Ministro do Império,] ministro do Império, [2001]
141: mas folheava,] mas folheava [1912*;* 2001]
142: o que] o que, [1912*;* 2001]
142-143: parecidos] parecidos, [1912*;* 2001]
143: em França ou Pitt] em França, Pitt [1912*;* 2001]
144: Doutores,] doutores, [1912*;* 2001]
145: que cada dia] que, cada dia, [2001]
147: fatiota Europeia] fatiota europeia [1912*;* 2001]
147: de Francesismo,] de francesismo, [2001]
148: de **vago** Inglesismo] de vago inglesismo [2001] [*Palavra ilegível no Ms. Adota-se* vago *da tradição*.]
148: de vago Germanismo.] de vago germanismo. [2001]
150: em tudo;] em tudo: [2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

em Política, pelas doutrinas da Europa; em Literatura, pelas escolas da Europa; na Sociedade, pelas modas da Europa.

A famosa carta de Alforria de 29 de agosto de 1825 não serviu para as Inteligências. Intelectualmente o Brasil é ainda uma colónia — uma colónia do Boulevard. Letras, ciências, costumes, instituições, nada disso é nacional — tudo vem de fora, em caixotes, pelo paquete de Bordéus. De sorte que esse mundo que orgulhosamente se chama novo, o Novo-Mundo, é na realidade um mundo velhíssimo; vincado de rugas, dessas rugas doentias que nos deram, a nós, vinte séculos de Literatura.

Percorri todo o Brasil à procura do *novo* — e só encontrei o *velho*, o que já *é velho* há cem anos na nossa Europa, as nossas velhas ideias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo sol. Sabe o que me parecia (para resumir a minha impressão numa imagem material, como recomenda Buffon)? Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete feito com os remendos da Civilização Europeia, e recobrindo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo… Concebe V. maior horror? Sobre um jardim, perfumado, em pleno viço, tudo

151: em Política,] em política [2001]
151: em Literatura,] em literatura, [2001]
152: na Sociedade,] na sociedade, [2001]
153: de Alforria] de alforria [1912; 2001]
154: as Inteligências.] as inteligências. [1912; 2001]
154: Intelectualmente] Intelectualmente, [2001]
156: é nacional —] é nacional; — [1912]
157: de Bordéus.] de Bordéus, [1912; 2001]
157: esse mundo] esse mundo, [1912; 2001]
159: velhíssimo; vincado] velhíssimo, e vincado [1912; 2001]
159: doentias] doentias, [1912; 2001]
160: de Literatura.] de literatura. [2001]
161: do *novo* —] do *novo,* [1912] do «novo», [2001]
162: o *velho*,] o «velho», [2001]
162: já *é velho*] já é velho [1912; 2001]
162: nossa Europa,] nossa Europa, — [1912; 2001]
165: parecia (para resumir] parecia, para resumir [2001]
166: Buffon)?] Buffon? [2001]
167: coçado tapete] coçado tapete, [1912; 2001]
168: Civilização Europeia,] civilização europeia, [1912; 2001]
170: um jardim,] um jardim [1912; 2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tapar, tudo esmagar, rosas abertas, e botões que vão abrir, com um tapete de lã, esburacado, poeirento, cheirando a bafio!

E haverá remédio para tão duro mal? Decerto. Arrancar o tapete sufocante. Mas que Hércules genial empreenderá esse trabalho santo? Não sei. Em todo o caso, creio que o Brasil tem ainda uma *chance* de reentrar numa vida nacional e só brasileira. Quando o Império tiver desaparecido perante a Revolução jacobino-positivista que já lateja nas escolas e que os Doutores de pena hão de necessariamente fazer de parceria com os Doutores de espada; quando por seu turno essa República jacobino-positivista, murchar, como planta colocada artificialmente sobre o solo e sem raízes nele, e desaparecer de todo, uma manhã, levada pelo vento europeu e doutoral que a trouxe; e quando de novo, sem luta, e por uma mera conclusão lógica, surgir no Paço de S. Cristóvão um novo Imperador ou Rei — o Brasil, repito, nesse momento tem uma *chance* de se desembaraçar do «tapete europeu» que o recobre, o desfeia, o sufoca. A *chance* está em que o novo Imperador ou Rei seja um moço forte, são, de bom parecer, bem brasileiro, que ame a natureza — e deteste o livro.

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil por um esforço heroico se decidir a ser brasileiro, a ser do *novo-mundo* — haverá no mundo uma grande nação. Os homens têm a inteligência: as mulheres têm a beleza: e ambos a mais bela, a

171: rosas abertas,] rosas abertas [1912*;* 2001]
173: Decerto.] Decerto! [1912*;* 2001]
175: Em todo] [1912 *e* 2001 *abrem parágrafo.*]
177: tiver desaparecido] tiver desaparecido, [1912*;* 2001]
177: a Revolução] a revolução [2001]
178: nas escolas] nas escolas, [1912*;* 2001]
178: os Doutores] os doutores [1912*;* 2001]
179: os Doutores] os doutores [1912*;* 2001]
180-181: jacobino-positivista, murchar,] jacobino-positivista murchar [1912*;* 2001]
185: Imperador ou Rei] imperador ou rei [2001]
187-188: Imperador ou Rei] imperador ou rei [2001]
189: a natureza —] a natureza [1912] a Natureza [2001]
190: o Brasil] o Brasil, [1912*;* 2001]
191: heroico] heroico, [1912*;* 2001]
191-192: do *novo-mundo*] do Novo Mundo [2001]
192-193: têm a inteligência:] têm inteligência: [1912*;* 2001]
193: têm a beleza:] têm beleza — [1912*;* 2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

melhor das qualidades humanas, a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza — (e café nessas proporções sublimes) — pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original do que um doutor mal traduzido do francês.

Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do Brasil como seu — Fradique Mendes.

194: das qualidades humanas,] das qualidades: [1912*;* 2001]
195: a beleza — (e café] a beleza (e café, [1912*;* 2001]
196: sublimes) —] sublimes) [1912]
197: original] original, [2001]
200: como seu — Fradique Mendes.] como seu. / Paris — 1888 / Fradique Mendes [1912] como seu. / Fradique Mendes [2001]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CRÓNICAS

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CRÓNICAS ASSINADAS POR EÇA DE QUEIRÓS

- «Padre Salgueiro», *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 1892, ano XVIII, n.º 164, 13 de junho, p. 1. Em *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»),* edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 259-263.

- «Quinta de Frades», *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 1892, ano XVIII, n.º 208, segunda-feira, 27 de julho, p. 1. Em *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»),* ed. cit., pp. 273-276.

- «O caminho de ferro de Jerusalém», *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 1892, ano XVIII, n.º 290, 17 de outubro, p. 1 [assinado: João Gomes]. Em *Almanaques e Outros Dispersos,* edição de Irene Fialho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, pp. 235-240.

- «Crónica. Carta a Bento», *Revista Moderna,* Paris, 1897, ano 1.º, vol. I, n.º 3, pp. 69-72 [assinado: Eça de Queirós]. Em *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»),* ed. cit., pp. 455-462.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VERSOS DE CARLOS FRADIQUE MENDES

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

SEM TÍTULO

Tu serás esqueleto e podridão
Ó Branca, a Rigolboche
Exala as febres e infeção,
Oh flor vil do deboche.

Hoje tens pedrarias e vernizes,
És brancura de cama
Pois serás pasto a vermes e raízes
Sujo lírio da lama.

Hoje és luz e cristal opala e sereia
E branca flor de carne
Pois serás podre suja infeta e feia
E da vil cor do marm'e.

1: [*Texto-base do Ms. BN E4/55-17[A], sem assinatura nem data, escrito a tinta negra sobre papel com o monograma do conde de Resende (Luís de Castro). O cotejo faz-se pela primeira edição, de Luís Augusto Costa Dias — «Um rosto para o jovem Fradique Mendes: sobre um poema inédito de* Lapidárias *[Na lápide de Mll. Rigolboche]», in* Leituras: Revista da Biblioteca Nacional — Eça de Queirós, *s. 3, n.º 7, outubro 2000-abril 2001, pp. 161-162 —, e pelos excertos impressos publicados em vida do autor em «Um mistério na estrada de Sintra», in* Diário de Notícias, *Lisboa, 1870, 6.º ano, n.º 1708, domingo, 18 de setembro, p. 1 («A confissão dela»), e* O Mistério da Estrada de Sintra, *2.ª ed., Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1885, vão identificados respetivamente por* MES 1870 *e* MES 1885.]

2: [*A edição de 2000 apresenta o poema dividido em estrofes de doze versos. Escolheu também atribuir sinais de pontuação mesmo quando o manuscrito os não apresenta. Optou-se por não apresentar neste aparato as variantes originadas por esses sinais, que muito o sobrecarregariam.*]

3: Ó Branca, a Rigolboche] Ó Branca Rigolboche, [2000]

11: E branca flor de carne] E vã é a flor da carne; [2000]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Repara bem no pó que tu pisares
Nas corridas d'Epson
Tal tu serás cetim dos *boulevards*
Ó Vénus Benoiton

Hoje queria secar-te nos meus braços
Forte lascivo e torpe
Mas depois fugirei com largos passos
Do teu infeto corpo.

Hoje sem seiva te amo e sofro e espero
Ária calor aroma
Oh, vem ser Messalina! Eu serei Nero
E queimaremos Roma

Mas quando fores p'ra terra apodrecer
Oh graça sensual,
Nunca à vala dos pobres te irei ver
Pelo tempo Invernal

Lá não terás colar veludo arminhos
Luzidios vernizes
Tu que rias dos ramos aonde há ninhos
Chorarás com as raízes.

Não haverá sobre a terra uma flor pura
Que p'ra ti apanhe
Irei cuspir sobre a tua sepultura
Saliva de *Champagne*.

24: Messalina!] [*O ponto de exclamação não surge no Ms. Adota-se a lição de* 2000.]
29: Invernal] invernal [2000]
36-37: Irei cuspir sobre a tua sepultura // Saliva de *Champagne*.] Irei regar a tua cova dura // Com Rum e com Champanhe, [MES1870]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Irei um dia com Marie la Rife
Musa do *macadam*
Dançar sobre o pó do teu esquife
Os solos do *cancan*

E isto será antes que o vento esgalhe
E a triste chuva escorche
O tronco em que diz na mata de Versalhes
Carlos e Rigolboche.

Eu que ainda te amo ó pálida canalha,
Que sou gentil e bom,
Eu mesmo irei vestir-te uma mortalha
Talhada à Benoiton

38: la Rife] Larife [MES 1870; MES 1885; 2000]

38-41: Irei um dia com Marie la Rife // Musa do *macadam* // Dançar sobre o pó do teu esquife // Os solos do *cancan*] Irei à noite com Marie Larife, // Musa do macadam // Fazer saltar o pó do teu esquife // Co'as farças do cancan… [MES1870, *que acrescenta:* E no tempo das courses, pl'o verão // — Assim to juro eu — // Irei dar parte à tua podridão // Se o gladiador venceu.] Irei à noite com Marie Larife, // Vénus do macadam, // Fazer sentir ao pó do teu esquife // Os gostos do cancan… [MES 1885] [*Esta quadra, que no impresso de 1870 faz parte de um poema de catorze versos e no impresso de 1885 de uma estrofe de doze versos, é naqueles excertos transferida para diferentes locais do poema.*]

45: **Carlos**] [*Em tinta carregada no Ms.*]

46: [*Quadra transposta para o início da estrofe no impresso de 1885.*]

46-49: Eu que ainda te amo ó pálida canalha // Que sou gentil e bom // Eu mesmo irei vestir-te uma mortalha // Talhada à Benoiton.] E eu, que'inda te amo, ó pálida canalha, // Que sou gentil e bom, // — Eu mesmo irei vestir-te uma mortalha // Talhada à Benoiton! [MES1870] E eu qu'inda te amo, ó pálida canalha, // Que sou gentil e bom, // Far--te-ei enterrar numa mortalha // Talhada à *Benoiton*! [MES 1885, *que finaliza:* E no tempo das *courses*, p'lo Verão // — Assim to juro eu — // Irei dar parte à tua podridão // Se o *Gladiador* venceu…]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O TEU CORPO É TÃO FRESCO

O teu corpo é tão fresco, ó pura flor das fontes
Teus olhos têm a luz dos largos horizontes
Do antigo Calvário

Na tua voz que veste de música as ideias
Há o correr espiritual da água entre as areias
Do Jordão solitário.

No teu seio macio como um coxim de penas
Há o ritmo untuoso dessas águas serenas
Onde mora a sereia

E provocar teus seios brancos e delicados
É como o desfolhar aos ventos perfumados
A rosa da Judeia.

1: [*O texto-base é o do manuscrito* BN E4/55-17.1 *que refere ainda, em nota de Beatriz Cinatti Batalha Reis:* «letra de Eça de Queirós. Poesia de Fradique Mendes». *Foi publicado por Joel Serrão* [JS] *em* O Primeiro Fradique Mendes *(Lisboa, Livros Horizonte, 1985, pp. 291-294), edição pela qual se coteja.*]

2: [*Variante rasurada no manuscrito:* O teu corpo é mais fresco]

4: Calvário] calvário [JS, *que une os tercetos em sextetos.*]

7: do Jordão] do jordão [Ms]

11: teus seios brancos] teus risos brancos [JS] [*Passagem de leitura difícil, em que as duas lições são possíveis.*]

13: da Judeia.] da Judeia! [JS]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A tua voz cai-me no coração
E faz lá a divina e fresca sensação
Dum escorrer de mel

Parece ser o canto divino e perfumado
Que o profeta escutava, sob a lua calada
Nos vergéis de Israel

(És a rosa solitária
Das terras de Galaad
És sombra de Araucária
Aroma de Sabá.)

(Quando Cristo morreu sob o calvário
Depois o céu perdeu a branca cor
Veio pousar na cruz um rouxinol
E toda a noite ali cantou d'amor

Ora um corvo sinistro e luzidio
Que sobre o monte andou a esvoaçar
Empolgou o rouxinol e despedaçou-o
Salpicando de sangue o branco ar.)

—

Bem como o negro da noite
Tenebroso e sideral
Tem em si mais ideal
Do que o roxo das manhãs
Assim o teu negro olhar

14: A tua voz] A tua fresca voz [JS]
15: E faz lá] E põe lá [JS: *«Leitura incerta ou discutível»*]
17: [*Variante rasurada no manuscrito:* Parece ser canto d'ave misteriosa.]
18: sob a lua calada] sob o luar calado [JS: *«Leitura incerta ou discutível». Mantém-se a dúvida da tradição.*]
27: d'amor] d'amor, [JS]
32: da noite] da noite, [JS]
35: das manhãs] das manhãs, [JS]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Por quem tremo e palpito
Contém mais infinito
Que os olhos das cristãs.

Que estas pálidas cristãs,
De face magras cavadas
São as figuras sonhadas
Ao pranto d'um rouxinol
E as belas nobres judias
De largo olhar oriental
São na nuvem do ideal
Estátuas feitas com sol

Porque olhos como os teus
São sol, orvalho fecundo,
Cair de seiva profundo!
E eu sou botão de jasmim!
E hei de viver e crescer
Cheio de luz e d'amor
Hei de abrir-te toda em flor
Se algum dia olhares p'ra mim!

Porque o profundo da noite
A frescura da romã
A lucidez da manhã
O mistério da mulher
Pois tens doce graça,
Crença, fé, amor, desejo,
O doce botão do beijo! /
Tudo tu tens ó Ester!

—

39: das cristãs.] das cristãs! [JS]
41: cavadas] cavadas, [JS]
42: São as figuras sonhadas] São as penas sonhadas [JS]
50: Cair de seiva profundo!] Calor de seiva profundo! [JS: «*Leitura incerta ou discutível*»]
57: da romã] da romã, [JS]
60: Pois tens] Tu tens [JS]
63: tens ó Ester!] tens, oh Ester [JS]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

És a rosa solitária
Das terras de Galaad
És a sombra da araucária
És aromas de Sabá!

—

Onde tem a ave que pousa
E a branca vela que passa,
Com tens no leve andar,
Tanta vida, tanta graça.

—

Nem a folha que caiu
Do rosal do paraíso
Tinha tanta luz nas folhas
Como tu tens no teu riso.

Nem a harpa de David
Luz do som dos teus avós
Tinha em si, tanta harmonia
Como tu na tua voz!

Nem a lua, essa bíblia
De luz escrita no ar
Contém em si tanta luz
Com tu no teu olhar!

65: de Galaad] de Galad [JS]
70: leve andar,] leve andar [JS]
71: tanta graça.] tanta Graça [JS]
72: Nem a folha que caiu] Nem a folhagem calma [JS]
73: Do rosal do paraíso] Da árvore do paraíso [JS]
77: Luz do som dos teus avós] Luz do céu dos teus avós [JS]
78: Tinha em si,] Tinha em si [JS]
80: Nem a lua, essa bíblia] Nem a Lua, essa Bíblia [JS]
81: no ar] no ar, [JS]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Os teus olhos são entradas
Da caverna da paixão.
Em cima o céu do ideal
Em baixo o teu coração!

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

SERENATA DE SATÃ ÀS ESTRELAS

I

Nas noites triviais e desoladas,
Como vos quero, místicas estrelas!…
Lúcidas, antigas camaradas…
Gotas de luz, no frio ar nevadas,
Pudesse a minha boca inda bebê-las!

II

Nem vos conheço já. Por onde eu ando!…
Sois vós místicos pregos duma cruz,
Que Cristo estais no céu crucificando?…
Quem triste pelo ar vos foi soltando
Profundos, soluçantes ais de luz!

III

Oh! viagens nas nuvens desmanchadas!...
Doces serões do céu entre as estrelas!...
Hoje só ais e lágrimas caladas...
Ai! Sementes de luz, mal semeadas,
Ave do céu, pudesse eu ir comê-las!

1: [*Publicado em vida do autor no jornal* A Revolução de Setembro, *A. 30, n.º 8167, 29 de agosto de 1869, pp. 1-2 e na* Revista Portuguesa, *«Versos de Eça de Queiroz», n.º 3, 25 de fevereiro de 1895, Porto, vol. 1.º, pp. 91-92, transcreve-se, sem aparato crítico, da primeira edição.*]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IV

Triste, triste loucura, ó flores da cruz,
Quando eu vos dizia soluçando:
Afastai-vos de mim, cardos de luz!…
Pudesse eu ter agora os pés bem nus,
Inda por entre vós i-los rasgando!…

V

. . . . . .

Hoje estou velho e só e corcovado.
Causa-me espanto a sombra duma estola.
Enche-me peito um tédio desolado:
E corro o mundo todo, esfomeado,
Aos abutres do céu pedindo esmola.

VI

Eu sou Satã o triste, o derrubado!
Mas vós, estrelas, sois o musgo velho
Das paredes do céu desabitado,
E a poeira que se ergue ao ar calado,
Quando eu bato co'o pé no Evangelho!

VII

O céu é cemitério trivial:
Vós sois o pó dos deuses sepultados!
Deuses, magros esboços do ideal!
Só com rasgar-se a folha dum missal,
Vós caís mortos, hirtos, gangrenados.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VIII

Eu sou expulso, roto, escarnecido,
Mas a vós já ninguém vos quer as leis.
Ó velho Deus! Ó Cristo dolorido!
Lembrai-vos que sois pó enegrecido,
E cedo em negro pó vos tornareis.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

COTEJO *GAZETA DE NOTÍCIAS-O REPÓRTER*

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

FRADIQUE MENDES

(NOTAS E RECORDAÇÕES)

I

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, justamente quando ele regressara da sua viagem à África Austral. O meu conhecimento, porém, com esse homem admirável datava de Lisboa, do ano já remoto de 1867. Foi com efeito no verão desse ano, uma tarde, no Café Martinho, que inesperadamente encontrei na *Revolução de Setembro* este nome de C. Fradique Mendes assinando versos que me maravilharam.

Os temas, ou os «motivos emocionais» (como nós dizíamos em 1867), dessas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o título de LAPIDÁRIAS, tinham logo a originalidade própria a cativar um espírito inquieto, ávido de novas emoções intelectuais, e já cansado do Lirismo Sentimental que desde Lamartine e Musset vinha tornando toda a Poesia uma interminável e repeti-

1: [Gazeta de Notícias, *n.º 238, domingo, 28 de agosto de 1888, pp. 1-2.*]

7: conhecimento, porém,] conhecimento porém [R: O Repórter, *ano 1, n.º 233, quarta-feira, 22 de agosto de 1888, p. 1.*]

8-9: Foi com efeito] Foi [R]

10: encontrei na *Revolução de Setembro*] encontrei, num número velho da *Revolução de Setembro,* [R]

11: versos] versos, [R]

12: emocionais»] emocionais», [R]

13: 1867),] 1867,) [R]

15-17: espírito inquieto, ávido de novas emoções intelectuais, e já cansado do Lirismo Sentimental que desde Lamartine e Musset] espírito moço, rebuscador, ávido de Impressões intelectuais, cansado já do lirismo sentimental, que, desde Lamartine e Musset, [R]

17: Poesia] poesia [R]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

da confidência de glórias e martírios de amor. Fradique Mendes pertencia evidentemente a esse grupo de poetas que, seguindo o caminho aberto pelo mestre sem igual da *Légende des Siècles,* iam, numa universal simpatia, buscar «motivos emocionais» fora das limitadas palpitações do seu coração — à História, à Lenda, aos Costumes, às Religiões, a tudo o que através dos tempos, diferentemente e unicamente, revela e define o Homem. A esta Poesia dava eu então toda a minha preferência — sobretudo quando ela reproduzia a vida bárbara, as lendas seráficas ou demoníacas, e os cultos sensuais do velho Oriente. Alguns destes temas ricos estavam representados nas LAPIDÁRIAS. Mas, além disso, Fradique trabalhava também um outro filão poético que infinitamente me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da vida, tal como em torno de nós a podemos testemunhar ou pressentir, nas ruas que todos trilhamos, nas almas irmãs das nossas. Assim, nessas *Lapidárias,* havia um Santo, um Solitário do século VI, morrendo com desesperadas saudades do mundo e da carne, sobre as neves da Silésia: um corvo, velho além de toda a velhice, contando façanhas do tempo em que, num bando alegre, seguira as legiões de César e depois as hordas de Alarico: um Satanás, de feitio germânico, dando, numa rua de cidade medieval uma serenada irónica aos astros… E entre essas alegorias lá vinha esse quadro de clara e fresca modernidade,

19: pertencia evidentemente] pertencia radiosamente [R]
19-20: seguindo o caminho aberto pelo mestre] seguindo o mestre [R]
23: que] que, [R]
24: e unicamente, revela e define] e unamente, traduz e conta [R]
25-26: ela reproduzia] ela cantava [R]
28: LAPIDÁRIAS.] *Lapidárias.* [R]
29: trabalhava também] trabalhava [R]
29: poético] poético, [R]
31: vida,] Vida [R]
34: Solitário] solitário [R]
34: morrendo] morrendo, [R]
36: velhice, contando] velhice, narrando [R]
38: Satanás,] Satanás [R]
38: germânico,] germânico [R]
39: medieval] medieval, [R]
39-40: entre essas alegorias lá vinha] entre estas alegorias, lá vinha [R]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

as *Velhinhas,* cinco velhinhas, com curtos chales de ramagens sobre os ombros mirrados, sentadas em silêncio, num banco de pedra, a uma réstia de sol de outono.

41-42: ramagens sobre os ombros mirrados, sentadas em silêncio, num banco de pedra,] ramagens pelos ombros emaciados, um cabaz ou um lenço escuro nas mãos, descansando sobre um banco de pedra, num silêncio de saudade, [R]

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Notas biobibliográficas

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Eça de Queirós (1845-1900)

1845 25 de novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de dezembro: é batizado em Vila do Conde.

1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na *Gazeta de Portugal* (Lisboa).

1867 Diretor do *Distrito de Évora*. Retoma a colaboração na *Gazeta de Portugal*, onde publica «Uma Carta. A Carlos Mayer».

1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes (primeiro aparecimento: *A Revolução de Setembro,* n.º 8167, xxx ano, domingo, 24 de agosto. Viagem ao Egito e à Palestina.

1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra* (em coautoria com Ramalho Ortigão), onde reaparece Carlos Fradique Mendes (capítulo «A confissão dela»). «Palavras sobre o Jornalismo Constitucional» em *República — Jornal da Democracia Portuguesa.*

1871 Início da publicação d'*As Farpas* (em coautoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte.* Publica ainda a carta ao Redator do *Jornal do Comércio* (4 de maio de 1871), a carta ao Redator do *Diário Popular* (subscrita também por Ramalho Ortigão e publicada a 5 de maio de 1871); a carta a Antero do Quental e Jaime Batalha Reis (subscrita também por Salomão Sáragga, publicada a 6 de julho de 1871).

1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas espanholas (Cuba).

1873 Publica no *Almanaque Álbum Ilustrado para 1873* o texto «Três Americanos».

1874 Publica o conto «Singularidades duma Rapariga Loura», no *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1873*. Parte para Newcastle (dezembro).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.ª versão) na *Revista Ocidental* (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.

1876 Publica a segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*.

1877 Concebe e comunica ao editor o projeto das «Cenas da Vida Real», depois designadas «Cenas da Vida Portuguesa» e «Cenas Portuguesas». Publica a carta a Pinheiro Chagas, no *Diário da Manhã*, jornal de que Chagas era redator.

1878 Publicação d'*O Primo Basílio* (1.ª e 2.ª edição). Possível redação d'«A Batalha do Caia» e de «Um Dia de Chuva». Publica «Ramalho Ortigão (carta a Joaquim de Araújo)» n'*A Renascença*.

1880 Inicia-se a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de julho) do Rio de Janeiro. Publicação da terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* (2.ª edição em livro), com uma «Nota» introdutória, d'*O Mandarim* e dos contos «Um Poeta Lírico» e «No Moinho» (ambos em *O Atlântico*).

1882 Interrompe a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de outubro).

1883 Escreve [Testamento de Mecenas], que não conclui.

1884 Publicação de «A Inglaterra e a França julgadas por um inglês» na revista *A Ilustração*.

1885 Contribui com «Festa de Crianças» para *Beja-Creche* e um autógrafo sem título para *Esmola*. A *Ilustração* publica uma longa apresentação de «Os Latidos», autógrafo conjunto num leque. Publicação de «Outro Amável Milagre» (in *Um Feixe de Penas)* e d'«A Catástrofe». Publica «Uma carta sobre Victor Hugo (carta ao diretor da *Ilustração*)».

1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona. Publica a carta-prefácio a *O Brasileiro Soares* de Luís de Magalhães, também a carta ao diretor do jornal *A Província*, a 20 de maio de 1886 e a carta-prefácio a *Azulejos* do Conde de Arnoso.

1887 Publicação d'*A Relíquia*. O *Almanaque das Senhoras Portuenses* inclui o autógrafo de «A Vida». «Mr. Cumberland» sai no jornal portuense *A Província*. Data provável de [O Francesismo], que ficou inédito.

1888 Retoma a colaboração na *Gazeta de Notícias* (2 de abril e 15 de agosto). Publicação d'*Os Maias* (em livro e n'*A Província de São Paulo*) e de parte d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (*Gazeta de Notícias* e *O Repórter*). Publica «A Europa» n'*O Repórter* e [A partilha da dor] em *Lisboa-Porto*. Muda-se para Paris.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1889 Começa a ser publicada a *Revista de Portugal*. Reinicia-se, nessa revista, a publicação d'*A Correspondência de Fradique Mendes*. Sai o volume de poemas *Aquarelas* de João Dinis, com um Prefácio de Eça. Publica n'*O Tempo,* anonimamente, «Os Vencidos da Vida».

1890 Carta de Fradique Mendes a Ramalho Ortigão n'*A Ilustração,* vol. VII, 7.º ano, n.º 16, de 20 de agosto.

1890-91 Publicação (2 volumes) de *Uma Campanha Alegre*, com a colaboração d'*As Farpas*.

1891 No volume de solidariedade *Anátema* publica «Fraternidade». Autografa em Paris o leque da viscondessa de Cavalcanti. Data provável da escrita do manuscrito assinado «João Gomes».

1892 Termina a *Revista de Portugal*. Início da última fase da colaboração na *Gazeta de Notícias* (18 de janeiro); aí publica «Notas Contemporâneas»: «Colombo e o seu centenário» e «O caminho de ferro de Jerusalém», ambas sob o pseudónimo «João Gomes».

1893 Publicação de «Positivismo e Idealismo» e de «Tema para Versos I e II» (ambos na *Gazeta de Notícias*); o segundo será postumamente intitulado «A Aia» (*Contos*).

1894 Publicação de «As Histórias»: «O Tesouro» e «Frei Genebro» (ambos na *Gazeta de Notícias*). Terceira edição d'*O Mistério da Estrada de Sintra*, com carta-prefácio da segunda edição.

1895 Publica um texto sem título no número de homenagem *Os de Paris a João de Deus*. Escreve «Um novo plano de almanaques» e o prefácio ao *Almanaque Enciclopédico para 1896*. Possível redação de «Enghelberto». Publicação do conto «O Defunto» (na *Gazeta de Notícias*).

1896 «Um Génio que era um Santo»: publicação em *Antero de Quental: In Memoriam*. Conto: «Adão e Eva no Paraíso» (no *Almanaque Enciclopédico para 1897*).

1897 Termina a colaboração na *Gazeta de Notícias* (20 de setembro). Contos: «A Perfeição» e «José Matias» (ambos publicados na *Revista Moderna*). Início (novembro) da publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires* (*Revista Moderna*). É publicada a «Crónica. Carta a Bento», na *Revista Moderna* (Paris, 1897, ano 1.º, vol. I, n.º 3).

1898 O número de homenagem *A Duse* publica um texto de Eça, sem título. Publicação do conto «O Suave Milagre» na *Revista Moderna*.

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1899 Fim (março) da publicação da *Revista Moderna* e interrupção d'*A Ilustre Casa de Ramires*.

1900 16 de agosto: morre em Neuilly. Publicação em livro d'*A Correspondência de Fradique Mendes* e d'*A Ilustre Casa de Ramires*.

1901 Publicação d'*A Cidade e as Serras*.

1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).

1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães, com uma introdução de Jaime Batalha Reis).

1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e de *Ecos de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).

1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).

1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).

1912 Publicação de *Últimas Páginas* (ed. de Luís de Magalhães).

1925 Publicação de *Correspondência*, de *Alves & C.ª*, d'*O Conde de Abranhos notas biográficas por Z. Zagalo e A Catástrofe* e d'*A Capital* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).

1926 Publicação d'*O Egito. Notas de Viagem* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).

1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho), incluindo «Um Dia de Chuva» e «Enghelberto».

1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).

1944 Publicação de *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).

1966 Publicação de *Folhas Soltas* (ed. de D. Maria de Eça de Queirós) que inclui «Sir Galahad».

1973 Publicação de *Versos* de Carlos Fradique Mendes (recolha, prefácio e notas de Pedro da Silveira, Lisboa, Edições 70).

1980 Publicação d'*A Tragédia da Rua das Flores* (edições divergentes).

1983 Publicação de *Correspondência* (2 vols., ed. de Guilherme de Castilho).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1985 Publicação de textos de Carlos Fradique Mendes por Joel Serrão (*O Primeiro Fradique Mendes,* Lisboa, Livros Horizonte, 1985).

1989 Publicação de inéditos do espólio de Eça de Queirós: *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989).

1992 Publicação d'*A Capital!* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte).

1993 Publicação d'*O Mandarim* (ed. crítica por Beatriz Berrini).

1994 Publicação de *Alves & C.ª* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho).

1995 Publicação de *Textos de Imprensa VI (da «Revista de Portugal»)* (ed. crítica por Maria Helena Santana).

1999 Publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires* (ed. crítica por Elena Losada Soler).

2000 Publicação d'*O Crime do Padre Amaro* (2.ª e 3.ª versões; ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).

2002 Publicação de *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»)* (ed. crítica por Elza Miné e Neuma Cavalcante).

2003 Publicação de *Contos II* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik).

2004 Publicação de *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)* (ed. crítica por Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho).

2005 Publicação de *Textos de Imprensa V (da «Revista Moderna»)* (ed. crítica por Elena Losada Soler).

2007 Publicação d'*As Minas de Salomão* (ed. crítica por Alan Freeland).

2009 Publicação de *Contos I* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik) e de *Cartas Públicas* (ed. crítica por Ana Teresa Peixinho).

2011 Publicação de *Almanaques e Outros Dispersos* (ed. crítica por Irene Fialho).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Carlos Reis (Angra do Heroísmo, 1950) é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Além da sua tese de doutoramento *O Discurso Ideológico do Neorrealismo Português* (1983), publicou vários livros e artigos, com destaque, no domínio dos estudos queirosianos, para os seguintes: *Estatuto e Perspetivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós* (1975), *Introdução à Leitura d'Os Maias* (1978), *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* (1989, com Maria do Rosário Milheiro), *Eça de Queirós Consul de Portugal à Paris (1888-1900)* (1997), *Estudos Queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a Sua Obra* (1999) e *O Essencial sobre Eça de Queirós* (2000). É responsável, com Maria do Rosário Cunha, pela edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro* (2000) e, com Ana Teresa Peixinho, pela edição crítica de *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)*. Presidiu à Comissão Nacional do Centenário da Morte de Eça de Queirós e foi diretor da Biblioteca Nacional (1998-2002) e reitor da Universidade Aberta (2006-2011). É coordenador da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós.

Irene Fialho (Lisboa, 1967) é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Universidade Nova de Lisboa (1989). Em 1994 concluiu na mesma universidade o mestrado em Literaturas Comparadas, Época Contemporânea, com a apresentação da dissertação *Popular e Popularizante nos Manuais Escolares do Estado Novo*. Ainda em 1994 editou o volume *Alves & C.ª,* em coautoria com Luiz Fagundes Duarte. Publicou *Almanaques* (2001), *Aquisições Queirosianas* (2007) na Biblioteca Nacional e em 2011 editou *Almanaques e Outros Dispersos*. Neste momento está a finalizar uma tese de doutoramento em Estudos Portugueses, a apresentar à Universidade de Coimbra, sobre censura e autocensura em manuscritos autógrafos de Eça de Queirós, com o título «No manuscrito dum Romance». Tem em preparação o volume *O Conde de Abranhos* para a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. É investigadora do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e colaboradora do CLEPUL da Universidade de Lisboa e do IELT da Universidade Nova de Lisboa.

Maria João Simões (Covilhã, 1959) é professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde leciona a disciplina de Estudos Queirosianos desde 2004-2005. Nesta Faculdade, apresentou a tese de mestrado *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas* (1989) e a tese de doutoramento, subordinada ao título *Ideias Estéticas em Eça de Queirós. Estratégias do Realismo* (2000). É membro integrado do

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Centro de Literatura Portuguesa onde coordenou as seguintes publicações: *O Grotesco* (2005), *O Fantástico* (2007) e *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária* (2011). Fez parte da organização do Segundo Encontro Internacional de Estudos Queirosianos (1992) e do Congresso de Estudos Queirosianos (2000).

IMPRENSA NACIONAL
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Acabou de imprimir-se
em janeiro de dois mil e catorze.

Edição n.º 1018872

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A edição crítica d'*A Correspondência de Fradique Mendes* pretende facultar aos especialistas em estudos queirosianos um texto em muitos aspetos consolidado, relativamente ao que eram as edições de que até agora dispúnhamos. Tendo aparecido pouco depois da morte do grande escritor, *A Correspondência de Fradique Mendes* é verdadeiramente e como já foi dito um semipóstumo: projetada e em boa parte preparada ainda por Eça, a edição do epistolário fradiquista contou seguramente com outras intervenções, logo depois do desaparecimento do seu autor, em agosto de 1900.

A escrita e a publicação original destes textos foi algo acidentada e sobretudo dispersa, no espaço e no tempo. Em várias publicações, em Portugal e no Brasil, surgiram, ao longo dos anos, as cartas fradiquistas e a biografia que apresenta o seu autor, esse Carlos Fradique Mendes concebido, por iniciativa coletiva e algo provocatória, no fim dos anos 60 do século XIX, mais tarde recuperado e amadurecido por Eça de Queirós. Uma tal dispersão explica as reescritas, as emendas e até as oscilações de critério editorial que a história dos textos evidencia. Para além disso, Eça deixou inéditas várias cartas fradiquistas, só publicadas bem depois da sua morte; e entre elas estão seguramente algumas das mais ilustrativas do pensamento de quem foi poeta e viajante, suposto autor de obra desconhecida e observador arguto dos homens e das coisas do seu tempo.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

ISBN 978-972-27-2085-4

IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA
© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO